

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**DO GLAMOUR À POLÍTICA:**  
Janaína Dutra em meandros heteronormativos

JUCIANA DE OLIVEIRA SAMPAIO

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria Nascimento Sousa

São Luís  
2015

JUCIANA DE OLIVEIRA SAMPAIO

**DO GLAMOUR À POLÍTICA:**  
Janaína Dutra em meandros heteronormativos

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

**Orientadora:** Profa. Dra. Sandra Maria Nascimento Sousa.

São Luís  
2015

**DO GLAMOUR À POLÍTICA:**  
Janaína Dutra em meandros heteronormativos

Juciana de Oliveira Sampaio

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria Nascimento Sousa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Sandra Maria Nascimento Sousa  
Universidade Federal do Maranhão  
(Presidenta)

---

Profa. Dra. Flávia do Bonsucesso Teixeira  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo  
Universidade Federal do Pará

---

Prof. Dr. Horácio Antunes de Sant'Ana Junior  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. Túlio Cunha Rossi  
Universidade Federal do Maranhão

São Luís  
2015

Sampaio, Juciana de Oliveira.

Do glamour à política: Janaína Dutra em meandros heteronormativos / Juciana de Oliveira Sampaio. — São Luís, 2015.

398 f.

Orientador: Sandra Maria Nascimento Sousa.

Doutorado (Tese) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015.

1. Gênero. 2. Heteronormatividade. 3. Travesti. 4. Janaína Dutra. 5. Sexualidade. I. Título.

CDU 305:391.2

## **AGRADECIMENTOS**

À CAPES, pela bolsa concedida durante o curso e ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, pelo financiamento do estágio doutoral.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA – PPGCSoc, na pessoa do então coordenador Prof. Marcelo Carneiro, grande incentivador.

À Sandra Nascimento, minha querida orientadora, que desde a graduação, passando pelo mestrado, me conduz na feitura do gênero, sinalizando para as sutilezas do discurso e para a riqueza da costura das memórias. Foram muitos aprendizados ao longo desses anos e uma bela amizade permeada por grande admiração.

Aos integrantes do Grupo de Estudos em Gênero, Memória e Identidade – GENI, que fazem das reuniões de estudos momentos ricos e descontraídos.

À todas/os aqueles que contribuíram com o processo de Doutorado Sanduíche, especialmente ao prof. Michel Bozon, meu orientador na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, que me recebeu atenciosamente em terra desconhecida. À Marie-Elisabeth Handman e Juliette Rennes, professoras que me orientaram na busca por um orientador para o Doutorado Sanduíche. Agradeço também àqueles que estiveram presentes durante minha estadia em Paris, em especial à Dayana Delmiro, amiga de graduação, do Programa de Educação Tutorial – PET, de mestrado, de doutorado e de trabalho, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA.

Às/aos colegas de trabalho do IFMA - Campus Caxias pelo incentivo, tolerância e permissão de afastamento durante o período em que estive no exterior e na reta final de conclusão da tese, especialmente à João da Paixão, Waldirene Pereira, Guilherme Feitosa e Luís Fernando Maia.

Às/aos meus amigos/os, únicas/os, companheiras/os e leais, aquelas/es com quem divido momentos de alegria e também de aflição, sem citar nomes. Elas/es certamente se reconhecerão nessas linhas.

Ao meu querido amigo e irmão que a vida trouxe, Renato Kerly, pelos longos anos de amizade e pela dedicação especial que deu a este trabalho, realizando leitura atenta e correção minuciosa.

À amiga Francisca Gomes, que me recebeu em sua casa, em Fortaleza, durante algumas viagens de campo. Agradeço especialmente por ter me ajudado a entrar em contato com os familiares de Janaína.

Aos familiares de Janaína que contribuíram ativamente para a elaboração deste trabalho, fornecendo informações, permitindo consulta aos arquivos familiares e objetos outrora pertencentes a Janaína, fundamentais para o desenvolvimento de pesquisa. Agradeço especialmente, *in memoriam*, a Dargenira, mãe de Janaína que, com lucidez e sensibilidade, acariciou a experiência de Janaína, estendendo um abraço afetuoso a mim, me recebendo com entusiasmo em sua casa, me autorizando ter acesso às suas enraizadas e sólidas lembranças.

Aos demais colaboradores da pesquisa, que acreditam no trabalho e creditaram importância à feitura desta “intenção biográfica”.

Aos meus pais, Tereza e Sampaio, que sempre me incentivaram, me apoiaram e acreditaram em mim. Sei que amor não se agradece, mas me sinto extremamente grata por tê-los como pais sempre atentos às necessidades das/os filhas/os e dispostos a cuidar e lutar pelo bem estar da família. Aos demais familiares, meus irmãos, Juliana e Junior, aos sobrinhos Lara, Milena, Arthur e Danilo, meus avôs, tios/as e cunhadas/os.

À Bruna, presente desde a seleção para ingresso no doutorado, maior incentivadora, companheira, leitora assídua dos meus rabiscos, acompanhante atenta em incursões ao campo e ouvinte de lamúrias nesse processo de construção. Com ela divido sorrisos, angústias, conquistas, esperança na vida e belezas do cotidiano.

**RESUMO:** Esta tese tem como foco a discussão sobre a constituição de travestis em meio à heteronormatividade, analisando processos sociais de elaboração de conhecimentos, categorizações e práticas direcionadas a encerrar a experiência desses sujeitos em suas performances de gênero, com centralidade na vivência de Janaína Dutra (1960-2004), ativista cearense considerada a “primeira travesti advogada no Brasil”. Guiada pelos referenciais teóricos de gênero, feministas e queer reconstruo a experiência de vida dessa travesti em meio a uma analítica da normalização, que interroga como se dá o estabelecimento de fronteiras da diferença. Entendendo que o padrão heteronormativo regula a vida dos sujeitos e que a ordem social é uma ordem sexual, chamo a atenção para a constituição do gênero na organização das relações sociais e para como esses eixos de diferenciação se relacionam com outros marcadores sociais, como região, etnia, nacionalidade, religião, classe social. Com essa investigação pretendo mostrar, entre outros elementos, que os sujeitos são construções instáveis e indeterminadas, longe de serem fixas e autoevidentes.

**Palavras-chave:** Janaína Dutra, heteronormatividade, travesti, gênero, sujeito.

**ABSTRACT:** This thesis focuses on the discussion of the constitution of travestis in the midst of the heteronormativity, analyzing social processes of development of knowledge, categorizations and practices aimed to summarize the experience of these subjects in their gender performances, with centrality in the life experience of Janaina Dutra (1960 -2004), an activist from Ceará considered the "first travesti lawyer in Brazil." Guided by the theoretical frameworks of gender, feminist and queer studies, I rebuild the life experience of this travesti in amid the analysis of normalization, which asks how is established the borders of difference. Understanding that the heteronormativity regulates the lives of individuals and that the social order is a sexual order, I call attention to the constitution of gender in the organization of social relations and how these differentiation axes are related to other social markers such as region, ethnicity, nationality, religion, social class. With this research, I intend to show, among other things, that the subjects are unstable and indeterminate, far from being fixed and self-evident.

**Keywords:** Janaína Dutra, heteronormativity, travesti, gender, subject.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	9
<b>INTRODUÇÃO: ABRINDO A PORTA</b> .....	10
- Juntando as peças do dominó.....	17
- Ao encontro de Janaína Dutra: notas sobre o campo .....	48
<b>CAPÍTULO 1: TRAVESTIS COMO SUJEITOS DO SEXO/GÊNERO/DESEJO</b> .....	61
- O sujeito, o sujeito da sexualidade e o sujeito travesti .....	63
- Estudos sobre travestilidade nas Ciências Sociais .....	71
- O sujeito travesti e o movimento de travestis e transexuais .....	77
- Notas sobre os Estudos queer .....	81
<b>CAPÍTULO 2: MORRE UM ÍCONE, FICA O EXEMPLO</b> .....	90
- Homenagens póstumas a Janaína .....	92
- “Um ser pra lá de humano” .....	120
<b>CAPÍTULO 3: UMA TRAVESTI EM MOVIMENTOS</b> .....	127
- Janaína e o movimento de travestis .....	147
- O ativismo de Janaína em perspectiva queer .....	173
<b>CAPÍTULO 4: NARRATIVAS SOBRE UMA VIDA</b> .....	190
- A senhora: o curta-metragem Mrs. Janaina. Eu sou aquilo que seus olhos veem .....	192
- O ícone: o documentário Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza ..	197
- A dama: o documentário Janaína Dutra: uma dama de ferro .....	201
<b>CAPÍTULO 5: ENTRE CAPITÃES, SANTOS E PROMESSAS</b> .....	214
- “Canindé, o teu nome é uma prece” .....	215
- A família de uma travesti .....	217
- A promessa a São Francisco .....	235
- Uma “travesti de família” .....	241
<b>CAPÍTULO 6: (DES)CONSTRUINDO JANAÍNA DUTRA?</b> .....	259
- Jaiminho .....	260
- Doutor Jaime César Dutra Sampaio .....	277
- A lagarta que virou borboleta .....	287
- “Sou uma pessoa dada aos homens que amo”: os amores de Janaína .....	306
- A artista, a poeta .....	315
- Entre silêncios .....	321
- Os sapatos de Jaime .....	337
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	347
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	357
<b>ANEXOS</b> .....	366



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

ANTRA – Articulação Nacional de Travestis e Transexuais

ATRAC – Associação de Travestis do Ceará

ATRAMA – Associação de Travestis e Transexuais do Maranhão

CNCD - Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas

ENTLAIDS – Encontro Nacional de Travesti e Transexuais

GGB – Grupo Gay da Bahia

GRAB – Grupo de Resistência Asa Branca

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis/Transexuais

RD – Redução de Danos

RNP+ – Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

UFC – Universidade Federal do Ceará

UNIFOR – Universidade de Fortaleza

*Então eu acho que assim, a partir do momento que você se impõe, mesmo com toda androginia em busca de sua felicidade eu acho que você tá dando um grande passo pra se encontrar (...). E, o que faz eu me sentir bem com a minha travestilidade é essa androginia que eu passo para as pessoas, de ser uma metamorfose ambulante, de não ter um contexto, uma definição. Eu sou aquilo que seus olhos veem (Janaína Dutra).*

## INTRODUÇÃO: Abrindo a porta



“De modo que no hay ningún “yo” que, situado *detrás* del discurso, ejecute su volición o voluntad *a través* del discurso. Por el contrario, el “yo” sólo cobra vida al ser llamado, nombrado, interpelado” (BUTLER, 2008, p. 317).

A porta está aberta. Não esperem encontrar uma pessoa por trás dela. Caso contrário, desconfio que possam ficar com a mesma sensação que tive ao entrar e não ver nada, nem ninguém pronto e acabado. Ali, só um completo vazio. Foi preciso, então, construir, à maneira do *bricoleur*<sup>1</sup>, à maneira da própria Janaína Dutra na elaboração de suas colagens, à maneira de travestis na construção de uma feminilidade peculiar, à maneira dos sujeitos na construção do seu gênero: juntando partes, colecionando fragmentos, arranjando pedaços, colando cacos, recortando e relacionando histórias. Este trabalho é o resultado dessa grande liga que une tudo isso.

Em um trabalho quase diário, Janaína passou anos executando a prática da colagem na porta do seu quarto, de forma a deixar um lado coberto por materiais das mais variadas formas, texturas e cores. Esse trabalho só foi interrompido pela sua morte. Imagino que as colagens teriam continuado quantos anos Janaína vivesse. Quando me deparei com a quantidade de imagens, palavras e brilhos, senti que seria impossível esgotar o sentido daquelas combinações, os sentidos da sua experiência, por maiores que fossem meus esforços empreendidos para interpretar. Quando a angústia causada pela impossibilidade de traduzir aquela produção na escrita se esvaiu, resolvi abraçar essa complexidade e percorrer o mesmo trajeto de constantes recortes e montagens.

A imagem de colagem feita por Janaína introduz esta tese porque resume a proposta de pensar o sujeito como instável, incoerente, circunstancial, desessencializado, construído a partir de inúmeras referências que vão se somando num movimento incessante e formando uma complexidade tamanha que torna impossível mensurá-la. E é justamente aí que mora o sentido da questão, onde repousa a problemática deste estudo.

É possível apreender muito sobre a experiência de Janaína a partir das suas colagens. Recorro à imagem da “porta” também porque ela possui outros significados além daqueles formados pela colagem. A porta como metáfora, passagem que dá acesso a outro espaço não necessariamente geográfico. Nesse sentido, em alguns discursos, Janaína é vista como alguém que teve a capacidade de “abrir portas”. Essa concepção condensa uma das problemáticas centrais discutidas aqui, pois é significativa para expressar o elemento *pioneirismo*, que marca centralmente a experiência de Janaína.

---

<sup>1</sup> O termo *bricolagem* possui significado múltiplo e é utilizado em várias áreas de conhecimento (Antropologia Estrutural, na Sociologia da Religião, nas Artes e na Filosofia). Originário do francês, o verbo *bricoler* evoca um movimento incidental direcionado a reparar algo, seguindo a toda sorte de engenhosidades. Enquanto que o *bricoleur* é o executor desse trabalho, aquele que realiza essas tarefas manuais utilizando meios indiretos para conseguir organizar o que almeja, feito com o aproveitamento de diversos materiais que se apresentam disponíveis.

Claude Lévi-Strauss (1976) usa o termo *bricoleur* em reflexões sobre o pensamento mitológico e a descrição que este faz do mundo por meio de narrativas. Se a mitologia não obedece ao rigor do pensamento científico, a bricolagem é o recurso narrativo apontado para descrever uma ação espontânea, movida pela imaginação e pela experiência. Nessa construção, os meios utilizados não seguem a um plano previamente elaborado, afastando-se de processos e normas adotados pela técnica. Na medida em que opera com materiais fragmentários já elaborados, o *bricoleur* diferencia-se de profissionais como o arquiteto, por exemplo. Agindo sem planejamento sistemático prévio e retirando inspiração da observação, o resultado da bricolagem é imprevisível.

No entanto, o *bricoleur* está apto a executar tarefas diversificadas, arranjando-se a partir de um conjunto limitado de utensílios que são resultado contingente das oportunidades apresentadas a ele para renovar, enriquecer ou manter o que já tinha. Apesar do *bricoleur* não ter necessidade de saber sobre todos os elementos que compõem aquilo que realiza, ele sabe como cada elemento deve ser empregado. Operando através de signos, o ponto de partida para o *bricoleur* é o arrolamento de um conjunto predeterminado de teorias, práticas e técnicas em busca de soluções possíveis. No plano prático, ele elabora conjuntos estruturados utilizando resíduos de fatos e fragmentos.

Há poesia em meio a todo esse empirismo do *bricoleur*, que não “fala” apenas com as coisas, mas através das coisas, constituindo, dessa forma, a sua narrativa. Sua ação não se limita apenas a cumprir e a executar. O resultado desse trabalho de escolhas entre possíveis limitados é uma narrativa sobre aquele que o executa. “Sem jamais completar seu projeto, o *bricoleur* sempre coloca nele alguma coisa de si” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 37). É esse “sentido de si” em constante movimento e sempre inacabado empregado na construção do trabalho do *bricoleur* que busco atingir, ao entender que as colagens elaboradas por Janaína eram uma espécie de *bricolagem*, semelhante à lógica do caleidoscópio:

Os fragmentos são obtidos num processo de quebra e destruição, em si mesmo contingente, mas sob a condição de que seus produtos ofereçam entre si certas homologias: de tamanho, de vivacidade de cor, de transparência. Eles não têm mais um ser próprio em relação aos objetos manufaturados que falavam uma ‘linguagem’ da qual se tornaram os restos indefiníveis; mas, sob um outro aspecto, devem tê-lo suficientemente para participar de maneira útil da formação de um ser de tipo novo: este consiste em arranjos nos quais, por um jogo de espelhos, os reflexos equivalem a objetos, vale dizer, nos quais os signos assumem o lugar das coisas significadas (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 52).

Janaína era caleidoscópica não somente em relação à atividade de colagem que realizava. Segundo relatos, ela buscava constantemente costurar sentidos em vários aspectos de sua vida ou, diria, costurar vários aspectos de sua vida e construir sentidos. Guardava pedaços do que acreditava e relacionava com outros elementos que faziam sentido para si. Uma das suas irmãs falou sobre a característica dela de extrair o máximo possível dos acontecimentos vividos e transformá-los em histórias, bem como da sensibilidade ao construir narrativas por meio da fala e das colagens:

*Jaime César era uma pessoa sensível, detalhista. O quarto dele era cheio de pedrinha, tinha uma porta que ele decorava com muitas pedrinhas e ele preservava o retrato da mamãe, o retrato do papai, o retrato dos irmãos e também um retrato muito bonito do Cristo. Tudo que ele fazia, ele achava que tinha que ter uma história pra contar, uma frase pra dizer (Beliza, ALMEIDA, 2011).*

Janaína era uma contadora de histórias e usava múltiplas linguagens para narrar os acontecimentos ao seu redor, o que fazia, o que sentia. Utilizava, para tanto, a fala, o ativismo, a arte de colagens e a escrita de poemas. É nesse sentido que também se desenrola a construção de narrativas que permeiam o trabalho, a partir da junção de vários acontecimentos, de narrativas e de interpretações de narrativas construídas por Janaína e sobre Janaína.

A importância de narrar se constrói no próprio ato de narração. Para algo se tornar uma aventura é necessário simplesmente narrar, dizia o personagem Antoine Roquentin do romance *A Náusea*, de Jean-Paul Sartre (2000):

Eis o que pensei: para o acontecimento mais banal se tornar uma aventura, é preciso, e é bastante, que nos púnhamos a contá-lo. (...) Quando se vive, não sucede nada. Os cenários mudam, as pessoas entram e saem; é tudo. Nunca há princípios. Os dias sucedem aos dias, sem tom nem som; é um alinhamento interminável e monótono. De vez em quando tira-se um total parcial; diz-se: “Há três anos que ando a viajar, há três anos que estou em Bouville”. E fins também não há: nunca se deixa uma mulher duma só vez, nem um amigo, nem uma cidade. E depois tudo se parece: Xangai, Moscovo, Argel, ao fim de quinze dias, é tudo o mesmo. (...). Como um clarão, o momento passa. Então o desfile recomeça, voltamos a alinhar as horas e os dias. Segunda-feira, terça, quarta. Abril, Maio, Junho. 1924, 1925, 1926. Viver é isto. Mas quando se conta a nossa vida, tudo muda; somente, é uma mudança que ninguém nota: a prova é que se fala de histórias verdadeiras. Como se pudesse haver histórias verdadeiras! Os acontecimentos produzem-se num sentido e contamo-los no sentido inverso. Dir-se-ia que começamos pelo princípio. “Era numa linda tarde de Outono, em 1922”. E na realidade foi pelo fim que começamos. O fim já está nessas poucas palavras, invisível e presente; é ele que lhes dá a pompa e o valor dum princípio. “Andava a passear, tinha saído da vila sem dar por isso, a pensar nas minhas dificuldades de dinheiro”. Esta frase, tomada simplesmente pelo que é, quer dizer que o homenzinho estava absorto, deprimido, a cem léguas duma aventura, precisamente no gênero de humor, em que se deixam passar os acontecimentos sem lhes dar atenção. Mas o fim já está nela a transformar tudo” (SARTRE, 2000, p. 54-55).

A partir desse fragmento, visualizo a vida como um entra e sai, um abrir e fechar de portas, acontecimentos que se sucedem e que não possuem necessariamente encadeamentos entre si. Neste trabalho não falo do que aconteceu. Não reconstruo uma história de vida. Ponho-me a narrar uma experiência e dessa intenção sai algo novo, talvez diferente do que aconteceu, do que planejei, do que me contaram as pessoas, do que os mais afetuosos e saudosos desejariam que fosse contado, do que seria o mais positivo em termos políticos para os movimentos sociais dos quais Janaína fez parte.

Chamo atenção para a dimensão narrativa de toda experiência de vida ou trajetória (KOFES, 2001). Não entendo “a vida” como algo pronto, algo que de fato aconteceu, possível de ser apreendido, captado em sua “verdade”. A vida de Janaína não existe e se “existe realmente”, ela me escapa. As narrativas sobre ela, sim. E são muitas. Janaína entendia bem isso. O resultado do trabalho é o encontro de histórias narradas, das minhas, dos outros, das de Janaína. Mais do que um trabalho sobre um sujeito, tomo Janaína para situá-la na história dinâmica dos discursos que a constroem. Desta maneira, desloco a centralidade do sujeito e a ideia de que ele é a origem e o proprietário exclusivo do que diz.

Janaína Dutra nasceu em Barra do Ceará, uma praia de Fortaleza, por meio de um *batismo*<sup>2</sup> feito por uma desconhecida. Antes desse rito de passagem, contudo, existiram Stela Mares e Stela Rinckel (VALE, 2005). Jaime César Dutra Sampaio foi o nome atribuído por seus pais ao ser designada homem ao nascer, no dia 30 de novembro de 1960, na cidade de Canindé, interior do Estado do Ceará. Esse último nome passou a constar na sua certidão de nascimento e nos demais documentos de identificação civil. Por ele, Janaína seria reconhecida nos primeiros anos de sua vida e, por toda ela, pela maioria dos familiares, alguns amigos de infância e conterrâneos. Filha de Dargenira Dutra Sampaio e Jaime Santos Sampaio, ela se inseriu na família como “o filho mais novo”, depois de quatro irmãos e de seis irmãs. Aos dezoito anos de idade, partiu para a capital do Ceará. Lá, concluiu o Ensino Médio e ingressou no curso de Direito da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, instituto particular de grande prestígio na cidade. Formou-se em 1986. Inscreveu-se na Ordem dos Advogados do Brasil – OAB e exerceu a profissão de advogada, mantendo por um tempo um escritório de advocacia em

---

<sup>2</sup> Categoria êmica usada para demarcar a mudança do nome masculino para o feminino. É geralmente feita por outra travesti. No caso de Janaína, foi uma mulher quem fez.

Fortaleza<sup>3</sup>. Paralelo a esse processo, ela se envolveu no movimento LGBT<sup>4</sup>, ingressando no final da década de 1980 em associações de homossexuais em Fortaleza, para, na década seguinte, se envolver no movimento de travestis e transexuais e no movimento de combate à aids. Nos anos 2000, ela passou a atuar em associações nacionais e em órgãos pertencentes à administração pública federal. O título de “primeira travesti advogada no Brasil” emergiu como uma junção das suas atividades jurídicas e ativistas, permanecendo fortemente vinculado à imagem de Janaína até os dias de hoje, pois é assim reconhecida nacionalmente. Janaína morreu em 08 de fevereiro de 2004, vencida por um câncer nos pulmões.

O “pioneirismo” como elemento presente nas narrativas sobre Janaína se expande para além da sua atuação na advocacia como travesti. No final da década de 1980, ela se envolveu na criação do GRAB – Grupo de Resistência Asa Branca<sup>5</sup>, primeira associação homossexual do Ceará; fundou a ATRAC – Associação de Travestis do Ceará, primeira associação de travestis naquele Estado; foi figura central na institucionalização do movimento nacional de travestis e presidiu a ANTRA – Articulação Nacional de Travestis e Transexuais; foi Secretária de Direitos Humanos da ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Indicada pelo coletivo de travestis, Janaína foi membro do CNCD – Conselho Nacional de Combate à Discriminação, da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República<sup>6</sup>, no qual atuou na elaboração do projeto *Brasil Sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT’s e de Promoção da Cidadania Homossexual* (2004). Fez parte do primeiro grupo de

<sup>3</sup> Assim era descrito o escritório: “Consultoria Jurídica especializada: Cíveis – Trabalhistas – Delitos de Trânsito – Administração de Imóveis”.

<sup>4</sup> A denominação usada para o movimento já sofreu muitas transformações até chegar ao atual uso da sigla LGBT, aprovada durante a I Conferência Nacional GLBT, no ano de 2008. Até 1992 o mais comum era o termo Movimento Homossexual Brasileiro – MHB. O termo lésbica aparece na sigla em 1993, no 7º Encontro de Lésbicas e Homossexuais. Em 1995 são usados os termos gays e lésbicas durante o 8º Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. Em 1997 aparece o termo travesti, quando acontece o 9º Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis. Em 2005, no 12º Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros o B de bissexuais é incluído e o T de transgêneros passa a abarcar travestis e transexuais (FACCHINI & SIMÕES, 2009).

<sup>5</sup> O Grupo de Resistência Asa Branca é uma organização não-governamental de utilidade pública municipal de Fortaleza, filiada a *International Lesbian and Gay Association (ILGA)* e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Fundada em 17 de março de 1989, a instituição tem como missão melhorar a qualidade de vida da comunidade de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e pessoas vivendo com hiv/aids.

<sup>6</sup> Desde 2010, chamado de *Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais* (CNCD/LGBT), é um órgão da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, composto por trinta membros, dos quais quinze são agentes governamentais e quinze são membros da sociedade civil. Foi criado em 2001 como Conselho Nacional de Combate a Discriminação e em 2010 passou a atender demandas específicas do movimento LGBT.



travestis a colaborar com o Ministério da Saúde na elaboração da Campanha *Travesti e Respeito*, primeira campanha elaborada pelo Estado direcionada às travestis. Ao longo de sua atuação política, Janaína participou de inúmeros eventos, congressos e seminários de âmbito nacional e internacional, ministrou palestras sobre direitos humanos, hiv/aids e travestilidade. Janaína era bastante requisitada para participar de eventos do Ministério da Saúde e do Ministério da Justiça, intensificando o diálogo com o Estado nos últimos anos de vida e ampliando seu ativismo para a esfera nacional.

Algum material tem sido produzido sobre a trajetória de Janaína. Na área das Ciências Sociais, ela participou como importante colaboradora da tese de Alexandre Vale (2005), trabalho no qual o antropólogo transcreve trechos de conversas com Janaína. Outros trabalhos acadêmicos lhe foram dedicados *in memoriam*, mas não falam diretamente sobre sua experiência ou atuação<sup>7</sup>. De material biográfico, há o documentário de Vagner de Almeida (2011), o curta-metragem de Davi Cavalcanti e Flávio Lopes (2008) e o documentário de Jack de Carvalho, Elimário Marques e Vanessa Lourenço (2010), o qual aborda um pouco da trajetória ativista de Janaína.

O que há nos interstícios da imagem pública de “primeira travesti advogada no Brasil” é uma das inquietações que movem este trabalho. Esse silêncio em torno de travestis brasileiras é reflexo da abjeção, da situação em que vivem e do lugar a que estão relegadas em nossa sociedade por romperem “as sagradas” fronteiras do gênero, tornando-se quase impossível obter detalhes das suas experiências de vida. Mergulhadas na invisibilidade, aparecem como histórias que não merecem ser contadas, indignas de atenção, alvos de riso, violência, humilhação, injúria, estranheza e desprezo.

Sem desconsiderar a dimensão política da existência de pessoas travestis, meu trabalho está longe de qualquer tentativa de contribuir para a edificação de pessoas “especiais”, “importantes”, “notórias” que possam vir a reforçar um suposto “mito” em torno de Janaína. Interesse-me pelos discursos que constroem a excepcionalidade e os silenciamentos específicos. Sigo a perspectiva de Sueli Kofes (2001), que se pergunta como foi tecido o esquecimento de Consuelo Caiado que, mesmo tendo sido uma pessoa do cenário público, teve sua memória restrita ao espaço privado. Ela explica que sua investigação sobre o esquecimento não tem um fundo de ordem moral – defesa da

---

<sup>7</sup> Entre os trabalhos dedicados *in memoriam* a Janaína Dutra, podemos citar: RIOS, Luís Felipe, ALMEIDA, Vagner de, PARKER, Richard, PIMENTA, Cristina e TERTO, Jr. (Org.) Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004 e a dissertação de mestrado: JOCA, Alexandre Martins. Diversidade sexual na escola: um problema posto à mesa. Fortaleza, 2008.

necessidade da lembrança – e nem de ordem política – necessidade de não esquecer Consuelo Caiado. O objetivo é de ordem compreensiva.

A problemática aqui apresentada possui muitas semelhanças com a de Kofes, focando nos discursos, no encadeamento das narrativas e nas suas formas de construção. Salvo que, no caso de Janaína, ela é uma “personagem” lembrada e narrada, mas em espaços que, por mais que extrapolem o âmbito privado, são restritos. Além da família e amigos, alguns ativistas e grupos dos quais participou resgatam em alguns momentos essas lembranças. De certa forma, existe uma iniciativa de atribuição de importância à figura de Janaína por meio de discursos que positivam sua experiência de vida. Janaína aparece como uma travesti que deve ser lembrada. Ela foi construída como “exemplo”, principalmente por uma parcela do movimento LGBT brasileiro, que ressalta uma excepcionalidade por ela ter se *diferenciado* das demais travestis em um determinado momento histórico. Mas não parto da defesa de uma lembrança e da construção de um trabalho para testemunhar essa importância. Apresento um questionamento sociológico, compreensivo, dando ênfase às marcações de gênero e sexualidade em intersecção com outros marcadores sociais da diferença presentes na experiência de vida de Janaína.

## **Juntando as peças do dominó**

Quando da seleção para ingresso no doutorado, apresentei um projeto de pesquisa que dava continuidade a um aspecto do trabalho que desenvolvi no mestrado, no qual abordei o processo de subjetivação de travestis residentes em São Luís, Estado do Maranhão. As travestis, à medida que vão se transformando corporalmente e gestualmente de forma a se aproximar do que reconhecem como feminino, vão se constituindo como novas pessoas. Nesse processo, a inserção em uma determinada rede de relações é indispensável, visto que são nessas tramas sociais que tomam conhecimento sobre as técnicas de transformação. Desta forma, o trabalho identificou algumas formas de sociabilidade que se estabelecem entre sujeitos travestis na cidade e até que ponto essas formas sustentam e/ou são sustentadas pelo processo de constantes transformações corporais, o qual chama de *montagem*<sup>8</sup>. Entre as técnicas de transformação corporal encontra-se o uso do silicone líquido, aplicado majoritariamente

---

<sup>8</sup> Categoria êmica utilizada pelas travestis que engloba inúmeros procedimentos, transformações e produções envolvidas na construção da travestilidade, seja através de roupas, maquiagem, acessórios ou de modificações mais definitivas, como ingestão de hormônios, aplicação de silicone e realização de cirurgias plásticas.

por *bombadeiras*<sup>9</sup>. Pareceu-me relevante compreender quais significados as travestis atribuíam a essas pessoas e práticas de intervenção corporal, focalizando nas posições que ocupavam nas teias sociais estabelecidas, planejando também discutir a questão da legitimidade de discursos médicos, jurídicos e “nativos” a respeito das técnicas utilizadas na construção desses corpos e subjetividades.

No entanto, ao começar efetivamente com as discussões no doutorado, resgatei uma possibilidade de pesquisa, que me permitiria abordar os mesmos temas, mas partindo de outra perspectiva. Foi um momento de reflexão do campo e de toda minha produção até aquele momento. Já havia dois anos que tinha me afastado dos sujeitos que contribuíram na construção dos trabalhos anteriores (SAMPAIO, 2006; 2009). Sabrina Drumond, fundadora e então presidenta da ATRAMA, minha principal colaboradora e facilitadora de outros contatos, havia sido assassinada, quando a associação passou a ser presidida por outra travesti que residia no município vizinho, São José de Ribamar. Essas questões dificultavam a reinserção em campo, somadas à dificuldade de abordar o tema com as travestis, que temem pela forma com que a atividade de *bombar* é interpretada pela justiça, como conduta tipificada pelo código penal.

Dentro das minhas reflexões sobre os anos de pesquisa junto às travestis, sempre foi muito marcante um acontecimento do início das minhas incursões no campo de estudos de gênero. Talvez seja aquela nossa temida, mas irresistível, busca pela origem. E se era para estabelecer uma origem, um “onde” e “como” tudo isso começou, eu sempre me remetia a 2003, quando participei de um evento sobre diversidade sexual em Teresina, no Estado do Piauí<sup>10</sup>. Naquele momento eu já havia me aproximado dos estudos de gênero e procurava um recorte dentre leituras que realizava no GENI<sup>11</sup>. Foi minha primeira participação em um evento sobre sexualidade, quando então conheci Janaína Dutra pessoalmente. Nessa ocasião, convivemos diariamente por uma semana, estávamos hospedadas no mesmo local, íamos juntas às atividades do evento e saíamos à noite com outros participantes, proporcionando inúmeras conversas.

Com muita imaturidade intelectual e nenhuma experiência de pesquisa, informada por todas as concepções criadas acerca de travestis na nossa sociedade, lembro que fiquei surpresa quando Janaína foi apresentada como “a primeira travesti

---

<sup>9</sup> Categoria êmica usada para aquela pessoa, geralmente uma travesti mais velha e experiente, que aplica doses de silicone líquido naquelas que desejam *bombar* o corpo com o intuito de torná-lo mais arredondado e próximo do que é tido como feminino.

<sup>10</sup> I Semana da Diversidade Sexual ocorrida entre 22 e 27 de junho de 2003.

<sup>11</sup> GENI – Grupo de Estudos em Gênero, Memória e Identidade, coordenado pela professora Dra. Sandra Maria Nascimento Sousa, orientadora do presente trabalho, e do qual faço parte desde 2003.

advogada no Brasil”. Foi um espanto que me acompanhou ao longo da semana e, no afã de encontrar respostas, antes mesmo de formular as perguntas e de saber que elas são mais importantes, acabei simplesmente lançando a interrogação a Janaína: “Mas, afinal, quem são as travestis?”. A resposta veio em forma de versos do poema *Tabacaria*, de Fernando Pessoa:

*Fiz de mim o que não soube  
E o que podia fazer de mim não fiz  
O dominó que vesti era errado  
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti,  
E perdi-me.  
Quando quis tirar a máscara,  
Estava pregada à cara.*

Janaína gostava de poesia, recitando com frequência os seus poemas favoritos, seja para pessoas mais próximas ou em apresentações públicas, de forma empolgada, impressionando pela entonação de voz e emoção empregada. Esse poema de Fernando Pessoa era um dos seus prediletos, pois acreditava expressar a travestilidade e, por consequência, sua própria experiência.

Pude assim começar a refletir sobre os dilemas que eram postos às travestis, que, frente a referenciais dominantes de masculinidade e feminilidade, tornam-se *inteligíveis* (BUTLER, 2003). Nesse momento de aproximação inicial, foi difícil organizar minhas ideias a respeito de uma pessoa que se apresentava de forma tão “ambígua”, palavra que ouvi algumas vezes de Janaína. Disse-me que era aquilo ali mesmo: “uma metamorfose ambulante”, já que usando seu jogo de vestimenta “errada”, não se via e não era vista nem como homem, nem como mulher, “não desmentia e perdia-se”. Não cansei de fazer perguntas a Janaína e logo percebi que minhas ideias não passavam de certo limite teórico ou de percepção, enquanto ela afirmava, de forma aparentemente simples, que “as travestis gostam é do jogo entre o masculino e o feminino”.

Esse encontro foi simbolicamente decisivo na definição das minhas pesquisas sobre travestilidades<sup>12</sup>. Seis meses depois, Janaína faleceu. Soube da notícia por Sabrina Drumond, que lamentava pela “maior perda do movimento trans<sup>13</sup>”. Para ela a morte de Janaína era um abalo naquele processo de conquistas de direitos.

---

<sup>12</sup> O termo *travestilidade*, de acordo com Wiliam Peres, substitui o termo *travestismo*, o que possui algumas implicações, uma vez que o sufixo *ismo* remete a doença, patologia. Para o autor, a idéia de *travestilidade* “complementaria a imensa complexidade das formas de expressão travesti existentes, considerando a heterogeneidade dos modos de ser no mundo que é configurado pela subcultura travesti” (PERES, 2004, p. 120).

<sup>13</sup> Trata-se do movimento de travestis e transexuais, também chamado de transgênero, categoria menos usada atualmente. O termo “transgênero” era largamente utilizado pelo movimento social de travestis e

Terminado minha graduação, dediquei meu trabalho de conclusão a Janaína, *in memoriam*, uma forma que encontrei de registrar o encontro inicial com a temática, demonstrar minha admiração por Janaína ter me mostrado com tanta sensibilidade que ser travesti não se resumia a uma mera resposta de “enquadramento” e que havia poesia nessas vivências. Aquilo não foi um ponto final. Vez ou outra, eu lia e ouvia sobre Janaína, na academia e nos encontros do movimento que eventualmente participava. Eram narrativas que a tratavam como uma travesti que fez a “diferença”, uma “pioneira”, uma “travesti diferenciada”. Entre outras coisas, era esse sentido de “diferença” que eu desejava resgatar. Ela era “diferente” das travestis que pesquisei e de muitas travestis, comumente excluídas das instituições de educação e do trabalho formal, ela tinha tido o apoio familiar durante toda sua vida e era “inteligente”, me diziam. Percebi que, falando desses elementos diferenciadores atribuídos a Janaína, eu continuaria abordando os aspectos teóricos, metodológicos e políticos que me preocupavam e que, partindo da trajetória de Janaína, falaria sobre os modos de ser travesti na nossa sociedade.

Feito o exercício metodológico no primeiro ano do doutorado, parti para a elaboração de um novo (sobre o mesmo) projeto. Para realizar a discussão, continuei com questões que perpassam as já levantadas nos trabalhos anteriores: gênero, sexualidade, travestilidade e corporalidade. É uma discussão que se mostra ao mesmo tempo particular e geral, pois, partindo de uma trajetória de vida específica, é possível ultrapassar os limites locais, levando em consideração que realidades particulares possuem estreita relação, influenciam e são influenciadas por acontecimentos mais amplos. O pano de fundo dessa discussão é o debate sociológico que relaciona indivíduo e sociedade.

Guiada pelo referencial teórico dos estudos de gênero, feministas e queer reconstruo a experiência de vida de Janaína Dutra em meio a uma análise da normalização, que interroga como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas (BRAH, 2006). A proposta do estudo é *compreender como ocorre a construção dos sujeitos travestis em meio à heteronormatividade, analisando processos sociais de elaboração de conhecimentos, categorizações e práticas direcionadas a encerrar a experiência desses sujeitos em suas performances de gênero, tendo como foco a vivência de Janaína Dutra*. Em outras palavras, a pesquisa

---

transexuais no contexto de atuação de Janaína, como uma tradução direta do termo inglês *transgender*, usado pelo movimento estadunidense.

buscou analisar como se dá a formação dos sujeitos no interior das estruturas de poder sexuadas e generificadas. Entendendo que o padrão heteronormativo regula a vida dos sujeitos e que a ordem social é uma ordem sexual – o fundamento da ordem social contemporânea está no dualismo hetero/homo –, chamo a atenção para a constituição da sexualidade na organização das relações sociais e para como esses eixos de diferenciação se relacionam com outros marcadores sociais, como região, etnia, nacionalidade, religião, classe social. Com essa investigação pretendo, entre outras coisas, mostrar que o sujeito, seja ele heterossexual, gay, lésbico ou travesti é uma construção instável e indeterminada, longe de serem fixas e autoevidentes.

A noção de *performance* mencionada na proposta de estudo é utilizada por teóricas queer para desnaturalizar a de *diferença sexual*, não entendida como tendo uma base material e biológica dos corpos, tal como Butler afirma:

A diferença sexual é frequentemente evocada como uma questão referente a diferenças materiais. A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Além disso, afirmar que as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual. A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é a parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda forma regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla (BUTLER, 2001, p. 153-154).

Para ela, o gênero não possui um estatuto ontológico, só existindo nos próprios atos que o constitui. Nesse sentido, os atos, gestos e atuações que produzem o efeito de uma substância interna, o produzem apenas na superfície do corpo, entendidos, portanto, como *atos performativos*, “no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2003, p. 194). O gênero é performativo porque ele não é, ele se faz. No entanto, as possibilidades de vivenciar o gênero são restritas e os sujeitos nunca são livres para “escolher” a qual gênero seguir. Isso ocorre porque o gênero, nessa perspectiva adotada, é construído pela linguagem. É no discurso que os gêneros são feitos, negociados, incentivados ou repelidos. Para Butler (2001) a concepção de *performatividade do gênero* diz respeito não a um ‘ato’ singular ou deliberado e sim a:

(...) uma prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia (...). As normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente,

para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativos heterossexual (BUTLER, 2001, p. 154).

É justamente no processo de *performatividade* do gênero que ocorre a construção da materialidade do corpo, que para Butler (2001) envolvem alguns elementos: 1) A matéria dos corpos é remodelada por uma dinâmica de poder indissociável das normas regulatórias que governam a materialização dos corpos; 2) A performatividade é o poder reiterativo do discurso para produzir fenômenos que regula e constringe, entre eles a própria produção da materialidade; 3) O sexo é uma norma cultural que governa a materialização dos corpos; 4) O processo pelo qual uma norma corporal é assumida não é propriamente algo que se passa com *um sujeito*, mas que o sujeito é formado em virtude de ter passado por esse processo de assumir um sexo; 5) “Assumir um sexo” e se identificar com a heteronormatividade possibilita e impede determinadas identificações.

Nesse sentido, a formação do sujeito passará inevitavelmente pelo crivo da heteronormatividade, seja pela identificação ou pela rejeição. A *abjeção* diz respeito àqueles seres considerados inaceitáveis por códigos de inteligibilidade ao ponto de não serem nem mesmo considerados sujeitos, pois estariam localizados em zonas inabitáveis de vida e tidos como “corpos que não importam”. No entanto, a ideia de seres abjetos é necessária para definir o domínio do sujeito. Esses corpos existem e sinalizam algo que permanece fora dessas oposições binárias, possibilitando o próprio binarismo.

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida”. Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (BUTLER, 2001, p. 155).

A problematização está relacionada com a perspectiva foucaultiana de entender a sexualidade como um dispositivo composto por relações de poder e saber que vão delineando os limites da noção de *sexo* a partir de várias estratégias. O sexo, como princípio causal, condensa ainda um sentido onipresente, um segredo a ser descoberto, passando a funcionar como significante único e como significante universal. Sendo

assim, o sexo é tomado aqui como um objeto histórico engendrado pelo dispositivo da sexualidade que agrupa em uma unidade artificial elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres.

A *sexualidade* é então um dispositivo histórico e não um dado da natureza ou algo pertencente a um domínio obscuro e interno passível de revelação.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1998, p. 100).

Para Foucault, o *dispositivo da sexualidade* foi inventado a partir do século XVII pelas sociedades ocidentais modernas, para no século XIX ter se difundido no corpo social, quando se desenvolveu o controle jurídico e médico das “perversões” em nome de uma proteção geral da sociedade, como uma grande tecnologia do poder. Por dispositivo da sexualidade Foucault entende:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. Este foi o caso, por exemplo, da absorção de uma massa de população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe aí um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle-dominância da loucura, da doença mental, da neurose (FOUCAULT, 1979, p. 244-245).

Sendo a sexualidade um conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais por um dispositivo que pertence a uma tecnologia política complexa, parto da ideia de que as identidades sexuais dos sujeitos não são essências imutáveis e que as noções de sexo, gênero, dicotomias homem/mulher, heterossexual/homossexual são, a um só tempo, efeitos e instrumentos de poder. Isso desloca a discussão dos sujeitos em si para os discursos que produzem esses sujeitos, incluindo a própria noção de sujeito. Essas são ideias centrais nos *queer* (WARNER,



1993; JAGOSE, 1996; SEIDMAN, 1996 2002; SEDGWICK, 2007; MISKOLCI, 2009; BUTLER, 2003; DE LAURETIS, 2007; PRECIADO, 2002; BOURCIER, 2004), que tem como foco “a análise dos processos de categorização social e não o estudo de uma ou outra minoria” (MISKOLCI, 2007, p. 103).

Este trabalho, portanto, não se enquadra na perspectiva de um estudo sobre minorias sexuais, nem sobre a política identitária dos movimentos LGBT, embora fale sobre um sujeito que estava inserido em movimentos sociais. Empreender uma analítica da normalização significa se afastar de qualquer forma de essencialização. Também não é um estudo sobre a identidade travesti, tampouco sobre a ideia de marginalização. É um estudo sobre a heteronormatividade (WARNER, 1991) como aparato de poder. Seguindo a perspectiva dos estudos queer, o foco é desconfiar da concepção de que os sujeitos seriam estáveis e centrar nos processos sociais de classificação, de hierarquização e de normatização que os constroem como tal ou os relegam ao âmbito da abjeção. Desta maneira, permaneço, ao longo do trabalho, mais atenta para as incertezas e estabilidades do que para a coerência do sujeito em questão.

O surgimento de sujeitos travestis e suas experiências convidam para a reflexão sobre os processos que os constituem, uma vez que emergem dos mesmos discursos que constroem os demais sujeitos, inclusive heterossexuais. Na sociedade brasileira contemporânea, esses sujeitos possuem formas específicas de experiência, que obviamente seguem peculiaridades regionais e de outras ordens. Inúmeros trabalhos se dedicaram a tratar sobre o tema, como: Silva (1993, 1996), Florentino e Silva (1996), Oliveira (1994), Lopes (2001), Jayme (1998), Oliveira (1997), Vale (2005), Pelúcio (2005a, 2005b, 2007, 2009), Maluf (2002), Benedetti (2005), Albuquerque e Jannelli (1995), Teixeira (2008, 2011), etc. Em trabalhos anteriores (SAMPAIO, 2006, 2009) também me dediquei a estudar a experiência de travestis no contexto maranhense.

Ao falar sobre travestis ou qualquer outro sujeito considerado “anormal” a partir do padrão heterossexual instituído, tenho como pano de fundo a discussão sobre os processos histórico-sociais que constroem essa suposta “normalidade”. A ordem social, nesse sentido, é diretamente relacionada à ordem sexual, uma vez que esses sujeitos “desordeiros” são assim considerados por provocarem uma descontinuidade entre sexo/gênero/desejo/práticas sexuais (BUTLER, 2003).

A partir desse referencial teórico, algumas questões que perpassam o estudo foram elaboradas, complementando a problematização central: Qual sociedade produziu Janaína e qual sociedade Janaína ajudou a produzir? O que essa experiência nos oferece

em termos de entendimento da sociedade nordestina, brasileira, latinoamericana? Como é possível pensar em desestabilização/manutenção de normas de gênero que sustentam o padrão heteronormativo a partir da trajetória de Janaína? Como as trajetórias de outras travestis localizadas em posições sociais aproximadas no tempo e no espaço se aproximam e/ou se distanciam da de Janaína? Quais acontecimentos favoreceram para Janaína se “distinguir” de outras travestis? Janaína é subversiva ou reforça as normas de gênero ao reivindicar a inserção social da travesti? Como os discursos dominantes se apropriam dessa suposta subversão? Quais condições (sociais, históricas, culturais, psicológicas, familiares, intelectuais) possibilitaram sua formação e atuação política? Como foi construída uma espécie de mito em torno de Janaína e o que existe no além/entre essa imagem pública? Os discursos de Janaína, seu ativismo e suas ações se aproximam mais de um discurso de respeito às *diversidades*, no sentido integracionista, de tolerância e convivência com essa diversidade ou de um discurso de valorização das *diferenças*, que reivindica o reconhecimento destas tais como são, sem a tentativa de mudar a imagem que as travestis possuem, ou melhor, reivindicava uma transformação social ou apenas buscava uma adequação na ordem estabelecida?

Para compor a construção da trajetória de Janaina tornou-se necessário um estudo da configuração sócio histórica em que esteve inserida. Nessa construção, se destaca a discussão sobre os marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, regionalidade, profissão, religião, entre outros eixos que se interseccionam no contexto brasileiro em fins do século XX e início do XXI. A experiência da travestilidade, bem como as formas de articulação e movimentação política nessa unidade de espaço e tempo também se destacam como elementos importantes. Desta feita, realizo uma análise *interseccional*. Como afirmou Butler, ao problematizar a identidade “mulher” e propor uma perspectiva que relaciona gênero com outras modalidades sociais:

Se alguém “é” uma mulher, isto certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2003, p. 20).

Avtar Brah é o baluarte dos estudos interseccionais no Brasil, desde que teve um texto traduzido em 2006. Ela aponta para as diferenças dentro do feminismo e para a heterogeneidade das condições sociais das mulheres, impossibilitando as análises dos

problemas que afetam suas vidas isoladamente do contexto de desigualdade nacional e internacional (BRAH, 2006, p. 34). A autora situa os rompimentos com o sujeito mulher, branca, ocidental, urbana, cristã, heterossexual de classe média representativa do movimento feminista até então e alude para diferentes categorias que se conectam com essa concepção. Nesse sentido, Brah e outras teóricas feministas que se situam dentro da perspectiva pós-colonial, como Gayatri Spivak (2010), propõe uma análise macro, relacionando a formação das subjetividades com dinâmicas de poder que estabelecem diferenciações sociais. No Brasil, Adriana Piscitelli (2008) apresenta, em linhas gerais, o panorama de surgimento das categorias *interseccionalidade e articulação*, informando que é no final dos anos 1990 que ganharam centralidade no pensamento feminista devido à emergência mais veemente de concepções que aludem à multiplicidade de diferenciações que, articulando-se a gênero, permeiam o social.

Portanto, influenciada por uma abordagem *interseccional*, para o entendimento de como as diferenças se articulam nesse contexto, não perco de vista as bases de constituição da nossa sociedade. As experiências generificadas, racializadas, geracionais, sexuais, religiosas tomam contornos próprios que não podem ser analisados de forma autônoma do contexto nacional e global de diferenciação e de desigualdade em que se insere.

Somando-se a esses referenciais teóricos e metodológicos, discuto, *en passant*, a questão sociológica indivíduo/sociedade, na medida em que a desestabilização dessa dicotomia na Sociologia amplia as margens para pensarmos na construção de uma singularidade inserida em determina configuração sócio-histórica. Surgem, nesse ínterim, algumas problematizações metodológicas referentes às técnicas de pesquisa que compõem o método biográfico em Ciências Sociais, com uma perspectiva diferenciada das biografias tradicionais. Para fundamentar essa abordagem, utilizo alguns trabalhos como o de Norbert Elias (1995), o de Mirian Goldenberg (1996) e o de Kofes (2001).

É necessário frisar que este trabalho não se pretende biográfico, pelo menos não nos termos literários clássicos. Situo-o na área de Ciências Sociais, trilha teórica e metodologicamente seus preceitos. Configura-se, portanto, em uma investigação sociológica cujo objeto resultou de uma problematização acerca de normas de gênero reinantes em nossa sociedade, na qual predomina o regime da heteronormatividade. Janaína Dutra é o centro da discussão, na medida em que elucida a operacionalização dessas normas em sua vivência, seja para reificá-las e/ou para desestabilizá-las, inserida em configurações histórico-sociais específicas. A escolha desse método se deu porque

“é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem” (GOLDENBERG, 2007, p. 43). Essa totalização do social no individual, no entanto, não deve ser tomada no sentido literal. Para Franco Ferrarotti (1991) nenhum indivíduo totaliza a sociedade inteira, mas se constitui a partir do seu contexto social imediato. A absorção que os indivíduos fazem do social é infinitamente rica, complexa e peculiar.

De acordo com Goldenberg, “a utilização do método biográfico em Ciências Sociais vem acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo *versus* o contexto social e histórico em que está inserido” (GOLDENBERG, 2007, p. 36). Essa afirmação deve ser levada em consideração se não tomarmos o sentido do “*versus*” como sendo uma oposição. A noção de indivíduo não deve vir separada na noção de sociedade, a risco de cairmos no erro de reafirmar o que gostaríamos de contestar. A imbricação do social no individual e vice-versa deve ser levada ao extremo ao ponto de fugirmos da armadilha de tentar identificar onde ocorre a predominância de um ou do outro, tornando as dicotomias obsoletas.

Nesse sentido, o uso teórico-metodológico da biografia é tomado com a intenção de interrelacionar os termos indivíduo e sociedade de forma a deixá-los invisíveis, desestabilizando dicotomias que permeiam certa tradição sociológica clássica. Isso vai para além das tentativas de trazer o indivíduo para o centro do debate ou afirmar que ele é condicionado por estruturas sociais. Implica em não ver diferença ao olhar para o indivíduo ou para a sociedade.

O fazer biográfico em Ciências Sociais se afasta da forma tradicional do gênero literário intitulado biografia e autobiografia, uma vez que se orienta por outra perspectiva de construção de uma vivência, analisando aspectos que influenciam o percurso e a configuração de uma vida, sem, portanto, encará-los de forma determinante. Goldenberg (2007), endossando a concepção de Howard Becker, fala que a diferença entre método biográfico nas Ciências Sociais e biografias e autobiografias está na perspectiva adotada e nos métodos utilizados. O próprio fazer biográfico se configura como importante fonte de pesquisa social, uma vez que revela a quais fatos vividos são atribuídos relevância, interpretados como dignos de serem relatados, enquanto outros são relegados ao esquecimento. Para Becker (1994), outras fontes devem ser buscadas para se unirem ao uso do método biográfico, fazendo analogia a um mosaico, no qual cada peça contribui para a compreensão do quadro como um todo.

Se a sociedade produz os indivíduos e lhes oferece limitadas possibilidades pelo nascimento e pelas relações estabelecidas com os outros, como explicar a existência daqueles/as que parecem desafiar as condições dadas ao seu grupo, no seu espaço e no seu tempo? Acontece que não é somente a sociedade que produz os indivíduos. Estes, de acordo com a perspectiva relacional e processual de Elias (1995), influenciam a (trans)formação da sociedade. Dentro dessa proposta, o autor analisa a singularidade do músico Mozart a partir de posição que ocupou na sociedade da corte como artista burguês, ressaltando que, devido ao momento de transição por qual passava a sociedade europeia do século XVIII, o músico vivia uma ambivalência entre se identificar com a nobreza aristocrática e seu gosto e se sentir ressentido pela humilhação que lhe impunham. Esse dilema é típico de indivíduos que ocupam a posição de *outsider*, sofrem com humilhações e exclusões, mas desejam ser reconhecidos e tratados como iguais por aqueles que os concebem como inferiores. Nesse contexto, Mozart, preso ao seu cargo de músico da corte, possuía poucas chances de se sobressair enquanto artista autônomo, estando, portanto, sujeito a ordens advindas de um indivíduo posicionado em um grau superior na hierarquia estabelecida, o monarca.

Ao fazer a “sociologia de um gênio”, Elias (1995) esclarece que naquele momento histórico a noção de “gênio” não existia, tal como conhecemos hoje, com a conotação romântica de algo que alguém é (essência), um ser humano excepcionalmente dotado de um talento. Ao pedir demissão de seu cargo de artista da corte e tentar se estabelecer como artista autônomo, Mozart entrou em conflito com uma sociedade cuja estrutura não comportava um lugar para músicos independentes e ilustres. Como, então, explicar o surgimento de um músico que possuía consciência de seus talentos, que acreditava na inspiração individual independente das imposições de um grupo social que manipulava as composições musicais e produções artísticas? Segundo Elias, a consciência individual é específica à determinada sociedade, em uma tensão constante entre pressões e liberdades limitadas. Ao não obter êxito como artista autônomo, Mozart sofreu forte influência do contexto sócio-histórico em que viveu, uma vez que continuava dependente do poder da aristocracia e de seu gosto, mesmo após renunciar ao cargo de músico da corte. De acordo com o modelo conceitual oferecido por Elias, é necessário traçar um quadro dessa configuração social, pois apenas a descrição do destino individual sem a apresentação do modelo das estruturas sociais da época que leve em consideração as diferenças de poder, não é suficiente.

No sentido de problematizar indivíduo e estrutura a partir de uma singularidade, outros trabalhos foram produzidos. No Brasil, Goldenberg (1996) realizou um estudo sobre a trajetória de Leila Diniz e as transformações do que chama de papéis femininos na década de 1960, buscando compreender como um indivíduo se transforma em um novo paradigma para os demais e quais são as condições que possibilitam essa transformação. Dentre outras questões, pergunta se Leila adotou comportamentos inexistentes ou se criou condições de reconhecimento e legitimação para padrões até então estigmatizados, bem como quais as condições que possibilitaram a construção de Leila como uma mulher revolucionária, “à frente de seu tempo”. Para tanto, analisa fatores familiares, políticos, culturais e históricos que possibilitaram a transformação desse paradigma feminino por meio da personificação de Leila e de como ela “vivenciou e geriu sua trajetória, a maneira como ela inventou a própria vida” (GOLDENBERG, 1996, p. 70).

Para a autora, Leila não “inventou” uma nova forma de “ser mulher”. A inovação de Leila é sua contribuição no reconhecimento e legitimação de uma forma diferente de “ser mulher”, diferente do modelo tradicional. Ao manter práticas que iam de encontro à monogamia, ao casamento institucionalizado, Leila teve uma filha fora do modelo legítimo de família, deixou-se fotografar de biquíni quando grávida, defendeu o direito ao prazer feminino, falava palavrões, enfim, fugia de condutas tipicamente vinculadas ao modelo de feminilidade então vigente, passando a encerrar transformações na condição feminina ocorridas no período em que viveu.

Ao analisar o material biográfico já produzido sobre Leila, Goldenberg percebeu que a retrataram como se já tivesse nascido com as características que marcaram sua trajetória. O elemento da personalidade mais ressaltado, “Leila revolucionária”, é retratado como se fosse próprio de sua “essência”, e suas atitudes como cumpridoras de um “destino predestinado”. Enquanto que, para Goldenberg:

Somente condições muito particulares de existência (sociais, históricas, familiares e psicológicas) permitiram que Leila Diniz afirmasse comportamentos liberadores da “escravidão” a que estavam submetidas às mulheres, como disse o poeta. Ao expor de forma pública suas práticas, Leila mudou não só o significado de suas próprias condutas, mas, também, o de outras mulheres que estavam condenadas, até então, ao silêncio e à culpa. Considero que esse caso contribui para questionar a visão essencialista que percebe o indivíduo como encarnação de um ser “revolucionário”, “gênio” ou “herói”, como algo que “vem do berço” (GOLDENBERG, 1996, p. 218).

Em comum com a concepção de Elias, Goldenberg questiona o caráter essencialista dos indivíduos, em especial daqueles vistos como possuidores de características excepcionais de genialidade intrínseca. Pelo exposto, é possível perceber

que, diferente de Mozart, Leila teve oportunidades sociais e históricas de exibir sua conduta considerada transgressora e obter êxito, não porque era um indivíduo mais espetacular ou sublime, mas devido à configuração sócio-histórica em que viveu.

Kofes (2001) usa o método biográfico na Antropologia para narrar sobre a trajetória de Consuelo Caiado, no processo chamado de “etnografia de uma experiência”. A autora pontua que o uso do método biográfico nas Ciências Sociais relaciona-se as críticas contemporâneas ao objetivismo e ao subjetivismo. Ao fazer uma *abordagem biográfica*, Kofes frisa que não se trata rigorosamente de uma biografia, uma vez que não pretende reconstruir uma vida, mas sim focalizar a *experiência de vida* de Consuelo. Kofes construiu um nexos entre a experiência social e a trajetória singular, sem buscar identificar o que é individual ou o que é objetivo. Outra grande contribuição que o trabalho de Kofes oferece é a abordagem de gênero, sinalizando para a importância de compreender os valores de masculinidade e feminilidade que circulavam no contexto, considerados cruciais para a constituição da experiência de Consuelo. A autora segue então duas propostas que se alinham: não se resume a contar a vida de Consuelo e nem etnografar a Cidade de Goiás. Ela explica:

Seguindo os rastros da primeira, e para isto incorporando a segunda, escrevo sobre o que pode ser construído, tecido através das indagações sobre uma pessoa. Esta referência, a pessoa Consuelo, nunca foi um pressuposto abandonado. Se ela se torna personagem nas narrações e se não atingi a verdadeira vida de Consuelo, também não a inventei. Os que a recriaram como personagem, ao contar sobre ela, falam da pessoa Consuelo, mas também de si, de relações, de valores, de política e da história local. Não estarei, portanto, operando com oposições como indivíduo/sociedade; método biográfico/método etnográfico ou sociológico. O foco sobre uma singularidade, no caso uma trajetória, revelou várias relações, permitindo que a pesquisa guardasse na intenção biográfica um procedimento etnográfico: orientada pelas perguntas sobre Consuelo Caiado fui seguindo seus caminhos, e o que ouvi e encontrei foi sobre muitas outras coisas. Trata-se agora de escrever sobre este encontro, entre um itinerário de pesquisa e a trajetória de um sujeito pesquisado (KOFES, 2001, p. 22-23).

Kofes constrói a trajetória de Consuelo, em narrativas, tomando essa singularidade e o contexto em que estava inserida sem operar com a dicotomia indivíduo/sociedade, biografia/etnografia. Sendo assim, afirma que no rastro de Consuelo, encontrou diversas relações que envolvem valores, política e histórias locais.

Yves Winkin (2004) fez uma *biografia intelectual* de Erving Goffman, mas ressaltou o incômodo que é fazer uma biografia na sociologia, visto ser um método extremamente trabalhoso e por parecer novidade na área. Para ele não é suficiente apresentar a combinação de fatores que possibilitaram a atuação de Goffman no cenário intelectual da Sociologia na Universidade de Chicago nos anos de 1950, mas necessário

localizar a trajetória do intelectual e de outros indivíduos com a mesma disposição (*habitus*) e mesma posição social no campo de possibilidades oferecido.

A análise de Winkin recebe influência da perspectiva de Pierre Bourdieu (1996), fazendo uso das noções de *campo*, *habitus* e de questionamento da *ilusão biográfica*. De acordo com essa perspectiva, falar em história de vida é pressupor que a vida é uma história inseparável do conjunto de acontecimentos de uma existência individual, historicamente situada. A *ilusão* advém da ideia de que é possível construir uma narrativa coerente e sequencial sobre a vida, tal como é feito tradicionalmente na literatura. Para combater esse modo de fazer biográfico, a influência dos mecanismos sociais que permitem a experiência da vida como unidade e como totalidade não pode ser deixada de lado. Nesse sentido, propõe o estudo de *trajetória*, que é “uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (BOURDIEU, 1996, p. 81). A vida, nessa perspectiva, não é entendida como uma unidade independente dos acontecimentos sucessivos. É como “tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações” (idem).

O uso que Winkin faz do método biográfico em Ciências Sociais, influenciado pelo esquema conceitual de Bourdieu, aponta justamente para essa forma de usar a biografia como maneira de elucidar a história. O que o autor chama de “biografia como história etnográfica”, recebe influência ainda de outras técnicas à maneira do fazer antropológico, como coleta de dados sobre a vida de Goffman, condução de entrevistas em profundidade, participação da vida em comunidades locais, tudo isso analisado tendo como referência um problema específico. Para o autor, torna-se necessária uma teoria da biografia, de modo a ligar os níveis micro e macro da realidade, sugerindo que a antropologia e a história auxiliariam tal teoria.

O historiador François Dosse (2009) reflete sobre o desafio de elaborar a escrita sobre uma vida. Para tanto, ele traça um percurso do gênero biográfico nas ciências humanas, oferecendo ampla contextualização. De acordo com sua cronologia, até o século XVII seria a época dos registros de vidas, que toma por unidade o “bios” (ciclo vital que compreende do nascimento à morte). Com a ruptura moderna, impõe-se a biografia<sup>14</sup>, demarcando uma mudança no método e a escolha dos biografados. Mesmo

---

<sup>14</sup> Apesar de ser uma prática que perpassa longínquos séculos, o autor encontra o uso da palavra “biografia” apenas no século XVIII e em línguas europeias.



com o surgimento de uma nova organização concernente à escrita de vidas, os séculos XIX e XX assistiram um desprezo pelo gênero biográfico, tido como um “gênero impuro” que perturbava o objetivismo científico, causando um “eclipse da biografia”. Nas ciências humanas, por exemplo, procuravam pelas estruturas, pelos fenômenos de permanência e pelas invariantes. Além dessa exclusão na academia, foi também abandonado aos “mercenários” das biografias do circuito comercial. A Sociologia, especificamente, almejava a cientificidade e a objetividade, fazendo com que o elemento biográfico figurasse como perturbador. Somente na década de 1980 as ciências humanas redescobririam as “virtudes do gênero”, tornando-se fonte de inovação, se afastando de narrativas valorativas e passando a usar o método biográfico para apresentar multiplicidades de identidades.

Dosse destaca três modalidades da abordagem biográfica: a *idade heroica*, a *idade modal* e a *idade hermenêutica*, que não seguem necessariamente a uma “evolução cronológica”. A *Idade heroica* refere-se a uma modalidade de biografia como um gênero da filosofia moral e também um gênero que inventa histórias. Nesse contexto, a prática de narração de vidas se disseminou tendo por base a noção de *bios*, se ocupando em retratar a “vida” como uma “maneira de viver”. Entre os gregos, essa noção se baseava num saber filosófico e fazia referência à moralidade. Tratava-se de perpetuar um *exemplum*, exaltar virtudes morais e traços do caráter. Nesse leque de biografias heroicas, Dosse destaca a *hagiografia* - a escrita da vida de santos - muito popular no período medieval, o qual privilegiava encarnações humanas do sagrado, exemplos para a humanidade. Esse gênero prevaleceu, aproximadamente, do século XIII ao XV.

Importante perceber que a noção de herói atravessa vários períodos históricos e assume roupagens para diversos fins. Por volta do século XV emergiu o gênero biográfico *cavaleiresco* “que celebra como heróis os cavaleiros cujo empreendimento social passa a desafiar o primado dos clérigos e, frequentemente, a contestá-lo” (DOSSE, 2009, p. 152). Trata-se de garantir o poder de reis, duques e príncipes e resultam de um processo de laicização. São obras geralmente feitas por encomenda com o intuito de celebrar as proezas militares. Com esse gênero, progressivamente, o individualismo irrompeu em uma sociedade ainda assentada em instituições fortes, até ser ampliado, por volta do século XVI, quando a honra, a virtude, o reconhecimento e recompensa passaram a figurar como principais valores. No século seguinte o processo de individualização acelera-se, contudo, os olhares continuam voltados para aquele considerado o maior dos indivíduos: o rei. No século XVIII a exemplaridade heroica

perdeu centralidade e o poder do rei foi difundido para o corpo da sociedade. Surgiu uma nova concepção de herói, um simples personagem, central apenas na narrativa. Os heróis dão agora lugar ao “grande homem”, em nome da razão e das ideias filosóficas iluministas. Desta feita, os valores a serem transmitidos serão os humanitários e os méritos pessoais ficam mais associados às capacidades universalizantes. O século XIX assistiu ao progresso dos valores liberais e democráticos, agravando a crise do herói. Lógicas mais coletivas emergiram, por mais que a literatura romântica do período ainda colocasse em cena alguns heróis construídos em torno da identidade patriótica, a do “herói nacional”. Com esse intuito, grandes homens relacionados a anseios nacionalistas foram exaltados, relacionando individualidade e exemplaridade.

A *Idade modal* se refere ao gênero biográfico no qual são utilizadas categorias que refletem o contexto social. Nele, o indivíduo só possui valor nas narrativas se é um depositário de costumes construídos a partir da estrutura social mais abrangente, “consiste em descentralizar o interesse pela singularidade do percurso recuperado a fim de visualizá-lo como representativo de uma perspectiva mais ampla (...). O indivíduo, então, só tem valor na medida em que ilustra o coletivo” (DOSSE, 2009, p. 195).

Nesse ponto, o autor fala que a Sociologia não foi favorável no desenvolvimento de biografias. Durkheim, por exemplo, em busca de explicações puramente sociais para os fenômenos, afirmava que os fatos sociais devem ser tidos como coisas e que são exteriores e coercitivos sobre os indivíduos, priorizando a esfera do social e minimizando a atenção dada ao indivíduo. Marcel Mauss (2003) ameniza um pouco essa concepção, ao elaborar a noção de *pessoa*, de *eu*, construído também por elementos linguísticos e psicológicos. Já Marx possui uma visão holística e sua teoria de luta de classes não reserva lugar significativo às lógicas individuais. Na sequência das perspectivas que influenciaram o pensamento sociológico, Levi-Strauss surge no pós-guerra, momento em que o estruturalismo aparece como paradigma unificador das Ciências Sociais, considerando o tempo curto demais e partindo em busca de estruturas.

A perspectiva adotada por Bourdieu (1996) da biografia como *ilusão* também se insere nessa modalidade de construção biográfica de tipo modal. Na concepção de Dosse, Bourdieu estigmatiza a biografia. Para o autor, Bourdieu é demasiado estruturalista ao recusar a pertinência do nome próprio, valorizando esquemas estruturais como fatores explicativos para o percurso dos indivíduos. Um pouco diferente de Bourdieu, Becker (1994) tentou determinar o lugar do método biográfico na

sociologia, partindo do discurso dos atores e encarando a biografia como a montagem de um mosaico.

A *Idade hermenêutica* refere-se a um momento que traz uma pluralidade de pontos de vista. Aqui, o sujeito é considerado fundamentalmente plural, eixo de diversos vínculos. Essa perspectiva aliada ao retorno do biográfico na década de 1980 faz com que o “homem comum” passe a ter lugar cativo. Dosse fala que a sociologia contribui bastante para o retorno da sensibilidade biográfica ainda na década de 1970, quando o indivíduo passou a ser resgatado no discurso por meio de relatos de vida de anônimos, como proletários, migrantes, mulheres, etc. Para ele, “a intrusão do biográfico e do autobiográfico nas ciências sociais sacode alguns postulados ‘científicos’ em nome dos quais essa dimensão fora até a época expelida das pesquisas eruditas, pois os relatos se situam num espaço entre escrita e leitura literárias ou entre escrita e leituras científicas” (DOSSE, 2009, p. 242). Como expoente desse movimento, Dosse aponta Daniel Bertaux que, em 1968, colocou a biografia no centro da pesquisa sociológica, mantendo-se a distância da “ideologia biográfica” antes mesmo de Bourdieu denunciar a *ilusão* das biografias.

Dosse, contextualizando o fazer biográfico no cenário francês, diz que a biografia passa a ter grande centralidade na sociologia, computando mais de 400 títulos entre as décadas de 1970 a 1980. Essa onda de escritas biográficas foge em muito da exaltação de heróis e de grandes homens. Na Filosofia, por exemplo, Foucault privilegiou a abordagem biográfica de desconhecidos, ao falar sobre um parricida em *Eu, Pierre Revière, que degolei minha mãe, meu irmão e minha irmã* e sobre um intersexual em *Herculine Barbin: O diário de um hermafrodita*, adotando um gênero diferente da tradição de escrita de vidas dos homens ilustres.

A obra de Dosse é importante para o presente trabalho na medida em que fornece uma ampla reflexão e contextualização de diferentes maneiras de escrever sobre as experiências de sujeitos tomados em sua singularidade. Ele mostra como as narrativas biográficas foram por vezes isoladas do contexto social e tomadas em sua excepcionalidade e por outras majoritariamente condicionadas por influências externas a ela, recebendo explicações divinas ou demasiadamente humanas, geniais, meritocráticas, predestinadas. Ele mostra que a biografia, por mais que não pertença a um domínio disciplinar específico, pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias. Essa hibridez disciplinar (um pouco ciência, um pouco literatura, um pouco jornalismo, história, sociologia, etc.) pode

explicar o porquê de o gênero biográfico ter sido relegado a um tipo de produção carente de maiores reflexões e desprezado pela academia.

Algumas dessas ideias ainda estão presentes no nosso imaginário social, especialmente a noção de sujeitos como “exemplo”, a exaltação de virtudes, a excepcionalidade, elementos tão fortes nas escritas de tipo “heroicas”. Percebi isso ao longo da minha pesquisa de campo quando as pessoas perguntavam quais os grandes feitos de Janaína e deduziam que ela tinha sido uma pessoa realmente muito importante para que eu estivesse investindo tanto na construção da minha tese sobre ela. Isso chama atenção ainda para questões de cunho metodológico, como inacessibilidade a uma vida, ausência de verdade, de sentido e de coerência, necessidade de empatia entre o autor e o sujeito foco de análise, importância de recursos da imaginação e dedução para preenchimento de lacunas, impossibilidade de conclusão de um trabalho sobre uma vida por mais que o pesquisador exume todas as fontes.

Entre as opções metodológicas, prefiro usar a categoria *experiência* ao invés de *vida*, fugindo de concepções de continuidade e linearidade que implicam. Entendo que denunciar a “ilusão” contida na concepção biográfica não significa abandonar o que o método biográfico pode oferecer. Nesse sentido, o fazer biográfico é mais um meio e um instrumento e não o fim único do meu trabalho. Assim como Kofes, que tomou como foco de análise a experiência de Consuelo, meu objetivo é levantar narrativas que permitam compreender, mais que reconstruir uma experiência.

Nesse sentido, adoto o uso que Brah faz da noção de *experiência*, contrária à ideia de um “sujeito da experiência”, um ser plenamente constituído a quem as experiências aconteceriam. Experiência, para ela, é o lugar da formação do sujeito, um lugar de contestação, “um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas” (BRAH, 2006, p. 361). Para tal compreensão, os valores e normas precisam ser interrogados, pois, se tidas como certas, legitimam a dominação e a desigualdade e naturalizam as diferenças. A experiência e a formação do sujeito pensados como processos reformulam a questão da “agência”, possibilitando o esfacelamento das noções “eu” e “nós” como entidades unificadas, fixas e pré-existentes. Essas categorias, “eu” e “nós”, são modalidades de múltiplas localidades, marcadas por práticas culturais e políticas cotidianas. A autora faz ainda a diferença entre experiências coletivas e experiências individuais, mostrando que elas não estão necessariamente articuladas, já que o significado de dado acontecimento pode variar de acordo como tal pessoa é culturalmente construída.

O mesmo contexto pode produzir várias “histórias” coletivas diferentes, diferenciando e ligando biografias através de especificidades contingentes. Por sua vez, a articulação das práticas culturais dos sujeitos assim constituídos marca “histórias” coletivas contingentes com novos significados variáveis (BRAH, 2006, p. 36).

Para Joan Scott (1999), a *experiência* é uma interpretação e, ao mesmo tempo, precisa de interpretação. Ela critica a forma como a experiência é encarada pela historiografia tradicional, como a origem do conhecimento, a visão do sujeito, uma evidência sobre a qual repousaria todas as explicações. A experiência é construída, pois fala sobre como os sujeitos são constituídos, sobre como a visão deles é estruturada, sobre o discurso, sobre a história. A experiência não é uma evidência com significados transparentes que, quando explorada, permite estabelecer como a diferença opera, como ela constitui os sujeitos, bem como permite contestar sistemas ideológicos estabelecidos, a exemplo da divisão entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais. Nesse sentido, apenas denunciar o silêncio não é suficiente, tornando a experiência visível. É necessário examinar criticamente o funcionamento do sistema ideológico em si, suas representações, noções, categorias.

Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz (SCOTT, 1999, p. 05).

Falar da experiência não é revelar algo que sempre esteve ali. Scott fala que apesar dos sujeitos não serem autônomos, eles possuem agenciamento criado através de situações e posições que lhes são conferidas. Para ela, ser um sujeito significa estar sujeito a determinadas condições de existência definidas. Os sujeitos, nesse sentido, são constituídos discursivamente e a experiência é um evento linguístico que não está confinada a uma ordem fixa de significados. Sendo assim, a experiência (uma história do sujeito) não pode ser separada da linguagem (local onde a história é encenada).

Além do mais, falar em biografia é falar em formas de construção da memória. Um estudo com esse enfoque permite uma discussão sobre as relações sociais em que o sujeito estava envolvido, os grupos dos quais participava, como sua trajetória é lembrada ou esquecida. Wilson Silva (2009) pensa o biografismo como forma particular da memória que incita a reflexão a partir de três questões: a consciência de uma biografia supõe ampla utilização de forças sociais pela manutenção de uma memória, na qual o indivíduo não é somente uma unidade, mas parte de um grupo; o indivíduo

encarado como notável não representa a marginalização, grupos ou pessoas silenciadas e está situado em um campo de disputas; o biografismo constata a multiplicidade de significados e expectativas que uma mesma trajetória pode assumir.

Desta maneira, para compor o fazer teórico-metodológico do trabalho, destaco ainda o uso dos estudos sobre memória, como os trabalhos de Maurice Halbwachs (2006), Ecléa Bosi (1994), Michael Pollak (1989, 1992), Sandra Sousa (2009), Alessandro Portelli (1996). São estudos que estão intimamente ligados, principalmente porque a experiência de Janaína será apreendida em grande parte a partir de narrativas de outras pessoas, via recurso de rememoração. As lembranças daqueles que contribuíram com a pesquisa são a matéria substancial do trabalho. A construção que faço da trajetória de Janaína tem como foco central suas vivências reconstruídas por familiares, amigos/os, conhecidos e conterrâneos de Canindé, bem como informações advindas de outros meios registrados. Centrar na experiência de Janaína implica passar por experiências de outros sujeitos de seu tempo. Por essa razão, acabo me detendo em algumas narrativas e reproduzindo quase integralmente algumas falas para que seja possível compreender como Janaína foi ao mesmo tempo “tão diferente e tão igual” aos demais sujeitos de sua época.

O pensamento de Halbwachs (2006) recebe grande influência da teoria sociológica durkheimiana, especialmente no tocante a força que o coletivo exerce sobre o individual. Ele aplica essas ideias nas reflexões que faz sobre a memória, ao defender que ela é coletiva e mais ampla do que a memória individual. Nesse sentido, as lembranças evocadas pelos indivíduos estão, em última instância, apoiadas na memória construída e compartilhada por todos os demais indivíduos em determinado contexto social. Mesmo as lembranças pessoais que parecem pertencer estritamente ao indivíduo são encontradas nos meios sociais em que estes fazem parte. Em trabalhos anteriores (2006, 2009) chamei atenção para essa questão nos relatos das travestis maranhenses. No processo de evocar lembranças a partir da sua experiência atual, já inseridas em determinadas redes de travestis, elas compartilhavam muitos elementos em comum, mesmo sem se conhecerem ou pertencerem à mesma rede de relações. A memória passou a ser entendida como algo que é feito, construído, (re)elaborado.

Mesmo a memória coletiva exercendo grande força sobre a memória individual, o autor admite que a construção da memória ocorre de forma bem diferente entre as pessoas que compartilham de um mesmo fato. Entretanto, essa afirmação não retira o peso maior do coletivo. Os indivíduos somente evocam lembranças se estiverem

integrados em grupos. Sendo assim, nenhuma lembrança é verdadeiramente exata e possui uma unidade, nem mesmo aquelas que surgem como inabaláveis e com aparente exatidão. Em certa medida, nossas rememorações do passado recebem influências do momento presente, bem como dos outros. Nesse caso, os adultos e as imagens, como fotografias, ajudam a compor o quadro sobre os acontecimentos que se passaram. Recordar não depende somente do indivíduo. É um movimento social que monta quadros a partir de fragmentos (lembranças) exteriores que só funciona se os membros do grupo específico ainda mantêm relações próximas entre si. Se alguém já está afastado, ele não sente mais um compartilhamento daquele *ethos*, dificultando o procedimento de elaboração das memórias do grupo.

Aqui tomo alguns elementos da concepção do autor e discordo, em parte, dessa coerção social exercida no processo de elaboração das memórias dos sujeitos. Apesar de reconhecer essa influência, não a percebo tão mecânica e determinista. Guardo principalmente a concepção de que a memória é um fenômeno social construído coletivamente, sujeito a constantes transformações. Ao longo do trabalho, mostro como percebo a construção coletiva da memória, inclusive no que diz respeito àquela que é elaborada pelos grupos os quais Janaína fez parte. Aparecem muitos pontos em comum nas falas das/dos ativistas quando se remetem à história dos movimentos LGBT, mas muitos fatos são discordantes a partir do lugar que a pessoa ocupa e da relação que mantinha com Janaína. Da mesma forma são as lembranças evocadas pelos familiares, que, muitas vezes, relatam acontecimentos da experiência de Janaína de maneira totalmente diferente.

Pollak (1989, 1992), partindo da elaboração de Halbwachs, destaca a característica mutável da memória individual e coletiva, ressaltando que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis, como se fossem âncoras nos relatos das pessoas. Ao abordar a ligação entre *memória* e *identidade social*, o autor apresenta os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva, a saber: os *acontecimentos*, vividos pessoalmente e "por tabela" (do grupo ou da coletividade à qual a pessoa pertence); as *pessoas* encontradas no decorrer da vida ou indiretamente; e os *lugares* particularmente ligados a uma lembrança pessoal. Além desses, há as *projeções* em lugares, monumentos, memórias públicas, que formam a base para que os indivíduos relembrem momentos da vida e os *vestígios datados da memória*, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. Por tudo isso, ele afirma que *a memória é um fenômeno construído*, consciente ou

inconsciente, gravado, recalcado, excluído, lembrado. A memória seria, portanto, *seletiva*, já que nem tudo fica registrado, e *herdada*, sofrendo flutuações em função do momento em que é articulada e expressada. As *preocupações do momento* constituem um elemento de estruturação da memória.

A ligação entre memória e o sentimento de identidade é explicada por Pollak no sentido em que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, ela é um dos fatores centrais na composição do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo. Ambas, memória e identidade, são valores disputados, em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos.

Outra ideia de Pollak bastante usada no presente trabalho é a de *enquadramento da memória*, caracterizada como uma memória construída em disputa com vários grupos, de forma a efetuar um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade. Os grupos realizam esse trabalho de amarrar bem a sua história e a sua memória de tal forma que elas passem a trabalhar por si só, a influir na organização e nas gerações futuras a partir de investimentos do passado. O enquadramento da memória é um trabalho de rearrumação da memória do próprio grupo como investimentos extremamente custosos em termos políticos.

Em outro trabalho, Pollak (1989), partindo de uma perspectiva construtivista, diz que seu objetivo não é lidar com os fatos sociais como coisas, mas analisar como e por quem os fatos sociais são solidificados e dotados de duração e estabilidade. A abordagem da memória se interessa, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Nesse trabalho, ele fala especificamente sobre a clivagem entre memória oficial e *memórias subterrâneas* - aquelas dos excluídos e marginalizados que se opõem à "memória oficial - e se interroga sobre os significados do *silêncio*, que não é fruto de esquecimento, mas de construção. Quando as memórias subterrâneas prosseguem um trabalho de subversão do silêncio, a memória entra em disputa ("batalhas da memória"). é importante frisar que algumas lembranças desaparecem de discursos oficiais, mas proliferam em redes familiares e de amigos.

Bosi (1994) realizou uma profunda reflexão sobre memórias de velhos a partir de entrevistas com pessoas com mais de setenta anos em São Paulo. Ela tinha o intuito de registrar a voz, a vida e os pensamentos de trabalhadores aposentados com a compreensão de que neles a história social está mais desenvolvida do que na memória



de uma pessoa jovem, ainda absorvida nas lutas do presente. Recorrendo a alguns autores, entre eles Halbwachs, ela diz que a memória não é uma evocação pura e onírica do passado (BERGSON, 1990), ela é trabalho: a memória pessoal é também uma memória social, familiar, grupal. A atividade de rememoração é regida a partir do presente, constituindo lembranças “remanejadas”. Bosi nos ensina, nesse estudo clássico das ciências humanas brasileira, que no trato da memória a verdade não existe. Nesse sentido, a relação entre o pesquisador e os “recordadores” no processo de rememoração demanda confiança, sensibilidade, disposição e paciência. Meu trabalho muito deve à inspiração provocada por essa obra, que mostra, entre outras coisas, que memória é infinitude, delicadeza, emoção, tensão, risco, poesia, mas também é um ato político. A memória, ao fazer constantes nexos com o contexto social, causa uma profunda desestabilização entre tempo, espaço e memória oficial.

Esses trabalhos são muito importantes para a interpretação do meu objeto de estudo, pois, ao mesmo tempo em que tenho como foco a experiência singular de Janaína, falo sobre o contexto social em que esteve inserida, um capítulo que se insere em uma história que se não contada pela história oficial é contada a partir de determinado ponto de vista, artificialmente elencando importâncias, prioridades. Essa história é composta por várias histórias, memórias e lembranças que a heteronormatividade relega ao silêncio. São memórias subterrâneas, são os não-ditos construídos nessa trama de acontecimentos classificados como indizíveis, não-lembráveis, desestabilizadores, inteligíveis e até malditos.

Para tanto, outras fontes e instrumentos de pesquisa somam-se: pesquisa em arquivos impressos e eletrônicos (jornais, revistas)<sup>15</sup>, análises de textos<sup>16</sup>, poesias<sup>17</sup> e colagens<sup>18</sup> produzidas por Janaína; entrevistas e relatos de familiares, amigos, colegas de trabalho, militantes dos movimentos LGBT; conversas informais; observações na cidade de Canindé e Fortaleza, em eventos do movimento LGBT, do núcleo familiar e de amigos de Janaína em alguns momentos; análise de materiais já produzidos sobre

---

<sup>15</sup> A maioria desses materiais foi fornecido pela família de Janaína, como matérias de jornais e revistas impressas que Janaína guardava. Outra parte pesquisei em páginas eletrônicas disponíveis na internet, como o Diário do Nordeste, jornal O Povo e o site do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, do Governo Federal.

<sup>16</sup> Desconstruindo as sexualidades. In: Extra G, no. 7 e 8/ julho a outubro, 2004. Texto publicado pouco depois da morte de Janaína, pela Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – ABIA.

<sup>17</sup> Janaína deixou alguns poemas escritos de uma maneira relativamente organizada. Talvez possuísse a intenção de publicá-los. O material foi cedido pela sua irmã Celina de Fátima.

<sup>18</sup> Além do trabalho de colagem na porta, Janaína deixou outros trabalhos em folhas soltas e em forma de quadros emoldurados. Essas questões serão abordadas no último capítulo.

Janaína e pesquisas em atas e estatutos dos grupos dos quais fez parte. Só não foi possível uma pesquisa nos arquivos dos grupos nos quais atuou. A ANTRA e a ATRAC não possuem um acervo organizado e o GRAB me informou que todos os materiais existente na associação sobre Janaína foram condensados no documentário de Almeida (2011). As fotografias também serviram como um ponto de partida em algumas conversas. Imprimi algumas e usava-as nas entrevistas para estimular as narrações das pessoas. As fotos deixadas por Janaína e preservadas pela família foram importantes para a reconstrução de vários elementos vividos. Com elas, percebi, por exemplo, a passagem de pessoas, as transformações corporais de Janaína, os lugares que ela frequentava, elementos que demonstram os círculos em que ela estava inserida.

Um dos elementos centrais nessa análise é o cenário do movimento LGBT (GREEN, 2000, TREVISAN, 2002, FACCHINI, 2005; FACCHINI E SIMÕES, 2009) a partir da década de 1980 e das condições que favoreceram o surgimento do movimento de travestis e transexuais brasileiro na década de 1990 (CARVALHO, 2011). Ademais, a experiência de Janaína só pode ser entendida se considerarmos o que estava acontecendo no Brasil e no contexto global quanto à condição de pessoas trans. Para tanto, chamo atenção para as influências externas e especificidades locais, de forma a entender como se configura o contexto social em que se inseria Janaína. Para uma melhor visualização do contexto a qual me refiro, apresento uma cronologia de fatos que considero importante (ANEXO 1). Alguns desses dados retiro do trabalho de Facchini e Simões (2009) e do trabalho de Daniel Ferreira (2003) sobre o movimento homossexual do Ceará, no qual ele elenca acontecimentos apontados pelos membros do próprio grupo. É possível observar que muitos avanços apontados por tal grupo giram em torno de questões relacionadas a promulgação, aprovação e regulamentação de leis de caráter anti-discriminatórias. Credito essa centralidade à influência de Janaína e seu papel nas conquistas do âmbito jurídico devido a sua formação profissional. Listo, ainda, uma cronologia da experiência de Janaína, com dados baseados em certificados escolares e profissionais, documentos pessoais, notícias de jornais e informações dadas por colaboradores da pesquisa (ANEXO 2). Ressalvo que as datas não são tomadas com exatidão. Primeiro, porque não foi possível precisar alguns acontecimentos e depois porque o objetivo não é enquadrar esquematicamente em datas o desenrolar dessa experiência. Como Pollak (1992) chamou atenção, não tem como distinguir uma cronologia "verdadeira" de uma cronologia "falsa". Essa oposição distorceria o trabalho

de construção da memória. Seria melhor falar em cronologias plurais, polifonia das datas fixadas, pluralidades das histórias.

O título do trabalho, *Do glamour à política*, foi inspirado em uma frase de Janaína na qual ela contextualiza sua experiência da travestilidade e do ativismo em um momento que vai da década de 1980 ao início dos anos 2000, que compreende grande parte do período retratado aqui. Ao entonar a frase: “*a aids veio nos dar [para as travestis] muita visibilidade, foi um passaporte do glamour para a política. Acho que o advento da aids veio trazer outra visibilidade ao movimento, veio trazer a história da reivindicação política acima do paetê, da lantejoula e do boá colorido*”, Janaína fala que, na década de 1970, as travestis se restringiam majoritariamente ao âmbito privado, realizavam *montagens* entre quatro paredes, passando progressivamente a organizar bailes abertos ao público. Esse momento, no qual predominava “uma política mais ligada à cultura do *glamour*” foi modificado pelo advento da aids<sup>19</sup> na década de 1980, que tornou as travestis mais visíveis e politizadas. Dentre as respostas institucionais de enfrentamento da epidemia, por meio das associações, projetos e eventos com financiamentos do Banco Mundial em parceria com o Ministério da Saúde voltados principalmente às políticas de saúde no enfrentamento à aids, as travestis se inseriram como educadoras e agentes de prevenção, possuindo um certo protagonismo nesse processo. Na opinião de Janaína, isso significou uma abertura no sentido de conscientização e conquista de cidadania plena para travestis. Veremos mais adiante que Janaína viveu em todas essas esferas, participava de bailes, espetáculos e desfiles, se envolveu profundamente em atividades dos movimentos LGBT e de enfrentamento à aids. Foi também na década de 1980 que Janaína começou seu processo de travestilidade, permitindo o “afloramento da mulher”, como costumava falar, de forma mais incisiva na década de 1990, com ingestão de hormônios e aplicação de silicone, já totalmente envolvida no ativismo.

A colagem de Janaína usada como capa do trabalho é representativa do período retratado, da ideia de que a aids nos anos 1980 foi um passaporte do glamour à política. Apesar da ideia de mudança, os elementos “*glamour*” e “*política*” não se sucedem ou se excluem. Pelo contrário, são mesclados de forma a compor a complexidade desse

---

<sup>19</sup> A escrita da palavra aids será mantida com letras minúsculas ao longo do trabalho, tal como fez Pelúcio (2009), a partir de Castilho (1997), pois agumenta que assim são escritos nomes de doenças, já que são substantivos comuns. Pelúcio e Miskolci (2000) justificam esse uso partindo de uma perspectiva crítica em relação ao pânico sexual criado em torno da aids. Eventualmente, essa palavra será escrita de forma diferente ao longo do trabalho, principalmente quando situada em uma referência oficial, que escreve em forma de sigla.

momento com relação à experiência das travestis e às transformações sociais. A colagem sobrepõe símbolos representativos do *glamour* (brilhos, sapatos de salto alto, unhas vermelhas, acessórios de moda), da aids (laço vermelho que simboliza a solidariedade e comprometimento na luta contra a aids), do contexto social (bandeira do Brasil, representando o lugar e as políticas de saúde institucionalizadas), da travestilidade (a borboleta simbolizava para Janaína as transformações pelas quais passam as travestis por meio da metamorfose da lagarta em borboleta) e do jogo de invisibilidade (corpo de costas) e visibilidade (rosto de frente e olhar direto).

Optei por não ordenar o trabalho com uma estrutura de começo – meio – fim, correspondente à concepção acerca do ciclo de uma vida: nascimento – vida – morte. Não concebo um nexos coerente e cronológico entre fases e acontecimentos que vão se sucedendo. Não narro o desenrolar de uma vida, traçando um percurso linear. Até mesmo porque, como diz o anti-herói do romance de Sartre, o fim está presente desde o início, é o fim que dá “a pompa e o valor dum princípio”. Buscar a Janaína no pequeno Jaime que nasceu em Canindé é também partir de um fim. Isso transformaria toda a história a ser contada. O surgimento de Janaína a partir da travestilidade não significa que ela não existia e que o Jaime deixou de existir. Aliás, abolir as dicotomias é a máxima seguida neste trabalho. Assim como não há início ou fim, não há polaridades, mas multiplicidades, muitos “eus”, diferentes posições desses “eus” e muitas narrativas para serem reduzidas a: “Jaime César se tornou Janaína Dutra”.

Já que as subjetividades possuem um caráter plural, estudo as metamorfoses do sentido de uma subjetividade narrativa, sem restituir Janaína a sua “verdade”. Evidente que há um nível documental, ligado a arquivos e a cronologias institucionais, mas não as tomo como o “real”. O mais importante são as indagações feitas sobre os sentidos plurais que a figura de Janaína carrega, as indagações aos traços da memória, tudo isso no plano discursivo. Espero ter mantido a atenção ainda com relação aos momentos de cristalização, de fixação aos quais Janaína aparece, aos quais faço paralelo aos elementos típicos de narrativas sobre indivíduos lendários e mitológicos. Mas, como a antropologia tem mostrado, não existe separação entre mito e história. Se o mito participa da história, não existe motivos para que eu o extirpe.

A realização de um estudo biográfico necessita, majoritariamente, da colaboração daqueles que controlam o acesso às fontes, o uso dos arquivos e elementos da memória da família, amigos e grupos dos quais Janaína fez parte, considerados partes legítimas. Ao longo da pesquisa me deparei com uma série de problemas, mas, apesar

de algumas barreiras, considero que meu encontro com os sujeitos da pesquisa foi rico e apaixonante. A maioria foi muito acolhedora, principalmente os familiares, alguns mais reticentes, outros mais efusivos.

Sobre questões éticas e políticas referentes à abordagem do tema, gostaria de fazer algumas observações. Em 2012, quando apresentava reflexões sobre a pesquisa, no VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero – ABEH, em Salvador (BA), fui criticada por uma ativista travesti por estar praticando “um desserviço ao movimento trans”. Ela afirmou que eu não tinha o direito de destruir os ícones de um movimento já muito fragilizado e lançou-me a nomeação de cisgênera<sup>20</sup>, deslegitimando minhas pesquisas sobre travestilidade a partir desse lugar. Meus argumentos de problematização de discursos de excepcionalidade, especialmente envoltos de uma aura sagrada, foram em vão. O que essa ativista não levou em consideração é que a desconstrução desses discursos desmistifica a ideia de que algumas pessoas, movidas por predestinações intrínsecas ou superiores, possuem mais capacidade de agência, destituindo outras da possibilidade de ação por não possuírem um “dom”, talentos ou inteligência.

Entendo que Janaína foi tomada por processos de rearrumação das memórias (POLLAK, 1989) de determinados segmentos LGBT e que esses traços da memória, assim como as identidades, são objetos de disputa internos. Acredito que eu, atravessada por essas relações de força e a partir da minha posição de acadêmica, representava uma ameaça por ser “alguém de fora” do movimento. Problematizar essa memória e essa identidade construída pode ser interpretado como uma ameaça ao próprio grupo, aos seus investimentos extremamente custosos em termos de conferir coerência, unidade, positividade e organização.

Janaína tem uma imagem pública construída pelo movimento LGBT em consonância com suas reivindicações. Como travestis, as lideranças do movimento de travestis e transexuais também fazem parte de uma população vulnerável, inseridas em precárias condições sociais. Os estigmas a elas atrelados causam uma degradação, morte social e física prematura (vítimas de assassinatos ou da própria precaridade existencial em função das práticas alternativas de intervenção corporal, doenças em decorrência de sua vulnerabilidade). A falta de escolarização também é um complicador entre as travestis ligadas ou não aos movimentos políticos. Nesse sentido, Janaína representa a

---

<sup>20</sup> Termo usado para pessoas que correspondem ao gênero atribuído, diferindo, dessa forma, de transgêneros.

superação de condições discriminatórias impostas às travestis. Levando em consideração essa problemática, busco manter o rigor analítico, atenta para possíveis deturpações de cunho político. A expectativa de algumas pessoas com relação ao retorno que o trabalho pode dar ao grupo, pautada em uma imagem “positiva” da travestilidade personificada na figura de Janaína é também levada em consideração. Sem perder de vista a questão da ética na pesquisa e questões políticas referentes aos sujeitos envolvidos, entendo que a problematização dos processos de construção da memória e da identidade dos grupos não conflitam com os objetivos dos sujeitos e coletividades em questão.

É indispensável, ainda, elucidar a diferença entre o debate crítico ao engessamento da noção “essencialista” de *identidade* e o uso que dela fazem os movimentos sociais. Por mais que a perspectiva adotada no trabalho seja a do questionamento de uma noção unitária e imutável do sujeito, das amarras identitárias dessa concepção, levo em consideração o que Spivak (2010) chama de *essencialismo estratégico*, a saber, táticas de construção de identidades por organizações políticas para dar visibilidade às suas reivindicações.

A resolução 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa rege sobre as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos e determina que pesquisas com essa característica devam ser realizadas mediante a apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Esse termo estabelece a relação entre pesquisador e pesquisados, assegurando aos últimos o direito de se manter no anonimato, desistir da participação, se desejar, e pedir esclarecimentos. No entanto, com exceção de um colaborador, todos autorizaram a revelação das suas identidades. Ademais, levando em consideração o fato de Janaína ter sido uma pessoa pública e por existirem materiais biográficos sobre ela com circulação ampla, no qual pessoas da família e amigos dão depoimentos, a preservação da identidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa fica comprometida. Nesse sentido, os nomes das pessoas serão revelados, salvo nos casos em que a mesma não permitiu. Troquei apenas alguns nomes, como das pessoas com quem Janaína se relacionou amorosamente, de familiares que não colaboraram com a pesquisa, mas que foram referidos por alguém. Existem alguns assuntos considerados interditados pelos meus interlocutores, especialmente no último capítulo, quando falo de silenciamentos construídos sobre Janaína. Nesses casos, identificarei as pessoas apenas como “colaborador/a”.

Além disso, as normas da resolução 196/96 são questionadas por pesquisadores/as das Ciências Humanas e Sociais, uma vez que outros elementos asseguram a relação entre pesquisador/pesquisado, os quais chamo de *colaboradoras/es*. Essa relação não é assegurada apenas pela assinatura de um termo jurídico<sup>21</sup>. Por se constituírem mais enquanto relações de reciprocidade, na qual estão presentes trocas de informações e de materiais, sentimento de confiança adquirido pelo estreitamento de laços, é que dão maior sustentabilidade. A relação de pesquisa, por mais que seja pautada na produção de conhecimento, é uma *relação social* (BOURDIEU, 1997).

Na divisão do trabalho inicio abordando discursos que constroem e solidificam a imagem pública de Janaína Dutra como “a primeira travesti advogada no Brasil”, passando por narrativas institucionalizadas, dos movimentos sociais e midiáticas, compreendendo os capítulos 2, 3 e 4. Nos seguintes, trago o passado, as entrelinhas, os silenciamentos construídos a partir das escolhas do que é falado, montando as partes dessa experiência. Preocupo-me com os discursos fundantes desse sujeito, discursos estes naturalizantes que se pretendem edificadores, e também com aqueles discursos excludentes e produtores de fronteiras que relegam às margens experiências de outras travestis que não são consideradas dignas e respeitadas, tal como Janaína. Tudo isso será abordado sem perder de vista a forma como esses discursos encerram a experiência de Janaína em lógicas de normalização assentadas na heteronormatividade.

No primeiro capítulo, *Travestis como sujeitos do sexo/gênero/desejo*, abordo questões referentes à constituição dos sujeitos travestis em alguns discursos, como o médico-científico, o das ciências sociais, dos estudos de gênero, dos estudos queer e dos movimentos sociais. A partir da análise de alguns elementos desses discursos, percebo aproximações e distanciamentos que podem ser estabelecidos com o sujeito foco da minha pesquisa, Janaína Dutra, e como esses discursos agiram na sua constituição.

Ao longo da minha pesquisa percebi que houve uma intensificação de discursos sobre Janaína após a sua morte. No segundo capítulo, *Morre um ícone, fica um exemplo*, parto dessas narrativas para compreender como vem sendo construída e reforçada a imagem pública de Janaína como ícone do movimento LGBT, a grande militante travesti advogada, o exemplo a ser seguido e exaltado. Trata-se de narrativas de homenagens, de saudosismo, de pioneirismo e de excepcionalidade referentes à Janaína, retratando grandes feitos e características que marcam uma “diferença” em relação às

---

<sup>21</sup> Contudo, apresentei o TCLE aos colaboradores da pesquisa, os quais foram acordados e assinados por todos.

demais travestis. Nesses discursos que se pretendem “positivos” é possível perceber como acontecem jogos de lembranças e esquecimentos, num processo de constante (re)construção da memória. Nesse processo, esses discursos elencam e edificam marcos na experiência de Janaína, ressaltando as instituições nas quais esteve envolvida, que encaro como “marcos institucionalizados”, principalmente o movimento LGBT (GRAB, ATRAC, ANTRA, ALGBT), o Estado (CNCD, Programa Brasil Sem Homofobia, Campanha Travesti e Respeito, Ministérios), Conselho profissional (OAB). Os produtores dessas falas são geralmente ativistas do movimento LGBT e outros conhecidos ou admiradores, já que seus familiares quase nada sabem sobre essas instâncias do ativismo de Janaína. Aos poucos, foi sendo construída a imagem de Janaína como representativa de um movimento social, mostrando outra possibilidade de ser travesti, mais enquadrada dentro de uma norma aceitável, politizada, cidadã, distante do circuito da abjeção. Inserindo-se nesses variados grupos, ela passou a ser um deles, a “estar dentro”, tal como propõem como modelo de ativismo e de sujeito que deve ser incluído. Os discursos assentados nesses marcos solidificam, controlam e produzem esse sujeito.

O terceiro capítulo, *Uma travesti em movimentos* está dentro das narrativas sobre Janaína como ícone do movimento LGBT. Nele exploro questões relacionadas especificamente ao ativismo e à trajetória dela na militância a partir de discursos de algumas militantes travestis e, na medida em que faço isso, reconstruo o contexto do movimento LGBT brasileiro no qual Janaína esteve inserida. Entendo que o movimento, com mais força do que as demais esferas, é que produz Janaína Dutra como um ícone. Nele, destaco como a imagem pública dela vem sendo construída no movimento nacional de travestis e transexuais, atenta para discursos que conferem positividade à sua formação em Direito como legitimadora de um modelo de militância e de vida a ser seguido.

No capítulo seguinte, *Narrativas sobre uma vida*, analiso materiais biográficos elaborados sobre a experiência de Janaína. Assim como Goldenberg (1996), que analisou algumas biografias de Leila Diniz, entre filmes e livros, para ajudar a entender como foi construída e consolidada a imagem pública dela, não vou me deter nos “equivocos ou verdades” sobre Janaína, mas nas significações construídas nessas narrativas, longe de intentar produzir mais uma biografia. Ao todo, encontrei dois documentários e um curta-metragem, que, de certa forma, corroboram e reproduzem os discursos que a constroem como um ícone, dotado de grande excepcionalidade: o curta-



metragem de Cavalcanti e Lopes (2008), *Mrs. Janaina, "Eu sou aquilo que seus olhos veem"*; o documentário produzido por Carvalho, Marques e Lourenço (2010), intitulado *Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza*, com uma abordagem centrada mais na trajetória militante de Janaína e o documentário biográfico de Almeida (2011), *Janaina Dutra: Uma dama de Ferro*, com produção do GRAB.

No quinto capítulo, *Entre capitães, santos e promessas*, falo sobre a família Dutra Sampaio, sobre Canindé e sobre a religiosidade tão presente na experiência de Janaína. Nele, apresento narrativas que se distanciam daquelas que constroem Janaína como uma figura pública, um ícone, uma importante ativista relacionada ao pioneirismo na advocacia, como travesti, ao abordar aspectos menos aparentes naqueles discursos. Falo sobre outras instituições que atravessaram Janaína, sobre a relação com outros marcadores sociais da diferença, em discursos que apontam o Jaime César, o filho/irmão caçula envolto de valores regionais e religiosos.

No sexto capítulo, *(Des)construindo Janaína Dutra?*, abordo elementos menos difundidos da experiência de vida dela, menos vinculados à imagem pública, mas que, de certa forma, corroboram com esta. As narrativas aqui abordadas, bem como as do capítulo anterior, revelam aspectos íntimos da experiência de Janaína relacionados à sua história familiar e à regionalidade que nos permitem entender como alguns elementos foram silenciados nos discursos mais públicos. É possível perceber, dessa maneira, como a constituição desse sujeito vai se multiplicando, se complexificando a partir de narrativas e referentes diversos. Os aspectos mostrados aqui não se opõem, nem cronologicamente, tampouco possuem a intenção de mostrar outras facetas, mas de complementar a compreensão da experiência de vida de Janaína. Nele, abordarei aspectos relacionados à infância de Janaína, à formação educacional, profissional, ao processo de travestilidade, às outras atividades realizadas por Janaína além do ativismo, como a arte de colagens e a escrita de poesias. Falarei ainda sobre espiritualidade, sobre relacionamentos amorosos e sobre o processo de adoecimento e morte.

## **Ao encontro de Janaína Dutra: notas sobre o campo**

Parti, então, em busca de Janaína. Quando comecei esse percurso, já havia se passado mais de sete anos da sua morte e eu não fazia ideia do que iria encontrar. Perguntava-me sobre a viabilidade operacional da pesquisa. Inicialmente, fiz uma busca na internet e me deparei com um verbete em uma enciclopédia online, algumas notícias

a respeito de um documentário biográfico e poucos trabalhos acadêmicos que a referenciavam. Já era um bom começo. Indo mais adiante, encontrei na página do diretor do referido documentário informações como nomes de familiares e locais em que ela frequentava (ALMEIDA, 2011). Alguns familiares dela moravam em Canindé, outros em Fortaleza, sua mãe estava com 92 anos de idade. Peguei o nome dela e fiz uma nova busca, quando descobri que ela tinha sido uma importante professora de Canindé. Quem escrevia sobre isso em um blog era um ex-aluno, que lhe prestava uma homenagem por ter sido uma “pilastra na educação da Terra de São Francisco”. Enviei-lhe uma mensagem explicando que estava fazendo uma pesquisa sobre um ente da família de sua professora e perguntei se ele podia intermediar o contato. Ele retornou com uma simpática resposta de inteira disposição para contribuir, “na condição de ex-aluno da excelente professora”. Animada, resolvi explicar melhor a pesquisa, dizendo que a tese era sobre Janaína Dutra, ativista travesti, filha da sua professora. Foi quando a simpatia do conterrâneo de Janaína se esvaiu e ele, negando a feminilidade com que me referi a Janaína na mensagem anterior, disse-me que não mais podia me ajudar:

*Informo para a senhora que pouco ou quase nada sei sobre a vida do ilustre canindeense, Dr. Jaime Cesar Dutra Sampaio, jovem advogado, filho da minha dileta ex-professora Dargenira Dutra Sampaio. Além do mais, o ilustre causídico, por ser muito jovem, e eu já avanço para os 69 anos, não mantínhamos um contato mais aproximado, que me fosse possível conhecer suas atividades, inclusive no que se refere a sua opção sexual.*

Em nenhum momento mencionei que a pesquisa abordaria aspectos da “opção sexual” de Janaína. A relação feita pelo meu interlocutor deve ter sido resultado da menção que fiz ao “jovem advogado, filho” de sua ex-professora por Janaína, uma ativista travesti. Destaco ainda que ele sabia se tratar da mesma pessoa sem eu ter falado. Esse episódio me mostrou que Janaína era uma pessoa conhecida na cidade, mas que os conterrâneos possuíam resistência em reconhecê-la pelo nome que adotara posteriormente, bem como em falar sobre isso.

Silvana Nascimento (2011) chamou atenção para essa questão ao focar na trajetória de Fernanda Benvenutty, travesti ativista da Paraíba e que foi candidata a vereadora e deputada estadual. No seu relato etnográfico sobre uma viagem de campanha eleitoral à Remígio (PB), cidade natal de Fernanda, a pesquisadora percebeu que a família, amigos e vizinhos a reconheciam como Eliziário, seu nome de registro oficial, fato com o qual Fernanda parecia não se incomodar. Nascimento relatou uma passagem na qual o pai de Fernanda apostava na ideia de que se “o filho” usasse o nome

masculino na campanha teria mais chances de vitória nas eleições, recebendo votos de pessoas conhecidas da família. Com essa narrativa, percebo que os próprios familiares vão buscando formas de lidar com aquela situação de mudança das expectativas que criaram para os filhos baseados no que entendem como próprios do sexo masculino, ora apostando na identidade que escolheram, ora reconhecendo, com ressalvas, aquela experiência que foi construída pelo/a filho/a.

Aprendendo a “manipular as identidades” de Janaína para fins da pesquisa, com o intuito de entrar em contato com Dargenira, passei a me referir a Janaína como Jaime e enviei outro e-mail perguntando se ele podia intermediar uma conversa com “a mãe de Jaime”. Não podia perder o contato com a única pessoa que conhecia em comum com os familiares de Janaína. Foi quando obtive uma resposta irritada de que nada sabia sobre o “inditoso Dr. Jaime Cesar Dutra Sampaio”, se recusando enfaticamente a intermediar um encontro com quem quer que fosse, principalmente com Dargenira “*em respeito a sua avançada idade, bem como julgar seja um assunto da intimidade da família, que me parece seja a senhora da mesma família. Indico-lhe, respeitosamente, procurar seus familiares antes de procurar a ilustre anciã para tratar sobre o assunto*”.

Acredito importante reproduzir essas mensagens porque expressam valores presentes em Canindé e funcionaram como prenúncio do que eu encontraria pela frente. Guardada a riqueza das informações, tive que buscar outras estratégias para entrar em contato com a família. A partir desse episódio, tomei algumas decisões metodológicas, entre elas a de saber qual nome usar ao me referir a Janaína com as pessoas durante o trabalho de campo. Decidi que deveria ter cautela antes de começar um diálogo até perceber como a pessoa iria se referir a ela. Isso fez toda a diferença no desenrolar da pesquisa e das estratégias para fazer com que as pessoas falassem. De nada adiantaria eu perguntar sobre Janaína a alguém que a tratava por Jaime, ou o contrário. Pessoalmente, me refiro sempre a Janaína com pronomes e flexões femininos, levando em consideração a forma com que ela reivindicou essa identidade e a maneira como ela se apresentou a mim quando nos conhecemos. No entanto, mantenho o nome Jaime com flexões no masculino quando aparecem nos relatos de outras pessoas, sem considerar que adoto uma atitude politicamente desrespeitosa e desconsiderando a autodeterminação de gênero. É um posicionamento estritamente metodológico adotado durante as conversas e que permanece em algumas passagens da escrita, de forma a manter fiel os discursos dos sujeitos envolvidos.

Por vezes, já imersa na lógica familiar, dos amigos de infância e de conterrâneos de Canindé, eu me confundia nessa duplicidade reducionista de gênero masculino/feminino e usava, mesmo quando em outros contextos, o nome Jaime. Aproximar-me de Jaime, mergulhar na lógica daqueles discursos e depois me distanciar foi um exercício complicado. Manipular “o Jaime” e “a Janaína” para os outros e para mim significou imergir no que Cardozo (2005) chama de “operacionalização de uma duplicidade de gênero das travestis”. Ao pesquisar travestis em Florianópolis (SC), Cardozo percebeu, sobre terminologias de parentesco e atribuições que cabem a elas na economia familiar, que a “ambiguidade de gênero” (SILVA, 1993) relacionada à imagem das travestis se transpõe para o plano das relações que estabelecem socialmente ao longo dos seus processos de construção:

Há, pois, uma lógica que permite a algumas pessoas chamar as travestis pelo nome masculino, ao passo que retira de outras esta possibilidade de tratamento, na medida em que a mesma passa a ser considerada uma forma de violência simbólica, pela violação ao direito de reconhecimento da feminilidade. A possibilidade conferida aos parentes de referenciar-se às travestis no masculino ou no feminino, entretanto, não é fixa, o que se evidencia, sobretudo, nos casos em que alguém da família – a quem é permitida a nomenclatura masculina – passa a referir-se às travestis no feminino em locais públicos, como na praia ou na danceteria, por uma negociação implícita ou explícita (CARDOZO, 2005, p. 242).

Nesse sentido, o gênero é entendido não como algo que “alguém é”, mas como normas que constroem aquilo que se entende por pertencer ou ser de determinado gênero (BUTLER, 2003). Compondo as normas de gênero, a posição que ocupa uma travesti na estrutura familiar também corrobora para a *performatividade* do gênero. Ser “filho”, “irmão”, “tio”, “pai” são *performatividades* realizadas pelos sujeitos nas dinâmicas da família. Para mim, ou para qualquer outra pessoa que conheceu Janaína depois dos processos de travestilidade, seria uma violência não se referir a ela pelo nome que adotou. Já para familiares e pessoas relacionadas a esse contexto é possível fazer essa referência no masculino sem abalo na construção da subjetividade travesti.

Volto às estratégias de aproximação com a família de Janaína. Descobri que a irmã de Janaína, Celina, continuava morando na mesma casa que dividiu com ela e com os dois filhos, hoje casados. Eles continuam seguindo a dinâmica da família extensa tão comum em algumas partes do país, morando com suas/seus cônjuges e filhas/os na mesma casa, que passou por algumas reformas de ampliação. Quando fui a Fortaleza pela primeira vez não sabia exatamente como faria para entrar em contato com eles, pois só sabia o nome da rua em que moravam. Fiquei hospedada na casa de uma amiga que é Oficial de Justiça e que, para me ajudar, disse ter experiência na arte de encontrar

peessoas. Para tanto, ela ligou para um telefone público da rua e perguntou se conheciam a Celina Dutra. O senhor, do outro lado da linha, disse que não se recordava e pediu uma referência qualquer. Então ela disse que ela é irmã de Janaína Dutra ou Jaime César, que foi um advogado e militante do movimento homossexual, quando obteve a resposta de imediato: *“Lembro-me dele sim, um viado do cabelo comprido que morava aqui na rua, mas ele já morreu. Se a senhora quiser, posso ir lá a casa dele”* (anotações do Diário de Campo, 25/01/2012). Fica evidente a marcação de gênero nessa lembrança e a força que possui um rompimento com a heteronorma. Mesmo passado tantos anos, o vizinho ainda se lembrava de Janaína como “o viado de cabelo comprido”, mas esquecera da irmã que ainda circulava diariamente por ali. Celina é o “gênero sem marcação”, uma pessoa “comum”. Assim, obtive o número de celular de Celina, que foi fornecido por alguém que estava em casa. No dia seguinte, liguei para ela que, emocionada, se disponibilizou a conversar comigo naquela mesma noite. Ela me esperou com sua filha. Quando já havíamos começado a conversa, seu outro filho chegou, estabelecendo-se uma conversa a quatro. Todos se emocionaram em vários momentos, expressando também silêncios provocados pelas lembranças do “Jaimim” ou do “tio Jaime”. Entre conversas, cafés e bolos, apareceram fotos, colagens, cartas, bilhetinhos, poesias, certificados de eventos, recortes de jornais, todos guardados em pastas ou caixas de sapato. Antes da minha despedida, Celina ligou para sua mãe e avisou que eu iria para Canindé. Segui com convites para voltar e me hospedar em sua casa como forma de retribuição por ter lembrado do seu ente querido.

No dia seguinte, parti de ônibus para Canindé. Foram cento e dez quilômetros percorridos em uma hora e meia de viagem. Dargenira me esperava com uma das filhas, uma nora e Carola, uma espécie de filha adotiva que morava com ela. Receberam-me com a mesa de café da manhã posta e muita alegria. Dargenira parecia ansiosa e entusiasmada com as histórias que passou a narrar sobre a família, principalmente sobre o marido já falecido e Janaína, segundo dizia, Jaime César, seu filho favorito. No meio da conversa, ela se levantou para me mostrar um mural de fotos da família que expunha na sala. As lembranças dela eram sólidas, fornecendo detalhes de datas e situações em que aquelas dezenas de fotos foram tiradas. Narrou a primeira comunhão do “Jaiminho” e as festas da família. Na estante central da sala figurava um portaretrato com a foto de Janaína. Depois ela me mostrou colagens feitas por Janaína, uma delas fixada na parede do corredor central da casa (imagem do mural de fotos e da colagem no ANEXO 3).

Depois de algumas horas de conversa, Dargenira pediu que Carola me acompanhasse à casa de Manoelzinho<sup>22</sup>, o melhor amigo de Jaime. Infelizmente não consegui falar com ele. Sua casa estava fechada e achei melhor deixar a conversa para a próxima visita a Canindé, sem imaginar que em poucos meses Manoelzinho morreria.

Como combinado, voltei para o almoço oferecido por Dargenira. A casa estava mais cheia, eram netos, bisnetos e seu filho mais velho. Outros familiares já tinham comentado que existiram tensões entre este e Janaína por causa da sua travestilidade. Evitei então comentar sobre a pesquisa com ele, mas Dargenira falou do que se tratava. Ele se restringiu a me desejar sucesso e logo se retirou. Angélica, uma das irmãs, passou a falar sobre a morte de Janaína, fato que transcorreu até a minha partida. Antes de sair, Dargenira abraçou-me fortemente, beijou-me e agradeceu emocionada: “Eu lhe amo pelo que você tá fazendo pelo meu filho” (Diário de campo, 27/01/2012).

Retornando a Fortaleza fui à UNIFOR. Não foi possível ter acesso à monografia de Janaína, no arquivo da biblioteca só constavam trabalhos a partir do ano de 2000. Segunda a secretária do curso de Direito, os trabalhos anteriores foram incinerados. Além do mais, fui informada de que antes de 1998 a universidade não exigia a produção de trabalho monográfico. Tentei o contato de alguns professores de Janaína, mas teria que entrar com um pedido junto ao Conselho de Ética da Universidade, que estava de recesso. Por coincidência, um colega de trabalho da amiga que estava me hospedando em Fortaleza era contemporâneo a Janaína no curso de Direito e disse que se lembrava dela pelos corredores, antes dela passar a ser muito conhecida na cidade. Ele se referiu a ela como um “viado” que tinha o cabelo grande e que todos na faculdade a chamavam de “Jaime César”, mas que alguns a chamavam por “outros nomes”. No entanto, ele disse que não podia dar muitas informações, que apenas a conhecia por causa das chacotas que os amigos faziam com *ele* (sempre no masculino).

Fui ainda ao *Centro de Referência Janaína Dutra*. Lá, me indicaram que eu falasse antes com o GRAB, que deteria os direitos autorais sobre o uso da imagem de Janaína, o que os desautorizavam a falar sobre ela, sem demonstrar nenhum respeito

---

<sup>22</sup> Manoelzinho, como era conhecido Manoel Messias Freitas, foi um cantor, compositor, poeta, artista plástico e professor de Canindé. Como compositor, criou o hino da cidade. A partir do seu envolvimento em atividades da paróquia, compôs o hino dos romeiros, o hino da estátua de São Francisco e várias canções religiosas. Ele trabalhava ainda na restauração de painéis religiosos e pintava muitos quadros e murais de São Francisco, espalhados por toda a cidade em hotéis, em estabelecimentos comerciais e na Casa de Milagres. É notório a admiração e o reconhecimento do trabalho de Manoelzinho em Canindé.

pela liberdade de pesquisa<sup>23</sup>. Resumiram-se em dizer que Janaína era o ícone do movimento LGBT do Ceará. Na sede do GRAB não consegui falar com a diretoria. Lá percebi que existe grande centralidade na figura de Janaína, com um banner exposto contendo sua imagem, propagandas do documentário biográfico e um auditório com seu nome. Por meio de um e-mail, entrei em contato com um dos diretores, que não estava na cidade. Até o final da pesquisa não obtive nenhum depoimento de membros atuais do grupo. Como aqueles com que entrei em contato me indicaram assistir o documentário produzido (ALMEIDA, 2011), tomo o material fílmico como o discurso do grupo.

A segunda viagem ao Ceará aconteceu um mês depois. Era carnaval e eu aproveitava para digitalizar fotos de Janaína, fotocopiar certificados, recortes de jornais e registrar os demais materiais que me foram emprestados pela irmã. Foram três dias de trabalho intenso. A viagem me rendeu ainda conversas com a sobrinha de Janaína e sua permissão para que eu fotografasse a porta de colagens do quarto de Janaína, que estava embalada para ser enviada à São Paulo para a outra irmã de Janaína. Enquanto a sobrinha fazia um café falava sobre alguns assuntos que pareciam ser tabu na família, parecendo falar mais livremente devido a ausência de demais familiares. Foi quando ela comentou sobre o estado sorológico de Janaína, primeira vez que alguém da família falou sobre essa questão. Esse foi um assunto envolvido por muito silêncio, inclusive pelo movimento LGBT e demais meios, questão que abordo no último capítulo.

O material que tive acesso nessa viagem estava guardado em caixas de papel, sacos plásticos e em uma pasta de tipo catálogo. Janaína guardara tudo cuidadosamente, recadinhos, lembretes de compras na mercearia da esquina, reservas em hotéis. Talvez como concepção da existência como um ato político, cultivou o hábito de registrar tudo que acontecia. O cuidado em colecionar as sutilezas do dia a dia e de registrar o trabalho desenvolvido era feito com muito esmero, com referências das matérias de jornal, ofícios dos eventos que realizava, notas fiscais dos produtos e documentos de processos nos quais atuou. Isso facilitou muito o meu trabalho de pesquisa, me poupando inclusive de ir aos arquivos de jornais. A esses materiais uso a expressão “inscrições objetivadas”, de Kofes (2001), para os indícios de uma existência, não de forma a opor a objetividade da “inscrição” à subjetividade dos relatos, mas “chamar atenção para as primeiras como marcas que preservam mais tempo, o qual, na oralidade, é mais disperso, inclusive pelas

---

<sup>23</sup> Aqui não desconsidero a fronteira tênue entre liberdade de pesquisa e questões éticas com relação aos sujeitos pesquisados, muito menos questões de direitos autorais. Em nenhum momento de contato com os familiares de Janaína me foi alertado que algum grupo detinha os direitos sobre a imagem dela.

temporalidades distintas dos próprios sujeitos que contam” (KOFES, 2001, p. 21). É no encontro das “inscrições objetivadas” e das “narrativas orais”, que ora competem, ora coincidem, que vai se delineando os traços da experiência de Janaína mais como um esboço de uma trajetória do que como uma biografia bem delineada (Imagens de “inscrições objetivadas” de Janaína constam no ANEXO 4).

A terceira viagem ao Ceará foi em julho de 2012, quando fui novamente à casa da irmã de Janaína e visitei sua irmã mais velha, que me mostrou a parte dos bens de Janaína que ficaram com ela, especialmente livros mais ligados ao tema da espiritualidade. Fui ao encontro de Renata Sampaio, a “filha de Janaína”, que mora com o *marido*<sup>24</sup> em uma área de invasão<sup>25</sup>, onde funciona também seu salão de beleza. Enquanto conversávamos, seu *marido* ficou ao lado intervindo em alguns momentos e falando da importância que Janaína tinha para Renata. Renata chorou em vários momentos e deu um relato cheio de saudade, afeto e admiração. No dia seguinte, conversei com um ex-namorado de Janaína em um shopping, que pediu para não ser mencionado. No Centro de Referência LGBT Janaína Dutra conversei com um antigo presidente do GRAB, que trabalhou durante anos com Janaína. Depois de tentativas, sem sucesso, para encontrar duas pessoas que foram muito próximas de Janaína, resolvi viajar para Canindé. Lá conversei com as irmãs gêmeas de Janaína, além de ter outra conversa agradável com Dargenira. As falas das irmãs parecem indissociáveis no registro do gravador. Tornando essa entrevista a mais difícil de transcrever.

A quarta e última viagem ao Ceará foi em janeiro de 2013, quando Dargenira tinha acabado de falecer. Para a pesquisa foi importante a participação nesse momento porque os familiares estavam mais dispostos a falar sobre as emoções e os laços familiares. Por outro lado, pairava um sentimento de profunda tristeza. Em Canindé, participei da missa celebrada em função da data de um mês da morte, na Basílica da cidade. Foi estranho chegar à cidade e não ser recebida por aquela senhora tão atenciosa que tanto se orgulhava do “filho”, falando com muito amor sobre maternidade e aceitação das diferenças. Durante a estadia, mergulhei na atmosfera da cidade, era acordada às cinco da manhã pelo sino da igreja, que tocava a cada duas horas anunciando a próxima missa, acompanhei a chegada dos romeiros em grandes

---

<sup>24</sup> Categoria êmica empregada para caracterizar aquele com quem a travesti estabelece laços conjugais, com quem divide a mesma casa ou com quem mantém outros relacionamentos de cunho amoroso. Elas empregam ainda outras categorias, como: *bofe*, *vício*, *ocó* e *macho*, usadas para nomear os parceiros dependendo do nível de envolvimento amoroso, se a relação é intermediada por dinheiro, se é baseada em sexo casual, etc.

<sup>25</sup> Área de ocupação irregular urbana caracterizada pela falta de infraestrutura e planejamento oficial.



excussões, muitos deles usando vestes de São Francisco (espécie de bata marrom), a maioria mulheres e crianças, que se hospedam entre as dezenas de pousadas e hotéis que ficam por ali ou em casas de moradores, que alugam quartos ou deixam suas casas. Andei pela área de comércio religioso, visitei igrejas, a estátua de São Francisco, fui à biblioteca da cidade, onde encontrei livros sobre a família Sampaio e fui atendida por funcionários simpáticos que me falavam com orgulho da tradição de pesquisa sobre religião na cidade, repetindo que já tinham recebido até os filósofos franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Pude sentir um pouco como é pertencer àquele lugar. Ao me hospedar na rua onde Janaína nasceu, viveu a infância e parte da adolescência, ao visitar as escolas onde estudou, os lugares que frequentava, tentei me transportar para as dores e delícias que ela deve ter experimentado, entre santos, devotos e rezas, sendo ao mesmo tempo tão diferente e tão igual àquelas pessoas que compartilham o mesmo meio de socialização. Conversei também com amigos de infância, ex-vizinhos, conhecidos da família, ex-colegas de escola, pessoas que a conheciam “de vista”, “de nome” ou “de fama” o “filho” da professora Dargenira. Foram almoços e lanches preparados pelas irmãs de Janaína, que com muito orgulho diziam aos conhecidos que eu estava fazendo meu trabalho da universidade sobre o Jaime e me levavam pra conhecer a cidade. Em outros momentos, elas me apresentavam como alguém que estava pesquisando sobre a cidade, para só depois falar que também pesquisava sobre “os projetos do irmão”. Acredito que isso acontecia porque elas não tinham o hábito de falar sobre Janaína aos conterrâneos, como uma forma de defesa pelos comentários que causava na cidade devido à travestilidade e todas as associações feitas a isso.

Conversando com alguns moradores da cidade, conheci Fernando Amorim, pequeno empresário, o único ali que se referiu a Janaína ao invés de Jaime. Eles foram colegas de escola, quando Janaína “não era ainda depravada”, era “discreta”, usava “roupas de homem”. Ele recordou que ela era muito gentil e inteligente, mas que não podia falar muito porque “não gosta de ofender ninguém”. Lembrou-se do velório “que foi muito disputado” e cheio de gente importante. Ele disse ainda que só soube que Jaime era também Janaína no dia do velório, quando ouviu em uma transmissão de rádio o comunicado sobre o falecimento.

Muitas pessoas em Canindé me perguntavam se eu realizava a pesquisa sobre Janaína porque ela tinha sido realmente importante, pedindo para que eu os informasse sobre “seus feitos”, como se minha pesquisa atestasse uma importância. Mesmo as pessoas que nada tinham a me falar sobre Janaína me falaram muito por meio dessa

ausência de fatos para narrar: eles a conheciam apenas pelo fato de ser “um homossexual”. Outra questão que merece ser ressaltada é que a palavra “travesti” não foi mencionada uma única vez em Canindé, tampouco houve menção ao nome Janaína, com exceção de Fernando. A maioria utilizava expressões como “baitola”, “viado”, “afeminado”, “marica”, “bicha” e aqueles que queriam demonstrar mais respeito, usavam a palavra “homossexual” ou a expressão “ele era diferente”, “ele era assim...”.

Muitos contribuíram para a pesquisa, desde o funcionário da biblioteca que saiu de casa em casa perguntando quem tinha um livro sobre a família Sampaio até a diretora da biblioteca, também da família Sampaio, que queria saber se eu era da mesma família por causa do meu sobrenome. Ela me disse que era prima de Jaime, que o conhecia bem, mas se resumiu a dizer que ele era homossexual, advogado, que fez sua história em Fortaleza e que “infelizmente pegou aquela doença que o levou”.

Em Canindé conversei ainda com um vereador e escritor fascinado pela história de Canindé e seus personagens célebres. Ele me passou materiais em arquivo digital, falou sobre a família da professora Dargenira e ressaltou que o fato mais marcante na história de Janaína é que “ele não tinha vergonha de se assumir, de assumir a homossexualidade” (Diário de campo, 23/01/2013). Ele disse que Janaína não ia muito a Canindé, que a encontrava no Hospital São José, em Fortaleza, que achava que ela realizava algum trabalho lá, sem saber especificar qual. A amiga de Janaína, Vera, foi quem me levou até a casa do vereador e também para uma rádio FM da cidade. Aliás, esse foi o episódio mais cômico e comprometedor vivido durante a pesquisa. Vera me disse que o apresentador do programa tinha sido colega de escola de Janaína e que ele havia concordado em me receber. Chegando ao seu local de trabalho, ele me aguardava para que eu entrasse ao ar a procura de pessoas que pudessem falar sobre Janaína. Percebendo a tempo a “armadilha” que havia se formado, pude explicar que gostaria apenas de uma conversa reservada e não de transformar a pesquisa em um acontecimento midiático. Na ocasião, todos que estavam na sala falaram um pouco sobre Janaína, alguns contemporâneos na escola, outros a conheceram “por ali mesmo”.

Voltando a Fortaleza, conversei com Mirtes no Hospital São José, com Thina Rodrigues e Jack de Carvalho, que produziu um vídeo no qual fala sobre Janaína, ambos na Coordenadoria da Diversidade Sexual de Fortaleza e com Daniel Ferreira, um pesquisador que me cedeu uma entrevista gravada com Janaína. Infelizmente ele me deu a fita trocada por engano e eu acabei sem a entrevista na íntegra. Fui ao cartório, consegui cópias de atas e dos estatutos de fundação dos grupos dos quais fez parte. Fui à

Praça do Ferreira, no centro da cidade, lugar de paquera gay na década de 1980 que, segundo relatos, Janaína gostava de frequentar. Fui ao Edifício Lobras, onde Janaína alugava a sala para seu escritório de advocacia. Por fim, fui até o município vizinho, Caucaia, conversar com a ativista Paula Costa, que me recebeu em sua casa, também um salão de beleza e sede do Grupo de Resistência Flor de Mandacaru, o qual preside.

Em São Paulo conversei com a irmã de Janaína que lá reside, em março de 2012. Ela me convidou para um almoço nordestino na sua casa, localizada na zona Leste da cidade e também me agradeceu por estar fazendo um trabalho sobre a irmã, seu maior orgulho, usando o nome no feminino, diferente dos demais familiares. Entretanto, durante a conversa se referiu a Jaime César. Seu filho, que também se chama Jayme (com “y”), foi me buscar no hotel. Os dois participaram igualmente da conversa, que durou uma tarde inteira, também como forma de conversarem sobre um assunto que pareceu não ser muito mencionado. Jayme usava o momento para fazer perguntas para a mãe e ela para relembrar momentos, olhar fotos, objetos e se emocionar. Dos bens simbólicos de Janaína, Erlania guardava uma caixinha de papel customizada por Janaína, potes dos remédios usados no tratamento ao hiv, também customizados por ela, anéis, pulseiras, cartões postais, cartas, CDs, reportagens em jornais e revistas. Em determinado momento da conversa, Erlania disse que Janaína estava perto e fez um momento de silêncio, como se orasse. Essa, como outras conversas durante a pesquisa, revela o que Halbwachs (2006), no estudo clássico sobre os contextos sociais da memória, diz sobre as lembranças pessoais que possuem como base fundamentalmente a lembrança dos outros. Pontua o autor que é comum atribuímos a nós a origem de ideias, reflexões, sentimentos e emoções que foram inspiradas pelos grupos. No entanto, somos apenas um eco de ideias já elaboradas pelo contexto. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). É assim que algumas lembranças só aparecem porque os outros nos fazem recordar, confirmam o que falamos e recordam junto conosco. Além das pessoas, afirma o autor, recorremos a fatos marcantes para retomar as situações, bem como a imagens que muitas vezes são impostas pelo meio em que vivemos e que modificam a impressão que guardamos dos fatos ou das pessoas.

Nessa mesma viagem, indicada por Keila Simpson, conversei com Janaína Lima, travesti militante que apesar de não ter conhecido pessoalmente Janaína, contribuiu

muito para a discussão a respeito da atuação de Janaína no movimento nacional de travestis e sobre as representações construídas nesse espaço.

Em outubro de 2012, aconteceu o 9º Encontro Regional Nordeste de Travestis e Transexuais, em Teresina (PI), quando conversei com as ativistas Keila Simpson, Jovanna Baby e Jacqueline Brasil, que me forneceram densos relatos. A última entrevista realizada foi com Álvaro Bezerra, um grande amigo de Janaína. Tentara por incontáveis vezes estabelecer esse contato, que me tinha sido indicado por familiares e outros amigos. Quando já tinha finalizado a pesquisa de campo, ele me confirmou disponibilidade para a conversa. Morava em Brasília e, por coincidência, eu tinha uma viagem marcada para lá. Nós nos encontramos em um shopping da cidade e ele me convidou para ir à sua casa (a relação de pessoas que entrevistei formalmente aparece no ANEXO 5). Com algumas dessas pessoas foram realizadas mais de uma conversa. Algumas entrevistas foram mais informais, sem o uso do gravador, de forma confidencial baseadas na confiança, quando fiz anotações em diário de campo.

Para as conversas, elaborei um roteiro que faziam relação com as minhas preocupações referentes ao objeto da tese. Realizei entrevistas semiestruturadas com itens diferentes para cada grupo (dividi em familiares, amigos, ativistas) de pessoas de forma a não controlar os relatos, pois desejava que elas falassem livremente suas impressões e lembranças. Muitas vezes abandonei o roteiro e me deixei levar pelas narrações. Antes de entrar nos itens mais específicos sobre Janaína, pedia para que a pessoa falasse um pouco sobre si e sobre a relação que matinha com ela. Com as/os ativistas as conversas circulavam entre os temas: militância, percepção sobre o movimento antes e depois de Janaína, pioneirismo, amizades, advocacia, concepção de Janaína como um ícone, processo de adoecimento e morte. Com os familiares e amigos elenquei os seguintes temas: infância, escola, lembranças boas e ruins, adolescência, conflitos familiares, mudança de Canindé para Fortaleza, amizades, escolha do curso de Direito, advocacia, cotidiano, sociabilidade, transformações corporais, ativismo, namoros, religiosidade, processo de adoecimento, morte.

No tratamento que fez dos relatos das pessoas em seus trabalhos, Pollak (1992) classifica três tipos de estilos usados pelas pessoas quando falam sobre si: o estilo cronológico, o temático e o factual. Apesar da divisão esquemática para fins de análise, todo relato mistura esses três estilos, afirma. O *estilo cronológico* é aquele relacionado à característica de um grau mínimo de escolarização, quando as pessoas pensam em si em termos de duração, de continuidade e situam-se em marcos de início e fim. Os relatos

que seguiam uma cronologia apareciam também relacionados à presença de uma socialização política. Quando alguém não dava muita atenção à cronologia, falando sobre suas sensações aos experimentar os acontecimentos encadeando-os em um relato ordenado e distante de cronologias, a partir de um grau elevadíssimo de escolarização, correspondia *ao estilo temático*. Já o *estilo factual* era aquele em que as pessoas tinham grau educacional baixíssimo, pouca experiência profissional e política, seguindo um estilo de narrativa menos enquadrado, menos estruturado, correspondendo a um relato completamente desordenado, no qual pulavam de um fato a outro, misturando temas sem relação aparente.

É possível estender essas observações de Pollak às conversas que estabeleci entre os colaboradores da pesquisa. É interessante perceber como as pessoas vão encadeando suas narrativas, como, ao falarem sobre Janaína, elas falavam muito sobre si. Em meio a tantos cafés, fatos e fotos, elas organizavam sua própria vida, puxando acontecimentos marcantes da sua experiência pessoal para situar as lembranças sobre Janaína. Esses fatos, como âncoras da memória, variavam do nascimento de um filho, de uma separação amorosa ou morte de alguém. Por meio desses relatos percebi também que o “falar” e o “calar-se” sobre Janaína era envolvido por estratégias de silenciamentos e seleções de lembranças.

Com relação à família de Janaína, as gerações mais jovens se inseriam nas conversas com muita curiosidade, como se tivessem que aproveitar o momento inédito para tirar dúvidas e reelaborar a memória de Janaína na família. Os conterrâneos queriam saber o que tinha acontecido com Janaína depois da saída de Canindé. Os militantes queriam condicionar, a partir do ponto de vista das associações, o que podia ou não ser falado, apresentando diferentes narrativas e construções de Janaína.

## CAPÍTULO 1: Travestis como sujeitos do sexo/gênero/desejo



*O sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar (Michael Foucault, 2010, p. 329).*

*As travestis não querem ser homem nem mulher, não precisam. Pelo menos as travestis que conhecemos reivindicam a identidade travesti, nenhuma quer ser mulher, todas dizem “sou travesti” (Keila Simpson, ativista).*

Longe de encarar o sujeito travesti como uma evidência estável e permanente, problematizo seu caráter identitário e socialmente construído. O gênero, como diz Butler (2003), não é inscrito no corpo, mas organizado por um aparato cultural que intervém, repetidamente, ilusões de substância sob a superfície dele.

A problemática do trabalho guarda relação direta com as análises de Foucault sobre a centralidade da noção de sexo na constituição dos sujeitos a partir da modernidade ocidental. Nesse sentido, abordo a perspectiva do autor sobre a construção dos sujeitos e como eles passaram a se reconhecer e serem reconhecidos como “sujeitos da sexualidade”. Aproprio-me da crítica foucaultiana em relação à constituição do sujeito quando ele diz que o poder cria os sujeitos que vêm representar. Essa crítica também está presente na obra de Butler, na qual o indivíduo torna-se sujeito depois de passar pelo processo de subjetivação, ou seja, quando é “sujeitado” por meio de formações discursivas, sendo apropriado pela política de forma representacional.

Para compreender aspectos da construção dos sujeitos travestis e melhor situar a experiência de Janaína Dutra, recorro ao trabalho de Jorge Leite Junior (2011), no qual investiga a invenção das categorias *travesti* e *transsexual* no discurso científico; revisito pesquisas nas Ciências Sociais sobre experiências de travestis no Brasil<sup>26</sup> e busco significados construídos em discursos do movimento de travestis e transexuais, de forma a seguir a linha de Butler sobre a problematização do sujeito “mulher” como necessário ao movimento feminista na promoção de visibilidade política e conquista de emancipação. A filósofa questiona a pressuposição da teoria feminista de que existe uma identidade compreendida pela categoria “mulher”, deflagrando interesses e objetivos: “*a crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se emancipação*” (BUTLER, 2003, p. 19). Ou seja, a tarefa não é recusar a política representacional, mas gerar uma crítica às categorias de identidade naturalizadas e imobilizadas.

Assim como Butler, que busca “saber se a política feminista poderia funcionar sem um ‘sujeito’ na categoria de mulheres” (BUTLER, 2003, p. 205), interrogo, observando as particularidades, se a política travesti poderia funcionar sem um “sujeito” na categoria de travestis. Estendo as minhas reflexões sobre a categoria “travesti” de

---

<sup>26</sup> A respeito de trabalhos sobre travestilidade, consultar: dentre as quais: Silva (1993, 1996), Neuza de Oliveira (1994), Albuquerque e Jannelli (1995), Florentino e Silva (1996), Oliveira (1997), Jayme (1998), Lopes (2001), Maluf (2002), Trevisan (2002), Sampaio (2006, 2009), Kulick (2008), Peres (2005), Vale (2005), Pelúcio (2005a, 2005b, 2007, 2009), Benedetti (2005) e Duque (2011).

forma a problematizar a constituição do sujeito, sem requerer identificação com o sistema normativo de gênero, com binarismos, essencialismo e fixidez inerente. As identidades representativas desses movimentos que se pretendem de libertação são estabelecidas em relação a um ideal normativo, repleto de continuidades, compostas por práticas regulatórias que sustentam/são sustentadas pela divisão entre sexo e gênero e que pressupõem os sujeitos com coerência interna. Por causa dessa influência da obra de Butler, o título deste capítulo parafraseia seu trabalho (2003), em especial o capítulo *Sujeitos do sexo/gênero/desejo*.

Ao fim do capítulo, discorro sobre estudos queer de forma a relacionar seus preceitos teórico-metodológicos ao meu objeto de tese. De antemão, apresento o conceito de gênero que adoto no presente trabalho em acordo com a perspectiva butleriana que entende o gênero como um sistema de regras, de convenções, de normas sociais e de práticas institucionais que produzem *performativamente* os sujeitos que pretendem descrever. Longe de ser uma essência ou uma verdade psicológica, é uma prática discursiva e corporal pela qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político. Desta maneira, o gênero não é algo que alguém é ou tem, mas um conjunto de atos que são repetidos no interior de uma matriz heteronormativa.

## **O sujeito, o sujeito da sexualidade e o sujeito travesti**

A noção de sujeito em Foucault é tema que perpassa toda a sua obra. Com a complexidade que a discussão traz, é possível afirmar que a constituição do sujeito, para o autor, dá-se através do *dispositivo da sexualidade*, entre outras vias. É sobre essa perspectiva que delimito o tema na presente abordagem. Para Foucault, o sujeito é, antes de tudo, uma construção, fruto de práticas sociais e de discursos que fabricam determinadas verdades. No Ocidente, essa construção ocorreu no contexto histórico da modernidade. No segundo volume da sua *História da Sexualidade*, o *ser* aparece não como algo dado, mas como algo que se constitui historicamente como experiência, devendo ser pensado através do que chama de *jogos de verdade*. Nesse sentido, ele lança a pergunta: “Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo?” (FOUCAULT, 1984b, p. 12).

Antes de tudo, é necessário problematizar as concepções opostas de “verdadeiro” e de “falso” para então interrogar-se sobre o que permite o sujeito ter



acesso a essa verdade construída por meio de conhecimentos específicos. Os *jogos de verdade* referem-se a um conjunto articulado de regras de produção da verdade (FOUCAULT, 2010). A discussão sobre o sujeito é, portanto, uma problematização acerca dos procedimentos pelos quais a verdade é instaurada e destronada pelos sujeitos por meio de suas práticas ao longo da história.

Sendo o sujeito uma construção social, produzido na sua história e pela história que o permeia, uma forma de ter acesso a ele é através do que Foucault denominou de *história da verdade*. Não por acaso, em *A hermenêutica do sujeito*, curso ministrado no Collège de France no início da década de 1980, a questão abordada foi: “em que forma de história foram tramadas, no Ocidente, as relações, que não estão suscitadas pela prática ou pela análise histórica habitual, entre estes dois elementos, o ‘sujeito’ e a ‘verdade’?” (FOUCAULT, 2010, p. 4). Desta maneira, a preocupação é de como foi constituída historicamente a problemática do sujeito, a relação do sujeito consigo mesmo e sua relação com a verdade.

Para elucidar essa questão, Foucault recorre à complexa noção grega de “cuidado de si”, ou seja, das práticas de ocupar-se e preocupar-se consigo, dos procedimentos utilizados para fixação da identidade do sujeito em função de determinados fins, por meio de relações de domínio de si ou de conhecimento de si, desde Alcebiades, Platão, Sócrates, Santo Agostinho e outros pensadores dos primeiros séculos da nossa era, sem perder de vista o fio condutor da contemporaneidade.

Em entrevista no ano de 1981, publicada no Brasil em 2002, Foucault fala, ainda, sobre a constituição dos sujeitos:

Se remonto aos anos 1950, na época em que o estudante que eu era lia as obras de Lévi-Strauss e os primeiros textos de Lacan, parece-me que a novidade era a seguinte: nós descobríamos que a filosofia e as ciências humanas viviam sobre uma concepção muito tradicional do sujeito humano, e que não bastava dizer, ora com uns, que o sujeito era radicalmente livre e, ora com outros, que ele era determinado por condições sociais. Nós descobríamos que era preciso procurar libertar tudo o que se esconde por trás do uso aparentemente simples do pronome “eu”. O sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar (FOUCAULT, 2002, p. 329-330).

Dialogando com a tradição das ciências humanas, que oscila entre a autonomia do sujeito e sua determinação por condições sociais, Foucault encontra-se na esteira que problematiza a própria concepção de sujeito, afastando-a de polos reducionistas. No artigo *Dois ensaios sobre o sujeito e o poder* (1984a), ele afirma que o *sujeito* e não o *poder* é o tema geral das suas investigações, explicando que ao longo do seu trabalho produziu uma história dos modos de subjetivação dos seres humanos na nossa cultura e

de como eles se transformam em sujeitos, orientando suas pesquisas na direção do reconhecimento do sujeito como um “sujeito da sexualidade”. A questão do *poder* aparece com veemência na abordagem dos modos de subjetivação porque ele entende que o sujeito é apanhado nas relações de produção (estudado pelas teorias econômicas), nas relações de sentido (abordadas pela linguística e semiótica) e nas relações de poder de forma bastante complexa.

As formas de poder se exercem na classificação dos indivíduos em categorias, ligando-os a uma identidade construída, impondo-lhes uma lei de verdade que deve ser (re)conhecida. São essas formas de poder que transformam os indivíduos em sujeitos. Nesse sentido, “sujeito” possui dois significados: “sujeito submetido a outro pelo controle e pela dependência e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete” (FOUCAULT, 1984a, p. 290).

Sobre o poder, Foucault desenvolveu uma concepção peculiar. A primeira característica dessa concepção é que o poder não é algo que alguém tenha ou que emana de algum ponto específico e hierarquizado, de baixo para cima ou do Estado para os sujeitos. O poder circula e emaranha as pessoas em múltiplas e complexas relações. A outra é que onde há poder, há resistência. Nunca estamos “fora” de relações de poder. Além disso, o poder é disciplinar, ele opera na classificação e imposição das normas e todos os sujeitos estão sujeitos a elas. O autor nomeia o poder como uma teia de relações justamente porque ele não é um dado, um bem. O poder é relacional e posto em prática nos e pelos sujeitos, que são ao mesmo tempo produzidos, moldados e controlados por ele.

Retornando ao *Uso dos prazeres*, cujo objetivo é fazer do desejo e do sujeito desejante um trabalho histórico e crítico a fim de analisar a experiência da sexualidade a partir do século XVIII para responder a questão: “como o homem ocidental foi levado a se reconhecer como sujeito do desejo?”, Foucault esclarece:

Gostaria, inicialmente, de me deter na noção tão cotidiana e tão recente de “sexualidade”: tomar distanciamento em relação a ela, contornar sua evidência familiar, analisar o contexto teórico e prático ao qual ela é associada. O próprio termo “sexualidade” surgiu tardiamente, no início do século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere. O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos (que cobriam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual

os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. Em suma, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma experiência tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma “sexualidade” que abre para campos de conhecimentos bastante diversos, e que se articula num sistema de regras e coerções. O projeto era, portanto, o de uma história da sexualidade enquanto experiência – se entendermos por experiência a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (FOUCAULT, 1984b, p. 9-10).

O termo “sexualidade”, assim como a noção de sujeito, surgiu somente no século XIX, por meio de campos institucionais de conhecimento, tais como o jurídico, pedagógico, religioso e médico. A sexualidade é um dispositivo de assujeitamento e de cuidado de si. Nesse contexto, permeado por esses discursos institucionais, os indivíduos são compelidos a atribuir sentidos e valores à sua existência a partir desse conjunto de regras e normas. Essa interpretação da vida por parte dos indivíduos leva-os a reconhecerem-se como “sujeitos de uma sexualidade”. Em suma, a experiência historicamente singular da “sexualidade” é constituída por três eixos: 1) formação dos saberes que a ela se referem; 2) sistemas de poder que regulam sua prática; e 3) formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos da sexualidade.

Nesse trabalho, Foucault também aborda o “cuidado de si” ao “analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos do desejo, estabelecendo de si para consigo certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser” (FOUCAULT, 1984b, p. 11).

A relação entre os jogos de verdade, a produção das subjetividades e a constituição dos sujeitos como sujeitos de sexualidade também é problematizada nos diários de uma hermafrodita” do século XIX, Herculine Barbin, analisados por Foucault:

Precisamos *verdadeiramente* de um *verdadeiro* sexo? Com uma constância que chega às raias da teimosia, as sociedades do ocidente moderno responderam afirmativamente a essa pergunta. Situavam obstinadamente essa questão do “verdadeiro sexo” numa ordem de coisas onde se podia imaginar que só contam a realidade dos corpos e a intensidade dos corpos (FOUCAULT, 1982, p. 03).

Foucault deu atenção a esse diário porque o entende como exemplar de “um documento dessa estranha história do verdadeiro sexo”, um relato de “um desses heróis infelizes da caça à identidade”, tendo muito a nos falar sobre indivíduos interrogados pela medicina e pela justiça nesse contexto em que as teorias científicas sobre sexualidade começam a proliferar. A tragédia de Herculine começa quando ela,

designada mulher ao nascer, foi, aos 30 anos de idade, classificada como homem por médicos e juristas. Ao não se adaptar a essa redesignação de sexo imposta, Herculine pôs fim à sua existência. O aval científico para sua nova identidade sexual apresentou-se como uma realidade insuportável.

As exigências aos indivíduos para que tenham “um único e verdadeiro sexo” até então não existiam. Para Foucault, a noção de um “sexo verdadeiro” é uma imposição de sociedades ocidentais modernas, firmada por estratégias reguladoras de categorização sexual que surgiram entre os séculos XVIII e XIX, fazendo com que procurássemos no sexo as “verdades” mais secretas e profundas do indivíduo. Assim, uma identidade de ordem sexual passou a ser configurada. A partir desse período, tudo que ameaçasse a ordem estabelecida passaria a ser considerado um erro, um desvio. “É pelo sexo fixado que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade” (FOUCAULT, 1998, p. 146).

A partir das formulações de discursos autorizados – especialmente médicos, as concepções jurídicas do indivíduo, as teorias biológicas da sexualidade, as formas de controle administrativo nos Estados Modernos –, a noção de sexo passa a ter centralidade em nosso pensamento. Por meio do sexo, os comportamentos dos sujeitos, as preferências, as perversões, os desejos, a identidade passam a ser explicados e a determinação do verdadeiro sexo dos sujeitos se transfere para as mãos dos especialistas.

Além disso, admitimos também que é no sexo que devemos procurar as verdades mais secretas e profundas do indivíduo; que é nele que se pode melhor descobrir o que ele é e aquilo que o determina; e se durante séculos acreditamos que fosse necessário esconder as coisas do sexo porque eram vergonhosas, sabemos agora que é o próprio sexo que esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de seus fantasmas, as raízes do seu eu, as formas de sua relação com o real. No fundo do sexo, está a verdade (FOUCAULT, 1982, p. 04).

Em *História da Sexualidade I: A vontade de saber* (1998), Foucault analisa a construção científica do “sexo” e como essa noção surge de estratégias de poder e saber. Nesse sentido, servimo-nos do sexo como matriz das disciplinas e como princípio das regulações, transformando a sexualidade na chave da individualidade no século XIX. A noção de sexo possui um sentido amplo que vai desde padrões de masculinidade e feminilidade, passando a orientações do desejo, que se reflete em comportamentos sexuais e em indivíduos que serão considerados “normais” ou “anormais”.

Essa problematização envolvendo sujeito, poder e sexo está presente também na entrevista *Não ao sexo rei* (1979), na qual a temática principal é o sexo como elemento

revelador da verdade dos sujeitos. Ali, ele diz que a sexualidade, longe de constituir-se preponderantemente por meio de proibições, se consolida como uma força enunciativa de discursos que se complexificam, resultando num sistema de controle bastante eficaz sobre a vida dos sujeitos. Esse argumento também está presente na noção de *hipótese repressiva*, baseada na ideia de que a sexualidade vem sendo reprimida desde a ascensão da burguesia no século XVIII. Nessa concepção, o sexo ficaria restrito ao quarto do casal heterossexual, com fins reprodutivos. Tudo que fugisse disso seria catalogado e negado. Para Foucault o que ocorreu desde o século XVIII não é exatamente uma proibição do sexo, mas uma produção abundante de discursos sobre o sexo e a sexualidade que objetivavam controlar os indivíduos (o que ele chamou de *scientia sexualis*). Ao incitar os discursos, o detalhamento e potencialização do controle aumentavam. Isto não significa a negação de elementos repressivos no tocante à sexualidade, mas que estes elementos coexistem em um emaranhado de dispositivos discursivos, traduzidos em práticas e instalados em instituições.

Nesse sentido, Foucault desloca a relação entre poder e sexo para além da repressão. O poder não “reprime”, não diz somente não, não é puramente interdição. O poder é produtivo, ele engendra dispositivos que produzem saberes sobre o sujeito e sobre o sexo.

Dizendo poder, não quero significar “o Poder” como conjunto de instituições e aparelhos garantidores de sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. Também não entendo poder como modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma da regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercido por um elemento ou grupo sobre o outro e cujo efeito, por derivações sucessivas, atravessam o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; essas são apenas, e antes de mais nada suas formas terminais. (...) o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 2005, p. 88-89).

De Foucault recebemos várias lições, entre elas: a superação da distinção entre biologia/cultura, que a teoria feminista e de gênero traduz, num primeiro momento como sexo/gênero. Ora, o sexo é tão construído quanto o gênero, não é um dado da natureza, um fato biológico que figuraria apartado das relações de poder. Aprendemos que a naturalidade do sexo como um dado biológico é um construto normativo e histórico que opera no sentido de normatizar a sexualidade dos indivíduos. Essa ideia foi radicalizada por teóricos queer, especialmente por Butler.

Teresa de Lauretis (2007) também possui influência da perspectiva foucaultiana em sua reflexão sobre o sujeito. A teoria do sujeito dessa importante pensadora queer

reside na concepção de que a subjetividade não se reduz a um efeito do social. Por outro lado, a subjetividade não preexiste ao social, ela é indissociável da experiência que a produz. Nesse sentido, Lauretis analisa os mecanismos pelos quais os sujeitos são produzidos como sujeitos sociais e sexuais, não somente através de sua interpelação pelos discursos, representações e práticas do sexo, mas pela sua participação ativa neles. Lauretis busca uma reforma radical do sujeito como sujeito de gênero e de sexo, localizado no ponto de cruzamento e tensão da subjetividade e sociedade.

No bojo dessa proliferação discursiva de caráter científico sobre a constituição do sujeito como um sujeito da sexualidade, a noção de “travesti” vai se delineando. Jorge Leite Junior (2011) analisa a origem e o desenvolvimento dos conceitos “travesti” e “transexual” enquanto termos científicos que, não por isso, deixam de ter suas construções baseadas em normas sociais que organizam as diferenças de gênero. O autor constatou que não existe uma barreira fixa que separa as experiências “travestis” e “transexuais”, exceto para fins de categorização clínica. Na dinâmica cotidiana, identificar-se como travesti, transexual, gay e mesmo como mulher e homem é situacional. Afirma:

Neste percurso, descobri que definições únicas e definitivas sobre corpos e identidades sexuais e seus limites entre masculinidades e feminilidades nunca existiram, variando conforme os grupos e os discursos (médicos, religiosos, políticos) mesmo em uma época específica. Historicamente construídas, essas concepções são, no entanto, naturalizadas e vivenciadas como se assim o fossem: “naturais” (LEITE JR., 2011, p. 27).

Leite Jr. volta-se ao discurso científico para perceber como são construídas as explicações para a distinção entre as identidades travestis e transexuais, uma vez que esse discurso, ao mesmo tempo em que é influenciado por normas sociais dos gêneros, influencia as concepções políticas e o próprio senso comum, pretendendo “buscar neste campo as origens e justificativas para tais distinções clínicas e político-identitárias, individuais e/ou coletivas” (LEITE JR., 2011, p. 27).

Influenciado pela perspectiva de Foucault, Leite Jr. busca desvendar o desenvolvimento das noções de ordem sexual que orientam a vida dos sujeitos ocidentais modernos. Levando a cabo seu propósito de identificação e análise de discursos hegemônicos que se apresentam como verdadeiros, naturais, únicos e capazes de produzir realidades e identidades, o autor recorre aos textos médicos, psicólogos e psicanalistas dos períodos históricos reconhecidos como renascimento, modernidade e contemporaneidade.

Ao abordar o nascimento do moderno “travestismo sexual”, o autor transita pela invenção das noções de “hermafrodita moderno” e sua variação “hermafrodita psíquico”, que surgiu na perspectiva médica e *psi*. Um dos questionamentos implícitos nesses estudos é a respeito dos limites entre masculinidade e feminilidade, “vida interna” e “mundo exterior”, mente e corpo, entendidas como esferas distintas e opostas.

Se o dispositivo da sexualidade surgiu no século XIX, o dispositivo da transexualidade é uma invenção do século XX. Leite Jr. enuncia como um dos mais importantes e completos estudos científicos sobre sexualidade e vestimentas a obra: *Die Transvestiten*, no inglês *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, publicado em 1910, pelo médico, psicólogo, sexólogo, militante dos direitos dos homossexuais, Magnus Hirschfeld. Segundo o autor, foi nesse livro que os termos “travesti” e “travestismo” foram criados, associados ao uso de roupas do sexo “oposto”, atribuindo um sentido sexual a esse ato. Nesse trabalho são apresentados casos de “travestismo” e seu caráter psicológico, buscando “causas”, estabelecendo diferenças comportamentais com outras manifestações psíquicas. Hirschfeld diferencia ainda o desejo, seja ele direcionado para pessoas do mesmo sexo ou do “sexo oposto”, do desejo de usar roupas do “sexo oposto”, ou seja, nos termos em que entendemos hoje, diferencia orientação sexual de identidade de gênero.

Atento à etimologia e ao significado dos termos analisados, Leite Jr. esclarece:

Segundo o autor [referindo-se a Hirschfeld], “travesti” (transvestite) vem dos termos em latim *trans*, que significa através, e *vestitus*, igual a roupa (Hirschfeld, 1991: 233; 124). O dicionário Houaiss da língua portuguesa data a palavra travesti como originária do francês e tendo sua primeira aparição registrada em 1543, significando disfarçado, derivada de *travestire* (1512), ou seja, disfarçar-se (Houaiss; 2008). Lynne Friedli, em seu texto já citado, afirma que o termo travesti foi usado na Inglaterra em 1652 para designar mulheres que se vestiam como homens (Friedli, 1999: 308). Já para Terry Castle (1999), este passa a ser um termo comum neste país (Inglaterra) durante o iluminismo, criando nos bailes de máscaras uma verdadeira cultura do travesti. Ainda segundo o Houaiss (2008), apenas em 1831, “travesti” aparece como substantivo para designar um homem vestido de mulher ou vice-versa (LEITE JR., 2011, p. 118-119).

Nas referências acima, a palavra “travesti” sempre aparece relacionada ao ato de vestir roupas do que é entendido como próprias do “sexo oposto”, um “disfarce”, algo ilegítimo em relação ao “sexo natural”. “Travestir-se” com roupas e acessórios do “outro sexo” seria motivado por um impulso, um desejo que circula nele mesmo, passando pela satisfação erótica e sexual até o “travestir-se” diariamente.

A diferença das interpretações do fenômeno antes do século XX é que ele não constituía um sujeito sexual ou um sujeito desejante, nos termos de Foucault. Leite Jr.

nos mostra que a novidade do trabalho de Hirschfeld é a criação do conceito de “travestismo” como uma categoria clínica nova, “como todos os ‘ismos’ forjados na época e associados à sexualidade e dando um novo sentido à palavra ‘travesti’: uma pessoa (tra)vestida com roupas do sexo oposto por motivações eróticas (LEITE Jr., 2011, p. 119).

Portanto, a partir do dispositivo da sexualidade, o então “travestismo” foi sendo delineado como uma categoria clínica, bem como as categorias homossexualismo, masoquismo, fetichismo, transexualismo, entre outras de ordem sexual. Enquanto categoria clínica, ficava implícito nessas experiências, o desvio, a patologização. Essa categoria proporcionava também o surgimento de uma personagem, de um sujeito: “o travestismo e o indivíduo travesti, através da autonomização da questão da troca de vestuário entre os sexos, mas não mais ligado necessariamente à homossexualidade, ao hermafroditismo psíquico ou a alguma forma de paranoia” (LEITE JR., 2011, p. 122).

O termo “travestismo”, ao longo do século XX, foi ganhando inúmeros significados, explicações e interpretações, sem atingir, mesmo na classe médica, uma concepção unívoca. A única certeza é que esses discursos médico-científicos são formados, informados e formadores de concepções sociais referentes às normas de sexo-gênero.

Contrariando os usos e conotações do termo “travestismo”, faço uso da expressão “travestilidades”, tal como outros autores (PERES, 2004; PELÚCIO, 2009). A ideia de *travestilidades* afasta-se da concepção clínico-psico-patologizante encerrada no termo “travestismo”, bem como abarca as múltiplas formas de vivenciar essa experiência.

## **Estudos sobre travestilidade nas Ciências Sociais**

Os estudos sobre as experiências de travestis no Brasil estão relativamente difundidos nas Ciências Sociais, relacionando-se com perspectivas de estudos de gênero e sexualidades. Estes estudos se inserem principalmente na área da Antropologia, resultando em etnografias de dinâmicas de prostituição, abordagens sobre as formas com que as travestis constroem seus corpos e identidades, mobilizações políticas, formas de sociabilidade, reflexões sobre o sistema de saúde, migração, etc.



A produção acadêmica brasileira sobre as experiências de travestis despontaram na década de 1990, acompanhando a entrada em cena social das travestis enquanto movimento político<sup>27</sup>. João Silvério Trevisan (2002), em obra publicada inicialmente em 1986, se remete aos anos que antecederam essa movimentação de travestis e à produção acadêmica sobre as experiências desses sujeitos. Para ele, o termo travesti ficou popular na década de 1960 devido aos bailes e shows com presença de travestis propagados na década de 1950. Na década de 1970, ainda segundo o autor, existia uma “ativa prostituição masculina”, quando muitas eram perseguidas por policiais e alvo de violência em centros urbanos. Da análise desse trabalho, percebo que a experiência das travestis no Brasil foi sendo construída socialmente de forma íntima com a prostituição e a marginalidade, relacionada a referências de masculinidade e homossexualidade, negando o reconhecimento da feminilidade.

É sempre um risco para os estudiosos conferir aos sujeitos travestis um estatuto essencial e ontológico da prostituição<sup>28</sup> e marginalidade, à maneira do autor, que afirma que a prostituição acabaria se tornando uma profissão “quase inerente ao travestismo”, pois não encontrariam opções diante da família e sociedade “para viver sua homossexualidade”. Outras características dos estudos daquele período eram o uso do sufixo “ismo”, que, como já mencionado, remete à patologia; flexão de gênero no masculino, com o uso do artigo “o”; e a associação direta entre a experiência da travestilidade e a da homossexualidade.

Na década de 1980 outros elementos se associaram à prostituição, violência e marginalidade referentes à experiência da travestilidade, como a aplicação do silicone líquido fora do sistema oficial de saúde, prática considerada ilegal; a epidemia da aids; e a intensificação da migração para a Europa, onde praticavam o *trottoir* e faziam *show*. Alguns autores falam sobre esse tema, como Vale (2005), Kulick (2008), Pelúcio (2008) e Teixeira (2008). Há ainda uma autobiografia feita a duas mãos, pela travesti brasileira Fernanda, oriunda da região Nordeste, conhecida também como Princesa, e um líder de

---

<sup>27</sup> É considerado como um marco nacional a realização do ENTLAIDS – Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Trabalham com AIDS, no ano de 1993 no Rio de Janeiro. Este encontro foi uma idealização de um grupo de travestis, notadamente da travesti Jovanna Baby, pertencentes à ASTRAL/RJ – Associação das Travestis e Liberados do Rio de Janeiro – e serviu como mote para que outras organizações de travestis dos outros estados brasileiros se formassem.

<sup>28</sup> De acordo com Simpson, existem estimativas de que 85% a 90% de travestis no Brasil trabalham como profissionais do sexo (SIMPSON, 2011, p. 114). Teixeira (2008) aponta dados obtidos durante a I Consulta Nacional sobre DST/Aids, Direitos Humanos e Prostituição que ocorreu em Brasília entre 26 e 28 de fevereiro de 2008 de que a maioria das travestis, cerca de 97%, vivencia a prostituição como trabalho.

um grupo terrorista, o italiano Maurizio Jannelli, escrita em uma prisão em Roma, Itália, na década de 1980 (ALBUQUERQUE & JANNELLI, 1995).

Na Antropologia, o trabalho pioneiro sobre a experiência da travestilidade no Brasil foi o de Hélio Silva, em 1991, quando pesquisou as travestis no bairro da Lapa, Rio de Janeiro<sup>29</sup>. Silva (1993), ao realizar sua pesquisa se ocupou dos processos históricos, dos valores e das práticas sociais que permitem interpretar os papéis que estão sendo atribuídos às travestis, bem como em localizar os espaços que lhes são reservados. Falando em uma *invenção do feminino*, sua análise não ficou restrita às relações no território da prostituição. Apesar de Silva (1996) falar em “rapazes” que abdicam de perseguir a masculinidade e se entregam ao “projeto oposto”, reforçando uma naturalização da dicotomia homem/mulher, deixa brechas para visualizarmos as travestis como atores sociais que ocupam diversos locais, mesmo com todas as restrições sociais que teimam em não as reconhecer como legítimas.

Outro trabalho pioneiro é o de Neuza de Oliveira, *Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*, publicado em 1994, sobre a prostituição de travestis em Salvador, Bahia. A autora contribui para reforçar a legitimidade da polaridade masculino/feminino, na medida em que diz que os travestis<sup>30</sup> são *invertidos*, pois seriam “homens que se travestem de mulheres” (OLIVEIRA, 1994, p. 15). Mesmo chamando atenção para o fato de que o sexo biológico não determina a identidade sexual, percebemos um não reconhecimento da identidade travesti enquanto uma existência possível sem atrelamentos às normas de gênero estabelecidas. Isso fica evidente com os termos usados pela autora: “identidade sexual masculina em feminina”, “inversão de identidades sexuais”, “inversão masculina”, “corpo invertido”, etc. Além disso, ao buscar como se dá a construção da “inversão dos papéis sexuais” na sociedade brasileira, Oliveira busca explicações mitológicas no fascínio pela figura do andrógino, afirmando que as travestis praticam uma atualização deste mito, conferindo um tom de endeusamento à figura de travesti com ares místicos e até religiosos.

Poucos anos depois do trabalho de Oliveira, Kulick aportou em Salvador para realizar seu trabalho de campo junto às travestis, entre os anos de 1996 e 1997. O

---

<sup>29</sup> A defesa da dissertação ocorreu em 1992 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, com o título *Lapa dos travestis*. Em 1993, o trabalho foi publicado com o título *Travesti – a invenção do feminino*. Em 1996, ele publicou *Certas Cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*, uma espécie de epílogo ou posfácio do primeiro trabalho, no qual apresenta questões sobre o campo. Em 2007, publicou o livro *Travestis: entre o espelho e a rua*, no qual ele revê e amplia os dois trabalhos.

<sup>30</sup> O masculino é usado pela autora.

resultado desse trabalho foi publicado nos Estados Unidos em 1998 e no Brasil somente em 2008, com o título: *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Também dentro da perspectiva antropológica, Kulick realizou um dos trabalhos mais densos sobre a experiência de travestis no Brasil e se tornou referência indispensável para os trabalhos que se seguiram. O objetivo desse trabalho contrapunha-se ao trabalho de Oliveira que, de acordo com ele, contribuiu para fortalecer imagens formadas sobre travestis, sobretudo por textos jornalísticos, de que são criaturas exóticas e perigosas. O trabalho de Kulick é um relato do cotidiano de algumas travestis em Salvador, procurando enfatizar o modo como vivem, seus hábitos, valores:

Concentrando-me no dia-a-dia das travestis, olhando de perto o modo como refletem sobre a vida, tentando explicar a lógica subjacente que lhes permite dar sentido à própria existência, pretendo mostrar que a prostituição, as modificações corporais, e todo o resto, não são em absoluto meras ilusões sombrias de pessoas desorientadas. Ao contrário, sugiro que tais práticas são perfeitamente razoáveis, ou, pelo menos, perfeitamente compreensíveis, no contexto do mundo social e cultural onde as travestis crescem e vivem (KULICK, 2008, p. 25).

Kulick critica a forma com que as travestis aparecem em análises da sociedade brasileira, representadas no contexto de “inversão” e “desvio”. Por isso situa seu trabalho como um estudo que toma o gênero como um conjunto de ideias, processos e práticas não relacionados ao biológico, aproximando, desta forma, a perspectiva antropológica dos estudos de gênero. Ao invés de estabelecer a questão de como as travestis invertem ideias, representações e práticas do masculino e do feminino, preocupa-se em investigar como elas interpretam tais ideias e práticas que formam as configurações culturais de sexualidade, sexo e gênero.

As travestis não “invertem” as representações e os papéis de gênero masculinos e femininos. Para Kulick, elas elaboram “configurações de sexo, gênero e sexualidade que sustentam e dão significado às concepções de ‘homem’ e de ‘mulher’ no Brasil”. As travestis solidificariam essas noções ao mesmo tempo em que as lapidam e acrescentam outros elementos a essas concepções.

Sem perder de vista o questionamento: “o que as práticas travestis nos ensinam sobre como o gênero é concebido e construído na sociedade brasileira?” (KULICK, 2008, p. 28), Kulick apresenta o que entende por experiências de travestis e o que as travestis brasileiras possuem de peculiar. Talhando a concepção de que as travestis são “homens que se vestem como mulheres”, ele diz:

(...) A principal característica das travestis de Salvador, e de todo o Brasil, é que elas adotam nomes femininos, roupas femininas, penteados e maquiagem femininos, pronomes de tratamento femininos, além de consumirem grande quantidade de

hormônios femininos e pagarem para que outras travestis injetem até vinte litros de silicone industrial em seus corpos, com o objetivo de adquirir aparência física feminina, com seios, quadris largos, coxas grossas e, o mais importante, bundas grandes. A despeito de todas essas transformações, muitas das quais irreversíveis, as travestis não se definem como mulheres. Isto é, apesar de viverem o tempo todo vestidas como mulher, referindo-se umas às outras por nomes femininos, e sofrendo dores atrozes para adquirir formas femininas, as travestis não desejam extrair o pênis e não pensam em ‘ser’ mulher. Elas não são transexuais. Ao contrário, afirmam elas, são homossexuais – homens que desejam outros homens ardentemente e que se modelam e se completam como objeto de desejo desses homens (KULICK, 2008, p. 21-22).

Para o autor, essas características fazem das travestis brasileiras uma experiência quase única no mundo, na medida em que combinam, de forma singular, “atributos físicos femininos” e “subjetividade homossexual masculina”. Mesmo construindo a feminilidade através de práticas como hormônios, silicone e vestimentas, Kulick percebeu que as travestis de Salvador não demandam uma subjetividade feminina e que manifestam incompreensão diante de homens que o fazem. Essa questão continua a ser problematizada pelos estudos posteriores ao de Kulick e também pelas próprias travestis vinculadas ao movimento político.

Outro traço brasileiro peculiar, ainda conforme Kulick, é que em nenhum outro país da América Latina as travestis são tão numerosas e conhecidas, conquistando grande visibilidade, tanto no espaço social quanto no imaginário cultural. Ele também chama atenção para a violência policial e para os assassinatos dos quais as travestis são vítimas. Percebe, ademais, que a maioria é proveniente de famílias pobres e continua pobre por toda a vida, “levando uma existência miserável, morrendo antes dos 50 anos em virtude da violência, do uso de drogas, de problemas de saúde relacionados a aplicações de silicone ou, em número cada vez maior, em decorrência da síndrome de imunodeficiência adquirida – Aids” (KULICK, 2008, p. 24).

Após os mencionados trabalhos pioneiros, outros foram surgindo com profusão<sup>31</sup>. Por exemplo, o trabalho de Wilian Peres (2005), *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*, elaborado através de observações etnográficas e entrevistas profundas. O autor, nesse trabalho, fez histórias de vida de travestis ativistas, mapeando processos de estigmatização e resistências, de forma a mostrar a importância da organização social e política do que chama de “comunidade transgênero no Brasil”. Nesse passo, percebe que existe uma

---

<sup>31</sup> O próprio Hélio Silva orientou o trabalho de Marcelo José Oliveira (1997), *O lugar do travesti em desterro*, com foco na construção de identidade “do travesti” em Florianópolis. O autor investiga as estratégias usadas para driblarem a discriminação a que estavam sujeitas, vislumbrando as particularidades da inserção social.

solicitação de novos diálogos com os órgãos governamentais e sociedade civil para a demanda de políticas.

Em tese de doutorado, *O voo da beleza: travestilidade e devir migratório*, Alexandre Vale (2005) focou experiências de travestis que vivem entre Fortaleza e Paris. Pelas narrativas dessas travestis brasileiras, percorreu os caminhos que as conduziram a se tornarem travestis e as motivações para a migração europeia. O antropólogo discute elementos como a injúria e a violência, significativos na experiência de transgêneros, termo bastante usado pelo autor. Aborda ainda o *processo de feminilização*, a prostituição e os efeitos do que chama de liberdade e miséria dos processos migratórios. Pergunta-se pelo alcance de algo que pudesse ser chamado de movimento transgênero como forma de resposta às diversas modalidades de violência vivenciadas por essas pessoas. Janaína Dutra, sujeito central na minha pesquisa de doutorado, era sua principal “informante” em Fortaleza, interlocutora com a qual teve uma intensa convivência. Janaína o ajudava a realizar entrevistas com as travestis, inclusive elaborando roteiros.

O trabalho de Marcos Benedetti (2005) é outra importante referência nos estudos sobre travestis no Brasil. A pesquisa do antropólogo, *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*, realizada em Porto Alegre, tem como objetivo “ampliar os entendimentos sobre os significados das práticas e intervenções no corpo que as travestis executam, bem como sobre os seus valores de gênero” (BENEDETTI, 2005, p. 16). O autor situa o trabalho dentro da tradição antropológica, abordando o processo de modificação corporal como um processo social de fabricação do gênero. Analisa ainda as narrativas sobre as razões de transformação e o que chama de “domínios” do gênero, de forma a compreender os valores relacionados à masculinidade e à feminilidade entre as travestis pesquisadas. Para ele, as travestis constroem seu próprio gênero e valores relacionados ao feminino e ao masculino, personificando a ambiguidade e uma feminilidade peculiar.

Larissa Pelúcio (2009), atualmente, é uma das pesquisadoras de destaque no tocante a trabalhos sobre travestis no Brasil<sup>32</sup>. Ela abordou o modelo oficial preventivo para dst/aids voltado às travestis que se prostituem em São Paulo. Utilizando o método etnográfico, investigou a maneira como o discurso preventivo circula no que chama de “universo travesti” e a lógica desse processo, abordando ainda o ponto de vista dos

---

<sup>32</sup> A pesquisadora apresentou em 2007 sua tese *Nos Nervos, na Carne, na Pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*, publicada em 2009 com o título *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*.

clientes das travestis. Preocupou-se em perceber quais os significados da aids entre as travestis, os sentidos que dão ao processo de adoecer, bem como os cuidados com o corpo e a construção da pessoa. Segundo a autora, o modelo preventivo é baseado em uma “racionalidade técnico-científica”, em valores normativos universalizantes que não são necessariamente compatíveis com a lógica social das pessoas foco desses discursos. Pelúcio lança a hipótese de que as políticas públicas do momento voltadas a esse segmento focam seu alvo nas sexualidades “desviantes”, no caso, as travestis e não nos homens com os quais se relacionam sexualmente, por serem estes corpos “normalizados”, considerados “normais”.

### **O sujeito travesti e o movimento de travestis e transexuais**

Tomando a palavra em suas mobilizações políticas, as próprias travestis aparecem para falar sobre suas particularidades. Mesmo com uma pluralidade de vozes, é possível apontar alguns elementos usados nessas “falas de si”. Keila Simpson afirma que as travestis “vieram ao mundo para jogar o gênero de cabeça para baixo, pois tudo passa a ser questionável em matéria de gênero quando afirmam que não querem ser homens nem mulheres, reivindicam a identidade travesti sem, contudo, pensar em um terceiro sexo” (SIMPSON, 2011, p. 113). Em outras palavras, Simpson diz que as travestis provocam um desarranjo no sistema de gênero legítimo ao não se reconhecerem dentro da dicotomia homem/mulher. A reivindicação que a militante faz é que as travestis conquistem a cidadania tendo essa “ambiguidade” respeitada. Nesse mesmo artigo, ela questiona a vinculação socialmente construída entre travesti e marginalidade, travesti e prostituição (não que essa seja uma prática negativa, afirma) e travesti e sexo (hipersexualização).

Para complementar a argumentação sobre a experiência das travestis, Simpson recorre a Janaína, citando a seguinte frase retirada do curta-metragem *Mrs. Janaina*, “*Eu sou aquilo que seus olhos veem* (CAVALCANTI & LOPES, 2008):

É mais fácil você encontrar um advogado que fale grosso, que tenha bigode, que coce o saco, do que essa metamorfose ambulante, esse objeto não identificado que, quando você olha diz: É um homem? É uma mulher? É uma sereia? É um tubarão? É um macho? É uma fêmea? E, o que me faz sentir bem com a minha travestilidade é essa androginia que passo para as pessoas, de ser uma metamorfose ambulante, de não ter um contexto, uma definição. “Eu sou aquilo que seus olhos veem” (DUTRA *apud* SIMPSON, 2011, p. 117).

Nessa fala, bem como em outros discursos, o elemento central que Janaína destaca na experiência da travestilidade é a “androgínia”, a não definição frente à norma masculino/feminino, a não identificação com esses termos. Em outro momento, Janaína (2004) fala em termos de “desconstrução das sexualidades”, na medida em que reclama que o homem moderno esquece a pluralidade e a diversidade dos comportamentos humanos. Ao desconstruir essa lógica unitária, ela se remete ao processo de construção da travesti, “que abriga o macho e a fêmea num mesmo corpo e nos conduz a uma reflexão sobre a homossexualidade e o preconceito que a cerca”. Percebemos, então, que Janaína relaciona a travestilidade com a homossexualidade, questão percebida por Kulick (2008) ao falar da peculiaridade das travestis brasileiras.

Outro elemento referente à travestilidade apontado por Janaína é a relação entre orientação sexual e outros marcadores sociais, sinalizando para o agravamento de discriminações e preconceitos quando diversos eixos de marcação se interseccionam: *“Além da discriminação à opção sexual (sic), a discriminação maximizada por uma série de outros preconceitos relativos à raça, à classe social, à formação escolar, à cidade de origem, entre outras características”* (DUTRA, 2004, p. 159). Para ela, é esse tipo de entrelaçamento de diferenças condensado em exclusões que conduzem as travestis à prostituição como forma de sobrevivência.

É possível destacar alguns elementos vinculados à experiência da travestilidade apontados pelas duas militantes, tais como: ambiguidade em relação ao sistema dicotômico de gênero, reivindicação do reconhecimento de uma identidade travesti, prostituição como consequência da marginalização e relação entre travestilidade e homossexualidade. Entre outros elementos implícitos nos discursos delas está o uso do artigo *a* por fazer referência à feminilidade, atendendo às reivindicações do próprio grupo, uma vez que possuem uma genitália reconhecida como masculina, foram designadas homem ao nascer e por meio de diversos artifícios e de um sentimento de pertencimento (vestimenta, gestos, alterações corporais alcançadas por meio de hormônios e cirurgias plásticas, como implantação de silicone, etc.) se aproximam do que é reconhecido como gênero feminino. Não cairei aqui no erro de dividir travestis de transexuais pela necessidade ou não de alteração cirúrgica da genitália, pois, como já falado, essa é uma divisão arbitrária, médica, normativa e reducionista. Como afirmou Berenice Bento: “a concepção que atrela e limita o gênero à genitália gera necessariamente trânsitos identitários que explicitam e esbarram nos limites dessa concepção” (BENTO, 2008, p. 10).

A emergência das categorias identitárias travestis e transexuais e sua separação como identidades distintas geram inúmeros conflitos e discussões no movimento social (CARVALHO, 2011). Apesar do nome oficial “movimento de travestis e transexuais” em substituição a “movimento de transgênero”, essa nomenclatura está longe ser um consenso. Isso se dá porque as militantes possuem referentes diferentes para o que entendem por essas categorias, pelos embates com vocabulários médico-psiquiátrico, das agências de financiamento de projetos, do governo federal e do movimento internacional. De forma geral, embora entendam que possuem demandas específicas, há um consenso de que precisam construir seus discursos de reivindicação em conjunto, buscando se emancipar da heteronorma. Como todo movimento identitário, por mais que possuam o desejo de emancipação, seus discursos não excluem reforços da normatização, afinal de contas elas são construídas por relações de poder e saber que ao mesmo tempo as condenam.

A título de nota, as principais demandas do movimento de travestis e transexuais nacional são, segundo Carvalho (2011), a alteração do nome no registro civil, o acesso às técnicas de intervenção corporal pelo SUS e a despatologização da transexualidade. Aponto também o combate à violência, chamada *transfobia*. A respeito das demandas, Janaína falava constantemente sobre a necessidade de inserção da temática da diversidade sexual nas escolas, sobre políticas públicas de capacitação profissional e de inserção no mercado formal de trabalho. Ela propunha ainda a destinação de cotas específicas para travestis em concursos e universidades públicas. Indo mais além, ela propôs que houvesse concessão de linhas de créditos a empresários que empregassem travestis em seus quadros, segundo nos informou Michele Conde (2004), que analisou a fala de Janaína no Seminário Nacional de Políticas e Direitos da Comunidade GLBTT, ocorrido em junho de 2003 em Goiânia.

Butler (2003) desconstrói a divisão entre sexo e gênero, o primeiro como natural, biológico e determinado e o segundo como a interpretação deste pela cultura. A autora aponta que não existe um mecanismo cultural estável que seja possível localizar o momento exato em que o estado de natureza/sexo passa para o de cultura/gênero. O sexo seria desde o início gênero, visto o corpo só existir dentro dos limites culturais. “(...) o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “o sexo natural” é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2003, p.25).



Partindo dessa concepção, Butler repensa a identidade das “mulheres” como categoria e grupo a ser defendido e emancipado através do movimento feminista. Para ela, falar em um sujeito “mulher” na representação política para deflagrar interesses e objetivos pressupõe que este exista enquanto essência estável e unitária. Nesses termos, a identidade compreendida pela categoria “mulheres” que a teoria feminista presume não existe. A identidade de gênero é uma identidade *performativamente* construída, é uma norma constantemente (re)atualizada e não algo que alguém tenha ou que alguém seja. Essa crítica se insere dentro de uma discussão maior sobre a crítica à metafísica da substância, ao sujeito e às filosofias do sujeito, às concepções humanísticas do sujeito, pois elas tendem a presumir uma pessoa substantiva, portadora de vários atributos essenciais. “A posição feminista humanista compreenderia o gênero como um *atributo* da pessoa, caracterizada essencialmente como uma substância ou um “núcleo” de gênero preestabelecido, denominado pessoa, denotar uma capacidade universal de razão, moral, deliberação moral ou linguagem” (BUTLER, 2003, p. 29).

Ao fazer a crítica ao sujeito mulher, ela vai mais além do que apontar para o cruzamento do gênero com outros eixos de diferença. Afirma que a identidade do sujeito do feminismo deve ficar em constante problematização, pois esse discurso ao mesmo tempo em que produz, reprime o sujeito “pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se emancipação” (BUTLER, 2003, p. 19).

A perspectiva de Butler influenciou a formação do que hoje se chama estudos *queer*, perspectiva teórico-metodológica que se opõe às maneiras de reivindicação de identidade, assentada na noção de sexo. Essa oposição parte da recusa em estabelecer premissas epistemológicas, regulações das identidades e reducionismo da sexualidade a categorizações arbitrárias, a fim de ampliar o ativismo LGBT (BUTLER, 2007).

Nesse sentido, gostaria de aproximar as ideias da autora com a problemática do meu trabalho. A movimentação das travestis, entendida aqui em sentido mais amplo do que movimento organizado, pode ser analisada a partir desses estudos, na medida em que balança a ideia de “gêneros inteligíveis”, aqueles que mantêm uma continuidade entre sexo/gênero/desejo/prática sexual, a qual Butler chama de “ordem compulsória”:

Se introduz uma divisão no sujeito do feminismo: entre sexo e gênero. (sexo é o biológico e o gênero é cultural). Essa noção supõe que o sexo binário é estável. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2003, p. 24).

Desta forma, é o mote da discussão apresentada versar sobre os movimentos antinormalizadores postos em prática por sujeitos encerrados na denominação “travesti” e a contestação das amarras identitárias referentes aos gêneros e às práticas sexuais.

Não afirmo que o sujeito travesti é dispensável ao discurso do movimento, pois diferente do feminismo que tem a identidade feminina socialmente reconhecida, as travestis tentam conquistar e delinear esse reconhecimento enquanto experiência legítima para fins de luta política e mesmo inteligibilidade para sua existência. O que aponto são os riscos de unificar a categorização como algo estável e único. A experiência travesti no contexto brasileiro é ampla, complexa, não cessa de ser reformulada pelos sujeitos em seu cotidiano. Questiono-me se não existiriam outras formas de fazer política se não aquela centrada na identidade dos sujeitos. Para Butler, “a identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento” (BUTLER, 2003, p. 23).

Além do mais, o movimento brasileiro de travestis ganhou rumos de institucionalização. Nesse sentido, muitas críticas estão sendo feitas. Segundo Bento, em entrevista para Dias (2014), essa militância que estava no movimento LGBT durante os três últimos governos do Partido dos Trabalhadores (2002-2014), ou seja, filiada a um partido, foi incapaz de produzir a autonomia necessária para se constituir como um sujeito político independente e formar um campo de disputa contra hegemônico. Ao invés disso, a militância foi assimilada pelo Estado, fortalecendo a tradição brasileira de partidarização dos movimentos sociais:

E eu questiono se devemos buscar um caminho exclusivamente por meio dos movimentos sociais institucionalizados. [...]. Penso em políticas públicas, em movimentos culturais, nas produções cinematográficas, nas artes plásticas e atividades culturais em geral, no papel das universidades. São muitos os caminhos por meio dos quais podemos problematizar e desconstruir o gênero (BENTO em entrevista para DIAS, 2014, p. 484-485).

## **Notas sobre os Estudos Queer**

O queer como proposta teórico-metodológica brotou nos anos 1990 nos Estados Unidos da América. Apesar da origem estadunidense, os Estudos Queer surgiram como uma releitura e repolitização das obras dos pensadores franceses Foucault, Derrida, Deleuze e Wittig, como bem pontua Bourcier (2004), demarcando a forte inspiração do

pós-estruturalismo francês nesses estudos. Em sua origem, os Estudos Queer são uma vertente dos Estudos Culturais norte-americanos e focam na problematização de concepções clássicas de sujeito, da identidade e da agência, rompendo com a concepção cartesiana ou iluminista do sujeito como base, como observa Miskolci (2012).

Apesar dessa marcação temporal e geográfica dos estudos queer, eles aparecem para reunir diversos trabalhos e perspectivas que, apesar de dispersos e mesmo divergentes, possuíam alguma sintonia. Nesse sentido, prefiro falar em Estudos Queer ao invés de Teoria Queer, conferindo pluralidade e me afastando de reducionismos.

É sabido que o termo queer na língua inglesa significa algo como esquisito e estranho. No contexto norte-americano queer é também uma injúria àqueles sujeitos tidos como desviantes, discordantes da normatividade de gênero. Um paralelo feito comumente à cultura brasileira é entre o queer e o viado, a bicha, a sapatão, o traveco, o qualira. No entanto, o termo foi resignificado por parte do ativismo gay e feminista nos anos 1980, inaugurando uma nova forma de ação política. O contexto norte-americano era o da epidemia da aids, marcado pela recusa do Estado em reconhecê-la como uma questão de saúde pública. Conflitos daí resultantes teriam provocado uma renovação dos sujeitos e das demandas: “É assim que surge o queer, como uma reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela aids” (MISKOLCI, 2012, p. 24). Segundo Miskolci, o nome queer, no âmbito dos movimentos sociais, veio do grupo de resistência ligado às questões da aids, *Queer Nation*, que positivou o xingamento direcionado aos homossexuais tidos no momento como “aidéticos” potencialmente perigosos, que representavam não somente uma ameaça política, mas moral.

Ainda quanto ao termo, por que usar a expressão para denominar essa perspectiva de estudos no Brasil? Concordo com as razões de David Cordoba (2007) ao preferir, no contexto espanhol, não traduzir o termo por maricas ou bolleras, termos equivalentes: primeiro porque o termo já se tornou de uso comum no âmbito do ativismo e dos estudos gays e lésbicos. Segundo porque usar o termo em inglês os situa em uma posição de reconhecimento com uma comunidade que carece de um lugar dentro das fronteiras geopolíticas atuais. Para ele, não traduzir o termo priorizaria as conexões com as comunidades gays e lésbicas permitindo um desenrolar de ações mais fortes, acima das especificidades nacionais. Terceira razão tem a ver com o gênero da palavra, que em inglês não faz distinção entre masculino e feminino. Por fim, o quarto motivo se refere à necessidade de conservar o significado de “estranho”, fazendo

referência a tudo aquilo que se aparta da norma sexual, esteja ou não articulado com as figuras identitárias.

No contexto acadêmico, foi a italiana radicada nos Estados Unidos, Teresa de Lauretis, quem cunhou o termo queer, com a intenção de unir concepções próximas, porém produzidas dispersamente. O trabalho dessa autora passou a ser mais difundido no Brasil com a tradução do texto *Tecnologias do Gênero* (1994), no qual faz uma análise do gênero à luz da noção de tecnologia do sexo de Foucault. Trata-se do primeiro capítulo do seu livro homônimo, publicado em 1987 nos EUA, considerado um clássico do pensamento feminista e queer.

Bourcier (LAURETIS, 2007), na introdução do livro *Théorie queer et cultures populaires: de Foucault à Cronenberg*, composto por textos de Lauretis publicado na França, observa que o termo queer cunhado pela teórica tem conotações atuais que diferem da proposta inicial. A crítica de Lauretis à forma como se desenrolaram os estudos queer é centrada na criação de um novo binarismo: queer/heteronormatividade. Enquanto isso, Lauretis retraduz seu projeto como uma teoria da homossexualidade em intersecção com formas sociais, simbólicas e subjetivas da identificação e do desejo. Em seu diálogo crítico com os estudos feministas e estudos gays e lésbicos então desenvolvidos nos Estados Unidos e Europa, Lauretis fala da necessidade de desconstrução do gênero atenta para quais termos e interesses irão servir, não devendo domesticar as subjetividades.

O termo queer foi cunhado por Lauretis em um colóquio ocorrido na Universidade da Califórnia em 1990. Desse colóquio resultou o artigo *Teoria queer: sexualidades lésbicas e gays: uma introdução*, publicado em 1991 em um dossiê sobre Teoria Queer da revista *Differences*. A autora partiu da ideia de que a homossexualidade não devia mais ser percebida como marginal, transgressiva ou desviante em relação a uma forma de sexualidade tida como dominante, estável, “natural”, respeitável e institucionalizada (heterossexualidade), diante da qual ela seria definida de uma maneira homologa ou em oposição, desestabilizando, desta forma, um modelo patologizante ou uma visão da homossexualidade como um “estilo de vida” opcional.

A homossexualidade, segundo Lauretis, deveria ser recontextualizada como uma forma social e cultural em si, discursivamente independente de formas estabilizadas. Isso significa que ela não deve ter uma marcação nos limites de um espaço social localizado nas franjas da cultura. Para ela, a sexualidade gay e lésbica é um ator no

processo social cujo modo de funcionamento é interativo, participativo e resistente, reivindicando uma representação política.

Lauretis pretendia articular os termos nos quais as sexualidades gays e lésbicas pudessem ser compreendidas e imaginadas como formas de resistência à homogeneização cultural. A autora problematiza ainda certas construções discursivas e certos silêncios construídos nos campos de estudos gays e lésbicos emergentes. A abordagem dela inclui as práticas e discursos atuais dos homossexuais e sua relação com o gênero, a raça, a classe, a geração, a posição geográfica e sociopolítica. Ao tornar explícitos os esquemas conceituais que caracterizaram as autorepresentações de lésbicas e gays norte americanos, sejam eles brancos ou negros, Lauretis espera que aconteça uma remodelagem dos termos centrados nas sexualidades para que outros horizontes discursivos, outra maneira de pensar o sexual sejam construídos.

Nesse sentido, a teoria queer não é uma ruptura com as formas de luta ou com os estudos gays e lésbicos, apesar de marcar certa distância crítica. Ela é um ponto de apelo por uma teoria que problematiza o campo emergente desses estudos. O termo “teoria queer” permitiria evitar as distinções discursivas que separam as experiências gays e lésbicos, transgredindo os pesos ideológicos que os demarcam. A problematização dos Estudos Queer aos Estudos Gays e Lésbicos serviriam, entre outras coisas, para abordar o silenciamento da homossexualidade feminina e a consideração dela como uma variante da homossexualidade masculina. A atenção dada à lesbianidade por Lauretis nasceu do diálogo com Wittig nos anos 1980, na Califórnia, incutindo nela uma vontade de criar uma “teoria lésbica” diferente da teoria feminista.

No mesmo texto, Lauretis aponta para a ausência de uma teoria das diferenças, inclusive no campo emergente dos estudos gays e lésbicos, onde são construídos discursivamente silêncios sobre as relações entre raça, identidade e as subjetividades, tanto nas práticas de homossexuais, como nas representações do desejo. Para ela, são as diferenças que convidam a fazer um recorte queer a partir das experiências, perspectivas e histórias diferentes. São as diferenças que mostram a necessidade de examinar, de problematizar e de contestar a utilidade e os limites dos discursos sobre as sexualidades lésbicas e gays dominantes. Sendo assim, os estudos queer poderiam construir um outro horizonte discursivo, uma outra forma de viver o sexual e o racial.

Na concepção de Lauretis, as diferenças são uma questão crucial de preocupação para a teoria queer. Isso se explica porque a sexualidade é inevitavelmente pessoal, enredada entre si e com os outros, de forma a amarrar o subjetivo e o social. É somente

o diálogo crítico que pode buscar uma melhor compreensão das especificidades das nossas histórias em relação às questões de lutas comuns, afirma ela.

A teoria queer proposta por Lauretis visa, desta forma, condensar muitos trabalhos que já abordavam questões referentes às práticas sexuais, à aids, ao sadomasoquismo lésbico, às condições de representação de novos sujeitos sociosexuais na ficção e na poesia contemporânea, à teoria cultural e à escrita da história. Essas contribuições formam uma multiplicidade de posicionamentos que perpassam os discursos. Essa perspectiva opera um deslocamento dos campos disciplinares e de métodos críticos da performance, do cinema e da teoria feminista passando pela psicanálise, história, sociologia e literatura. A teoria queer, para ela, viria desconstruir silêncios da história e de nossas próprias construções discursivas, pensando a sexualidade de nova maneira.

É válido de nota que os Estudos Queer, bem como os Estudos Pós-Coloniais, ambos vertentes dos Estudos Culturais, se constituem como uma reação à retórica da diversidade, conhecida também como Multiculturalismo. Isso porque essa noção implica na demanda por direitos àqueles que foram historicamente alijados: negros, povos indígenas, homossexuais, etc., a partir de uma visão universalista de integração. Desta forma, o foco da concepção de “minorias” também é deslocado, entendendo que esta serve aos interesses hegemônicos. A crítica que esses teóricos fazem ao multiculturalismo repousa na concepção de que tolerância sem reconhecimento não transformaria a cultura hegemônica. Sobre essa questão, Miskolci argumenta:

Na minha visão, as demandas sociais são de reconhecimento da diferença, mas o filtro político as traduz na linguagem da tolerância da diversidade. Tolerar é muito diferente de reconhecer o Outro, de valorizá-lo em sua especificidade, e conviver com a diversidade também não quer dizer aceitá-la (MISKOLCI, 2012, p. 46).

Para o sociólogo, a proposta dos saberes subalternos (queer e pós-coloniais) é a de uma política da diferença que permita reconhecer quem é diferente de forma a operar uma transformação na cultura hegemônica. É necessário ir além da tolerância e da inclusão, mudando a cultura como um todo. Enquanto que na perspectiva da diversidade as relações de poder permanecem intocadas, na da diferença elas mudam.

Um dos elementos que caracterizam os estudos queer é o questionamento da heteronormatividade, entendida como a ordem sexual fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Os estudiosos queer usam a categoria heteronormatividade para nomear o dispositivo da sexualidade contemporâneo, que possui prescrições para

regular e controlar a vida dos sujeitos, fazendo com que eles ajam de acordo com o modelo de normalidade: a *heterossexualidade compulsória* (RICH, 1986). O termo heteronormatividade, no entanto, possui implicações mais amplas do que o de heterossexualidade, modelo no qual as relações amorosas e sexuais deveriam ser mantidas somente entre casais composto por um homem e uma mulher. Nesse sentido, os estudos queer trazem ao discurso as normas e a hegemonia cultural da heterossexualidade, questionando-a como “normal”.

Outros elementos dos estudos queer são: a crítica às oposições binárias, em especial à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos; o desenvolvimento de uma análise da normalização focada na sexualidade; a compreensão de que a heterossexualidade é tão construída como a homossexualidade; o questionamento do pressuposto de que a heterossexualidade é maioria, vide a concepção de Preciado (2003) de *multidões queer*; a concepção do desejo como múltiplo; a análise dos processos de normalização por meio do medo, da injúria e da humilhação; o pensamento a partir da diferença; ultrapassar a concepção de que as pessoas LGBTI devem ser “protegidas” e “integradas”; o questionamento da “normalidade” da heterossexualidade a partir de uma perspectiva interseccional, relacionando-a com outras diferenças culturais.

O foco central de investigação dos estudos queer é, então, a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. Denunciar a heteronormatividade não significa se posicionar em defesa da homossexualidade, mas na desconstrução das normas. Nessa perspectiva, os estudos queer propõem uma recusa aos valores e às normas que criam a *abjeção* dos sujeitos, denunciando as marcações sociais que encaram alguns como “normais”, aceitando-os, enquanto outros como “anormais”, relegando-os a um status de inumanidade, de desprezo e humilhação. Para Córdoba (2007), os aspectos fundamentais dos Estudos Queer são a crítica do regime heteronormativo e a crítica da identidade com limites precisos e inflexíveis. Para o autor, a política queer é basicamente antiassimilacionista, antiintegracionista à sociedade heterossexual a partir de um lugar conscientemente marginalizado, utilizando a estratégia de enfrentamento direto e provocativo às estruturas da heteronormatividade.

Entre os autores que são apontados como “precursores” dos estudos queer, antes de Lauretis cunhar o termo, encontram-se Eve Kosofsky Sedgwick, Gayle Rubin, o francês Guy Hocquenghem, a francesa Monique Wittig, Adrienne Rich, Néstor

Perlongher, entre outras/os. Na década de 1990 se destacam os trabalhos de Butler, David Halperin, Steven Seidman, Michael Warner, Annamarie Jagose, Jack Halberstam, entre outros/as.

Butler, que concebe o queer como uma nova política de gênero, é notadamente a teórica mais consagrada dessa vertente de estudos. O já clássico *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003) lançou inúmeras concepções centrais nos estudos queer, como a ideia de *performatividade de gênero*. Em outros livros a autora aprofunda sua teoria do gênero, como: *Corpos que importa: sobre os limites materiais e discursivos do “sexo”* (2008) e *Desconstruindo Gênero* (2007). Segundo ela, a teoria *queer*:

(...) se opone a toda reivindicação de identidade, incluyendo la asignación de un sexo estable, entonses la tensión parece realmente intensa. (...) Aunque la teoría *queer* se opone a aquellos que desean regular la identidad y establecer premisas epistemológicas prioritarias para quienes reclaman cierto tipo de identidad, no busca tan sólo expandir la comunidad de activismo antihomofóbico, sino más bien insistir em que la sexualidad no se resume fácilmente ni se unifica a través de la categorización (BUTLER, 2007, p. 22).

No contexto europeu, cito a relevante obra da espanhola Beatriz Preciado, autora de livros como *Manifesto contra-sexual* (2002), *Multidões queer* e *Testo Junkie* (2008). Ainda na Espanha, aponto a coletânea organizada por David Córdoba, Javier Sáez e Paco Vidarte (2007). Na França há tentativas de resgatar o trabalho de Guy Hocquenghem como pioneiro dos estudos queer. A obra chefe do autor é *O desejo Homossexual*, publicado com um posfácio de Beatriz Preciado (2009). Os trabalhos de Bourcier também podem ser apontados como relevantes para a produção dos estudos queer no contexto francês.

Em nível nacional, estudos feministas e sobre a “condição feminina” surgiram na década de 1960 (SAFFIOTI, 1969), enquanto que nas décadas de 1970 e 1980 foram se consolidando estudos gays e lésbicos (FRY & MACRAE, 1985). Os estudos orientados pela perspectiva *queer* começaram a despontar no início dos anos 2000 (LOURO, 2001) e, apesar de poucos investimentos em termos de traduções, é uma discussão que vem ganhando espaço, inclusive nos movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Há uma tentativa de resgatar o trabalho do argentino radicado no Brasil Néstor Perlongher, autor de *O negócio do michê* (1987), como um precursor dessa perspectiva no país. Há também os trabalhos de Richard Miskolci, Larissa Pelúcio, Berenice Bento, Leandro Colling, Marcia Aran, entre outros.



Ainda não foram realizadas pesquisas sobre a recepção desse pensamento no país, salvo algumas iniciativas de Miskolci. Segundo ele, de maneira geral, as/os ativistas brasileiras/os começaram a falar em *queer* de forma superficial, incorporando o termo sem grandes reflexões, desassociado das peculiaridades regionais. Os pesquisadores desse momento inicial (e em alguma medida os atuais) desconsideram a tradição brasileira de estudos gays e lésbicos, que partem de uma perspectiva histórica e construtivista sobre “minorais sexuais” e não mantêm um diálogo profícuo com os estudos feministas. Desta forma, o cenário acadêmico e político brasileiro ainda carece de uma maior reflexão a respeito do que esse intercâmbio de ideias pode favorecer na compreensão da nossa sociedade, marcada por uma formação rural, latifundiária, escravocrata, católica e patriarcal, que se articula com os elementos da colonialidade.

Miskolci (2009), nesse contexto, discute as similaridades e distinções entre Teoria Queer e Sociologia, notadamente os estudos sobre sexualidade na perspectiva sociológica, partindo do pressuposto de que a Teoria Queer, como desdobramento criativo da filosofia pós-estruturalista, ganhou notoriedade ao se contrapor criticamente aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e à política da identidade, focando na compreensão de como a sexualidade estrutura a ordem social contemporânea.

Entre as mencionadas afinidades está o entendimento da sexualidade como construção social e histórica. Estranham-se, entre outros motivos, porque até a década de 1990 as ciências sociais tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade. Vale ressaltar que os estudiosos *Queer* não apontam a sociologia como área de conhecimento inválida, mais especificamente a sociologia da sexualidade. Ao revés, nas palavras de Miskolci:

A Teoria *Queer* desafia a Sociologia a não mais estudar apenas os que rompem as normas (o que redundaria nos limitados estudos de minorias) nem apenas os processos sociais que os criam como desviantes (o que a teoria da rotulação já fez com sucesso), antes focar nos processos normalizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno (MISKOLCI, 2009. p. 170-171).

Nesse caminho é que se configura um dos objetivos dos estudos *queer*, ao propor a realização de uma analítica da normalização, ao investigar quais os processos implicados na construção dos sujeitos, das identidades individuais e coletivas, de forma a construir o “*eu*” e o “*outro*” como justificativa de acesso desigual ao poder. Dos emaranhados dessa relação entre Teoria *Queer* e Sociologia, se configura o diálogo atual que visa articular vários níveis da ordem social, o micro (relativo a agentes individuais e suas interações), médio (grupos, associações e movimentos sociais) e,

especialmente, o macro (ligado aos processos de diferenciação, estratificação e integração societária no nível nacional e global) (MISKOLCI, 2007).

Os estudos queer são válidos para pensar meu objeto de tese na medida em que propõem desnaturalizar os sujeitos como produtos de processos normalizadores a partir da articulação com formas discursivas. Como diz Miskolci, o queer acolhe especulações sobre formas alternativas de subjetivação e constituição de outras relações com o outro, portanto, insere-se na proposta foucaultiana de sabotagem do projeto de sujeito moderno. Para Foucault, as sociedades inventam formas de regular e materializar o sexo nos sujeitos que necessitam ser repetidas e reiteradas, indo ao encontro da noção de *performatividade do gênero* de Butler. Por essa razão, o processo de materialização do sexo é cheio de lapsos, já que os corpos nunca se conformam completamente às regras que os regulam. Tendo em mente que a sexualidade é discursiva, é possível compreender que ela é formada por processos sociais normalizadores que operam por meio de classificações, gerando a ilusão de que os sujeitos são estáveis e coerentes.

Nessa linha, para versar sobre os movimentos postos em prática por sujeitos encerrados na denominação “travesti”, com foco em Janaína, busco verificar como as normas de gênero foram subvertidas/fortalecidas, os conflitos, os interstícios, bem como contesto as amarras identitárias referentes aos gêneros e às práticas sexuais, de forma a “sublinhar a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea” (MISKOLCI, 2009, p. 154).

Por mais que o foco da pesquisa seja um sujeito específico, o olhar está voltado para a cultura, para as normas impostas, para as convenções a que o sujeito está assujeitado, entendendo que as identidades são socialmente construídas, disciplinando, normatizando e controlando os sujeitos. Janaína, ao ter se identificado como uma travesti, em desacordo com os gêneros tidos como normais, pode ser tida como subversiva. No entanto, dentro da sua subversão, ela é coagida a agir de forma “normal”, “digna”, “comportada”. Quanto mais ela se afasta dessa heteronorma, mais estará submetida a injúrias e humilhações. Por mais que ela tenha flexibilizado e até desafiado normas de gênero na sua experiência, ela efetuava adequações, talvez por isso seja tida como um ícone, um exemplo de travesti de sucesso, inserida e longe da mancha moral da prostituição. Longe de querer encaixá-la em um ponto (normativo) ou em outro (subversivo), veremos que Janaína vivia na tensão, brincava na ambivalência em relação ao binarismo, se adequava, rejeitava as normas de gênero.

## CAPÍTULO 2: Morre um ícone, fica o exemplo



Foto de Janaína usada na *Campanha Nacional Travesti e Respeito*. Arquivo da família de Janaína.

*Janaína com certeza merece nossa homenagem e nossos aplausos, pois, como poucas, soube se fazer respeitar, deixando sua história como exemplo (Claudia Wonder).*

*A morte não é nada. Eu somente passei para o outro lado do caminho. Eu sou eu, vocês são vocês. O que eu era para vocês, eu continuarei sendo. Me dêem o nome que vocês sempre me deram. Falem comigo como vocês sempre fizeram. Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas. Eu estou vivendo no mundo do Criador. Não utilizem um tom solene ou triste, continuem a rir daquilo que nos fazia rir juntos. Rezem, sorriam, pensem em mim. Rezem por mim. Que meu nome seja pronunciado como sempre foi, sem ênfase de nenhum tipo, sem nenhum traço de sombra ou tristeza. A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado. Porque eu estaria fora de seus pensamentos agora que estou apenas fora de suas vistas? Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do Caminho. Você que aí ficou, siga em frente, a vida continua, linda e bela como sempre foi (Autor Desconhecido. Frase repetida por Janaína no período de adoecimento, segundo familiares).*

Conhecida como “a primeira travesti advogada no Brasil”, Janaína é considerada por muitos uma importante ativista do movimento LGBT nacional, especialmente do movimento de travestis e transexuais e do movimento de combate à aids, tida como um ícone, um mito<sup>33</sup>. A imagem de Janaína é atual, forte e resgatada sempre que necessário, principalmente, para conferir “dignidade” em oposição à “abjeção” na qual as travestis brasileiras estão inseridas. Os mencionados elementos da sua experiência lhe renderam muitas homenagens póstumas e narrativas que caminham no sentido de resgatar seu “exemplo”, seu “destaque”, seu “sucesso” por driblar regras do sistema heteronormativo por meio da inserção em espaços negados a pessoas que não correspondem ao modelo imposto. Ao falar de si, Janaína procurou sintetizar seu ativismo:

Sou presidente da ATRAC – Associação de Travestis do Ceará. Atual coordenadora nacional da ANTRA, que é a Articulação Nacional das Travestis. Faço parte, como conselheira, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República. Estou envolvida no movimento de transgêneros há mais de dez anos, desde 92, né? Tenho como formação o Direito. Sou advogada. Em estatísticas já feitas informalmente pela OAB foi detectado que a única travesti no exercício da profissão sou eu, e na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará. O que é meio curioso porque é uma cidade que alimenta ainda resquícios culturais muito machistas e que faz disso um desafio maior e uma forma de contribuir para o movimento (Falas de Janaína retiradas do documentário *Janaína Dutra: Uma Dama de Ferro*, ALMEIDA, 2011).

Nessa fala Janaína destacou sua atuação no movimento social de transgêneros<sup>34</sup>. Ela era, naquele momento, presidenta da ATRAC, coordenadora da ANTRA e conselheira do CNCD. A carreira na advocacia também foi ressaltada, com especial destaque para a exclusividade como travesti. O elemento pioneirismo era sempre apontado nas apresentações públicas que Janaína fazia de si, a partir de dados levantados de maneira informal, segundo ela. Atualmente, esse pioneirismo permanece repetido e enaltecido em vários relatos, como veremos a seguir. Longe dos holofotes, é sabido que Janaína ironizava essa posição de “única advogada travesti no Brasil”, tal como afirmou Vale no documentário de Almeida (2011). O deboche, aliás, era uma

<sup>33</sup> Em 1997, a própria Janaína teria falado que era como “um ídolo” para as travestis. A matéria do *Jornal do Comércio* lançou a seguinte nota: “Quando a questão é credibilidade, Dutra é enfático: “Sou como uma espécie de ídolo entre eles”. Segundo ele, estatísticas comprovam que 85% dos homossexuais são profissionais do sexo e 40% deles não chegaram a completar o primeiro grau: ‘Pelos próprias conveniências sociais, alguns se assumem muito cedo e enfrenta urna barra na escola, escutam muitas chacotas. Sem esquecer a falta de apoio familiar e fazendo da prostituição a solução para sobreviver’. In: *Seminário cearense aborda no Recife tema tabu: advogado travesti faz defesa de homossexuais*. *Jornal do Comércio*, Recife, 25 de outubro de 1997. Notar que a matéria usa flexões de gênero no masculino para Janaína e travestis e não faz distinção entre travestis e homossexuais.

<sup>34</sup> Categoria largamente utilizada no contexto de atuação de Janaína pelo movimento nacional de travestis e transexuais, para abarcar essas duas experiências. A própria Janaína rejeitava essa palavra, como revelou à Vale: “Eu não gosto muito dessa coisa de transgênero, parece coisa de genérico. Prefiro falar da travestilidade” (VALE, 2005, p. 243).

característica bastante marcante na personalidade de Janaína e, nesse sentido, se configurava como uma ironia política, um zombamento da situação privilegiada frente à marginalização na qual está inserida grande parte das travestis em nosso país. Outro traço relevante nessa fala é a marcação de seu pertencimento ao Nordeste, para ela uma região machista e desafiadora que potencializava seu ativismo. As narrativas sobre ela depois de sua morte geralmente resgatam esses marcos do seu ativismo, reforçando sua imagem pública, solidificando o “exemplo positivo”.

## Homenagens póstumas a Janaína

Transcrevo, inicialmente, o texto *Réquiem para a travesti Janaína* escrito por Luiz Mott, publicado no jornal *O povo*, dez dias depois da morte de Janaína:

Janaína foi registrada na certidão de nascimento com o nome de Jaime César Dutra Sampaio. Cearense do município de Canindé, tornou-se Dr. Jaime ao se formar em Direito. A tendência ao travestismo, porém, foi mais forte do que as convenções sociais, e Jaime se assume travesti, passando a viver como Janaína. Foi a primeira, talvez a única vez em toda história do Brasil, que uma travesti conseguiu sua carteira e filiação junto à OAB. Em 1989 tornou-se militante dos direitos humanos dos homossexuais, ocupando a vice-presidência do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) de Fortaleza. Fundou a ATRAC, Associação de Travestis do Ceará, exerceu o cargo de Secretária de Direitos Humanos (suplente) da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, sendo a atual Presidenta da ANTRA, Articulação Nacional de Transgêneros, e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Figura das mais destacadas dentro do movimento “trans”, costumava sempre ter à mão cópia da Lei Municipal contra a homofobia, tendo participado de inúmeros congressos, mesas redondas e seminários sobre direitos humanos, aids, travestismo. Faleceu em 8 de fevereiro de 2004, aos 43 anos, em decorrência de um câncer no pulmão. Algumas opiniões e declarações de Janaína retiradas da imprensa nacional revelam a grandeza de sua personalidade e altruísmo de seus objetivos de vida:

**A adolescência das travestis:** “Geralmente, quando ainda estão cursando o ensino fundamental, por volta dos 13 ou 14 anos, as jovens travestis começam o processo de hormonização, depois vem a siliconização, e o preconceito. A família, principalmente aqui no Nordeste, não aceita e o garoto é expulso de casa. O único meio de vida é a prostituição. Costumo comparar a travesti a uma ilha, só que ao invés de estar cercada de água por todos os lados está cercada pela violência”.

**A diferença entre as transgêneros:** “A transexual tem o espírito mais feminino e adoraria fazer uma operação de troca de sexo, enquanto a travesti vive a bissexualidade dentro da homossexualidade, ela gosta e admira o próprio pau. As transexuais buscam a heterossexualização da sua homossexualidade, enquanto as travestis, vivem a bissexualidade dentro da homossexualidade.”

**Sobre a necessidade de profissionalização das travestis:** “Nossa meta é melhorar a qualidade de vida das travestis. A cidadania e a busca do conhecimento são alternativas à prostituição. A prostituição um dia acaba, não é para a vida toda. Defendo uma política de cotas que garantam participação das travestis no mercado de trabalho, além de políticas públicas que obriguem as escolas a ensinar o respeito à diversidade”.

**Melhorando a imagem das transgêneros:** "As travestis sempre foram vistas como bagaceiras<sup>35</sup>, perigosas. Esta recente campanha do Ministério da Saúde pela cidadania das transgêneros ajudará a quebrar o preconceito e passar mensagem de respeito e autoestima".

**Rebatendo a homofobia da Igreja:** em resposta a declaração de Dom José Tosi, Arcebispo de Fortaleza, de que o "o homossexualismo é um defeito da natureza humana, comparado à cleptomania, ao homicídio e à irascibilidade, Janaína declarou: "Tratar a homossexualidade dessa maneira é negar o amor cristão, o amor sem preconceito. A Igreja peca por omissão. Pede perdão por algumas coisas e fecha os olhos para outras. A Igreja é hipócrita e se prende a um discurso dogmático, esquecendo os problemas sociais"<sup>36</sup>.

Figura meiga e dinâmica, Janaína era muito bem quista pelos militantes do movimento homossexual brasileiro que lastimam sua grande perda.<sup>37</sup>

Nesse texto de homenagem, Mott começou resgatando o nome de registro de Janaína, marcando um pertencimento ao masculino no nascimento. A advocacia aparece logo em seguida, quando diz que ela tornou-se o Dr. Jaime César Dutra Sampaio, advogado cearense que "se assumiu travesti". O elemento pioneirismo é ressaltado quando aponta a filiação de Janaína à OAB, mesmo ressaltando que ela foi inscrita ali como homem e não como travesti. Na maioria das narrativas sobre Janaína, essa afirmação aparece de forma não problematizada. A sequência "advogado que se tornou travesti" ou "travesti advogada" varia de relato para relato. Teço essa observação porque ela possui implicações nas análises que faço ao longo do trabalho. Como é sabido, Janaína cursou a faculdade de Direito e teve inscrição na OAB quando ainda não reivindicava para si uma identidade travesti.

Mott aponta no texto a atuação de Janaína na ABGLT, elemento que não apareceu na fala da própria Janaína, talvez por que não fosse tão significativo o seu trabalho nessa associação como suplente. A participação de travestis em cargos da diretoria executiva da ABGLT só se efetivou em 2010, quando Keila Simpson passou a ocupar o cargo de Vice-Presidente Trans e Tathiane Araújo o de Diretora da Secretaria de Direitos Humanos, posições essas que foram conquistadas a duras penas, como fala em depoimento Tathiane para Carvalho (2011). Segundo Tathiane, o movimento de

<sup>35</sup> Expressão de conotação negativa significa algo considerado ruim, bagunçado. Possivelmente, tem relação com bagaço, resto, sendo comum ser proferida em certas regiões do Nordeste para descrever não somente pessoas bagunceiras, escandalosas, que gostam de confusão, mas também situações.

<sup>36</sup> A polêmica travada entre Janaína e Dom José Tosi teve bastante repercussão na mídia local. Sobre isso ela teria dito ainda: "Existe muito machismo e preconceito nessa resposta do arcebispo de Fortaleza. A Igreja católica tem um débito com os homossexuais que foram assassinados na época da inquisição. Quando condena a igreja deixa de ver a realidade social. Deixa de ver o aumento da Aids entre as mulheres casadas com idade média entre 25 e 45 anos. A igreja é hipócrita e se prende a um discurso dogmático esquecendo os problemas sociais". In: Entidade Gay acusa preconceito Jaime Dutra: A igreja peca por omissão. In: Jornal O povo, 2000.

<sup>37</sup> MOTT, Luiz. *Réquiem para a travesti Janaína*. In: *Jornal O Povo*, Fortaleza, 14.02.2004.

travestis e transexuais brasileiro exerceu fortes pressões nas eleições de 2010 da ABGLT para que houvesse a inclusão de lideranças nacionais travestis na Associação, inconformadas com a exclusão de travestis de importantes espaços de decisão política, sempre centralizadas em figuras de gays.

Ao demarcar o início do que chama de militância de Janaína por direitos humanos de homossexuais, Mott aponta a atuação dela como vice-presidente do GRAB em 1989. Esse ano, porém, corresponde ao de registro formal do grupo como associação e não ao da vice-presidência de Janaína, demonstrando certo distanciamento do autor do texto com a experiência de Janaína. O antropólogo Mott é um ativista reconhecido do movimento homossexual brasileiro e se intitula o “decano do movimento gay do Brasil”, por ser fundador do Grupo Gay da Bahia, a mais antiga associação de defesa de direitos homossexuais do Brasil ainda em atividade. Ele pode ter escrito o texto em homenagem a Janaína pelo que representa em termos de atuação no movimento homossexual brasileiro, por ter trabalhado, assim como Janaína, no CNCD ou por ter feito parte da Comissão Nacional de Controle da Aids do Ministério da Saúde<sup>38</sup>. Esse distanciamento entre o autor da homenagem e a homenageada ficou evidenciado numa entrevista de Janaína a Vale (2005), quando ela fez referência a conflitos entre Mott e o movimento de travestis, especialmente por ele se referir às travestis como “rapazes de peito”<sup>39</sup>, interpretado como desrespeito às reivindicações de feminilidade do grupo. Aliás, é notória a disparidade entre as concepções acerca da travestilidade e o teor das publicações de Mott. Como frisou Vale, embora Mott tenha sido co-autor de três publicações sobre travestis<sup>40</sup>, sua “expertise no estudo de travestis” continua sendo questionável. Nesse sentido, é válido o questionamento sobre o que motivou essa homenagem e os efeitos políticos para o movimento de travestis ao ter uma fala do referido militante para representar uma ativista travesti, uma vez que o mesmo texto foi

<sup>38</sup> Como consta no seu Currículo Lattes, de 1990 a 2002.

<sup>39</sup> Mott responde: “Não obstante curriculum inigualável, meus biógrafos terão de incluir nesta mesma história um dado chocante e contraditório: recebi um bizarro diploma onde sou apontado como ‘o maior inimigo dos travestis do Brasil’, título outorgado pela presidenta da ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados), motivado por duas razões: por que utilizei algumas poucas vezes em meus escritos as expressões ‘rapazes de peito’ e ‘travecas’ para descrever os homens travestidos - expressões corriqueiramente utilizadas pelas próprias travestis baianas, mas que foram consideradas prova inconteste da minha suposta ‘trafobia’ - expressão divulgada pela ASTRAL (imprópria etimologicamente, e que seria melhor substituir por “travestifobia”). Depois ficou comprovado que algumas das assinaturas deste absurdo troféu tinham sido falsificadas, um estelionatozinho desta minha fidalga inimiga” (Travestis: anjos ou demonios? In Mott, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*, Rio de Janeiro: Record, 2003).

<sup>40</sup> *Gilete na carne: etnografia das automutilações dos travestis da Bahia* (1987), *Travestis* (1995), *Os travestis da Bahia e Aids: prostituição, silicone e drogas* (1997), além de alguns textos como *Travestis: anjos ou demonios?* In: Mott, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003, *O que define uma travesti?* (sem referência).

publicado no *Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB (Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais) e de Promoção da Cidadania de Homossexuais “Brasil Sem Homofobia”* (2004).

Importante lembrar que Mott possui a fala autorizada de cientista social, “um perito”. Em alguns momentos de crise, como no de perdas de pessoas que construíram atuações públicas, é comum que um intelectual especializado profira um *discurso competente* em que realce os feitos do homenageado, ao mesmo tempo em que apague ou omita os elementos conflituosos e aparentemente contraditórios, principalmente aqueles que possam “manchar” a imagem daquelas pessoas de quem se fala. Para Marilena Chauí (2007), o *discurso competente* é aquele instituído, proferido e aceito como sendo verdadeiro e autorizado, muito comum em sociedades que cultuam a cientificidade, tal como a nossa. Esse discurso não é proferido por qualquer pessoa e nem contém elementos aleatórios, ele se confunde com a linguagem que é institucionalmente permitida e seus interlocutores são pessoas autorizadas a falar, bem como os lugares e as circunstâncias de emissão da fala.

No texto de Mott, Janaína foi retratada como uma figura de muito destaque dentro do movimento de travestis e transexuais, com intensa participação em eventos que discutem os temas de direitos humanos, aids e “travestismo” (sic). Apesar dos debates dentro dos movimentos sociais e dos estudos sobre gênero e sexualidade que reivindicam a supressão do sufixo “ismo” de termos como “homossexualismo”, “travestismo”, “transexualismo”, como já foi discutido no capítulo anterior, Mott insiste em mantê-lo, mostrando, mais uma vez, que não possui sintonia com o discurso do movimento de travestis. Essa disparidade acentua os questionamentos sobre a pertinência de tal homenagem feita por ele.

Além da militância de Janaína nesses espaços listados, Mott elenca características pessoais dela, a saber: grandeza de personalidade, altruísmo, meiguice e dinamismo, qualidades essas que, somadas ao seu destaque nos referidos movimentos, tornava-a muito estimada pelo movimento homossexual brasileiro. Não questiono a importância do trabalho de Janaína para o movimento homossexual, considerando, por exemplo, sua atuação no GRAB e em outras associações, mas o fato de Mott englobar movimentos específicos e experiências múltiplas em um termo guarda-chuva, já bastante questionado (FACCHINI, 2005), sobre a constituição do movimento LGBT em função do “movimento homossexual brasileiro”.



A atuação de Janaína nesses espaços institucionais são referências ativadas sempre que necessário para destacar a importância e amplitude das suas ações. Vez ou outra, elas aparecem somadas às características de personalidade, além daquelas apontadas por Mott, como: personalidade forte, sensibilidade, pulso firme, carisma, dignidade e inteligência, para citar algumas.

O citado texto de Mott parece ter solidificado, em síntese, muito do que hoje se fala sobre Janaína, contribuindo para estruturar pontos de memória sobre ela, inclusive as citações de Janaína destacadas. Essas falas são retomadas em outros momentos, em especial a frase: “Costumo comparar a travesti a uma ilha, só que ao invés de estar cercada de água por todos os lados está cercada pela violência”, que é, inclusive, citada em vários encontros do movimento de travestis e transexuais ainda hoje.

Essa reprodução do texto de Mott talvez tenha se dado porque obteve larga circulação com a publicação no documento do Programa Brasil Sem Homofobia, logo depois do falecimento de Janaína. Esse programa, fruto de uma articulação entre o Governo Federal e os movimentos sociais, foi elaborado a partir da Secretaria Especial de Direitos Humanos no âmbito do *Programa Direitos Humanos, Direitos de Todos*. A elaboração do documento, publicado pelo Ministério da Saúde, foi creditada a André Luiz de Figueiredo Lázaro, Cláudio Nascimento Silva, Ivair Augusto Alves dos Santos e à Comissão Provisória de Trabalho do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Janaína trabalhou na elaboração do Programa a partir da sua atuação no CNCD. O material lançado foi dedicado a Janaína *in memoriam*, quando esse texto de Mott reaparece com o título *À Janaína*, marcando a dedicatória que a equipe de elaboração do programa fez a ela. O então Secretário Especial dos Direitos Humanos, Nilmário Miranda, firma ainda um agradecimento especial a Janaína, tomando-a como exemplo de força e admiração: “Quero manifestar o nosso agradecimento ao esforço de todos os militantes e à Janaína, que na sua passagem pelo Conselho Nacional de Combate à Discriminação deixou um testemunho de coragem e dignidade” (2004, p. 07).

Embora o texto de Mott tenha sido republicado no referido documento, ele aparece com uma pequena diferença em relação ao texto publicado inicialmente no *Jornal O Povo*. Ao invés de: “*Figura meiga e dinâmica, Janaina era muito bem quista pelos militantes do movimento homossexual brasileiro que lastimam sua grande perda*”, as palavras que concluem a homenagem são: “*Figura meiga e dinâmica, Janaína, com sua longa cabeleira, protótipo da Rainha do Mar, era muita bem quista pelos militantes*

*do movimento homossexual brasileiro, que pranteiam sua partida tão prematura. O exemplo de luta de Janaína estará permanente em nossa memória*". Acrescentando, desta forma, uma comparação de Janaína com Iemanjá, entidade da umbanda também conhecida no Brasil por Janaína. Destaca ainda a brevidade de sua existência e traz outro elemento recorrente nas falas sobre Janaína, o de exemplo a ser seguido e lembrado.

Além de publicado no Jornal *O Povo*, no Programa *Brasil sem Homofobia* e divulgado em outros meios de comunicação, o texto de Mott foi retomado no artigo de homenagem escrito por Cláudia Wonder<sup>41</sup> intitulado *Morre um ícone, fica o exemplo*, título que tomo emprestado para o capítulo. Na publicação, o texto é anexado à seguinte introdução de Cláudia para que o leitor entenda os motivos que fizeram com que Janaína se constituísse como um ícone:

Morreu Janaína, travesti militante do Ceará, fato que para nós transgêneros é sem dúvidas uma grande perda. Saibam o porquê lendo o texto abaixo, escrito pelo antropólogo Luiz Mott. Janaína com certeza merece nossa homenagem e nossos aplausos, pois, como poucas, soube se fazer respeitar, deixando sua história como exemplo (WONDER, 2004).<sup>42</sup>

Para Cláudia, Janaína é exceção entre travestis porque conquistou respeito para si ("soube se fazer respeitar"), estabelecendo uma diferença entre aquelas que não estão de acordo com normas estabelecidas de respeitabilidade. Essa afirmação tem outra implicação, o "respeito" aparece como algo que deve ser conquistado e não como um bem garantido. Ele é privilégio de poucas, daquelas que correspondem às exigências sociais ou que lutam e se adequam parcialmente. A "diferença" de Janaína rendeu a ela um bom tratamento, admiração e reconhecimento entre as "transgênero", que teve como parâmetro a correspondência aos aspectos sociais que são atribuídos importância. Essa afirmação se traduz em ter um comportamento socialmente aceitável, não *abjeto* e de adequação às normas. Comum nesse tipo de discursos, Cláudia recorre à ideia do "exemplo" que Janaína deixou através de sua história de superação e distanciamento das experiências estigmatizadas, reafirmando, desta forma, determinados tipos de comportamentos a partir de um padrão de respeitabilidade.

---

<sup>41</sup> Ativista de grande prestígio no movimento de travestis, pertencente a uma geração de travestis que realizavam trabalhos artísticos, falecida em 2010. Ela fez parte de uma geração de travestis chamadas "anciãs", segundo Carvalho (2011) compreendendo aquelas que têm mais de 50 anos, em oposição às militantes "novas", demarcando uma divisão geracional de travestis ligadas ao movimento. A trajetória de vida das travestis "anciãs" passa, em geral, pelos cabarés e casas de shows na década de 1970 e 1980, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>42</sup> Disponível em: [http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews\\_claudiawonder\\_16.htm](http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews_claudiawonder_16.htm). Acesso em: 30 de fev. de 2013.

Nesse mesmo momento, outro material foi produzido, de menor circulação, mas não menos significativo. Trata-se de um santinho<sup>43</sup> feito pelo GRAB e bem parecido com o produzido pela família de Janaína, com exceção do nome (no da família consta o nome Jaime César) e do texto (que no santinho da família foi escolhido por Dargenira). O santinho elaborado pelo GRAB continha o seguinte texto no verso de uma foto dela:

Janaína Dutra, originária de Canindé, cidade banhada por um rio caudaloso, cidade de fé, cresce, se transforma e ganha o mundo, com garra, coragem e determinada a lutar por justiça social, pelos direitos humanos, a liberdade e a felicidade. Janaína, como um bom e velho comunista, era feita de ferro e flor. Dura nas suas convicções, no seu ativismo e em sua trajetória política, leve como as flores com sua diversidade de cores e cheiros, seus poemas cultuados e sua maneira doce de ser e viver. Janaína é patrimônio dos Direitos Humanos no Brasil!!! Janaína, feita de ferro e de flor! O movimento homossexual e de luta contra a Aids, te celebra, te agradece teu legado e reafirma que teus sonhos, tuas vontades e teus anseios continuarão a ser realizados. Nosso amor por você definitivamente não termina aqui... Viva Janaína Dutra, portavoza da ESPERANÇA, da BELEZA e da VIDA.

Essa homenagem que a associação fez a Janaína é, assim como a de Mott, uma fala localizada a partir do movimento homossexual, não fazendo menção ao movimento de travestis e transexuais. Aponta, no entanto, o envolvimento dela no movimento de luta contra a aids que, apesar de notório, não foi mencionado por Janaína naquela fala citada no início do capítulo e nem no texto de Mott, que se limitou a falar que ela participava de mesas redondas e seminários sobre o tema. No santinho não fazem referência ao nome de registro, Jaime César, mas narram uma transformação à medida que Janaína cresce e “ganha o mundo”, se afastando dos referentes daquela cidade bucólica e religiosa onde nasceu.

Nesse material, as frases utilizadas para descrever Janaína jogam com a ideia de ambiguidade, usando concepções de oposição/complementaridade. Essa ambiguidade também parece uma maneira de marcar a diferença sexual. Os pares opostos/complementares são: homem comunista forte e convicto politicamente / figura sensível; ferro / flor; dura / leve. A “dureza” de Janaína aparece relacionada ao ativismo político, enquanto que sua “leveza” está vinculada à esfera mais íntima, ao seu cheiro, sua sensibilidade poética, tornando sua vida mais doce, deixando subentendida ainda outra oposição: público / privado. Além disso, Janaína é descrita como “patrimônio dos direitos humanos no Brasil”, uma referência para a memória dos referidos movimentos sociais, alguém que possui um valor excepcional a ser preservado

---

<sup>43</sup> Pequenos cartões impressos confeccionados para homenagear alguém que morreu. Integra costumes ligados a valores cristãos e é muito comum no contexto analisado. Geralmente, contêm fotos, orações e textos sobre o homenageado.

em benefício das presente e futuras gerações, através da encarnação dos ideais exaltados e deixados como exemplo.

No ano da sua morte, Janaína foi bastante homenageada nos encontros do movimento LGBT de forma geral, principalmente no XI ENTRAIDS<sup>44</sup>, em junho de 2004, quando foi largamente homenageada por várias ativistas.

As homenagens a Janaína, no entanto, não partiram somente de militantes e grupos de homossexuais. Daletty di Polly<sup>45</sup>, considerada uma das *filhas* de Janaína, criou uma Comunidade no site de relacionamento *Orkut*, em 11 de julho de 2006, intitulada *Janaína Dutra: "In memória"*. O grupo virtual era descrito da seguinte forma:

*Essa comunidade é uma homenagem a esta grande "guerreira" que em sua passagem pela terra "lutou" bravamente pelos direitos humanos e cidadania da comunidade LGBTT, pela liberdade e pela vida. Janaína Dutra, que faleceu no dia 08 de fevereiro de 2004, em decorrência de um câncer no pulmão deixou um grande vazio em nossos corações, que superamos com as lembranças dos bons exemplos deixados por ela. Será sempre lembrada com muito orgulho como a 1ª travesti advogada do Brasil!!!<sup>46</sup>*

Aqui o título de “primeira travesti advogada do Brasil” aparece novamente em destaque, como uma posição central a partir da qual Janaína deve ser lembrada. Ela é descrita como guerreira, tendo concentrado sua luta na defesa de direitos de pessoas LGBT, por liberdade e pela vida. Em um tópico criado por Daletty dentro da comunidade, intitulado *Conheça um pouco sobre a vida de Janaína Dutra*, ela escreveu:

*Janaína nasceu na cidade de Canindé, interior do Ceará, no dia 30 de Novembro de 1960, foi registrada com o nome de Jaime César Dutra Sampaio, tornou-se Dr. Jaime ao se formar em Direito, na UNIFOR, em 1986. A tendência a travestilidade, porém, foi mais forte do que as convenções sociais. Dr. Jaime decidiu suavizar as formas e passou a utilizar hormônios femininos, se assumindo travesti, passando a viver como Janaína Dutra. Foi a primeira, talvez a única vez em toda história do Brasil, que uma travesti conseguiu sua carteira de filiação junto à OAB. Na medida em que foi se transformando, se assumindo como travesti, Janaína foi se especializando em casos na área de Direitos humanos, voltado para a causa homossexual. Em 1989, começou a atuar no movimento de cidadania homossexual, tornou-se militante dos Direitos Humanos dos homossexuais, filiando-se ao Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), onde galgou diversos postos até chegar à vice-presidência. Fundou a ATRAC – Associação de Travestis do Ceará, exerceu o cargo de Secretária de Direitos Humanos (suplente) da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros. Foi também*

<sup>44</sup> Nesse ano o ENTLAIDS passou a se chamar ENTRAIDS – Encontro Nacional de Transgêneros que atuam com Aids.

<sup>45</sup> Daletty também trabalhou com Janaína no GRAB e compôs a primeira diretoria da ATRAC em 2001, ocupando o cargo de 1º Secretária.

<sup>46</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=16895659>. Acesso em: 20 de out. de 2011. .

*presidente da ANTRA – Articulação Nacional de Transgêneros, e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação*<sup>47</sup>.

No primeiro relato de Daletty na comunidade virtual aparece a data de falecimento de Janaína, enquanto que nesse último, a data de nascimento, ambos tidos como marcos de uma vida. Quando falou do falecimento, ela fez referência a Janaína. Por outro lado, quando apontou o nascimento, usou o nome de registro, Jaime César, talvez porque essa faceta masculina seja uma forma de conhecermos “um pouco mais sobre a vida de Janaína”, situando essa marcação como uma espécie de mito fundante da ativista guerreira que veio a se tornar. Mais uma vez, a ideia de transformar-se, de assumir tendências e identidades inatas aparece com toda força.

É possível perceber que o texto de Daletty possui estreita proximidade com o texto de Mott já citado, publicado dois anos antes. Poucas alterações foram feitas e acrescentadas à escrita do antropólogo: data de nascimento, nome da universidade na qual Janaína cursou Direito e a substituição do termo “travestismo” por “travestilidade”. Daletty falou ainda sobre a experiência de modificação corporal por meio da ingestão de hormônios, com o objetivo de “suavizar as formas”, ou seja, torná-las mais próximas do que é reconhecido como formas corporais femininas. Por fim, manteve a escrita de Mott referente à atuação de Janaína nas associações e órgãos públicos, com exceção da descrição sobre a participação no GRAB. Para Mott, Janaína era vice-presidente da associação desde sua fundação em 1989, enquanto Daletty aponta para uma gradual conquista de cargos, culminando na vice-presidência. Outra particularidade que aparece nas palavras de Daletty é a atuação de Janaína na área de direitos humanos, intensificada na medida em que ela vai se reconhecendo como travesti. Por mais que Daletty tenha se baseado no texto de Mott, fez significativas ressalvas que parecem se pautar na proximidade e convivência que teve com Janaína, bem como pelo fato de também vivenciar a experiência da travestilidade.

Logo adiante, afastando-se dessas narrativas enquadradas em uma referência mais ampla do movimento LGBT brasileiro, encontro um relato de Daletty, em que ela deixa transparecer sua admiração por Janaína e a dor que sente pela ausência daquela que considerava *mãe*:

*Janaína era doce como mel e forte como uma rocha, como um bom velho comunista era feita de ferro e de flor. Dura nas suas convicções, no seu ativismo e em sua trajetória política, leve como as flores com sua diversidade de cores e cheiros, seus poemas*

---

<sup>47</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=16895659&tid=2475323344290263055>. Consulta feita em 20.10.2011.

*cultuados e sua maneira doce de ser e viver. Janaína era uma dama – “Dama de espadas” – com muita elegância, ética, dignidade e transparência. Janaína sempre lutou por justiça social, pelos Direitos Humanos, a liberdade e a felicidade, e sempre procurou passar adiante seus ensinamentos, incentivando muitas trans a nunca baixarem a cabeça, e, a lutarem contra o mito das aparências, dos rótulos, das más impressões. Sinto-me privilegiada por ter sido “uma de suas pupilas”, por ter tido oportunidade de ter estado ao seu lado não só nos momentos de alegria, mas nos momentos de dor. A dor de sua partida. Janaína deixou muitas saudades em nossos corações, mas também deixou um legado de boas obras. O exemplo de luta de Janaína estará permanente em nossa memória. Janaína será sempre lembrada com muito orgulho como “a primeira travesti advogada do Brasil”. JANAÍNA DUTRA imortalizada em nossos corações; Nosso amor por você definitivamente não termina aqui...<sup>48</sup>*

Embora contenha algumas frases em comum com o texto do santinho fabricado pelo GRAB, percebe-se que Daletty falou a partir da sua convivência com Janaína, construindo significados para a relação que mantinham. Aqui, permanecem as imagens opostas como recurso de fala sobre Janaína, ela era “doce como mel” / “forte como rocha”, era feita de ferro / flor. Outra imagem que mexe com aparentes oposições é a expressão “dama de espadas”, relacionando, possivelmente, elementos da masculinidade e da feminilidade enquanto pertencentes a marcações distintas socialmente. Janaína era uma dama, fazendo menção à feminilidade, mas era uma dama de espada, uma referência fálica. A dama abarca também outros significados, como elegância e dignidade, características relacionadas à uma referência de feminilidade respeitável, diferenciada. Inclusive, essas concepções que mesclam elementos tidos como masculinos e femininos possuem relação com afirmações da própria Janaína de que uma característica das travestis é que elas “gostam e admiram o próprio pau”<sup>49</sup>.

Nesse escrito, a partir de princípios éticos, Janaína lutaria por direitos humanos, pela felicidade, pela desconstrução dos estereótipos criados em torno de travestis, chamados por Daletty de rótulos e más impressões. Essa concepção, possivelmente faz ligação com as afirmações de Janaína sobre a necessidade de quebrar o preconceito e desconstruir a imagem de travestis como “bagaceiras e perigosas”. Para Daletty, Janaína era solidária, tinha o compromisso de transmitir o que sabia e incentivava as travestis a fortalecerem a autoestima. Desta maneira, Daletty reforça a ideia de “exemplo” personificado em Janaína a partir do “legado de boas obras”.

---

<sup>48</sup> Disponível em:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=16895659&tid=2475323344290263055>. Acesso em: 20 de out. de 2012.

<sup>49</sup> É possível conferir essa afirmação nas citações que Mott faz de Janaína no texto Réquiem para a Travesti Janaína, citado acima.

Ao se identificar como uma das “pupilas” de Janaína, Daletty possivelmente se referia às travestis que conviviam e mantinham proximidade com Janaína no GRAB e, a partir de 2001, na ATRAC. Dentre elas, as que compuseram a primeira direção da ATRAC, assim constituída: Tina Megiver (vice-presidente, hoje chamada Tina Rodrigues), Paula Costa (coordenadora geral), Druzza Bergim (2ª secretária) e Renata Muchaua (tesoureira, hoje chamada Renata Sampaio), Natalia Kinskg (conselheira fiscal), Marília Mayara (conselheira fiscal) e Grethe Parma (conselheira fiscal). (imagens de Janaína com membros da ATRAC e da sua fundação no ANEXO 6).

As “pupilas” eram também chamadas de “multiplicadoras<sup>50</sup>”, “filhas” ou “minhas meninas” por Janaína, segundo ela relatou a Vale (2005). Em sua narrativa, Janaína demonstrava ter orgulho e admiração pelas pupilas, as elogiando e as incentivando a lutarem por direitos. Vale pontuou que, às vezes, Janaína se referia às multiplicadoras, suas agentes de prevenção, por “rebanho”, o que não teria relação com centralismo ou paternalismo, mas com seu “esforço heroico” entre as travestis com incipiente mobilização, consequência da falta de qualificação e atualização da exclusão agravada pela epidemia da aids. Acrescenta o antropólogo que a atitude de Janaína também não era assistencialista, estando inserida em redes de sociabilidade e solidariedade, nas quais ocorriam trocas de informações e compartilhamento de lutas. Tanto Janaína como outras ativistas assumiriam esse lugar “maternal” e “consolador”, que, por vezes, infantilizaria e tornaria “dóceis” as demais travestis.

Entre as travestis é comum o uso de categorias que se remetem ao modelo familiar tradicional. As categorias êmicas *mãe*, *madrinha*, *tia* e *irmã*, apesar de não terem significados homogêneos, estão relacionadas à influência que a pessoa teve/tem no seu processo de *montagem* e nas suas vivências como travesti. Oliveira (1994) observou que o processo de transformação das travestis é acompanhado por uma travesti mais experiente que lhe daria acolhida, influenciando “no tipo geral da mulher imaginada, contribuindo para a escolha do nome, tipo de hormônio mais indicado, tipo de roupa, cor de cabelos, etc.” (OLIVEIRA, 1994, p. 113). Silva (1993) também percebeu essas dinâmicas, chamadas por Pelúcio (2005) de *amadrinhamento*. Sobre elas, Silva afirmou: “Às vezes esses laços se consolidam de tal maneira que merecem

---

<sup>50</sup> Multiplicadoras de informação é um termo geralmente utilizado pelos órgãos fomentadores de projetos de prevenção, bem como o de “educadoras”, voltados àquelas consideradas “público alvo” das próprias políticas que, uma vez “capacitadas”, estão aptas a atuarem “entre seus pares” como agentes de prevenção. Sobre os termos, ver Pelúcio (2009).

uma definição em tom jocoso, mas reiterado, que restaura os papéis familiares clássicos” (SILVA, 1993, p. 55).

A figura da *mãe*, nessas dinâmicas, é a mais presente, na medida em que representa a imagem da pessoa que possibilita uma nova existência, uma espécie de renascimento enquanto existência possível e desejada, “é como se atualizassem, por meio dessas práticas, uma característica socialmente feminina: a maternidade” (BENEDETTI, 2005. p. 103). A *mãe* pode ser a travesti que *batiza*, ou seja, dá um *nome social*; a que coloca silicone (*bombadeira*); a que insere a travesti em uma determinada rede de relações; a que ensina algumas técnicas de *montagem*; a que abriga quando esta sai da casa da família de origem; a que aconselha, etc.

Renata Sampaio, em conversa que mantivemos, falou sobre a relação de *mãe e filha* que mantinha com Janaína, bem como sobre a construção de Janaína como ícone:

**Renata:** *O meu sentimento por ela foi de cara. Quando eu comecei a ouvir ela falar, eu me encantei. Porque eu era um pouco ignorante, na verdade. Eu tava indo [para o GRAB] por necessidade e não pela militância. Eu não tinha noção de nada! Sabe quando você tem seus vinte anos? Principalmente alguém como eu, minha realidade era muito cruel, ou você trabalhava ou se prostituía. Quem sustentava a casa era eu, sem profissão nenhuma. Sempre foi só eu e minha mãe. Eu não me prostituía. Então era complicado! Eu tentei até entrar na prostituição, mas eu não consegui porque não era a minha. Então eu fui lá, batalhei. Lavava prato nas casa alheia e trabalhei como faxineira. Aí, foi quando eu conheci o GRAB, passando por essas necessidades. Então aí eu me encantei por ela, sabe? Eu me encantei! Aquela pessoa me fez acreditar que realmente tinha uma luz no fim do túnel. Porque tem aquela coisa, a gente leva tanta patada. Eu costumo dizer que uma trans, ela mata um leão por dia pra sobreviver. Porque é um olhar torto, sabe? Não olham nem pra você como ser humano. Olham pra você como se fosse um ser sexual, como se a gente vivesse só pro sexo, tipo uma boneca inflável. Todo mundo que chega perto diz: “Não, só dá pra comer”. E ela foi me mostrando um outro lado da coisa. E até então, até conhecer ela, eu acreditava que o erro tava em mim. Eu dizia: “Bom, todo homem gosta de mulher. Porque que uma minoria gosta de homem e tem que ser como eu? Porque eu preciso ter cabelão, eu preciso ter peito, eu preciso ter quadril, eu preciso me sentir com a aparência de mulher? Eu tô errada!”. E teve um pouco de depressão também nessa história. O processo de aceitação, não digo nem depressão, tudo nessa época. E aí foi onde ela [a Janaína] entrou na minha vida. **Ela começou a me trabalhar, entendeu? Ela foi me trabalhando, ela foi me fazendo**, ela foi fazendo com que eu acreditasse em mim mesma. Ela foi trabalhando, tipo: “Renata, não é assim. Renata, presta atenção! O mundo não é assim. Você é uma pessoa como outra qualquer”. E eu dizia: “Mas, Jana, eu tô errada”. [Janaína respondia:] “Você não tá errada, as pessoas que tão querendo lhe educar e lhe colocar conforme o desejo delas. Você não é assim. Você é diferente. Existem pessoas diferentes”. [Renata perguntava:]. “Mas porque que eu não aceito?”. [Janaína:] “Porque na sua cabeça, as pessoas já colocaram que é errado e você não é errada”. Eu disse: “Pois então me prova, Jana”. Ela foi me ensinar umas coisas de quando ela se formou que ela foi lá em uma audiência de travesti e tal e no fim da história o juiz chegou pra ela e disse: “Você acha legal que você tá defendendo o seu cliente e tal, mas você é um travesti. Você não acharia legal se fosse mais discreto, tirasse seu peito, cortasse seu cabelo? E Janaína olhou bem pra cara dele e disse: “E o senhor quer que eu faça o quê, ponha na gaveta?”. Então foi nesse período que*



*Janaína foi trabalhando na minha mente, eu fui amadurecendo. Na verdade, eu comecei a trabalhar com oito anos de idade, então eu não tive infância nem tive adolescência, foi só excesso de responsabilidade. Talvez seja por isso um pouco mais da minha revolta e ao mesmo tempo o lado bom da história, né? De eu saber que usar droga não era legal, de que se prostituir não era legal. Da maneira da minha mãe ela conseguiu colocar a coisa certa na minha cabeça. Não dizendo que isso era certo e que isso era errado, porque ela batia pra depois poder dizer (risos). E a Janaína também foi me trabalhando nessa história junto com a minha mãe. Porque eu era hiper grossa e a Jana me ajudava muito, porque eu achava que num grito se resolvia as coisas. Inclusive eu fui membra da diretoria da ATRAC. A Janaína me colocou como tesoureira. Aí, surgiu uma história de um movimento em prol das transexuais, das travestis, porque não eram muito bem assistidas. A Janaína tinha um senso de justiça inacreditável e ela não admitia certas coisas. É tanto que por eu ser a queridinha dela eu era a mais bombardeada. Eu não podia errar, todo mundo podia errar. Ela me chamava de filha e eu a ela de mãe. A gente só se cumprimentava de cheirinho. Ela chegava e dava selinho. Só tinha duas pessoas, era eu e Daletty que se cumprimentava no selinho, entendeu? Nós duas eramos filhas dela. É tanto que a gente se chama de mamy. Não que nós fôssemos as queridinhas, mas é que ela [Janaína] via que nós tínhamos mais necessidade de atenção. Com os filhos não acontece isso? As mães protegem os que mais precisam. Quando a mãe olha pro filho, ela sabe da necessidade que ele precisa. E no caso, era eu e Daletty. Daletty é rebelde, louca, prostituída, a Janaína ia lá: “Daletty, cuidado! Você tá na frente da militância, você tem que ter cuidado. Você não pode se expor”. Enfim. E eu louca, brigava com deus e o mundo, tudo por conta dessa minha razão absoluta, que achava que podia tudo, por isso estava certa, uma certeza que nem eu tinha certeza se era certa, entendeu? E ia lá e batia de frente. Então por conta disso ela foi trabalhando em cima de nós duas. A Daletty sempre gostou muito de estudo. Eu sempre fui a mais rebelde e não gostava. Então por conta disso a Daletty tinha outra fonte de renda e eu só tinha a fonte do GRAB, aí aconteceu uma história lá e me cortaram do projeto. Então é isso. Eu fui criando um amor muito grande por ela. Ela tinha um respeito por mim incondicional. Ela dizia: “Olha, Renata. Se você souber conduzir sua vida, você vai ter sucesso. Você é guerreira. Você gosta de lutar pelos seus ideais. E quem acredita nos seus ideais, vence”. E eu acredito muito em mim. E olha que eu tinha uma autoestima lá no chinelo, viu, neguinha? Na verdade, ela foi me domesticando, né? Que eu era meio bichinho do mato, aquela coisa toda. E ela: “Não, Renata! Vai por aqui”. Ela sabia da minha situação, ela conhecia toda a minha vida, entendeu? E ela disse: “Essa precisa, realmente”. E foi lá, trabalhou em cima de mim. E eu tenho ela como referência. Quando eu falo dela... [se emociona]. Pronto! Ela e minha mãe são duas pessoas que marcaram a minha vida. Quando ela adoeceu, inchou os pés e tal e eu fiquei em pânico. Eu não chorei. Eu massageei os pés dela, eu beijei ela e fiquei lá, mas aí quando eu saí eu não me controlei mais. Eu me desesperei de tal maneira! Porque eu sabia que a minha segunda mãe tava indo. E dito e feito, com oito dias depois ela morreu. Teve uma parte que não teve projeto e ela tirava do dinheiro dela pra pagar pra mim. Ela dividia o salário dela, descontava uma porcentagem e dava pra mim. E eu só vim saber isso depois. E eu ia com ela no banco e ela tirava o dinheiro e nada de eu saber, eu não assinava nada e sempre eu assinava e dessa vez eu não assinava nada. Eu dizia: “Jana, ta acontecendo algo errado?”. E ela: “Não, é assim mesmo”. Ela dividia comigo o salário dela, durante um ano. Fora a carga cultural que ela me deu. Se ela me cobrisse de joia, de dinheiro eu não ia ser essa pessoa que eu sou hoje, entendeu? A minha relação com ela é essa mesma, é de vivência, de aprendizado, de educação.*

**Eu:** E o teu nome, Renata Sampaio, me fala sobre essa escolha.

**Renata:** O Sampaio é dela. Na verdade, eu tinha um nome muito estranho. Era Renata Muchaua. Não me pergunte o que é isso que eu não sei não. Enfim (risos). Foi um colega meu que me deu, que viu e disse que era renascer não sei o quê... Mas eu nunca consegui explicar muito bem quando as pessoas me perguntavam. Aí, eu conversando

com ela eu disse: “Jana, o quê que tu acha? Já que eu sou tua filha, tu deixa eu usar teu sobrenome?”. Ela disse: “Escolhe o que tu quiser”. Porque o nome dela era Jaime Cesar Dutra Sampaio. Aí, como ela era conhecida como Janaína Dutra, se eu colocasse Dutra ficava muito... entendeu? Ia ficar aquela coisa: “Vixe, a queridinha já tá usando o sobrenome” e não sei o quê. E eu sempre fui de tá me preocupando com aquela coisa de ser a favorita. Aí, eu fui e disse: “Jana, pois tu deixa eu usar Sampaio? Vai ficar legal Renata Sampaio, o quê que tu acha? Nome de peso”. Aí ela começou a fazer hora: “Vai que eu te batizo agora” (risos). Aí, ficou Renata Sampaio, até hoje. Eu adoro esse nome! Esse sobrenome! Eu acharia legal Dutra também, mas ficaria uma coisa tão babona. Então o meu nome é por causa dela. O sobrenome é dela.

**Eu:** O trabalho dela foi importante para as travestis do Estado?

**Renata:** Sim, o mito Janaína Dutra é uma consequência do trabalho dela. Claro, né? Que tem sim a cultura de santificar as pessoas, mas ela era isso mesmo. Ela era isso mesmo! O pouco que eu convivi com ela foi muito proveitoso, o sucesso que eu tenho hoje<sup>51</sup>. Claro, teve sim a minha força de vontade, como ela mesmo colocava: “Se você for a luta, você vai conseguir”. Mas ela, do outro lado, tava dizendo: “Você não baixa a cabeça, você vai que você consegue. Acorda! Se tu ficar assim não vai dar certo. O mundo não vai ter pena de ti. Te levanta. Siga com a dor”, entendeu? Ela foi essa pessoa fundamental na minha vida. O meu sucesso, o apoio psicológico que eu tive, o apoio moral. O pouco de educação que eu tive não veio da minha mãe, veio dela. A experiência de vida dela, vivida, não é? As pessoas que viveram com ela falam sempre a mesma coisa: “A militância perdeu o exemplo, perdeu o rumo”. É como eu falo, ela trabalhava, ela tinha lá seu dinheiro, sua ajuda de custo, mas ela não focava na ajuda de custo, entendeu? A prova disso sou eu, porque ninguém do GRAB que ganhava mais, e olha que tinha muita gente que ganhava mais do que ela, se preocupou com a minha situação. E antes disso a gente não era tão próxima, a gente tava tendo afinidade, tava se conhecendo, mas a gente não era tão próxima. Então ela [podia falar]: “A Renata é que se vire, cara. O problema é dela. Eu vou me preocupar com isso, por quê?”. Só que ela não tinha noção da dimensão que tava tomando, porque ela foi a única transexual a se sentar na mesa do tribunal, do tribunal lá em Brasília com os grandes lá, eu acho que até com o Lula, se eu não me engano, foi secretária do Lula, uma coisa do tipo. Na época eu fiquei tão louca: “Ah, minha mãe é importante! Eu tenho uma mãe importante” (gargalhadas) e não dei muita importância pros detalhes, entendeu? O meu negócio era dar close, menina! Eu era tão louca da vida, que era assim: “Ah, é importante? Vamos bater uma foto?”. Enfim, ela tinha uma importância sim, é tanto que ficou! Ninguém apaga. E você vê que quando as pessoas falam dela não falam como se ela fosse “a santinha”. Coloca a Janaína no seu trabalho, coloca a Janaína na militância, colocam a Janaína na sua vida pessoal e em como ela conduzia a sua vida. Não sei se você prestou atenção, quando você conversa todo mundo coloca ela sempre da mesma maneira. Ela é mundialmente conhecida como o exemplo na militância, como a guerreira, entendeu? Como a fênix. Ainda hoje as travestis falam dela. Tem muita gente que me comprimenta e fala: “Ah você é a Renatinha? Renatinha Sampaio do GRAB? Filha de Janaína?”. Então o nome tem peso, nem me conhecem. Às vezes não perguntam nem o sobrenome, só é: “Filha de Janaína? Ah tá, então tá!”. Então, as portas se abrem. Porque era tida como a travesti que se educou, se formou e exerceu a profissão como travesti, como uma figura travesti. É isso. Ela é isso. [Renata se emociona]. É complicado, amiga! Sinceramente, se não fosse pra te ajudar eu não tava fazendo isso não. Ela foi tudo na minha vida! Ela era encantadora. Você conversava com ela, você se encantava, ficava [faz um gesto de queixo caído]. Ela era de uma riqueza de cultura tão grande, você conversava com ela horas a fio e a conversa não ficava, sabe, não esgotava, você sempre queria puxar mais e ela sempre lhe oferecia. Eu me lembro bem que até hoje, eu não sei se tem esse vídeo lá no GRAB, que

<sup>51</sup> Renata atribui o sucesso às coisas que conquistou, como casa, carro, salão de beleza. Também fala do fortalecimento da autoestima e da consolidação de uma relação amorosa.

*colocaram ela, um evangélico e um católico, pra poder questionar a homossexualidade na bíblia. Nega, ela deu uma pisa nesse evangélico, ela destruiu o evangélico, ele ficou sem argumento. O católico nem se manifestou, com medo. Eu não assisti, eu só ouvi o povo dizendo: “A Jana destruiu fulano”.*

No relato de Renata se mesclaram elementos maternos presentes na figura de Janaína, como aconselhamentos, ensinamentos, ajuda de variadas formas, incluindo financeiras e emocionais. Renata falou de Janaína como um mito que chegou a ser, segundo ela, mundialmente conhecido, um exemplo de militante e de pessoa. Janaína era extremamente amada e admirada por Renata, que adotou seu nome, seguiu sua forma de se vestir e de se comportar.

Paula Costa<sup>52</sup>, um braço forte de Janaína no ativismo, como se auto intitulou, também falou sobre Janaína como uma “mãezona” e “madrinha” das travestis. Para ela, uma das principais contribuições de Janaína às travestis foi o incentivo para que tivessem uma formação acadêmica, sendo também uma “professora” para muitas travestis ativistas. Em sua fala, Janaína aparece como um mártir, aquela que sofreu preconceitos e agressões para que as travestis pudessem frequentar espaços antes negados. Paula fala também que Janaína era um modelo de militância nacional, admirada, mas também foco de rivalidades. Por este último motivo, o Ceará teria perdido a centralidade na militância nacional depois que Janaína morreu, sendo excluído das atividades posteriormente desenvolvidas, o que demonstra disputas internas e fragilidades locais:

**Paula:** *Ela era assim muito lotada de atividades, muito mesmo. Era palestra ali na Faculdade de Direito, no Caju da menina que trabalhava com ela, que fazia assessoria, a Taciana. Ia não sei onde, por ser travesti e ter carteira da OAB em mãos e tudo, né? Tinha um histórico que foi discriminada, que não podia usar o banheiro da faculdade, não podia usar roupa feminina, nem maquiagem. Como ainda tem. Tem muitas que sofrem esse preconceito ainda. Ela foi uma lutadora mesmo que apanhou mesmo da polícia e tudo, pra enfrentar, pra lutar pelos direitos humanos dos homossexuais em geral, gays, lésbicas, bissexuais e travestis, todo mundo que quer beijar na boca, que quer pegar na mão. Ela é uma lutadora que meteu a cara mesmo, se expôs demais.*

**Eu:** E para as travestis?

**Paula:** *Pras travestis? Ela é a mãezona. É a madrinha. Porque se não fosse ela nós ainda estávamos sofrendo, recebendo preconceito ainda dos gays e tudo, a gente não tinha esse respeito. Porque os gays começaram a respeitar ela, a saber que tinha travesti que pode estudar, travestis que pode trabalhar. Depois dela mudou bastante! Muitas travestis... hoje eu faço uma prova de Serviço Social, já tenho uma amiga que tá*

---

<sup>52</sup> Paula é coordenadora do Grupo de Resistência Flor de Mandacaru, do município vizinho à Fortaleza, Caucaia (CE). Ela trabalhou com Janaína no GRAB e depois contribuiu com a fundação da ATRAC, ocupando o cargo de Coordenadora Geral. A fundação dessa associação em Caucaia está dentro de uma idealização da própria Janaína, como uma forma de descentralização. Assim, as outras regiões do Estado também seriam beneficiadas com políticas desenvolvidas, bem como era uma maneira de travestis se desvincularem de grupos mistos, focando em suas próprias especificidades.

*fazendo. A própria Dediane tá fazendo jornalismo. Antes dela, não. A gente tinha medo de ir, de frequentar por causa do preconceito. E ela magra, aquele corpo danado, sem aquele silicone, sem coisa nenhuma. E não tinha aquele padrão de beleza e enfrentou tudo e em uma faculdade de direito, né? Na saúde é que ela não... ela esqueceu a parte da saúde dela. Ele fez e faz muita falta. Ela não era pra ter esquecido nunca a parte da saúde, era pra ela ter se cuidado melhor.*

**Eu:** Vocês ainda participam de eventos do movimento?

**Paula:** *A ANTRA tem uma panelinha. É tanto que deixou o Ceará várias vezes, em campanhas, de fora. Elas têm essa rivalidade também com o Ceará porque tudo começou com o Ceará. Aí, elas também tinham raiva porque a Janaína era muito culta, muito sabida de tudo e elas querem ser uma cópia dela, só querem ser a Janaína. Essa rivalidade é desde a época da Janaína. Só foi ela falecer que elas tomaram o poder e aí pronto. O Ceará era evidente em tudo que Janaína botava. Foi criado com a gente e tudo, nas reuniões. Eu participei desde o nome que era RENATA, aí ficou RENTRA, depois mudaram pra ANTRA. Mas só foi Janaína fechar os olhos que elas tomaram de conta dos eventos e foi cortada a participação do Ceará em quase tudo. A Janaína se dava bem com todas, mas elas não. Elas tinham a rivalidade e a despeita. Isso depois que ela morreu porque viva ninguém prejudicava ela não, ela voava em cima, ela ia atrás dos direitos. Elas não eram nem besta, elas baixavam a cabeça pro que ela dizia. Elas tão agora com esse poder todo porque ela faleceu. Elas criaram asas e muitas delas aprenderam com ela a falar e a lutar e a ir atrás dos direitos. Ela foi uma professora de todas essas bonitinhas aí. Ela merecia até uma estátua. Ela queria era que a gente fosse reconhecida mesmo, desde o começo, não era nem pelo nome social, era nome civil mesmo. Que a gente tivesse na identidade a alteração, operada ou não, o nome civil, não nome social. A PL 122 também. Ela, como estava lá, foi o carro chefe. Participou de toda a criação, daquelas leis, do plano, do projeto, daquilo tudo teve a participação dela, da Janaína. Ela foi a pioneira mesmo do movimento, da militância, na política mesmo nacional de conquista de direitos, foi ela. (...). A luta dela foi bem maior. Foram muitos preconceitos pra chegar aonde ela chegou. E dessa maneira, ela criou muitas meninas, deu força a muitas meninas pra estudar e pra trabalhar porque muitas só queriam mesmo saber da... não queria enfrentar a sociedade, pelo medo do preconceito que ainda existe muito e vai existir por muito tempo. E por causa dela, eu acho que tem muitas pessoas aí enfrentando uma faculdade. Tem muitas pessoas nessa parte do trabalho, ela que deu a força maior pra enfrentar. Pra mim, mais do que eu já tinha pra enfrentar a sociedade pra inclusão social.*

As narrativas que retratam Janaína como exemplo se concentraram no período seguinte a sua morte, ressurgindo com toda força em 2011, quando da produção, pelo GRAB, de um documentário biográfico sobre ela. No entanto, ao longo dos últimos onze anos, algumas lembranças foram feitas por amigos, por admiradores, por ex-colegas de trabalho, por membros dos grupos dos quais fez parte, por pessoas em encontros do movimento LGBT, principalmente em encontros nacionais e regionais do movimento de travestis e transexuais, em trabalhos acadêmicos e em homenagens por intermédio da atribuição do seu nome a espaços públicos e a leis. Por meio dessas lembranças e homenagens a Janaína, percebo como a memória foi sendo (re)construída, como a ideia de exemplo e ícone foi reforçada, como essa imagem foi utilizada para extirpar / reforçar um determinado tipo de abjeção. Os elementos usados

para significar quem foi e o que fez Janaína dependem de quem, de onde, do porquê e de quando se fala.

A morte de Janaína foi bastante divulgada na imprensa local, através de jornais impressos, televisão e rádio. A partir de relatos e recortes de jornais, foi possível perceber que Janaína participava de muitos programas transmitidos por esses meios de comunicação, o que fez com que se tornasse muito conhecida em seu Estado. Por exemplo, foi publicada no *Diário do Nordeste (CE)*, um dia depois de sua morte, a notícia: *Movimento homossexual perde Janaína Dutra*, escrita por André Lima:

O movimento homossexual brasileiro perdeu, na tarde de ontem, um de seus referenciais. Faleceu em Fortaleza, aos 43 anos, o advogado Jaime César Dutra Sampaio, mais conhecido pelo nome de Janaína Dutra. O corpo foi velado na sede do Grupo de Apoio Asa Branca (GRAB) e será sepultado às 14h de hoje em Canindé, sua cidade natal. Janaína Dutra, que sofria de câncer pulmonar, é o primeiro portador de uma carteira profissional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), na qual o titular, um homem, está caracterizado como mulher. Essa condição pioneira fez Janaína ser chamada para ajudar o Ministério da Saúde a elaborar a primeira campanha sobre prevenção da Aids destinada aos travestis. Recentemente, estava na presidência da Associação das Travestis do Ceará (ATRAC) e da Articulação Nacional das Travestis (ANTRA). Também era assessora jurídica do GRAB, entidade que ajudou a fundar em 1989 e foi vice-presidente nos mandatos 1995, 1997, 1999 e 2001. “Foi uma grande liderança do movimento homossexual no Brasil e que contribuiu para a organização das travestis no Ceará”, comentou Orlaneudo Lima, presidente do GRAB. “Só nos resta não baixarmos a cabeça e darmos continuidade ao trabalho dela”, acrescentou Orlaneudo<sup>53</sup>.

O autor dessa notícia faz referência a Janaína no masculino, ressaltando o pioneirismo do advogado caracterizado de mulher na carteira da OAB. Destaca, porém, que Janaína era bastante conhecida por seu nome feminino e chama atenção para o trabalho que desenvolveu nos grupos já citados. Trazendo uma fala de Orlaneudo, então presidente do GRAB, mostra como as ações desenvolvidas por Janaína foram relevantes para o movimento nacional e para o Estado do Ceará, especialmente no tocante à mobilização de travestis. A ideia de exemplo também aparece nesse relato, quando Orlaneudo diz que o trabalho de Janaína deve ter continuidade.

No dia 09 de fevereiro de 2004, foi publicado no mesmo jornal, *Diário do Nordeste*, um texto da repórter Rita Célia Faheina, intitulado *Despedida*:

Faz dois dias que eu tenho uma saudade danada de ti, Janaína. Fiquei triste porque não te dei um beijo de despedida, um abraço daqueles calorosos que tu costumavas dar nos teus amigos. Lembro da última vez que falei contigo, no fim do ano passado, quando eu estava engajada na preparação do caderno especial sobre Aids e tu, animadíssima com o convite do Nilmário Miranda, secretário nacional de Direitos Humanos, para fazer parte de um grupo de estudos sobre as ações para conter o

<sup>53</sup> Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/movimento-homossexual-perde-janaina-dutra>. Acesso em: 14 de dez. de 2012.

desrespeito à dignidade humana<sup>54</sup>. Morremos de saudades de ti, Janaína, eu, o Madeira, a Ana Cecília, a Ana Mary, a Fátima. Nós, da redação, que vivemos engajados, como tu, nessa batalha sem trégua pelo respeito aos direitos humanos, pelo combate à violência e discriminação, seja com quem for, seja onde for. Tu partiste, amiga, mas deixastes lições para teus semelhantes. Na hora de encarar a justiça, era o advogado Jaime, de cabelos amarrados e de paletó. Não porque não assumias a tua condição de travesti, mas as regras de sociedade assim determinavam. Como tu sempre repetias, a tua vida foi diferente de muitos homossexuais. Teus pais foram muito presentes e nada te cobraram. Aceitaram o caminho escolhido pelo filho e te recebiam com alegria quando chegavas à Canindé, terra abençoada pelo irmão São Francisco, aquele que como Jesus, acolhia a todos, sem discriminação. E é lá que o teu corpo está repousando, enquanto o espírito, forte, guerreiro, tenho certeza, continua na luta. Vamos lembrar sempre de ti, amiga, da tua preocupação em arranjar cursos de profissionalização para os travestis e homossexuais e livrá-los da prostituição, das tuas orientações sobre sexo, das ações de prevenção das DSTs/Aids, da tua batalha contra a violência, da voz forte e firme como presidente da Associação dos Travestis do Ceará e como vice-presidente do Grupo de Resistência Asa Branca. Deus nos chama na hora certa. Ele, com certeza, tinha uma missão pra ti, na vida eterna. E pelo que eu te conheço, já assumiste essa nova função com a garra de sempre. Fica com Deus, amiga (FAHEINA, 2004).

Pela escrita de Faheina nota-se que ela mantinha uma relação de proximidade com Janaína, diferentemente de André Lima, que escreveu um texto meramente informativo. De qualquer forma, transpareceu a ideia de que Janaína possuía estreitas relações com algumas pessoas da mídia cearense, como parte do seu ativismo<sup>55</sup>. Faheina se referiu a Janaína como amiga, falando sobre saudade, lições de luta, engajamento político e determinação que Janaína deixou, lembrando encontros e conversas que tiveram em um texto organizado como se estivesse travando um diálogo direto. A proximidade maior entre a autora e Janaína e o engajamento da própria jornalista em uma “luta sem trégua pelos direitos humanos”, pode explicar a referência a Janaína no feminino, sem, no entanto, eliminar a ideia de polaridade masculino/feminino. Uma faceta relacionada à masculinidade em Janaína, nunca totalmente expurgada, aparece quando o Dr. Jaime, advogado, entra em ação. As roupas e a forma de prender os longos cabelos são as indumentárias usadas para compor essa performance. Era a sociedade

<sup>54</sup> Referindo-se provavelmente ao Programa Brasil Sem Homofobia.

<sup>55</sup> Janaína participou de vários programas televisivos e matérias impressas locais. Geralmente, ela era apresentada pelo nome Jaime César Dutra, advogado que também respondia por Janaína Dutra. A flexão de gênero masculina predominava na maioria das matérias de jornal que encontrei sobre ela. A negação da feminilidade para travestis ainda é comum atualmente, na mídia em geral. Alguns títulos que expressam isso: *Seminário Cearense aborda no Recife tema tabu. “Advogado Travesti Faz Defesa De Homossexuais”*, In: Jornal do Comercio. Recife, 25 de outubro de 1997. *“Os assumidos. Duas faces”*. In: Jornal: O povo, Fortaleza – CE, 17 de março de 1996. *“Os medos de sair do armário. Jaime César: os pais aceitaram na maior o seu homossexualismo”*. In: Jornal O povo, Fortaleza – CE, 20 agosto 1995. *“Grupo de Resistencia Asa Branca denunciara Athenas às comissões de direitos humanos. Residência escolar discrimina homossexuais. Dutra: “Geralmente ligam a homossexualidade à marginalidade e toxicomania. Querem nos exorcizar”*. In: Jornal Tribuna do Ceará, 14 de dezembro de 1995. *121 homossexuais foram mortos no Brasil até novembro último. Projeto cadastra travesti nas ruas de Fortaleza, Jaime Dutra ou Janaína é advogado e trabalha no projeto de intervenção comportamental”*. In: Jornal O povo, Fortaleza – CE, 30 de dezembro de 1997.

que impunha essas regras a Janaína, era o campo jurídico que ditava as regras, mas não sem conflitos, como veremos a seguir.

Esse foi um dos poucos relatos que não fez menção a Janaína como “a primeira travesti advogada no Brasil”, o que me leva a pensar que é um título politicamente acionado para legitimar e positivar a experiência da travestilidade, feito mais pelos grupos políticos dos quais participou. Todavia, o “diferencial” de Janaína em relação à maioria aparece de outra forma nesse texto, na aceitação de sua condição “homossexual” pela família, que, pelo viés religioso, a acolhiam sem discriminação. Outro elemento bastante significativo nessa narrativa é o empenho de Janaína em “livrar os travestis e homossexuais da prostituição”. Nesse trecho não é possível perceber até que ponto seria de uma concepção feita pela jornalista das ações que Janaína desenvolvia ou se era um posicionamento de Janaína, uma missão de redenção dessa atividade considerada moralmente degradante, da qual as travestis precisariam ficar livres. Por fim, no artigo, Janaína não seria um exemplo somente pelo que deixa, mas pelo que continua fazendo mesmo depois de morta, com uma visão um tanto espiritualizada.

Dois meses depois, em 07 de abril de 2004, Janaína foi novamente homenageada em uma audiência realizada na Assembleia Legislativa de Fortaleza, por ocasião da comemoração de quinze anos de fundação do GRAB. A matéria que cobriu o evento falou da “advogada Janaína Dutra que faleceu em fevereiro deste ano, vítima de câncer pulmonar, uma das lutadoras pelos direitos dos homossexuais”, transcrevendo declarações da travesti Eskarletty Ohara sobre Janaína: “Ela foi muito importante para mim, pois me incentivou a exigir os meus direitos. O grupo é importante porque mostra um novo meio de vida, profissionaliza as pessoas. Entrei sem profissão nenhuma, hoje sou cabeleireira”<sup>56</sup>. A promoção de cursos de profissionalização é uma das ações que foram empreendidas por Janaína, como já mostrou o texto de Faheina acima, ação que será muitas vezes lembrada como de grande importância.

No dia 11 de dezembro de 2004, passados dez meses da morte de Janaína, ela foi lembrada pela Coordenação Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde<sup>57</sup>, que lançou no site o artigo: *Movimento GLBTT: Dez meses sem Janaína Dutra*. Nessa lembrança, destacaram justamente o trabalho que Janaína fez junto ao Ministério da

---

<sup>56</sup> Asa Branca é homenageado na AL. Diário do Nordeste (CE). Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/grupo-asa-branca-e-homenageado-na-al>. Acesso em: 23 de dez. 2012.

<sup>57</sup> Hoje denominado Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais.

Saúde na elaboração da *Campanha Travesti e Respeito* e a trataram como um dos referenciais para o movimento homossexual brasileiro:

O movimento homossexual brasileiro perdeu um de seus referenciais. Em fevereiro de 2004, falecia em Fortaleza, aos 43 anos, o advogado Jaime César Dutra Sampaio, mais conhecido pelo nome de Janaína Dutra. Janaína foi chamada para ajudar o Ministério da Saúde a elaborar a primeira campanha sobre prevenção da Aids destinada aos travestis<sup>58</sup>.

Entre as lembranças e homenagens feitas a Janaína em 2004, aponto ainda a fundação da *Casa de Assistência às Pessoas Vivendo com Aids Janaína Dutra*, em Aracaju (SE). Consiste numa casa de apoio às pessoas que vivem com hiv/aids, com atuação na área de assistência, prevenção e promoção da saúde através de orientações, disponibilização de preservativos e capacitações em saúde.<sup>59</sup> Em uma rede social, a assistente social Clara Smit falou que a Casa surgiu a partir da Associação de Travestis Unidas na Luta Pela Cidadania – UNIDAS, a qual sempre recebeu ajuda e incentivo de Janaína, auxílios esses pautados em uma relação de amizade e companheirismo com as pessoas que a compunham. Em contato que estabeleci por e-mail com Eliana Chagas, a coordenadora da *Casa*, ela me revelou que Janaína manteve uma amizade muito próxima com a ativista Luciana Lins, fundadora e primeira presidenta da UNIDAS. Janaína teria ajudado Luciana e sua equipe a firmar convênios para a associação, além de auxílio em outros projetos. No arquivo de fotos e correspondências deixado por Janaína encontrei inúmeros registros de Luciana e, em vários relatos para a pesquisa, foi feita referência a Luciana como uma das melhores amigas de Janaína, alguém que teria a acompanhado até os últimos dias de vida. Quando a UNIDAS recebeu um prêmio do Ministério da Saúde, financiado pela Fundação Bill Gates para aquisição de uma casa de apoio, resolveram, por unanimidade entre as pessoas da associação, homenagear Janaína com seu nome à Casa de Assistência.

No ano seguinte a sua morte, Janaína foi homenageada no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros (EBGLT) que aconteceu entre 08 e 11 de novembro de 2005 em Brasília. Cada dia do evento recebeu o nome de uma ativista morta e, a cada início de atividades do respectivo dia, era feita uma homenagem. As homenageadas foram: Marcela Prado, Charla Novi, Beth Calvet e Janaína, demonstrando, assim, que Janaína era considerada uma das mais importantes ativistas

---

<sup>58</sup> Disponível em: <http://www.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=53829>. Acesso em 20 de nov. de 2012.

<sup>59</sup> Site Ministério da Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/endereco/casa-de-assistencia-pessoas-vivendo-com-aids-janaina-dutra>. Acesso em: 21 de nov. de 2012.



de âmbito nacional, ao lado de Marcela, ativista curitibana, integrante do Grupo Dignidade que assumiu a presidência da ANTRA depois da morte de Janaína, bem como a coordenação do Projeto Tulipa, que morreu cinco meses depois de Janaína, e Charla Novi, carioca fundadora do grupo Charlath's, morta em 11 de dezembro de 2003.

Em 2006 Janaína foi homenageada durante o VI Congresso Brasileiro de Prevenção das DST e Aids, realizado em Belo Horizonte (MG). O congresso, promovido pelo Ministério da Saúde, Programa Nacional de DST/Aids em parceria com secretarias locais, aconteceu entre 04 a 07 de novembro, no Minascentro. Nesta ocasião, a homenagem foi realizada pela nomeação do auditório onde aconteceram atividades do congresso, como *Auditório Janaína Dutra*.<sup>60</sup>

Em 25 de outubro de 2007, Janaína foi lembrada por Matheus Viana no artigo *O argumento sagaz*, no qual ele falava sobre o Projeto de Lei 122/2006, que criminaliza a homofobia<sup>61</sup>, na ocasião apresentado à Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal. Na respectiva sessão, narrou Viana, o PL teria sido rechaçado pela Comissão, então liderada pelo senador Marcelo Crivella, sob o pretexto de não ter sido analisado anteriormente.<sup>62</sup> Em determinado momento do texto, depois de ter recorrido a passagens bíblicas que condenam a homossexualidade, Viana, ironicamente, pergunta:

Onde está Jaime César Dutra Sampaio, a saudosa “Janaína”, uma das primeiras militantes pela causa homossexual e “fundadora” da ATRAC (Associação das Travestis do Ceará), citada de maneira louvável na publicação editada pelo Governo Federal do programa “Brasil sem Homofobia”? Meramente na memória ou no tributo fúnebre daqueles que se acham no direito de mudar a natureza, ou, de maneira enganosa acreditarem que o homossexualismo é algo inato do ser humano<sup>63</sup>.

Ao trazer esse texto, não intenciono apenas expor entraves à efetivação de direitos de LGBT por meio de concepções religiosas ou problematizar a tentativa do autor de desqualificar o trabalho realizado por militantes do movimento LGBT quanto aos objetivos do Programa Brasil Sem Homofobia. Quero problematizar os usos da imagem de Janaína como recurso argumentativo. Nesse texto, recorrer à imagem de Janaína exemplifica que ela, em determinados espaços, se tornou o símbolo da luta por direitos LGBT, devido, principalmente, à homenagem publicada no material do

<sup>60</sup> Disponível em: <http://sistemas.aids.gov.br/congressoprev2006/programacao.pdf>. Acesso em: 10 de nov. de 2012.

<sup>61</sup> De autoria da senadora Fátima Cleide do Partido dos Trabalhadores de Roraima

<sup>62</sup> É possível perceber um crescente conservadorismo religioso entre os parlamentares brasileiros, inclusive com a chegada de um deputado evangélico com opiniões homofóbicas à presidência da referida Comissão de Direitos Humanos, Marco Feliciano, em 2013.

<sup>63</sup> Disponível em: [http://profeciaonline.zip.net/arch2007-10-21\\_2007-10-27.html](http://profeciaonline.zip.net/arch2007-10-21_2007-10-27.html). Acesso em: 20 de nov. de 2013.

Programa Brasil Sem Homofobia. Por estar presente em um documento do governo, Janaína é resgatada como argumento em alguns momentos de embate em instâncias governamentais, como essa no Senado. Nesse texto, o autor tenta apagar os significados de tal feito ao referir-se a Janaína como um ídolo morto e um exemplo sim, mas do que considera não natural.

Ainda em 2007 Janaína foi homenageada por ter sido a maior referência do movimento de travestis e transexuais na luta contra a homofobia e pela defesa dos direitos trans, durante uma capacitação do Programa DST/Aids do município de Aracaju (SE), promovida pela coordenação do Projeto Tulipa, detalhado mais a frente. O evento teve a finalidade de formar lideranças na região Nordeste para atuar em trabalhos relativos aos direitos humanos, prevenção e ativismo de travestis<sup>64</sup>.

Em abril de 2009, em uma sessão solene na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará de comemoração dos vinte anos do GRAB, solicitada pelo então deputado Dedé Teixeira (PT), Janaína foi homenageada, *in memoriam*, por meio de uma placa comemorativa. Ela foi retratada então como a advogada travesti que foi a primeira vice-presidente do GRAB<sup>65</sup>.

Passados alguns anos, Janaína foi homenageada durante o I Festival das Juventudes de Fortaleza - América Latina e as Lutas Juvenis, organizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e por organizações de juventude. O evento aconteceu entre 03 e 06 de junho de 2010 e a homenagem se deu pela nomeação de um espaço de debate como *Espaço Janaína Dutra*. Segundo consta na matéria relativa ao evento, a organização do festival buscou prestar uma homenagem a um “ícone importante” para a história da organização política e das culturas juvenis. Na matéria, Janaína é apresentada da seguinte maneira:

Janaína Dutra era Advogada e Travesti. Foi Vice- Presidente do GRAB e contribuiu fortemente para a organização política de travestis no Brasil, fundando a Associação de Travestis do Ceará – ATRAC e a Articulação Nacional de Travestis - ANTRA. Janaína faleceu aos 43 anos, sendo a primeira Travesti a obter registro da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, tendo contribuído também para a construção da primeira campanha de prevenção da Aids direcionada a Travestis do Ministério da Saúde<sup>66</sup>.

---

<sup>64</sup> Disponível em: <http://novo.swapi.com.br/index.php?act=imprimir&codigo=33442>. Acesso em: 12 de out. de 2013.

<sup>65</sup> Disponível em: <http://www.dedeteixeira.org.br/imprimir.asp?id=352>. Acesso em: 10 de mar. de 2013.

<sup>66</sup> Disponível em:

[http://www.grab.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=95%3Ajanaina-dutra-recebe-homenagem-no-i-festival-das-juventudes-de-fortaleza&catid=46%3Acontainer&Itemid=12](http://www.grab.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=95%3Ajanaina-dutra-recebe-homenagem-no-i-festival-das-juventudes-de-fortaleza&catid=46%3Acontainer&Itemid=12). Acesso em: 15 de abr. de 2014.

No blog do evento foi publicado um artigo intitulado *Janaina Dutra e Dandara: representações femininas no Festival das Juventudes*, escrito por Rafael Mesquita, do IJC - Instituto de Juventude Contemporânea, no qual chamou atenção para outra pessoa que foi homenageada, além de Janaína, referindo-se a elas como “exemplos para centenas de milhares de militantes por todo o Brasil”. É possível perceber nas duas narrativas, o uso do gênero feminino ao fazer referência a Janaína, diferente das demais matérias já citadas. Deidiane, uma travesti que na época compunha a diretoria do GRAB, esteve presente no evento para falar sobre Janaína e, na ocasião, repetiu todos os marcos institucionais da experiência de Janaína, apresentando-a como uma travesti que nasceu em Canindé, advogada, militante, fundadora da ATRAC, uma das fundadoras do GRAB e ex-presidente da ANTRA. Fez ainda referência a ela como “um dos maiores ícones do movimento LGBT e de defesa dos Direitos Humanos no Brasil”, que deixou um legado para todos os que lutam pela defesa de uma sociedade mais democrática. Nas palavras da militante: “Ela foi responsável pelo que nós entendemos hoje de luta em combate a homofobia”<sup>67</sup>.

Poucos dias mais tarde, em 25 de junho de 2010, Afonso Tiago, provavelmente alguém ligado à política no Ceará, faz uma homenagem a Janaína em seu blog pessoal:

Na foto, uma pessoa de muita coragem. Fiz questão de postar aqui minha homenagem a Janaína Dutra, pela ocasião da parada pela diversidade sexual que ocorrerá domingo. Pena que não tive oportunidade de assistir nenhuma palestra dela. Lembro apenas de tê-la visto uma vez na Câmara de Vereadores, onde visitava os gabinetes do Ver. Durval Ferraz e da Ver. Luizianne Lins, ambos do PT. Formou-se em direito pela UFC (o sistema educacional preconceituoso e excludente não conseguiu fazê-la desistir) e advogou as causas mais justas. Pasmos, os juízes reacionários tiveram de receber em audiências a pessoa batizada de Jaime César Dutra Sampaio, vestida e maquiada. Janaína protagonizou, com outros heróis ainda vivos, a criação do movimento pela livre orientação sexual no Ceará e certamente já faz parte da nossa História. Minha sincera homenagem<sup>68</sup>.

Afonso não conheceu Janaína e desconhece alguns dados de sua vida, como o fato dela ter cursado Direito na UNIFOR e não na UFC. Entretanto, fez questão de homenagear essa protagonista da história, essa que considera heroína, corajosa e justa. Passados mais de seis anos da morte de Janaína, Afonso registrou imagens de quando Janaína ia aos espaços do poder legislativo, dando foco a sua atuação no que chamou de movimento de livre orientação sexual e aos entraves que possivelmente encontrou nas instâncias jurídicas.

<sup>67</sup> Disponível em: <http://festivaldasjuventudes.blogspot.com/2010/06/janaina-dutra-e-dandara-representacoes.html>. Acesso em: 18 de jan. de 2012.

<sup>68</sup> Disponível em: <http://afonsotiago.blogspot.com.br/2010/06/janaina-dutra.html>. Acesso em: 20 de abr. de 2014..

Como é possível perceber, Janaína é constantemente lembrada, em especial pela mídia cearense e por ativistas do movimento LGBT. No caso de Afonso Tiago, que não conheceu pessoalmente Janaína, é provável que tenha ouvido falar sobre ela diversas vezes, ao ponto de achar relevante registrar uma homenagem a essa personagem da história que enfrentou o sistema educacional e o sistema jurídico ao se apresentar de forma diferente daquela esperada a partir do sistema normativo de gênero. Pela sua história de superação e militância, Janaína entrou para a história e mereceria todas as lembranças e homenagens possíveis.

As homenagens a Janaína também foram registradas em forma de lei. Nesse aspecto, foi criada a Lei Municipal n.º 9548, de 2009, que instituiu a *Semana Janaína Dutra de Promoção do Respeito à Diversidade Sexual* na rede pública de ensino municipal de Fortaleza. A lei objetiva fortalecer o combate à homofobia e a qualquer forma de discriminação, além de promover o respeito à diversidade sexual no âmbito da educação. Com essas intenções, a lei cria uma semana de debates e atividades nas escolas, voltada à abordagem dos temas propostos. Diz a lei:

Art. 1º - Fica criada a “Semana Janaina Dutra” de Promoção do respeito à Diversidade Sexual na Rede Pública de Ensino Municipal.

Art. 2º - A Semana Janaína Dutra tem como Objetivos:

Divulgação da legislação que não permite qualquer forma de discriminação;

Divulgação da legislação de combate à Homofobia;

Promoção do respeito à diversidade sexual;

Art. 3º - Esta Lei entra em vigência na data de sua publicação.

O projeto da referida lei foi de iniciativa do então vereador João Alfredo do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Na declaração abaixo, ele explicou como ocorreu a escolha do nome de Janaína:

*Nós pensamos aqui no ano passado, em criarmos três leis, três projetos de leis, tratando de temas que nós consideramos muito importante para a educação das crianças na nossa cidade de Fortaleza. Na questão do respeito à diversidade sexual, pensamos no nome de Janaína Dutra, pela sua história, pela sua trajetória, pela sua coragem, pelo fato de que fez da defesa da diversidade sexual e do combate a toda forma de preconceito, tá certo, a sua própria razão de viver. Teve inclusive, a sua carteira de advogada, como travesti (ALFREDO em depoimento para ALMEIDA, 2011).*

Para Alfredo, o nome de Janaína para a lei de combate à homofobia nas escolas municipais de Fortaleza é significativo pela sua história, pela coragem e combate ao preconceito enfrentado. Para ele, Janaína fazia da militância sua própria razão de viver, se constituindo como uma imagem forte de enfrentamento ao preconceito e luta pelo respeito à diversidade sexual. Ao fim, ele recorreu ao fato dela ter sido uma travesti que

teve uma carteira da OAB, repetindo esse marcador da experiência de Janaína, que a enaltece como digna de homenagens e reconhecimento.

A Coordenadoria da Diversidade Sexual do Município de Fortaleza, vinculada à Secretaria Municipal de Direitos Humanos, criada em 2005, desenvolve várias ações que, vez por outra, homenageiam Janaína, a exemplo da criação da *Comenda Janaína Dutra* (Ver ANEXO 7) e do *Centro de Referência LGBT Janaína Dutra*, inaugurado em 17 de fevereiro de 2011. Um folder do Centro de Referência narra os objetivos desta ação e explica o porquê da escolha pelo nome Janaína Dutra:

O Centro de Referência Janaína Dutra é um equipamento da Prefeitura de Fortaleza, ligado à Coordenadoria da Diversidade Sexual, da Secretaria de Direitos Humanos de Fortaleza, tem como objetivo oferecer acompanhamento jurídico, psicológico e de serviço social gratuito para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais vítimas de discriminação, violência, omissão e lesão de direitos. Também faz parte dos trabalhos desenvolvidos pelo Centro, a produção de estudos e pesquisas, prevenção e realização de campanhas educativas, afim de promover os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na cidade de Fortaleza. O Centro de Referência LGBT Janaína Dutra é uma política pública municipal criada em parceria com o Programa Brasil Sem Homofobia, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Quem foi Janaína Dutra? Janaína Dutra nasceu como Jaime César Dutra Sampaio e foi uma ativista reconhecida nacionalmente por militar no movimento de travestis. Formada em Direito, Janaína Dutra foi a primeira travesti portadora de carteira profissional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), onde aparecia sempre caracterizada como mulher. Exerceu trabalho pioneiro junto ao Ministério da Saúde na elaboração da primeira campanha de prevenção da AIDS destinada especificamente às travestis. Foi Vice-presidenta do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) de Fortaleza. Fundou a ATRAC – Associação de Travestis do Ceará, e chegou a exercer o cargo de Secretária de Direitos Humanos (suplente) da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Foi presidenta da ANTRA - Articulação Nacional de Transgêneros, e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Janaína Dutra faleceu em Fevereiro de 2005, aos 43 anos de idade.

Parece fazer muito sentido que o Centro de Referência voltado ao público LGBT leve o nome de Janaína Dutra. Além de Janaína ter se tornado um ícone do movimento LGBT do Estado do Ceará, uma figura politicamente representativa na cidade de Fortaleza, o centro é fruto de uma parceria entre a Prefeitura local e o Programa Brasil Sem Homofobia. Aliás, a criação de Centros de Referência se constituiu como uma das ações articuladas do Programa Brasil Sem Homofobia, em parceria com secretarias estaduais e municipais, revelando a trama que percorre as ações desenvolvidas no contexto em que Janaína esteve inserida.

Ao se referir a Janaína, o material elaborado pelo Centro de Referência LGBT de Fortaleza apresenta um texto pronto, destacando os espaços institucionais dos quais Janaína participou, o pioneirismo na advocacia, o ativismo no movimento de travestis e no movimento homossexual do Ceará. O texto reforça também dicotomias com relação

às normas de gênero, afirmando que Janaína aparecia na OAB “caracterizada como mulher”, sem grandes reflexões. No final do texto, consta um erro referente à trajetória de Janaína. Ali, os autores apontam 2005 como o ano da morte da homenageada, demonstrando certo desconhecimento sobre Janaína, escolhida para representar esse instrumento de política pública. Esse lapso expõe o recorrente uso de imagens construídas como ícones representativos de certos grupos sociais.

No espaço acadêmico, alguns trabalhos citam ou foram dedicados *in memoriam* a Janaína. Entre eles, a já comentada tese de Vale (2005) que teve Janaína como principal colaboradora na pesquisa. Ao final do trabalho, o antropólogo transcreveu alguns trechos de entrevistas com Janaína e confessou que a publicação de tais conversas não deixava de ter um tom de homenagem. Além disso, ele confessou a intenção futura de realizar uma possível história de vida de Janaína. Vale defendeu a tese depois da morte de Janaína, motivo pelo qual esclareceu que essa homenagem não foi uma expressão de gratidão ou como uma forma de retribuir uma dívida. Para ele, a pertinência da publicação das conversas e do oferecimento *in memoriam* a Janaína foi impulsionado pelo registro daquilo que permanece atual e culturalmente legítimo de uma trajetória individual.

Outro trabalho acadêmico dedicado à memória de Janaína, fazendo com que o nome dela também circulasse no meio acadêmico, foi a dissertação de mestrado de Alexandre Joca, defendida em 2008. Michelle Conde (2004) também se referiu a Janaína em seu trabalho sobre o movimento homossexual brasileiro e o que chama de ampliação do exercício da cidadania. No decorrer do trabalho, ela falou sobre o Seminário Nacional de Políticas e Direitos da Comunidade GLBTT, realizado em 26 de junho de 2003, na cidade de Goiânia (GO). Para ela, uma das intervenções mais significativas quanto às especificidades de travestis e transexuais teria sido a de Janaína, juntamente com a de Marcela Prado e Maitê Schneider. A autora destacou uma fala de Janaína no seminário, na qual ela apontou que as travestis eram vítimas de preconceito mais acentuado do que os gays e as lésbicas, tendo citado uma frase, expressada com ironia e uma dose de amargura: “*Quando alguém vê uma travesti fica na dúvida: que diabo é aquilo? Um homem, uma mulher, uma sereia ou um tubarão? Então, esse feedback é muito cruel!*”. Conde acrescentou que Janaína abordou questões referentes à violência sofrida por travestis, incluindo a violência moral perpetrada por meios de comunicação que só noticiam aspectos negativos e não ações da luta por direitos

humanos; a “perigosa vida da prostituição”; o uso clandestino do silicone; o processo de redesignação de sexo; a intolerância familiar, escolar e do mercado de trabalho formal.

William Peres (2005), na sua tese de doutorado em Saúde Coletiva sobre histórias de vida de travestis brasileiras militantes, abordou a importância da organização social e política da “comunidade transgênero” no Brasil, seu diálogo com órgãos governamentais e demais setores da sociedade civil, de modo a favorecer o surgimento de novas políticas públicas. Sobre o processo de estigmatização a que travestis estão sujeitas e da violência daí recorrente, citou o trabalho então realizado por Janaína no GRAB, através da coordenação do Projeto *Travestis: educando e prevenindo* (2000). De acordo com os resultados do projeto, ocorre no Ceará verdadeiras atrocidades contra travestis, como agressões físicas, mortes e discriminações que impedem o acesso à escola, ao trabalho e ao lazer, empurrando-as para a prostituição.

Luciene Santos (2008), em sua dissertação, abordou questões de gênero e homofobia no processo de formação na área da educação física. Usou o nome Janaína Dutra como ferramenta metodológica para preservar a identidade dos sujeitos que participam da sua pesquisa. A escolha pelo nome de Janaína se deu, segundo ela, devido à inspiração em personalidades brasileiras que tiveram notoriedade junto ao movimento LGBT. O nome dela figurava entre outras personalidades, como Caio Fernando Abreu, Cazusa, João Silvério Trevisan, Edson Neris, Luiz Mott, Renato Russo, Miriam Martinho, Cássia Eller, Kátia Tapeti e Marta Suplicy. Esse uso do nome de Janaína é interessante na medida em que nos oferece uma ideia de como sua imagem é representada e equiparada a de outras pessoas simbolicamente marcantes no tocante a questões LGBT.

Elias Veras (2011), em trabalho sobre as experiências das travestis em Fortaleza nas últimas décadas do século XX, remete-se à história de vida de Janaína e outras travestis do Estado, relacionando essas vivências com as lutas coletivas de enfrentamentos ao poder instituído, questionando e reivindicando outros modos de convivência social. Quando realizado o trabalho, Janaína já estava morta há seis anos, mas sua memória foi retomada a partir da importância que o autor atribuiu à sua atuação no movimento LGBT nacional. Desta maneira, o autor se refere a ela como uma das principais militantes do movimento homossexual/travesti cearense. Para ele, a trajetória de Janaína está ligada à história da luta contra a aids e da luta pelos direitos das travestis no Brasil. Apresentando Janaína ao seu leitor, ele repete os marcos: nascimento em Canindé, registro como Jaime César, formação em Direito, processo de travestilidade

durante a graduação, pioneirismo na filiação à OAB como travesti, militância por direitos humanos aos homossexuais, a vice-presidência do GRAB, fundação da ATRAC, presidência da ANTRA, conselheira do CNCD, morte em decorrência de um câncer no pulmão. Veras fornece a informação de que Janaína teria sido Secretária de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, mas até onde pude investigar, ela foi somente suplente.

Um boletim da ABIA (RIOS, 2004) também teve uma dedicação *in memoriam* a Janaína. Além disso, o material conta com um artigo escrito por ela, *Desconstruindo as sexualidades*, uma das poucas publicações da própria Janaína.

Na esfera artística, um poeta baiano, Alex Simões, publicou uma poesia em homenagem a Janaína, em 2013, intitulada *Questão de gênero*<sup>69</sup>, com os seguintes versos:

*Há uma mulher em mim, essencial,  
Que me faz escutar outras mulheres,  
Que me faz respeitar essas mulheres,  
Embora delas seja desigual.  
E não se trata apenas de ter pau.  
Retirá-lo seria uma intempérie,  
Pois meu sexo não dói e não me fere:  
Sou de outra ordem de transexual.  
Eu posso ser tratado em masculino  
Ou feminino, isso tanto faz,  
Só não espere de mim um par de peitos,  
Os dela são bem lisos, de rapaz.  
E apesar de nem sempre falar fino,  
Essa mulher, como outras, quer respeito.*

Ainda sobre as homenagens e usos da imagem de Janaína como um ícone do movimento LGBT e a constituição dela como uma grande ativista do movimento de travestis e transexuais, encontrei no blog ativista transfeminista, chamado *Transfeminismo*, uma foto de Janaína no layout da página, entre a ativista Laerte e a teórica queer Beatriz Preciado, demonstrando que Janaína é, ainda hoje, resgatada como uma referência do movimento, que ganha novas roupagens e discussões.

---

<sup>69</sup> Disponível em: <http://toobitornottoobit.blogspot.fr/2013/01/questao-de-genero.html>. Consulta feita em 04.10.2013.





Imagem: Fonte: <http://transfeminismo.com/>. Consulta feita em: 03.04.2014

## “Um ser pra lá de humano”

Em um jogo de lembranças e esquecimentos, além das homenagens póstumas e de algumas rememorações feitas ao longo desses últimos anos, houve uma proliferação de discursos sobre Janaína por ocasião das gravações e lançamento do documentário *Janaína Dutra, Uma Dama de Ferro* (2011), a ser analisado detalhadamente no capítulo 4. Nesse contexto, grande parte dos elementos que já tinham aparecido nas narrativas anteriores é retomada, repetida e fortalecida. Na sinopse do documentário aparece uma síntese desses elementos, são basicamente eles que nortearam outras falas construídas sobre Janaína nesse momento:

Um ser para lá de humano. Cheio de luz e beleza. Divinizado e profano... “Em fevereiro de 2004 falecia em Fortaleza, aos 43 anos de idade, a advogada Janaína Dutra Sampaio. O movimento da diversidade sexual brasileiro perdia uma de suas ativistas mais importantes, instalando-se um grande vazio. Entre muitas atividades em que esteve envolvida ao longo de sua vida, Janaína colaborou com o Ministério da Saúde na elaboração da primeira campanha de prevenção do HIV/AIDS entre travestis. Este filme conta a história de vida e luta política de Janaína Dutra. Amigos, amigas e familiares relembram fatos e momentos da vida de alguém que, com muita coragem e sabedoria, soube mobilizar a resistência e a luta das travestis por seus direitos humanos”.

É bastante significativo que a data da morte inicie essa fala. Ela objetiva uma existência, marca uma “pessoa real” e delimita o início de uma narrativa: é o resgate de alguém que deixou de existir, mas que deve ser rememorada, tamanha a importância dos seus feitos. A morte da advogada ativista e o vazio deixado no movimento pela diversidade sexual brasileiro (notar a diferença com os textos do Mott e do GRAB que falaram em movimento homossexual, demarcando outro momento e outras discussões)

aparecem como algo que não foi superado, um lugar que ainda não foi preenchido, dando, assim, continuidade àqueles discursos de 2004.

É como um ser espiritualizado, excepcional, divino, iluminado, belo, mas também profano, revelando suas atitudes humanas, que a imagem de Janaína será retomada nas narrativas desse contexto. Na sinopse do documentário ela aparece como a advogada e uma importante ativista do movimento da diversidade sexual brasileiro. O pioneirismo surge vinculado à elaboração da primeira campanha do Governo Federal direcionada às travestis no Brasil, a Campanha Travesti e Respeito.

O escritor Roberto Muniz Dias dedicou algumas linhas a Janaína e ao referido documentário, interessantes para perceber como foi a recepção do material. Destaco:

Janaína segurou o troféu com orgulho de ser a primeira travesti com registro na OAB e na atuação até altruísta como advogada – perdoem-me o português machista, vou usar o gênero feminino – e lutadora pela causa das travestis. Uma espécie de Messias de cajado ao doutrinar seu povo, o Outro. O conhecimento como libertação. A porta pela qual ela se travestia de orgulho, de onde podia entrar e sair como cidadã, sem ter que se prostituir, sabendo ser esta, a prostituição, a porta escolhida por muitos outros. Sua luta encampou não somente a luta pela questão do travesti, mas pelos direitos humanos sendo vítima e protagonista de sua própria ideologia. (...) A pressa em vestir o vestido trouxe a ligeireza no pensamento, e a cobrança do ticket de passagem. (...) Talvez seu letramento a libertasse e a aprisionasse, mas o fato de ser o que era, mais libertou a nós do que a tornou cativa (Roberto Muniz Dias)<sup>70</sup>.

A imagem de Janaína como redentora é forte nessa narrativa. Para o autor, foi por meio do conhecimento que ela pôde exercer todo seu altruísmo a favor de uma transformação social. Reforçando uma aura mística e religiosa, talvez vinculada à ideia construída da sua cidade de origem, Janaína é um “Messias de cajado” que doutrina seu povo. Como se possuísse uma aura, Janaína era diferente, era cidadã, não se prostituía, mas ajudava aquelas que assim faziam. Seu compromisso não era apenas com as travestis, mas com a humanidade, ela lutava por direitos humanos. Cumprir essa missão teve um preço alto para Janaína, a brevidade da sua vida, mas que conferira libertação aos demais.

A cordelista, professora e advogada Salete Maria escreveu o cordel *Janaína Dutra, ativista brasileira!*<sup>71</sup>, especialmente para o documentário.

<sup>70</sup> Disponível em: <http://cineclose.gay1.com.br/2011/11/janaina-dutra-uma-dama-de-ferro.html>. Acesso em: 20 de out. de 2011.

<sup>71</sup> Informações retiradas da página na web da cordelista. Disponível em: [http://cordelirando.blogspot.com/2010/07/um-ser-pra-la-de-humano-cheio-de-luz-e\\_31.html](http://cordelirando.blogspot.com/2010/07/um-ser-pra-la-de-humano-cheio-de-luz-e_31.html). Acesso em: 2 de nov. de 2011.

*Um ser pra lá de humano  
Cheio de luz e beleza  
Divinizado e profano  
Em sua imensa grandeza  
Nasceu lá em Canindé  
Terra de santo e de fé  
Recanto da natureza*

*No estado do Ceará  
No Nordeste do Brasil  
Lugar bom de se morar  
Foi ali que ela surgiu  
Era o ano de sessenta  
Quando, sob água benta  
Para o mundo ela sorriu!*

*Jaime C. Dutra Sampaio  
Era o nome do bebê  
Cuja vida foi ensaio  
De um eterno alvorecer  
Criatura iluminada  
Foi linda a sua jornada  
Não podemos esquecer*

*Cresceu no interior  
Entre velas e benditos  
Sensível como uma flor  
Também sabia dar pitos  
Estudou, fez amizades  
Conheceu outras cidades  
Lutou e venceu conflitos*

*Rompeu fronteiras e  
medos  
Virou intelectual  
Se assumiu sem segredos  
Como homossexual  
Viveu como travesti  
Digna de se aplaudir  
Honrada e muito leal*

*Concluiu a faculdade  
Ingressou na OAB  
Demonstrou capacidade  
Para muitos defender  
Contra a discriminação  
Violência e opressão  
Nunca foi de esmorecer*

*Sempre foi muito afetiva  
Com amigos e parentes  
E bastante combativa  
Contra males inclementes  
Que seu gesto sobreviva  
Como um anjo que cativa  
Tatuado em nossa mente*

*Um ser muito especial  
Amante da poesia  
Militante nacional  
Da ampla cidadania  
Para lá de generosa  
Altiva e maravilhosa  
Cheia de cor e alegria*

*Eis a nossa Janaina  
Ativista brasileira  
Muito elegante e fina  
Amiga e companheira  
Advogada do amor  
Musa de muito valor  
Inteligente e guerreira*

*Grande diva nordestina  
Defensora de direitos  
Ela tinha como sina  
Atuar em grandes pleitos  
Tinha fé na Humanidade  
Vivia a sua verdade  
Contra todo preconceito*

*No Grupo de Resistência  
Denominado Asa Branca*

*Forte foi sua presença  
E sua palavra franca  
E tod@s que a amaram  
E seu exemplo guardaram  
Já não ficam na retranca*

*ATRAC e ANTRA também  
Reconhecem seu papel  
Quem a conhecia bem  
Lhe tiraria o chapéu  
Jana, nossa grande  
estrela  
Tivemos prazer em tê-la  
Brilhe agora no céu!*

*Aos oito de fevereiro  
Do ano dois mil e quatro  
Nesta terra de romeiro  
Viveu seu último ato  
Partiu para o Universo  
Para ser cantada em  
verso  
Como rainha, de fato*

*Sob sua inspiração  
Seguiremos a lutar  
E sua linda missão  
Vamos sempre ressaltar  
Pedimos: descanse em paz  
Pois neste solo inda jaz  
Semente pra cultivar*

*Janaína, brasileira  
Travesti reconhecida  
Nossa eterna  
companheira  
Salve tua grande vida  
Pra ti um documentário  
Exibindo teu cenário  
E tua gente querida!*

Dele, retiro inúmeras leituras tecidas sobre Janaína, em especial a ênfase dada à divinização, esse novo elemento tão presente nesse momento de elaboração do filme, passado já alguns anos de sua morte. Elementos de regionalidade aparecem com toda força também, bem como a intelectualidade, a dignidade em viver a homossexualidade e a travestilidade e a força para lutar contra discriminações e concluir os estudos, para citar alguns.

Também inspirada no documentário, a socióloga Cristina Câmara escreveu um texto<sup>72</sup> ressaltando a importância de tornar pública a história de Janaína, retratada como uma “beleza agreste, ao mesmo tempo rigorosa e simples”. Ela assinalou que o filme ganha relevância na medida em que relaciona a trajetória de ativismo de Janaína, já bastante conhecida, com a trajetória de vida a partir dos relatos de familiares e amigos, sem dissociar uma esfera da outra. Janaína foi retratada pela socióloga como uma pessoa com capacidade de articulação, lutadora por direitos humanos, pela defesa de pessoas soropositivas e pela militância junto às travestis. Entretanto, o que mais teve relevo no artigo foi a ênfase dada à simplicidade da família de Janaína e da cidade de origem, de tradição católica, levando em consideração o respeito às diferenças. Janaína teria sido respeitada por todos, teria tido êxito nos seus projetos, não teria sido prostituta, características atribuídas ao apoio familiar, em especial de sua mãe, descrita por dois adjetivos: dignidade e lucidez.

Rita Colaço, jornalista que escreve sobre a história do movimento LGBT brasileiro, redigiu alguns textos sobre Janaína, fazendo referência a ela como uma personagem importantíssima na luta em defesa dos direitos de travestis e transexuais no Brasil, “aquela que foi a militante travesti que colocou o seu saber profissional de advogada à serviço da luta pelos Direitos Humanos de pessoas que, por conta de sua orientação sexual e identidade de gênero, (ainda) são alvo de processos de desqualificação e estigmatização intensos e violentos”. Em 07 de fevereiro de 2012 ela escreveu um texto intitulado *Janaína Dutra e sua Família maravilhosa*<sup>73</sup>, destacando que a família de Janaína, embora simples e do interior do Brasil, “foi capaz de ter a sabedoria afetiva de não lhe negar o amor e a pertença”. Assim como no texto de Câmara citado acima, a dignidade é uma característica que aparece para descrever Janaína e sua família, bem como a ética, a solidariedade, o amor e a fraternidade,

---

<sup>72</sup> Disponível em: <http://memoriamblogspot.fr/2011/10/janaina-dutra-uma-dama-de-ferro.html>. Acesso em: 10 de out. de 2012.

<sup>73</sup> Disponível em: <http://memoriamblogspot.com/2012/02/janaina-dutra-e-sua-familia-maravilhosa.html>. Acesso em: 10 de fev. de 2012.

valores estes relacionados ao cristianismo. Colaço, por fim, parabeniza a família de Janaína “tão saudável e cristã!”.

O documentário passou a ser exibido em seminários acadêmicos, encontros do movimento social e em conferências institucionais referentes à temática LGBT. O antropólogo Felipe Fernandes (2013) falou da sua exibição na I Conferência Municipal LGBTTT de Florianópolis, em 2012, onde aconteceu a *Mostra Audiovisual Homossexualidades, Racismo, Educação e Violências: a obra de Vagner de Almeida*. O autor chama atenção para o filme biográfico sobre a vida de Janaína, a quem se referiu da seguinte forma:

(...) uma ativista e a primeira advogada travesti do Brasil, morta em 2004, cuja persona é muito respeitada no movimento LGBTTT nacional, uma vez que Janaína foi responsável pelo desenho da primeira política pública federal de defesa dos direitos humanos de travestis, além de ter sido autora do modelo das leis antidiscriminação (hoje, aprovadas em várias cidades brasileiras) (FERNANDES, 2013, p. 489).

As narrativas sobre Janaína contidas nos materiais analisados ao longo deste capítulo articulam oposições de gênero muito marcadas em nossa sociedade, compostas por características atribuídas à masculinidade e à feminilidade que, ora se complementam, ora se opõem. Janaína distorceu muitas regras da heteronormatividade, mas, em contrapartida, teve que corresponder a outras como uma maneira de ser aceitável, respeitável, admirável. Ela unia elementos vinculados à dicotomia de gênero legítima, adequando-se ao jogo traçado e exigido a uma “respeitável militante”, para usar a expressão de Carvalho (2011). Da mesma forma, as pessoas que falam sobre ela, prestando homenagens e ressaltando sua importância, recorrem a tais características enquadrando-a em uma referência de dignidade, longe de estigmas vinculados à travestilidade. A imagem de Janaína condensa uma concepção de excepcionalidade que reforça a ideia do ícone.

De forma sintética, esses são os adjetivos e expressões encontrados para descrever Janaína, principalmente depois da sua morte:

*Ícone, exemplo, pioneira, respeitável, digna, homossexual, travesti, altruísta, dinâmica, bem quista, lutadora, defensora, libertadora, inspiradora, um ser para lá de humano, cheia de luz e beleza, divinizada, profana, grande, religiosa, criatura iluminada, estudiosa, intelectual, inteligente, ágil ao pensar, saudosa, heroína, protagonista, leve, guerreira, justa, corajosa, forte, determinada, feita de ferro e flor, doce, dura, meiga, messias de cajado, cidadã, vítima e protagonista da sua ideologia, articulada, honrada, leal, capaz, afetiva, combativa, anjo cativante, especial, amante da poesia, militante, importante ativista, generosa, ativa, maravilhosa, cheia de cor e alegria, elegante, ética, transparente, referência, importante, fina, amiga, companheira, musa de muito valor, guerreira, diva, nordestina, defensora de direitos, franca, estrela, rainha, reconhecida, sábia, combativa, ridícula e porta voz da esperança, da beleza e da vida.*

Dessas características, apenas uma é negativa, “ridícula”, lançada por uma militante do Ceará, então colega de trabalho, em função de uma atitude de Janaína interpretada como centralizadora. Dessas narrativas, muitas são moralizadoras no que diz respeito ao que é considerado dignidade, respeito e comportamento adequado e exemplar. Essas características aparecem em oposição à prostituição, à abjeção, à estigmatização. O *exemplo* que Janaína deixa condensa a imagem de uma travesti digna, aquela que superou obstáculos, apoiada pela família, beneficiada pelos valores cristãos de tolerância. É perceptível que os ingredientes que fazem a “diferença” de Janaína são seu pioneirismo na advocacia, o apoio familiar, os valores cristãos, o afastamento da prostituição, o combate na militância, a intelectualidade, o conhecimento, somados a todas essas características citadas acima, possibilitando-a traçar um percurso singular, inovador na experiência da travestilidade. Janaína, advogada, digna, inteligente e respeitável, pode se manter livre da condenação à prostituição e abjeção completa. O paradigma que forma uma pessoa exemplar elenca seus valores e regras. É necessário seguir as referências normativas, corresponder ao que se espera em termos valorativos.

Não posso deixar de frisar que esses discursos dependem de quem fala, do lugar da fala, do momento de emissão do discurso e da finalidade. São pessoas ligadas ao movimento LGBT, a órgãos públicos, principalmente vinculados ao atendimento de demandas da população LGBT, amigos e colegas de trabalho de Janaína<sup>74</sup>. Culminando na produção fílmica sobre sua biografia, especialmente nos versos do cordel de Salete Maria, as qualidades cativantes e excepcionais de Janaína são destacadas ao ponto dela se tornar uma divindade, a ser tida com um messias, envolta de uma áurea redentora.

A partir dessas narrativas, percebo como uma vida pode traçar sua continuidade depois da morte. Assistimos a uma intensa existência póstuma que opera no processo de cristalização de heróis constitutivos de identidades de grupos. Janaína é uma figura de proa do movimento LGBT, especialmente do movimento brasileiro de travestis, para tanto, precisou passar por um processo de construção mítica, intensificado após sua morte. Encarnação do “sucesso”, a figura de Janaína contribui para cimentar a força política dos grupos dos quais fez parte. Janaína passa a personificar um comportamento ideal a ser seguido pelas demais travestis. Essas atitudes são comuns quando se trata de personagens que podem atribuir positividade a um grupo estigmatizado, nos quais os

---

<sup>74</sup> Algumas homenagens foram retiradas de blogs Diários abertos mantidos na rede mundial de computadores, estruturados como sites que permitem ampla visualização, publicidade e atualização instantânea a partir de *posts*, aqui tomadas como discursos produtores de representações, como tecnologias do gênero (LAURETIS, 2007).

usos icônicos são absolutamente essenciais. A esse serviço, a imagem de Janaína permanece presa aos processos de objetivação, servindo-se de tipificações que tornam uma cronologia coerente aos seus atos.

Os marcos descritivos da vida de Janaína são repetidos e circulam em torno dos mesmos temas, de forma a atestar que ela foi uma travesti diferenciada, excepcional, digna, compondo um discurso eficaz que constrói a sua imagem pública ao mesmo tempo em que fortalece o movimento LGBT. Recorrendo aos mesmos marcos, invariavelmente um silêncio a respeito de outros fatos é produzido, tema que será abordado nos capítulos que seguem.

Assim como Mozart, o grande gênio musical, Marechal Deodoro, o melhor cavaleiro do mundo, Leila Diniz, a mulher revolucionária e referência para pensar um padrão de comportamento feminino existente no Brasil na década de 60, Janaína, a primeira travesti advogada no Brasil, se torna um paradigma para pensar sua época.

### CAPÍTULO 3: Uma travesti em movimentos



*“Essa criação de consciência do movimento veio através dos eventos. Se você antes fosse discutir a sexualidade humana, discutir viadagem, não tinha apoio de nada. [...]. Nos meados dos anos 80 ainda não se conhecia bem a aids. A igreja tripudiou em cima, o Estado tripudiou em cima, disseram que era câncer gay. E tudo isso foi desmistificado e hoje o pessoal luta pela parceria civil, as travestis passaram a ser convocadas para falar, para ajudar na conscientização em relação à doença. Uma forma de política já existia antes, mas estava mais ligada com a cultura do glamour, mas com a aids já se vê uma forma mais ligada às reivindicações junto às leis do país, né? Então, na medida que o movimento ia mudando, e que a aids ia mudando de cara, ia mudando a particularidade, a singularidade. A aids nos deu esse passaporte de sermos educadoras voltadas para a política da saúde, a prevenção, isso trouxe uma abertura no sentido de uma conscientização e uma cidadania plena, buscando despertar através da cultura a autoestima, um outro pensar na cidadã travesti. Começaram a discutir gênero, o travesti, o transexual, o transgênero, as transformistas, as drag-queens, porque foi se conhecendo melhor as subdivisões das orientações sexuais. Tudo é veado, tudo é sapatão, mas para os gays e lésbicas, o travesti tá lá embaixo. A gente aceita tudinho porque no final o padre é contra todas, então...” (Janaína em depoimento para VALE, 2005).*



Como mencionado, Janaína tornou-se um ícone do movimento LGBT brasileiro, especialmente do movimento de travestis e transexuais, no qual é conhecida como “a primeira travesti advogada no Brasil”. Para compreender como isso aconteceu, é necessário analisar sua experiência no ativismo e as condições sociais e políticas nas quais esteve inserida. A princípio, duas questões devem ser levadas em consideração. A primeira delas: quando Janaína se aproximou de grupos organizados voltados à questão da homossexualidade ela ainda não tinha iniciado o processo de travestilidade. A segunda: inicialmente, Janaína não teria intenção de exercer atividades ligadas ao ativismo. Portanto, não foi a vivência de Janaína como travesti que a impulsionou a buscar uma racionalização da sua condição por meio de uma postura ativista. Na medida em que ela foi se envolvendo na militância, ela foi se construindo como travesti. A travestilidade de Janaína ocasionou uma rejeição ao Direito e um afastamento da advocacia, mas, antes disso, o meio jurídico teria feito com que ela rejeitasse sua orientação sexual<sup>75</sup>. Muitos acontecimentos se sucederam até que esses aspectos – advocacia/travestilidade/ativismo – convergissem na sua definição como a “primeira advogada travesti no Brasil”, contribuindo fortemente para a construção do ícone.

Ao abordar o ativismo de Janaína, utilizo concepções de cidadania de Seidman (2002) que implicam em divisões entre “bom cidadão sexual” e “mau cidadão sexual”, de “homossexual poluído” e “gay normal”. A concepção de “cidadão sexual” dialoga com a perspectiva foucaultiana de encarar o sujeito como sujeito da sexualidade, formado pelo dispositivo histórico de poder e saber que, por meio de discursos e práticas, ordena os corpos. Ressalto que ao utilizar essas categorias de Seidman não encaro a experiência de Janaína como homossexual. Utilizo-as porque entendo que são ferramentas úteis para pensar a questão do sujeito que não se adequa aos padrões heteronormativos.

O autor emprega essas categorias à luz do dispositivo do armário, que se refere a um padrão regulador da homossexualidade, forçando indivíduos à dissimulação, por meio de mecanismos opressores do medo e da vergonha. No armário, homossexuais são considerados “integrados” desde que permaneçam na condição de invisibilidade e silêncio. Na saída dele, é exigido que correspondam aos padrões de normalidade do “bom cidadão sexual”: aquele engajado em relacionamento com adultos, com conformação à dicotomia de gênero, na esfera privada, mantendo práticas carinhosas,

---

<sup>75</sup> Nesse ponto, falo orientação sexual e não travestilidade porque, a princípio, Janaína se identificava como homossexual.

centradas na genitália, com amor, preferencialmente dentro de casamentos monogâmicos. Em contrapartida, o “mau cidadão sexual” é considerado doente, imoral e perigoso a partir desse modelo de normalidade. Ele se mantém, no entanto, restrito ao campo da legitimidade sexual da heterossexualidade, que associa suas práticas à degeneração, promiscuidade, poluindo-os, o que funciona para defender os privilégios heterossexuais e uma específica ordem sexual e de gênero.

Seidman considera que conquistas recentes no âmbito dos direitos possibilitaram uma vida “pós armário” nos Estados Unidos, normalizando e higienizando a poluição homossexual. Estabeleço um paralelo dessas ideias com a travestilidade no Brasil, encarando o movimento de travestis e transexuais como possibilitador de uma visibilidade pública, a partir do padrão de “boa cidadã”. Na década de 1990, quando surgiu, a agenda desses movimentos era orientada pela conquista de direitos, buscando uma integração desta “minoría”. Vide, por exemplo, o objetivo que Janaína visava conquistar: o reconhecimento da “travesti cidadã”. A positivação de Janaína nos discursos das militantes que serão aqui apresentados a relacionam a essa perspectiva, uma vez que constantemente retratada como “operadora do direito”, uma pessoa com senso de justiça, conhecedora das burocracias institucionais, encaixando seu discurso público e sua figura na concepção da “boa cidadã”, da “digna”, da “respeitável”, da “higienizada”.

Sobre a inserção de Janaína no movimento homossexual, obtive um relato que se mostrou significativo, pois se trata de um ex-colega de militância que a acompanhou desde sua formação em “advogado” até o auge do seu ativismo. Não o tomo como explicativo, mas como uma versão interpretativa acerca da experiência de Janaína, que irá manter pontos de proximidade e distanciamento em relação aos demais. Longe de querer confrontar dados para encontrar a “verdade” sobre Janaína, levo em consideração esse relato, sinalizando para a complexidade, multiplicidade e instabilidade dos sujeitos. Assim como Bosi (1994) afirmou, “a veracidade do narrador” não foi uma preocupação, mas sim “o que foi lembrado”. Isso não emerge “naturalmente” dos fatos ocorridos, mas atravessa um processo de elaboração, construção e remanejamento da memória (HALBWACHS, 2006).

Passemos ao relato. O ano era 1986. Advogada recém-formada, Janaína, quando ainda se identificava publicamente por Jaime, viu-se rodeada por conflitos de várias ordens, entre seus pares de profissão, com seus clientes, com as normas de gênero e consigo. Crescida em um meio altamente religioso e com isso desenvolvido uma

espiritualidade aguçada, a notícia de que tinha um pastor na periferia de Fortaleza trabalhando com uma perspectiva inclusiva de respeito à livre expressão sexual pareceu um acalanto. Janaína não tardou em procurar uma aproximação, que não se deu isenta de tensões. O pastor era Onaldo Pereira, da igreja Tunker Pacifista, localizada no bairro Bela Vista.

**Onaldo:** *Sobre a Janaína, conheci mais o Jaime. Ele me procurou para uma conversa reservada, foi o primeiro contato. Queria ajuda para ou "largar de ser baitola (a palavra que ele usou), ou se aceitar como tal". Eu tinha uma pequena comunidade religiosa na Rua 13 de Maio na Bela Vista, no começo da parte favela do bairro, onde eu trabalhava como voluntário, tentando criar uma cooperativa de alimentos e estratégias de combate à violência. O nosso barraco tinha três cômodos e nove moradores, sete expulsos de casa por serem gays. **Lá fundei o GRAB, uso o singular porque ninguém, nem os de casa, acreditaram ou quiseram participar da coisa.** Pois bem, o Jaime chegou todo fino, de terno e gravata, apresentou-se como: "Doutor Jaime", tirou um lenço do bolso e limpou o banco para se sentar. Pediu que eu mandasse o povo aviar alguma coisa, queria falar a sós comigo. Tivemos uma longa conversa sobre religião, sociedade, leis, mundo etc. Ficamos quatro horas nessa conversa. Ele levantou-se, disse que era uma pessoa muito ocupada e não podia ficar perdendo tempo nesses trololós... Estendi a mão, que ele não apertou, e foi-se sem agradecer. Senti-me insultado, mas ele não era o único a agir assim. Todos os "finos" tinham esta pose, faziam de conta que eu tinha a obrigação de ajudá-los e eles faziam o favor de me procurar, e procuravam aos montes. Era o começo da AIDS, muitos assassinatos por homofobia, todos estavam em pânico. Eu acabara de terminar o curso de teologia em Chicago, e nos USA fora ordenado pastor de uma igreja inclusiva, isto me dava certa fama e as pessoas afluíam em busca de orientação. Uma semana depois, avistei o Jaime no Centro e fui em sua direção, ele literalmente fugiu. Passados uns quatro meses ele me procurou de novo, a mesma atitude, só que desta vez o desafiei. Ele saiu sem a conversa que queria ter comigo, mas voltou no outro dia, ainda altivo, mas desesperado para conversar; ele tivera um encontro sexual com outro cara, segundo ele o primeiro.*

Quando estabeleci contato com Onaldo, me referi a Janaína, o que de prontidão foi por ele ressalvado. Quando ele falou que conheceu mais o Jaime, não se tratava simplesmente de uma dualidade de gênero presente em seu discurso. O processo de travestilidade, chamado pelo próprio Onaldo como processo de “Janainamento”, tardaria em começar. Foi o “Doutor Jaime” quem chegou à comunidade, o advogado que se sentia pertencente a um extrato diferente daqueles que se encontravam ali no barraco, “altivo”, “fino”, “imperioso”, “indômito”. O sentimento de pertencimento a uma classe social diferente viria da profissão que lhe conferia status, teria resistência em se ver como um homossexual “daquele tipinho”. Contudo, Janaína demonstrava interesse em discutir com o pastor sobre religião, sociedade e leis, provavelmente os temas que mais a perturbavam, porém, sem demonstrar fragilidade, humildade, abertura. Resistente, fugia de Onaldo e desaparecia da comunidade com muita frequência:

**Onaldo:** *Daquela vez que me procurou espavorido, achava que havendo tido sexo com outro homem seria fulminado por Deus de alguma maneira. Ficava sabendo da "peste gay" - a AIDS - através de leitura e tinha certeza de que estava contaminado, como punição divina. Na época, nem tinha teste para hiv em Fortaleza ainda, e ele planejava ir a São Paulo. Ficou literalmente pinel, parou de trabalhar, deixou clientes na mão e praticamente se mudou para a minha casa, amanhecia lá e às vezes só ia embora às 1 ou 2 da madrugada. Chegou num ponto que eu não sabia mais o que fazer, já tinha dito tudo o que podia, orado "mil vezes" com ele e por ele e nenhuma melhora. Ele começou a fazer uma salada das mais encrascadas de religião, ia à umbanda e gastava o que não tinha com trabalhos, ia à igrejas evangélicas e dava mais dinheiro para pastores. Ele chegou a pegar dinheiro emprestado ao banco para dar a um pastor de uma igreja perto de nossa casa, chamada de Vale de Bênçãos. Entrementes, ele não saía do meu pé. Era extremamente grosso com todo mundo e maltratava o restante do pessoal que morava comigo, ele os considerava de "baixa extração", nas palavras dele. Eu insistia para que ele fosse a São Paulo fazer o teste, ele adiava a ida. Um dia ele deu um tapa na cara de um deficiente que morava conosco, porque ele surrupiara um cigarro dele. Eu pedi que o Jaime pedisse desculpas ao LC e, este a ele. O LC fez o que pedi e o Jaime riu dele... e se recusou a pedir desculpas "a aquele tipinho". Expliquei ao Jaime que eu não estava à disposição só dele, que todo ser humano tem um valor absoluto, que isto de classes sociais é uma injustiça e que, afinal de contas, o Jaime não era tão classe superior assim. Ele foi a zero, gritou, chorou, esperneou, desmaiou etc. Ele nunca conheceu meus termos, sempre foi exagerado. Foi-se e ficou uma semana sumido.*

Através de outros relatos tive a informação de que o envolvimento sexual de Janaína com homens já tinha iniciado anos antes. Porém, no relato de Onaldo, Janaína aparece com extremos conflitos relativos à sua negação/aceitação como “baitola”, agravados com a primeira relação sexual que teria tido com um homem. É compreensível se considerarmos o período, se tomarmos o contexto de pânico que a epidemia da aids trouxe, divulgada como a “peste gay”, rodeada de desconhecimentos, moralismos e preconceitos que a associavam à homossexualidade ou a outras práticas consideradas “desviantes”, como o uso de drogas. Além disso, a violência contra homossexuais era crescente, indo da rejeição familiar a agressões e assassinatos. Transtornada e impregnada de concepções religiosas, Janaína se sentiria culpada e suscetível a castigos divinos, sendo a aids um deles. Buscava, então, uma resposta na religião, garimpando em várias matrizes religiosas. Fracassando ao encontrar um alento nessa esfera, Janaína reagiria agressivamente, sendo “grosseira”, “irônica”, “debochada”, “egocêntrica”, “exagerada”, “extremista”.

Na tentativa de ajudar Janaína, Onaldo narra que aproveitava quando ela reaparecia na comunidade para conversar, quando tentava envolvê-la nas demais atividades que desenvolvia:

**Onaldo:** *Levei-o para ajudar no trabalho na favela e ele teve outro treco. Só que lá ele conheceu a pessoa que mudou a sua vida e o transformou na Janaína. (Pena que o Carlos hoje é casado com mulher e renega o passado, ele seria uma fonte magnífica de*

*informações sobre o Jaime virando Janaína). O Jaime apaixonou-se à primeira vista e colocou na sombra do Carlos. O Carlos era formado em francês, tinha boa prosa, era loiro e de "família", tudo o que o classificaria como "pessoa de bem e bom tom", para o Jaime. O Carlos era uma ótima pessoa, paciência de ouro e coração do tamanho do mundo. Ele no início tolerou o Jaime, que mais uma vez atacou o "resto" para não chegar perto dele, o seu Carlos!! Até esse ponto haviam se passado cerca de dois anos de quando o Jaime me procurou pela primeira vez. O Jaime e o Carlos encontravam-se na minha casa e tudo o que acontecia entre os dois era de domínio público, porque o Jaime o anunciava aos gritos e risadas de felicidade. Tudo o que a Janaína foi depois, a sua militância, as opções de vida, etc., ela adquiriu no ano que se seguiu.*

Segundo o relato, a resposta para os conflitos de Janaína viria através do envolvimento amoroso com um membro da comunidade. O Carlos, diferentemente dos demais, se equivaleria “ao seu nível”, seria culto, inteligente, teria outro pertencimento de classe e raça. Janaína, “ciumenta” e “controladora”, acreditando que defendia seu namorado, continuaria sendo “intolerante” e “agressiva” com os demais. Por outro lado, ela teria passado a lidar melhor com questões que envolviam sua orientação sexual. Amava o Carlos, expunha esse sentimento. Teria sido a partir daí que ela começou a mudar seu entendimento sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre si.

Para Onaldo, o relacionamento entre Janaína e Carlos foi fundamental no processo de “Janaínamo” e na aproximação com o ativismo. No relato abaixo, ele fala sobre esse momento:

**Onaldo:** *A Comunidade Tunker (Tunker é batista em alemão antigo) é parte do ramo anabatista, fundada em 1708 na Alemanha. A sua principal ênfase é comunidade, vida simples e pacifismo. Eu estudei no seminário deste grupo em Chicago, e fui ordenado em 1987 na Virginia, quando já morava em Fortaleza. O plano não era iniciar um núcleo no Brasil, mas trabalhar no campo social, com os grupos mais discriminados. Por isto, fui morar, junto com um dos meus filhos adotivos, numa favela em Fortaleza. O Carlos foi um dos meus primeiros colaboradores. Em Fortaleza, fundamos o GRAB, o Steve<sup>76</sup>, o Carlos, o Dérich, meu filho, e eu. Lá, também, celebrei o primeiro casamento gay de que se tem conhecimento no Brasil. Depois, em 1994, quando já estava de volta em Rio Verde, GO, fui a Salvador, celebrar o casamento do Luiz Mott com o Marcelo, o que saiu em toda a imprensa nacional e resultou que nossa casa foi apedrejada quatorze vezes em um ano, ao som de hinos evangélicos, incendiada etc., etc. Bem, voltando à Fortaleza, o Jaime procurou-me, pela primeira vez pedindo orientação espiritual como ajuda para resolver a sua sexualidade, e por fim, tornou-se membro da Comunidade. Com o Carlos, ele desenvolveu uma relação espiritual à parte, mas sem deixar a Comunidade. Eles fizeram uma estranha salada de Osho<sup>77</sup>, ideias do Carlos, ensinamentos Tunker, Candomblé e etc. Mistura que mudava de um dia para o outro, de forma até engraçada. O Jaime era para seguir os ensinamentos de seu mestre, o Carlos. O estranho é que, isto, ou a paixão pelo Carlos, apaziguou o Jaime. Ele passou mais de ano numa boa, meio que relaxou em tudo, até na profissão.*

<sup>76</sup> Steve Newcomer era um americano que morava com Onaldo e trabalhava como voluntário na mesma favela.

<sup>77</sup> Líder religioso indiano chamado Rajneesh Chandra Mohan Jain, também conhecido por Bhagwan Shree Rajneesh e Osho, do qual Janaína tornou-se grande leitora e adepta de seus ensinamentos.

*Ficava o tempo todo com o Carlos. Nesse tempo, ele seguiu o Carlos no começo da militância GLBT, sempre em segundo plano. O Carlos, acho que por dificuldade em aceitar a sua bissexualidade, só tratava o Jaime no feminino, e logo os outros estavam fazendo o mesmo. Aos poucos o Jaime foi assumindo isto e, aí, começou a sua transformação.*

Onaldo atribui a Carlos tudo o que Janaína viria a ser depois: ativista de destaque, travesti, combativa e preocupada com questões sociais. Se Janaína passou do descaso ao envolvimento com questões sociais e políticas no nascente ativismo homossexual do Ceará, foi para acompanhar Carlos, atuando, porém, sem destaque, sem iniciativa, à sombra do homem que amava. Por sua vez, Carlos, como membro da Comunidade Tunker Pacifista, embora não se reconhecesse como homossexual, participou da formação do grupo político que viria a se tornar o GRAB.

Ainda conforme o relato, Carlos namoraria uma mulher na mesma época em que namorava Janaína. Interpretando essa situação, Onaldo diz que Carlos era bissexual e por dificuldades em assumir que namorava um homem, se referia a Janaína no feminino. Isso fez com que todos da comunidade e do grupo passassem a tratá-la também no feminino, contribuindo, assim, para que a própria Janaína passasse a se perceber nesse gênero.

Depois da fundação do GRAB, Onaldo partiu para Goiás. Em 1994, ele retornou à Fortaleza. Nessa ocasião, Janaína já teria adotado esse nome, usava “roupas femininas” e passara a ter um intenso envolvimento político. Segundo ele, a própria Janaína teria atribuído a Carlos as mudanças.

A importância de Carlos para o engajamento político de Janaína é recorrentemente ressaltada entre aqueles que foram mais próximos a ela. Outra pessoa com quem Janaína se relacionou amorosamente se remeteu ao ponto: *“Não sei se tu sabe, um dos fundadores do GRAB foi o Carlos. O Carlos é o primeiro a entrar no GRAB, antes da Janaína. Quem levou a Janaína pro GRAB foi o Carlos. Ele é de 89, parece que a Janaína só entrou em 90, 91”*.

Como é comum nas narrativas, cada pessoa apresenta uma cronologia própria, a partir também de suas próprias referências pessoais. Existe uma temporalidade da memória que é subjetiva. O desenrolar e a própria interpretação dos fatos também variam muito. No trabalho de Ferreira (2003) Janaína aparece como pertencente ao grupo desde 1991, como também aponta o relato acima. Para Orlaneudo, com quem Janaína dividiu a presidência do GRAB por muitos anos, quando ele chegou ao grupo por volta dos anos 1988 e 1989, Janaína já o integrava. Pode ser que essa cronologia

varie também de acordo com o envolvimento mais intenso de Janaína nas questões do grupo ou em referentes de oficialização de pertencimento como membro instituído.

Em depoimento, Orlaneudo também relaciona a atuação de Janaína no nascente movimento homossexual do Ceará ao relacionamento amoroso com Carlos e, posteriormente, ao processo de travestilidade. No entanto, diferentemente do depoimento de Onaldo, para Orlaneudo a travestilidade aparece como uma consequência da “empoderação” no movimento:

**Orlaneudo:** *A atuação de Janaína começou no GRAB. Inclusive antes de mim. Então, eu cheguei no GRAB exatamente nessa época, de 88 pra 89. Nessa época, o GRAB já se reunia. Porque, na verdade, a criação do GRAB se deu bem antes dessa época de 89. Em 89 ele foi registrado, a ata, o estatuto, enfim, essa coisa. De fato, onde ele foi constituído formalmente como instituição. Mas desde 85 havia um grupo de militantes, de pessoas aqui que discutia a organização do movimento e Janaína era exatamente dessa época, porque quem começou a mobilização pra organização desse grupo foi um grande amigo de Janaína, que é o Onaldo Pereira, que é pastor. Nessa época, eles já discutiam a questão da organização do grupo, eles davam vários nomes. Na época tinha até algumas coisas que o próprio Onaldo mandou pra gente como xerox, com o nome de Grupo Libertação. E como nesse grupo tinha o pastor Onaldo e uma pessoa que Janaína amou demais que era muito amigo do Onaldo, então foi nessa época que ela chegou ao grupo. Foi através desse rapaz que Janaína começou a frequentar o GRAB, o GRAB não, o grupo na época, né? Foi a grande paixão. Na época era o Jaime César. Era da mesma igreja do pastor Onaldo e eles frequentavam a casa do Onaldo. Então, as reuniões, e o Onaldo fala disso, na época que eles começaram a organizar o movimento, eram escondidas porque tinha repressão na época quando se falava na questão do movimento. Então foi nessa história aqui que a Janaína conheceu o Carlos e como o Carlos frequentava a casa do Onaldo, aí foi de lá que começou a surgir a questão da organização do movimento, que passou a ser o GRAB. A Janaína era apaixonada pelo Carlos e ele, pelo que eu acompanhei, eu acho que ele não revelava muito a sexualidade dele. Eles tiveram um relacionamento, mas não era muito visibilizado. Enfim, não era muito explícito, entendeu? Mas eles tinham um relacionamento. Na época era Jaime, né? Nessa época aqui dessa relação era Jaime.*

**Eu:** A Janaína ainda era estudante?

**Orlaneudo:** *Não. Ele já advogava, já. Tinha um escritório de advocacia aqui no centro da cidade. Então já era advogado nessa época aqui. Foi exatamente na época que ele chegou no GRAB e tudo mais. Essa questão da transformação pra Janaína ela veio acontecer já, e eu acho, eu acompanhei isso, foi exatamente a essa empoderação que ela começou a ter no movimento, depois que ela tava no GRAB, acompanhei muito isso. Quando eu a conheci, eu não tinha muita relação com ela, mas eu lembro demais, ela era assim, com um cabelo um pouco maior. Quando ela conheceu o Alberto ela já era Janaína. Você já falou com ele? Então, foi nessa época que eu conheci Janaína e tive oportunidade de, com Janaina, ela era uma grande mestre, entendeu? Então, como eu entrei muito novo no movimento e não assumia nem direito a minha homossexualidade, pouco falava disso, então foi uma chegada muito brusca. Como ela, na época, eu tive que assumir em 91 como presidente.*

Nessas falas, é marcante o estabelecimento de uma linearidade que parte de Jaime César, homossexual, advogado, passando pelo ativista secundário em relação ao seu namorado engajado, pelo início da construção da travestilidade, até chegar a ser a

ativista de destaque e totalmente “empoderada”. Neste último ponto a imagem de Janaína já estaria separada de Carlos, aquele “grande amor” que ficou no passado, impulsionador do processo de travestilidade e do ativismo. É notável, ainda nessas falas, que, ao se referirem ao período anterior, Janaína é tratada pelo gênero masculino e, a partir do momento que reconhecem que Janaína já havia se constituído como travesti, passam a se referir a ela pelo feminino. Quando Orlaneudo diz que no momento em que Janaína conheceu Alberto, estabelecendo outro relacionamento amoroso marcante, ela já era Janaína, parece que a fase inicial está superada e o Jaime César vai ficando cada vez mais no passado.

Na segunda metade dos anos 1980 as “movimentações” relativas às questões homossexuais no Ceará começaram a despontar. Em 1985 Onaldo chegou dos Estados Unidos, após cursar Teologia no Bethany Theological Seminary, em Chicago, trazendo a ideia de formar um grupo voltado para a questão da homossexualidade. Originário de Rio Verde (GO), Onaldo partiu para Fortaleza em 1986. Em 1987, na Virginia (EUA), teria sido ordenado para trabalhar no campo social, com grupos discriminados, sem necessariamente ter que iniciar um núcleo da igreja no Brasil. Por determinações da ordem religiosa e por sua própria experiência como homossexual, Onaldo resolveu direcionar seu trabalho para homossexuais que enfrentavam conflitos. O grupo, que tinha centralidade na figura de Onaldo, não possuía um viés marcadamente político, na contramão do que vinha acontecendo no país. Relacionava sua atuação aos preceitos religiosos que seguia, a partir de uma perspectiva inclusiva. Em entrevista para o *Diário do Nordeste*, Onaldo explica quais as intenções do grupo:

Nossa intenção não era de criar um gueto e sim de mostrarmos que queríamos ter o direito de sermos como somos, aonde quer que estivéssemos. As reuniões iniciais aconteciam como por necessidade de convivência com as pessoas que tomaram essa opção, funcionando como uma terapia de grupo: A busca de si mesmo era um dos principais conflitos (ONALDO, *Diário do Nordeste*, Fortaleza, Ceará - Domingo, 18 de abril de 1999).

Nesse primeiro momento, as reuniões aconteciam sempre na casa de Onaldo, no bairro Bela Vista, até quando conseguiram um espaço na sede da BEMFAM<sup>78</sup>, no centro da cidade (FERREIRA, 2003). Esse grupo, formado por membros da Igreja Pacifista Tunker, é que viria a se tornar o GRAB, primeiro grupo político organizado em torno da homossexualidade no Ceará, três anos depois das primeiras reuniões. Nessa fase, contou principalmente com a contribuição do também pastor Steve Newcomer,

<sup>78</sup> A Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil é uma organização não-governamental (ONG) de ação social que presta assessoria técnica a órgãos governamentais, não-governamentais e associações congêneres a projetos em saúde sexual e reprodutiva.



estadunidense que morava e trabalhava na mesma favela com Onaldo, Dérich Rodrigues, filho adotivo de Onaldo, Cláudio Lima e Carlos. Esses nomes foram apontados tanto por Onaldo como por Ferreira (2003) em trabalho sobre a formação do movimento homossexual do Ceará. O nome de Janaína não aparece em nenhum relato sobre essa primeira fase do movimento, fato que torna patente o pouco envolvimento dela na formação inicial do grupo.

Até a formalização do GRAB, o grupo não tinha um nome, apesar de já haver iniciativas de nomeá-lo por Asa Branca. O nome, segundo Janaína em uma entrevista concedida em 2001, foi assim escolhido: “*A asa branca é um pássaro nordestino que simboliza a força. É famosa por ser muito resistente às mudanças climáticas. A ave é similar a uma pomba e costumam dizer que é o último ser vivo que bate as asas quando a seca é insuportável*” (DUTRA, 2001)<sup>79</sup>. Alguns militantes de esquerda<sup>80</sup> presentes consideravam o nome *Grupo Asa Branca* demasiadamente brando, sugerindo o acréscimo da palavra Resistência. Ferreira, baseado na primeira ata de reunião do grupo, firmada em 17 de março de 1989, afirma que estavam presentes técnicos da BEMFAM, representantes de Igreja Tunker Pacifista e alguns homossexuais, somando o total de doze pessoas. A presença de Janaína não é citada nessa ocasião. As primeiras discussões do grupo, ainda segundo Ferreira, giraram em torno da necessidade de divulgação da entidade no meio homossexual e na mídia, preocupação em torno da concretização da organização, sua visibilidade e na criação de um estatuto, recorrendo a outras organizações já consolidadas, como o GGB. Embora a aids já fosse presente naquele contexto, o grupo evitava fazer essa discussão, temendo a relação entre a epidemia e a homossexualidade. No entanto, já aconteciam incursões dos membros no Hospital São José, especializado em doenças infecciosas e um dos primeiros a receber pacientes com aids na região.

Alguns meses depois da fundação do GRAB, o pastor Onaldo voltou para sua cidade natal, em Goiás. Foi quando três militantes de esquerda assumiram a coordenação da entidade. Devido à atuação dessa gestão, que tinha como intenção fortalecer o movimento local, o grupo acabou se isolando do debate nacional. Em decorrência de algumas atitudes arbitrárias, caíram no descrédito com organizações

---

<sup>79</sup> GRAB: cidadania, dignidade e respeito. Jornalista: Rosângela Villa-Real. In: Boletim Internacional sobre prevenção e assistência à AIDS. No. 46, janeiro-março, 2001. Publicado por Healthlink e ABIA.

<sup>80</sup> No trabalho de Ferreira, Onaldo aponta o militante do Partido dos trabalhadores e primeiro candidato a vereador gay assumido de Fortaleza, Luís Rabelo, como aquele que teria sugerido a inserção do termo “resistência”, chegando a definição do nome Grupo de Resistência Asa Branca.

nacionais e locais (FERREIRA, 2003). Onaldo também se refere a esse período e aponta Janaína como uma das pessoas que ajudaram a fortalecer o grupo depois dessa crise:

**Onaldo:** *Quando saí de Fortaleza, o GRAB passou por uma crise profunda, quase desaparecendo, por conta de brigas de correntes políticas de esquerdas rivais, querendo tomar o grupo. [...] A Janaína ajudou a salvar o grupo. Ela era muito boa de briga e tinha pulso forte!*

Na pesquisa que fez, Ferreira encontrou um vazio de registros entre a saída de Onaldo, em junho de 1989 e o início da presidência de Alan Gomes, em meados de 1990. Também não aparece em seu trabalho a participação de Janaína nesse momento e como ela teria ajudado a salvar o grupo, como diz Onaldo. No início dos anos 1990, começa a coordenação de Alan Gomes, segundo Orlaneudo, o primeiro presidente após o registro do estatuto, um policial e militante que se tornou uma grande referência para o movimento homossexual do Ceará. Diferente das primeiras frentes de atuação do GRAB, destacaram-se, durante a atuação de Alan, atividades voltadas para a questão de combate da epidemia da aids, além de atividades para a arrecadação de fundos para o grupo. A presidência de Alan durou pouco tempo, pois morreu meses depois. Orlaneudo relatou que após a morte de Alan, Ivanildo assumiu a presidência do GRAB até começar sua presidência em 1991, quando Janaína assumiu a vice-presidência. Essa dobradinha se repetiu por alguns anos, ele sempre no cargo de presidente enquanto Janaína ocupava a vice-presidência, mesmo Orlaneudo tendo chegado ao grupo posteriormente e sendo menos experiente em questões da militância.

**Orlaneudo:** *E nessa época [em 1991], na minha primeira gestão, eu chamei Janaína pra ser a vice. Então a gente ficou. O GRAB tinha no seu estatuto essa questão do mandato de dois anos e a gente ficou renovando e tinha uma cláusula que era até esse período e quando chegou os seis anos a gente alterou o estatuto pra que a gente pesasse mais alguns anos. Eu acho que a gente passou mais dois mandatos e tal. Então ela sempre foi a vice, né? E a gente se envolveu muito porque quando o GRAB começou a se fortalecer e a participar de atividades a nível nacional, a nível local a gente começou a mobilizar não só em Fortaleza, mas em várias cidades do interior. Então a gente viajava muito, eu e Janaina, a gente era muito confidencial, né? Era muito legal porque Janaína era muito inteligente e ela no movimento optou em mergulhar profundamente sobre as questões dos direitos humanos da população LGBT. Ela, como advogada, teve essa facilidade de dar um mergulho pra essa questão na perspectiva dos direitos e isso, pra mim, eu achava muito importante porque eu tinha pouco conhecimento sobre essas questões, principalmente porque eu não tinha participado de nenhum movimento e essa coisa toda. Já a Janaína, ela relata que no movimento estudantil, se eu não me engano, ela se envolveu lá pelas universidades, nos grêmios, ela participava assim, durante o movimento estudantil, enfim.*

Como pontuou Onaldo, essa posição de Janaína como coadjuvante, pelo menos na estrutura formal, era rodeada de tensões. Ela seria vaidosa e gostaria de estar no

controle, não aceitando resignadamente ficar em posições que não fossem de liderança e destaque:

**Onaldo:** *Quando estive lá [em Fortaleza], a convite do GRAB e do Ministério da Justiça, em 1997, para ser homenageado, ela [Janaína] estava rompida com o grupo, por achar-se discriminada na liderança, mas numa segunda visita ela já liderava o GRAB praticamente sozinha. A relação dela com o GRAB sempre foi tumultuada, ela só estava bem e dando o máximo de si, quando era a liderança de destaque. No âmbito nacional ela ganhou mais destaque do que em Fortaleza. Em 2001 estive lá e ela desenvolvia um projeto muito interessante com travestis. Acredito que a Janaína salvou o GRAB mais de uma vez e deu a ele uma projeção nacional que ele não teria tido doutra forma. Houve, depois de minha volta pra Goiás, algo meio que "bairrista" no grupo, uma tentativa de varrer os não cearenses da história da entidade, principalmente o Steve Newcomer, o voluntário americano. Eu sofro com isto até hoje, sinto-me injustiçado, pois o GRAB nasceu e sobreviveu na minha casa e às minhas custas, por mais de dois anos, só conseguindo ir para uma sala na BENFAM, depois que o Steve negociou com a Dra. Damaris. Enquanto viveu, a Janaína não deixou que eu fosse esquecido.*

Para Onaldo, mesmo Janaína nunca tendo presidido oficialmente o grupo, ela liderava as ações, às vezes sozinha, salvando-o em momentos de abalo. A imagem de Janaína seria o carro chefe do grupo, que somente conquistou projeção nacional devido ao trabalho que ela desenvolvia e à imagem que construiu. Em entrevista, Janaína não deixava de apontar a figura do pastor como de fundamental importância para a criação do movimento:

O GRAB que é uma instituição sem fins lucrativos, foi fundada em 1989, quando houve uma proliferação do HIV em Fortaleza. O grupo surgiu como consequência do trabalho de um pastor da Comunidade Pacifista Tunker (religião de origem alemã, conhecida no Brasil como Igreja dos Irmãos), que buscava a livre expressão sexual. No princípio, a nossa batalha se restringia à busca pelos direitos iguais e pela cidadania, mas, com o tempo, fomos ganhando força e mobilizando a sociedade, passando a exigir dela políticas públicas mais sadias e ligadas à prevenção e à saúde. Além da defesa da livre expressão sexual e do apoio aos direitos humanos dos homossexuais, o grupo, hoje, é responsável por diversas ações de prevenção das DSTs e pela assistência aos portadores do HIV (DUTRA, 2001).<sup>81</sup>

Nessa fala, fica implícita a agenda do movimento homossexual do qual Janaína fazia parte, inicialmente orientado pela conquista de direitos e cidadania sob uma perspectiva inclusiva. Posteriormente, como uma resposta à epidemia da aids, com a criação de políticas governamentais em diálogo com os movimentos, ela menciona que entraram na agenda questões de saúde e políticas públicas voltadas à prevenção de dst/hiv. Interessante notar que Janaína usou a expressão “políticas públicas mais sadias”, em uma referência, possivelmente, às concepções que separam normalidade /

<sup>81</sup> “GRAB: cidadania, dignidade e respeito”. Jornalista: Rosângela Villa-Real. In: Boletim Internacional sobre prevenção e assistência à AIDS. No. 46, janeiro-março, 2001. Publicado por Healthlink e ABIA.

anormalidade, saúde / doença, boas práticas / más praticas, a partir de um ponto de vista de encaixe com as normas de gênero instituídas.

Com relação à posição que Janaína ocupava no grupo de homossexuais, percebemos que ela continuou ocupando posições secundárias na estrutura formal mesmo depois de seu engajamento mais intenso, da sua experiência em movimentos sociais, da sua formação em Direito, portanto, tida como alguém com conhecimento nas questões abordadas, dos seus anseios pela liderança, das suas atitudes de resgate do grupo em momentos de crise. Não é possível saber ao certo porque isso aconteceu e nem mesmo tomar as questões apontadas pelos colaboradores como verdade absoluta. Sobre o contexto, Facchini (2005) chamou atenção para conflitos internos aos grupos mistos devido às diferenças entre gays, lésbicas, travestis e transexuais, quando os últimos acabaram por criar grupos específicos para tratar das suas próprias demandas. Essas questões me levam a indagação do porquê da fundação da ATRAC relativamente tardia se considerado o cenário nacional, onde associações de travestis e transexuais começaram a surgir no início da década de 1990, enquanto que no Ceará somente ocorreu em 2001. De qualquer forma, é impossível estabelecer até que ponto essa tardia independência relativa tenha ocorrido por imposições ou por falta de interesse dos dirigentes, quiça da própria Janaína, considerando que todas as condições para a fundação da ATRAC já existiam desde quando ela organizou o IV ENTLAIDS<sup>82</sup> em Fortaleza, em 1999. Além do mais, a subalternidade e hierarquia de travestis em grupos de homossexuais é algo bastante discutido por teóricos e apontado pelas próprias ativistas, principalmente por aquelas que, como Janaína, começaram seu ativismo em grupos mistos. Janaína falava constantemente sobre essas divisões e especificidades do movimento LGBT, chamando atenção para a necessidade de autonomia dos grupos, sem, no entanto, perder a “solidariedade” e a “diplomacia”.

Por todo o exposto, a formação do movimento homossexual no Ceará teve um caráter peculiar, já que nasceu em diálogo com correntes religiosas e era composto, inicialmente, por alguns membros que não se identificavam como homossexuais. No entanto, veio na correnteza da discussão regional, da organização e institucionalização dos grupos em torno da temática da homossexualidade.

As manifestações políticas em torno da homossexualidade e das identidades de gênero no Brasil foram influenciadas por acontecimentos de outros países. De forma

---

<sup>82</sup> Encontro Nacional de Travestis e Transexuais, concebido no ano de 1993 como Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Trabalham com AIDS.

isolada, podemos citar as campanhas contra a criminalização da homossexualidade no final do século XIX na Alemanha lideradas pelo médico e sexólogo Magnus Hirschfeld, discussão que se esvaiu com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a perseguição de homossexuais pelo governo nazista. Do outro lado, no hemisfério Norte, em fins da década de 1940, Alfred Kinsey passou a desenvolver pesquisas sobre questões sexuais, lançando a ideia de que as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram muito mais difusas do que se presumia, não se restringindo apenas àqueles sujeitos tidos como homossexuais. Nos anos seguintes, os Estados Unidos passou a ser palco de intensa politização incluindo manifestações mais radicais, até culminar no episódio ocorrido no Bar Stonewall<sup>83</sup>, em 1969, tido como o marco simbólico para a emergência do movimento gay contemporâneo.

Os movimentos políticos em torno da sexualidade e das identidades de gênero no Brasil já possuem uma longa trajetória, desde seu surgimento na década de 1970, ainda como movimento homossexual, até seus desdobramentos atuais no formato de movimento LGBT. Além do consenso em torno da unificação nesse formato para abarcar lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, no decorrer desses anos aconteceram, paralelamente, vários desmembramentos a fim de abarcar as demandas e especificidades correspondentes.

Muitos autores já abordaram esse tema, tais como MacRae (1990); Green (2000), Fry (1982), Trevisan (2002), Facchini (2005), Facchini & Simões (2009), Perlongher (1987), para citar alguns trabalhos. É sabido, no entanto, que antes da formação de grupos políticos, a movimentação homossexual no Brasil já existia em outros formatos. Facchini e Simões (2009) se remetem à década de 1950 para falar de outras formas de associação e sociabilidade que tinham como interesse comum a homossexualidade, por exemplo, concursos de miss, shows de travestis, desfiles de fantasia, produção de jornais e publicações diversas. Para os autores, foram os anos de 1950 a 1970, chamados de período de “manifestação” homossexual, que desenharam os contornos de uma política que sai de festas e vai para assembleias e reuniões de pauta.

Para Green (2000), existia uma “subcultura homoerótica” no eixo Rio-São Paulo antes da invenção do termo homossexual e da importação de modelos médicos europeus que catalogavam “patologias” sexuais. Green afirma que múltiplos sistemas sexuais

---

<sup>83</sup> Esse episódio é apontado como o fundador do movimento LGBT mundial. Em 28 de junho de 1969, ocorreu uma revolta num bar muito famoso de frequência LGBT da cidade de Nova Iorque, chamado Stonewall, quando frequentadores de se revoltaram contra as investidas policiais e organizaram um motim que durou dias.

coexistiram ao longo do século XX, indo além em relação à ideia de Fry (1982) sobre a existência no Brasil de sistemas sexuais que definem a homossexualidade com base na dualidade ativo/passivo e de que a partir dos anos 1960 o modelo hierárquico (no qual homens que mantêm relações sexuais são classificados como homem/bicha, ativo/passivo, penetrador/comido) teria sido substituído pelo modelo igualitário (os parceiros passam a ser tidos como “entendidos”, “homossexuais”, gay/gay). Endossando essas concepções, Perlongher (1987) informa que o *gay* como personagem surgiu por volta de 1974, inserido em outras atividades que não a organização política sexual, visto que ainda nem existia de forma organizada no país:

Foi um questionamento dos valores burgueses, um cansaço do convencional. O pessoal procurou atividades alternativas: artesanato, artes. Isso foi antes de que aparecesse o movimento *gay* propriamente dito. Na verdade, estava tudo misturado, o movimento era contestatório, o *gay* pegava carona. O importante era que na época quem dava as diretrizes no mundo gay da classe média era a vanguarda teatral, mais intelectualizada. Eles acabariam impondo o padrão *gay/gay*. (PERLONGHER, 1987, p.82)

Esse movimento, que podemos chamar de micropolítico, como diz o autor, questionava não só a heterossexualidade, mas os valores burgueses de uma forma geral. Serve, entretanto, para mostrar o panorama desta série de mudanças que ocorriam no período chamado por Trevisan de *desbunde* ou *desbun guei*:

Ainda que a contragosto, a cruel ditadura brasileira instaurada em 1964 imprimiu um impulso peculiar em certas áreas da vida nacional, nos anos 70. A urgência de uma modernização em ambiente avesso à prática política democrática talvez tenha favorecido, entre os jovens, o surgimento de movimentos de liberalização nem sempre alinhados com orientações ideológicas precisas. Daí porque as palavras-chaves do período foi “desbunde” ou “desbum”. Alguém *desbundava* justamente quando mandava às favas – sob aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não-partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas e à homossexualidade (TREVISAN, 2002, p. 284).

Trevisan, se remetendo ao quadro político da década de 1970, fala que seria um momento de forte repressão instaurada pela ditadura militar que teria proporcionado diversas tentativas de liberalização, sendo a homossexualidade uma delas. O *desbunde* ocorreu principalmente nas áreas da música e do teatro. Caetano Veloso, Gilberto Gil e Ney Matogrosso são considerados os artistas que transformariam essa questão em arte sonora, juntamente com o grupo teatral Dzi Croquetes, ao buscarem “embaralhar os padrões de gênero masculino e feminino”. Segundo Trevisan, esse grupo teatral colocou nos palcos brasileiros uma ambiguidade até então inédita, influenciados pelo espírito dos *gender fuckers* americanos, com a intenção de “borrar as fronteiras entre os gêneros masculino e feminino socialmente construídos; com isto, queriam evidenciar como essa

divisão tão rigorosamente organizada é um fenômeno cultural inteiramente alheio ao sexo do homem e da mulher” (TREVISAN, 2002, p. 288).

O consenso com relação à formação do movimento homossexual<sup>84</sup> no Brasil gira em torno da criação do grupo Somos, no ano de 1978 na cidade de São Paulo, bem como do lançamento do jornal *Lampião*, na mesma época, ambos com forte marcação política e social centrados no tema da homossexualidade. Ao longo desses mais de trinta anos de articulação política, muitas mudanças sociais influenciaram os formatos e maneiras de atuação. Facchini (2005) condensa o movimento político em torno da homossexualidade no Brasil em três ondas: a *primeira onda* abrange do final do regime militar ao momento de abertura política, marcado pela atuação de lésbicas e homossexuais nos primeiros grupos; a *segunda onda* abarca a redemocratização e mobilização em torno da Assembleia Constituinte, eclosão da epidemia da aids e institucionalização do movimento na década de 1980; enquanto que a *terceira onda* a partir de meados da década de 1990 marcada pelo diálogo entre o movimento e o Estado, a multiplicação de grupos ativistas, a formação de redes regionais e nacionais, a organização de Paradas do Orgulho LGBT e o aumento de um mercado voltado ao público LGBT.

Para Green, se não fosse a repressão imposta pelo governo militar, um movimento politizado pelos direitos homossexuais possivelmente teria surgido no final da década de 1960 e não na de 1970, já que o país possuía todas as condições de ser palco de movimentos do gênero à reboque do que acontecia nos Estados Unidos, Europa, e outros países da América do Sul e Central, como Argentina e México. Para o historiador, a urbanização, a modernização e a industrialização contribuíram para a formação de uma cultura vibrante, principalmente nos grandes centros urbanos do país. Não por acaso, a considerada primeira onda do movimento homossexual brasileiro tem como marco o ano de 1978 com a criação do grupo Somos, exatamente quando se inicia um logo processo de transição da ditadura para a democracia.

Sobre o movimento homossexual brasileiro na década de 1980 existem discussões se houve um declínio ou uma modificação na forma de fazer política se comparada ao momento anterior. Quando aconteceu, na cidade de São Paulo, o I

---

<sup>84</sup> Uso o entendimento de Facchini sobre o movimento homossexual como sendo: “o conjunto de associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, construídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente, políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de quaisquer identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento” (FACCHINI, 2005, p. 20).

Encontro de Grupos Homossexuais Organizados, em 1980, outros grupos políticos já tinham sido formados além do Somos e participavam do evento, como o Somos de Sorocaba, o Eros (São Paulo), o Libertos (Guarulhos), o Auê (Rio de Janeiro), o Beijo Livre (Brasília) e representantes de Belo Horizonte, Vitória, Goiânia e Curitiba, marcando, desta forma, uma efervescente mobilização. Facchini e Simões (2009) afirmam que muitos desses militantes eram simpatizantes de partidos políticos de esquerda. Entretanto, ao longo da década, aconteceu uma drástica redução na quantidade de grupos. Com a eclosão da epidemia da aids, Facchini (2005) observa dois efeitos: primeiro uma desmobilização de propostas de liberação sexual e segundo uma intensificação de atividades encampadas por uma nova geração de ativistas voltada para dar respostas à epidemia em um contexto de redemocratização política. Esses militantes da segunda onda do movimento homossexual, observa a autora, possuíam pouco ou nenhum envolvimento em posições ideológicas de esquerda e bem menos resistentes ao campo institucional. Além disso, recursos de agências de cooperação internacional e organismos governamentais para financiar projetos relacionados ao combate da aids foram decisivos para o florescimento do movimento homossexual nesse contexto.

Nesse momento percebemos uma relativa descentralização do eixo Rio-São Paulo para o Nordeste, com a fundação do GGB, personagem fundamental da segunda onda do movimento homossexual, por ser um dos primeiros grupos a obter reconhecimento do Estado como associação civil homossexual, por ser o primeiro a obter registro como organização civil sem fins lucrativos, por ser o primeiro a encampar a campanha pela retirada da homossexualidade do Código de Classificação de doenças do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social, também por encabeçar outra campanha de inclusão da orientação sexual no artigo 5º da Constituição Federal de 1988 e por contribuir com a articulação de demais grupos na região. Em 1981 aconteceu, em Olinda (PE), o 1º Encontro de Grupos Homossexuais do Nordeste, no qual estiveram presentes os cinco grupos da região então formados. Em 1984, o 2º Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais Organizados aconteceu em Salvador, demonstrando a iniciativa de trazer a discussão para o Nordeste.

Todos esses acontecimentos influenciaram a formação do movimento homossexual no Ceará, como a ampliação da discussão referente às políticas sexuais do eixo Rio de Janeiro – São Paulo para o Nordeste, a redemocratização do país, a elaboração de uma nova constituição, a epidemia da aids. De alguma forma, eles também convergiram com elementos que perpassavam a vivência de Janaína na década



de 1980, quando ela chegou à Fortaleza e cursou Direito, provavelmente participando de discussões sobre essas mudanças sociais, políticas e jurídicas pelas quais o país passava. Saindo de Canindé, começou a experimentar também relativa liberdade em relação à sua sexualidade, a desmistificar preceitos cristãos, sem, no entanto, deixar de acreditar que tinha sido acometida pela “peste gay”. Desta maneira, não tardou em buscar respostas e a construir possibilidades e racionalidades em torno desse turbilhão de acontecimentos a sua volta.

Depois que o ativismo de Janaína se intensificou, a partir de 1991, ela passou a se especializar em direitos humanos com foco em questões LGBTs, atuando prioritariamente a partir do movimento. Quando a travestilidade foi ganhando corpo, Janaína fechou seu escritório de advocacia. Foi um processo cheio de tensões familiares, profissionais e amorosas, que fortaleceram seu senso de justiça. Essa atitude foi favorecida pelo momento no qual o movimento LGBT se encontrava, de intensificação de diálogo com o Estado, ampliando as possibilidades de atuação. Nesse momento, é possível perceber a criação dos contornos para a construção da figura de Janaína como a “primeira travesti advogada no Brasil”.

**Orlaneudo:** *De todas as lideranças travestis a Janaína era a única que tinha nível superior, era advogada. E a gente pesava muito pra essa questão, tanto que a gente conseguiu... ela passou um tempo, quando ela começou a descobrir a travestilidade, ela deixou o escritório. Ela fechou o escritório dela e deixou de advogar, entendeu? No GRAB ela tinha esse papel porque era advogado e tudo mais, mas ela tinha perdido a carteira da OAB. Perdido não, ela tava inadimplente com a OAB, ela não tinha mais nem a carteira da OAB, tava inadimplente. Na época, a gente começou a incentivar que a Janaína colocasse essa questão da OAB dela em dia, tirar essa carteira dela.*

**Eu:** Ela não dava muita importância para a profissão?

**Orlaneudo:** *Ela não dava mais importância pra isso. Nós que chamamos ela e falamos. O GRAB teve o primeiro projeto que foi, inclusive, construído por nós, eu, Janaína e o Chico também, o Balcão de Direito. E esse projeto tinha um advogado, então foi com esse projeto. Fui na OAB com ela pra botar em dia a OAB e tudo mais, pra organizar. E foi muito legal porque quando ela volta à OAB já como ativista, ela consegue, por exemplo, a retirada da carteira com a foto feminina, entendeu? Já com a foto feminina. Tá lá o nome de Jaime César. Ela frequentava as atividades da OAB, inclusive, da Comissão de Direitos Humanos da OAB, ela foi da comissão.*

Com a fala de Orlaneudo fica evidente que era uma estratégia do grupo focar na exclusividade da escolaridade e da profissão de Janaína entre as demais militantes travestis que, em maioria, não tinham uma formação acadêmica e profissão formal. Enquanto Janaína deixara de dar importância às burocracias e à normatividade da área jurídica, o grupo insistia para que ela voltasse a atuar, trazendo, assim, mais visibilidade e contribuições a partir da advocacia. Por exigências formais dos projetos a serem

desenvolvidos pelo grupo, se tornou incontornável a Janaína regularizar sua situação junto à OAB. Esse retorno, contudo, foi marcado por uma experiência diferente junto à Ordem que, embora não tenha permitido o uso do nome social Janaína Dutra, consentiu que ela usasse na carteira profissional uma foto em que possui uma aparência próxima da que entendemos como feminino, com cabelos longos e maquiagem, porém, usando paletó e gravata, roupa exigida para homens, a partir de determinação do Conselho Federal da OAB, que para mulheres exige o uso de “trajes condizentes com a dignidade da profissão”. A carteira emitida em 2003, por exemplo, leva o nome de Jaime César Dutra Sampaio, contrariando narrativas que se referem a Janaína como a primeira travesti inscrita na OAB tendo sua identidade feminina respeitada.

Possuindo um saber jurídico, Janaína contribuiu fortemente para que mecanismos legais de combate à homofobia fossem construídos em seu Estado. O avanço nesse âmbito foi tão marcante que na pesquisa de Ferreira os ativistas cearenses apontam como principais avanços do movimento no Estado as questões relacionadas à promulgação, aprovação e regulamentação de leis de caráter anti-discriminatório<sup>85</sup>.

Historicamente, o movimento age de forma a apelar aos princípios constitucionais, seja para tentar revogar leis de caráter discriminatório ou para pressionar a criação das que combatem a discriminação. De acordo com reflexões de Seidman (2002), relacionadas ao contexto dos Estados Unidos, essa luta pela política de cidadania está pautada em uma agenda orientada por direitos, em uma perspectiva assimilacionista, integracionista, em oposição a uma agenda liberacionista que propõe uma desconstrução desse sistema, desafiando a heterossexualidade como norma. É possível fazer esse paralelo com as contestações brasileiras se analisarmos a agenda dos movimentos locais. O objetivo dessas lutas assimilacionistas seria trazer esses sujeitos para dentro do círculo da cidadania e da respeitabilidade social, permitindo uma vida pública com acesso a determinados espaços e serviços, sem questionar esse modelo de “igualdade”. Esse movimento orientado por direitos não visa um questionamento da

---

<sup>85</sup> Para citar algumas: a aprovação da Lei Municipal nº 7.066, que considera o GRAB como entidade de utilidade pública; a aprovação da emenda a Lei Orgânica de Fortaleza, garantindo mecanismos de combate à discriminação aos homossexuais e a outros setores oprimidos da sociedade; a promulgação da Lei nº 8211/98, de autoria do vereador Durval Ferraz (PT), que estabelece punições a estabelecimentos que discriminarem em função da orientação sexual; assinatura do decreto nº 10.784, que regulamenta a lei nº 8211/98; promulgação da Lei Municipal nº 2561, de Juazeiro do Norte, que pune estabelecimentos comerciais por práticas discriminatórias por orientação sexual; Lei nº 1437/01, do município de Caucaia, que determina sanções às práticas discriminatórias por orientação cometidas por estabelecimentos comerciais, indústrias, empresas prestadoras de serviços e similares; promulgação da Lei nº 8626, de autoria da vereadora Luizianne Lins (PT), que institui em Fortaleza o Dia Municipal do Orgulho Homossexual (28 de junho), incluindo-o no calendário oficial do município.

noção de cidadania normalizada atrelada à cultura dominante heterossexual. Pelo contrário, ela visa estender o círculo do “bom cidadão” para incluir gays, lésbicas, travestis, transexuais. O problema dessa perspectiva está, além de deixar essa ordem social/sexual intocável, no reforço do caráter de *outsider* de alguns sujeitos, marginalizando aqueles que não se adequam ao padrão, encarando-os como “maus cidadãos”, porquanto perigosos e abjetos.

Numa perspectiva queer contemporânea, passando por visões de segmentos de lésbicas feministas, gays liberacionistas e transfeministas, o domínio heterossexual é mantido principalmente pela estrutura e organização da sociedade, e menos por leis injustas e preconceitos individuais. As normas de gênero e o domínio heterossexual estariam entrelaçados na organização da sociedade. As instituições (família, escola, instituições econômicas, religião) e a cultura (mídia, músicas, conhecimentos médicos, científico) impõem que os sujeitos adotem papéis de gênero dicotômicos. Aqueles que “desviam” dessa norma são estigmatizados como “homossexuais”. Para Seidman, há pouca evidência de que estendendo direitos para gays se enfraqueceria as normas dicotômicas de gênero. Isso se dá porque as normas de gênero não são sustentadas por leis, mas por instituições. Uma agenda por direitos não se sustenta sozinha. A igualdade legal coexiste com ausência de igualdade social. Somente uma profunda mudança cultural e institucional poderá acabar com o domínio heterossexual, possibilitando a conquista de um status social igualitário.

Afinal, ganhar direitos iguais, proteção social e oportunidades não implicaria em respeito e representação. A extensão de direitos condicionada à conformidade com as normas dominantes de gênero não altera, por si só, a ordem social. Gays, lésbicas, travestis, transexuais, intersexuais, sadomasoquistas, enfim, “sujeitos abjetos” devem ser ouvidos para potencialmente moldar a vida social.

Nesse panorama, os ativistas se tornariam cidadãos de “primeira classe”, integrados a uma rede de direitos, deveres e proteção estatal. A cidadania, contudo, não se resume a direitos e deveres. Envolve um “ideal de cidadão”, características pessoais, comportamentos que são valorizados socialmente (SEIDMAN, 2002, p.188-189). Os militantes por direitos protestam contra a desigualdade para o ganho de direitos iguais, mas os que desviam das normas de bom cidadão continuam como *outsiders*. O questionamento da legitimidade das normas sexuais deve vir acompanhado da discussão por direitos. Uma agenda por direitos restrita ignora a forma como a ideia de cidadania

estabelece fronteiras sociais entre “bons cidadãos” e “maus cidadãos (outsider)”. Esse movimento não desafia formas de controle social.

## **Janaína e o movimento de travestis**

O ativismo pelos direitos dos homossexuais na década de 1990, de acordo com Facchini e Simões (2009), é marcado por um aumento de grupos e associações, com formação de redes. É nesse contexto também que aumentam os encontros nacionais ramificados do segmento LGBT, com surgimento de novos sujeitos no cenário, como o ENTLAIDS, em 1993, e o Senale (Encontro Nacional de Lésbicas), em 1996, financiados por programas estatais de combate à aids<sup>86</sup>:

Presença marcante na mídia; ampla participação em movimentos de direitos humanos e de resposta à epidemia da Aids; vinculação a redes e associações internacionais de defesa de direitos humanos e direitos de gays e lésbicas; ação junto a parlamentares com proposição de projetos de leis nos níveis federal, estadual e municipal; atuação junto a agências estatais ligadas a prevenção de DST e Aids e promoção de direitos humanos; formulação de diversas respostas diante da exclusão das organizações religiosas, criação de redes de grupos ou associações em âmbito nacional e local; e organização de eventos de rua, como as grandes manifestações realizadas por ocasião do dia do Orgulho LGBT (FACCHINI & SIMÕES, 2009, p. 138)

A entrada das travestis no cenário político da década de 1990 é resultado direto do investimento de programas estatais de dst e aids<sup>87</sup> (FACCHINI & SIMÕES, 2009). Existem poucos trabalhos sobre a história dos movimentos políticos de travestis no Brasil, dentre os quais o de Peres (2005), o de Pelúcio (2005) e o de Carvalho (2011), além das informações contidas no trabalho mais geral do movimento LGBT de Facchini (2005) e Facchini & Simões (2009). São passados mais de vinte anos de militância travesti que precisam ser destrinchados como um ato de construção política.

A ativista Jovanna Baby<sup>88</sup>, considerada uma “pioneira” na militância de travestis no Brasil por ter idealizado a primeira ONG de travestis no país em 1992, a Associação

---

<sup>86</sup> Por essa razão, o encontro passa a chamar-se Encontro Nacional de Travestis na Luta Contra a Aids e não mais Encontro Nacional de Travestis e Liberados. Hoje o nome é Encontro Nacional de Travestis e transexuais.

<sup>87</sup> Com relação aos financiamentos de projetos na área da saúde, é marcante o acordo firmado entre o Banco Mundial e o Programa Nacional de DST e Aids. O primeiro acordo chamado Aids I data 1994 vigorando até 1998, o Aids II de 1998 a 2002 e o Aids III de 2001 a 2006, voltados para a implementação de políticas nacionais nesta área.

<sup>88</sup> Fiz uma entrevista com Jovanna Cardoso, como também é conhecida, durante o 9º Encontro Regional Nordeste de Travestis e Transexuais, Teresina-PI, 2012, mas também utilizo como fonte de dados o documentário *Travestilidades e transexualidades* produzido pelo Nuh/UFGM – Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT, com depoimentos captados durante o XVII ENTLAIDS e de trabalhos de

de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro - ASTRAL<sup>89</sup>, esteve à frente da organização do I ENTLAIDS, realizado em 1993, considerado um marco do movimento de travestis no Brasil. Devido à intensificação do debate e aos financiamentos destinados para tais ações no período, os encontros passaram a ocorrer anualmente e as associações de travestis multiplicaram-se pelo país (algumas imagens dos ENTLAIDS no ANEXO 8). Apesar dos financiamentos advirem do Programa Nacional de DST e Aids, a discussão não se resumia a questões de saúde, mas se expandia para temas como segurança pública, mercado de trabalho, direitos civis e educação. A partir de 1995 o termo “travesti” passa a ser incorporado também nos encontros nacionais de homossexuais devido a decisões tomadas no VII Encontro Nacional de Gays e Lésbicas. Abaixo, um fragmento da entrevista de Jovanna, na qual faz a sua apresentação, importante para percebermos como as posições e protagonismos são elaborados no movimento de travestis e transexuais brasileiro:

**Jovanna:** *Meu nome é Jovanna Baby, sou uma das fundadoras, sou a idealizadora que começou tudo isso [o movimento de travestis]. Elas costumam dizer isso. Foi no Rio de Janeiro, nos anos 90. Convidei seis companheiras no Rio e a gente criou esse movimento que hoje tá aí em todos os estados do Brasil. A gente criou em 1992 e já decidimos, já no primeiro ano de criação do movimento, já fizemos um encontro nacional, só cinco estados presentes. E aí o movimento cresceu, tomou essa gama toda, mas muitas das discussões que hoje estão aqui já... elas já brotaram lá em 1992 e que de alguma forma as meninas [travestis do movimento] não conseguiram avançar. Avançou em outras coisas importantes, mas algumas coisas daquela época não avançaram e que agora a gente retomou e que tá conseguindo avançar.*

Existe um consenso de que a pioneira na militância brasileira de travestis seja Jovanna. Todas as ativistas travestis com as quais conversei fizeram essa afirmação, também referenciada em outros trabalhos. A própria Jovanna reafirma inúmeras vezes a fundação e idealização do movimento brasileiro de travestis. Ela aponta que as discussões realizadas hoje já estavam presentes desde o início, mas que “as meninas” não conseguiram avançar muito, demarcando uma postura matriarcal e atribuindo

---

outros pesquisadores (PELÚCIO, 2005, CARVALHO, 2011, PERES, 2005). Jovanna é de Mucuri (BA), porém cedo foi para o Piauí, onde permaneceu até a adolescência. Sua atuação nos movimentos sociais se iniciou na cidade do Rio de Janeiro, local onde morou por vinte anos. Hoje ela retornou para o Piauí e reside no município de Picos, onde alia sua militância no movimento de travestis a política local, desempenhando atualmente a função de coordenadora da Coordenadoria de Direitos Humanos de Picos.

<sup>89</sup> Primeira organização política de travestis da América Latina e segunda do mundo, nasceu da necessidade de enfrentamento da violência policial sofrida por travestis que se prostituíam na Praça Mauá, região portuária carioca, Lapa, Central do Brasil e Copacabana. As primeiras ações da Astral aconteceram no ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião, em articulação com Gabriela Leite, na época coordenadora do projeto *Saúde na Prostituição*. Jovanna começou a participar das reuniões do projeto desenvolvido por Gabriela no momento em que trabalhava como profissional do sexo no Rio de Janeiro, quando foi de encontro com a possibilidade de organização política de travestis.

possíveis retrocessos à atuação de travestis “mais novas” (aquelas que entraram no movimento depois). Como vemos na sequência da sua fala, ela passou algum tempo afastada do movimento e talvez se refira ao momento do seu retorno quando diz, em tom otimista, que as questões postas há mais de vinte anos foram retomadas e estão tendo êxito. Na personificação que faz do movimento de travestis ao falar geralmente no singular sobre a criação e organização dos encontros nacionais, ela estabelece hierarquias entre as que “chegaram primeiro” e as que “vieram depois”, indo ao encontro de categorias observadas por Carvalho (2011) em trabalho de campo realizado nos encontros: “novas”, “velhas”, “carimbadas”, “anciãs”<sup>90</sup>. Essa classificação não tem necessariamente relação com a idade das travestis, em alguns casos fazem referência especificamente à entrada no movimento. Para Carvalho, apesar das travestis mais “velhas” acharem importante a renovação do movimento e a “capacitação” de novas travestis, existe muita centralização naquelas que “chegaram primeiro”. O interesse das mais “velhas” pelas mais “novas” é guiado mais pela importância de legitimar suas próprias ações do que para lhes possibilitar algum protagonismo.

A despeito dos discursos que apontam Janaína como uma pioneira no movimento de travestis, percebo a existência de disputas de poder e jogos de legitimação de posições:

**Jovanna:** *Eu conheci Janaína em 2008, no Rio de Janeiro, no VIII Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que também foi eu quem realizou. Nesse encontro eu tive uma decepção dentro do próprio movimento e decidi dar uma afastada do movimento e não acompanhei mais nada. Fiquei cinco anos, apesar de ter sido a idealizadora e de ter muitas conquistas importantes, até de instituições de policiais, de tenentes que perseguiram travestis no Rio de Janeiro, a gente conseguiu destituí-los, tirá-los de circulação. Apesar disso tudo, resolvi dar um tempo porque me decepcionei muito lá em Cabo Frio com alguns comportamentos que aconteceram dentro do encontro que eu discordava, que eu achei que não era lícito.*

Janaína foi uma dessas travestis que chegou ao movimento depois, segundo Jovanna através do ENTLAIDS, que já possuía uma estrutura montada. Ao falar sobre Janaína, as datas e os locais nesse relato tornam-se confusos. Quando ela diz que conheceu Janaína em 2008 durante o VIII ENTLAIDS (que aconteceu em 2000), Janaína já havia morrido. Não sei exatamente quando Janaína começou a participar do ENTLAIDS. Dentre seus documentos pessoais, o primeiro certificado de participação

---

<sup>90</sup> Dos termos geracionais, talvez esse seja o que mais tem relação direta com a idade cronológica. Se refere, segundo Carvalho (2011), àquelas que tem mais de 50 anos. Geralmente as travestis retratadas como “anciãs” pelas ativistas são aquelas que não possuem uma ação estritamente política nos termos institucionais do movimento e que estão mais vinculadas as atividades artísticas, como shows de dublagem, transformistas.

no encontro foi em 1998. Entretanto, Keila Simpson informou que quando começou a participar, em 1996, Janaína já o integrava. Desta feita, Janaína e Jovanna teriam atuado juntas em alguns ENTLAIDS até o afastamento da última em 2000. Além do mais, na fala de Jovanna, o período em que Janaína começou a participar do ENTLAIDS coincide com seu afastamento do movimento, tornando as memórias referentes ao período sem encadeamento. Utilizando o recurso das fotos, consegui fazer com que Jovanna reconstruísse aquele momento, demonstrando como a memória é social e suscetível a elementos que não partem do que está “guardado” na individualidade.

Essas confusões na fala de Jovanna podem fazer referência a possíveis embates com a entrada de Janaína, por ela ser uma travesti mais “nova” no movimento, conflitando com aquelas que estavam estabelecidas como lideranças e pioneiras legitimadas. Interessante perceber ainda que a entrada no movimento de travestis é estritamente relacionada com o início da participação no ENTLAIDS. Jovanna prossegue no seu relato sobre Janaína:

**Jovanna:** *Mas conheci a Janaína e percebi nela uma pessoa com vontade de lutar, uma pessoa que contribuiu. E eu tive um relacionamento bom com ela. Ela contribuiu pelo fato de ser uma pessoa qualificada, profissional do Direito, operadora do Direito, que é uma das coisas que o movimento mais precisa é de garantia de direitos. Então, Janaína contribuiu muito com sua profissão, com a sua perspicácia, a sua vontade de mudança e o fato de ser travesti, porque identificava com as outras travestis que ainda não tinha qualificação e isso facilitava o trabalho dela e a inserção dela nesse segmento. Então é tudo que eu sei da Janaína. E sei que ela era cearense. Ela organizou também um encontro nacional lá no estado do Ceará que ela... Os encontros nasceram... que inclusive foi a discussão do movimento que seria um ano no Rio e um ano fora do Rio, porque o Rio era o estado que sediou e que idealizou o movimento nacional.[...]. Mas eu sei que ela é que foi importante para o movimento, foi de muita é... ajudou a promover a identidade positiva das travestis e das transexuais e continua ainda hoje porque ela acabou se tornando um ícone, né? Ela, como Kátia Tapety, aqui do Piauí, que foi a primeira travesti eleita vereadora no Brasil.*

Nesse fala, a contribuição que Janaína deu ao movimento brasileiro de travestis foi atribuída a sua formação profissional, um elemento que teria potencializado sua atuação, relacionando o que as travestis precisariam com o que Janaína podia oferecer: questões de direito. Janaína possuía o conhecimento jurídico e era uma “operadora” do direito a favor das travestis. Ser travesti e advogada transformou Janaína em um ícone do movimento, passando a ser respeitada e admirada pelas demais travestis, estabelecendo um elo de identificação. Janaína fazia muitas travestis acreditarem que a posituação de suas experiências podia acontecer através da profissionalização formal.

Ela era a exceção entre as ativistas que figuravam como lideranças até aquele momento, as quais não possuíam uma formação educacional e profissional formal.

A partir da fala de Jovanna, percebo ainda outra questão comum ao movimento de travestis: o uso que algumas militantes fazem de figuras de destaque, algumas já falecidas, como grandes heroínas. Janaína, assim como Kátia Tapety, fazem parte desse rol e são tidas como pioneiras em alguns aspectos:

**Eu:** E porque você acha que ela se tornou um ícone?

**Jovanna:** *Ícone do movimento por conta dessa... ela era perseverante! Eu não tinha um relacionamento próximo com ela durante... depois que eu me afastei. Mas eu acompanhava tudo e sei que ela era perseverante, ela era guerreira, ela não deixava nem... qualquer agressão mínima que fosse pras travestis do estado dela, ela estava lá de pronto pra resolver.*

**Eu:** E ela teve uma repercussão nacional?

**Jovanna:** *No movimento. No movimento ela foi presidente da ANTRA, da Articulação Nacional de Travestis e Transexuais e isso, só passa, só vai pra presidência da ANTRA, só são eleitas as que conseguem ser destaque no âmbito nacional. E ela foi e foi presidenta da ANTRA e administrou a ANTRA muito bem no período dela. Essa instituição que representa as travestis e transexuais a nível nacional, que é a maior instituição de travestis e transexuais da América Latina.*

**Eu:** E com relação a morte dela, você acha que foi uma grande perda?

**Jovanna:** *Uma perda muito grande. Eu não acompanhei esse período da doença, da morte, mas foi uma grande perda. Lastimável! O movimento perdeu uma pessoa importantíssima que certamente se estivesse aqui hoje a gente estaria muito mais forte.*

**Eu:** E uma contribuição efetiva que ela deu, na sua opinião.

**Jovanna:** *Olha, não tenho conhecimento. Eu sei que ela contribuiu muito pela aceitação das meninas como todas as outras do movimento mais antigo conseguiu fazer. Mas um fato, um fato, eu não tô dizendo que não tenha, mas eu não me lembro.*

**Eu:** Podemos considerá-la uma pioneira em que sentido?

**Jovanna:** *Na verdade, pioneira, pioneira, quem são? Eu vou te dar os nomes aqui. Ela, quando chegou, o movimento já tinha dez anos. As pioneiras: Elza Lobão, Monique do Maviê, Beatriz Senegal, Matuze, Jovanna Baby e Joice Silva. As seis pioneiras. [...]. Ela [Janaína] não, ela não é pioneira. Ela é uma das pioneiras. Porque assim, a ANTRA foi criada. Ela presidiu a ANTRA. Então eles a tem como pioneira porque parece que ela foi a primeira presidente da ANTRA depois de registrada<sup>91</sup>. Porque a ANTRA foi criada no Rio de Janeiro e não foi registrada até 2000. E aí ela registou em 2000. Por isso que tem ela como pioneira. Mas as pessoas confundem a história da ANTRA com a história do movimento. E não é. A ANTRA nasceu em 1994 e o movimento nacional de travestis e transexuais nasceu em 1992 no Rio de Janeiro, oficializado. Mas já existia. Então eu, assim, eu considero ela como pioneira, mas à frente da ANTRA, do movimento ANTRA instituição, mas do movimento de travestis e transexuais, ela não teve nenhuma participação no surgimento, inclusive ela chegou muito depois, né? Assim, inclusive, ela chegou no movimento participando desses encontros. Ela se inscreveu e foi pra um dos eventos que eu fiz.*

**Eu:** E ela teve uma boa aceitação?

**Jovanna:** *Muito! Ela falava muito bem. Ela se colocava muito bem. Ela era compreensiva, parceira, entendeu? E isso é importante pro movimento, né? Eu tenho uma lembrança dela muito coerente com todas as questões de importância pra nós.*

**Eu:** E um ponto negativo que você poderia apontar.

**Jovanna:** *Nenhum! Nenhum ponto negativo.*

<sup>91</sup> Janaína foi a segunda presidente da ANTRA.



**Eu:** Em qual sentido você acha que ela se diferenciava de outras travestis?

**Jovanna:** *Apenas pelo fato de ter o conhecimento jurídico. De atuação pra mim, tantas outras, de atuação junto com ela, do período dela que se destacou maravilhosamente bem: Keila Simpson, Marjorie Machi, Janaína Lima, Eidei, Silvia Reis, muitas outras no mesmo patamar da Janaína Dutra.*

Outro recurso usado por Jovanna é a restrição que faz da atuação de Janaína a uma esfera menor, a do Estado do Ceará. Ela recorre a elementos para se destacar de forma a edificar seus próprios feitos, enumerando seus méritos, determinando uma história e uma origem para o movimento de travestis, distantes de Janaína. Quando se refere ao “movimento mais antigo”, remete-se ao que podemos chamar de primeira onda do movimento de travestis no Brasil, formado por um grupo de travestis do Rio de Janeiro fundador da ASTRAL e do ENTLAIDS. Janaína não fazia parte desse contexto, começando a participar dos encontros por volta do III ENTLAIDS e, mesmo antes da fundação da ATRAC em 2001, ela já integrava o movimento nacional como uma liderança. Nesse discurso, a minimização do trabalho de Janaína se dá sempre em função do destaque de outras travestis. O pioneirismo de Janaína aparece na institucionalização do movimento através da criação da ANTRA, elaboração do estatuto e registro formal. A comparação que Jovanna faz entre Janaína e outras travestis da mesma geração não faz sentido, na medida em que aponta travestis que não eram contemporâneas de Janaína, como Keila Simpson, que passou a ter maior atuação depois da morte de Janaína; Janaína Lima, que como veremos adiante, nem chegou a conhecer Janaína pessoalmente; Majorei Marchi; e Silvia Reis, que no documentário *Travestilidades e Transexualidades*, afirma que começou a participar do movimento em 2004, ano em que Janaína faleceu.

No relato de Jovanna percebe o estabelecimento de hierarquias geracionais dentro do movimento brasileiro de travestis, a arbitrariedade de elaboração de ícones do movimento e alguns elementos usados para essa construção, por exemplo: antiguidade no movimento, participação nos encontros nacionais e fundação de associações.

É possível reconhecer, desta maneira, afirmações que corroboram com uma espécie de mito fundador do movimento de travestis no Brasil que possui em Jovanna a figura central. Esse pioneirismo de Jovanna aparece muitas vezes relacionado às qualidades pessoais, deixando invisível um jogo social entre movimentos sociais e Estado, especialmente do movimento de travestis no contexto de enfrentamento à

epidemia da aids<sup>92</sup>, da efervescência de associações de travestis no país e de financiamentos de projetos pelo governo. Enfim, ao afirmar que é “a idealizadora que começou tudo isso”, Jovanna aparece descolada do contexto social que possibilitou a atuação desses sujeitos em detrimento de esforços e características individuais.

Nesse jogo de poder e saber, no qual estão envolvidas questões referentes a quem chegou primeiro, quem organizou determinado evento, o que é o início do movimento brasileiro de travestis, quem é pioneira e o que leva alguém a ser considerada um ícone do movimento, recorro a algumas passagens da entrevista que Vale (2005) fez com Janaína, na qual ela passeia um pouco por essas questões discutidas aqui:

**JD** [...] o movimento das travestis, eu acho que não cresceu muito porque tem muita briguinha. Tu lembra da história dos “rapazes de peito”? Da briga que deu com o Luíz Mott porque ele chamou elas [travestis do movimento] de “rapazes de peito”?

**AV** - Lembro.

**JD** - Pois é. A coisa ficou muito pessoal, eu acho que ela [liderança do movimento] perdeu visibilidade com isso, entendeu? Enquanto você tinha encontros patrocinados pelo Bando Mundial (sic) através do Ministério da Saúde, para maturar e amadurecer, o movimento político se pegava sempre com briguinhas de fazer moção contra Luíz Mott, [...]. uma coisa muito pessoal. A confusão foi por causa do manual do Ministério da Saúde que o Mott fez, onde ele referia-se às travestis como “rapazes de peito”. [...] Com essas guerrinhas às vezes faltava visibilidade na questão da política, de como se conduzir, virava tudo atitude extremista, rivalidade... Quando eu fui fazer o encontro aqui no Ceará, recebi apoio maciço da Bahia, do Rio Grande do Sul e de São Paulo. No movimento, tu sabe como é, tem muita bicha com complexo de cacique e metida a pavão. Organizar esse encontro foi uma prova de fogo pra mim. Eu não queria o pavoneado, mas queria dar outra direção ao encontro, discutir política, segurança pública, a sociedade civil. Elas [as lideranças] me puseram a prova, e esse encontro me deu um grande respaldo. [...] Eu queria que o encontro tivesse uma discussão aprofundada ao angariar recursos junto a outras entidades, para fortalecer o movimento. Falar do ser travesti, de espiritualidade, discriminação. Até então só se falava como siri na lata, se reclamava, mas não apresentava a coisa de forma mais madura, como uma estratégia para combater a discriminação e se organizar politicamente a partir de parcerias com outras entidades que pudessem fortalecer o movimento. Pra que tem os direitos humanos, né? Então se organizar junto às alas dos partidos de esquerda nas camadas estaduais, municipais e federais. A organização de entidades de apoio que pudessem servir como um sustentáculo nas questões dos movimentos organizados, mesmo que sejam minoria e sejam tidos como um cidadão de segunda categoria nessa sociedade consumista e heterossexista em que a gente vive.

**AV** - E as lideranças no cenário nacional?

**JD** - As lideranças estão deixando de ficar atreladas ao movimento gay, mas não têm muita base de sustentabilidade para isso. Você vê que poucas delas tem segundo grau completo. Dentro do estrelato do movimento homossexual, o travesti é tido como poeira debaixo do tapete. E tem também muita máfia no manuseio da verba pros projetos de prevenção. Muita carta marcada no baralho. Elas não sustentam a liderança. Constrói a bicha e depois ela tem que desaparecer do cenário porque não prestou contas ou porque desapareceu com um lutador de jui-jitsu. Depois disso não

---

<sup>92</sup> Vide, por exemplo, a mudança do nome do ENTLAIDS que passou se chamar Encontro Nacional de Travestis na Luta contra a Aids em 1996 devido ao financiamento pelo Programa Nacional de DST-AIDS do Governo Federal, configurando o que Pelúcio (2009) chama de SIDAdanização.

me pergunte mais nada, mas tem dessas lideranças que tripudiam em cima das campanhas de prevenção, usam as travestis em ganho próprio, “onde estão minhas meninas”? (VALE, 2005, p. 257-258).

Nessa fala de Janaína é possível notar algumas divergências entre as lideranças, relacionadas ao status que possuíam no movimento e a diferentes concepções do fazer política, apontando para uma resistência das lideranças “antigas”, ou seja, já consolidadas, em ceder lugar para as travestis “novas”. Em sua opinião, a agenda do movimento deveria estar em sintonia com as políticas orientadas por direitos, pela cidadania, no diálogo com órgãos institucionais. Para Janaína o movimento de travestis não avançou porque as lideranças “antigas” empenhavam forças e recursos em disputas internas com o movimento gay, por exemplo, sem foco no combate às discriminações. Aparecem, também, elementos no discurso de Janaína de crítica às normas heterossexistas e ao modelo consumista, incluindo uma proposta de se aliar aos partidos de esquerda, sem cair no partidarismo.

Janaína falava de um momento em que o movimento de travestis estava conquistando autonomia em relação ao movimento homossexual, tendo encontrado dificuldades porque as lideranças travestis não possuíam educação formal completa. Dentro da hierarquia do movimento LGBT, que Janaína chama de “estrelato”, as travestis ocupam uma posição abaixo dos demais, é a “poeira debaixo do tapete”. É exatamente nesse ponto que Janaína aparece como diferencial, já que seria uma liderança com formação e conhecimentos necessários para disputar os locais de poder. As reflexões sobre a condução do movimento de travestis continuam em relação à administração das verbas do Banco Mundial, que Janaína chama de “Bando Mundial”, demarcando uma concepção crítica acerca da instituição de financiamento internacional, intermediado pelo Ministério da Saúde, via enfrentamento da aids.

Aquilo que teria sido a primeira onda do movimento de travestis no Brasil está longe de ter uma concepção unificada entre as ativistas. Em conversa com Keila Simpson<sup>93</sup>, travesti que assumiu bastante centralidade no movimento de travestis nos anos 2000, outros elementos dessa história aparecem.

Abro um parêntese aqui para mencionar que a trajetória de Keila é interessante para o estudo realizado, diz muito sobre travestis do interior de estados nordestinos que realizam constantes deslocamentos em busca de um lugar que acreditam ser mais

---

<sup>93</sup> É sabido que Keila foi a principal colaboradora da pesquisa do antropólogo Don Kulick, referência para os estudos sobre travestilidade. Desde então, Keila tem contribuído com pesquisas acadêmicas, como uma espécie de compromisso na construção do saber sobre a experiência de travestis brasileiras.

permissivo para expressarem seus desacordos com a heteronormatividade. Atravessada por hierarquias geopolíticas e por normas de gênero binárias, Keila, assim como muitas outras travestis, inclusive Janaína, efetuou deslocamentos espaciais ao migrar para centros urbanos maiores<sup>94</sup>. Ao percorrerem esses caminhos em busca da urbanização-modernidade-liberdade, essas travestis estão imersas em lógicas que as percebem como retirantes a procura de uma vida menos dura e, no caso das travestis, uma vida de *glamour*. Essa trajetória permite, ainda, visualizar a inserção na prostituição, seus significados além do econômico, da ideia de que não é somente uma “falta de opção para a subsistência”, a entrada no movimento LGBT via grupos de homossexuais, o recrutamento de travestis por meio de políticas públicas de enfrentamento à aids, a realização do “voo da beleza” (VALE, 2005) através da ida para países europeus, etc. Salvo algumas peculiaridades, a trajetória de Keila se cruza com a de Janaína, mesmo que seja para se contrapor.

Quando cheguei ao 9º Encontro Regional Nordeste de Travestis e Transexuais, realizado em outubro de 2012, coincidentemente Keila estava palestrando e apresentava um slide com uma foto e citação de Janaína<sup>95</sup>. Falava que ela era a sua grande inspiração, exemplo de militância e de superação por ter sido uma travesti que tinha formação em Direito. Depois, em entrevista, ela relatou que recorre a imagem de Janaína em todos os eventos nos quais participa, como uma forma de resgatar esse exemplo para “as travestis que estão chegando” e prestar homenagens:

**Keila:** *Mas talvez eu fale justamente ainda e vou continuar falando porque eu sou de um tempo, a gente tem que referenciar as pessoas que passaram por aqui enquanto elas estão vivas. E apesar da Janaína ter recebido muitas homenagens enquanto ela tava viva, que era o reconhecimento de todo mundo por esse trabalho tão grande que ela fez e que eu acho que devia ser reconhecido sempre. Em 2008 quando a gente fez o ENTLAIDS em Salvador a gente deu um troféu pras pessoas que ajudaram a gente no Brasil todo e o nome do nosso troféu era Janaína Dutra em homenagem a ela. [...]. Mas eu sempre vou, enquanto vida eu tiver, enquanto eu puder reverenciar Janaína eu sempre vou reverenciar ela, que é pras próprias travestis que tão chegando agora, que tão desacreditando que eu tive minhas dez unhas quebradas e meu cabelo cortado na*

<sup>94</sup> Dentro do território brasileiro, o destino privilegiado que mais aparece nas falas das travestis são as capitais do Estado onde moram ou dos Estados vizinhos e cidades do Sul e Sudeste, em especial São Paulo. Entre países do exterior, a França figurou em primeiro lugar durante a década de 1980, disputando posteriormente com a Itália e outros países europeus, como Espanha.

<sup>95</sup> A citação era uma frase de Janaína largamente repetida em encontros do movimento de travestis retirada do curta-metragem Mrs. Janaína, “Eu sou aquilo que seus olhos vêem”, que consta na seguinte: E numa capital machista como Fortaleza, é muito mais fácil contratar um advogado que fale grosso, que tenha bigode, que coce o saco de que uma metamorfose ambulante, do que esse objeto não identificado, que quando você olha diz: É um homem? É uma mulher? É uma sereia? É um tubarão? É um macho? É uma fêmea? E, o que faz eu me sentir bem com a minha travestilidade é essa androginia que eu passo para as pessoas, de ser uma metamorfose ambulante, de não ter um contexto, uma definição. Eu sou aquilo que seus olhos veem”.

*época da ditadura, que é pra elas saberem que teve pessoas sim que passaram por aqui que deixaram um legado, que eram importante e que se estivessem aqui tava discutindo junto com a gente, de igual pra igual.*

Esse resgate de Janaína, segundo Keila, é feito por outras pessoas, citando, por exemplo, Ivair dos Santos<sup>96</sup> que trabalhou diretamente com Janaína no CNCD. O pesquisador Carvalho me revelou, por meio de uma conversa estabelecida via e-mail, que durante sua etnografia dos encontros do movimento de travestis, o nome de Janaína foi evocado várias vezes como “a primeira travesti advogada do Brasil” sempre no sentido de propagar carreiras morais distintas da prostituição, enquanto que nas entrevistas realizadas com as ativistas travestis, pouco se falou sobre ela além da marcação de seu nome como uma das figuras mais importantes da primeira fase do movimento de travestis. Para ele, é comum as ativistas elevarem as travestis que pertenceram a esse momento ao status de “heroínas de guerra”, entre elas: Brenda Lee, Claudia Wonder e Welluma Brown, e que apenas algumas ativistas em espaços privados tecem comentários negativos sobre tais pessoas.

Keila fundou a Associação de Travestis de Salvador em 1996, momento em que outras associações estavam surgindo e o ENTLAIDS ganhava maior repercussão nacional. Esse foi também o período em que ela migrou para a Itália, conseguindo, no entanto, conciliar com a militância no Brasil, vindo anualmente participar dos ENTLAIDS como forma de manter o diálogo com as lideranças do momento, entre elas, Janaína, que já se destacava dentro dos encontros nacionais. Keila corrobora com a centralidade dos encontros nacionais para a articulação das travestis enquanto movimento, chama atenção para disputas entre as lideranças nesses encontros e fala sobre o aprendizado das “mais novas” com as “mais velhas”:

**Keila:** *Ela já estava no movimento de travestis em 1996, quando eu cheguei. Não sei se ela veio de outros porque depois eu não conversei com ela, mas em 96, no IV ENTLAIDS, ela tava no Rio de Janeiro. E foi lá que eu presenciei uma briga séria entre ela, a Jovanna e Laiza<sup>97</sup> e eu acabei sem compreender do que se tratava e o porquê daquela briga. Porque eu, a primeira vez que eu olhei Janaína, eu não a conhecia, ela se apresentou e eu fui participar de uma palestra que ela fez. Quando ela começou a falar, ela disse todas as coisas que eu queria dizer e eu não sabia dizer e nem tinha como dizer, porque eu não tinha absolutamente nada. Jovanna, Por outro lado também... eu participei de três oficinas. Uma liderada pela Jovanna, uma liderada pela Laiza e a outra liderada por Janaína. Das três, a que me chamou mais atenção foi a de Janaína. Porque a Jovanna tava falando de fantasias sexuais, a Laiza falou sobre a questão de emprego [...]. Mas a Janaína quando começou a falar de direitos, aí eu*

<sup>96</sup> Ivair Augusto Alves dos Santos, então assessor especial da Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça e secretário executivo do Conselho Nacional de Combate à Discriminação.

<sup>97</sup> Aqui Keila se refere provavelmente à Laiza Minelli, que foi a primeira presidente da ANTRA, fundadora do Grupo Esperança, de Curitiba.

*disse: “Não gente, é por aqui! É desse lado”. Também não falei, fiquei quieta. Passou-se um ano. Aí a gente se encontrou novamente em São Paulo, em 97, no V ENTLAIDS. Aí lá eu já pude conversar um pouco, eu já pude trazer alguma coisa, porque eu fui fazer uma oficina de redução de danos [...]. Mas eu dizia: “Eu não vou me permitir nunca falar sobre direitos, porque eu não sei, mas eu posso falar de silicone, de redução de danos, porque eu conheço isso. Eu já trabalhava com redução, mas eu nunca tinha feito nenhuma palestra, eu não tinha abrido a boca ainda. E eu vou fazer isso como? Aí, eu digo, porque eu digo sempre, acabei de falar aqui há pouco [na palestra para o Encontro] que a Janaína é minha inspiração. Quando eu comecei a falar, ela deve ter notado, como hoje eu faço, a minha dificuldade, não de concordância, mas assim de fazer uma ilustração da minha fala. Depois que eu terminei de falar, ela contextualizou tudo que eu falei de uma forma linda. Aí, eu disse: “Não, é aqui mesmo que eu vou!”. Aí, pronto! Ali a gente se juntou de uma forma! Aí, eu pude dizer pra ela da minha admiração, que eu tinha vindo desde lá do ENTLAIDS, o primeiro que eu tinha assistido. E aí ela disse: “Não, mas você também é importante! Você é inteligente!”. Aquela força que eu recebi eu sempre passo hoje, eu faço isso. E, aí, de lá pra cá eu comecei.*

Para Keila, Janaína representava tudo aquilo que ela gostaria de ser, ela falava tudo aquilo que ela queria dizer e não sabia, por limitações na sua formação escolar e pouca experiência no ativismo. Keila, que hoje é uma das ativistas travestis mais articuladas, aponta Janaína como fundamental para essa transformação. Isso demonstra que Janaína agia como uma “formadora”, uma “educadora”, transmitindo conhecimentos àquelas travestis com pouca escolaridade e incipiente linguagem na abordagem de direitos. Esses elementos pontuam a contribuição de Janaína ao movimento a partir da sua formação educacional, então uma exceção naquele meio. No entanto, esse também era um agente provocador de disputas entre aquelas que se sentiam ameaçadas, fragilizadas devido a quase ausência de saberes formais. Com muita perspicácia, Keila analisa os motivos de embates entre as três lideranças. Jovanna e Laiza eram as lideranças já estabelecidas e Janaína, recém chegada, queria “impor sua vontade”. Não se tratava apenas de uma simples resistência daquelas que estavam em posições de decisão àquelas que almejam entrar. Janaína possuía uma característica que deixava as demais em desvantagem: ela falava do “patamar de doutora” em um espaço onde ninguém possuía esse status, esse capital intelectual. Era a resistência das “velhas” à “nova”, da experiência pautada na violência, na prostituição, na ausência quase completa de educação e de uma profissão formal à doutora, advogada, aquela que não se prostituía e que não sofria grandes problemas de exclusão de classe e raça.

**Keila:** *Eu não tenho nenhuma lembrança negativa de Janaína, nenhuma. Mesmo quando ela tava brigando com Jovanna e com Laiza no encontro, ela tava brigando pra impor a vontade dela. Se eu quisesse pensar de negativo era isso, mas depois eu entendi que essa negatividade se torna positividade porque como a Jovanna e a Laiza, elas queriam mandar, eu tô colocando um parêntese aqui nesse “mandar”, porque elas que começaram tudo isso, pra talvez chegar a Janaína com aquela imposição dela, do*

*patamar dela de doutora, advogada e elas não tinham nenhuma formação e elas não queriam aceitar. E aí eu vi uma discussão muito forte, não me recordo o teor e nem porque, mas foi uma discussão muito forte delas tá falando, Janaína levantou, deu aquela rabissaca<sup>98</sup>, que em Fortaleza se diz assim, pegou o microfone e gritou. Era o primeiro ENTLAIDS que eu participava e eu tava tão fascinada de olhar aquela briga que pra mim parecia que era uma briga assim não natural, mas que era comum. Só hoje eu faço essa análise que era a Jovanna e a Laiza que não queriam deixar a Janaína entrar em alguma discussão que tava acontecendo lá.*

**Eu:** Então as pioneiras são Jovanna e Laiza?

**Keila:** *Pioneira nesse sentido de movimento é a Jovanna, mas a Janaína tá junto nesse sentido. Mas ela [Janaína] foi pioneira por esse sentido de que, ela era uma travesti que veio daquela época, da década de sessenta, setenta, que é formada, que assume uma identidade feminina, ainda sendo advogada e ainda assim chamada de senhor doutor Jaime, advogado Jaime. Isso é vanguarda também. Isso é muito pioneirismo. Quem foi que fez isso antes dela? Ninguém. Não tem história de ninguém. Foi ela que fez, que quebrou esse paradigma entre o ser social que se assume dentro de uma profissão que é altamente respeitada por todo mundo, porque advogado hoje em dia é doutor advogado, todo mundo tem um respeito muito grande por essa profissão e ela acaba, com o gênero que ela traz, ela joga tudo isso pra baixo do tapete, ela diz: “Não. Foda-se o gênero. Eu sou um advogado, quero ser respeitado como um advogado e me apresento como mulher pra sociedade. A gente pode colocar essa questão do gênero em xeque”. Então nisso ela foi vanguarda, ela foi pioneira, não resta a menor dúvida. A Jovanna por conta do movimento, que foi ela quem iniciou tudo isso lá em noventa e dois, noventa e três no Rio de Janeiro e a Laiza porque ela tava junto nessa construção. Mas a Janaína, ela tem todo esse histórico que eu acho que também a gente junta nesse grupo e dá uma coisa muito positiva dessas duas pessoas.*

Keila diz se inspirar no modelo de militância de Janaína para conduzir o trabalho com as travestis que “chegaram depois dela”, mostrando que existe uma transmissão de conhecimento e modos de ativismo ainda calcados nos moldes adotados por Janaína. Baseada nisso, ela explica o que significava participar dos eventos e a importância de dar sequência ao aprendizado com Janaína:

**Keila:** *Fui para o IV ENTLAIDS, em Fortaleza. Eu viajei em 97 [para a Europa] [...] e cheguei em 99 no Brasil. Depois eu voltei pra Europa de novo [...].*

**Eu:** Você vinha exclusivamente para os Entlaids?

**Keila:** *Não, eu vinha por alguma razão, mas, talvez, seria. Coincidia justamente com isso. Mas porque que eu fazia isso? Talvez eu não queria perder esse link, a gente tava começando a trabalhar nessa época. Porque eu vinha dessa formação, querendo trabalhar e querendo aprender com a Janaína. Se eu não aproveitasse essa oportunidade de encontrá-las [...] uma vez por ano, que era nos Entlaids, eu ia acabar perdendo muita coisa. Lembra que a gente não tinha nenhum acesso à internet e era muito difícil pra gente tentar se falar fora desse contexto. Então eu aproveitava a época dos ENTLAIDS pra poder vir, porque lá era o espaço que a gente discutia, que a gente deliberava e que a gente demandava [...]. Até 2005, mais precisamente, não tinha esses encontros muito organizados, regionais [...]. Em 2004, a ANTRA já instituída, porque ela começou lá com Jovanna em 93, mas em 2000 ela se estrutura dentro de uma organização de institucionalidade, né? É feito um regimento interno, elencada uma*

<sup>98</sup> Expressão usada para um atitude de desprezo em relação a outra pessoa com quem está estabelecendo um diálogo. A pessoa dá uma rabissaca quando ela sacode a cabeça, balança os cabelos, vira as costas e sai, deixando a outra pessoa falando sozinha.

*diretoria em Porto Alegre. Então ela é finalmente registrada em 2000, em Porto Alegre. E, aí tem uma gestão que funciona dois anos. Depois, de 2002 a 2004 tem uma nova gestão que aí a Janaína assume essa presidência. Que aí ela não consegue levar essa presidência avante porque ela começa a ter problema de saúde, mas ela deixa um legado importantíssimo. Em 2004, quando vence o prazo da Janaína a Marcela assumiu. Em 2004, quando venceu o prazo dela eu me candidatei, eu não me candidatei, as pessoas me indicaram lá em Campo Grande e eu acabei sendo presidente da ANTRA de 2004 a 2008, passei duas gestões. Nesses oito anos, que foi o tempo que eu coloquei a ANTRA no cenário nacional, no reconhecimento do Governo Federal, de respeitar uma rede. Porque até então a ABGLT tinha um poder muito grande. Que a ABGLT representava os três, quatro segmento. E aí a ANTRA entra depois pra se somar a ABGLT especificando a população de travestis e transexuais, né? Depois de 2008, do final da minha gestão, entra a Jovanna Baby com essa gestão pra tentar fortalecer cada vez mais esses laços entra a ANTRA e o governo e agora nós temos uma outra diretora presidente que é a Cris Estefany, que tá em Campo Grande, e a Milena que tá na Bahia, que é a vice-presidente, e é essa nova gestão que vai de 2012 a 2016. Então, a ANTRA agora a gente votou lá em Maceió que ela tem quatro anos de gestão, quatro anos sem recondução, porque ela tinha dois anos e podia haver recondução.*

Keila falou um pouco também sobre a criação da ANTRA corroborando com o discurso de Jovanna, de que a Articulação já existia na década de 1990 e que a intervenção de Janaína teria sido na institucionalização, constituindo uma contribuição de caráter mais formal devido à sua formação jurídica. Quando perguntada sobre a atuação de Janaína nos eventos nacionais, Keila ressaltou o destaque que Janaína conquistou depois da organização do VII ENTLAIDS, passando a ser “mais requisitada”. Essa informação confirma a declaração da própria Janaína em entrevista à Vale (2005), de que teria sido posta a prova nesse momento pelas lideranças já instituídas.

**Eu:** Qual era a atuação dela nos encontros antes de 2000 [institucionalização da ANTRA]?

**Keila:** *Bom, a Janaína participava sempre naquela coisa de palestrante porque ela vinha lá do GRAB [...]. Aí, com a fundação da ATRAC lá em Fortaleza, ela começa a ser mais requisitada. Todo encontro que você vai tava o nome da Janaína em alguma palestra. Além disso, ela já tinha se formado, já era advogada e trazia essa experiência pra dentro do movimento. Nesse tempo, também, ela acabou sendo nossa representante no Conselho Nacional de Combate a Discriminação, que não tem essa estrutura que tem hoje da qual eu estou presidente, mas era outra estrutura que tinha o caráter mais de recebimento de denúncia. Mas ela atuava muito, muito. Ela foi muito importante no início de tudo isso, porque era ela que o Dr. Ivair colocava embaixo do braço e saía pelo Congresso Nacional mostrando: “Olha tem uma travesti que tá sofrendo discriminação e que é advogada, mas que mesmo assim tá sofrendo discriminação. Então pra essa população precisa ser feita uma reparação”. Então ela atuava nessas duas frentes. Muito no cenário nacional orientando as meninas quando tava nos encontros nacionais e depois no Conselho de Combate à Discriminação. E aí, quando a gente, em 2001, em 2002, quando a Janaína entra, eu falava que ela teve importância no projeto, é que ela idealizou o Projeto Tulipa [...].*



Além da contribuição de Janaína ao movimento creditada principalmente a sua formação jurídica, Keila apontou a participação no CNCD, quando foi representante das travestis, órgão no qual teria tido uma atuação marcante. Nesse ponto, percebemos outra similaridade entre as duas: Keila está em instâncias antes ocupadas por Janaína. Isso se repete na presidência da ANTRA, na centralidade que Keila ocupa no movimento hoje, no diálogo com o governo, na continuidade que deu a alguns projetos iniciados por Janaína, como o Projeto Tulipa, e também na forma com que Keila se relaciona com as mais “novas”, e como se apresenta em eventos, geralmente recorrendo a poesias em sua fala, como era de costume Janaína fazer. Mas essa continuidade do trabalho de Janaína é narrada com bastante pesar por Keila, pois ela representa a ausência de Janaína, seu grande exemplo de militância. As lembranças surgem entremeadas com aquelas do dia em que Keila chegou a Fortaleza para tratar com Janaína questões referentes ao Projeto Tulipa, quando recebeu a notícia de que Janaína tinha morrido. Keila atribui essa coincidência a uma relação mais profunda com Janaína e fornece explicações místicas:

**Keila:** *A Janaína faleceu no dia que eu cheguei em Fortaleza pra resolver questões do Projeto Tulipa. Eu não falei mais com Janaína [...] Quando eu cheguei lá [na sede do GRAB] eu já desci e já vi o caixão dela assim na frente. Parece que tem uma coisa assim que te atrai nessa questão, nessa relação, nesse relacionamento meu com Janaína [...]. Aí, eu entrei no GRAB e vi aquela cena da pessoa que tinha me instruído, me inspirado pro mundo. Ela tava ali sendo velada em cima de um caixão e eu não tive mais o que fazer. Nada! Absolutamente nada! Eu fiquei ali chorando, abraçando o povo. E alguém disse assim: “Ah, mas ela não quer que chore”. Eu disse: “É impossível você ver uma pessoa que você admira dentro de um caixão e você não se emocionar”. Me emocionei. [...] A gente saiu de Fortaleza, fomos num ônibus, pra ela ser enterrada em Canindé. [...]. Aquela coisa foi tão impactante na minha vida que eu não perguntei absolutamente nada sobre o Projeto [Tulipa]. Nada! E não tinha pra quem perguntar. Eu fui falar com ela. E eu participei, parece que ela me chamando pra lá, pra ficar com ela no último momento da vida dela. E aí eu voltei pra Salvador no dia seguinte, totalmente desarticulada. Sabe aquela coisa assim com aquele vazio, parecia uma pessoa da minha família que tinha morrido [...]. A partir daí eu comecei a pensar que eu tenho hoje que, não vou cumprir a missão de Janaína porque isso ninguém vai conseguir nunca, nem substituir porque isso não existe, mas de começar a pensar: “O que ela faria se ela tivesse aqui nesse exato momento?”. Era pegar essa travestis aqui, todas novinhas que tão nos encontros e tentar passar a mensagem que ela acha que é positiva, que ela acha que é certa, de colocar na cabeça de cada uma delas mensagens positivas. Dizer assim: “Se eu pude fazer essa diferença, se eu pude me formar doutora, se eu sou a doutora Janaína Dutra, ainda que lá na OAB tá como Jaime César Dutra Sampaio, mas eu me identifico como Janaína Dutra, todas vocês podem”. Aí, a partir dessa ideia, desse projeto, de ter recebido todas essas mensagens, eu disse: “Não, agora mais do que nunca eu tenho que assumir essa missão de fazer isso”. Por isso que eu abdiquei da minha vida, da minha vida social de trabalhar pra ficar só aqui.*

Keila fala sobre sua militância como uma continuidade da “missão” de Janaína, apesar de afirmar que ela é “insubstituível”. Destaca como Janaína foi importante para

inspirar outras travestis a também se “formarem doutoras”. Cita seu exemplo para mostrar a necessidade de estabelecer um diálogo com o governo, para o processo de fortalecimento do movimento. Interrogada sobre as lembranças pessoais que guarda de Janaína, ela aponta a disponibilidade constante de Janaína para fornecer orientações:

**Keila:** *Eu tenho da Janaína uma carta escrita em mão me dizendo muitas coisas carinhosas, que ela poderia dizer num telefonema, num e-mail, se fosse hoje, ou numa mensagem do Facebook, do Orkut, mas, aí, eu tenho a letra dela escrita nessa carta que pra mim é muito bom. Mas, apesar de ter tido muito essa distância, que é uma distância geográfica, mas a gente tinha uma aproximação de pensamentos e de ideias. Todas as coisas que a gente pensava em fazer ou que eu queria uma orientação, dava um jeito de ligar pro GRAB e falar com ela, que era muito difícil, não tinham celulares, a gente se falava por telefone ou então em cartas escritas, muito mais dela pra mim do que minha pra ela, né? Tanto que eu guardo essa carta com muito carinho, que eu recebi.*

Refletindo sobre os rumos do movimento brasileiro de travestis ao mesmo tempo em que reflete sobre sua atuação e também sobre a atuação de Janaína, Keila continua:

**Keila:** *Se ela estivesse aqui seria muito melhor porque ela ia tá aqui justamente comigo, mas a gente ia querer tá sentada lá na cadeira do fundo, tinha que deixar o palco aqui pras meninas. Só ia descer quando precisasse dá uma introjetada legal, como eu precisei fazer com Milena que veio fazer aqui uma fala e apesar dela ser minha presidente, apesar não, por ela ser presidente lá da minha associação e ela tá num processo de aprendizado, embora na minha observação equivocada, eu tentei consertar um pouco da fala dela, como eu faço com todas as meninas, né? Porque, queira ou não queira eu conheço um pouquinho da vida de cada uma. [...]. Porque o nosso papel é justamente esse de tá fomentando nas meninas, nessas novas que tão chegando, noções e conceitos de como é que elas vão atuar (...). Então, hoje, quando eu vejo minha vida e penso pra trás um pouco eu tenho sempre aquela imagem de que eu estava lá na última fila caladinha sem dizer nada, mas muito atenta observando tudo e hoje, às vezes, nem é por vontade minha de tá aqui na frente, mas é porque eu tenho que tá em certas vezes e isso até me limita um pouco de não poder expressar toda a minha liberdade, a minha diversidade do que eu sou como pessoa (...). Eu acho que se eu tivesse junto com a Janaína pensando nessa coisa: “O que que a gente deixa?”. Eu ainda não tenho esse apanhado de coisas do quê que eu ganhei e o quê que eu vou deixar. Eu penso que cada dia mais é uma nova conquista, mas o que a gente tem que ter bem atento agora e que talvez se a Janaína tivesse aqui agora, ela ajudaria a gente substancialmente a lutar contra o avançar desse fundamentalismo religioso, que eu chamo de ditadura religiosa cristã, que tá estabelecida aí. E que se ela tivesse aqui, ela já batia muito nessa tecla, se ela tivesse aqui ela estaria ajudando a gente substancialmente, mas, aí, usando a própria profissão dela pra combater esses fundamentalistas dogmáticos que estão por aí pregando o ódio pra nossa população. E isso acaba atingindo por tabela a população mais discriminada de todas elas que é as travestis porque acham que somos desavergonhadas. [...]. Tem muitos advogados que tão com a gente, trabalhando, ajudando a gente nesse sentido, mas ela seria uma força maior, uma força vindo de uma travesti que é muito mais emblemática, muito mais forte. Porque no momento que a Janaína se apresentava como advogada e sendo travesti, ela jogava no ar toda a sorte de conceitos e preconceitos que as pessoas pensavam: “Mas como, uma travesti daquele jeito e é advogada? Não pode”. E ela fazia justamente isso que era pra chocar a população, o que de vez em quando eu faço, ainda sem ter nenhuma formação.*

Na fala de Keila, as hierarquias entre as “velhas” e as “novas” também aparecem, bem como concepções matriarcais de orientação das “meninas” e referência à associação que ajudou a fundar como “minha associação”. É presente ainda a ideia de dar lugar a outras travestis, desde que ela continue na condução. Se referindo a Janaína, por ela ter levado constantemente a discussão religiosa para o movimento, Keila acha que atualmente ela teria um importante papel no enfrentamento ao crescente conservadorismo evangélico-cristão que entra em conflito com os avanços dos direitos LGBT. Sobre a ideia de construção de Janaína como um ícone, Keila relata:

**Keila:** *Todos têm os olhos marejados de lágrimas quando falam de Janaína. E não é porque ela se tornou um mito, não é porque ela morreu muito jovem, não é por isso. É porque ela dava essa... ela passava isso, ela abraçava você, ela cheirava o seu pescoço. Ninguém mais faz isso. A Janaína, ela gostava de gente, ela gostava de tá com o povo. Terminava uma mesa, a gente tava extremamente cansada, sentava ali num banco ou em qualquer barzinho, enquanto ela fumava um cigarro a gente tava debatendo sobre outros temas, ela era muito inteligente, ela sabia de todos os assuntos. Ela falava sobre todas as coisas. Vindo da época que ela veio, de ditadura, do que a gente sofreu, de vim do Canindé, de uma cidade pequenininha, chegar em Fortaleza, conseguir vencer na vida, ter uma família que era dependente dela, ela cuidou da família, estudando e depois de formada continua sendo essa referência. Eu acredito que elas falam do fundo do coração, e que elas não aumentam nem um pouco. Eu acho que se ela tivesse aqui, talvez ela não queria tá nesse patamar, como eu não gosto muito das pessoas estarem me idolatrando, talvez ela não gostaria disso. Mas é difícil a gente pensar que uma pessoa não vai estar nunca mais aqui, presencialmente falando, ouvindo, aprendendo e ensinando a gente, da gente não falar dela nesse contexto e eu não vejo que se ela tivesse aqui era diferente, talvez ela nem gostasse, mas a gente ia fazer sempre isso.*

Keila não compactua com a ideia de que Janaína se tornou um ícone depois de morta no sentido de ter sido criada uma idealização póstuma. Para ela, Janaína foi uma pessoa especial, carinhosa, cativante, inteligente, lembrada por suas ações e homenageada merecidamente.

A concepção de que Janaína, pela formação em Direito, seria, em potencial, “uma lutadora por direitos das travestis” é compartilhada por várias ativistas. É o que pensa Jacqueline Brazil<sup>99</sup>, uma das lideranças atuais que foi “capacitada” pelo Projeto Tulipa: “Janaína era uma pessoa realmente comprometida com os direitos de travestis”, relatou. Além de ter sido formada para a militância por meio de um programa idealizado por

---

<sup>99</sup> Jacqueline tem uma história bem peculiar. Presidente da ATREVIDA – Associação de Travestis Reencontrando a Vida do Rio Grande do Norte, é “sargento reformado” da marinha e uma das fundadoras da Associação Nacional dos Militares das Forças Armadas Vivendo com HIV/Aids – ASNAMFA+, uma ONG fundada em 2011 com a finalidade de trabalhar na conquista de direitos para militares das Forças Armadas que foram aposentados por causa do estado sorológico positiva para o HIV. No momento da entrevista, Jacqueline ocupava o cargo de vice-presidente da ASNAMFA+ e era também a representante nacional da Secretaria de Trans+, da ANTRA. Ela cursou até o terceiro ano da faculdade de Psicologia, mas não chegou a concluir.

Janaína, o Projeto Tulipa, Jacqueline disse que ela a ensinou muito, apontando-a como uma referência para todas as ativistas atuais no quesito dignidade, conquista da cidadania e enfrentamento de dificuldades no meio acadêmico. Esses elementos sinalizam para uma valorização da militância de Janaína calcada em discursos formais de inserção e respeitabilidade pela façanha de ter “se imposto” como travesti.

**Jacqueline:** *Olha, eu a conheci a Janaína em Campo Grande, foi na primeira eleição da ANTRA, a gente tava formalizando. Já faz bastantes anos, a data eu não lembro, mas foi logo no início do movimento a nível nacional. Ela era uma pessoa assim muito serena, sabe, muito concentrada naquilo que fazia. Ela tinha segurança daquilo que fazia e o propósito dela realmente era lutar pelos direitos das travestis na qual eu era iniciante no movimento e ela me ensinou muito, que a gente tem que lutar pela nossa dignidade, não importa a nossa vestimenta, não importa o nosso convívio. O que importa são os nossos ideais, que é ser travesti e ser transexual, e ser vista como cidadã. Isso ela me ensinou muito e ficou logo no meu início, quando eu comecei a militar. E pra mim a Janaína sempre foi um ponto de referência. Ela foi uma batalhadora que mostrou que travesti tem condições de ser uma advogada, uma psicóloga, né? E por isso eu discutia algumas experiências com ela porque eu estudei até o terceiro ano de psicologia e na época eu enfrentei muitas barreiras. Então ela me ensinou muito, que a gente tinha que ir e em cada etapa subir um degrau e que a gente não tinha que olhar pra trás. Tinha que levar as nossas experiências, as nossas frustrações, mas que servisse de exemplo pra que a gente pudesse plantar essa semente no nosso meio pra que outras travestis que viessem após ela pudessem ter um olhar que nós somos especiais, nós somos pessoas cidadãs, que nós temos nossos direitos, assim, o direito de lutar pra ter aquilo que a gente acredita e de lutar pelos nossos objetivos. Que são o quê? É ser reconhecida como travestis e transexuais cidadãs. E não ser rotuladas. Era uma coisa que ela dizia muito: “nós não somos Coca-Cola pra ter rótulo”. Né? Quem tem rótulo é Coca-Cola, Pitu, é cachaça. E eu não quero ser: “Ei, travesti, venha cá!”. Eu quero ser Jacqueline Brazil e ponto. Eu participei de outros eventos com ela. Era aquela mesma pessoa. Uma pessoa que tinha esse cuidado de tá acolhendo as meninas novas que chegassem, né? Dentro da ANTRA e dentro do próprio movimento. E eu tive a oportunidade de participar de alguns eventos, porque logo em seguida, infelizmente, nós perdemos ela, que era um ponto de referência pra todo mundo que hoje é militante. Ela é pra nós, eu considero, até hoje, a gente ainda se espelha e tenta lembrar... É tanto que o Projeto Tulipa, tem um projeto que é Janaína Dutra, é um projeto que leva o nome dela, é em homenagem a ela. Eu fui capacitada pelo projeto Tulipa.*

Jacqueline lamenta a perda de Janaína para o movimento e a consagra como um “exemplo”, um espelho ao apontar que surgiram outras “Janaínas”, inspiradas em seu modelo de militância:

**Jacqueline:** *Eu acho que o movimento perdeu muito com a morte dela. Perdeu, mas também avançamos, né? Porque foram nascendo outras Janaínas Dutas dentro do nosso movimento. Tipo Keila, tipo Jovanna Baby, tipo, é... eu acho que, pra mim, dentro do movimento, eu que já me tornei uma liderança nacional. Eu tenho essas pessoas como um espelho. E eu tento seguir a mesma escolinha delas, né? Porque eu tenho muito o que aprender, embora eu seja uma pessoa esclarecida. Eu sou, acho que sou a primeira, a segunda travesti que é militar, não sou da ativa, mas ainda trabalho, trabalho de dentro do movimento. E pra você ver que a gente avançamos tanto que hoje existem duas travestis que comandam as forças militares, as forças armadas.*

**Eu:** A Janaína é sempre referida como uma pioneira no movimento de travestis. Porque ela é retratada dessa forma?

**Jacqueline:** *Porque, na verdade, assim, puxar a temática, lutar por melhorias, a gente considera como pioneira pelo fato de ela sempre estar na mídia, estar expondo a cara dela. Muitas vezes ela era discriminada por isso. Ela não tinha vergonha de dizer quem era e o que ela veio fazer. Então acho que por isso a gente tem, a gente sempre coloca ela como pioneira, que foi, na verdade, umas das primeiras que colocaram a cara a tapa pra defender o movimento de travestis. Ela ter sido formada em Direito ajudou muito. Quando você... assim, as pessoas tem uma imagem assim: travestis é o quê? Prostitutas ou usuárias de drogas ou cozinheira, faxineira e essas coisas. Mas nunca imagina que vai ter uma travesti que é militar como eu, que vai ter uma travesti que é psicóloga, uma travesti que é advogada. E quando aparece é surpresa. Então, assim, é muito fácil eu criticar uma coisa que eu não conheço. A partir do momento que a gente começa a conviver, a ver a especificidade de cada uma, a ver o potencial de cada uma, a gente começa a diferenciar as travestis, a pensar: “Não, as travestis não são mais aquelas que a gente tinha uma imagem que só era prostituta, que só era usuária de droga. Não, mas eu já comecei a conviver com travesti que sabe conversar, que são politicamente atentas, que são militares, que são advogadas”. Então isso, realmente, conta muito a nosso favor. Imagina, hoje a gente tá discutindo aids com militares e de hepatites virais comigo, com uma travesti! Que geralmente as pessoas ainda tem aquela imagem que aids era só travesti, era só gay, entendeu? E hoje você discutir de frente a frente, convidar as travestis pra tá discutindo a problemática de gênero dentro de uma faculdade, questão das hepatites virais. O que nós temos a ver com tudo isso? Temos! E muito! Porque nós que começamos a pesquisar, a estudar, a tá discutindo isso com a sociedade em si. Não somos mais aquelas travestis que eram loucas, que só queriam dar pinta na rua. Não! A gente foi se politizando ao longo dos tempos. E a Janaína contribuiu muito. E muito!*

**Eu:** Você acha que foi formado um mito em torno da Janaína?

**Jacqueline:** *Olha, mito eu não sei se é mito, tá? Mas que eu convivi com ela. Eu tô tirando isso por mim, né? Mas não vou dizer também que o movimento estacionou depois da morte dela. O movimento avançou. Mas a gente sempre, de todos os Estados, em todas as reuniões, em todos os eventos a nível nacional ou qualquer outro que envolve a questão das travestis, sempre a gente cita o caso de Janaína, entendeu? Se é mito ou não eu não posso te dizer. Ela é citada como referência do movimento, lutadora, batalhadora, por que ela conseguiu completar os estudos dela sendo travesti, enfrentou pra entrar em uma área jurídica, entendeu? Isso tudo é exemplo pra que nós podemos também. Não é que a gente vai seguir os passos dela e ser advogada, mas podemos avançar em outros setores, em outras áreas. A travesti pode [...]. Ela é nossa referência pela questão política. Uma questão de política ampliada, questão de segurança pública, questão do movimento social, questão do movimento de travestis. Pra mim são elas três [Jovanna, Keila e Janaína]. E graças a deus eu tive o prazer de conviver com elas.*

Nesse relato, Jacqueline estabelece alguns dualismos para se referir às travestis, pautada em valores morais: as travestis “loucas”, “pintosas”, em oposição as travestis “politizadas”, por exemplo. Esses pólos excludentes reforçam a imagem “positiva” de Janaína, representativa do modelo de respeitabilidade, uma pessoa confiante, segura, determinada, batalhadora, coerente com relação ao modelo de liderança que construiu para si, focada na militância e na luta pelos direitos das travestis. Dos ensinamentos que Janaína transmitiu, Jacqueline aponta como o mais marcante “a luta pela dignidade e

pela cidadania, apesar da vestimenta”. Janaína foi e continua sendo uma referência para Jacqueline, uma pessoa que a inspirou no ativismo e na academia. Jacqueline frisa, ainda, que um dos motivos pelos quais Janaína teve importância é por ter feito uma “política ampliada”, envolvendo várias questões.

As expressões “travesti cidadã”, cidadania e luta por direitos aparecem com frequência no discurso de Jacqueline, assim como no de outras travestis ao falarem de Janaína, relacionando, de forma estreita, o “exemplo” com sua área de formação, como se o título “primeira advogada travesti” reverberasse no imaginário do movimento social de travestis e elas acionassem concepções jurídicas ao falarem de Janaína, embora já existam outras atuando nesse espaço, como é o caso da ativista paulista, também advogada, Márcia Rocha, integrante da Associação Brasileira de Transgêneros - ABRAT.

Jacqueline aponta para avanços nos anos seguintes à morte de Janaína, quando outras militantes consideradas importantes “nasceram”. No entanto, estas são nomeadas como “outras Janaínas Dutras” demarcando uma referência colada na figura de Janaína, tão forte que mesmo travestis como Jovanna, mais “velha” do que Janaína no movimento, aparece nesse discurso como se tivesse “nascido” depois.

Na fala de Jacqueline também aparece o recurso à noção de *pioneirismo* para destacar alguém a partir de algum feito como estratégia de conferir visibilidade dentro e para o movimento de travestis. Jacqueline é a “primeira” ou “segunda” travesti militar, espaço marcadamente ocupado por pessoas reconhecidas como masculinas. Sobre o pioneirismo atribuído a Janaína, ela aponta a luta por “melhorias” às travestis, a exposição pública como uma espécie de assumir a “cara do movimento”. Janaína, em sua opinião, desestabilizou a imagem historicamente formada das travestis, atrelada à prostituição, às drogas, à aids e a serviços não valorizados socialmente, como o trabalho doméstico. A imagem que Janaína favoreceu uma visibilidade positiva ao movimento, ela era “politicamente atenta”, “sabia falar”, uma advogada.

A partir dessa trajetória de sucesso conforme modelos estabelecidos convencionou-se que “travesti cidadã” e “digna” é uma conquista via inserção em espaços formais. Para ter sucesso, inclusive no movimento, que também é um espaço de “purificação” possível para travestis (CARVALHO, 2011), é necessário possuir um determinado tipo de conhecimento técnico e também diplomas para desestabilizarem os estigmas construídos em torno da travestilidade na nossa sociedade.

Outro caso de resgate de Janaína pelo movimento de travestis como exemplo, modelo a ser seguido, inspiração representativa de uma carreira moral contrastante aos estigmas, encontrei na fala da ativista paraibana Fernanda Benvenutty:

As pessoas insistem em colocar as travestis no patamar de marginais, de coitadinhas, de vítimas e, quando uma travesti tem uma atitude, querem colocar nos nossos olhos e na nossa boca uma tarja escura, para não enxergarmos as travestis que são artistas, as travestis que são engenheiras, as travestis que são empregadas domésticas, as travestis que são advogadas, saudosamente, a nossa querida Janaína Dutra, que fazia esse papel muito bem e outras e outras travestis, porque as travestis, nesse país e no mundo, elas não estão apenas única e exclusivamente na prostituição, elas estão em todos os lugares (Fernanda Benvenutty em entrevista para NASCIMENTO, 2011, p. 89).

A ativista paulista Indianara Siqueira também citou Janaína como uma das fundadoras do movimento de travestis e transexuais no Brasil. Indianara chegou a ironizar a vulnerabilidade das travestis, lamentando a morte da maioria das fundadoras e chamando atenção para a necessidade da formação de novas lideranças:

Na realidade, nós somos as fundadoras do movimento trans no Brasil... Jovanna Baby, Keila Simpson, eu, Liza Minelli... Éramos, creio que 18 ou 20... Marcela Prado, Janaína Dutra. Eu creio que se estamos vivas 8... as 8 ou 7 cavaleiras do apocalipse (risos)... é o máximo, não tem mais do que isso. Então eu acho que tem que se formar novas lideranças... (Indianara em entrevista para CARVALHO, 2011, p. 52).

Ao longo da pesquisa, conversei com ativistas travestis que não conheceram Janaína, como Janaína Lima<sup>100</sup>. É interessante intercalar a fala de Janaína Lima com as das demais travestis para perceber como a imagem de Janaína vem sendo construída no movimento de travestis e com que representatividade marca as travestis mais “novas”. Apesar de ser comum travestis adotarem nomes de outra que é referência para suas experiências, Janaína Lima explica que seu nome é apenas uma coincidência em relação ao de Janaína Dutra, fazendo com que sejam constantemente confundidas. A respeito de Janaína Dutra, ela relatou:

**Janaína Lima:** *Olha, a impressão que me dá é que ela era uma pessoa muito forte, muito guerreira mesmo, muito batalhadora. E eu acho que ele botava a questão da travestilidade como primordial na vida dela. Ela tinha um diferencial muito grande, né? Por que quando eu comecei... você acaba tendo acesso a algumas pessoas. Mas na época, por exemplo, pra mim, travesti se resumia a profissional do sexo, não havia travesti que não fizesse programa ou que não fosse cabeleireira. Essas duas são as profissões que eu conhecia. E ela foi a primeira advogada que eu conheci, uma pessoa*

<sup>100</sup> Janaína Lima, quando da conversa, era agente de desenvolvimento econômico do Centro de Referência da Diversidade da cidade de São Paulo. A conversa, inclusive, ocorreu em uma sala do Centro. Além de ativista, é formada em Pedagogia e profissional do sexo. Nunca ocupou cargos de destaque em redes nacionais, mas já compôs o conselho Fiscal da ANTRA. Das travestis “novas”, possui grande destaque no movimento e foi uma das modelos da reedição da campanha *Travesti e Respeito* pelo Departamento de DST, Aids e Hepatites Retrovirais, realizada em 2010.

*que tinha OAB. Eu achei muito louco! Uma pessoa numa formação dela que carrega consigo a travestilidade, isso é interessante, você não abrir mão dessas coisas. Ela tinha um diferencial, ela era travesti. Então isso era muito bom e trouxe uma visibilidade muito grande, embora eu saiba que, por exemplo, ele não se formou enquanto travesti, ela se formou um pouco antes e depois que ela assumiu a travestilidade. Mas pra quem não sabe, pra quem recebe a notícia, é um ponto positivo saber que tinha uma travesti advogada, que tinha uma advogada travesti, traz uma visibilidade muito grande pro movimento. E ela contribuiu muito na criação da Campanha Travesti e Respeito, ela brigava muito dentro do Ministério da Saúde por inclusão.*

Janaína Lima lança mão de muitos adjetivos já usados por outras travestis para se referir a Janaína: forte, guerreira, batalhadora, retratada como uma travesti com um grande diferencial. Se isso aconteceu, interpreta, é porque Janaína Dutra conseguiu o feito de aliar uma profissão formal e status dessa profissão com a travestilidade, distanciando-se da prostituição, conferindo visibilidade para o movimento. Se ela “assumiu sua travestilidade” depois de conquistar o diploma de bacharel não importa em termos de positividade que confere à imagem das travestis. Janaína Lima, porém, possui uma concepção mais crítica sobre a prostituição, não entendendo que ela deva ser oposta à noção de respeitabilidade e dignidade conferida às ativistas.

**Janaína Lima:** *Minha formação acadêmica é pedagogia e também sou profissional do sexo, né? Porque é uma profissão e eu sei fazer. Eu sei sobreviver disso, se for a necessidade. Porque não existe ex-profissional do sexo, como as pessoas pregam. Isso é uma falácia! Porque não existe ex-professor, ex-diretor, existe sempre uma pessoa que se aposenta na profissão ou para de exercê-la. Por isso eu também falo que sou profissional do sexo.*

Janaína Lima, ao abordar esse tema, passa por questões que demarcam uma diferença entre concepções de ativistas pertencentes a diferentes marcações geracionais do movimento. Nesse ponto aparece em seu discurso concepções de políticas de direitos a partir da noção de igualdade *versus* políticas de reconhecimento das diferenças:

**Eu:** E o que você pensa sobre isso de ter um diferencial?

**Janaína Lima:** *Ela é duma época que você tinha que se limpar mesmo. Eu acho que era mais o momento. Talvez ela... é porque naquela época, as pessoas acreditavam nisso. Ainda tem hoje em dia pessoas que acreditam nisso, que você precisa abrir mão de todas as suas coisas pra poder... Uma coisa assim, que eu costumo falar muito, que é essa higienização, que as pessoas não percebem, mas é... por exemplo, o tal do casamento gay. Quando você faz essa defesa não é nem tanto pelo casamento, eu acho, posso tá enganada, é muito mais pela cópia, não sei se essa é a palavra certa, a cópia de um modelo que é aceito: “Eu vou mostrar pra você que mesmo eu sendo homossexual, eu não sou mau, eu também tenho família, um marido, eu também tenho casa, lavo, passo, cozinho, eu também quero adotar uma criança”. Isso é muito louco! Mas é essa a impressão que me passa, entende? E eu acho que a coisa não é por aí. Porque, sabe, se a gente for por aí não vamos chegar a lugar nenhum, porque em determinado momento... O que a gente precisa exigir? Eu acho: é o respeito pela diferença. Porque ninguém é igual, as mulheres não são iguais. Esse casamento é uma*



*instituição falida. Da forma que pregaram, as pessoas não vão conseguir ser felizes. Eu acho que no futuro vai aumentar muito mais isso, vai criar um monte de pessoas insatisfeitas com uma realidade heterossexual que não existe. Principalmente os gays estão reproduzindo isso sem perceber, que tão correndo louco atrás de um casamento, atrás de adoção de criança. É uma crítica minha mesmo. Eu não sei se as pessoas adotam criança porque acham lindo e maravilhoso ou se quer mostrar que: “Olha, eu vou adotar porque é pobre. Criança precisa de uma família e eu posso ser essa família, eu vou mostrar pra vocês que eu não sou um gay mau, eu sou um gay bonzinho, que eu caso e tenho filhinhos também. Quero me enquadrar e quero mostrar que sou parecida com vocês”.*

A expressão “se limpar” usada por Janaína Lima implica em um afastamento de práticas que “suja” ou “poluem” a imagem das travestis, principalmente relativa à prostituição. A higienização aqui aparece como uma total distância da abjeção. Ela contextualiza dizendo que estas eram demandas da “época” de Janaína Dutra e aponta que essas necessidades de adequação às normas heterossexuais são renovadas através dessa que se tornou uma das maiores bandeiras do movimento homossexual: o casamento gay. Janaína Lima deixa bem evidente sua concepção de política por meio do respeito à diferença. A aceitação à custa da “higienização” deveria ser repensada.

Opondo políticas que pensaria em respeito às diferenças em função de luta por inclusão a partir de um prisma igualitário, Janaína Lima questiona o que chama de “falsa inclusão”, quando é necessário mudar para ser inserido:

**Janaína Lima:** *A gente fala muito de inclusão. A impressão que se dá é que essas pessoas [travestis] não estão inclusas. Mas de qualquer maneira a gente tá incluída. Se você pega, por exemplo, o estado de São Paulo. O Nordeste todo vem pra cá, pensando nas travestis. Todas as travestis, se você conversar com elas lá, o sonho delas é viajar pra São Paulo ou Rio de Janeiro, as grandes capitais. São Paulo é um polo muito grande e a aceitação é maior, você percebe isso nas ruas. Aqui na cidade você consegue ver as pessoas, você consegue ver travestis nas ruas durante o dia, você consegue ver travesti no shopping, no cinema, com todas as limitações que existe, lógico. Isso não quer dizer que elas não sofram discriminações, não sofram preconceito. Não quer dizer que elas não tenham problema pra tá aqui ou lá, né? Você enfrenta e vai. Então existe uma inclusão. Se você sair à noite as travestis que estão na rua, as que são profissionais do sexo, tão na rua fazendo programa e quem tá fazendo programa com elas não são outras travestis, são pessoas... é a sociedade. Os clientes, eles estão inseridos na sociedade, então, existe inclusão. A sociedade aceita que ela esteja na rua fazendo prostituição. Não existe essa “não inclusão”. Agora, existe uma falsa inclusão. As pessoas querem botar na nossa goela abaixo que você mude seu jeito pra estar no espaço. E a gente tem que tomar cuidado senão acaba sendo uma armadilha, você deixa de ser o que é pra fingir que vai ser aceita por um determinado grupo. Isso você já passa desde que você nasce. Você nasce, as pessoas já estão determinado o que você é o que não é, se você vai ser menina ou menino, se vai vestir rosa ou vestir azul, que nome você vai ter. Quer dizer, você não tem nenhuma escolha que você consiga fazer na sua vida. No determinado momento que você começa a se entender e falar: “não, agora eu posso resolver algumas coisas”, aí você começa a desenhar sua identidade, a traçar sua identidade, a perceber o que você gosta de fato, o que você quer de fato pra você e começa a se desenhar. Aí, depois, num determinado momento da vida você vai abrir mão disso novamente. Então, isso é muito louco!*

*Entende? Então você tem que tomar muito cuidado com a armadilha [...]. Aí, as pessoas querem falar que você está fora da sociedade e querem te incluir, mas não te aceitam do jeito que você é. Aí, você faz toda uma remodelagem novamente, né? É como se você, por exemplo, fosse negra e tivesse que alisar o cabelo pra poder tá junto das meninas brancas porque elas tem o cabelo liso. Então, isso é uma armadilha muito grande, né? E eu acho que o movimento de travestis, teve uma época que eles pregavam muito isso, sabe? “Olha, vamos fazer uma reunião em tal lugar, mas evitem ir de decote. Bota uma roupa mais formal”. E não é formal porque a ocasião pede uma roupa mais formal. É formal no sentido: “Vamos tentar mostrar que a gente é uma travesti menos agressiva”, sei lá. Por quê? Porque a agressividade tá no olho de quem vê. A agressividade nossa tá nos traços, no jeito, e eu não posso abrir mão disso, se as minhas formas, se o meu jeito de me vestir te agride, a culpa não é minha. Eu acho que talvez esteja na hora de você limpar a lente dos seus óculos e olhar com outro olhar. Ou talvez trocar a lente dos seus óculos, você vai ver que: “Peraí, não é uma agressividade. Eu tô vendo agressividade onde não tem”. Tentar mudar um pouco o foco do seu olhar: “Eu tenho que aceitar aquela pessoa do jeito que ela é”. E não falar: “Oh, muda tudo que daí eu vou conseguir te compreender”.*

**Eu:** Esse momento já foi superado no movimento de travestis?

**Janaína Lima:** *Não, não foi. As políticas de inclusão estão ligadas a quê? Ao governo e ao movimento. As coisas são muito amarradas, juntas. São as duas partes. Então, beleza! “Olha, você vai pra escola”, E, por exemplo, na escola você evita usar saia. Então, peraí! Isso não é inclusão. Não use saia no dia a dia. Tudo bem, eu não compro uma saia de dois dedos porque eu sei que talvez não seja adequado pra estudar. Isso não quer dizer que eu não posso usar saia. Então, a gente tem que usar uma maquiagem leve. Porque que eu tenho que usar uma maquiagem leve para determinado espaço? Isso tudo parece que foi determinado em um determinado tempo: “Olha, faz isso, faz aquilo”. Porque, sabe, isso é muito louco! É uma falsa inclusão. “Eu tô incluindo?” Não. “Eu tô incluindo outra pessoa, não aquela. Porque aquela pessoa do jeito que ela tá, eu não quero. Eu só quero ele se ela se remodelar”.*

**Eu:** E a prostituição tem a ver com tudo isso?

**Janaína Lima:** *Exatamente. Existe isso e é muito louco! Porque eu acho que, às vezes, é muito mais no discurso, não é na prática. É muito mais no discurso. Então é muito bonito você sentar numa mesa e falar: “Ah, porque eu fiz programa, agora não faço mais, estou salva, estou limpa”. Como se fosse uma grande sujeira e a inclusão significa limpar toda a sujeira que há em mim e a prostituição é essa grande sujeira. A roupa curta é essa sujeira, sabe? Um monte de coisa é essa sujeira e isso é muito louco! Quer dizer, a gente precisa ficar limpando a pessoa pra poder incluí-la na sociedade? E a realidade de fato não é assim. Porque você ter uma faculdade hoje não significa nada. Eu conheço muita gente que tem diploma e não tem emprego, né? Então você percebe que essa inclusão na escola não significa muita coisa. Por exemplo, ter um diploma não quer dizer que eu vou ser menos discriminada. Quer dizer, eu acho que em determinados lugares vai ter um outro olhar, em outros espaços ninguém vai saber que você tem diploma. Na rua, as pessoas não vão perguntar “Você é formado?”. As pessoas vão olhar e o que veem naquele momento é aquilo. Se elas não gostam da travesti, se elas têm preconceito preestabelecido, se elas acham que a travesti é agressiva, às vezes nem é, mas se tornam agressivas. A fala já incomoda, a presença já incomoda, a roupa já incomoda, a unha incomoda, a cor do cabelo incomoda, entende? Então eu acho que é muito disso. Essa inclusão, falar que todas as travestis precisam estudar, ir para a educação, pra se educar, sabe? Acho que tem a necessidade de você se educar, mas não é as travestis que precisam da educação. A sociedade precisa da educação, dessa formação. E as pessoas que se dizem educadas também precisam se reeducar pra nos aceitar senão não vai adiantar eu estar na escola se as pessoas não conseguem me aceitar. O quê que eu vou fazer com o diploma depois? O quê que eu vou fazer com essa educação? Se o outro que tá do meu lado não consegue sequer... então não adianta.*

**Eu:** É, a Janaína não estava ligada à prostituição...

**Janaína Lima:** *Exato! Então, quem garante que ela não se... o quê que é se prostituir? Eu costumo falar que, dependendo da prostituição, você para de se prostituir num lugar e vai se prostituir no outro. Você para de se prostituir na rua e vai se prostituir no movimento social. O casamento, eu acho que é uma grande prostituição. Acaba sendo uma troca. A troca não é tão direta de dinheiro, você troca por outras coisas, casa, comida, filhos.*

Depois de todas as críticas que Janaína Lima fez às políticas de inclusão elaboradas pelo movimento social e governo federal, às tentativas de “higienização” por parte de algumas ativistas travestis, voltamos a falar mais especificamente sobre Janaína Dutra. Percebi que ela foi sentindo o que podia ou não falar e se minha pesquisa era para falar apenas de forma “positiva” sobre Janaína Dutra:

**Janaína Lima:** *Eu acho que Janaína, ela é muito mais o que é hoje porque acho que foi criada mesmo, criou-se esse ícone em cima dela depois que ela faleceu. Mas eu acho, assim, não que ela não tenha sido importante, eu acho que foi, ela foi tão importante quanto, por exemplo, hoje Keila é muito importante. A Keila é uma pessoa muito importante pro movimento e, assim, se fosse pra botar Keila e Janaína eu ia na Keila. Porque ela pra mim, ela tem um peso muito maior, ela faz, se destaca muito, tem feito coisas, ela fez e tem feito muita coisa. Na gestão dela na Articulação Nacional de Travestis acho que ela deu um ‘up’ muito grande pro movimento. É o que eu acho. Sinceramente, eu acho que isso foi muito mais criado. A gente tem esse costume, a gente tem um costume muito grande de valorizar a pessoa depois que ela vai embora. Isso é muito ruim, mas é um costume. Então, eu acho que com a Janaína não foi diferente. Acho que a gente teve figuras de mais destaque, Claudia Wonder, Telma Lipp, entende? Eu acho que são pessoas que fizeram muito pela questão da travestilidade, se destacaram muito. Tinha outras pessoas. Se você pegar, por exemplo, se for discutir até com as próprias [ativistas travestis], com a base, que são pessoas que estão na base, você vai conhecer outras pessoas como a Adriana Tulipa, que teve algum destaque, que fez algumas ações, a própria Brenda Lee, que brigou muito na época dela. Janaína, infelizmente, ela só se destacou depois que morreu. Acho que principalmente por conta da formação dela, ainda tem mais essa, principalmente por conta da profissão dela, por ela ser advogada e aquilo era uma coisa muito inédita, mas ela não tinha esse destaque todo enquanto ela era viva. Não era esse glamour todo.*

É possível usar a concepção de política de Janaína Lima como exemplificativa da perspectiva de luta liberacionista em contraponto a perspectiva assimilacionista que luta por direitos, tal como aponta Seidman (2002) para falar das agendas do movimento homossexual norte americano. O Brasil, de certa forma, dialoga com essas perspectivas, na medida em que recebe influências e, também, devido aos financiamentos de órgãos internacionais para o desenvolvimento de políticas. Para Janaína Lima, que se coloca diferente das ativistas de “antes”, não era o círculo de cidadania que deveria ser alargado para incluir as travestis. Estas, de alguma forma já estavam incluídas. Para ela, era a sociedade que precisaria passar por um processo de transformação para abarcar a travesti com todas as suas diferenças, independente de serem prostitutas, sem

escolaridade formal, com roupas “inadequadas”, ou seja, repensar os moralismos que condenam sujeitos, práticas e comportamentos como reprováveis.

De maneira geral, os discursos das outras militantes se contrapõem ao de Janaína Lima, que reconhecem a atuação e a imagem de Janaína com grande positividade por ser desestabilizadora de estigmas vinculados às travestis. Para ela, apesar de Janaína ter se destacado e sido protagonista em certos aspectos, existem outros ícones. Ter seguido a carreira jurídica proporcionou largamente a construção de Janaína como um “exemplo”, associando sua imagem aos valores morais de “dignidade”, na medida em que se afasta dos estereótipos da “prostituta”, “marginal”, “perigosa”, “drogada”, etc. A própria Janaína afirmou: “*As travestis sempre foram vistas como bagaceiras, perigosas. Esta recente campanha do Ministério da Saúde [referência à campanha “Travesti e Respeito”] pela cidadania das transgêneros ajudará a quebrar o preconceito e passar a mensagem de respeito e autoestima*”.<sup>101</sup>

Peres (2005) identificou uma função identitária positiva na militância ao proporcionar visibilidade e acesso a domínios públicos, contribuindo para o reconhecimento e o prestígio que uma travesti jamais obteria por outros meios. Nesse sentido, Carvalho (2011) analisou o processo de construção da carreira militante, relacionando as políticas de reconhecimentos com processos de purificação a partir das principais demandas do movimento. Como as travestis ocupam um lugar de abjeção, alguns rituais de purificação da poluição de gênero são postos em prática, como: medicalização das condutas trans, as experiências trans vinculadas ao mundo artístico e processo de politização das sexualidades desviantes. Nesse ponto, uma das maneiras de politizar as sexualidades seria o ingresso em um grupo organizado, onde acontece uma racionalização da diferença, favorece a explicação de questões complexas, trocas e ressignificação do estigma. As ONGs constituem um desses espaços, comumente ocupados por travestis nesse contexto. O processo de “purificação” dos elementos estigmatizantes executado pelas travestis na construção da carreira militante passa pela forma de agir, de falar, de se vestir.

Outro ponto fundamental na formação da carreira militante é o compromisso e o envolvimento com o movimento. Algumas travestis possuem uma trajetória que corrobora com essa carreira, contribuindo com o aprendizado. Janaína, por exemplo, integrou movimentos estudantis, participou de embates no curso de Direito e se inseriu

---

<sup>101</sup> Retirada do texto de Mott *Réquiem para a Janaína Dutra*.

em grupos de homossexuais como um “advogado gay”. Janaína possuía um vasto vocabulário, frisando a importância de falar de acordo com as regras gramaticais, possuía familiaridade com trâmites burocráticos e com linguagens técnicas exigidas, o que foi facilitado pela educação que recebeu em casa, pela sua formação educacional e pela área profissional.

É na “capacitação” da carreira militante que elas aprendem os termos considerados adequados, como o uso do artigo “a” para travestis, a abolição do sufixo “ismo” da expressão “travestismo” ou “transexualismo”, a diferença entre as categorias “travesti” e “transexual”, seguindo orientações do discurso médico e jurídico normativo. De tão *expert* na carreira militante, Janaína participou da elaboração do Projeto Tulipa que capacitou muitas lideranças atuais, bem como proporcionou a circulação de conhecimento e de técnicas no agir dentro da militância para elaborar projetos e conseguir financiamentos.

Essa purificação da travesti militante passa centralmente pelo distanciamento do estigma da prostituição. Nesse sentido, é exigido que a militante tenha um determinado tipo de comportamento, incluindo as técnicas de montagem, a maneira correta de sentar, de se vestir, a quantidade de silicone injetado, o tipo de maquiagem, a forma de falar e expressões que não devem ser usadas. A separação entre casa e rua também regula essa construção, como se a “travesti respeitável” tivesse que se comportar de uma forma para adentrar espaços formais e institucionalizados em oposição àquela “travesti de rua”, prostituta, semi-nua, “sem modos”, indecente e imoral. O feminino construído por essas “respeitáveis militantes”<sup>102</sup> em oposição à “puta” (CARVALHO, 2011) seguem padrões normativos correspondentes à imagem da “mulher direita”, da “boa cidadã”. A “moralização da imagem culturalmente disseminada da travesti” (CARVALHO, 2011) é um elemento muito presente no movimento de travestis, atravessando todas as suas demandas. Para esse objetivo, a imagem de Janaína é totalmente correspondente. Os elementos da sua trajetória conferem a “purificação” dos estigmas à travestilidade: ela é advogada, não prostituta, “de família”, se expressava corretamente, era articulada, digna, uma “dama de ferro”. A construção de Janaína como um ícone do movimento é fortemente assentado na sua carreira militante, na imagem construída como uma travesti politizada, capacitada, higienizada, uma “travesti cidadã”.

---

<sup>102</sup> Termo de Edward MacRae (2011), utilizado em oposição às “bichas loucas” como forma de higienização da política homossexual a partir de comportamentos normativos distantes da “bichice” e do “escândalo”.

Os relatos das ativistas aqui apresentados reforçam majoritariamente a importância conferida à atuação de Janaína calcada em um modelo instituído, formal, que valoriza uma postura “correta” a partir dos “padrões de normalidade”. Essa valorização pouco problematiza as normas, clama por aceitação a partir da noção de cidadania e respeitabilidade. Se Janaína é honrada e louvada não era pelo que a identificava como um ser abjeto, rejeitado, mas pelo que ela representava em termos de inserção. Era uma reverência a ela por ter conseguido adentrar aqueles espaços negados. Ser profissional do Direito potencializou sua militância porque ela era identificada com a obtenção de direitos para as travestis. Como aponta Miskolci (2011), no Brasil, o movimento LGBT não assumia um posicionamento antiassimilacionista e sensível àqueles relegados ao rechaço social, como houve nos Estados Unidos, partindo da experiência social da vergonha. Aqui, a demanda se concentrou na igualdade jurídica confundida com a obtenção de direitos por meio de direitos sexuais, na celebração do “orgulho gay”. Nesse discurso de exaltação da experiência de Janaína como uma grande ativista faz com que o dilema entre “assimilação via normalização” e “aceitação pelo reconhecimento da diferença” amplamente discutida nos últimos anos pelos estudiosos queer no Brasil, penda mais para a primeira tendência.

Quando falo, por exemplo, sobre os grupos e associações vinculadas aos movimentos sociais dos quais Janaína fez parte, a questão de enquadramento da memória fica bastante visível, tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades a partir da construção de uma memória comum. Esse enquadramento da memória é realizado por diversos grupos, como partidos, sindicatos, igrejas, regiões, famílias, nações etc. Para Pollak (1989), a referência ao passado serve para manter a coesão interna dos grupos, para definir seu lugar e defender as fronteiras.

### **O ativismo de Janaína em perspectiva queer**

Janaína, então, de forma secundária, participou do processo de fundação do primeiro grupo de homossexuais do Ceará, em fins dos anos 1980. Na década de 1990 seu ativismo se intensificou, quando também passou, em 1991, a ser vice-presidenta desse grupo, ocupando o cargo até 2001. A partir desse ano até 2004, Janaína exerceu o cargo de Assessora Jurídica do grupo, atuando como advogada e coordenadora de

projetos na área de direitos, entre eles o *Balcão de Direitos e Direito e Cidadania*, financiado pela Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, em parceria com Centro de Assessoria Jurídica Universitária da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (CAJU/UFC) <sup>103</sup>.

De acordo com informações da diretoria atual do GRAB<sup>104</sup>, Janaína supervisionou e coordenou projetos continuados no período de 1997 a 2003, dirigidos às travestis nas áreas de “construção da cidadania”, prevenção das dst/hiv/aids e apoio a PVHA – Pessoas que Vivem com hiv/aids, entre eles o projeto *Travestis: educando e Prevenindo*, no qual desenvolveu a pesquisa intitulada *Violação dos Direitos Humanos de Travestis no Brasil* (2000). “Esses eram projetos que propiciavam reunir, aglutinar travestis e incidir diretamente na organização política pra cidadania delas, tendo Janaína como importante ativista e liderança”, afirmou o diretor do GRAB, Francisco Pedrosa. A partir dessa informação, é possível saber que Janaína focou seu trabalho junto a travestis desde 1997, embora tenha fundado a ATRAC somente em 2001. Já na Associação de Travestis, Janaína passou a coordenar os projetos *Travestis na Construção da Cidadania; Beleza, Prevenção e Cidadania; Direito e Cidadania*, com financiamento do Ministério da Justiça através da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, e o projeto *Travesti – Prevenção e Organização Social*, financiado pelo Ministério da Saúde<sup>105</sup>, entre outros.

A psicóloga Jussara Dias (2000) citou o relatório *Violação dos Direitos Humanos de Travestis no Brasil* (2000) coordenado por Janaína, apontando alguns dados sobre a experiência de travestis. Segundo o relatório, as travestis seriam a parcela da população com maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho, com alternativas bastante reduzidas devido ao preconceito que sofrem, o que as empurraria para a prostituição. De acordo com os dados ali apresentados, 40% das travestis sustentariam suas famílias, possuíam baixa escolaridade e baixa qualificação profissional, seriam vulneráveis ao uso de drogas e apresentariam baixa autoestima. Esses fatores tornariam as travestis alvo de intensa violência. Dias cita, também, a experiência desenvolvida pelo GRAB, no projeto *Escola de Informática e Cidadania*, que reservava vagas para as travestis. Nesse projeto de profissionalização, estavam

---

<sup>103</sup> Informação retirada do Curta-metragem *Mrs. Janaina, "Eu sou aquilo que seus olhos vêem"* (Cavalcanti e Lopes, 2008, Brasil).

<sup>104</sup> Francisco Pedrosa via e-mail em 24 de junho de 2014.

<sup>105</sup> Informações retiradas da entrevista que Janaína deu à revista *Singular: uma revista plural*, chamada *O nobre colega é dama de espadas*. Jornalista: Ethel de Paula. N. 09. Setembro 2002.

incluídos cursos de informática e oficinas sobre direitos humanos para travestis, com o objetivo de criar alternativas de geração de trabalho e renda (cooperativismo, empreendedorismo). O oferecimento de cursos de profissionalização formal era um dos carros chefes do trabalho que Janaína desenvolvia. A própria Janaína já foi aluna de um desses cursos de informática, nos quais ministrava oficinas sobre direitos humanos. A ideia central desses cursos era combater a exclusão social através da “promoção de autonomia econômica e emancipação social”.



Imagens: Janaína em cursos de profissionalização em informática. Arquivo da família de Janaína.

Ainda nesse relatório, consta que a violência contra travestis seria agravada pelo descaso policial. Nos resultados, foram reportadas situações em delegacias marcadas por intimidações, humilhações e violações de direitos humanos em casos que envolviam travestis. Também no relatório, foram apresentados dados de um levantamento realizado nos anos 1990 quando se constatou que 39% dos assassinatos contra travestis não passavam dos inquéritos policiais e que a outra parte era punida com penas leves, mesmo em casos de crimes hediondos. A violência e o descaso policial passaram a ser alvo de denúncias de Janaína, bem como foco dos seus esforços na militância.

Janaína sempre problematizou os estigmas da violência e criminalidade relacionados à travestilidade. Para ela, era fundamental desconstruir “o estigma da periculosidade” relacionado às travestis, pois se fazem parte de uma população com baixa estima, pouca escolaridade e qualificação profissional é porque sofrem discriminação nesses espaços (DUTRA, 2004). *“Deixo sempre no ar esse senso comum que diz que travesti é uma classe violenta: essas ações são na verdade reações a toda uma negação social que começa na família. Mas os casos são variados. O que tem é muita discriminação e violência mesmo”* (DUTRA, 2002)<sup>106</sup>. Para Vale (2005), ela

<sup>106</sup> Entrevista “O nobre colega é dama de espadas”. Jornalista: Ethel de Paula. In: Singular: uma revista plural. No. 09. Setembro, 2002.



mencionou que as travestis se valem do mito de que são violentas e perigosas para impor respeito, demarcar territórios, ditar regras e se proteger, principalmente as que são prostitutas, que impõe regulações nos pontos de prostituição, intimidam as demais, demarcam seu local de atuação, se defendem da polícia:

A violência é fruto da vulnerabilidade em que elas vivem. Quando você conhece de perto, você vê que muitas vivem a precariedade e no íntimo são meninas carentes, pessoas que precisam daquele título de poderosas do pedaço para se impor. O que eu acho legal é eu ter conseguido resvalar por todos esses becos, essas esquinas, esses subterfúgios, essas diferentes classes de travestis, para que possa me dar sintonia, para que eu não possa esbarrar naquela coisa do corporativismo, porque eu acho que não basta ser travesti, não basta ter silicone, tem que ter com caráter, tem que ser uma pessoa de bem, tem que mudar essa realidade, tem que ser boas amigas, temos que fazer isso, então assim é por todas essas pré-disposições é que eu acho que fazem das travestis uma ilha cercada de violência por todos os lados, pela igreja, pelo Estado, pela família, por elas próprias (Janaína em depoimento para VALE, 2005, p. 254).

Para ela, o ativismo só fazia sentido se contribuísse para o exercício da convivência pacífica e civilizada, de forma que a diversidade das expressões e das identidades sexuais fosse respeitada. Ela acreditava que o trabalho que desenvolvia seguindo esse objetivo consistia em promover os direitos humanos dos “cidadãos gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais”.

Além desse relatório, Janaína realizou um trabalho de catalogação de travestis em Fortaleza, fazendo incursões de campo semanalmente, efetuando também trabalhos de prevenção, com distribuição de preservativos e materiais educativos, especialmente o *Passaporte da Cidadania*<sup>107</sup>. Paralelamente, Janaína organizava oficinas em que abordava os mesmos temas: prevenção, discriminação, direitos humanos, cidadania, cuidados com o corpo e autoestima. Essas oficinas, além de se pretenderem educativas, tinham formato de “capacitação”, apresentando-se como uma alternativa à prostituição.

Janaína, de todo modo, entendia que as dificuldades de inserção de travestis nas esferas formais de trabalho e educação não se davam unicamente pela falta de qualificação apropriada, mas também pelo preconceito. Assim, compreendia que seria necessário encampar uma luta pela desconstrução dos estigmas, buscando uma inserção social em sintonia com as “capacitações profissionais e educacionais”. Essa concepção de emancipação, portanto, estava em acordo com a noção de cidadania almejada.

Os títulos e objetivos dos projetos desenvolvidos por Janaína, a maioria girando em torno das categorias “cidadania” e “direito”, indicam a orientação das políticas do

<sup>107</sup> Carteira elaborada pela ATRAC contendo informações úteis para as travestis, como postos médicos, postos policiais e de denúncias aos órgãos de direitos humanos.

movimento de então: conquista de direitos. Tal como abordado por Seidmam (2002), essa orientação segue a perspectiva assimilacionista, que visa alargar o círculo da cidadania e respeitabilidade social para nele incluir as travestis, buscando encaixá-las, para tanto, nos moldes do “bom cidadão”, aquele que conhece seus direitos e deveres, com educação formal, inserido no mercado de trabalho formal (longe da prostituição e da criminalidade) e que contribui economicamente para o funcionamento do sistema (a escolha por cursos de informática e empreendedorismo elucidam bastante essa questão).

A aproximação dos movimentos com o Estado, nesse contexto, cria um paradoxo irresolúvel, estabelecendo uma relação simultaneamente de contestação e dependência do sistema pelos sujeitos envolvidos, em um jogo de “adeque-se para participar”. No ativismo, Janaína acreditava na importância de firmar parcerias com o poder público, falava em justiça social, em defesa da cidadania (reconhecimento da “travesti cidadã”), na importância de políticas de saúde, como prevenção de dst/aids (que ela relacionava a valores e significados culturais mais amplos) e intervenções corporais assessoradas pelo sistema de saúde oficial, alertando para problemas causados por práticas clandestinas de aplicação do silicone por *bombadeiras*, propondo o acompanhamento do SUS e programas de assistência. No âmbito educacional, ela defendia políticas públicas para que as travestis entrassem e permanecessem nas escolas, além da inclusão nos currículos do ensino do respeito à diversidade com abordagem interdisciplinar. A preocupação de Janaína com a educação era central, pois ela acreditava que somente o conhecimento possibilitaria mudanças sociais, de costumes, valores, comportamentos e que o acesso à informação era fundamental para a conquista da cidadania, permitindo maior participação social e política. Janaína operava com essa relação entre saber e respeitabilidade, reafirmando as normas ao dizer que a busca de conhecimento, estimulada principalmente pela sua mãe educadora, foi motivada para que se distanciasse do “viadinho” (da abjeção): *“Isso é que me estimulou ainda mais a mergulhar fundo nos livros. Para não ser só aquele viadinho de peito, de cabelo grande”*<sup>108</sup>. No documentário de Almeida (2011) ela aparece falando que *“buscar o conhecimento é a melhor arma de defesa da sociedade”*.

Janaína recorria constantemente a valores morais de respeitabilidade para legitimar sua atuação, se posicionando como porta-voz de travestis, valendo-se da sua relativa correspondência às normas instituídas de formação educacional e profissional.

---

<sup>108</sup> Janaína Dutra em entrevista. “O nobre colega é dama de espadas”. Jornalista: Ethel de Paula. In: Singular: uma revista plural. No. 09. Setembro, 2002.

Além disso, constantemente falava da sua aceitação familiar e de elementos religiosos, apontando para uma necessidade de fortalecimento espiritual para agir na militância. Nesse ponto fica evidente a influência da sua formação religiosa e do estudo de pensamentos religiosos, inclusive para se fortalecer no processo de travestilidade, construindo a ideia de que a espiritualidade perpassava a sua existência social.

Vale (2005) pontuou que Janaína acreditava na solidariedade e fraternidade como princípios morais, tomando para si a tarefa de conferir visibilidade às travestis. Ela defendia que ter humildade era fundamental, atribuindo a essa característica o respeito que tinha dos/as colegas de militância, prestando sempre muita atenção no que as pessoas falavam, pedindo ajuda nas tomadas de decisões, ouvindo as reivindicações dos/das demais e respeitando as opiniões. Segundo o autor, ela costumava ser ponderada, reflexiva, solidária, humilde, descentralizadora, contrária a posições radicais e a qualquer rigidez, adepta a negociações, ao diálogo, a harmonia. Na militância, Janaína era contrária ao “estrelato”, estabelecendo certas rivalidades com outras militantes quando percebia atitudes centralistas, questionando o que chamava de “complexo de pavão” ao se identificar mais com o “trabalho de formiguinha”. Ela também evitaria personificações, apontando outras figuras como representativas das lutas de travestis, principalmente Madame Satã.

Contudo, fora dos discursos públicos de militância, Janaína mantinha-se relativamente crítica ao diálogo entre o movimento de travestis e transexuais com o Estado e às diretrizes dos projetos que desenvolvia, demonstrando insatisfação por sentir que seu discurso não tinha recepção e suas reivindicações não eram atendidas, sequer ouvidas, pelos interlocutores estatais. Isso fazia com que ela se interrogasse a respeito da sua presença naquelas instâncias como meramente ilustrativa frente aos órgãos internacionais.

Ao sistema heteronormativo Janaína também direcionava críticas, questionando a “falsa moralidade” que discrimina “todo comportamento irreverente que não cabe nos padrões pré-estabelecidos”: “Hoje posso dizer que tenho satisfação profissional. E como se tivesse trabalhando com o meu povo e para o meu povo. É uma forma de tentar mudar o sistema que está imposto e que, para mim, não é o modelo ideal”<sup>109</sup>.

Analisando mais a fundo o seu discurso, percebo o paradoxo que se instalava entre a contestação e a dependência do sistema. Ela se posicionava em um contexto de

---

<sup>109</sup> Seminário cearense aborda no Recife tema tabu: “Advogado travesti faz defesa de homossexuais”. *Jornal do Comércio*. Recife, 25 de out. de 1997.

defesa de “minorias” diante do Estado, lutando pela conquista da cidadania plena de travestis, exigindo do poder público a promoção de políticas para melhorar a qualidade de vida dessa população. No entanto, ao mesmo tempo em que realizava esse diálogo com órgãos institucionais, exigindo deles uma mudança de tratamento, entendia que o Estado era “um grande elemento castrador da cidadania”. Por exemplo, como agente de prevenção, ela entendia que o discurso oficial não implicava em uma mudança de comportamento. Para que as travestis sobrevivessem dentro desse sistema que molda suas vidas, era fundamental a mobilização social coletiva em paralelo ao fortalecimento individual, pois só as mais fortes venceriam via capacitação educacional. Por esse ponto de vista, o paradoxo também se estabelece, o conhecimento aparecendo não só como um meio de adequação social, mas como instrumento de luta para a transformação.

Dentro da visão ampla em relação à experiência das travestis, Janaína demonstrava compreender os processos sociais que as constroem e as limitam, deixando-as em uma espécie de beco sem saída. Acreditava que a militância seria mais eficaz se houvesse um cruzamento entre diversas formas de luta. No texto *Desconstruindo sexualidades* (2004), ela fala que as discriminações aos homossexuais e às travestis se ancoram nas instituições base da sociedade moderna: o Estado, a Igreja e a Família. Nessa interpretação, ela sinalizava para uma compreensão interseccional da discriminação, chamada de “discriminação acumulada”, aquela maximizada por outros marcadores sociais além do gênero, como “raça”, “classe social”, “formação escolar”, “cidade de origem”: *“Todos os que fogem do padrão heterossexista dessa sociedade, que tem como elemento legítimo o homem, de pele branca, com uma boa conta bancária, sofrem algum tipo de discriminação”* (DUTRA, 2004, p. 158).

Embora adotasse a perspectiva de que as travestis faziam parte de uma “minorias”, quando falava em “acúmulo de preconceito” Janaína rejeitava o discurso vitimizador de clemência por aceitação, adotando a crítica aos valores vigentes da “hipócrita sociedade heterossexista” que as relegava às margens. Essa forma de luta, por outro lado, não deixa de dialogar com uma perspectiva de “igualdade” e “assimilação” apesar das “diferenças”, na medida em que entendia que a sociedade deveria abarcar e aceitar essa minoria discriminada, deixando de vê-las como marginais, reclamando valores de liberdade, igualdade e fraternidade.

Sobre a atuação nos encontros do movimento de travestis e transexuais, obtive informações de que Janaína era participativa e se mostrava disposta a ajudar, o que a tornava uma pessoa querida. Por conta dessa abertura, somada à sua formação jurídica,

ela era bastante solicitada para orientações. Como foi apontado por várias pessoas ao longo do trabalho, Janaína desenvolvia sua militância com resistência e afetuosidade. São relatos que se assentam constantemente em concepções duais de “força” e “afeto” em correspondência a características tidas como masculinas e femininas, localizando sua experiência em marcações de gênero dualistas.

A atuação nacional de Janaína se ampliou nos anos 2000, marcada pela presidência da ANTRA, pela participação no CNCD, em eventos dos Ministérios da Justiça e Saúde, destacando-se ações como a elaboração do Programa Brasil Sem Homofobia, o Projeto Tulipa e a Campanha Travesti e Respeito. O Projeto Tulipa foi desenvolvido pela ANTRA com a finalidade de capacitar lideranças para atuarem no movimento de travestis e transexuais e também como um instrumento de prevenção à aids. De certa forma, o projeto cumpriu seu objetivo, muitas ativistas contemporâneas o apontam como o seu principal formador para a militância, contribuindo, desta maneira, para a construção da *carreira militante* (CARVALHO, 2011). O Projeto teve apoio inicialmente da Pathfinder do Brasil<sup>110</sup> e, somente depois, do Ministério da Saúde, por meio do então Programa Nacional de DST e Aids. Para a operacionalização do Projeto, foram criados cinco centros regionais e uma coordenação nacional. Como forma de homenagear Janaína, o nome do centro da região Nordeste foi *Projeto Tulipa Nordeste - Centro Tulipa Janaína Dutra*.<sup>111</sup>

A travesti Adriana Tulipa, falecida em 1996, considerada uma das primeiras ativistas a assumir publicamente que era soropositiva, foi quem inspirou o nome do Projeto. Adriana, aliás, é considerada uma travesti “pioneira” na luta contra a aids no Brasil. Evidencia-se, assim, uma prática corrente no movimento de travestis: a constituição de pioneiras e sua transformação em ícones de luta. Adriana, assim como Janaína, representa esse tipo de atitude.

Sobre o Projeto Tulipa, Carvalho (2011) fala de uma ausência de consenso sobre os anos em que foi executado. Contudo, se arriscou em afirmar que foi criado em 2002 e, provavelmente, executado entre 2003 e 2006. Nesse sentido, o Projeto teria começado ainda no mandato de Janaína como presidenta da ANTRA. Na entrevista que realizei

---

<sup>110</sup> A Pathfinder do Brasil é uma ONG brasileira associada à Pathfinder International que atua no campo da saúde coletiva, especialmente saúde sexual e reprodutiva. Tem como missão institucional “promover a garantia dos direitos humanos entre pessoas mais vulneráveis da sociedade, tais como mulheres, crianças, adolescentes, prostitutas, homossexuais, usuários de drogas injetáveis, pessoas vivendo com o HIV/Aids e populações das camadas mais carentes”. Disponível em: <http://www.pathfinder-brazil.org/site/PageServer?pagename=quemosomosnos>. Acesso em: 05 de mai. de 2014.

<sup>111</sup> ABIA. No 7 e 8, julho a outubro 2004.

com Keila, ela falou detalhadamente sobre a idealização do Projeto, dando especial destaque à contribuição de Janaína:

**Keila:** *E aí em 2001, em 2002, quando a Janaína entra [na presidência da ANTRA], eu falava que ela teve importância no projeto, é que ela idealizou o Projeto Tulipa. Um projeto que depois eu fui a coordenadora por uma grata satisfação e uma tristeza também, porque ela idealizou, ela negociou inicialmente que ele fosse feito pelo Programa de Aids<sup>112</sup>. O Programa de Aids não pôde bancar e ela foi buscar apoio lá na Pathfinder do Brasil. E logo depois ela começa a passar mal, ela adocece. Ela consegue fazer uma ação do Projeto Tulipa que é comprar um notebook pra poder acompanhar os centros. E aí tinha a Marcela Prado que tava com ela, lá de Curitiba. Nesse momento que ela adoceceu, que ela acabou sendo internada, a Marcela ficou muito desesperada lá em Curitiba. Eu tava em Salvador, aí o link que a Marcela achou foi: “Keila, você! Vai ter que ser você porque você tá em Salvador, a Pathfinder é em Salvador”. Aí, a gente coordenou ali e o bom foi, como o Projeto Tulipa, apesar de ter sido idealizado pela ANTRA, não foi a diretoria exata quem definiu as coisas. Quem definiu foi ela, a Janaína, junto com Marcela, e depois eu entrei. E aí eu tomei a frente, fui na Pathfinder, que disse: “Keila, a gente já iniciou o projeto, tá com a Janaína. Você vai em Fortaleza conversar com a Janaína pra saber até onde ela fez, qual foi a ação que foi feita e aí você volta com um relatório pra você seguir a partir do momento que ela parou pra que a gente possa cumprir o projeto”. Aí tá. A gente marcou a passagem e eu fui pra Fortaleza. [Keila narra como foi saber da morte de Janaína, narrada anteriormente]. Passei três dias [depois da morte de Janaína] e fui na Pathfinder e disse: “Dr. Laudário não conversei com a Janaína porque você já deve saber o que aconteceu”. Aí, saiu a notícia que ela tinha morrido, todo mundo sabia, enfim, eu não conversei com ela. Aí, o doutor disse: “Então vamos partir, vamos começar do início. Ela pegou recurso aqui na Pathfinder pra comprar um notebook. Vamos deixar pra lá e ver. Se o notebook tá comprado, onde é que tá, depois a gente recupera. Vamos começar do princípio”. Daí sentamos, idealizamos o projeto, né? Como é que a gente ia fazer, ia ter uma logomarca. A ANTRA precisávamos de uma logomarca, o Tulipa também precisava de uma logomarca. O Projeto Tulipa era: “Travestis Unidas na Luta Incansável da Prevenção da Aids”. Esse era o título do projeto [...]. E aí imagine: “Tulipa é uma flor que trabalha a aids...”. Aí, eu linkei a flor com um ramalhetezinho, o laço da aids fazendo um ramalhete, prendendo as cinco tulipas que seriam os cinco centros regionais que a gente ia formar, um em cada região do Brasil, Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Então, cinco tulipas amarradas por um folhetozinho, por uma lacinho que era o laço da aids. E aí ficou essa imagem do projeto. Quando eu levei, o Dr. Laudário adorou a ideia. Aí, a Keli, que trabalhava no GRAB com a Janaína, virando os e-mails que ela tinha recebido da Janaína, ela viu que a logomarca já tava definida. Aí, ela me mandou esse e-mail. E era uma tulipa com o laço da Aids, três tulipas e a gente tinha botado cinco do mesmo jeito, uma tulipa vermelha, uma azul e uma amarela e o lacinho da aids vermelho. Do mesmo jeito que a gente tinha pensado. Ela fez três e nós escolhemos cinco, mas era a mesma coisa. Aí, eu disse: “Gente, tem alguma coisa de mágica nesse relacionamento, não pode acontecer uma coisa dessa”. Aí, eu não sabia, eu nunca tinha conversado com ela, não sabia do projeto, ninguém sabia. Aí, você sabe essas coisas que te fazem começar a pensar assim e te diz que tem uma força por trás disso tudo e ela começa a te mobilizar.*

A partir da narrativa de Keila, Janaína teria desenhado as ações que o projeto realizou, definindo os objetivos, procurando a instituição financiadora e iniciando a

<sup>112</sup> Se referindo ao Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, na época Programa Nacional de DST/Aids.

realização do projeto, ações que foram interrompidas pela sua fragilidade física. Interessante notar a ênfase que Keila deu à relação de identificação e coincidência de ideias que teria tido com Janaína, o que ela atribui à “força por trás disso tudo”, mobilizando-a a continuar na sua carreira de militante.

Como uma ação financiada por programas governamentais, o Projeto Tulipa se insere no discurso de prevenção oficial e na “capacitação” de lideranças, termo por si só problemático, segundo Pelúcio (2009), próprio da linguagem das agências públicas utilizado para a formação de pessoal que vai atuar na saúde, na educação, meio ambiente. As pessoas “capacitadas”, ou seja, os agentes, devem obter informações tidas como as corretas sobre dst/aids e prevenção, com formas adequadas de se fazer a abordagem visando obter mudanças de comportamento das pessoas atingidas. Geralmente, os projetos financiados utilizam a metodologia intervencionista de “educação entre os pares”, ou seja, o agente pertence ao mesmo grupo ao qual é direcionado o discurso e as práticas de intervenção, valendo-se da identificação entre agente e clientela. Janaína, apontada como a idealizadora desse projeto, imprimiu um modelo de militância, regras sobre os meandros burocráticos e linguagem técnica em consonância com os interesses e exigências do paradigma oficial. De certa forma, esse Projeto contribui para a identificação de Janaína como mestre, educadora, ícone do movimento, de uma forma de militância.

“Travesti e Respeito: já está na hora dos dois serem vistos juntos. Em casa. Na boate. Na escola. No trabalho. Na vida” foi a primeira campanha de âmbito nacional direcionada às travestis promovida pelo Governo Federal, por intermédio do então Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde. Elaborada em 2003 e lançada oficialmente em 29 de janeiro<sup>113</sup> de 2004, a campanha contou com a colaboração dos movimentos sociais de travestis e de luta contra a aids para a elaboração do material informativo a ser distribuído. De acordo com Carvalho (2011), desde então essa campanha vem sendo a principal parceria para o financiamento das atividades do movimento brasileiro de travestis e transexuais e também a porta de entrada de militantes para a interlocução com o poder público.

Uma parte do material inicialmente lançado era voltado, como o próprio título sugere, a profissionais da educação e da saúde, ou seja, visava intervir em instituições

---

<sup>113</sup> Por essa razão, a data de 29 de janeiro foi escolhida como Dia Nacional da Visibilidade Trans, como marcação simbólica do reconhecimento às travestis e transexuais pelo poder público. Para Carvalho (2011), longe de ser sinal de cooptação do movimento de travestis, para as militantes esse evento representou um marco no reconhecimento de travestis como sujeito de direitos.

que potencializassem os discursos. Outra parte girava em torno da prevenção de DST e Aids, de caráter explicativo, focando na necessidade de fazer o teste (necessidade de identificação para exercer o controle). Nesse quesito, o discurso era marcado ainda pela noção de risco, reafirmando o caráter epidemiológico com que tratavam o tema. Para completar, alertava também sobre cuidados referentes às intervenções corporais clandestinas, fortalecendo o discurso médico oficial de controle dos corpos. Abordava ainda os direitos das travestis, centrando no tema da cidadania.

Sobre a questão referente ao direito das travestis, na qual suponho que a contribuição de Janaína tenha se dado de forma mais incisiva devido a sua formação jurídica, o material fala da necessidade de tirar os documentos (CPF, identidade, título de eleitor, certificado de reservista), mesmo que estes carreguem os dados do registro de nascimento e não o escolhido, já que seriam uma ferramenta indispensável para garantir direitos e conseguir inserção no mercado de trabalho formal. Outro tema que aparece relacionado aos direitos é a importância de denunciar atos de violência e discriminação.

Percebo, então, que o teor dessa campanha para a qual Janaína e outras travestis contribuíram, por mais que tente aliar o discurso oficial com o discurso próprio das travestis, não deixa de ser intervencionista com relação às práticas efetuadas pelas travestis no uso do corpo e na construção que fazem de si. A linguagem adotada no material da Campanha tenta mesclar o discurso oficial e termos da linguagem utilizada pelas travestis, também conhecida como *bajubá*, como “dicas” para fazer o *chuchu*<sup>114</sup>, por exemplo. Pelúcio sugere que as informações dos formuladores de políticas públicas em saúde intercaladas com “dicas” das travestis servem para criar familiaridade do público-alvo com o material gráfico. Essa familiaridade forjada facilitaria, desta forma, a incorporação do discurso oficial pelas travestis sem grandes problematizações. Por outro lado, Carvalho (2011) aponta para a forma com que esse diálogo entre movimento de travestis e o poder público tem sido importante na visão de muitas militantes, na medida em que interpretam essa relação como reconhecimento das travestis como sujeitos de direitos pelo poder público.

No momento de elaboração da campanha<sup>115</sup>, Janaína era uma das figuras centrais do movimento de travestis, marcado pelo diálogo intenso com o poder público a partir

---

<sup>114</sup> Fazer a barba.

<sup>115</sup> Para a elaboração da campanha, o então Programa Nacional de DST e Aids promoveu um workshop em um hotel em Brasília, entre 04 e 07 de agosto de 2003 reunindo trinta travestis representantes de associações de vários estados brasileiros (Adriana Kevelly, Bruna de Cassia, Cassandra Fontoura, Charla Novy, Cris de Madri, Crys Stephanny, Fernanda Bevenuto, Flavia, Janaina Dutra, Karla Monique, Keila



da inserção em esferas institucionais. Na avaliação que fez do momento, Janaína disse que foi muito importante as próprias travestis fornecerem o referencial para a campanha: “É a primeira vez que vai ter uma campanha elaborada por nós. Isso vai ajudar a quebrar estigmas da sociedade. É uma oportunidade também de estreitamento e sensibilização para que a militância se mobilize”<sup>116</sup>. Nessa ocasião, Janaína chamou atenção ainda para problemas comuns às travestis além da questão da saúde, como o fato de geralmente deixarem de estudar por sofrerem com a “chacota dos coleguinhas” ou serem alvo de violência policial. É possível perceber, então, pontos em comum entre as considerações feitas por ela e o material que foi elaborado pela Campanha. Para Janaína:

*A travesti sempre foi vista como bagaceira, perigosa; a campanha ajudará a quebrar o preconceito e passar a mensagem de respeito e auto-estima. A travesti conhece bem o que significa o slogan da campanha que dirá: ‘Ir ao cinema, estudar, ir ao posto de saúde’. Às vezes, as coisas mais simples podem se tornar um pesadelo para a travesti*<sup>117</sup>.

Financiamentos do Programa Nacional de DST e Aids eram direcionados, até então, a projetos efetuados por ONGs e não elaborados diretamente pelo programa. A Campanha Travesti e Respeito não era especificamente uma campanha de prevenção. A associação entre travestis e aids mostra-se ainda muito forte, tanto no senso comum e nas mídias como entre os próprios idealizadores de políticas públicas. Esse processo ajudou a constituir o que Pelúcio chama de SIDAdanização: uma cidadania concedida via aids a partir da qual travestis passaram a ser valorizadas, ouvidas e respeitadas em seu saber justamente pelo seu status sorológico. Esse momento que Janaína caracterizou como a passagem do *glamour* para a política através do combate a aids teria possibilitado o engajamento político de muitas travestis e uma outra inserção, resignificando a ideia de patologização pelo vírus.

---

Simpson, Kiki, Liliane Anderson, Liza Minelly, Luana Cotroffi, Luciana Lins, Marcela Prado, Monike Alves, Nicolay, Paula Costa, Paulete, Raissa, Raissa Rios, Saara Brightman, Sandra dos Santos, Tatiana Araújo, Weydman Henriques) Durante esses dias, foram realizadas aulas de fotografia, moda e maquiagem com o intuito de envolver as travestis também na produção das imagens que seriam usadas nos materiais da campanha. Por fim, aconteceu um desfile de moda e uma coletânea do então diretor do Programa Nacional de DST e aids, Alexandre Grangeiro. In: Travestis criam campanha de prevenção. 07 de agosto de 2003. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/travestis-criam-campanha-de-prevencao>. Acesso em: 20 de fev. de 2012.

<sup>116</sup> Travestis criam campanha de prevenção, publicado em 7 de agosto de 2003. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/travestis-criam-campanha-de-prevencao>. Acesso em: 20 de out. de 2012.

<sup>117</sup> Campanha de prevenção a aids será dirigida a travestis. Diário de Borborema (PB), publicado em 12 de agosto de 2003. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/campanha-de-prevencao-aids-sera-dirigida-travestis>. Acesso em: 10 de out. de 2012.

Em uma entrevista datada de 2001<sup>118</sup>, Janaína falou sobre o trabalho de prevenção demonstrando estar totalmente integrada a essa discussão. Perguntada sobre a importância do seu trabalho em uma ONG, enquanto travesti, ela falou da centralidade do trabalho desenvolvido por elas em tempos de aids:

A nossa participação nas diversas organizações tem sido de fundamental importância pra mudar a visão da sociedade quanto aos travestis. Até bem pouco tempo, éramos vistos apenas como arruaceiros ou profissionais do sexo, mesmo que não fôssemos. Com o engajamento em programas de prevenção de DST e AIDS – e aí eu volto a afirmar que o advento da AIDS não foi de todo ruim, pois as pessoas amadureceram – a nossa imagem tem melhorado consideravelmente, não só perante as pessoas, que passaram a nos respeitar, como em relação a nós mesmas, pois o nosso comportamento, hoje, é diferente.

Nesse ponto, Janaína subentende que “melhorar” a imagem das travestis é se distanciar da imagem que possuíam como arruaceiras e prostitutas. O trabalho desenvolvido no combate à aids teria conferido mais “inserção”, respeito e engajamento político, possibilitando uma “limpeza”, um distanciamento dos estigmas. Essa concepção reforça a ideia de normatividade ao invés de questionar os padrões e de reivindicar a diferença.

Carvalho (2011) enxerga esse momento com otimismo ao dizer que travestis e transexuais passaram de “população-alvo” para “protagonistas” das políticas direcionadas a elas. O autor mostra, por meio de depoimentos de travestis ativistas, a passagem de um momento em que as travestis não tinham autonomia nos movimentos sociais, sendo representadas por gays e lésbicas, para um momento em que elas passam a executar as políticas e a se “empoderar”. Ou seja, inicialmente, quando as travestis entraram no movimento LGBT, passaram a desenvolver um “empoderamento tutelado” no qual eram vistas e manipuladas por grupos de homossexuais para angariar recursos de programas de combate à aids, uma vez que sempre foram tidas como público preferencial dessas ações. Para ele, falar de cooptação do movimento pelo Governo Federal, principalmente nos governos de Lula da Silva e Dilma Rousseff, é reducionista. É importante, na sua opinião, deslocar para a “centralidade de políticas de reconhecimento”.

Não questiono se o governo cooptou o movimento de travestis, mas também não entendo que as travestis tenham total liberdade no que seria o protagonismo das ações direcionadas a elas, como é o caso da Campanha Travesti e Respeito. Pelo contrário, problematizo os sentidos desse “protagonismo”, desse “empoderamento” e até desse

---

<sup>118</sup> “GRAB: cidadania, dignidade e respeito”. Jornalista: Rosângela Villa-Real. In: Boletim Internacional sobre prevenção e assistência à AIDS. No. 46, janeiro-março, 2001. Publicado por Healthlink e ABIA.

“reconhecimento”, entendendo-os como inseridos em uma política orientada pela conquista de direitos que foca na inclusão sem grandes problematizações. É importante questionar ainda quais efeitos são produzidos quando as travestis são colocadas no centro de ações “pensadas por e para elas”. Essa reflexão deve ser feita a partir de diretrizes que ultrapassam as reivindicações próprias e locais. Nesse sentido, me interrogo: elas não passariam de um “empoderamento tutelado” por gays e lésbicas do movimento LGBT para um “empoderamento tutelado” pelos produtores e financiadores de políticas públicas? Esse discurso de inclusão e cidadania não deixaria intocável a estrutura opressiva a que travestis estão sujeitas?

Pelúcio (2009) aponta a Campanha Travesti e Respeito como exemplo de ação inserida na perspectiva de prevenção oficial adotada pelo Programa Nacional DST e Aids que possui uma roupagem de respeito às diversidades ou de tolerância cultural. Ela parte do princípio de que o modelo preventivo adotado pelo Programa se caracteriza por uma “racionalidade técnica” e por “valores normativos universalizantes”, que não são compatíveis com a lógica social das chamadas “populações-alvo”. Abaixo, a autora expõe sua compreensão do que chama de “modelo oficial preventivo”:

Enfim, o que chamo de “modelo oficial preventivo para HIV/aids” é o conjunto de procedimentos e da linha teórica e metodológica adotado pelo *Programa Nacional de Aids*, que se baseia, por sua vez, em discursos formulados no plano internacional e que, ao ser encampado em nível nacional, vem sofrendo adaptações regionais. Este “modelo” pretende responder às questões suscitadas pelo surgimento da aids e suas consequências. Atualmente, os seus mentores acreditam que a prevenção é fundamental como estratégia de combate à aids pois, para a sustentabilidade dos programas de assistência, é preciso que haja uma contenção do aumento de casos via prevenção, viabilizando financeiramente o fornecimento de medicamentos anti-retrovirais, bem como de outros remédios necessários ao combate das chamadas doenças oportunistas (PELÚCIO, 2007, p. 139).

As ações adotadas pelo Programa Nacional de DST e Aids, órgão de referência para o enfrentamento à aids no país, estão inseridas em uma rede de prevenção e assistência para hiv/aids muito mais ampla, que envolve unidades de saúde, instituições governamentais e não governamentais. Entre os organismos internacionais, figura a UNAIDS (Programa Conjunto de Aids das Nações Unidas), que reúne seis órgãos da ONU: a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Banco Mundial.

Esse modelo preventivo oficial do qual fala Pelúcio está inserido em um novo paradigma, o da “prevenção dialogada”, que adota a metodologia da “educação entre

pares” no qual diferentes lógicas se cruzam: a dos idealizadores, dos técnicos e das “populações-alvo”. Nesse processo, que inicialmente se pretende “horizontal”, caberia ao profissional de saúde construir juntamente ao usuário do serviço o seu “fortalecimento”, consolidando a aliança e identificação entre os que concebem as ações, os que executam e os que recebem. Muito mais do que uma mera metodologia, esse modelo de prevenção implica em uma estratégia política que deve, por meio do diálogo, incutir nos indivíduos uma consciência mais crítica sobre os elementos que o deixam em uma condição de “vulnerabilidade”. A autora tece algumas críticas a esse modelo, as quais particularmente concordo, principalmente no que concerne às estratégias intervencionistas que continuam presentes, a partir das quais os grupos visados terão que alterar seus valores e práticas.

A partir da “educação entre os pares” como recurso metodológico de intervenção, as pessoas que trabalham como agentes de intervenção são procuradas entre o próprio grupo identificado como alvo das políticas. Uma vez “capacitadas”, elas estão aptas para fazer o trabalho de intervenção entre “os iguais”. Pelúcio pontua:

A metodologia da “educação entre pares”, teoricamente, driblaria esses constrangimentos, pois a identificação entre agente e clientela proporcionaria uma interação mais horizontal e afinada. Os códigos culturais comuns, partilhados pelas partes, garantiriam a adesão ao sistema das pessoas abordadas. Uma vez que os agentes saberiam como e onde fazê-lo, e orientariam o próprio programa quanto às demandas da clientela (PELÚCIO, 2007, p. 170).

Com relação à Campanha Travesti e respeito, o que por um lado pode parecer uma conquista do movimento brasileiro de travestis, por outro configura-se como uma estratégia de controle por parte do poder público. A escolha por travestis pertencentes ao movimento de travestis e transexuais e de combate à aids para figurarem na apresentação da campanha faz parte do processo de identificação das travestis como vetores da aids, ao mesmo tempo em que pretende criar uma identificação com o público-alvo.

Sobre a eficácia da campanha, cito ainda a pesquisa de Pelúcio. A antropóloga mostrou que muitas travestis com as quais teve contato nem sequer conheciam o material da campanha. Ela resolveu então mostrá-lo, quando passou a ouvir somente comentários sobre a falta de beleza das modelos. Isso se dá porque geralmente as travestis engajadas em movimentos sociais estão com mais de 30 anos e pertencem a uma geração que teve um acesso mais restrito à tecnologia estética, sugerindo que o Programa Nacional de DST/Aids “não conseguiu sensibilizar o público visado, por este não querer parecer com as travestis que posaram para a campanha”.

Quando a campanha foi lançada nacionalmente, em 29 de janeiro de 2004, Janaína já estava bastante doente e não pôde ir à Brasília para participar da cerimônia oficial. Outras duas travestis que participaram da elaboração da campanha já haviam morrido antes mesmo do material gráfico estar pronto, Charla Novi morreu em 11 de dezembro de 2003 e Saara Brightman, do Grupo das travestis de Cuiabá, morreu quando fazia uma aplicação de silicone, também em dezembro de 2003.

Em 16 de fevereiro de 2004, doze dias depois da morte de Janaína, a campanha foi lançada no Ceará. A solenidade de abertura aconteceu na sede da ATRAC, momento em que foi apresentado o material da campanha que seria distribuído. Nesse mesmo dia Tina Rodrigues foi empossada como a nova presidenta da ATRAC, assumindo o lugar de Janaína, que ainda ficaria no cargo até o mês de novembro do mesmo ano<sup>119</sup>. Nessa cerimônia Janaína foi homenageada não só como a representante do Ceará e pela contribuição na elaboração da Campanha, mas também, foi lembrada pelo seu trabalho no movimento LGBT do estado e nacionalmente<sup>120</sup>.

O foco na Campanha Travesti e Respeito continuou presente nas ações da ATRAC mesmo depois da morte de Janaína e posse de Tina na presidência<sup>121</sup>. Em 31 de março de 2004 foi publicada no *Diário do Nordeste* a notícia *Travestis iniciam campanha para acabar com preconceito*, na qual Tina fala sobre a continuidade do trabalho de defesa dos direitos das travestis iniciado por Janaína. Nesse sentido, informou que a associação realizava trabalhos de incentivo ao respeito e a profissionalização de travestis (entendida como alternativa à prostituição), oficinas de sexo seguro e prevenção às dst e palestras em instituições para abordar os temas<sup>122</sup>.

É possível perceber, então, que a Campanha representa uma marco nas políticas governamentais voltadas às travestis. Pode representar, para alguns setores do movimento LGBT, uma consolidação de políticas de reconhecimento, mas também

---

<sup>119</sup> De acordo com o estatuto da ATRAC os mandatos de presidência tem duração de três anos. Janaína foi a primeira presidente, desde a fundação em 2001 e Tina, a vice-presidente.

<sup>120</sup> Campanha nacional de respeito a travestis é lançada no Ceará. *Diário do Nordeste* (CE). Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/campanha-nacional-de-respeito-travestis-e-lancada-no-ceara>. Acesso em: 05 de fev. de 2012.

<sup>121</sup> Acredito que isso não tenha acontecido somente na ATRAC. Durante o ano de 2005, a ATRAMA – Associação de Travestis e Transexuais do Maranhão, no momento presidida pela Sabrina Drumond, apresentava a Campanha Travesti e Respeito como o foco dos trabalhos da associação (SAMPAIO, 2006).

<sup>122</sup> *Travestis iniciam campanha para acabar com preconceito*. 31 de março de 2004. *Diário do Nordeste* (CE). Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/travestis-iniciam-campanha-para-acabar-com-preconceito>. Acesso em: 05 de fev. de 2012.

funciona como uma forma de afastar as travestis de estigmas da marginalidade, da prostituição. A fala da ativista sergipana Tathiane Araújo ilustra bem isso:

Ninguém vai negar que foi um marco histórico, assim, pra uma comunidade que é só vista pra ser da noite, pra ser da esquina, pra ser do gueto... tá ocupando um espaço de visibilidade assim, de política nacional, o Congresso...né? [...] aquela campanha, foi a primeira campanha governamental assim... direcionada pra comunidade travesti...[...] uma campanha pra aquele momento até mesmo que ajudou a consolidar o movimento das travestis... (Tathiane em entrevista para CHEQUER, 2010).

Tanto o Projeto Tulipa como a Campanha Travesti e Respeito são ações do movimento de travestis nas quais Janaína teve grande participação. Elas são apontadas recorrentemente nos discursos sobre a experiência de Janaína, compondo as narrativas do pioneirismo, pois são tidas como inovadoras no tocante a ações desenvolvidas para efetivação de direitos das travestis.

Ficam os questionamento sobre qual o modelo de sociedade Janaína almejava, bem como o de militância. Apesar dela ter sido, pessoalmente, bastante questionadora, assumia publicamente um discurso mais institucionalizado, dialogando com exigências do período. Assim vimos como ela vai sendo marcada, moldada pela heteronorma, não como uma estrutura que a conduz, mas apresentada como um ser suscetível, preso nas amarras do discurso, que buscava brechas dentro dele para questionar e se tornar habitável, buscando ampliar para as demais. Formação do paradoxo, da ambivalência.

## CAPÍTULO 4: Narrativas sobre uma vida



*Na sociedade, quando você esbarra nas relações sociais, há uma divisão de cidadãos de 1º e 2º categoria. E nós somos arremeados na 2º categoria, os homossexuais, as travestis, bem como os negros, os favelados e tudo aquilo que foge do padrão heterossexista dessa sociedade. [...]. A sociedade ainda vê a travesti como a bagaceira, a perigosa, como a violenta. [...] A gente observa também que o preconceito é cumulativo. Você sofre preconceito por ser homossexual, você sofre mais preconceito por ser travesti. O preconceito aumenta quando você tem a pele negra. Aumenta mais ainda quando você é soropositiva. Aumenta mais ainda quando você mora numa favela. Aumenta mais ainda quando você não tem a conclusão do ensino fundamental. Então todos esses conjuntos de demandas que fazem as travestis serem postas nessa categoria, na 2º categoria citada. Isso talvez seja o elemento carregador das minhas baterias para ir em frente e tentar vencer os desafios que me são impostos como afirmação. E a gente tem que ter uma compreensão de que a sociedade não está preparada para a diversidade. Então nós, enquanto travestis e transgêneros, estamos fazendo parte do processo de construção dessa sociedade para que possa, a médio e longo prazo, ter revertido todo esse peso que a sociedade nos impõe (Janaína Dutra).*

Na análise dos materiais que abordam a experiência de Janaína, *Mrs. Janaina*, "Eu sou aquilo que seus olhos vêem" (CAVALCANTI e LOPES, 2008), *Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza*, (CARVALHO, MARQUES e LOURENÇO, 2010) e *Janaina Dutra: Uma dama de Ferro* (ALMEIDA, 2011), busco perceber como se deram as construções narrativas, chamando atenção para a questão de quem são os agentes produtores, os usuários e objetivo das produções. O foco repousa na produção discursiva elaborada em torno da experiência e da imagem pública de Janaína.

Essa abordagem possui influência da análise de conteúdo, a qual considera o filme como um relato, levando em consideração o seu tema e o que ele diz sobre o tema. No caso, os documentários abordaram a biografia de Janaína ou partes dela, cada um com recortes específicos. Essas narrativas nos leva a refletir sobre as maneiras de construção de personagens públicos, os elementos destacados para conferir destaque a determinada pessoa, as normas de gênero e construções de linearidade e coerência para os sujeitos retratados.

Sobre os tipos de materiais analisados, documentários e curta-metragem, os entendo como uma produção visual que constrói uma realidade social, um instrumento que produz concepções e/ou representações sobre sujeitos e relações sociais de maneira não neutra ou objetiva, por meio de montagens, seleção de cenas, de falas e de momentos que conduzem os *usuários* (BECKER, 2009) a concluir a versão selecionada. Nesse sentido, não busco encontrar a "verdade" nesses materiais, pois entendo que nessa modalidade de produção podemos nos deter na variação das técnicas de filmagem, desvelar as motivações constitutivas das narrativas ou o contexto de sua produção para que tenhamos outras possibilidades de interpretações e sugerir mais debates. Analiso os discursos ali produzidos como tecnologia de produção de sujeitos e de gênero:

A construção do gênero [...] continua a ocorrer não só onde se espera que aconteça – na mídia, nas escolas públicas e particulares, nos tribunais, na família nuclear, extensa ou monoparental [...]. A construção do gênero também se faz, embora de forma menos óbvia, na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais, e até mesmo, de forma bastante marcada, no feminismo (LAURETIS, 1994, p. 209).

Recursos como as produções cinematográficas aqui citadas encaixam-se como modos de produção de Janaína: a travesti militante, combativa, seu nascimento e percurso de vida e morte construídas como cenas nas quais se projetam elaborações de continuidade, com ares de excepcionalidade a partir de componentes dos acontecimentos ditos *reais* e histórico-políticos.



## **A senhora: o curta-metragem *Mrs. Janaína. Eu sou aquilo que seus olhos veem***

O Curta-metragem *Mrs. Janaína. "Eu sou aquilo que seus olhos veem"*, de Cavalcanti e Lopes, possui nove minutos e foi produzido em 2008, quando também foi apresentado no 16º Mix Brasil – Festival de Cinema da Diversidade Sexual. No título Janaína é retratada como uma senhora por meio do pronome de tratamento Mrs, abreviatura de senhora na língua inglesa. Esse tratamento, de imediato, faz com que relacionemos sua imagem à de uma mulher distinta, respeitável. O subtítulo, porém, uma frase da própria Janaína, “Eu sou aquilo que seus olhos veem”, desconstrói essa ideia normativa, padronizada de feminilidade, bem como o conteúdo do filme, que mostra Janaína questionando os padrões de gênero de forma bastante reflexiva. Isso faz com que esse material seja o mais subversivo dos três analisados, o mais questionador. Ele tem sua narrativa assentada na imagem de Janaína militante, já reconhecida no cenário nacional e estabelecida nas instâncias decisivas do movimento de travestis e transexuais brasileiro.

A sinopse do curta anuncia a intenção do material: um “manifesto político em defesa da livre expressão sexual” a partir de um discurso de Janaína no qual ela fala sobre “desejo, orientação sexual e androginia” numa de suas últimas declarações públicas<sup>123</sup>. Ainda nessa descrição, são repetidos os marcos institucionalizados da vida de Janaína, sua origem nordestina, o pioneirismo na advocacia, o ativismo na luta por direitos humanos. A flexão de gênero usada para se referir a Janaína não é unificada, ora se referem a ela como “a advogada”, “a ativista”, ora como “o travesti”.

Do início ao fim, o curta centra-se em uma declaração e na imagem de Janaína, que aparece modificada por meio de efeitos especiais, reforçando as concepções de indefinição e androginia presentes em sua fala e no tom da narrativa do vídeo. Se ela é *aquilo que os olhos dos outros veem*, o que a imagem editada no curta mostra é indefinição, mancha, borrão, deslocamentos, com cores vivas, como mostrado abaixo..

---

<sup>123</sup> Apesar do curta-metragem datar o ano de 2008, ele foi filmado em 2003, pouco antes de Janaína morrer.

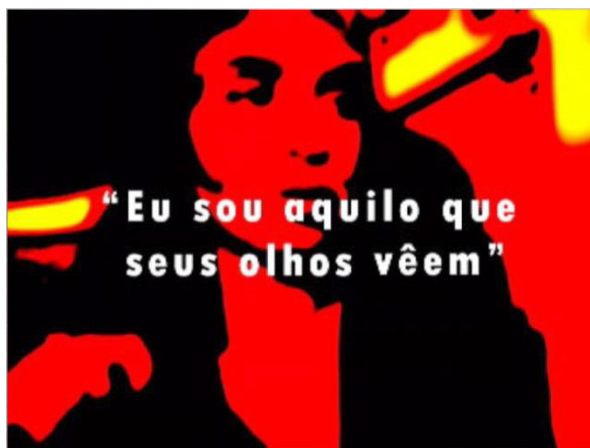


Imagem: Cena do curta-metragem *Mrs. Janaina. Eu sou aquilo que seus olhos veem.*

O manifesto político em defesa da livre expressão sexual de Janaina, como foi definida sua fala no curta-metragem, aborda temas como: normas de gênero, sexualidade, desejo, identidade, travestilidade, envolvimento amorosos, práticas sexuais, relações familiares, preconceito, advocacia:

*A minha sexualidade, assim, ela sempre foi exercida de uma maneira muito livre, né? Muito, muito, é, descomprometida porque já não tinha envolvimento profissional. Era uma coisa mesmo da libido, do próprio prazer. E a coisa começou a fluir melhor quando eu encontrei a minha identidade como travesti. Assim, o ponto de equilíbrio tá justamente nessa tentativa de união do macho e da fêmea num corpo só, né? E assim, e esse prazer foi multiplicado porque as travestis vivem a bissexualidade dentro da sua homossexualidade. E a questão dos papéis sexuais, de dar e comer, ser penetrado e penetrar. Então assim, em poder ter maior possibilidade do coito, né? E essa possibilidade maior é que me trouxe um equilíbrio maior para vivenciar a minha própria sexualidade, né? Eu já tinha me formado. Exercia a advocacia como um gayzinho, mas, assim, a partir do momento que eu chutei o pau da barraca, que eu comecei a deixar o cabelo crescer e botar peito, embora eu tenha tido uma, uma discriminação e uma violência da sociedade em relação a mim, na questão pessoal houve um equilíbrio maior porque eu acho que eu tinha me descoberto como existencial e como um ser de prazer mesmo. **O meu equilíbrio tá na vivência da minha travestilidade.** O meu processo de transformação já foi mais diferenciado das outras travestis. Geralmente elas se travestem muito na adolescência, começam a tomar hormônio, silicone e coisas do tipo. Eu já tinha passado por um banco de faculdade, sempre tive minha sexualidade bem resolvida, me assumi como um homossexual, mas, assim, tava indo tudo bem profissionalmente, mas pessoalmente faltava essa história do namoro seu com o espelho. Então essa necessidade de botar peito, deixar cabelo grande, de fazer vivenciar a sua identidade feminina. E na época eu tinha um namorado e achava que eu tava fazendo isso pra agradar ele, mas no fundo, no fundo, eu era a grande homenageada porque através dessa tentativa de agradá-lo é que eu me descobri como pessoa, como vivência, como sensação, não é? É tanto assim que o tempo passa, ele passou na minha vida, mas a maneira de me vestir como mulher, de me sentir travesti, ficou. Então, ele só era o alvo de agrado, mas a grande realização é minha, é pessoal mesmo. Então assim, eu sou muito bem resolvida com a minha sexualidade, eu me aceito como homossexual numa boa. Apesar de que as pessoas acham que isso é opção. Isso não é opção. Isso é orientação sexual porque a opção te dá uma chance de escolha, de duas escolhas ou várias escolhas. Se fosse pra optar, você optaria por uma coisa que fosse mais light, menos preconceituosa, menos*

*discriminadora, não é? Então eu acho que assim, a partir do momento que você se impõe, mesmo com toda androginia em busca de sua felicidade eu acho que você tá dando um grande passo pra se encontrar. **Eu aceito muito bem a minha bissexualidade**, mas se fosse pra escolher, eu queria ser pansexual. Eu queria ter prazeres com homens, com mulheres, papagaio, é, é, aspirador de pó, tudo aquilo que se movesse e pudesse me dar prazer. Eu acho que o prazer, ele deve ser feito com proteção e da forma mais ampla possível porque as pessoas se limitam muito sexualmente, fazem do sexo como uma partida de futebol: ‘não, eu só como’, ‘eu só dou’, ‘eu só faço isso’. E as pessoas são reações químicas. Primeiro você tem que agradar com o cheiro e tem homens que você tem vontade de comê-los, tem homens que você tem vontade de felá-los, de dar pra eles. Então, assim, eu acho que você tem que tá aberta para o sexo, né? E se dar a medida que se recebe também, numa forma de carinho, uma forma mais light. Eu não sou muito chegada a sadomasoquismo não, entendeu? Essa história de apanhar pra dar, de ter que bater pra comer não combina muito não comigo. Eu sou meio careta. Para isso eu sou mais umas cafungadas no pé do pescoço, uns beijos demorados que as coisas dilatam mais naturalmente do que a coisa na força bruta. Eu, assim, a partir do momento que eu comecei a me assumir como travesti, no começo dos anos noventa, eu tinha um escritório no centro da cidade de Fortaleza, tava tudo muito bem financeiramente, mas **sentia aquela necessidade pessoal de me encontrar, de um namoro com o espelho**, como eu tinha falado. E talvez por ter uma família que me apoiasse, que, quando eu comecei a me hormonizar, deixar cabelo crescer, querer botar prótese, em vez de ter uma rejeição familiar, teve um apoio deles. Se eles pudessem, o meu pai e a minha mãe, tinham criado uma redoma de vidro e me botado dentro pra não me chegar nenhuma chateação, nenhuma palavra de desabono. E assim, eu acho que talvez isso foi que me fez enveredar para a militância. Como advogado eu sou um profissional liberal, você trabalha com a imagem. E numa capital machista como Fortaleza, é muito mais fácil você contratar um advogado que fale grosso, que tenha bigode, que coce o saco de que uma metamorfose ambulante, do que esse objeto não identificado, que quando você olha diz: É um homem? É uma mulher? É uma sereia? É um tubarão? É um macho? É uma fêmea? E, o que faz eu me sentir bem com a minha travestilidade é essa androginia que eu passo para as pessoas, de ser uma metamorfose ambulante, de não ter um contexto, uma definição. Eu sou aquilo que seus olhos veem. Eu sou Janaína Dutra, presidente da ATRAC, Associação de Travestis do Estado do Ceará, presidente da ANTRA, Articulação Nacional de Transgêneros, que congrega as associações de travestis e transexuais do país inteiro. Sou assessora jurídica do Grupo de Resistência Asa Branca, o GRAB, né? Atuo como advogada no projeto Direito e Cidadania que é uma parceria com o CAJU, Centro de Assistência e Jurisprudência da Universidade do Ceará, do curso de Direito que tem o patrocínio do Ministério da Justiça. E também sou secretaria adjunta de direitos humanos da AGBT, da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis.*

À medida que o vídeo se centra na fala de Janaína, aparentemente proferida sem roteiros pré-estabelecidos, ele propõe constituir-se como um manifesto, uma denúncia política acerca de questões sociais que envolvem a produção da travestilidade em meandros heteronormativos, situando produção de fronteiras entre identidades, desigualdades e discriminações. A produção dessa narrativa constrói uma determinada “realidade”, por meio da sinopse, do título, da edição das imagens, de cortes no relato e da descrição da trajetória feita pelos produtores, assentada na construção de Janaína como alguém com grande potencial revolucionário, transformador e até heroico, que

fala e vive a subversão, que desconstrói normas ao não se encaixar nos padrões de gênero, que vive sua sexualidade livremente, que não se nomeia.

Concordo com o argumento de Marcos Silva (2012) quando ressalta o potencial político do manifesto que parece desafiar as narrativas tradicionais do campo jurídico e do ativismo. Para ele, a fala de Janaína é um exemplar de discursos conciliadores e de clamor por aceitação, mas também de discursos desafiadores às lógicas da inclusão. A experiência de Janaína seria de descentramento, uma vez que reivindica falar a partir de um lugar que não precisa “ter um contexto, uma definição” e que se serve das próprias ambiguidades.

Alguns trechos do curta passaram a ser reproduzidos em eventos do movimento LGBT como exemplares do potencial revolucionário da experiência de Janaína, em especial a passagem em que ela fala que é uma “metamorfose ambulante”, chamando atenção para aspectos da androginia como centrais na experiência da travestilidade, vide o exemplo de Keila Simpson que o citou em um artigo (2011).

A fala de Janaína ali expressa é repleta de elementos significativos, concepções da sua própria experiência. Um desses elementos aparece quando diz de sua intenção em não buscar o enquadramento a uma orientação sexual. Enquadramento este pressuposto como a inserção normativa em um “sexo verdadeiro”, aquele cujas asserções de Foucault (1984a) remetem à história da sexualidade, à busca de um saber/poder sobre sujeitos designados como sujeitos de desejo, sujeito constituído e constituidor da heterossexualidade compulsória, que consagraria a noção de verdadeiro sexo, o que também, se expressa, de certo modo, na acepção de Butler (2003), quando destaca o conceito de *gênero culturalmente inteligível*, a produção social de linearidade entre as instâncias de sexo, gênero, desejo e práticas sexuais, que constitui a *normalidade e a legitimidade das condutas*, no âmbito da heteronormatividade.

Janaína ora falava que era bissexual, ora que era homossexual. Quando ela dizia que era homossexual, parece que se remetia a um aspecto da masculinidade que nunca abandonou por completo, mesmo depois de iniciado seu processo de travestilidade. Desta maneira, levando em consideração a representação de masculinidade, ao manter relações afetivo-sexuais com homens, a representação da homossexualidade permanecia presente. Quando dizia que era bissexual, talvez estivesse considerando aspectos do que considerava como sua feminilidade, fazendo com que ela se sentisse em uma relação heterossexual quando se envolvia com homens. O que varia, nessa concepção, é apenas o sentir-se mais relacionada ao polo masculino ou ao feminino, ou até mesmo aos dois e

nunca ao objeto do desejo e aos parceiros sexuais, que, tudo indica, sempre eram homens.

Por mais que ela fale que a sexualidade não deveria ser limitada e que as pessoas deveriam ser abertas para o sexo, o objeto do seu desejo aparece como algo inflexível em seu discurso, no âmbito pessoal. Com relação às possibilidades de vivenciar a sexualidade, ela dizia que “se fosse possível escolher”, seria pansexual, queria “*ter prazeres com homens, com mulheres, papagaio, aspirador de pó, tudo aquilo que se movesse e pudesse me dar prazer*”. A fala de Janaína: “*As travestis vivem a bissexualidade dentro da sua homossexualidade*” parte da concepção de que a travestilidade está relacionada à androginia, que a travesti “*carrega o macho e a fêmea no corpo*”, que elas, ao se relacionarem com homens seriam homossexuais, mas que por vivenciarem a feminilidade também seriam bissexuais. Para ela, “*o ponto de equilíbrio está justamente nessa tentativa de união do macho e da fêmea num corpo só*”.

Em seu discurso, Janaína desestabiliza algumas noções que compõem o sistema de gênero normativo, como a oposição entre atividade/passividade que corresponde àquele parceiro “que come” e aquele “que dá” durante a relação sexual, o que Fry (1982) nomeou de *modelo hierárquico* para classificar as relações homossexuais assentadas na correspondência feminilidade/masculinidade. Nesse sentido, Janaína reivindica uma multiplicidade de práticas e uma quebra dos limites estabelecidos como elementos que, segundo ela própria, equilibrariam a sua vivência da sexualidade. Mas, o seu equilíbrio maior teria vindo com a vivência da travestilidade, com as transformações corporais, quando ela “chutou o pau da barraca” e começou a deixar o cabelo crescer, a botar peito, a se hormonizar. Então, teria se sentido plenamente satisfeita, como “um ser existencial e um ser de prazer”, se descobriu “como pessoa, como vivência e como sensação”. A travestilidade passou a ser, a partir de então, seu ponto de referência. Em outro momento, ela usa a expressão “vivência da identidade feminina”, mas continua dizendo que, ao se vestir como mulher, ela se sente travesti.

Ainda sobre sua experiência, Janaína diz que quando era um “gayzinho”<sup>124</sup> e advogava sentia que estava incompleta, tendo necessidade de se encontrar. Talvez, ela disse, a travestilidade tenha a feito enveredar para a militância e a afastado da advocacia. Ressalta que sua cidade era muito machista. Então, considerava que sua imagem ambígua afastava clientes, que preferiam contratar um advogado másculo. Essa

<sup>124</sup> Entre travestis é comum se referirem ao período pré-transformação como uma fase em que eram gays, gayzinhos, viadinhos, mariquinhas, bichinhas, homossexuais.

mesma androginia que a afastou da profissão, a conferiu plenitude existencial. Ela não titubeou nessa escolha e a militância se apresentou como um espaço possível de atuação.

A ideia de pensar a travestilidade a partir da união do macho e da fêmea é influenciada pelas categorias normativas de homem – mulher, que são as categorias que possivelmente se mostraram mais disponíveis para Janaína resumir o potencial indefinido, complexo, andrógino e bissexual da travestilidade. Desse modo, ainda quando se remete à possibilidade de constituir-se como um ser indefinido, as marcas, traços do sujeito do gênero, estão presentes, reiterando, muitas vezes, a polaridade dessas mesmas referências normativas.

Este curta-metragem mostra parte desse embate, oferece um discurso reflexivo e politizado de Janaína, mas que sutilmente desliza em busca de reconhecimento, de inclusão e aceitação, perceptível no recurso aos marcos institucionalizados no final da fala de Janaína, utilizados para conferir legitimidade à sua experiência.

### **O ícone: o documentário *Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza***

O documentário *Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza* tem roteiro, direção e imagem de Carvalho, Marques e Lourenço. É resultado de trabalho de conclusão de curso de graduação em Jornalismo da Faculdade Cearense – FAC, apresentado em 2010. O material aborda o tema da travestilidade no Ceará, com uma parte dedicada a Janaína, com o título: *Janaína, ícone do movimento LGBTT*, já indicando um enfoque na sua militância.

A centralidade que Janaína ganha em determinado momento se sobressai nesse material, se configurando como a travesti que mereceu maior destaque na abordagem, tendo um capítulo inteiro dedicado ao seu ativismo. Isso mostra como a imagem de Janaína é forte no Ceará, sendo representativa em relação às experiências de outras travestis. É a experiência que merece ser contada, destacada, ressaltada, lembrada e homenageada. Enfim, ela é produzida como a travesti ícone do seu Estado.

Nos depoimentos, as pessoas relatam apenas aspectos “positivos” sobre Janaína. Emocionam-se ao lembrar dela, lamentam sua ausência, rememoram momentos marcantes e recorrem aos marcos elencados para ancorar sua experiência, ressaltando o

maior deles: o pioneirismo na advocacia. As imagens de Janaína exibidas no material são de participações em eventos, falas ao microfone, de trabalhos realizados no ativismo e de homenagens póstumas, como o auditório que recebeu seu nome na sede do GRAB. Aparece sempre ativa, firme, séria, como mostra a imagem abaixo. Em consonância com os depoimentos, essas imagens constroem a ideia de Janaína como um ícone do movimento LGBT, reforçando, desta maneira, as narrativas de edificação do ícone.



Imagem: Janaína participando de eventos do movimento. Imagem do documentário *Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza*.

Com exceção de Silvero Pereira<sup>125</sup>, nesse documentário as pessoas que falam sobre Janaína estiveram, de alguma forma, vinculadas ao seu ativismo, dando legitimidade ao discurso a partir do lugar que ocupam, também como militantes. A primeira delas é a travesti Tina Rodrigues, que assumiu a presidência da ATRAC depois da morte de Janaína. Ela se emociona, recorre aos marcos da experiência de Janaína, a características pessoais, ao ativismo para lamentar a ausência:

*Falar da Janaína Dutra é muito sério. Ela foi uma pioneira, ela foi uma advogada, uma vencedora, uma guerreira. Falar dela, eu fico emocionada sempre. Eu não tenho palavras pra ela. Ela era uma pessoa inteligente. Não sei, tudo de bom ela foi! Às vezes eu fico com muita falta dela, ela era sempre... lutava pelos nossos direitos, pelos direitos dos homossexuais, pelos direitos das lésbicas. Ela era uma pessoa, como se diz, um shopping center, ela cuidava e lutava pelos direitos de todos. Então, eu vim substituí-la, porque ela era a presidente e eu era a vice. Com o falecimento dela eu fui a presidente e lutei e tô lutando ainda.*

Enquanto Tina fala, algumas imagens passeiam pela tela, como a matéria de jornal com o já referido texto do Mott, *Requiem para Janaína*, reiterando o quanto essa narrativa de homenagem circulou. Silvero Pereira é o próximo a falar. Em seu discurso, ele não menciona nenhum fato específico envolvendo Janaína, apenas repete o que é constantemente apontado, reproduzindo a narrativa de enaltecimento. A atuação de

<sup>125</sup> Ator, diretor e dramaturgo cearense.

Janaína, o pioneirismo e os enfrentamentos encampados por ela trouxeram uma maior compreensão para aqueles que vivenciam a travestilidade, diz ele:

*Ela foi a primeira transexual advogada daqui do Ceará e que lutou muito pelos direitos e tinha uma briga muito forte em ser aceita dentro da OAB, dentro do espaço em que ela frequentava e em poder se vestir de mulher onde ela fosse trabalhar. Mas o que mudou, principalmente, ao longo de tudo isso foi o sentimento de que somos pessoas, somos seres humanos, independente de suas escolhas, independente do seu desejo, independente do que se pensa em fazer somos iguais, certo? E o que vale a pena é ser feliz, é lutar pela felicidade, independente do time que torce, da religião que frequenta, enfim, do eixo em que você se encontra, do estado, da classe social em que você se encontra. Enfim, o que importa é nos tratarem como seres humanos que estão à procura da felicidade. O que importa é ser feliz.*

Continuam aparecendo imagens na tela contendo elementos da atuação de Janaína, como o jornal produzido pela ATRAC em setembro de 2001, sob a direção de Janaína, intitulado *Passando batom: construindo cidadania*. O título se remete à feminilidade, inserida em uma perspectiva de conquista de cidadania para pessoas trans. Na foto, as travestis da ATRAC seguram a bandeira do GRAB, demonstrando que o grupo de travestis mantinha forte vinculação ao grupo de homossexuais. Alguns membros do GRAB também aparecem na foto. Essa foi a única edição do jornal.



Imagem: Jornal elaborado pela ATRAC, sob a organização de Janaína, *Passando batom: construindo cidadania*. Imagem do documentário *Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza*. Janaína aparece na fileira de trás, a segunda da esquerda para a direita.

Orlaneudo, que também participou do documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro*, fornece sua narrativa no documentário ora em análise:

*Na verdade a Janaína, eu conheci como Jaime Dutra e ela passou a ser Janaína já depois que foi formada enfim, já tava numa situação bastante, já com idade bastante considerada. E ela, mesmo assim, ela aproveitou muito esse tempo que ela foi Janaína. Ela foi reconhecida a nível nacional como uma das grandes militâncias, a única travesti do Brasil com carteira da OAB. E eu tive momentos muito felizes com Janaína, de muito aprendizado. Eu tinha muito medo de travesti e por ironia do destino eu acabei em uma associação, no GRAB, que veio cuidar dessa questão e aí eu lembro que nessa época quando eu cheguei, eu estudava numa escola aqui e, 86 e ao sair do*



*colégio a noite eu ia passando pela Duque de Caxias e vi os tiros e aí quando eu passei na Duque de Caxias era uma travesti que tinha matado o seu companheiro porque esse cara extorquia muito ela. E aí o pessoal apavorado dizendo: “olha, foi uma travesti que matou”. E eu sai correndo tanto, que eu morava no Montese, e eu sai correndo em busca do Montese, de casa. E aí passou-se. Dez anos depois, eu no GRAB, fui para o julgamento dessa travesti e a grande defensora dela foi Janaína que era uma outra travesti advogada. E essa travesti, ela foi absolvida e eu estava exatamente no julgamento dela, assistindo toda a história do assassinato, como ela fez, porque que ela praticou aquele crime e eu lembrando como eu tinha medo e a situação que eu passei. Então foi um momento assim que muito marcou minha vida foi estar com Janaína, ela de travesti, advogada. Eu quase morro de medo quando eu soube que tinha sido essa travesti que tinha matado. A outra foi numa audiência pública que teve na Assembleia Legislativa com todo o comando da polícia militar do Ceará e aí eu fui com Janaína. E aí a gente entrou na Assembleia Legislativa, quando a gente entrou, Janaína. Todos os policiais, que eram cerca de mais de 500 policiais, se levantaram e ficaram olhando Janaína entrar na Assembleia e depois falar. Eles aplaudiram Janaína de pé. Então, foram cenas que eu vivenciei e muito marcaram a minha vida.*

A participação de Orlaneudo traz um relato de mais intimidade com Janaína, apontando ocasiões vivenciadas em conjunto, segundo ele, momentos de felicidade e de aprendizagem. Ele repete a mesma história que me foi narrada em entrevista e que muito o marcou: o primeiro contato com a travestilidade, quando sentiu medo e pânico e a posterior desconstrução dessa concepção no ativismo, quando conviveu com Janaína. Na fala dele está presente também a dicotomia rígida entre masculinidade e feminilidade, quando diz que conheceu primeiro o Jaime, antes da transformação em Janaína. Por mais que seja um relato mais pessoal, ele não deixa de repetir os marcos enaltecidos da experiência dela, como o reconhecimento nacional por ter sido a única travesti do Brasil com carteira da OAB.

O documentário finaliza, como os demais, apresentando “a importância de Janaína”, como uma forma de justificar o destaque dado a ela na narrativa: nascimento marcado pela masculinidade atribuída e posterior reivindicação do feminino, falecimento, pioneirismo.

Como já foi visto, é muito comum nos relatos mais públicos essa descrição de Janaína, bem como a reiteração da dicotomia de gênero masculino/feminino, Jaime/Janaína. Essa narrativa também aponta a Lei Municipal de combate à homofobia que recebeu o nome Janaína Dutra, como uma maneira de destacar a produção de Janaína como um símbolo de ativismo político e luta pelo combate à discriminação na sociedade, em Fortaleza, e as homenagens que lhe são rendidas ainda na atualidade.

Segundo Butler, “o raciocínio fundacionista da política da identidade tende a supor que primeiro é preciso haver uma identidade, para que os interesses políticos possam ser elaborados e, subsequentemente empreendida a ação política (BUTLER,

2003, p. 205). Desse modo, a política de identidade, adquire consistência na configuração de um sujeito representativo, que reuniria os traços comuns à identidade da travesti, como é o caso da constituição de Janaína como esse sujeito exemplar da ação política. Retomando, ainda, algumas asserções de Butler, destaco a fundação dessa identidade como um pressuposto de haver uma base universal sob a qual, em diferentes culturas e posições de classe social, marcadores raciais, regionais, éticos, etc., esse sujeito se constitui como representativo dos demais, com o qual podemos perceber as possíveis falhas e exclusões que possam vir a limitar e, mesmo, prejudicar a própria ação política e os efeitos que se desejaria obter, especialmente quando o que está em questão é a abjeção de sujeitos que, discursivamente, foram colocados às margens da constituição da heterossexualidade compulsória.

### **A dama: o documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro***

O documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* foi produzido em 2011, com direção de Almeida e produção do GRAB, contando com cinquenta minutos de duração. Dos três materiais analisados, é o mais abrangente em termos de traços biográficos e também o que teve maior divulgação e alcance, pois o curta-metragem circulou em meios culturais muito limitados e o documentário acima narrado ficou praticamente restrito ao meio acadêmico. Sobre a estrutura narrativa referente ao formato da história contada, ela está baseada em uma linearidade composta por começo, meio e fim correspondente ao nascimento, vida e morte. As imagens, cenários, sequências de cenas, fotografias, participantes (familiares, amigos, colegas de trabalho), depoimentos, trilha sonora e demais elementos do material compõem essa linearidade e coerência na trajetória e ajudam a construir a mensagem transmitida: a de Janaína como uma pessoa singular, única, protagonista, excepcional. Pela sinopse do documentário, já temos uma pequena amostra de como Janaína será retratada, como “um ser para lá de humano, divinizado e profano”<sup>126</sup>.

O documentário inicia com a imagem de um lugar com vegetação seca, apresentando uma marcação forte que irá perpassar todo o vídeo: a origem nordestina de Janaína. Segundos depois, começa um barulho de chuva acompanhado de trovões e a imagem da seca cede lugar a um céu nublado. O foco da câmera fecha em gotas d'água.

---

<sup>126</sup> Já transcrito no capítulo 2, no tópico *Um ser para lá de humano*.

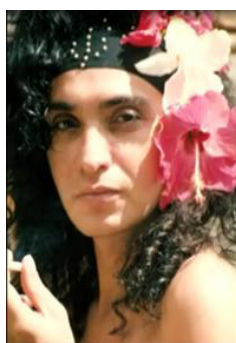
Um fundo escuro surge com o nome de Janaína Dutra Sampaio e os anos de nascimento e morte (1960-2004). Elementos regionais referentes ao Nordeste, centralmente a seca, são recorrentes ao longo do material. Considero que essa marcação regional, além de expressar a origem de Janaína, pode eventualmente cair no risco de fortalecer hierarquias historicamente vinculadas à região. A imagem inicial da chuva no sertão parece ser uma metáfora para o surgimento de Janaína no Nordeste como uma raridade, uma excepcionalidade, visto ser um lugar considerado conservador.

Janaína, ao ser uma travesti nordestina, questionaria aqueles valores presentes na região, tanto com seu ativismo, seu enfrentamento em área profissional rígida quanto aos códigos, como com sua própria experiência de gênero ao ir na contramão dos padrões heteronormativos de masculinidade.

Dando sequência à sua narração, Mirtes, ativista dos direitos humanos, sentada em um banco em frente ao hospital em que Janaína faleceu, começa falando sobre o último dia de vida de Janaína. Segundo ela, a tarde de sua morte foi chuvosa. Talvez a imagem da chuva na cena que antecede faça referência a esse dia. A música interpretada por Maria Bethânia, intitulada *Invocação*, é o pano de fundo que confere dramaticidade à cena. Em seguida, aparece um poema de Ulisses de Tavares<sup>127</sup>, um dos favoritos de Janaína, como forma de apresentar características que Janaína possuía, a sensibilidade poética. Os elementos contidos no poema também demonstram questionamentos das normas de gênero e o poder dilacerante que possuem no regimento da vida dos sujeitos:

*Nos ensinaram a carregar hasteada a frente a bandeira do pênis.  
Nos ensinaram a carregar atrás um ânus com armadura.  
Nos ensinaram assim a carregar meia vida à frente e meia morte atrás.*

Em seguida aparecem fotos de Janaína antes das transformações corporais, de cabelos curtos e roupas tidas como masculinas, dando espaço a outras em que ela aparece usando maquiagem e cabelos longos, transmitindo uma ideia de transição do masculino para o feminino.



<sup>127</sup> No documentário, o poema é atribuído erroneamente a Glauco Matoso.

As imagens passam por efeitos especiais, caem pétalas de flores (elementos relacionadas à feminilidade), seu corpo arredondado e semi-nu é revelado. No canto direito da foto, em direção à genitália, figura um pênis de borracha, significando, possivelmente, que aquele membro não pertence mais àquele corpo.



Imagem do documentário Janaína Dutra: uma dama de ferro (ALMEIDA, 2011).

Outra foto dá sequência, Janaína com vestimenta tida como feminina: vestido, sandália de salto alto, luvas, em pose sensual. Essa imagem não é narrada verbalmente, vem acompanhada apenas da trilha sonora, entoada por Bethânia e composta por Chico César, sugerindo a ideia de indefinição sexual e símbolos religiosos:

*Deus dos sem deuses,  
Deus do céu sem Deus  
Deus dos ateus  
Rogo a ti cem vezes  
Responde quem és?*

*Serás Deus ou Deusa?  
Que sexo terás?  
Mostra teu dedo, tua língua, tua face  
Deus dos sem deuses.*

A fala do narrador só começa na cena posterior, partindo do ano de nascimento de Janaína, de imagens antigas, em preto e branco, da cidade de Canindé. Aparecem novamente imagens da vegetação seca e fotos panorâmicas da cidade, com a basílica ao centro, chamando atenção para a religiosidade da cidade cujo padroeiro é São Francisco. Mostra a certidão de nascimento de Janaína, com o nome Jaime César Dutra Sampaio. Fotos de Janaína, dos irmãos ainda crianças, todos juntos com a mãe tomando banho em um rio, sugerindo uma mensagem de infância simples e feliz. A seguir, uma imagem de São Francisco, intercalando com as de Janaína quando criança com um campo atrás. As imagens desse momento aparecem de forma a introduzir o espectador, localizando Janaína em sua origem regional, familiar e religiosa. É o começo da história contada.

A sequência de fotos dá lugar a gravações na casa de Dargenira, que fala sobre “seu filho”, mostrando fotos em um mural fixado na parede da sala. As irmãs de Janaína

que moram em Canindé dão seus relatos, falando, nesse momento, sobre a infância, correspondendo à sequência que o documentário parece seguir. Beliza fala sobre a proximidade que tinha com “Jaime” desde a infância, da rotina das irmãs nos cuidados com “o caçula”, enquanto a mãe trabalhava. Dargenira Maria fala que “ele” era uma diversão para todos. Conceição de Maria fala sobre a criança bem humorada que foi, o “irmão”, dos desfiles e do uso de maquiagem. As falas das irmãs se intercalaram de forma a passar a ideia coerente de que desde a infância o “irmão” já se identificava com elementos relacionados ao que entendemos como femininos. Falam que “ele” era também “carinhoso” e que ninguém, nem mesmo os pais, se incomodavam “com o jeito dele”, pelo contrário, se divertiam muito com o caçula bem humorado e divertido.

Passados os relatos iniciais sobre a origem e infância de Janaína, sequências de fotografias reaparecem, bem como o discurso do narrador. Seguem mais fotos da infância e da adolescência, nas quais ela figurava de cabelos curtos e camisas tidas como masculinas, com modelos clássicos de botão e gola armada. Ela aparecia nas fotos com amigos, primos, em festas, no carnaval. Essas fotos continuam reforçando a ideia de infância feliz e sem conflitos em uma cidade do interior do Nordeste brasileiro. Na medida em que aparecem fotos de Janaína mais velha, percebemos algumas mudanças na sua aparência, como o uso de *shorts* curtos, blusas justas, passando uma imagem andrógina em relação aos padrões fixos de gênero. Nas fotos de Janaína adolescente, ela aparece fumando cigarro e com cabelos compridos. Essa sequência de fotos é interrompida pelo relato da sua irmã Dargenira Maria, que fala do “descobrimento” da homossexualidade, quando a família não se sentiu “constrangida”. Parece que nesse ponto a narrativa se afasta do “início”, passando a focar em elementos da adolescência de Janaína. A outra cena mostra a mãe falando novamente, com foco nas mãos envelhecidas pelos então noventa anos de idade, revelando o uso da aliança na mão esquerda e atestando fidelidade ao laço matrimonial mesmo depois da viuvez. Atrás de Dargenira, uma imagem de Nossa Senhora. Aqui podíamos fazer uma analogia entre as mães que padecem com seus filhos. Esse momento da narrativa é focado na cumplicidade e na identificação entre Janaína e sua mãe. Aparece uma foto delas juntas. O narrador passa a falar da relação de Janaína com o pai, descrita como tranquila, sem conflitos, na qual respeito e compreensão predominavam.

Depois de abordar a relação de Janaína com sua família, predominando a mensagem de aceitação e acolhimento familiar, a própria Janaína aparece falando em um vídeo gravado no ano de 2000, no Rio de Janeiro, confirmando o apoio constante da

família. Esse vídeo foi cortado, editado e mostrado em vários momentos do documentário.

A cena que segue é de Dargenira falando sobre a saída voluntária de Janaína de casa, aos 17 anos. Nesse ponto há um corte da narrativa, que deixa de abordar a vivência dela em Canindé para o momento que ela se mudou para a Fortaleza em busca de conhecimento e independência financeira. Para demarcar essa mudança, imagens contrastantes são expostas.



Imagens: Canindé em oposição à Fortaleza, demarcando a transformação de Jaime (Canindé) em Janaína (Fortaleza). Imagens do documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* (2011).



Imagens: Janaína, retratada como Jaime, antes de sair de Canindé em oposição a Janaína, depois de algumas transformações corporais, em Fortaleza. Imagens do documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* (2011).

A primeira, representando o interior do Estado, com uma foto envelhecida, em preto e branco, de uma estrada de chão batido, sem asfalto, sem movimento e novamente com vegetação seca. A outra, uma imagem em movimento, colorida, uma estrada asfaltada, vegetação verde, com motos e carros passando, representando a mudança radical efetuada por Janaína ao sair do interior para a capital, na medida em que o narrador fala que isso possibilitou sua “liberdade sexual” e o início de

transformações corporais, dando uma impressão de que as coisas se sucederam nessa sequência. Começam a aparecer fotos de Janaína de maiô, mostrando formas corporais mais arredondadas, cabelos longos, com amigas travestis. Outras fotos mostram seus seios desnudos, crescidos, se divertindo com amigos na praia.

O narrador passa a falar sobre preconceitos, pela primeira vez no documentário, como se eles tivessem vindo junto com todas essas transformações. Janaína não está mais no aconchego protetor da família e nem na sua cidade natal, interiorana. Na sequência, fotos dela com amigos em festas noturnas, usando roupas tidas como femininas.

Nesse ponto, para reafirmar a presença familiar na sua vida, Janaína aparece no vídeo já citado falando sobre o apoio dos seus familiares, em especial da sua mãe, quando ela sofria discriminação. Ela cita um episódio na faculdade em que foi chamada pela coordenação para prestar esclarecimentos por ter ido vestida de saia para uma atividade acadêmica. Dargenira teria ido junto para intervir. Na cena a seguir, Dargenira cita uma frase atribuída a Charlie Chaplin: “Não se mede o valor de um homem pelas suas roupas ou pelos bens que possui. O verdadeiro valor do homem é o seu caráter, suas ideias e a nobreza dos seus ideais”, frase essa fixada na parede de sua casa pela própria Janaína. A cena parece uma confirmação do que Janaína havia falado no vídeo. Uma espécie de diálogo entre Janaína e a mãe é estabelecido, atravessando barreiras temporais e espaciais.

Como Janaína, depois de todas as mudanças, retorna a Canindé? O narrador diz que ela se tornou uma estranha em sua própria cidade. Manoelzinho, amigo de infância, diz que “ela causou um impacto muito grande”. Afirmações que remetem aos conflitos que Janaína teria enfrentado quando inicia seu processo de travestilidade, atitudes que parecem, na narrativa, incompreensíveis frente aos valores da cidade interiorana.

A narrativa volta para Fortaleza. Fachada da casa de Janaína e Celina, sua irmã. Fotos da formatura de Janaína em Direito. Imagens da universidade onde se graduou. Imagem da carteira da OAB. A seguir Celina fala sobre a convivência conflituosa com Janaína quando começaram a morar juntas até o encontro de um equilíbrio. Os sobrinhos também dão seus depoimentos, se referido a ela como “tio Jaime”, a referência paterna que tiveram. Na sequência, a irmã Maria Angélica também fala.

Uma espécie de capítulo no documentário se inicia, chamado: “Válida em todo território nacional”, no qual vários documentos de Janaína são mostrados, todos com o nome de “Jaime César Dutra Sampaio”, com exceção da carteira do Programa de

Prevenção a AIDS, do GRAB, em que o nome “Janaína” vem entre parênteses, depois do nome de registro. Com esse título podemos supor que a intenção era relacionar seus registros documentais com o exercício da cidadania, no qual ela teria livre trânsito e reconhecimento pelo país. No entanto, em nenhum desses documentos, assim como na carteira da OAB, sua identidade enquanto travesti era reconhecida.

Depois deste capítulo, começa a abordagem de Janaína como ativista. Aparecem imagens da participação em eventos, falando ao microfone, representando aquela que tem o poder da fala. Logo a seguir, aparece uma imagem de uma travesti semi-nua na rua ao mesmo tempo em que o narrador fala que Janaína era uma travesti “diferenciada”, uma vez que nunca se prostituiu, estava longe das “pistas e calçadas”, estabelecendo uma diferença entre ela e as “travestis de rua”. Mais uma vez o documentário usa imagens que contrastam para impactar e enfatizar a ideia que quer passar.



Imagens: Janaína, retratada como uma travesti diferenciada, “que nunca se prostituiu”, em oposição às travestis que são prostitutas, oposição marcada com as seguintes imagens. Imagens do documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* (2011).

Fotos de Janaína com outras travestis aparecem em momentos de sociabilidade, em festas, em concursos de *Miss Gay*, tomando cerveja. Transmite a impressão de que nesse momento de sua vida, sua sociabilidade com travestis teria aumentado. Jairo Irineu, amigo de Janaína, fala sobre a criação da ATRAC. Aparecem imagens de materiais produzidos pela associação e dos cursos de profissionalização. Outro recorte do vídeo em que Janaína fala aparece, dessa vez o trecho sobre sua atuação como advogada. Álvaro, outro amigo, fala sobre o episódio em que Janaína foi presa, quando ela fez a própria petição de *habeas corpus* e foi liberada. Conforme o relato, ela teria utilizado “roupas masculinas” e “se montado como um rapaz” para enfrentar a delegada naquela ocasião. Álvaro deixa a entender que Janaína jogava com comportamentos tidos



como masculinos para legitimar a profissão de advogada e se impor em ocasiões em que era discriminada por ser travesti.

Imagens da sede do GRAB aparecem, bem como do auditório que leva o nome Janaína Dutra, situado na sede desse grupo. Francisco Pedrosa, presidente do grupo, fala. Aparecem imagens de Janaína no GRAB e com Francisco Pedrosa, do ano de 2000. Foto de Janaína sentada em uma escadaria, participando de uma manifestação na rua, juntamente com outras pessoas. Foto de Janaína com Maria Berenice Dias, jurista renomada na área de direitos *homoafetivos*, termo que cunhou.

As próximas pessoas a falar são: Michelle Meira, Keila Simpson, Orlaneudo Lima, Tassiana e Alexandre Câmara Vale. Aparecem recortes de jornais tendo Janaína como destaque. João Alfredo, vereador de Fortaleza, fala sobre a criação da Lei Municipal n.º 9548, de 2009, que institui a *Semana Janaína Dutra* nas escolas da rede pública municipal de ensino de Fortaleza. Francisco Pedrosa volta a falar sobre a influência de Janaína na criação de algumas leis municipais, ainda em vida, como uma forma de relacionar o ativismo de Janaína com sua profissão. Na sequência, falam as travestis Renata Sampaio, “filha de Janaína”, e Dediane, que não chegou a conhecê-la, mas que também a tem como referência de militância e de construção da autoestima.

Fotos de travestis e da própria Janaína com seios a mostra. Manoelzinho fala sobre quando Janaína chegou a Canindé com seios crescidos. Assuntos sobre relacionamentos amorosos passam a ser abordados. Aparecem fotos dela com alguns homens. Janaína não é vinculada amorosamente a nenhuma pessoa. O narrador cita uma frase que teria sido dita por ela: “*Eu, geralmente, sou uma dama benemérita em termos da sexualidade. Fiz e faço sempre de graça. Faço doação do amor. Sou uma pessoa dada aos homens que amo. Sou oferecida. Sou facinha*”.

A narrativa volta a bordar o tema recorrente da relação familiar. Nesse momento, faz referência a alguns membros da família que a discriminavam. Mais uma vez o silêncio é significativo. Dos familiares, somente a mãe, dois sobrinhos e as irmãs de Janaína falam. Entretanto, essa questão não se alonga no vídeo produzido, que passa logo a abordar a relação de Janaína com o Estado. Fotos de Janaína em manifestações na rua se repetem. Uma espécie de confronto desigual é retratada, mas a imagem de Janaína combativa prevalece, devido a sua persistência frente aos obstáculos apresentados durante sua militância.

O tema da religiosidade é introduzido com imagens de fitas de promessas a São Francisco. Aparecem imagens de Jesus, Orixás, Nossa Senhora. Aparece uma imagem

de uma igreja, em Canindé, com uma música de terreiro ao fundo, imagens do comércio religioso de Canindé, imagem de São Francisco, remetendo-se a outras matrizes religiosas que não o cristianismo, indicando que Janaína não era adepta de uma religião específica. Ela própria seria uma expressão de divindade: “Era uma deusa no reino terrestre”, diz o narrador, construindo uma ideia de Janaína como um ser humano especial, como ares divinos, em um momento de reelaboração da sua imagem depois de morte. Álvaro reaparece falando que Janaína frequentava sua casa de santo e o apoiava na realização das atividades concernentes e no enriquecimento de informações sobre o “movimento de terreiro”. A fala dele é usada para complementar a ideia da narrativa anterior, de que ela seria uma divindade, quando afirma: “Nas festas, era honra, tanto a chegada dos Orixás, quanto a chegada de Janaína”.

A seguir, o foco volta a ser Dargenira, que agora relaciona o trabalho de Janaína na advocacia a atitudes cristãs. Já perto do fim, a narração ganha dramaticidade. As irmãs aparecem emocionadas, falando sobre o potencial intelectual de Janaína e sobre o seu perfeccionismo, principalmente ao elaborar a porta de colagens. A sua morte passa a ser o assunto central, aparecem imagens do cemitério em que foi enterrada, em Canindé, do seu caixão sendo carregado, do seu velório. Por cima do caixão de Janaína, uma bandeira do GRAB, revelando a presença do grupo em vários momentos de sua vida, ou pelo menos nos que foram abordados.

A estrutura narrativa do documentário completa seu ciclo, começou com Mirtes e termina com ela, na descrição que faz do dia da morte de Janaína, que na sua fala passa a mensagem de uma vida movimentada, intensa e combativa. A fala de Mirtes é carregada de significados atribuídos a seres especiais, espiritualizados, especialmente, quando narra como se estivesse conversando com Janaína. Por fim, Dargenira aparece sentada à mesa, em sua casa, rodeada por pessoas que participaram do documentário, falando que Janaína foi a filha que mais gostou. Esse é o único momento em que se refere “ao filho” como Janaína, talvez porque a equipe de filmagem assim a tratava. A imagem de Dargenira se mescla gradativamente com a de Janaína por meio de efeitos, sugerindo uma identificação entre elas. As pessoas que participaram do filme se despedem de Janaína enviando mensagens emocionadas.

Num fundo escuro, aparece uma imagem de Janaína com um vestido armado, remetendo a figurinos de “damas” do século XVIII, segurando uma sombrinha de renda e usando luvas. Pode ser que essa imagem faça alusão à “dama” do título, um tipo respeitável de mulher. Outras imagens de Janaína, com roupas mais ousadas, vão

surgindo. A última imagem do documentário é do rosto de Janaína sobreposto a uma chama que vai se apagando, por meio de efeitos especiais, simbolizando o fim da vida.



Imagem: Janaína vestida como uma dama. Imagens do documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* (2011).

Há muitas falas dentro da narrativa do documentário, intercaladas pela direção, de maneira a fornecer coerência ao discurso elaborado sobre Janaína no vídeo e linearidade à experiência dela. Condensei-as, mesmo aparecendo em momentos diferentes devidos aos recortes de edição, e apresento-as no ANEXO 9. As pessoas que falam no documentário são as listadas a seguir: Mirtes Machado (Ativista dos Direitos Humanos), Dargenira Dutra Sampaio (mãe), Maria Beliza (irmã), Dargenira Maria (irmã), Conceição de Maria (irmã), Manoelzinho (amigo de infância), Celina de Fátima (irmã), Helano (sobrinho), Lívia (sobrinha), Jairo Irineu (amigo e cabeleireiro), Álvaro (amigo), Francisco Pedrosa (Presidente do GRAB), Mitchelle Meira (Gestora Pública), Keila Simpson (Presidente da ANTRA), Orlaneudo Lima (coord. Políticas Públicas Diversidade Sexual - Fortaleza), Tassiana Lima (Advogada), Alexandre Vale (antropólogo), Renata Sampaio (“filha” de Janaína), Dediane Souza (diretora do GRAB), Cláudio Portela (amigo e poeta), Elizio Loiola (diretor do GRAB), Janaína Dutra (vídeo gravado em 2000, Rio de Janeiro).

Partindo do título do documentário, considero que Janaína é construída como uma notável dama, fazendo alusão também a uma concepção de força e resistência pela expressão “dama de ferro”. Entendo ainda que essa última palavra mexe com significados referentes ao falo, jogando, desta maneira, com elementos tidos como femininos e masculinos que se contrapõem ou se complementam. A estrutura narrativa do documentário segue o ciclo de vida (nascimento – vida – morte), com acontecimentos eleitos como marcos para representar as fases vividas por Janaína. Conquanto o documentário seja iniciado pelo discurso de Mirtes sobre a morte de

Janaína e termine com ela, não há uma quebra da linearidade da narrativa, apenas uma antecipação do final, com o anúncio do fechamento do ciclo que logo se iniciará, pois, como já mostrado, várias narrativas sobre Janaína começam pela sua morte. Desta forma, o documentário biográfico endossa o que Bourdieu (1996) chama de *ilusão biográfica*, a saber, construções sobre histórias de vida e acontecimentos de uma existência individual deslocadas do contexto histórico. A vivência de Janaína, portanto, é descrita como proveniente de predisposições inatas, uma vez que o foco é dado majoritariamente ao sujeito retratado. De forma sucinta, descrevo abaixo a estrutura narrativa do documentário a partir dessa lógica início-meio-fim / nascimento-vida-morte, análoga ao tipo de narrativa biográfica descrita por Dosse como *heroica*, baseada na noção de *bios*. De acordo com esse autor, as narrativas pautadas nessa noção se preocupam em traçar a “vida” como uma “maneira de viver”, fazendo referência a concepções de fundo moral, de maneira a perpetuar um “exemplo” de virtude e caráter.

INÍCIO: Jaime César/Jaiminho – Canindé – Infância/Adolescência – Harmonia Familiar – Masculinidade – Homossexualidade – Androginia.

MEIO: Janaína – Fortaleza – Brasil – Amigos – Feminilidade – Travestilidade – Conflitos – Advocacia – Ativismos.

FIM: Morte – Canindé – Família – Amigos.

Para melhor entendimento, é necessária a investigação de quem são os *usuários* e os *produtores* desses materiais. Começando pelos *produtores*. A produção do curta-metragem *Mrs. Janaína* não é vinculada ao movimento LGBT, embora tenha integrado a grade de filmes de festival cultural direcionado ao público LGBT. Por ser construído como um manifesto, o conteúdo se mostrou “realista”, apresentando a personagem principal como uma porta-voz legítima para abordar questões relacionadas à sua vivência. No documentário *Travessias*, por se tratar de um trabalho acadêmico, os produtores objetivaram apresentar o material a uma banca de professores. Até o momento em que tive acesso ao material eles só distribuía de maneira restrita, afirmando que o material precisava de alguns retoques, segundo Carvalho, um dos produtores. O documentário de Almeida foi produzido pelo GRAB em função das

comemorações de vinte e dois anos de fundação do grupo<sup>128</sup>. Almeida é diretor de filmes e de teatro, ativista, escritor, fotógrafo, pesquisador, ator e trabalha na ABIA. A escolha por essa direção pode estar relacionada ao ativismo no movimento LGBT de Almeida e suas produções fílmicas anteriores que abordam essas questões. Além disso, o diretor também mantém relações de proximidade com os membros do GRAB e era amigo de Janaína. Em entrevista, ele se refere a ela como umas das melhores amigas que teve<sup>129</sup>. Essa proximidade é revelada na narrativa construída no documentário e expressa em momentos nos quais ela é referida como “Jana”, por exemplo. Na entrevista citada, ao ser perguntado: “Por que Janaína Dutra é uma história que necessita ser contada ao Brasil? Quem foi Janaina segundo Vagner de Almeida?”. Ele responde:

No Brasil temos um legado muito triste de esquecermos a história e, com isto, deixamos que pessoas tão importantes como Janaína Dutra sejam engavetadas para sempre, desaparecendo os feitos e as realizações positivas dessas pessoas. Janaina foi uma das minhas melhores amigas, pois juntos tecíamos muitas colchas de retalhos da vida. Jana foi uma verdadeira “Mulher Rendeira” que trançava rendas de tantas outras vidas e criando essa rede de solidariedade, amor e carinho por seus iguais e semelhantes. Sempre luz, amava jazz, falante, risonha, educada e guerreira. Uma brava humana, que com muita garra e coragem enfrentou muitas buchas de canhão. De cabeça erguida e muita determinação fez de sua vida um estandarte de ações positivas.

Com relação ao significado do documentário na produção geral do cineasta, ele afirma:

Todos os meus filmes necessitam fazer pontes uns com os outros, pois é a minha linha de trabalho e a forma de pensar. Gosto de ousar entre pontes, intercalando as histórias e as vidas dos protagonistas que busco mostrar, como sendo uma rede social, onde todos de certa forma dão as mãos e suas vidas em algum ponto se cruzam nesta interseção do existir, dentro de um sistema que merece ser reinventado. Este novo filme, que conta a vida desta “Estrela Maior”, na verdade resume tudo que tenho feito até então, por Janaína ser pioneira em tantas coisas, em várias brechas do cotidiano, abrindo espaços, caminhando com os movimentos e elaborando no sistema do Ministério da Saúde as primeiras respostas aos enfrentamentos do HIV/AIDS para as travestis. Ela não deixaria jamais de fazer parte dessa ponte. Foram pilares construídos para fortalecer tanta intolerância social e abrir portas para que novas pessoas, lideranças e travestis pudessem caminhar com mais liberdade. Meus filmes anteriores falam de solidariedade e direitos humanos, do HIV/AIDS, de jovens HSH – homens que fazem sexo com homens – de crimes de ódio contra a comunidade LGBT, e Janaína está simbolicamente inserida em todos os meus filmes.

Esses laços de proximidade, juntamente com o entendimento que o cineasta faz da sua trajetória no cinema relacionada ao seu ativismo político falam muito sobre a

<sup>128</sup> Disponível em: [http://www.grab.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=129:estrela-nacional-dia-12-de-maio-de-2011-quinta-feira-fortaleza-ceara-&catid=32:home&Itemid=44#comment-55](http://www.grab.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=129:estrela-nacional-dia-12-de-maio-de-2011-quinta-feira-fortaleza-ceara-&catid=32:home&Itemid=44#comment-55). Acesso em: 05 de jan. de 2013.

<sup>129</sup> Disponível em: <http://santadiversidade.blogspot.com/search?q=jana%C3%ADna>. Acesso em: 05 de jan. de 2013.

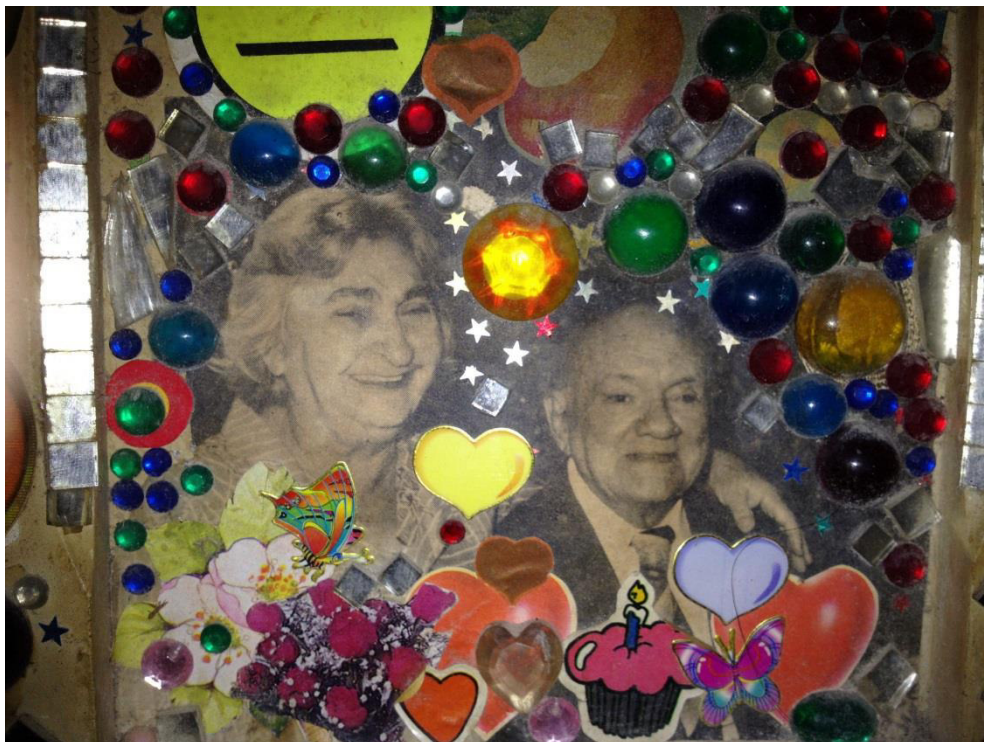
ênfase que foi dada ao ativismo de Janaína no documentário e à positividade da experiência de Janaína expressa pela harmonia familiar. O ponto de vista predominante no documentário é, então, o da militância, de grupos que reivindicam o reconhecimento de seus membros e buscam instrumentos que ajudem na legitimação que o grupo visa conquistar e difundir. A produção do material é estratégica (comemoração do aniversário do grupo) e, através de um meio de comunicação, divulga o trabalho de forma a conferir visibilidade ao grupo, conquistada a partir de uma imagem positivada que é a de Janaína.

Mas essa não é a única perspectiva do documentário. Na medida em que várias pessoas estão envolvidas, cada esfera constrói suas interpretações, expectativas e intenções. Além da visão do cineasta militante e dos colegas do grupo político, há os familiares, ligados emocionalmente a “Jaiminho” e felizes por prestarem essa homenagem e rememorarem o filho/irmão/tio com referência paterna, tão querido e saudoso; a “filha” de Janaína, travesti que representa tantas outras que estabeleceram com ela relações de aprendizado; o amigo de infância, que admira Janaína pela coragem ao enfrentar o conservadorismo de Canindé, do qual também foi alvo, nos cativando com sua sensibilidade ao perceber as mudanças corporais da amiga sem alarde, temendo uma incompreensão do entendimento da plenitude de que os seios lhe conferia.

E os *usuários*, quem são? Os documentários são produzidos para qual público? A princípio, responde-nos Becker (2009): a quem interessar. Mas é possível deduzir que o referido documentário, por tudo já exposto, foi produzido para um público específico, sendo distribuído pelo próprio grupo que o produziu, fato que restringe o alcance. Os demais materiais também podem ser considerados de circulação restrita, mas não por isso deixaram de atingir um considerável número de pessoas, principalmente aquelas interessadas em vivências de travestis em nossa sociedade. Mais do que dificuldades na burocracia de distribuição e divulgação, os referidos materiais fílmicos não foram produzidos com fins comerciais.

Entendo que esses materiais, em especial o último, por ser mais biográfico, construíram uma narrativa linear de forma a conferir coerência a Janaína, mostrando aceitação familiar, dramas inexistentes ou superados aguerridamente por ela ser combativa, protagonista, uma travesti exemplar, tendo, entre suas principais armas de guerra, o conhecimento e a profissão. As pessoas convocadas para falar sobre ela são aquelas que possuem legitimidade, os familiares, amigos próximos, ativistas, políticos, advogadas, travestis.

## CAPÍTULO 5: Entre capitães, santos e promessas



*Cheguei aonde cheguei por conta de um apoio familiar. A família ainda é a base de tudo. Eu acho que é aquilo que recarrega as baterias, né?[...]. E é onde perpassa as relações afetivas, onde que faz com que... se você é bem aceito na sua família, é bem acolhido, isso faz com que te dê um enfrentamento maior na sociedade, te empodera, para fazer com que as coisas possam ser revertidas, principalmente quando você busca o conhecimento que é a melhor arma de defesa da sociedade. E através desse investimento de pai e mãe e de toda a família, quando eu sofria alguma discriminação, algum recharçamento da sociedade eu contava com o apoio deles (Janaína Dutra).*

## **“Canindé, o teu nome é uma prece”<sup>130</sup>**

Canindé, lugar onde se respira religiosidade. Cidade localizada no interior do Ceará, distante cento e vinte quilômetros da capital, foi fundada oficialmente em 1846. Encrustada na caatinga brasileira, é profundamente marcada pela devoção a São Francisco, compondo um dos maiores santuários do catolicismo popular no Brasil (imagens de Canindé no ANEXO 10).

A vida de muitos daqueles que habitam a cidade é, de alguma forma, marcada pela devoção ao santo padroeiro. Isso se dá por múltiplos fatores: pelo intenso turismo e comércio religioso, informal e formal; pelo sino da Basílica de São Francisco que toca constantemente anunciando as inúmeras missas diárias; pela educação religiosa dispensada nas escolas e paróquias; pelos hábitos de demonstração de fé e devoção transmitidos através de gerações; e pelas romarias que chegam diariamente à cidade. Estas, advindas dos mais variados locais, utilizam diversos meios de transporte, preenchendo as ruas da cidade de romeiros, muitas vezes vestidos com roupas franciscanas – uma bata marrom semelhante aos hábitos dos religiosos franciscanos –, uma maneira de estabelecer uma identificação com o próprio São Francisco, o santo pobre, humilde, fraterno, amante dos animais e da natureza.

Como muitas localidades nordestinas, Canindé era um povoamento indígena até o século XVIII, embora muitos fazendeiros também vivessem de pastoreio na região. Desde a fundação, Canindé é permeada por simbologias de São Francisco, continuando fortemente apoiada na religiosidade. Essa relação é estabelecida desde a narração do mito de origem da cidade, quando o Sargento-Mor português, Francisco Xavier de Medeiros, um dos primeiros colonizadores da região, considerado o fundador de Canindé, mandou construir ali uma capela dedicada a São Francisco por volta de 1775. Após várias reformas, essa capela transformou-se em Igreja Matriz até ser elevada à categoria de Basílica pelo Vaticano, na década de 1920. Segundo Pinto (2003), os milagres atribuídos a São Francisco na região remontam ao período da construção da simplória capela inicial, envolvendo os operários e o mandante da obra. As notícias desses acontecimentos teriam se espalhado rapidamente pelas redondezas. Aos poucos, os fiéis foram atrelando as graças alcançadas ao poder miraculoso de São Francisco e à

---

<sup>130</sup> Trecho do hino de Canindé, de autoria de Manoel Messias, melhor amigo de Janaína em Canindé, em coautoria com o maestro J. Ratinho.



peregrinação até a capela. Existem referências de que em fins do século XVIII já aconteciam romarias naquela localidade (PINTO, 2003).

Atualmente, o Santuário de Canindé possui um calendário fixo de eventos, tendo como o principal a Festa de São Francisco, que atrai milhares de devotos e contribui para a movimentação econômica local. A circulação de romeiros, no entanto, não se restringe ao mês de outubro, quando acontecem essas festividades.

Como informa Pinto (2003), além do turismo e do comércio religioso, a atividade pecuária e a produção de cereais apresentam destaque na economia municipal. O comércio envolve também tecidos, ao lado da exportação de peles de animais, couro salgado e gado.

Os principais monumentos e pontos do turismo religioso em Canindé são formados pelo trio: Basílica de São Francisco das Chagas<sup>131</sup>, Estátua de São Francisco<sup>132</sup> e Praça do Romeiro<sup>133</sup>. Além desses monumentos religiosos, há a Casa dos Milagres<sup>134</sup>, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes<sup>135</sup> e a Capela das Velas, localizadas nas proximidades da Basílica. O Santuário tem ainda duas emissoras de rádio: a Rádio AM

---

<sup>131</sup> Construída em forma de cruz grega, a Basílica segue um estilo gótico-barroco, com torres de trinta e dois metros e uma cúpula central. O interior possui referências toscanas, composto por vários afrescos.

<sup>132</sup> Afastada do centro, no topo do morro Alto do Moinho, impera a imponente Estátua de São Francisco, inaugurada em 2005. Os canindeenses orgulham-se em dizer que essa é a maior estátua religiosa do Brasil. A obra é uma criação do artista plástico Deoclécio Muniz. Acredito que o projeto intencionava criar um espaço público no entorno para que os visitantes pudessem circular, mas o resultado foi uma obra com aspecto inacabado, repleta de barracas informais, gerando reclamações acerca da estrutura e segurança. Na inauguração esteve presente o então Arcebispo de Fortaleza, Dom José Antônio, o mesmo com quem Janaína travou uma polêmica por causa de questões referentes à homossexualidade.

<sup>133</sup> A Praça dos Romeiros, construída nos anos 1980, é um grande anfiteatro ao ar livre, tem capacidade para abrigar aproximadamente cento e dez mil pessoas. Faz parte de um complexo que abrange o Calçadão do Romeiro, o Museu Regional São Francisco, o Zoológico São Francisco de Canindé, o Convento Santo Antônio, a Igreja de Nossa Senhora das Dores, a Via-Sacra, a Igreja de Cristo Rei e os Abrigos de Romeiros (São Francisco e Santo Antônio). Segundo informações contidas no site do Santuário (<http://www.santuariodecaninde.com/>). Lá acontecem os novenários a São Francisco, eventos culturais e religiosos e celebrações natalinas. Museu Regional São Francisco, fundado na década de 1970, possui acervo da história franciscana e da peregrinação sertaneja, com exposição de ex-votos deixados por romeiros na cidade e arte regional popular. O zoológico se remete à relação entre São Francisco e os animais. Em função disso, muitos romeiros fazem promessas simbolizadas por animais, levando-os junto consigo durante a peregrinação a Canindé, ou conduzindo-os como presentes ao santo. Foi assim que o santuário resolveu criar um espaço onde pudesse acolher os animais. Ainda no complexo, o Abrigo dos Romeiros acolhe gratuitamente aqueles que chegam de outras cidades. Possui uma estrutura com banheiros, lavanderia, restaurante, cozinha, quartos e estacionamento. Entretanto, a quantidade de romeiros e caravanas ultrapassa essa estrutura, levando os fieis a procurarem outras formas de acomodação: aluguel de casas, quartos, alojamentos ou hospedagem nas inúmeras pousadas e hotéis existentes, especialmente na Rua João Pinto Damasceno, uma das ruas transversais que levam à Basílica.

<sup>134</sup> A Casa foi construída nos anos 1950 para atender à demanda dos romeiros, constituindo-se como local de depósito dos ex-votos, objetos oferecidos para registrar as graças alcançadas. Consistem em fotos, pinturas, placas, roupas e demais objetos que representam partes do corpo humano ou da vida do romeiro.

<sup>135</sup> A Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, localizada atrás da Basílica, serve como local de descanso, de higiene e de abastecimento de água para os romeiros. Na Praça da Gruta acontecem missas ao ar livre, especialmente, quando se reúne número excessivo de pessoas, superior à capacidade da Basílica.

São Francisco e a Rádio FM Santa Clara, concessões da década de 1980 e 1990 respectivamente, ambas com programação religiosa.

Anualmente, milhares de romeiros visitam a cidade, especialmente quando acontece a Festa de São Francisco, por ocasião do dia de São Francisco que, de acordo com o calendário católico, é celebrado em 04 de outubro. A partir de estimativas da paróquia, aproximadamente dois milhões de romeiros passam por Canindé a cada ano, quase a metade deles durante a Festa de São Francisco. As maiores romarias vêm do Norte e Nordeste, notadamente do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí e Pernambuco. Depois de Assis, na Itália, berço de São Francisco, contam que Canindé seria o templo que reúne a maior romaria franciscana do mundo. Por falta de dados, não pude confirmar essa informação.

Em agradecimento por uma benção alcançada ou almejando a realização de pedidos, os romeiros rumam a Canindé para pagar suas promessas, fortalecer seus votos e reafirmar a fé no santo, exercendo um ato simbólico de encontro com ele. Os fiéis chegam a Canindé de variadas formas: andando, de bicicleta, de moto, de carro, ônibus, carroça, cavalo e pau-de-arara<sup>136</sup>. As peregrinações relacionam-se ao sacrifício que os romeiros se dispõem a praticar, abdicando de luxos e de bens materiais em função da devoção ao santo relacionado, no imaginário cristão, à humildade, bondade e pobreza.

De acordo com o último senso do IBGE, datado de 2014, a população de Canindé somava 76.724 habitantes. Na década de 1960, quando Janaína nasceu, não alcançava cinquenta mil, com configuração demográfica majoritariamente rural.

## **A família de uma travesti**

A mais nova dentre onze filhos de um servidor público e de uma professora, oriunda de uma cidade marcada pelo catolicismo popular, Janaína foi atravessada por muitos marcadores sociais, em especial os de regionalidade e religiosidade. A família de Janaína compartilha elementos de muitas outras famílias marcadas por mudanças sociais de luta pela sobrevivência típica de populações pobres do sertão nordestino, permeada

---

<sup>136</sup> As principais romarias são: a moto-romaria de Fortaleza, composta por cerca de trinta mil motoqueiros; a romaria de Codó (MA), contendo uma média de quinze carretas repletas de aproximadamente dois mil fiéis, e a romaria da Comunidade Obreiros da Tardinha, de Fortaleza, com mais de 500 pessoas que se deslocam a pé a Canindé. Além dessas romarias, outras surgem e se intensificam no período da Festa de São Francisco. Disponível em: <http://www.santuariodecaninde.com/romarias/>. Acesso em: 15 de fev. de 2014.

por adversidades climáticas, por simbolismos religiosos, pelo abandono do poder público. Compartilham ainda da ideia de um pertencimento racial caucasiano, da ideia de que descenderiam de europeus e de que nada os ligam aos negros e índios. Apesar da avó materna de Janaína ser chamada de Mãe Mulata, não presenciei reflexões sobre a questão racial nesse sentido.

Ao lado da religião e da região, a família constitui uma das marcações sociais fundamentais para compreender melhor a experiência de Janaína, na medida em que concepções que circulam nessa esfera influenciaram a sua constituição. Com o aprofundamento desta discussão, torna-se possível perceber como Janaína foi se constituindo e sendo constituída em meandros heteronormativos. Não intenciono fazer um inventário ou uma reconstrução da história familiar de Janaína, mas apontamentos de como as relações na família, entendida como instituição heteronormativa pautada na concepção de família nuclear, agiram na formação da sua experiência. É uma tentativa de objetivar o pertencimento familiar de Janaína, relacionando-o com características do seu universo social de origem. Assim, quando falo de família, tomo a conceituação de Duarte e Gomes:

O ente moral aqui chamado de “família” corresponde a uma rede de “parentes entre si” que se consideram descendentes, em parte, de ancestrais comuns e que entendem que isso lhes proporcionou também algum tipo de comunhão de experiências de vida e de circunstâncias sócio-históricas que pode ser lembrada, revivida, celebrada ou transmitida a outros descendentes (DUARTE & GOMES, 2008, p. 161).

Não obtive muitas informações quanto aos parentes matrilineares de Janaína, além de dados vagos sobre seus avós. Por outro lado, consegui traçar uma rede específica que chamo de Família Sampaio, composta por parentes patrilineares, tendo como casal fundador Antônio Ferreira de Sampaio e Antônia Feitosa de Sampaio. A construção dessa rede familiar foi possível a partir do trabalho de Francisco de Assis Sampaio (2002), médico veterinário canindeense que escreveu sobre seu avô Pedro Sampaio (1866-1959), mais conhecido como Capitão Pedro Sampaio da Serra Branca, um típico coronel do sertão nordestino que morava na Fazenda Serra Branca.

O resultado do trabalho de Sampaio foi uma crônica histórica sobre o “Clã Sampaio”, ambientada nos sertões de Canindé e nas cidades banhadas pelo Rio Curu. Nesse relato, é possível encontrar referências a Janaína como pertencente a uma ramificação desta ampla família, em uma contribuição ao livro escrita pelo seu irmão mais velho. Utilizo o livro como fonte de dados quanto aos laços de parentesco da família de Janaína. Não busco encontrar uma suposta unidade familiar, tampouco uma

verdade ou origem baseada na ascendência. Procuro perceber como as pessoas que se dizem pertencentes a essa família Sampaio se reconhecem e reconhecem aos seus membros, bem como qual ethos possuem.

Nesse relato de memória familiar, o autor abrange longo período, remetendo-se aos seus ancestrais de uma forma quase mítica. De acordo com Duarte e Gomes (2008), esse é um elemento comum das classes populares, que pouco utilizam recursos formais ou institucionais de organização da memória. No trabalho de Sampaio, o fio da descendência percorre relações bem frouxas de reconhecimento e pertencimento, ao mesmo tempo em que almeja se basear em contratos matrimoniais heteronormativos e na reprodução, entendidos aqui como a formação de uma família legítima.

Vamos ao relato. Conforme Sampaio (2012), a sua família descenderia da família Sampaio que habitava o norte de Portugal durante o reinado de Dom João I, detentora de títulos nobiliários e iniciada por Vasco Pires de Sampaio. O próprio autor, no entanto, destaca a existência de uma variedade de núcleos familiares “Sampaio”, sem ser possível afirmar que possuem a mesma origem e a mesma proveniência regional em Portugal. Ainda segundo o autor, é provável que “os Sampaio” tenham se espalhado por diversas regiões após a chegada ao Brasil, o que impossibilitaria a reconstrução de uma continuidade, caso exista. O objetivo do autor, no entanto, é bem mais modesto e não se prende aos elos consanguíneos, aceitando a ideia de que “todos são parentes” sem a necessidade de estabelecimento de descendência genética.

Em busca da “origem” do seu avô, o Capitão Pedro Sampaio da Serra Branca, Sampaio (2002) recorre ao estudo de José A. Montenegro, no qual consta que o seu tataravô paterno, avô do Capitão Pedro Sampaio, chamava-se Lopo Vaz de Sampaio, um português que viveu por volta de 1700 em Monte Mor, hoje Tacajús (CE). Nesta cidade, ele teria constituído a família Ferreira de Sampaio e seus descendentes teriam se espalhado pela capitania. A partir daí, muitas famílias que receberam o sobrenome Sampaio são inter-relacionadas no livro, incluindo o núcleo familiar formado por Jaime Sampaio Santos e Dargenira Freitas Dutra Sampaio, pais de Janaína.

A ideia de que teriam uma origem portuguesa é compartilhada também por muitos familiares de Janaína, como mostra a narração de sua irmã, Erlania, que recorre aos antepassados de maneira vaga e até mítica:

**Erlania:** *O nosso Sampaio veio de Portugal; Veio o Joaquim e o Manoel. O Joaquim ficou aqui pelas Minas Gerais e São Paulo, aqui nesse trecho. E o Manoel ficou lá, que foi em Pernambuco, Ceará, mais em cima, né? Foi quem deu a origem ao capitão Sampaio, o general Sampaio, que é justamente a nossa raiz. Como também os Dutra da*

*mamãe também vieram em dois, os dois irmãos portugueses. Um ficou em Minas Gerais, que é da linhagem do presidente e o outro ficou em Pernambuco, Piauí, que é da família da mamãe. Dos dois lados somos de Portugal.*

Voltando ao relato de Sampaio (2002), Antônio Ferreira de Sampaio, casado com Antônia Feitosa de Sampaio, casal citado anteriormente como casal fundador do núcleo familiar analisado, descenderia diretamente de Lopo Vaz de Sampaio. De acordo com o autor, o casal teria vivido nas proximidades da Vila Tamboril (CE), no final do século XVIII e início do XIX. Ele, ferreiro, e ela, dona de casa, tiveram oito filhos, entre eles João Ferreira de Sampaio. A Família Sampaio, segundo consta no livro, foi marcada por constantes secas no Sertão, fato que motivou a posterior migração de Tamboril para Canindé, onde se fixaram. A seca, nessa região, alterna-se com períodos de chuva intensa, que resulta em enchentes.

Ressalta Sampaio (2002) que a “valentia e a honra” eram características masculinas muito admiradas por aquelas bandas. Os grandes ídolos do multifacetado Capitão Pedro Sampaio, por exemplo, eram homens valentes, “cabras da peste”: o cangaceiro Lampião, o coronel de batina Padre Cícero Romão, que teria sido seu amigo e conselheiro espiritual, e os tios Antônio e João Ferreira de Sampaio. Antônio era brigadeiro condecorado devido ao mérito militar por Dom Pedro II. Por sua vez, João foi descrito como um imbatível vencedor de “queda de braço” na cidade de Tamboril (CE). Além da enorme força, teria ganhado fama e notoriedade no Sertão pela valentia, astúcia e criatividade. O Capitão Pedro Sampaio da Serra Branca, que também dispunha de enorme fama de valentia, acreditava que herdara sua força do tio João. “Os homens bravos são sempre perdoados e amados por Deus”, repetia o Capitão.

Pela reconstrução desta intrincada rede de parentesco, observa-se que João Ferreira de Sampaio, tio do Capitão Pedro Sampaio da Serra Branca, é o tataravô de Janaína. Sampaio (2002) não fornece maiores detalhes sobre esse ancestral, apontando apenas para um filho que deixou, chamado Severiano Negreiro Sampaio, o bisavô de Janaína. Severiano casou-se com Tereza Bittencourt, conhecida como Dona Terezinha. Nascida no Piauí, ela era filha de um francês e também descendente de portugueses. Casou-se três vezes como resultado de arranjos familiares, costume do período. Da união com Severiano, ambos no segundo casamento, nasceu Cândida Negreiro Sampaio e Jaques Negreiro Sampaio, o avô de Janaína. Na época, o casal morava em Baturité (CE). Doze anos depois, Severiano faleceu em decorrência de problemas cardíacos.

Posteriormente, Dona Terezinha casou-se novamente e levou os filhos para morar na fazenda do seu novo marido localizada nas redondezas, chamada Bom Jardim.

Jacques Negreiro Sampaio casou-se com Beliza Gondim Sampaio. O casal de agricultores, avós de Janaína, tiveram quatro filhos: Jaime, Franciné, Rocilda e Giselda. O mais velho deles, Jaime Sampaio Santos, nasceu em 17 de junho de 1915 em Paramoti, então distrito de Canindé. Posteriormente, Jacques e Beliza se fixaram em São Luís do Curu (CE), quando ela, como consequência de uma queda de cavalo, passou os últimos dezoito anos de vida sem andar. Esse episódio foi narrado pelas irmãs gêmeas de Janaína para explicar a distância que os avós paternos mantinham da família.

Jaime, filho de Jacques e Beliza, tornou-se funcionário público, ocupando o cargo de agente de defesa florestal no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas<sup>137</sup> (DNOCS), criado em 1909 sob o nome de Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS)<sup>138</sup>, durante o governo do Presidente Nilo Procópio Peçanha.

Em 1939 Jaime viajou ao Piauí a trabalho. Em uma praia na cidade de Luís Correia, conheceu a jovem professora Dargenira e apaixonou-se, presenteando-a com um pequeno búzio. Dargenira, filha de João Francisco Dutra e Maria Angélica, nasceu em Parnaíba (PI), em 26 de abril de 1919. João Francisco seria extremamente ciumento e Maria Angélica morreu quando Dargenira tinha apenas nove meses de idade. Cinco anos depois, João Francisco casou-se com Maria Luísa Albuquerque e tiveram quatro filhos: Francisco, Celso Calógeras, Edson e João Filho.

Dos nove meses aos sete anos de idade, Dargenira ficou sob os cuidados da tia materna Elvira, apelidada de Iozinha. Entre os sete e vinte anos de idade, ela morou na casa dos avós maternos e passava as férias com o pai. No novo lar, descrito por Dargenira como repleto de cuidados, disciplina e estudos, ela recebeu especial atenção da avó, Arcelina, conhecida como Mãe Mulata e da tia Celina, que a ajudava nos deveres da escola e a ensinava poesia, contribuindo fortemente para a construção de

---

<sup>137</sup> O DNOCS, de acordo com sua legislação tem por finalidade executar a política do Governo Federal, no que se refere a: a) beneficiamento de áreas e obras de proteção contra as secas e inundações; b) irrigação; c) radicação de população em comunidades de irrigantes ou em áreas especiais, abrangidas por seus projetos; d) subsidiariamente, outros assuntos que lhe sejam cometidos pelo Governo Federal, nos campos do saneamento básico, assistência às populações atingidas por calamidades públicas e cooperação com os Municípios.

<sup>138</sup> Consiste na mais antiga instituição federal com atuação no Nordeste, sendo a primeira a estudar a problemática do semiárido e, entre os anos 1909 e 1959, a única agência governamental executora de obras de engenharia na região. Construiu açudes, como o Orós, o Banabuiú e o Araras, além de estradas (a rodovia Fortaleza-Brasília, para citar uma), pontes, portos, ferrovias e hospitais. Começou a construir a barragem de Boa Esperança, campos de pouso, implantou redes de energia elétrica e telegráficas, usinas hidrelétricas e foi, até a criação da SUDENE, a responsável por atuar no auxílio às populações que são atingidas pelas cíclicas secas que assolam a região.

uma enorme sensibilidade. Dargenira cultivou o hábito da leitura, da declamação e criação de poesias e trovas, inculcando o mesmo gosto nos filhos. Veremos a seguir que Janaína chegou a escrever alguns poemas e pensava na publicação de um livro. João Francisco, pai de Dargenira, também gostava muito de ler e de escrever. Em função disso, Dargenira mantinha grande admiração por ele, citando sempre seu nome ao lado dos seus escritores favoritos, como Humberto de Campos, Olavo Bilac, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade.

À Dargenira fora permitido seguir a docência, que começou aos dezoito anos de idade, como profissão possível às mulheres naquele contexto. Em contrapartida, ela teria que ficar reclusa ao lar, dedicar-se aos cuidados do pai, sem a opção para o casamento. Diante disso, Jaime e Dargenira tiveram que enfrentar muitos conflitos para ficarem juntos:

**Dargenira:** *Sou do Piauí, sou de Parnaíba. O meu marido é de Canindé. Ele foi trabalhar lá. Lá me conheceu. Com três dias que ele me viu, ele me disse que ia casar comigo, me pediu em casamento. Papai não deu. Eu era filha única. Minha mãe morreu com 21 anos e eu fiquei com nove meses e dias. Não conheci mãe. E depois, casou-se com minha madrasta, teve quatro filhos. O ciúme cresceu. Porque eu não ia nunca me casar, nem ser freira. Ia morar toda vida com ele. Quando apareceu esse casamento eu estava com vinte anos completos. Aí, ele disse [Jaime] pro dono da pensão, que morava em frente a casa do meu pai, que ia casar comigo, aí ele disse [o dono da pensão]: “Meu senhor, procure outra moça porque o pai dela tem um ciúme horrível, ela não namora, não acompanha a moda, ela não se pinta, é presa, não sai de casa, só sai acompanhada que é pra não falar com nenhum rapaz”. Assim foi minha mocidade, eu não tive meninice, porque quando eu fui crescendo e via um menino segurando no braço da mãe eu passava o dia chorando. Perguntava a Deus porque que todo menino tem mãe e eu não tinha. E aí esse sentimento eu ainda guardo ele. (...). Bem aí meu velho me pediu em casamento.*

**Eu:** Ele foi falar com o seu pai?

**Dargenira:** *Sim. Ele chegou lá em 1939. Aí, ele me pediu em casamento no dia 4 de fevereiro de 1940. Papai não quis que eu me casasse, eu não sabia fazer nada. Eu já era professora. Bem, quando foi no dia 5 de abril de 40 - o espaço é muito grande, até agora é só a história de quatro meses – foram dizer pro papai que meu velho tava procurando uma casa pra me roubar, mas foi mentira. Ele nem pensou em me roubar, porque quando ele me pediu em casamento, ele me chamou e disse: “Esse rapaz veio te pedir em casamento, você quer?”. Eu disse: “Se o papai quiser eu quero”. Aí, ele disse: “Não, eu não tô perguntando se eu quero, eu tô perguntando se você quer”. Aí, até me espantei e repeti: “Se o senhor quiser...”. “Depois o senhor aparece aqui” [disse o pai de Dargenira para Jaime, mandando-o embora]. Quando apareceu minha madrasta disse: “Você disse que ela nunca ia casar e aí agora vai dar...”. Aí, pronto! Papai não quis mais. Quando foi no dia 4 de abril de 40 foram dizer pro papai que ele tava procurando uma casa pra me roubar, sendo mentira que ele nunca pensou nisso, viu? Bem, aí quando eu cheguei da aula ele disse: “Venha cá. Você continua a namorar com aquele sujeito?” Eu disse: “Não, nunca mais eu encontrei com ele”. Aí, ele disse assim: “Pois olhe, você vai apanhar porque eu não quero que você case com ele”. Aí, ele me deu uma pisa. Fiquei toda roxada... dói como o diacho, é de açoitar animal. Ficou as manchas, tudo roxo, os braços, as pernas. Nunca tinha me dado uma surra, foi a primeira e última. Aí, passou os dias, foi no dia 5 de abril de 40. Quando foi no dia*

25, uma moça chegou lá, ele já tinha me batido, aí disse, Conceição: “Dargenira, o meu tio vai te botar para o Maranhão.” A família Freitas toda era maranhenses. Aí, ele fretou um avião, que ele tinha. Na hora que eu tava me casando, no outro dia era meu aniversário, eu ia completar 21 anos, aí ele me roubou, a tardezinha. A minha prima soube da história que eu tinha apanhado aí foi dizer pra ele que eu tinha apanhado no dia seguinte. “Pois eu vou já roubar” [disse Jaime à prima de Dargenira]. Aí, fui para o trabalho. A professora já sabia desse meu namoro porque papai não queria que eu falasse com ele. Aí ele fez amizade com a diretora que era vizinha da pensão que ele estava hospedado. Ela disse: “Eu conheço a história daquela menina, ela vive em uma prisão horrível, parece que nem todo crime horrendo não se compara com o dela. Tá aqui o número do telefone. À uma hora da tarde você liga”. Justamente uma hora da tarde ela mandava me chamar, ele já tinha telefonado. Aí, ela disse: “O Jaime já telefonou”. Atendi e ele disse: “Olha eu só quero saber como é que você vai resolver a sua situação. Você tá sofrendo?”. Eu disse: “Não, tá tudo calmo, papai não sabe de nada”. Ele disse: “Tá tudo bem, mas qualquer coisa me avise”. Quando eu cheguei no outro dia toda manchada de ‘pea’, a professora, a diretora queria que eu fosse tirar corpo de delito. Eu disse: “Não senhora, foi papai, eu desobedeci, portanto...”. Quando foi de tardezinha ele foi para o grupo e lá me roubou do grupo [o grupo escolar onde Dargenira trabalhava]. Quando foi no outro dia, eu tava completando 21 anos. Aí, ele foi me depositar numa rua perto da rua do papai. Essa senhora que ajudou era prima da minha madrasta. Aí, ficaram intrigadas a vida toda, morreram intrigadas, ela pelejou essa prima dela, a Ondira. Morreram intrigadas. Ela queria fazer as pazes, mas minha madrasta e papai nunca fizeram. Aí, passou, papai jogou muita praga, tocou fogo na minha roupa, ave Maria! Foi um sofrimento tão grande! Meu coração vivia fechado. Sofri muito. Mas meu velho foi muito bom, graças a Deus. Bom marido! É pena que ele só passou 67 anos casado comigo. Agora no dia 6 de março completa cinco anos que ele faleceu. Mas, ele passou mais de quatro anos prostrado e eu pertinho dele, ele não queria que eu sáísse de perto dele. Foi um bom marido, me ajudou a criar os filhos, graças a Deus! Graças a Deus! Ainda hoje tenho muita saudade dele. Sonho muito com ele. Em sonho ele me avisa tanta coisa.

A família de Dargenira, de origem maranhense, possuiria uma condição econômica e financeira bem diferente daquela de Jaime. O pai era coletor de tributos e achava que aquele funcionário público forasteiro não seria digno de se casar com sua filha. Dele, não se saberia nada, a origem, a família, as intenções. Mesmo Dargenira não tendo sido criada pelo pai, tinha sua vida tutelada por ele. Apenas aos vinte anos de idade, ela retornou à casa do pai, depois que sua tia Celina fugiu para se casar. Mãe Mulata, temerosa, justifica o ato de devolução: “Assim como minha filha casou-se contra a minha vontade, aqui está a sua filha para que ela não faça o mesmo”, conta Dargenira. Em razão dessa devolução, interpretado como uma grande desfeita, João Francisco e Mãe Mulata “morreram intrigados”, como afirmou Conceição.

Contrariando o desejo dos familiares e seguindo o mesmo destino da tia Celina e de muitas moçoilas casaduras do contexto, Dargenira fugiu com Jaime, auxiliada pela prima Mundiquinha e por Pirangi, um motorista que tinha prazer em ajudar casais em fuga. No entanto, essa atitude não foi suficiente para convencer João Francisco da



legitimidade do casamento, que resolveu fretar um avião para levar a filha às pressas para o Maranhão. Não imaginava, porém, que no exato momento em que o avião chegava à Parnaíba, Dargenira casava-se oficialmente com Jaime. Segundo Dargenira, a desfeita foi tão grande que o pai mandou tocar o sino da igreja em réplica como se anunciasse um funeral e usou luto. Após o casamento, o casal partiu para Mossoró/RN.

Essa era a história que Dargenira contava aos filhos. Tempos depois, ela revelou que o casamento não chegou a se concretizar naquele momento em Parnaíba, pois o juiz se recusou a celebrá-lo em consideração a João Francisco, já que costumavam se encontrar para conversar sobre religião. O casamento só se oficializaria três anos depois, em São Luís do Curu, quando já tinham alguns filhos, realizado por um padre. Esse fato foi omitido por Dargenira devido à “má reputação” que uma mulher adquiria ao se unir com um homem antes do casamento. Isso também pode explicar uma parte da mágoa que João Francisco guardou de Dargenira e Jaime. Ele passou onze anos sem falar com a filha. Cheio de desgosto, negou-se a conviver com o novo casal e a conhecer os netos. Dargenira passou todo esse tempo tentando se reaproximar do pai através de correspondências, sem nenhum sucesso. Para expressar tamanha dor pelo silêncio do pai e demonstrando a importância da figura dele na sua vida, ela escrevia cartas e poemas. Contam as filhas gêmeas de Dargenira que a mágoa do avô era tão grande que ele formou-se em Direito com o intuito de fazer, pessoalmente, o processo para deserdar Dargenira. A reaproximação entre João Francisco e Dargenira foi mediada pelo outro filho de João, Celso, com quem Dargenira trocava correspondências em razão da venda de um imóvel da família. Com o dinheiro que o pai enviou a Dargenira através de Celso, ela comprou o mosaico da casa e ajudou o marido a finalizar o pagamento do imóvel em que moravam. Esse foi o primeiro sinal de reaproximação dado por João Francisco, que apesar da intenção de punir a filha, deserdando-a, mostrou preocupação com sua situação financeira e quis beneficiá-la de alguma forma. O reencontro entre pai e filha teria se dado em 1969, quando Dargenira foi visitar João Francisco em Limoeiro (PE), levando as filhas gêmeas e Erlânia. Apesar desse ato simbólico de trégua, João Francisco não quis reencontrar Jaime e pediu às netas que não pronunciassem o nome dele na sua casa ou na sua presença.

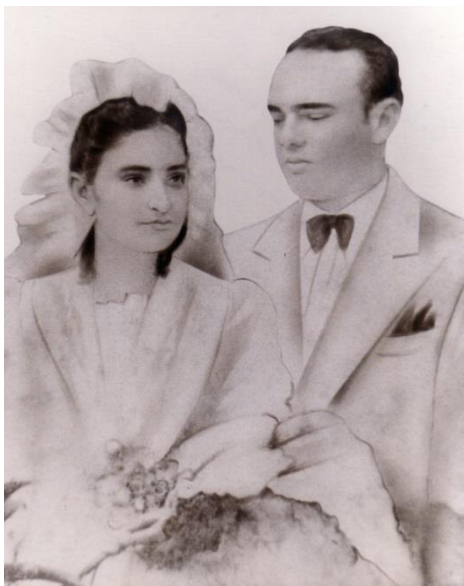


Imagem: Dargenira e Jaime, pais de Janaína. Fonte: arquivo da família de Janaína.

Sem se deixar abater pelos conflitos familiares, Dargenira e Jaime tiveram onze filhos: Gilberto Wellington Dutra Sampaio (07/02/1941), João Jacques Dutra Sampaio (18/01/1942), Maria Angélica Dutra Sampaio (26/01/1943), Francisco Calógeras Dutra Sampaio (04/06/1945), Erlânia Maria Dutra Sampaio (11/10/1946), Conceição de Maria Dutra Sampaio (19/09/1948), Maria Beliza Dutra Sampaio (19/09/1948), Dargenira Maria Dutra Sampaio (30/07/1950), José Theonas Dutra Sampaio (29/05/1953), Celina de Fátima Dutra Sampaio (13/02/1956) e Janaína Dutra, que herdou o nome do pai ao nascer, Jaime César Dutra Sampaio (30/11/1960).

É interessante como a descrição desse núcleo familiar é feita no livro de Sampaio (2002). O primeiro elemento relevante é que o primogênito é quem faz o relato, como uma voz de autoridade legítima para falar da família. Ele, então, passa a descrever os irmãos a partir dos papéis que desempenham como profissionais, pelo estado civil e pela quantidade de filhos que tiveram, demarcando forte referência ao padrão heteronormativo. A homossexualidade e a travestilidade de Janaína são totalmente anuladas nesse relato, enquanto a heterossexualidade dos demais é ressaltada veementemente. Poderia ainda apontar a anulação da profissão de algumas pessoas que aparecem nesse relato, provavelmente porque seguem profissões não formais ou sem status, bem como o destaque que é dado para algumas famílias como “tradicional”, “ilustre”, deixando um vácuo ao se referir a pessoas advindas de famílias “sem nome” e prestígio social algum. Seguem, na íntegra, as descrições feitas no livro:

01. Gilberto: “Bacharel em direito pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Auditor Fiscal do Tesouro Estadual da Secretaria da Fazenda do Ceará, ex-Coletor Estadual de Boa Viagem, Cascavel e Fortaleza, atualmente exercendo Auditoria

Fiscal na região Jaguaribana. Casado com Tereza Rabelo Sampaio de tradicional família Saraiva Rabelo Maia, de Morada Nova-CE, com quem rezojiza-se com duas filhas: Odete Christine Rabelo Sampaio (33), universitária de Administração de empresas, casada com Valdir Elias Ramos, natural de Tianguá-CE, tendo três filhos: Carlos Lincoln (16), Nathalie Sampaio (13) e Gabriel Sampaio Ramos (3). Outra filha Roberta Mable Rabelo Sampaio Mapurunga (30) destacada funcionária da TELEMAR, pedagoga e pós-graduada em Pedagogia Administrativa. Casada com Wagner Reis Mapurunga, da ilustre família Mapurunga de Viçosa do Ceará.

02. João Jacques Dutra Sampaio, falecido aos quatro meses de idade.

03. Maria Angélica Sampaio Pires, licenciatura em Pedagogia, atuou e aposentou-se como professora de disciplinas de segundo grau: psicologia, Sociologia e Didáticas. Casada com Ermano José Coelho Pires, canindeense de Ipeueiras dos Gomes, funcionário aposentado da Escola Técnica Federal, hoje CEFET. Do casamento resultou cinco filhos: Marylane Sampaio Pires, funcionária da TBA – Técnica Brasileira de Alimentação, divorciada, tem um filho, Alexsander Pires Medeiros, 17 anos. Virgínia Márcia Pires Lobo, professora do Colégio 7 de Setembro, viúva, tem dois filhos: Lisianne Pires Lobo (13 anos), Leandro Pires Lobo (11 anos).

05. Erlânia, ex-funcionária da Teleceará, hoje TELEMAR, reside atualmente em São Paulo-SP, onde cursa a Faculdade de Artes Plásticas. Casou-se com o médico Dr. Airton Dantas com quem teve um filho, André Luiz Sampaio Dantas, solteiro, cursando na UNIFOR Engenharia Mecânica, ao mesmo tempo em que trabalha como técnico têxtil na Vicunha após haver sido concursado em São Paulo. Erlânia, divorciada do primeiro, contraiu novo enlace com Jairo Afonso Francisco, tendo dois filhos: Jaime Sampaio Neto (16) e Vinícius Sampaio Francisco, falecido aos quatro anos em 1993.

06. Conceição, (gêmea com a Beliza), professora graduada em Pedagogia, casada com Roberto Lima Vasconcelos, tem 4 filhos: Roberto Magno Sampaio Vasconcelos (27),funcionário da Newland, casado com Analice, esperam o primeiro filho; Regina Mara Sampaio Trajano de Paula, casada recentemente com Ricardo Trajano de Paula; Clealdo Neto, casado com Cristina, tem um filho Pedro Ícaro, de oito meses; Camila Sampaio Vasconcelos, 13 anos, estudante.

07. Beliza, (gêmea com Conceição), professora, graduada em Pedagogia, curso de especialização em nível de pós-universitário de prof. em suplência, casada com o professor José Soares Cunha (Zé Parecido) no dia 28/12/1975, tendo quatro filhas, todas solteiras: Wlândia Sampaio Cunha, 22 anos, universitária (concluindo Serviço Social); Idália Sampaio Cunha, 20 anos, universitária, concluindo Ciências Sociais; Régia Sampaio Cunha, 13 anos, cursa a 8ª série do Ensino Fundamental.

08. Dargenira Maria, professora, graduada em Pedagogia, curso de especialização em Administração Escolar, casada com Francisco José Rocha em 26/03/1997. Tiveram quatro filhos: Sysley Anne Sampaio Rocha, solteira, 24 anos, concluiu o Ensino Médio; Maria Zilma Sampaio Rocha, 20 anos, universitária, cursando Pedagogia, professora, tem um filho de um ano e oito meses, Afonso Braga da Rocha Lima Neto; Francisco José da Rocha Júnior, 17 anos, cursando o 2º ano do curso médio, Mary Nazelle Sampaio Rocha, 15 anos, cursando o 1º ano do ensino médio.

09. José Theonas, corretor de automóveis, casado com Aglair Arrais Sampaio, tiveram duas filhas: Aline Arrais Sampaio, 19 anos, universitária cursando enfermagem da UFC; Débora Arrais Sampaio, 17 anos, cursando o 2º ano do ensino médio.

10 Celina de Fátima, ex-funcionária da EMATER-CE, atualmente professora do Estado, graduada em Pedagogia, curso de pós-graduação em Planejamento Educacional (UFC), divorciada, tem dois filhos: Helano Sampaio Santiago, 21 anos, universitário; Lívia, 11 anos, cursa a 5º série do ensino médio.

11: Jaime César, solteiro, advogado. Desenvolve atividades nos fóruns de Fortaleza e Canindé (SAMPAIO, 2002, p. 147 a 150).

Acrescento a essa descrição o quarto filho, Francisco Calógeras Dutra Sampaio, que estranhamente não aparece na relação. A partir dos relatos de Beliza e Conceição, a

família morava em São Luís do Curu até o nascimento da terceira filha, quando passaram um tempo em Pentecostes/CE para que Dargenira trabalhasse como professora substituta. Foi lá que nasceu Calógeras. Pouco tempo depois, a família retornou para São Luís do Curu, onde nasceu Erlânia. Após um grave acidente com Jaime, o casal decidiu ir embora para Canindé, ali fixando residência definitiva. Foi lá que os demais filhos nasceram. Antes do nascimento de Janaína, Dargenira sofreu um aborto espontâneo, ficando “nas portas da morte”, como dizia, quando chamou todos os filhos ao leito para a despedida, na presença de um padre. O médico deu-lhe apenas meia hora de vida caso a hemorragia não cessasse. Essa criança chamar-se-ia Pedro Alberto. A recuperação foi atribuída a um verdadeiro milagre. Em 1962, depois do nascimento de Janaína, Dargenira engravidou pela última vez e sofreu outro aborto. Quando fala sobre os filhos, Dargenira apontava o número treze, incluindo os abortos. Quando fala do filho que morreu ainda bebê, refere-se a “anjinho” ou “um presente dado a deus”.



Imagem: Foto do mural de Dargenira. Janaína ao centro, entre sua mãe e seu pai e as/os demais irmãs/irmãos e familiares.

Dargenira foi uma professora de prestígio em Canindé e teve um papel importante na história educacional da cidade<sup>139</sup>, descrita por Tônico Marreiro como “uma grande pilastra na educação da Terra de São Francisco”<sup>140</sup>. Assim que Dargenira chegou a Canindé, ela se inseriu no corpo docente do Instituto Canindeense Presidente

<sup>139</sup> Em Canindé, trabalhou no Colégio do Convento Franciscano, no Educandário Santa Clara (internato dirigido por freiras Clarissas), no Grupo Escolar Monsenhor Tabosa, no Instituto Canindeense Presidente Vargas, no Juvenato São José, no Centro Educacional São Francisco (CNEC) e no Ginásio Paulo Sarasate.

<sup>140</sup> Marreiro é tido como uma pessoa ilustre de Canindé, radialista e político que foi aluno de Dargenira. Disponível em: <http://kanindecultural.jimdo.com/educação/dargenira-d-sampaio/>. Acesso em: 14 de out. de 2011.

Vargas, que ficava há poucos passos da casa onde moraram por muitos anos, na Rua João Pinto Damasceno. Como muitos prédios de Canindé, hoje foi transformado em pousada para romeiros.

Dargenira foi a primeira professora a receber o convite para trabalhar no Ginásio Paulo Sarasate, feito diretamente pelo então diretor, Edmilson Guimarães de Almeida, quando estava grávida de Janaína. Essa escola modificou a realidade educacional da cidade, que antes contava apenas com Grupo Escolar Monsenhor Tabosa, fundado em 1926 e reinaugurado em 1937, após reformulações e mudança de prédio na gestão do ex-prefeito Joaquim Magalhães Filho<sup>141</sup>.

**Dargenira:** *Eu estava grávida do Jaime César. O Dr. Edmilson que veio me chamar. Ele disse: “A senhora vai”. Eu disse: “Não, eu tô tão mole, a barriga muito grande.” Ele disse: “Não, minha filha. A senhora vai ensinar de graça e os alunos vão também de graça”. Aí, meu velho disse assim: “Minha velha, vá que é um benefício pra nossa cidade”. Aí, eu obedeci meu velho: “Pois eu vou”. Passei um ano sem receber ordenado e os alunos sem pagar, né. Bem, aí eles fizeram o exame de admissão e tudo, foi muito bem. Ensinei lá uns anos, fui a primeira professora. Onde hoje é um hospital, ali era um colégio. Quando eu cheguei aqui era um colégio de freira. As freiras, era pra ensinar só órfãos, porque não tinham renda nenhuma. Aí, a professora ia se aposentar.*

**Eu:** A senhora ensinou por quantos anos?

**Dargenira:** *Ensinei foi muitos anos, minha filha. Desde os 18 anos que eu ensinava, até eu me aposentar. Era de manhã, de tarde e de noite.*

Dargenira encarava a docência como uma prática humanitária, ensinando muitas vezes sem nenhuma remuneração, acumulando turnos de trabalho com as responsabilidades domésticas. Muito dessa disposição vinha de concepções religiosas de caridade e solidariedade cristã. Conceição lembrou-se de um projeto em que Dargenira e a maioria dos filhos teriam ensinado gratuitamente na Escola Paroquial. Sobre esses elementos, conta Erlania:

**Erlania:** *Minha mãe trabalhava nos três expedientes. À noite dava aulas, na expressão literal da palavra, porque ela não cobrava dinheiro para preparar um grande grupo de rapazes e moças. Lembro que nossa mesa da sala de jantar, que não era pequena, pois éramos dez filhos e sempre recebia convidados, se tornava pequena para os estudantes do Exame de Admissão ao Ginásio, na época um verdadeiro vestibular. Mesmo assim, com esta carga horária, mamãe ainda tinha preocupação e disposição de criar lazer para nós (Livro de comemoração dos 90 anos de Dargenira).*

Dargenira seria articulada, sensível, questionadora, dedicada à família, religiosa, solidária, generosa, forte, inteligente, bem humorada, amável, justa e dedicada, para

<sup>141</sup> Fonte das informações: Cronologia Canindeense, de Hélio Pinto Vieira. Primeiro grupo escolar de Canindé. In: Memórias de Canindé. [http://memoriasdecandinde.blogspot.com.br/2012\\_11\\_11\\_archive.html](http://memoriasdecandinde.blogspot.com.br/2012_11_11_archive.html). Acesso em: 17 de dez. de 2012.

usar alguns adjetivos atribuídos pela família para descrevê-la. Ela tinha muita disposição para falar sobre sua vida, suas histórias, seus valores, seus aprendizados. Quando a encontrei, apesar da idade avançada, lembrava com detalhes acontecimentos e datas. Acompanhava de perto a vida dos/as filhos/as, dos/as netos/as e demais parentes. Ela fazia valer sua posição hierárquica na família, na qual prevaleciam suas opiniões, contando com a anuência, admiração e respeitos de todas/os. Além disso, ela era muito paciente e compreensiva com relação às discordâncias, às diferenças entre os/as filhos/as. Uma dona de casa típica do meio em que vivia, ela era o centro da família, aquela que conduzia a unidade familiar, que se dobrava para conseguir executar todas as atribuições, quem controlava o orçamento doméstico, gerenciava a família. Dargenira era a grande matriarca do núcleo. Tudo girava em torno dela em uma família estruturada basicamente para o bem estar e educação dos filhos, um ponto incontestável para ela.

Alguns filhos do casal ascenderam economicamente. Foi a primeira geração da família que chegou ao ensino superior. Alguns deles saíram de Canindé para estudar na capital. As mulheres tornaram-se, como a mãe, professoras, seguindo uma profissão possível para as mulheres naquele contexto. Formaram-se em Pedagogia: Maria Angélica, Conceição, Beliza, Dargenira Maria e Celina de Fátima. Erlânia foi a única que não obteve a formação, mas também foi professora por algum tempo. A formação superior das filhas, no entanto, ocorreu depois de iniciada a carreira docente possibilitada pela Escola Normal, acompanhada da expansão e interiorização dos cursos universitários. No período de formação escolar delas não existia o então Segundo Grau, hoje Ensino Médio desvinculado da Escola Normal na cidade de Canindé. Esse teria sido o motivo para Janaína e Celina irem terminar seus estudos em Fortaleza:

**Erlania:** *Foi quando o papai resolveu comprar a casa pra eles dois. Ele [Janaína] foi pra fazer o colegial, porque lá em Canindé na época não tinha o Segundo Grau. Tinha o ginásio, tinha o curso normal, só. Mas ele não queira o curso normal. Então pra fazer o [que] na época era chamado o científico, ele foi ter que ir pra Fortaleza e a Celina não quis fazer o curso normal também porque ela não queria ser professora. E hoje o quê que ela é? Professora.*

**Eu:** Todas vocês são professoras?

**Jayme:** *Todas rodaram, rodaram e viraram professoras. Essa telefonista [Erlania] aí virou professora.*

Os filhos Francisco Calógeras e José Theonas cursaram apenas o Ensino Médio. O primeiro trabalhou no SESI – Serviço Social da Indústria – e o segundo foi corretor de imóveis e “funcionário no comércio”, segundo Conceição. O filho mais velho e Janaína, inserida na família como “o filho mais novo”, formaram-se em Direito na

mesma universidade em Fortaleza. O primeiro foi, como o avô João Francisco, Coletor de Tributos, tornando-se, posteriormente, em razão da reestruturação da carreira, Auditor Fiscal do Tesouro Estadual da Secretaria da Fazenda do Ceará. Buscando progredir na carreira pública, ele cursou Direito, mas “nunca aderiu”, segundo Dargenira, ou seja, não chegou a exercer a advocacia. Já Janaína, que segundo alguns membros da família, não desejava seguir a carreira jurídica, insatisfação que foi agravada com a discordância entre as normas da profissão e sua travestilidade, teve os estudos universitários custeados pelos pais e movidos pelo sonho de Dargenira em ver “o filho” doutor e independente.

As trajetórias das/os filhas/os são dispares com relação aos recursos financeiros e ao prestígio que advém da formação universitária e profissão, por exemplo. O mais velho é tido pelos demais como o mais bem sucedido, tem um bom salário e status, possui imóveis, viaja com a família ao exterior. Com relação às mulheres, os valores são outros, se referem mais aos casamentos que fizeram, como se algumas tivessem tido mais sorte do que outras, incluindo aquelas que se divorciaram. Essa correspondência ao que é esperado socialmente de um homem (que seja bem sucedido e provedor da família) e de uma mulher (faça um bom casamento, seja respeitável moralmente) nesse contexto gera, invariavelmente, hierarquias e tensões na família, por mais que não seja explicitamente falado. Com relação a isso, certa vez ouvi a seguinte piada de um membro da família: “Em toda família existe uma puta, um barão e um viado. Pois é, a nossa não ia ser diferente, a gente sempre brinca com isso”.

Entretanto, ao lado dos conflitos, existe também intensa solidariedade e ajuda mútua, afinal a família é vivenciada como um reduto privado, um espaço de proteção e abrigo em oposição à rua (DA MATTA, 1997), o espaço público, que possui uma dinâmica bem diferente, fria e impessoal. Nesse sentido, por mais que tenham suas diferenças, os membros familiares tendem a se unir quando precisam fazer frente às concepções e adversidades advindas “de fora”. Na família também se guardam segredos inatingíveis, mantidos em entrelinhas e por meio de não-ditos ou de ditos compartilhados intimamente. Um exemplo disso é a descrição de Janaína feita acima pelo irmão mais velho, na qual sua homossexualidade e travestilidade são omitidas, recebendo destaque o estado civil e a profissão. Dizer que Janaína era “solteiro”, significa anular questões referentes à sua sexualidade, significando ali que ela ainda não mantinha laços familiares convencionais, não era “casado com uma mulher” e não tinha filhos, tal como os demais irmãos e irmãs foram descritos. Em 2002, ano em que o

referido livro foi lançado, Janaína já era uma ativista renomada, mas é marcada na descrição familiar, de forma abstrata, como “o advogado que desenvolve atividades nos fóruns de Fortaleza e Canindé”.

Quando o silêncio sobre a orientação sexual de Janaína foi quebrado, alguns membros da família se sentiram incomodados. Em muitos espaços e ocasiões, tentativas de manter esse “segredo” familiar continuaram sendo praticadas. A travestilidade veio coroar essa impossibilidade de deixar o assunto escamoteado fazendo com que o incomodo inicial se transformasse em mágoa, revolta e inconformismo. Nesse sentido, é notório que socialmente o problema causado pela discordância das normas de gênero é maior do que o da homossexualidade, tida como uma questão de foro íntimo, mais vinculada às práticas sexuais, principalmente se essa é vivenciada de forma “discreta”, escondida, sem que ninguém perceba, “no armário”. No relato abaixo, Erlania fala sobre os conflitos familiares que surgiram em função da discordância das normas de gênero postos por Janaína, de um lado a oposição do irmão, do outro a omissão do pai e o sofrimento da mãe ao tentar não se indispor com os filhos, mesmo sabendo do sofrimento de Janaína causado pelas situações discriminatórias no âmbito familiar:

**Erlania:** *A mamãe disse pra mim: “As fumaças são as boas ações e o carvão é o corpo”. Portanto eu não tenho sombra de dúvidas quando eu digo que o Jaime hoje é luz porque ele realmente, ele sofreu humilhações, por que muita gente humilhava, até o próprio meu irmão...*

**Jayme:** *Ele aguentou muita coisa calado.*

**Erlania:** *Calado! Foi só alguns...*

**Jayme:** *Parece que o mais velho era o único que falava abertamente. Esse é um ponto que tem que ser falado, ele é o único que se posicionou. Tinha gente que fazia o jogo do contente na casa do tio Jaime, mas que virava as costas e metia o pau.*

**Erlania:** *É, isso daí também...*

**Eu:** *Eles brigavam, discutiam?*

**Erlania:** *Não, era briga muda. Por exemplo, o mais velho tava lá em casa sábado e se o Jaime César tivesse, Jaime César não sentava na mesa. Ele ia esperar que todo mundo terminasse. E a mamãe se sentia mal com isso. A mamãe achava assim: botou a comida na mesa, todo mundo tinha que sentar e comer, era de costume. Aí, não, ele [Janaína] esperava. Às vezes o Jaime saía, quando todo mundo terminava é que ele vinha, entendeu? O Jaime nunca fez questão de alguém fazer o prato dele não. Ele mesmo ia na panela, fazia o prato. Às vezes comia gelado. A mamãe, às vezes, se incomodava com isso. Muitas vezes ela ficava calada, mas você notava que aquela maneira dela... ela sentia, ela achava que aquilo não devia ser feito. Se tinha, às vezes... [silêncio]. Mas o importante é que a gente se dava muito bem, não é meu filho?*

**Eu:** *Como era a relação do Jaime com ele? Quando eles deixaram de se falar?*

**Erlania:** *Quando ele começou a notar que o Jaime tinha silicone.*

**Eu:** *Até então eles se tratavam bem?*

**Erlania:** *Não. Era só: “Oi, o que é que há?”. O único irmão que o mais velho se dava bem era com o Calógeras, mas, assim, no fim de semana. Ele sempre foi o barão da família e Jaime César era assim: “Eu sou eu, quem quiser gostar de mim é do jeito que eu sou”. Ele tinha esse ponto de vista. O Theonas não. O Theonas era um tanto mais humilde, era mais... Ele se dava muito com o Theonas por que ele, o mais velho,*



*precisava do Theonas pra ajeitar o carro dele, pra ver uma coisinha aqui. O Theonas, por ser bem mais moço, bem meninão mesmo. Mas ele era atencioso. O Jaime César não tinha muito essas aptidões e nem era muito chegado em carro. E o mais velho era muito apegado com o papai e com a mamãe e tinha ciúme deles com o Jaime César.*

Erlania fala também de como os outros irmãos se posicionavam com relação a travestilidade de Janaína. Theonas não demonstrava muito suas opiniões e emoções, transparecendo um pouco de indiferença, apesar de ser mais próximo de Janaína do que o outro irmão, Calógeras, mais reservado. Dessa maneira, o maior conflito era aquele que se estabelecia entre o irmão mais velho e Janaína. Este, por ser o primogênito, parecia exercer determinado controle sob os irmãos, mantendo-os subservientes, posicionando-se em outro patamar. Janaína se opunha a isso, não somente porque se recusava a ocupar esse lugar, mas também porque não compartilhava os valores dos demais irmãos referentes à masculinidade, gerando mais distanciamento.

Com relação ao pai de Janaína, ele geralmente aparece nos discursos dos familiares de maneira coadjuvante em relação à Dargenira, retratado vagamente como “um bom pai”, “bom marido”, calado, compreensivo e atencioso com os filhos. Atribuo essa configuração à responsabilidade de Dargenira na criação dos filhos, sendo encarregada da organização doméstica, correspondendo às atribuições especificamente femininas. Apesar de Dargenira ser retratada como uma mulher forte, dinâmica e trabalhadora, características tidas como masculinas naquele meio social, seu trabalho não representa especificamente uma conquista de autonomia. Pelo contrário, aqui ela apenas reforça suas atribuições sociais como mulher, permanecendo na marcação de um regime de dependência ao marido, aos filhos, à sociedade. Ela trabalhou, contribuiu financeiramente para a manutenção da família, dava as ordens, mas o marido continuava sendo o provedor moral da casa. A partir dessa posição, Jaime mantinha comportamentos considerados mais livres, atribuídos aos homens, como sair de casa sem a esposa e os filhos e frequentar bares. Beliza lembra: *“A mamãe sofreu muito. Sofreu por conta assim... o papai gostava assim... de umas farrazinhas de leve, né?”*.

A preocupação com os filhos seria compartilhada entre Dargenira e Jaime. Na medida em que os filhos mais velhos foram crescendo, começaram a trabalhar, a casar e a sair de casa, a situação financeira teria melhorado e o casal passou a se dedicar mais aos caçulas, especialmente a Celina e Janaína. Pensando em ampliar as possibilidades de formação dos filhos, Jaime teria resolvido comprar uma casa na capital:

**Beliza:** *Tu não te lembra não quando o papai comprou a casa lá em Fortaleza? [se dirigindo à Conceição]. Ele chamou os filhos e disse: “Essa casa que eu estou*

*comprando é para os meus dois caçulas. Todos vocês tem casa. Então, por morte minha e da minha velha, não façam confusão com a Celina e com o Jaime César, porque essa casa é dos meus dois caçulas”.*

As menções a Jaime nos relatos dos familiares se intensificam na medida em que retratam a velhice, com foco no período em que ficou doente. Ele teve isquemia, causando reduções de mobilidade e problemas de memória, o que o tornou completamente dependente da ajuda de terceiros. Esse foi, então, o período que sua figura aparece mais relacionada ao lar. O sofrimento de Jaime ao ver os três filhos morrendo também foi marcado com ênfase pelos familiares. Calógeras, Theonas e Janaína morreram antes de Jaime. Após a morte dele, em 2007, Dargenira passou a falar incessantemente sobre Jaime, relembrando a juventude, a fuga do casal e as dificuldades no decorrer da vida. Ela falava ainda dos sonhos recorrentes em que ele a avisaria sobre os acontecimentos com os filhos e a alertaria sobre os perigos do cotidiano.

Com relação ao que era entendido pela família como a “homossexualidade” de Janaína, Jaime teria se esquivado de tecer qualquer tipo de julgamento e evitado conflitos. Dargenira disse que ele não comentava sobre “o assunto”, nem mesmo com ela: *“Nunca tocou nesse assunto. Só chamava ele de Jaimim. Eles tinham uma boa relação, conversavam, mas nunca ele disse: ‘Meu filho é isso...’ Nem eu também. Respeitava. Não é bom o respeito? Graças a Deus”.* Ter “respeito” significa aqui não questionar e até mesmo silenciar sobre o que não “ousavam dizer o nome”. Quando Janaína era criança, o pai acharia engraçadas as brincadeiras com bonecas, as roupas e sapatos que Janaína usava das irmãs, os desfiles que encenava. Quando Janaína ficou mais velha, o pai teria percebido que aquele comportamento antes tido como divertido não era apenas uma atitude de criança. Mesmo assim, se abstinha em fazer qualquer censura, preferindo o silêncio, interpretado pelas irmãs de Janaína e pela mãe como uma atitude respeitosa. Jaime, no entanto, teria demonstrado tristeza quando Janaína começou com os processos de transformação corporais, como aplicação de silicone:

**Celina:** *O papai, eu tava em Canindé, passando o final de semana, aí o Jaiminho foi também. Aí, o papai olhou, ficou olhando pra ele e viu que ele tinha colocado silicone no seio. Aí, ele não fez nada. Ele baixou assim a cabeça e eu vi duas lágrimas descendo dele, ele não disse nada. A gente tava jogando baralho, papai gostava muito de jogar baralho, Jaiminho também jogava com ele pra distrair o meu pai, a gente gostava de jogar baralho com o meu pai. E ele não disse nada! Se fosse outro ia perguntar: “O que é isso? O quê que tá acontecendo?”.*

No entanto, a tolerância do pai de Janaína com relação às transformações corporais teria crescido na medida em que seu estado de saúde piorava. Janaína sempre

ajudava a cuidar do pai e, mesmo com os problemas de memória em função da doença, Jaime nunca esquecera “do filho”, passando a reconhecê-lo justamente pelas mudanças que empreendera no corpo:

**Jayme:** *O vô, ele teve isquemia. O vô esquecia de todo mundo, menos da mãe e do tio Jaime. Aí, como é que era que ele reconhecia a senhora e o tio Jaime?*

**Erlania:** *Ele pegava no cabelo, aí ele baixava e dizia assim: “Tem muito peito, é a Erlania”. Aí, eu dizia assim: “Olha aí Jaime, eu tenho mais do que tu” [risos]. E ele ria muito. Ele pegava também no peito do Jaime pra poder conhecer quem era. Aí, quando ele pegava no peito do Jaime, dizia: “Jaiminho?”, e ele [Janaína] respondia: “Oi papai”.*

**Jayme:** *Não tinha uma vez que o tio Jaime ia a Canindé e não cuidava do vô, ajudava, levantava, tava junto. Não tinha tempo ruim.*

Segundo Erlania, ela e Janaína eram as filhas mais queridas pelos pais. Erlania sempre foi a mais extrovertida da família, a que mais rompeu com as exigências sociais em comparação às demais irmãs, divorciando-se e tendo filhos de pais diferentes. Além disso, ela rompeu a lógica de proximidade ao se mudar para São Paulo. Nesse sentido, ela costuma dizer que “*fui a última filha a se casar e a primeira a se divorciar*”. Talvez por encarnar concepções mais libertárias e também por ser considerada a mais bonita das irmãs, Erlania seria a irmã que Janaína mais admirava, ao ponto de tentar imitá-la, segundo me narrou a amiga e ex-vizinha de Janaína, Clara.

Em Canindé, a rede familiar se distribuiu na vizinhança, formada por Beliza, que morava na rua transversal à casa de Dargenira, tendo seu quintal conectado com o dela. Conceição morava na quadra seguinte e Dargenira Maria morava há alguns metros de distância. Existiam ainda netos e sobrinhos que moravam nas redondezas. Os filhos e netos que foram embora de Canindé, vez ou outra, iam visitar Dargenira, principalmente aqueles que moravam em Fortaleza. O fluxo de parentes na casa dela era grande, tida como a casa original da família. Ela sempre mandava fazer comida contando com a chegada de alguém.

Quando tive contato com a família de Janaína, a configuração familiar tinha sofrido algumas transformações. Dos dez filhos, três já tinham morrido, incluindo Janaína, que é retratada como “um dos filhos já falecidos”. O primeiro a morrer foi Calógeras, em 1999, depois de acidente vascular cerebral. Theonas, vítima de câncer no pâncreas, morreu em 2003. Em 2007, como já falado, Jaime faleceu e Dargenira passou a receber sua pensão. Por fim, durante a pesquisa, no final de 2013, Dargenira também morreu. Depois da morte dela, percebi que os familiares procuravam se situar na nova configuração familiar, já que tinham perdido a maior aglutinadora.

Nos últimos anos de vida, Dargenira estava morando sozinha com Carola, uma agregada que dela cuidava e lhe fazia companhia. Carola chegou à casa de Dargenira em 1970 e, assim como as filhas, se tornou professora, por admiração a Dargenira e ao que chama de status de educadora em uma cidade pequena.

*Quando ficamos órfãos de pai, em 1970, eu e meus três irmãos Chico, João e Lúcia viemos morar com dona Dargenira no ano seguinte, em 1971 para estudar, na época estava cursando o 3º ano primário. Nos damos tão bem, não só com ela e seu Jaime, mas com todos da família, que ajudávamos nos trabalhos de casa, estudava, e o tempo passou, então eu optei por ser professora e cursei até faculdade. Admiro-a tanto pela dedicação à profissão que segui seu exemplo por ser uma profissão enriquecedora em trabalhar valores, lidar com pessoas e ter status de professora que as cidades do interior normalmente dispensam às mestras (Carola em depoimento no livro de comemoração de 90 anos de Dargenira).*

Carola é retratada como dedicada a Dargenira, se ausentando de casa somente para dar aulas. Ela só teria morado na sua própria casa depois da morte de Dargenira, fato que lhe causou um profundo inconformismo.

## A promessa a São Francisco

A religiosidade é elemento que marca a família de Janaína em vários aspectos. A decisão de Dargenira e Jaime de fixarem residência em Canindé teria sido resultado de uma promessa a São Francisco. Conta Beliza:

**Beliza:** *E a minha mãe, bucho enorme! Minha mãe, quando ela veio pro Canindé, ela veio grávida de nós duas, eu e a Ceicinha. Ela chegou aqui no dia 13 de agosto de 1948, às quatro horas da tarde. Ela morava no São Luís do Curu. Sabe como é que ela veio morar aqui? O meu pai recebeu um tiro, né? O tiro entrou nas costas e saiu no braço. Aí, a mãe levou pra Fortaleza, a mãe buchuda de nós duas. Aí, quando chegou lá no hospital, ela muito desconsolada e ele também, ela disse assim: “Meu véi, eu queria lhe dizer uma coisa, acho que você não vai aceitar. Mas já tá feito! Eu vou lhe dizer: “Eu fiz uma promessa pra morar no Canindé.” [Jaime, responde:] “Valha-me Deus, eu fiz uma promessa pra morar no Canindé”.*

Ceará, às margens do Rio Curu, em outro dos municípios marcados pela religiosidade cristã característica da região, no pequeno e rural São Luís do Curu, batizado com esse nome por causa do padroeiro São Luís Gonzaga, é palco de um episódio que marcou profundamente a família Dutra Sampaio. Os familiares contam a história. O ano era 1948. Jaime Sampaio Santos se envolve em uma briga de bar e é atingido seriamente com um pedaço de madeira e uma bala de revólver, que entrou nas costas, passou por trás dos pulmões e se alojou definitivamente no braço. Como homem pacato que era, motivado por nobres intenções, Jaime tentou abrandar uma briga que

envolvia seu cunhado, Viana. Nesse momento, Jaime foi identificado como um dos agressores e alguém que acabava de chegar o atingiu gravemente. Dargenira estava grávida de gêmeas e já era mãe de quatro filhos.

São Luís do Curu era uma cidade pequena sem nenhuma estrutura hospitalar e Jaime precisava de um atendimento médico mais eficiente, devido à gravidade do ferimento. Sem muitos recursos financeiros, o casal Jaime e Dargenira conseguiu uma carona para a capital. Apesar da gentileza do motorista, no seu caminhão de carga de algodão não havia espaço para Dargenira, que se recusava a abandonar o marido nesse momento crítico. Jaime, que estava em estado grave, foi na boleia do caminhão, enquanto Dargenira com sua enorme barriga de sete meses foi na parte de cima, junto com a mercadoria, sentada em uma escada, se equilibrando nas cordas que amarravam o algodão por longos setenta e nove quilômetros.

Chegando ao hospital em Fortaleza, Jaime foi levado imediatamente à sala de cirurgia. Nesse percurso, em breves momentos de consciência, fez uma promessa a São Francisco: em troca de sua recuperação, prometera mudar-se com a família para Canindé, cidade do santo protetor dos doentes. Dargenira, aflita na sala de espera, enquanto o marido se submetia a uma cirurgia minuciosa e arriscada, fez a mesma promessa: se “seu velho”, como chamava Jaime mesmo quando ele ainda era jovem, saísse daquela sala cirúrgica com vida, moraria para sempre em Canindé.

Depois que o risco de morte passou, Dargenira confessara a Jaime, temerosa pela recusa do marido, da promessa a São Francisco. Para sua surpresa, Dargenira obtivera o relato de Jaime de que tinha feito exatamente a mesma promessa. Com a saúde de Jaime reestabelecida, o casal saiu do hospital em Fortaleza e partiu direto para Canindé, precisamente em “13 de agosto de 1948, às quatro horas da tarde”, como informou Beliza, uma das filhas gêmeas do casal. Eles jamais retornariam a São Luís do Curu e não passariam uma só noite em outra cidade. A promessa incluía ainda a morte e enterro em Canindé e se estendia somente aos dois, deixando os filhos livres.

Em 1945 terminou o primeiro governo de Getúlio Vargas, período conhecido como a Era Vargas (1930-1945). Tomaz Barbosa Cordeiro foi o primeiro prefeito de Canindé depois desse período, tendo trabalhado na reforma da Basílica de São Francisco, no prédio da Prefeitura e na construção da Igreja do Monte (PINTO, 2003). Em 1946 uma nova Constituição Federal foi promulgada, conferindo aos municípios autonomia política, administrativa e financeira. Os municípios, em tese, estariam livres das amarras do coronelismo, tão presente na região. A administração de Tomaz

Barbosa, beneficiada por essa nova conjuntura, é ainda muito lembrada pelos canindeenses, já que conseguiu algumas mudanças, deu uma nova roupagem à cidade, construiu ruas, o Mercado Público, aglutinando comerciantes de acordo com um planejamento urbano. Em 1948, quando a família de Janaína chegou a Canindé, o Mercado Público estava sendo inaugurado e, como a maioria dos eventos na cidade, contou com a participação do prefeito e do padre.

Nos anos 1950 e 1960, Canindé passava por algum crescimento, apesar de ser atingida por fatores climáticos próprios da região. Em 1958, segundo Pinto (2003), ocorreu uma grande seca na região, fazendo com que a população sofresse bastante com a escassez de gêneros alimentícios e alta de preços. Nesse momento, grande número de rurícolas passou a mendigar pelas ruas da cidade. O ano de 1959 é marcado pelas filmagens do filme *Os bandeirantes*, do diretor francês Marcel Camus, quando a cidade fica em polvorosa com os artistas e as técnicas de cinematografia, mas também por outra tragédia, o arrombamento do açude Orós. O início da década de 1960, quando Janaína nasceu, é caracterizado pela chegada de tecnologias à cidade, como a inauguração da Companhia Telefônica de Canindé e pelo abastecimento de energia elétrica por meio da usina hidrelétrica de General Sampaio. Foi quando a população passou a desejar e a consumir eletrodomésticos como refrigeradores e ferros elétricos. Em 1963 foram concluídos os trabalhos da rede de abastecimento de água da cidade, quando as primeiras ligações residenciais passaram a ser feitas. Em 1964, ocorreram grandes tempestades, causando inundações nas ruas e muito prejuízo para a cidade e para a população. Em 1968 foi inaugurado o primeiro televisor público, na Praça Coronel Leôncio. No mesmo ano, enquanto várias ruas da cidade receberam calçamento, foi inaugurada a Biblioteca Pública Municipal Cruz e Filho e o Banco do Nordeste do Brasil. No senso demográfico de 1980 o município contava com 58.241 habitantes.

Inserida nesse contexto, a família Dutra Sampaio, apesar de muito trabalho dos genitores, não possuía uma situação econômica muito cômoda. Desde que chegaram a Canindé e com o número de filhos crescendo, tiveram que mudar de casa várias vezes até conseguirem comprar a casa própria:

**Eu:** Vocês sempre moraram na mesma casa?

**Erlania:** Não. Assim que a gente chegou nós moramos em uma rua hoje conhecida como Paulino Barroso. Era conhecida como Rua das Pedrinhas. Ela [Dargenira] morou lá um tempo, onde nasceram as gêmeas. A mamãe chegou com sete meses [de gravidez] e quando foi em setembro as gêmeas nasceram. Aí, [da rua] das Pedrinhas, quando foi na década de... em 49 mais ou menos ou foi 50, ela foi morar na [rua] Tabelião

*Facundes, em outra casa. Essa casa eu me lembro, eu tinha quatro anos quando a gente foi morar lá. Aí, dessa casa a gente já foi morar na [rua] João Pinto Damasceno. Moramos na João Pinto Damasceno muito tempo, 50, 60, foram dez anos que a gente morou na João Pinto Damasceno. Aí, da João Pinto, o dono da casa pediu a papai a casa, que era casa alugada. Porque o filho dele que era padre ia celebrar a primeira missa e ele tinha nascido naquela casa e ele queria que a comemoração fosse naquela casa. Aí, o papai conversando com um amigo dele, o Bil, que queria vender a casa que hoje é a da mamãe. Era toda diferente, era um casebre mesmo bem simplesinho, cheio de degraus dentro de casa.*

**Jayme:** Alagava.

**Erlania:** Cheio de degrauzinhos, muito feinha mesmo. Aqueles murinhos assim pra botar pote. Aí, assim mesmo, ele comprou por 90.000 cruzeiros. Era dinheiro pra dedeu! (risos). Ai ele vendeu uma safra de algodão, de feijão e milho, duas vacas, as cabras todinhas, aí conseguiu levantar não sei se foi 45 ou foi 50.000 cruzeiros e deu para o Bil. Na festa de São Francisco era costume a gente alugar casa para osromeiros, que ele ia receber mais um dinheiro. Aí, nós fomos morar, ficar na barraca porque o papai alugou a casa durante o festejo, rendeu um dinheiro, juntou com o restante dos animais que ele tinha né? De cabra, de cavalo, o restante dos animais. Sei que ele ainda ficou só com duas vacas, a Mimosa e a Holandesa. Lembro como hoje (risos). Um ano depois, o vovô manda um dinheiro pra mamãe e o papai é chamado a Fortaleza pelo DNOCS, que é onde ele trabalhava, e ele foi assim apreensivo, que nunca tinha sido chamado: “Minha velha, será que vão me chamar atenção? O que foi que eu fiz? Eu nunca...”. Era pra dar pra ele um quinquênio, de cinco anos né? Ele tinha quatro quinquênios acumulados.

**Jayme:** Era um dinheirão.

**Erlania:** Ave Maria! Naquela época! Quando ele chegou... Aí, nós não tínhamos geladeira. Nem tampouco... nosso fogão era de carvão. Outro dia até vi um e eu lembrei da minha infância. Tinha que aquecer bastante o ferro pra fazer bolo. Aí, o papai foi pra Fortaleza, ele comprou uma geladeira a gás, porque também nós não tínhamos eletricidade até então era o fogão a gás. Ah, eu me lembro como hoje, ele desceu do misto, que também não tinha ônibus, aí ele vinha, trazia bala pra gente, a gente ficava já esperando os bombons que ele trazia pra gente. Ai ele foi e disse: “Minha velha, vem uma novidade aí”. E a mãe disse: “O que foi?”. Aí, ele foi e mostrou o dinheiro que recebeu, o quê que ia fazer, como é que ia aplicar aquele dinheiro, o que ele tava pensando. A mamãe tinha muita veia quebrada e ele tava pensando em tirar todos os degraus de dentro de casa, que da sala de visita pro primeiro quarto tinha um degrau deste tamanho. Do primeiro quarto pro segundo tinha outro degrau. Da sala de jantar, aliás, da sala de televisão pra sala que a gente janta, tinha três. Já era a parte da comieira da casa. Aí, ele mandou suspender a parede e deixar todos aqueles degraus lá em baixo. Aquela escadaria toda era dentro de casa. Aí, foi quando o vovô mandou 200.000 cruzeiros de presente pra mamãe, aí eu fui comprar o piso pra terminar a construção da casa.

**Jayme:** Nossa, o primeiro piso da vó era aquele que a gente...

**Erlania:** Era. O amarelinho.

**Jayme:** Era ‘mó’ legal. Eu já bati a cabeça lá. Eu tenho uma cicatriz de lá. Dá pra ver?

**Eu:** Dá sim.

**Erlania:** (Risos) Foi pegar muriçoca com a corda. Quase fico doida nesse dia.

Sobre esse período, Beliza também rememora:

**Beliza:** Aquela casa o papai comprou do seu Pedro Pelado. A tinha um madeiramento velho, deteriorado. A gente tinha tanta simplicidade pra poder consertar a casa. Não tem aquela padaria? [ao lado da casa]. O papai fez uma barraca, nós fomos morar na barraca. Ave Maria, era engraçado demais! Como era a barraca? Era de palha, a gente fechava a barraca e amarrava ali com um cordãozinho de nylon e ali tava pronto.

*Não tinha perigo de ladrão, não iam assaltar a gente. Era tudo na barraca, o fogão, a geladeira, as camas, a gente armava as redes, tudinho. A minha mãe teve muita sabedoria. Educar dez filhos, dez meninos pra dar de comer... ela repartia a carne, repartia a rapadura. Nós só comíamos carne sábado e domingo. Aí, na semana o que é que a gente comia? Caldo de ovos, fava com toicinho. Era o que tivesse, feijão, podia inventar. E era assim, a mamãe teve sabedoria pra nos educar porque ela fazia em cartaz, dia de segunda-feira a Angélica fazer o almoço, a Erlania varrer a casa...*

Mesmo tendo atravessado momentos de grandes dificuldades financeiras, o casal Jaime e Dargenira possuía relativo status pelas profissões que exerciam, servidor público e professora, tidas naquele meio como de prestígio e respeito. A ascensão dos filhos segue transformações do cenário social mais amplo, como ampliação do ensino superior nas regiões interioranas. Além disso, concepções de pobreza também devem ser contextualizadas. Vera, amiga e conterrânea de Janaína, dizia que ela sim era pobre, veio da zona rural e morava de favor na casa de uma tia, se diferenciando, desta forma, da classe social de Janaína: *“É porque assim, né? O Jaime, ele era assim digamos que da sociedade aqui de Canindé porque a família dele era muito tradicional e eles tinham os melhores colégios e eu não, eu já era de coleginho mais simples e tudo”*.

Dargenira também aglutinava em torno de si a prática do catolicismo. A casa de Dargenira era repleta de imagens religiosas, como santos, crucifixos e terços em meio aos enfeites da sala e fotos de familiares. A maioria dos membros está ou esteve ligada a religião católica, seguindo os rituais de batismo, primeira comunhão, crisma, casamento na igreja, promessas e penitências, participando de atividades da paróquia, fazendo atos de caridade para crianças e romeiros. Com o passar do tempo, a família foi ficando mais plural nesse ponto. Alguns filhos se tornaram protestantes, outros espíritas e Janaína se aproximou do candomblé e de religiões orientais. Jayme Neto lembra dos natais em família, onde *“cada um reza para um santo. Um puxa uma Ave Maria, quem é evangélico já se irrita. O outro, então, começa com a cruzada”*. Apesar da adesão a outras religiões, nas gerações seguintes a questão religiosa não parece central. No entanto, o catolicismo continua sendo a tônica dessa família, principalmente para aqueles que permaneceram morando em Canindé. Atribuo a essa característica a resistência familiar em aceitar o flerte de Janaína com outras matrizes religiosas que escapam de concepções cristãs.





Imagem: Foto de Dargenira na sala de sua casa, tirada em janeiro de 2012. Os símbolos do catolicismo, como terços, imagens de santos, crucifixos estão por toda parte.

Duarte e Gomes (2008) estudam essas questões de pluralismo religioso intrafamiliar, relações de prestação e contraprestação dentro de redes familiares, reciprocidade, vínculos, distanciamentos e afetividades. Os autores afirmam que essas mudanças através de gerações em famílias de camadas populares são comuns. No entanto, ao mesmo tempo em que percorrem um movimento de afastamento, efetuam uma aproximação aos referenciais primeiros, como um constante retorno às origens:

E as mudanças são como viagens para longe daquilo que ficou, lá e cá, como memória ativa. Nada pode ser mais característico do modelo pleno da pessoa ocidental moderna, em que a ênfase na invenção de um futuro a conquistar, a adquirir, longe dos constrangimentos e convenções originárias, se combina constantemente com a ênfase no pertencimento e continuidade enquanto critérios de uma existência autêntica (DUARTE & GOMES, 2008, p. 52).

Apesar de muito religiosa, Dargenira gostava de contar histórias picantes e falar palavrões.

**Beliza:** *Embora minha mãe tenha tido uma infância e educação muito reprimida, ela é uma pessoa que falava bastante pornografia. Há fatos curiosos que retratamos e todos vamos às gargalhadas, como a história do padre Júlio (seu primo) que tinha tanta curiosidade em conhecer ‘a gaveta’<sup>142</sup>.*

Essa declaração demonstra que Dargenira praticava também certa flexibilidade em relação às normas católicas, provocando o riso ao deslocar dogmas cristãos. Não por isso, contam, Dargenira deixaria de corresponder a imagem de “mulher respeitável”, religiosa, recatada, esposa e mãe exemplar. Das filhas foi exigido que seguissem seu exemplo de mulher. Dargenira as aconselhava que obedecessem e servissem seus maridos, como ela mesma fez como uma forma de cumprir um dever. Essa concepção

<sup>142</sup> Relato tirado do livro familiar de comemoração dos noventa anos de Dargenira.

de mulher relaciona valores familiares e religiosos, pois, segundo Dargenira, agir assim era uma maneira de buscar a presença de Deus em suas vidas.

De certa forma, a religião era um dos elementos mais fortes na formação da unidade familiar, um tema central nesse núcleo. Eles debatiam sobre tema, recorriam a ele como estratégia de discurso, convencimento e controle, reafirmando “boas” e “más” condutas, comportamentos “certos” e “errados”, como referência de moralidade. Vários temas de debates familiares apareciam vinculados à religião, principalmente aqueles tidos como mais íntimos e privados, como sexualidade, conjugalidade e afetividade. Isso talvez elucide algo sobre como Janaína era tratada pelos familiares, variando da tolerância a condenações, dependendo de como essas referências cristãs eram interpretadas e manipuladas. Nos vocabulários utilizados por muitos membros dessa família, era comum a presença de expressões que se remetiam ao cristianismo, como: “Ave Maria!”, “Minha Nossa Senhora!”, “Graças a Deus!”, “Meu Jesus!”, “Meu santinho!”, “Vou pedir pra São Francisco!”, etc. Como veremos a seguir, a própria Janaína, por mais que tenha se aproximado de outras matrizes religiosas, era devota de alguns santos do catolicismo, morreu rezando um terço e em seu túmulo figura a imagem de um santo.

Como sinalizam os estudos de Michel Bozon (2004a), a sexualidade é uma construção social com função de legitimar a ordem dualista e binária entre o masculino e o feminino, práticas sexuais, hierarquias geracionais e demais domínios sociais. Nesse processo, Bozon (2004b) analisa entrelaçamentos entre organizações sócio-familiares, concepções religiosas e construções da sexualidade. Esses são processos sociais complexos e paradoxais, afirma o sociólogo. Ao mesmo tempo em que visualiza transformações de configurações familiares, intrageracionais, religiosas e de gênero, apontando para mobilidades e pluralismos, percebe que essas mudanças não apresentam, necessariamente, uma ruptura de hierarquias no seio da família, influenciado por concepções religiosas e de gênero duais. De certa forma, aquele/a que pertence ou deseja pertencer a essas esferas deve se submeter a um controle, que pode se apresentar como “apoio” e “conforto”.

### **Uma “travesti de família”**

A estrutura familiar é fortemente marcada por um recorte de gênero que classifica as pessoas em homens ou mulheres, pai ou mãe, filhos ou filhas,

condicionando as sociabilidades, as atividades e as posições que devem ocupar, para corresponder a uma rede de parentesco e a um sistema gendricado rigidamente dividido. Como já visto, dentro da estrutura familiar, Janaína ocupava o lugar “do filho caçula”. Socializada como homem, era também “o irmão”, “o tio” e até “o pai”. Seguindo essa lógica, Janaína sempre foi e continua sendo tratada no masculino pelos familiares, era o Jaime, Jaime César ou Jaiminho, nunca a Janaína. Muitos familiares só souberam que Janaína havia adotado um nome feminino depois que ela morreu.

A respeito disso, Cardozo (2005) salienta que a referência no masculino ou no feminino às travestis varia de acordo com a relação estabelecida com a pessoa que nomeia, se estabeleciam uma socialização anterior ou posterior ao processo de travestilidade. Geralmente, por mais que a travesti reivindique uma identidade feminina, adote um nome e comportamentos atribuídos ao feminino, a família, principalmente os pais - aqueles que primeiro a nomearam - possuem extrema resistência em aceitar essa feminilidade. Visto isso, no âmbito familiar é comum a prevalência por toda a vida do nome masculino e do gênero atribuído ao nascer, influenciando inclusive como será registrado depois da morte, no laudo, no luto e na lápide.

Essa licença de tratamento com flexão no masculino é concedida apenas aos familiares e àqueles com quem as travestis estabeleciam um contato anterior, como vizinhos, amigos da família, antigos professores, etc. Aos de fora e às novas relações estabelecidas depois de iniciado o processo de travestilidade, a nomeação no masculino é interpretado como uma ofensa, um desrespeito, uma negação da feminilidade reivindicada. Entretanto, esse processo não é tão simples como parece, pois a nomeação e classificação das travestis no sistema de parentesco é fruto de uma intensa negociação, fazendo com que a identidade masculina atribuída no nascimento, muitas vezes, coexista com a identidade reivindicada posteriormente, sem que entrem em conflito.

Jaime, pai de Janaína, apesar das ressalvas e silêncios, demonstrava carinho por ela, enquanto que a mãe não se intimidava em demonstrar o favoritismo ao “caçula”:

*Dou mais valor aos ‘homenssexuais’, né? Que tenham um bom procedimento, uma visão ótima, nunca procure fazer o mal, fazer sempre o bem, sempre orientando, sempre apoiando. Portanto, pra mim, dos meus filhos, não quero ofender os outros não, mais foi o melhor<sup>143</sup>.*

*Ele era calmo, ele nunca, não se zangava não. Me beijava muito. Inteligente, era. Gostava de poesia. Eu achava muito bonito, ele era alegre, me beijava muito. Eu ia passando, aí ele me tratava muito bem, me beijava, me beijava. Ele foi uma pessoa que só procurou fazer o bem, ajudar os pobres e tudo. Nunca foi contra ninguém. Ele*

<sup>143</sup> Declaração de Dargenira no documentário de Almeida (2011).

*armava a rede bem aqui, quando eu passava, ele pulava da rede, me beijava e me beijava. Ave Maria, eu tenho muita saudade do meu filho. Eu rezo todo dia, mas tenho muita saudade dele* (Dargenira, em depoimento).

Certa vez perguntei a Conceição e Beliza se a preferência de Dargenira por Janaína em detrimentos dos demais filhos era visível, quando responderam:

**Conceição:** *Era claramente! Ele era assim: ele beijava a minha mãe dos pés a cabeça. Ele era muito amável! Ele nunca respondeu à mamãe.*

**Beliza:** *Ele era muito sensível. Ele era assim muito de chegar e pegar e alisava e beijava e beijava. E aquilo era só dele [Janaína] com ela [Dargenira].*

Alguns autores abordam a questão da travestilidade e das relações familiares, mesmo que *en passant*, como Silva (1993, 1996), Pelúcio (2005a, 2007) e Benedetti (2005). Mas foi Cardozo (2005) que se debruçou sobre a questão de parentesco de travestis. Para ela, a aceitação de travestis por parte da família no meio em que pesquisou passa pela ideia de que ser travesti é “um mal menor” em relação àqueles que fazem uso de drogas ou que estejam envolvidos com o crime. No caso de Janaína, a aceitação passa também por outros elementos, como a religiosidade e concepções cristãs, bem como a correspondência a valores morais. Dargenira admirava Janaína porque ela seria solidária, “ajudava os pobres”, era pacífica e bondosa. Ela afirmava que sabia sobre a homossexualidade de Janaína e aceitava seu processo de travestilidade, mas não usava jamais essas palavras, se resumindo a dizer que conhecia “o estado do filho”, “a linhagem”, “a tendência”, “os costumes” e que tudo isso era possível porque foi “permitido por deus”. Para Dargenira, era mais importante “as boas virtudes do filho”, tornando irrelevante o que entendia apenas como uma aparência física.

Contudo, a “aceitação” de Janaína pelos familiares não aconteceu de repente. Sobre isso, Carola diz que Janaína era “um menino bom”, tratava todos igualitariamente, mesmo não recebendo o mesmo tratamento: “*Tinha uns irmãos dele que não aceitavam. E teve um que não aceitava aquilo não. Mas também eles nunca brigavam não, ele só não aceitava. Não sei por que, ele já mais maduro, não sei por que ele era daquele jeito*”. A própria Janaína revelou em entrevista ao jornal *O povo*<sup>144</sup> que passou por muitos conflitos na adolescência e que, apesar do seu “jeito afeminado” e das roupas que usava, a família sempre fez vistas grossas, ou seja, preferiam o silêncio, gerando incomodo, dúvidas e temor: “*Na infância eu já sentia a diferença com*

<sup>144</sup> Título: “Os medos de sair do armário”. Jaime Cesar: os pais aceitaram na maior o seu homossexualismo. Jornal *O povo*, Fortaleza – CE, 20 de agosto de 1995.

*relação aos outros meninos. Até que na adolescência, esses questionamentos afloraram e eu fui tendo mais certezas, fui trabalhando melhor o auto-preconceito”.*

Como aparece no documentário de Almeida (2011), Janaína sofria um preconceito velado de alguns familiares, percebia que sua feminilidade era reprovada e que, de alguma forma, exigiam que correspondesse aos padrões estabelecidos para homens. O cabelo, por exemplo, sempre foi objeto de controvérsia no seio familiar. O pai dela teria pedido que cortasse-o, quando ela respondeu que poderia cortar algum membro, mas nunca o cabelo. A reação do pai veio em forma de desculpas e de reafirmação de outras normas, se conformando com o fato de que Janaína era ao menos uma pessoa honesta e íntegra. Tempos depois, o pai de Janaína teria falado que o seu medo era de que “o filho” sofresse preconceitos. Janaína reconhecia que essa era uma situação de exceção em relação à maioria das experiências de travestis e se sentia muito privilegiada por ter o “apoio” dos pais.

Quando falou para os pais que era homossexual, Janaína disse que apesar da aceitação inicial, eles ficaram assustados com a “revelação” e que não sabia exatamente até que ponto eles compreenderam ou apenas “aceitaram”, dando um sentido de tolerância e conformismo. Depois do susto e da reelaboração da “notícia”, Dargenira teria entrado em defesa “do filho” sempre que achava necessário, não permitindo que Janaína fosse discriminada. Clara, ao falar sobre Janaína, comentou sobre a dificuldade inicial dos pais e de alguns membros da família para aceitarem a sua homossexualidade.

*A dona Dargenira demorou um pouco pra aceitar. Aquela própria irmã dele que tava com a gente ali, ela teve dificuldade. A mais velha, ela aceitou, a mais nova também, ele morou muito tempo com ela. Só aquela irmã que eu lembro assim que não aceitou, ele comentava comigo, porque as outras aceitavam. Nunca ouvi comentário não. Sobre os outros irmãos que já falecerem eu também nunca ouvi ele comentar. Eu só soube de um comentário numa mesa, que ele fez esse comentário absurdo, esse mais velho, excluindo ele, não sei. As irmãs que estavam lá não gostaram. Ele fez um comentário assim: “Esse bicho é viado, não sei o quê”, uma coisa assim. Ele era muito assim, como posso falar? Humanizado, entendeu? O Jaime. Muito, muito mesmo.*

A partir desse depoimento, é possível perceber certa discordância entre o que é falado pela família e por pessoas de fora do núcleo sobre como tratavam a homossexualidade/travestilidade de Janaína. A mesma irmã que Clara disse que “não aceitava” me revelou que sentia profundo orgulho do “irmão”. Como as outras irmãs, falou das brincadeiras de infância, do uso que Janaína fazia das roupas dela e dos desfiles, como situações engraçadas e divertidas. No geral, percebi que a tolerância com relação à homossexualidade foi bem maior do que em relação à travestilidade. A própria

Erlania, que nunca titubeou ao apoiar Janaína, temia que seu filho, também homossexual, se tornasse travesti ou que “botasse peito e deixasse o cabelo crescer”, justificando pelo temor de que o filho passasse pelos mesmos problemas de Janaína, principalmente de discriminação.

Contudo, nas falas públicas de Janaína, não apareciam fortemente traços de repressão ou rejeição familiar. Conta ela que o apoio que recebia da família, especialmente da mãe, era fundamental, fortalecendo a ideia da família como instituição base do sujeito<sup>145</sup>. Outro ponto interessante na fala de Janaína é no tocante às famílias do Nordeste, como mais incompreensivas com relação à travestilidade. No entanto, Janaína coloca sua família em outro plano, se contrapondo aos padrões conservadores e intolerantes usados para qualificar a região. Em trabalhos realizados no Maranhão (SAMPAIO, 2006; 2009), percebi que a norma é a rejeição familiar, a expulsão de casa, a migração, a intolerância, a violência. Em Florianópolis, Cardozo (2005) diz que não há uma guetização generalizada das travestis, pois muitas convivem com familiares e conquistam relativa aceitação. Oliveira (1997) que também realizou pesquisa em Florianópolis junto às travestis percebeu que muitas mantêm forte vínculo com os familiares, contribuindo inclusive para o auxílio financeiro. Benedetti (2005), Vale (2005) e Pelúcio (2007) falam da migração como elemento constitutivo do processo de travestilidade, uma fuga das situações injuriosas, humilhantes, vexatórias e violentas.

Além da mãe de Janaína, as irmãs já se envolveram em conflitos para “defender” Janaína, especialmente Erlania, aquela por quem Janaína nutriria imenso fascínio em função da beleza e das correspondências ao que entendia como ideal de feminilidade.

**Erlania:** *Foi no carnaval. A gente tava na primeira escola de samba de Canindé, eu já era mãe, já. Aí, o dono da escola, que era o Celso, precisava... Na última hora o mestre sala teve um problema lá com o joelho e não podia. Aí, eu fui convencer Jaime César: “Jaime César tão precisando de um mestre sala, tu vai ser o mestre sala?” Ai ele: “Mas Lana...”. [Erlania diz:] “Inventa aí uns passos e eu te digo se tá bom ou se tá ruim”. Aí, ele fez. Aí, chamei a menina que era porta bandeira. “Tu combina com ele, faz assim, assim...” Aí, ele saiu de mestre sala e eu na ala das baianas. Era muito saudável! Em Canindé então a gente fazia mesmo as vontades, nas festas, quando a gente ia pra festas junto. As coleguinhas dele confiavam muito nele, principalmente a Mônica, que só queria dançar se fosse com uma pessoa conhecida. Foi justamente a briga do... Já foi contado isso?*

**Eu:** Não.

**Jayme:** Pode falar, fica a vontade.

**Erlania:** *A gente suspeitava, mas ninguém tinha certeza que o Jaime César era um tanto feminino. Aí, ele tava dançando com a Mônica e eu tava dançando com um colega nosso que era briguento. Aí, nisso eu vi quando um cara passou pelo Jaime e xingou o*

<sup>145</sup> Vide o depoimento que Janaína fornece no documentário de Almeida (2011), transcrito na íntegra no ANEXO 9.

*Jaime de viado. Aí, eu disse: “Segura as pontas aí, fica quieto, não entra que a confusão é minha”. Aí, eu fui e disse assim: “Você falou o que pra ele?” Aí, ele: “ele é um...”. Aí, eu fechei a boca dele. Aí quando eu fechei a boca dele com a mão eu me arrependi na mesma hora. Aí, o Jaime César bota a mão no meu ombro e diz: “Lana porque você fez isso?”. Aí, eu disse: “Porque ninguém tá aqui pra lhe insultar. Não admito que ninguém diga isso de você, Jaime”. Nós estávamos sentados do outro lado do salão, na festa. Eu com a perna cruzada, segurando o salto do sapato, salto agulha (risos). E ele com a mão assim no meu ombro e eu falando pra ele que eu tava tão arrependida, que eu devia controlar mais meu temperamento, que eu era muito explosiva. Hoje eu sou serena. Nisso eu sinto um vento. Se não fosse eu botar a cabeça no ombro do Jaime César ele tinha me acertado em cheio. Aí, eu me levantei. Quando eu me levantei eu já... como eu tava assim (faz a posição, sentada com a mão no pé), o sapato tava na posição, aí fui lá, taquei no caboco. Aí, foi, era mão lá, mão cá.*

**Eu:** E ele reagiu?

**Erlania:** *Reagiu. Jaime Cesar disse assim: “Deixe comigo”. Aí, eu fui e disse: “Não! A briga é minha!”. Em uma das vezes, eu não tenho tato com a esquerda, eu arranquei o tamanco com a esquerda e nessa época eu ainda chupava dedo e ele segurou. Eu disse: “Jaime, ele tá mordendo meu dedo” Aqui pegou um ponto [cirúrgico]. Aí, ele disse: “Sai da frente Lana”. Aí, eu fiquei assim um pouquinho de lado. Aí, ele ajoelhou assim, deu com o joelho entre as pernas dele. Ai o cara abriu a boca, eu tirei o dedo e soquei, soquei e ele se vendo com a dor. Quando eu vejo é a polícia batendo no meu ombro: “Tá bom, moça, ele vai pra cadeia é agora”. Aí, eu fui pro hospital fazer curativo e ele foi pra cadeia. Aí, no outro dia eu fui trabalhar no Teleceará, aí eu me lembrei do pobrezinho e liguei pro delegado: “Tenente Santos, é a Erlania. Tem um rapaz aí preso da briga de ontem? Solte ele”. Aí ele disse: “Mas Erlania, ele tava batendo numa moça”. [Erlania respondeu:] “A moça era eu” (risos) “Solte!”. Aí, depois disso o Jaime César fez eu prometer de nunca mais brigar. Aí, ele foi e disse assim: “Por que você ficou com raiva dele?”. “Porque ele lhe chamou de viado” [respondeu Erlania]. Aí, ele foi e disse: “E se eu lhe disser que eu sou?”. “Mas você não é”. Naquela época a gente quase não usava a palavra gay, né. Era viado mesmo, que era bem...*

Erlania foi a primeira pessoa da família a falar abertamente com Janaína sobre homossexualidade. A ideia de “defesa” parece vir acompanhada de uma concepção negativa em relação à feminilidade de Janaína, mas também fazia parte do processo de “aceitação do irmão”. Ao mesmo tempo em que Erlania não queria que as pessoas chamassem Janaína pejorativamente de “bicha”, ela estava se aproximando da ideia de que “o Jaime César” era mesmo “um viado”.



Imagem: Janaína e a irmã, Erlania, no desfile de carnaval em Canindé correspondente ao relato acima.  
Foto cedida por Erlania.

Entre as irmãs de Janaína também se estabeleciam laços de amadrinhamento, o que fortalecia as relações de proteção. Oficialmente, a madrinha de Janaína era Beliza, mas Angélica também era considerada como tal. Janaína a chamava de “madrinha”, fato que causava imensos ciúmes em Beliza e orgulho em Angélica. Já a irmã mais próxima de Janaína era Celina, por causa da idade e do compartilhamento da vida, moraram juntas desde que saíram de Canindé, ambas adolescentes, até a morte de Janaína.

Sobre a relação de travestis com irmãos/ãs, Cardozo (2005) afirma que elas compõem um importante cenário na construção das masculinidades e das feminilidades das travestis. Desde a mais tenra infância, os irmãos e irmãs, ao socializarem, excluem ou incluem os/as demais por meio de brincadeiras, na adolescência por meio de grupos de amizade e na fase adulta por intermédio das redes de solidariedade no interior da família. Em cada uma dessas fases, os processos de construção dos sujeitos estão ordenados por referências de masculinidade e feminilidade, permitindo a classificação daqueles que compõem a família. A autora percebeu que é mais incidente a relação das travestis com as irmãs devido à identificação com a feminilidade, enquanto os irmãos se tornam distantes em função da falta de afinidades. Em muitos casos, por causa da proximidade com as irmãs, as travestis passam a ser uma fonte de ajuda e aconselhamento, como acontecia com Janaína e suas irmãs. Janaína ajudava nos divórcios, na hora do parto, na criação dos filhos e na relação com os maridos. Ter mais



afinidade com as irmãs também diz respeito a um movimento de afirmação do feminino pelas travestis, como bem observou Cardozo.

A partir do exposto, portanto, torna-se possível indicar que, de um modo geral, é com o núcleo de mulheres da família que as travestis se identificam. Há um recorrente distanciamento em relação ao mundo dos homens no âmbito familiar. As mulheres da família passam a ser o amparo, o apoio e a identificação dessas travestis, que buscam legitimação no universo feminino, ainda que nominalmente sejam reforçadas, na família, como pertencentes ao grupo masculino (CARDOZO, 2005, p. 91).

Ainda para Cardozo, por mais que travestis sejam tratadas no masculino pelos familiares, é permitido que exerçam funções atribuídas às mulheres, como cuidar das crianças, estabelecer sociabilidades femininas, cozinhar e realizar trabalhos domésticos. Essa última atividade, porém, não se aplicava a Janaína. Ela não fazia atividades domésticas, enquanto que o papel que exercia na criação dos sobrinhos era relacionado às funções atribuídas aos homens, como exercício de autoridade. No entanto, as sociabilidades que estabelecia eram mais restritas às mulheres da família, conta Beliza que foi Janaína quem a acompanhou no hospital quando foi ter sua terceira filha:

**Beliza:** *Engraçado que quando eu fui “descansar”<sup>146</sup> da minha terceira filha era uma chuva danada. A minha irmã, a Erlania, ia receber uma comenda. Aí, o Calógeras tava lá em casa e eu fui tomar banho. Quando eu comecei a tomar banho, eu senti a dor do parto. Aí, eu disse: “Valha-me Deus, o que é que eu faço? Eu não tenho intimidade com o Calógeras”. Aí, ele disse: “Belizinha, tá tudo bem?”. E eu: “Tá tudo bem”. “Pois eu vou pra casa” [afirmou Calógeras]. “Pode ir, meu irmão” [Beliza responde]. Assim que eu fechei a porta eu liguei pro Jaime: “Jaime, pelo amor de Deus, vem cá que a Erlania foi receber uma comenda e eu tô sofrendo pra descansar”. Porque assim, o meu marido não queria nem saber por que quando eu ficava pra descansar, dava diarreia nele. Aí, eu dizia: “Oh bicho véi medroso, covarde”. Aí, eu: “Jaiminho, tu vem?”. Aí, quando o Jaime César chegou, eu disse assim: “Jaime Cesar, eu não aguento mais não”. E ele: “Valha-me Deus, madinha! Eu vou ligar pra Erlania”. Depois a Erlania chegou: “Erlania, eu não aguento mais não”. Pegamos um táxi, todos os três molhados, parecendo uns pintos. “Jaime, pelo amor de Deus, não me deixe gritar” [Beliza pediu para Janaína]. “Não, madinha, se preocupe não. Segura na minha mão”. Aí, segurei na mão dele, tudinho. Aí, o médico foi e voltou, e a enfermeira. Ele [o médico] chegou pra mim e disse assim: “O neném vai já nascer”. Aí, eu disse: “Tá certo”. Aí, fez assim pra ele [um sinal de positivo para Janaína]. O Jaime César segurando na minha mão. Quando a menina nasceu, ele voltou e disse assim: “Seu marido tá é preocupado”. Eu disse: “Meu marido tá em Canindé”. “Ah, aquele ali não é seu marido não?” (risos). “Doutor, aquilo é uma bicha, é uma bicha! (risos). “Aquilo é uma bicha, doutor”. Ele arregalou os olhos pra mim e eu disse: “É meu irmão”. Mas aí eu fui toda sincera com ele. Mas um médico tão experiente não notar que a pessoa é... (risos).*

**Conceição:** *Aí, o Jaime César tinha ficado contigo no hospital?*

**Beliza:** *O Jaime César ficou comigo no hospital. O bichinho foi pra casa era mais de cinco e meia da manhã, foi quase seis horas da manhã. “Doutor, aquilo é uma bicha!” (risos). O médico achou foi engraçado. Ele não viu não, sabe? O Jaime César não viu, não.*

**Conceição:** *Ah, mas ele não se incomodava não.*

<sup>146</sup> Expressão usada para o parto.

**Beliza:** *Não, ele não se incomodava de jeito nenhum. Eu fiquei tão íntima dele. Pedi pra ele ficar comigo, né? No sofrer daquela dor do parto.*

Poderia citar inúmeras situações em que Janaína participa da sociabilidade familiar tida como tipicamente feminina. Desta maneira, estou de acordo com as afirmações de Cardozo no que se refere à “duplicidade de gênero” que as travestis desempenham no tocante às terminologias de parentesco e às atribuições que lhes cabem na economia familiar:

De modo geral, é o lugar masculino que lhes cabe entre os pais, os irmãos e os sobrinhos em termos de nomeação. É pelos nomes masculinos e pelas terminologias masculinas que elas são denominadas entre os familiares, ainda que haja situações sociais em que, sendo tratadas publicamente por membros da família, estas as chamem pelo feminino, numa negociação implícita e/ou explícita. Entretanto, é do universo feminino que participam é com as irmãs que elaboram festas, é com as sobrinhas que conversam abertamente. Ainda que seu lugar seja feminino, o mesmo só é legitimado pela nomenclatura masculina (CARDOZO, 2005, p. 113).

Por mais que as atribuições de gênero direcionem fortemente as afinidades e afastamentos nas teias familiares, nas narrativas da família, o grande motivador dos problemas de relacionamento aparece geralmente atribuído às diferenças de “personalidade” de cada um. Enquanto Janaína se aproximava das irmãs e se afastava dos irmãos, as explicações dadas aos conflitos, por exemplo, entre o irmão mais velho e “o mais novo” eram relacionadas ao temperamento de cada um. O mais velho seria o rígido, o sério, o experiente e o exemplo de bom filho e pai de família em oposição a Janaína, o diferente, o brincalhão, o imaturo, o problemático, o dependente, o protegido. Analisando mais a fundo, as narrativas sobre o primogênito o produzem como conservador, apegado às normas de gênero, à masculinidade hegemônica e aos privilégios decorrentes, enquanto Janaína é construída como questionadora, de personalidade forte, “feminina demais para um menino”, homossexual, travesti, de palavras afiadas, espírito libertador, desafiadora das normas de gênero e dos dogmas da religião que regia a família. Enquanto isso, o pai preferiria não se envolver, a mãe e as irmãs ficariam divididas entre amenizar os conflitos e não privilegiar claramente nenhum dos lados, mesmo demonstrando, na maioria das vezes, solidariedade a Janaína, que era “o lado mais fraco”. Dessa forma, na convivência familiar, foram se configurando simpatias e antipatias.

Sobre os irmãos, era comum também fazerem piadas preconceituosas sobre homossexuais e mulheres. Janaína é retratada como tolerante ao aparentemente compreender essa reação, entendendo-os como conservadores e autoritários. O

primogênito talvez se sentisse com autoridade sobre Janaína, sempre opinando e tentando, assim como os pais, gerir a vida “do mais novo”. O “irmão viado” era interpretado como uma ofensa à família, aos valores de masculinidade, uma ameaça à continuidade paterna, segundo me narraram durante a pesquisa. Desta feita, o fato de Janaína ser “o caçula” a tornou alvo de controle, mas também de privilégios.

Depois que Janaína e Celina se mudaram para Fortaleza, passaram a constituir um novo núcleo familiar, por mais que tenham estendido as relações estabelecidas ao núcleo de origem. Nos primeiros anos, Celina se casou e teve um filho, enquanto Janaína estudava e se divertia com amigos. Pouco tempo depois, Celina se divorciou e teve uma filha com outra pessoa, sem estabelecer relação de coabitação, possibilitando a construção de Janaína como a referência masculina e de autoridade da família. “*Ele ajudou na educação dos filhinhos dela. Eles consideravam ele como um pai*”, disse Dargenira. Celina fala sobre a relação com Janaína, a quem ela chamava de “Jaimim”:

**Celina:** *O Jaimim era assim, ele era muito na dele né? Muito calado, ficava... é... ele sempre assim, ele não se expunha muito, né!? Na família da mamãe, a gente sempre respeitou muito. Eu, no início, cobrava dele uma outra atitude. Assim, o preconceito, eu era muito jovem, nós viemos morar aqui nessa casa, eu já tinha um filho, era casada, depois eu me divorciei. Durante muitos anos era eu, ele, meu filho e uma moça que ajudava a gente. Aí, depois de dez anos foi que a Lívia nasceu. Mas até então, o meu relacionamento com ele, no início da nossa convivência aqui, foi difícil, até a gente encontrar assim um paralelo pra gente viver, um modo de viver legal, porque nós começamos a crescer juntos, conversarmos sobre o preconceito, sobre a minha aceitação em relação mais era as amizades também, porque, às vezes, me incomodava, porque, às vezes, os amigos dele não tinham noção de que de madrugada era pra gente dormir, principalmente porque passava o dia todo trabalhando né? E, às vezes, aqui e acolá eu pedia a ele pra ter horário pra receber os meninos, os amigos. Mas depois a gente foi se entrosando tanto, eu e ele, nós fomos nos entrosando tanto que a gente voltou ao que nós éramos quando pequeno, a gente brincava muito, a diferença de 5 anos, e a gente brincava muito lá em Canindé e depois fui estudar fora, em outra cidade, a gente se separou, mas depois a gente voltou a viver juntos. Mas nós sempre tivemos uma empatia muito forte, nós sempre tivemos um relacionamento muito bom, eu e ele, apesar de no início a dificuldade né? Até eu aceitá-lo, compreender, ele ter o espaço dele e eu também ter o meu. Até caminharmos juntos, não é fácil! Toda convivência é muito difícil, né? Mas existia muita cumplicidade, muito amor.*

Apesar das diferenças e das dificuldades iniciais, com o tempo elas foram encontrando um equilíbrio na convivência. Sobre a relação de Janaína com os sobrinhos e a posição que ocupava na educação deles, Celina relata:

**Celina:** *A Livinha tinha ele como um pai. A Livinha, quando ela nasceu aqui, ele, às vezes, ele se arrumando e tudo, ela pegava o sapato dele, calçava, andava ali. Eu: “Menina, vai tirar essa sandália do teu tio, senão tu vai quebrar”. Ele: “Não, pode deixar, deixa.” Às vezes ele fazia muito a vontade dela. Eu dizia: “Mas você não pode fazer isso”. Ele dizia: “Você não pode é ser general, você é muito general” E eu dizia: “A menina tem que ter limite, tem que ter disciplina, não pode ser desse jeito”. Porque pelo gosto dele, ela fazia tudo. Ele amava demais, todos dois. Tanto amava demais ela*

*como o outro que é policial, o meu filho, o Helano. O Helano sempre teve um relacionamento muito bom também com ele, de respeito, de carinho. Ele tinha ele com um pai mesmo, eles diziam, né? Eles dois. E eu também com o Jaiminho. O Jaiminho tinha um carinho, ele era muito atencioso. Em todo canto que ele chegava ele mandava um cartão pra mim, pra mamãe, pra nós tudinho. O Jaiminho era... Interessante, Juciana, que quando o Helano atendia o telefone e ela também [Lívia] e era pra ele [Janaína], ele dizia assim: “Tio, é pro senhor” Aí, os amigos dele ficavam só curtindo: “O senhor, é?”. Mas é porque o referencial do Helano era diferente e o Jaiminho, em relação a isso, o Jaiminho: “Não, mas eles me veem assim, meus sobrinhos, eles me veem assim”. É assim, até uma coisa contraditória, né? A figura feminina dele?! E os meninos não deixavam de tratar como senhor.*

Celina diz que seus filhos consideravam Janaína um pai. Para Lívia, a sobrinha, Janaína era um pai menos autoritário, mais atencioso, amoroso, carinhoso, permissivo em comparação aos limites que Celina tentava impor. Para os sobrinhos, apesar de Janaína ter uma aparência considerada feminina, ela continuava sendo “o tio/pai”. Essa forma dos sobrinhos se referirem a Janaína no masculino, no entanto, apenas seguia uma prática difundida na família. Por mais que ela já tivesse começado com o processo de travestilidade e reivindicasse uma identidade feminina quando do crescimento dos sobrinhos, eles não passaram a se referir a ela como tia ou Janaína simplesmente porque a essa nova geração também fora permitido seguir o sistema de classificação e nomeação já adotado pela família. Quando pessoas de fora do âmbito familiar estavam na casa, como os amigos de Janaína, aquelas referências de masculinidade cultivada pela família entravam em choque com as referências de feminilidade dos amigos, mas seriam tratados com irrelevância por Janaína, sem apresentar incomodo ou discordância com relação aquilo que desejava. Abaixo, como o sobrinho de Janaína interpreta a paternidade exercida pelo “tio Jaime”:

**Helano:** *Vou chorar. Eu o considerava muito como meu pai, figura paterna, né? Porque, eu já falei até, meu pai se separou da minha mãe eu tinha 3 anos de idade. Hoje eu tenho hoje 31, né? Então, quem me educou, quem viu, quem me preparou, foi o tio Jaime. Porque a gente vê muitas coisas ruins na rua em relação a droga, em relação a marginalização e tudo. Então ele que me deu todo tipo de orientação do que é o certo e do que é errado, né? Então até hoje em dia assim eu lembro assim como o meu estopim, uma figura assim, independente dele ser homossexual ou não, isso não tem nada a ver, pelo contrário. Ele me respeitava. Inclusive, tinha uns amigos dele que vinham aqui, nunca deu em cima de mim, nem nada e tal. Então a gente tinha assim uma relação do que ele falava eu baixava a cabeça e tinha que ter respeito, entendeu?*

**Eu:** O que representava essa relação de paternidade?

**Helano:** *Geralmente, quando a gente entra na fase da adolescência, a gente acha que a gente tá sempre certo, a fase de aborrecente. A gente brigava muito, eu e minha mãe, discutia muito, sabe? Ela queria impor limites pra mim e dizia: “Não faça isso” e tudo. Aí, eu brigava, assim de gritar e tudo. Aí, ele saía do quarto e ele me chamava e dizia: “Oh, você tá errado! Né assim não. Você tá pensando que o mundo é assim do jeito que você tá pensando? Não!” Aí, ele pegava e me dava um sermão, tá entendendo? Aí, eu já baixava a bola e via que realmente as palavras que ele tava falando, sabe, tinha uma*

*certa coerência. Porque é assim, geralmente a mulher pensa de um jeito e homem pensa de outro. Aí, ele vinha, o que ele tivesse fazendo no quarto, ele saía do quarto, se tivesse ouvindo música, ou lendo um livro, com algum amigo dele e tivesse aqui uma discussão entre eu e minha mãe, ele vinha e tomava as dores da minha mãe. E falava mesmo, aí eu baixava.*

**Eu:** A imagem do teu tio mais relacionada à feminilidade não entrava em conflito com a figura paterna que tu construiu?

**Helano:** *Não, de forma alguma. Eu acho que não. Independente dele ser, ser feliz, ser homossexual e tudo, sabe? Pra mim não, não, eu continuo sendo um homem normal e tudo e não tenho assim problema, por que o fato dele ser... Eu acho que a pessoa hoje em dia tem que ser feliz, sabe? Tem que ser feliz de acordo com o que ela é. Não tem problema, tem que respeitar os limites e tudo. Agora assim, eu levo muito pelo lado do meu profissionalismo porque eu sou policial, né? Então, a gente, na época passei quase oito anos no batalhão de choque que é só coisa ruim, crueldade, sabe? A gente espancava muito as pessoas e eu vim a entender assim, ele me mostrou que tinha que entender, você tinha que ouvir os dois lados. Porque geralmente o policial vinha e tinha uma pessoa, um adolescente e um viado. Quem tava errado era o viado, chegava logo quebrando sem deixar a pessoa falar, argumentar, vê quem tava com a razão e tudo. E ele não. Ele me ensinou que eu tenho que sempre ouvir os dois lados e hoje em dia eu levo pro resto da minha vida. Inclusive, hoje quando eu vou resolver algum problema assim de ocorrência no meio da rua eu sempre boto na mente ele e quando geralmente se trata de homossexuais ou gays eu escuto os dois lados. É tanto que, quando eu chego nos lugares, assim: “Teu nome é Helano?” Eles veem na farda. Eu digo: “Sou”. Aí, dizem assim: “Eu posso fazer uma pergunta pra ti?” Eu digo: “Pode, claro.” “Mas tu não é sobrinho da Janaína Dutra não, né?”. Aí, meu amigo, aí, quando eu falo: “Sou! Sou!” e falo com orgulho mesmo, entendeu? “Sou sim. Eu morei com ele. A gente morou junto durante a minha vida toda, toda, toda”.*

**Eu:** O que ele representa pra ti?

**Helano:** *Assim, tem pessoas que passam na vida da gente, passam assim como um raio, bem rápido, mas tem pessoas que se você pudesse voltar atrás e que ficasse sempre do seu lado em todos os momentos, tanto de alegria, como tristeza, ele com certeza seria assim o primeiro lugar. Porque os anos passam, a gente não esquece, a gente adormece, mas, às vezes, certos acontecimentos que passam na vida da gente. Às vezes, ele gosta muito do símbolo borboleta, então às vezes, tem uma borboleta aqui ou quando, geralmente ocorre quando há muita alegria aqui ou quando há muita tristeza e que a gente precisa sentar, conversar e unir e tomar uma decisão. Então toda vez que eu vejo uma borboleta aqui em casa eu penso: “Vixi, aqui alguma coisa tem que acontecer ou de, pra que seja sempre alegre, ou então vamos conversar, alguma coisa tá errada”. Então ele, eu queria assim que, podia morrer qualquer outra pessoa, menos ele, menos ele (choro). Pra curtir a vida, pra mostrar as suas alegrias, as coisas que você fez, conquistou, as suas batalhas, as dificuldades que você supera a cada dia, sabe? E é isso que eu queria sempre mostrar pra ele. Embora você caia, mas você tem que saber o momento exato de levantar e seguir sua vida. Isso ele mostrou muito pra mim e eu repasso pra toda a minha família.*

Com relação ao papel desempenhado por Janaína na criação do sobrinho, é notável nesse relato uma autoridade maior em oposição à criação da sobrinha, que seria deixada mais livre e tratada com mais amorosidade. Isso reflete uma divisão de papéis masculinos e femininos na organização familiar, uma reprodução do modelo tradicional de família em que Janaína esteve inserida desde a infância. Nesse sentido, Janaína, como “o homem da casa” a partir do lugar de “tio/pai”, exerceria uma educação

tradicional, ensinando o “certo” e o “errado”, impondo limites por exercer mais autoridade do que Celina, a mãe. Do lugar que ocuparia, o do homem adulto da casa e reconhecido como tal, Janaína daria afeto, mas também ordens e disciplina, ajudaria na manutenção e organização da casa, inclusive financeiramente quando teria começado a ganhar mais dinheiro nas atividades da militância nos seus últimos anos.

O discurso de Helano é baseado na divisão normativa de gênero, afirmando, inclusive, que mulheres pensam de um jeito e os homens de outro. Ele afirma que, apesar de ter sido criado com a ajuda de Janaína, continuou sendo um “homem normal” e que o fato do tio ser um “homossexual” – em nenhum momento usou a palavra travesti – “não tinha nada a ver”, ou seja, não exercia nenhuma influência na figura que construiu “do tio” relacionada à paternidade e na sua própria construção de masculinidade. Janaína teria ensinado-o a ser tolerante e sensível na profissão de policial e a não julgar as pessoas, especialmente a evitar a violência contra homossexuais.

Cardozo (2005), em suas análises, deu especial atenção aos laços de parentesco e de filiação que unem travestis de camadas populares a crianças pelas quais sejam, direta ou indiretamente, responsáveis, buscando ampliar as compreensões sociais de terminologias e de papéis sociais associados às travestis a partir das relações com as gerações posteriores. Desta feita, mapeou casos de travestis que possuem filhos ou que participam do cuidado de outras crianças da família. Para ela, há um jogo social que legitima o lugar que travestis ocupam no parentesco por meio da terminologia masculina e a permissão para que cuidem de crianças pautada em sua identidade feminina. Esse jogo, segundo a autora, está permeado por “uma ambiguidade de posições de gênero”, se reconhecermos que existem posições masculinas e femininas na família, de acordo com divisões tradicionais e normativas. Nesse sentido, o “afeto” e a “autoridade” das travestis em relação às crianças da família segue uma economia das relações familiares na distribuição de papéis dentre os membros do grupo. As travestis só assumem o lugar da autoridade se não houver alguém que o exerça, especialmente homens, tidos como legítimos para desempenhar esse papel.

Janaína tinha outros sobrinhos que também conviviam com ela, porém de forma menos intensa. Erlania e os filhos moraram na casa de Janaína e Celina em Fortaleza temporariamente. Sobre essa fase, Erlania relata como Janaína se comportava na dinâmica da casa, apaziguado os conflitos e auxiliando as irmãs na educação dos filhos a partir do lugar de autoridade, descritas como “coisa de pai”.

**Erlania:** *Agora, engraçado, ele [Janaína] não teve filho, mas ficou dois filhos órfãos, né? Os da Celina, o Helano e a Livinha. Quando eu tava, quando eu mandei remodelar minha casa, reformar minha casa lá no Ceará, eu fui morar mais de um ano na casa da Celina e ali tinha a oportunidade da gente ficar mais junto e, às vezes, a Celina entrava na educação dos meus meninos e ele que apaziguava tudo isso aí. Ele é que chegava e apaziguava, a mim e a Celina. Dizia: “Isso tá errado, vocês não devem fazer isso não”. Então, isso tudo coisa de pai, ele que apaziguava.*

**Eu:** Os sobrinhos tinham o Jaime como uma referência masculina?

**Erlania e Jayme:** *Era!*

**Jayme:** *Ele era, apesar da figura feminina, ele não tinha, pra mim... eu não via como sexo, eu não conseguia enxergar ele como homem ou como mulher. Era meu tio. Eu chamava de tio por que, pra mim, todo mundo chamava tio Jaime, mas pra mim, ele sempre foi muito natural.*

**Erlania:** *Jayme Neto você falou uma coisa certa mesmo: o Jaime, ele não tinha sexo, realmente.*

**Jayme:** *Eu nunca reparei. Até porque, talvez por não ter uma pessoa acompanhando, sabe? Não ter a figura de um namorado, de um companheiro. Eu não sabia, não tinha a referência pra dizer: “Mora com homem, então...” Sabe? Não era algo que a gente pensava, eu também não tinha ideia ou malícia pra isso. Então pra gente era... eu lembro do cheiro característico dele, ele usava muito leite de rosas e, às vezes, misturava com o cheiro do cigarro que, por mais que ele dissesse que ia parar, ele nunca parava. E o cheiro de rosas era muito legal por que, eu nunca gostei muito, mas combinava, era um cheiro que era a cara dele assim. Era o que eu tava falando pra você no carro, ele tinha loucura pela França, falava francês muito bem.*

**Erlania:** *Era (emocionada).*

**Jayme:** *A primeira música que eu aprendi a cantar em francês foi com ele, a primeira música em francês que eu aprendi a cantar.*

**Erlania:** *“Ne me quitte pas”.*

**Jayme:** *Era “Ne me quitte pas”. E eu aprendi a tradução, aprendi a letra, aprendi toda. Passava na TV e eu ficava pedindo pra ele traduzir, aí ele traduzia em dois ou três minutos, depois ele cansava, acendia um cigarro e saía discretamente.*

De uma maneira geral, é possível afirmar que os sobrinhos de Janaína não ficavam tentando enquadrá-la em um dos polos da dicotomia normativa de gênero, apesar de fazerem questionamentos a fim de situá-la nessa hierarquia parental a partir dos referenciais de gênero dominantes. Sobre a nomeação, invariavelmente, se interrogavam e aos adultos, já que eram socializadas também em dinâmicas rígidas de gênero. “São elas [as crianças] que criam embates entre as terminologias que circulam na família e as representações apreendidas na sociedade mais ampla” (CARDOZO, 2007). Ao verem o “tio” se comportar de uma maneira que percebiam ser própria das mulheres, as/os sobrinhas/os de Janaína a interrogavam e a outros adultos sobre como deveriam a tratar, quando os adultos ou se esquivavam ou pediam para a própria Janaína responder. A resposta de Janaína era sempre: “Como você quiser”. As crianças, no final, continuavam reproduzindo a masculinidade atribuída a Janaína pelos demais familiares, por mais que problematisassem essa classificação a partir das transformações que Janaína ia fazendo e da imagem ligada à feminilidade que foi conquistando.

Janaína não fixava seu gênero nas tramas familiares. Deixava os sobrinhos, que de fato a questionava – os adultos não questionavam, era sempre no masculino e por Jaime - livres para a tratarem como bem quisessem. A essa reação de Janaína em negar-se a condicionar os sobrinhos sobre a forma como desejava ser tratada, Jayme Neto interpreta como “ausência de sexo”. Para ele, a “ausência de sexo” de Janaína foi reafirmada pela ausência de um namorado, que viria atestar a homossexualidade ou a fixação no polo feminino, estabelecendo um estreito laço entre orientação sexual e identidade de gênero. Para ele, Janaína representa uma fonte de identificação e admiração, uma referência positiva no seu processo pessoal de afirmação da homossexualidade. Além disso, Janaína é lembrada por Jayme Neto como uma inspiração aos trabalhos que também fazia de colagem e no aprendizado do francês. Jayme guardava os cartões postais enviados das viagens que Janaína fazia e muitas lembranças, seu cheiro peculiar e uma acidez no humor. Admirava-a especialmente por ter sido muito culta e por ter enfrentado a sociedade ao viver a travestilidade, afirma.

Erlania fala sobre o processo de compreensão da homossexualidade do filho atribuindo grande importância às conversas que teve com Janaína, que parecia já entender o sobrinho na adolescência. Erlania fala também sobre seus medos de que a história se repetisse e o filho se tornasse travesti, sofrendo como Janaína.

**Erlania:** *Bem pertinho de morrer eu o abracei e descobri um nódulo nas costas dele. Eu fui e disse assim: “Que nódulo é esse?” Ele disse: “Não, não é nada não, você tá vendo demais”. Aí, a gente conversando e ele já cansado ele foi e disse assim: “Se você notar uma coisa diferente no Maime [como Janaína chamava Jayme] seja amiga dele”.*

**Jayme:** *Ah, ele avisou?*

**Erlania:** *Avisou. Aí, eu disse: “Em relação a que Jaime César?”. Aí, ele disse: “Depois você vai perceber”. Aí, quando o Jaime Neto me falou, na mesma hora eu me lembrei do Jaime César [se referindo a homossexualidade de Jayme Neto]. Eu disse: “Ah, foi aí que ele me disse!”.*

**Jayme:** *Eu não sabia dessa história não.*

**Erlania:** *Pois ele me disse: “Se você notar alguma coisa no Maime, seja compreensiva, seja amiga dele”. Aí, quando você me falou...*

**Jayme:** *Você faltou levantar cartaz escrito: “Eu já sabia” (risos).*

**Erlania:** *Aí, eu me lembrei.*

**Jayme:** *Primeiro ela minimizou quando eu disse que gostava de experimentar. Aí, passou batido a primeira vez que eu falei pra ela. Aí, depois de um tempo ela me perguntou e eu afirmei. Aí, ela: “Não, não é possível”. No começo ela achou estranho, mas depois de um tempo... No começo acho que tudo deve ser estranho mesmo. Ela achou que eu ia botar peito também: “Tu não vai ficar igual teu tio não, né?”. Lembra mãe?*

**Erlania:** *Lembro!*

**Jayme:** *Que eu ia botar peito, ia deixar o cabelo crescer. Ela sempre teve medo que eu sofresse.*

**Erlania:** *É...*



**Jayme:** *Ela nunca teve apreensão pelo que as pessoas pudessem pensar, ela tinha medo de levar uma pedrada na rua.*

**Erlania:** *Não, eu tenho medo assim. Houve agora um crime bárbaro na... foi depois da parada gay, só por que um cara achava que devia eliminar aquele rapaz por que ele não era... Aí, disso aí que eu tenho medo, né? Eu não queria que ele sofresse em relação a isso. Muitas vezes o Jaime César sofreu.*

Interessante perceber que Jayme Neto, assim como Janaína, foram marcados ao nascer como uma continuidade de Jaime Sampaio no ato de nomeação, apesar da inclusão do nome César para Janaína (Jaime César) e na modificação da grafia no caso de Jayme Neto (a troca da letra “i” pelo “y”). Mas as similitudes construídas pela família não param por aí.

**Erlania:** *Eu tava conversando com ela [Dargenira] e disse: “Mamãe, engraçado, das filhas da senhora a que tem mais pontos em comum sou eu”. O João Jackson morreu com a idade de quatro meses, o anjinho, o segundo filho da mamãe. Aí, eu fui e disse: “Eu também tenho um anjo – que é o Vinícius [filho de Erlania que morreu ainda criança, tinha síndrome de Down] – quer dizer, tanto eu quanto a senhora, a gente deu um filho pra Deus. Moramos longe da família. Depois teve o Jaime César e meu Jayme”. E ela: “Ah é, minha filha?”. Aí, eu falei pra mamãe: “A mamãe tem o Jaime César e meu Jayme também é. Ele tem a mesma linhagem do Jaime César”.*

**Jayme:** *A mesma linhagem (risos). Pra dar segmento.*

**Erlania:** *E a mamãe disse: “E aquela moça?”. Eu disse: “Aquela moça? Acabaram o namoro”.*

**Eu:** *Ela entendeu quando a senhora falou linhagem?*

**Jayme:** *Ela pegou no ar.*

**Erlania:** *Ela disse: “Minha filha e o namorado dele?”. Aí, eu fui e disse: “Sabe aquele rapaz que veio? É ele”. Aí, a mamãe foi e disse: “E é?”.*

Gostaria de chamar atenção, agora especificamente, para a questão do *batismo*, categoria êmica usada para o ato de adoção de um nome social relacionado à identidade feminina praticado pelas travestis. O nome que as travestis adotam é um aspecto relevante tanto no processo de travestilidade como nas relações de parentesco. Geralmente elas adotam nomes de acordo com os seus referenciais de identificação, beleza ou de “amadrinhamento”. Às vezes, escolhem nomes de atrizes hollywoodianas ou de personalidades pops, submetendo-se às normas estabelecidas, fato que Pelúcio (2005a) também chamou atenção. O nome próprio, como afirmou Goffman (1988), serve como um apoio de identidade, garantindo uma singularidade. Entendo, desta maneira, que o *batismo* efetuado pelas travestis, ou seja, a adoção de um novo nome é uma das estratégias usadas para marcar uma ruptura entre a velha pessoa e a que ela passou a construir. Assim, o nome aparece como uma forma de fixar a identidade relacionada à feminilidade. Em muitos casos, essa ruptura se estende ou é consequência de uma ruptura familiar, se distanciando também dos laços de parentesco, que

geralmente ocorrem em função da rejeição familiar. No caso de Janaína, ela não mudou o sobrenome, deixando intacta a relação com a família, especialmente com a mãe, já que preservou o sobrenome Dutra no seu nome social. Ao adotar o nome Janaína Dutra, ela demarcou a primazia do sobrenome da mãe, modificando apenas o nome individualizante, o prenome.

Janaína sempre teve sua vida permeada por questões religiosas e familiares. Devido à religião ser um aspecto muito forte na família, ela cumpria vários rituais do catolicismo, como ir a missa todos os domingos enquanto morava em Canindé, se batizou, fez primeira comunhão, fazia confissões, participava de procissões, se envolvia em atividades da igreja. Quando ela se remetia ao início da sua vida sexual, ela dizia que apesar de ter sido prazeroso, o medo e a culpa a dominavam, já que os mais velhos viviam repetindo que sexo era pecado, sujo, feio e proibido. Com o tempo, Janaína teria se tornando mais crítica, questionando dogmas do catolicismo, encarando alguns posicionamentos da igreja católica como hipócritas. Por exemplo, a crisma, considerada uma decisão pessoal, ela teria decidido não fazer, considerando um marco no seu rompimento com os valores religiosos.

No texto *Desconstruindo as Sexualidades* (2004), Janaína faz críticas à igreja e à família, como instituições que formam a base do preconceito contra a homossexualidade na modernidade. O principal argumento do texto é o seguinte: “A relação conflituosa e preconceituosa do homem moderno com a homossexualidade tem como pilar as três instituições que fundamentam a nossa sociedade: o Estado, a Igreja e a Família” (p. 158). Especificamente sobre a Igreja, ela escreveu que ela reproduz ensinamentos que reforçam o preconceito à homossexualidade ao invés de por em prática valores cristãos:

A Igreja, por repetir aqueles velhos ensinamentos de sempre, reforça, a cada dia, o preconceito em relação à homossexualidade e perde o foco da sua missão de construir uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna, como prega o amor cristão. Se ela cumprisse o seu papel social nos ajudando no trabalho de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo, teríamos um alcance muito maior e reduziríamos consideravelmente a discriminação (DUTRA, 2004, p. 158).

Sobre a família, ela disse que é a instituição que reproduz o preconceito de forma mais dolorosa e direta, pois nega a diferença e impõe padrões de normalidade:

A família é o lugar onde o preconceito é mais problemático e as relações mais dolorosas. É na família que os homossexuais sentem o peso maior da discriminação direta, do estranhamento em relação àquele corpo e àquela alma de padrões tão diferentes dos estabelecidos como normais pela sociedade, transformando-os em polo captador desse preconceito (DUTRA, 2004, p. 158).

Com relação aos aspectos religiosos e familiares presentes na experiência de Janaína, algumas observações podem ser feitas. A primeira delas é que a religião tem um viés de mão dupla. Ao mesmo tempo em que aspectos religiosos agiram como agentes de controle, proporcionaram um arcabouço compreensivo para membros da família respeitarem a diferença apresentada por Janaína, já que a relativa aceitação que demonstravam era baseada em valores cristãos. A outra é que, por mais que Janaína tenha crescido em um meio fortemente religioso e formado com o passar do tempo uma concepção crítica a respeito, ela nunca cessou em construir uma base religiosa e espiritualizada para sua vida. Por fim, Janaína parece ter racionalizado sua relação e seus conflitos com essas instituições, mas o peso das imposições foi apenas relativamente amenizado.

## CAPÍTULO 6: (Des)Construindo Janaína Dutra?



*“Fiz universidade particular, Direito, na Unifor. Entrei em 81.2 e sai em 86.1, mas sempre fui muito afeminado desde pequeno. A história de virar travesti é que já foi depois da faculdade, quando eu já tinha um escritório no centro, o que já foi mais complicado, porque depois de você já ter um personagem masculino construído, apesar de uma aparência feminina ou homossexual, desconstruir tudo isso era passar às pessoas uma androginia maior. Ainda mais numa profissão que mexe muito com uma falsa moral, a hipocrisia social, que é ligada às normas, aos costumes. O Direito é muito careta, as excelências são muito caretas. E numa terra de cultura machista, como a nossa, é muito mais fácil você confiar em um advogado que fale grosso, coce o saco, tenha bigode... É como se por conta da minha orientação sexual, sendo irreverente, tendo, digamos, essa aparência afrontosa, eu pudesse prejudicar o meu cliente. Mas isso é que me estimulou ainda mais a mergulhar fundo nos livros. Para não ser só aquele viadinho de peito, de cabelo grande” (Janaína Dutra em entrevista. “O nobre colega é dama de espadas”. Jornalista: Ethel de Paula. In: Singular: uma revista plural. No. 09. Setembro 2002).*

## Jaiminho

Estabelecendo a fronteira e reiterando a heteronorma, Janaína foi designada homem ao nascer. Jaime César Dutra Sampaio foi o nome que recebeu. Mais do que um nome masculino, foi impresso nela uma continuidade paterna ao herdar o nome do progenitor, prática bastante comum aos filhos considerados homens em nossa cultura. Era uma prática da família nomear as crianças por nomes de outros parentes, me contou Dargenira certa vez. Porém, seu marido não queria que o nome dele se desmembrasse em Filho ou Junior. Para atender ao pedido de Jaime Sampaio, Dargenira resolveu colocar um nome composto, escolhendo César como segundo prenome.

Homem ou mulher? A resposta a essa pergunta fundante do sujeito parece estar logo ali: na *materialidade do corpo* (Butler, 2001). Seria necessário apenas identificar a partir da genitália. Simples assim. É real, palpável, visual, dizem. A chave para a diferença sexual é a matéria corporal. Janaína foi assim reconhecida ao nascer: é um homem. Possuía um pênis, órgão sexual que identificava seu pertencimento de gênero. A *matéria* do seu corpo fez com que seus familiares acionassem o sistema da diferença sexual baseada na dicotomia de gênero normativa.

Como me contaram, na tarde de 30 de novembro de 1960, Toinha, umas das parteiras de Canindé, foi chamada às pressas para a casa da “cumade” Dargenira. “Antigamente, as mulheres tinham os filhos em casa”, relata Beliza ao se lembrar do nascimento do seu “irmão”. Toinha chegou dando ordens às crianças mais velhas tirarem as mais novas dali.

Quando acontecia um parto em casa, as crianças ficavam muito curiosas para saber como funcionava aquele misterioso procedimento. Angélica, a irmã mais velha, inventou uma desculpa qualquer para distrair os mais novos do lado de fora da casa, enquanto a parteira trabalhava no nascimento de Janaína. Além do mais, aquele era um assunto sobre o qual as crianças não deveriam participar. Somando-se à curiosidade, todas estavam ansiosas para conhecer “o irmãozinho” caçula e também preocupadas com a mãe. Dargenira estava, então, com quarenta e um anos, idade considerada avançada para mais uma gravidez. As crianças lembravam bem do sofrimento da gravidez anterior, quando Dargenira perdeu o filho e ficou em risco de vida (imagens da casa onde Janaína nasceu no ANEXO 11).

Para a surpresa de todos, Janaína nasceu com quase quatro quilos, ressalta Dargenira, permanecendo “gordinho e fofinho” por toda a infância e adolescência.

Nessa história narrada pelas irmãs e mãe de Janaína não há lugar para homens. São basicamente histórias domésticas povoadas e narradas por mulheres e crianças, como veremos. Essa situação parece ter acompanhado Janaína até a adolescência, sendo decisiva para as construções que fez de si. De certa forma, esse cenário se repetiu na fase adulta de Janaína, quando morava com a irmã e os sobrinhos.

É a interpelação médica e familiar, num primeiro momento, direcionada ao bebê que nasce como “ele” ou “ela”, que vai transformar aquele ser em homem ou mulher. Porém, diz Butler, esse tornar-se não termina aí. Trata-se de uma interpelação que é reiterada por várias autoridades, ao longo de vários intervalos de tempo, para contestar ou reforçar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma.

Pode ser que a não linearidade do nome com a anulação de “Filho” ou “Junior” tenha amenizado o peso da continuidade do pai na vida de Janaína. Indo mais além, pode ser que essa escolha, ao ter exercido algum efeito de desvinculação entre o pai e Janaína, tenha possibilitado uma maior identificação de Janaína com a mãe e com elementos da feminilidade. No entanto, isso é muito pouco para entender como se deu a não identificação de Janaína com os referentes paternos e da masculinidade. Já adulta, Janaína, de certa forma, passou a anular o nome e o sobrenome paterno, adotando um novo prenome e somente o sobrenome materno, Dutra. Nessa linha de raciocínio, essa rejeição pode ser interpretada como uma negação da concepção de que os filhos designados homem ao nascer são portadores de uma masculinidade em potencial que é coroada com a identificação paterna pela nomeação.

Essa flexibilização do nome e das imposições a Janaína para que se adequasse às normas da masculinidade hegemônica e seu questionamento posterior podem ser compreendidos a partir das reflexões de Butler sobre a noção de *sexo*. Para a autora, recorrendo a Foucault, o sexo não é algo evidente, mas uma *categoria normativa*, um *ideal regulatório*. Isso quer dizer que o *sexo* não é algo natural, estático, tal como reconheceram em Janaína a partir da sua matéria. Existe “um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas” (BUTLER, 2001, p. 154). A *materialização* não é dada, é construída e, por essa razão, as normas precisam ser constantemente reiteradas. Isso significa que não podemos nunca considerar que esse processo regulatório obteve sucesso. Os corpos nunca se conformam a essa materialização imposta. Aquele veredito que parecia encerrar e traçar todo o destino de Janaína: “É

homem!”, por mais que fosse operado a partir de constantes reiteraões, por exemplo, o batismo com o nome do pai e o enquadramento no polo masculino, foi sendo questionado e operacionalizado como uma afronta às normas hegemônicas regulatórias.

Nascida, nomeada, Janaina foi inserida na família como Jaime César, o filho caçula, aquele que deve ser cuidado e protegido, pois também envolvido em uma hierarquia etária. A mãe e as irmãs mais velhas se encarregaram prioritariamente dessa função, não somente porque Janaína era “o mais novo”, mas porque era um menino. Dentro das divisões de gênero e geracional da família, isso significava que as irmãs exerceriam funções de cuidado e ficariam responsáveis em desempenhar as atividades domésticas e de zelo pelos irmãos. Beliza explica como funcionava:

**Beliza:** *Era assim, a mamãe teve sabedoria pra nos educar, porque ela fazia em cartaz: “Dia de segunda-feira à Angélica: fazer o almoço; à Erlania: varrer a casa”. Todas tinham uma função, de manhã e de tarde. De segunda a domingo tínhamos uma função. E se não fizesse ela metia a chibata na gente. Ela trabalhava o tempo todo. Botou uma empregada, a empregada era pior do que nós. Saía todo mundo lá pro final do quintal. A Celina, caçula, quando chegava no batente engatinhando, tacava a cabeça no chão. Ohhh, ficavam as marcas na testa da bichinha! “Ai mamãe! Mãe, pelo amor de Deus!” [as filhas pediam desculpas à Dargenira pelo descuido]. O Jaime, a gente cuidava do Jaime. O Jaime era mais novo, a diferença da Celina para o Jaime é de quatro anos. A Celina é de 56 e ele era de 60.*

**Eu:** Quando ele era criança, entre as funções, tinha também a de cuidar dele?

**Beliza:** *Tinha, tinha sim. Era assim: a Angélica tomava conta da roupa do Gilberto. A Erlania tomava conta da roupa do Calógeras. A Ceicinha tomava conta da roupa do Theonas e eu tomava conta da roupa do Jaime. Aí, ele era muito organizado, muito direitinho. E ele era assim muito... Quando ele foi morar em Fortaleza, ele era muito cuidadoso, muito organizado, muito estudioso. Aí, ele dizia assim: “Será que eu acostumo morar em Fortaleza, madinha?” Eu dizia: “Meu filho, você se acostuma”. E acostumou mesmo.*

Em meio a tantas brincadeiras, essas crianças assumiam responsabilidades de adultos. A mãe, como professora, tinha uma jornada longa de trabalho nas escolas. O pai também trabalhava durante o dia e, como homem, não possuía atribuições domésticas. Os irmãos, corroborando com a divisão sexual do trabalho, também não desempenhavam tais atividades, como cozinhar, lavar roupas ou cuidar dos mais novos. Eles iam à escola, brincavam e distraíam as irmãs de suas obrigações. Essas tarefas eram rigidamente divididas e cobradas com severidade, a custo de punições pela mãe, aquela que organizava e controlava a rotina da casa e das/os filhas/os (imagens de Janaína na infância e adolescência no ANEXO 12). Beliza continua falando sobre as lembranças da infância, as brincadeiras entre os/as irmãos/ãs e como Janaína era inserida nesse contexto:

**Beliza:** *Ah, o Jaime César, ele era muito normal. Brincalhão. Brincava... era engraçado. Ele gostava de brincar. A gente fazia... era uma batalha tão grande ali, sabe? Aí, tinha a casa da Maria com a Ivonete, que era irmã do Aparecido [marido de Beliza], a casa da Erlania. A Erlania inventou um batizado da boneca dela. Aí, nós fizemos, nas panelinhas de barro, nas panelinhas fizemos um guisado. Foi uma coisa tão linda! Quando terminou o almoço... e levamos, fizemos o batizado dessa boneca e tudinho, né? E servimos o almoço, todo mundo direitinho, né? E tudinho. Aí, era meio dia. As meninas foram embora, foram tudo pra casa. E a mamãe disse: “Agora vamos dormir, acabou a conversa”. Ficou todo mundo quietinho. Chegou uma senhora, uma moça, é, Emanuele, Benigna, Maria Augusta e a Mercedes. Aí, me parece que eram duas que chegaram lá: “Pessoal, o Seu Antonio Bertolino vai num carro comum mesmo, tomar banho no açude. Vamos todo mundo?”. Aí [as crianças falaram]: “Vamos”. Fomos falar com a mamãe. A mamãe pegou logo um chicote: “Não vai nenhuma égua. Não vai”. E nós tudo chorando pra ir pro açude. Nesse dia morreu uma amiga nossa afogada, 13 anos. O meu irmão, Theonas, quase nos matava de brincadeira pesada, sabe? Aí, o Jaime Cesar dizia assim: “Mãe, o Calógeras tá em tempo de matar as gêmeas lá no Galamarte”. O que era o Galamarte? Era um pau enfiado no chão, o outro pau na horizontal, ficava um do lado e o outro d’outro, rodando, rodando, rodando, até vomitar (risos). “O que é Jaiminho?” [Dargenira pergunta]. “Mãe, vai olhar, mãe, lá no final do quintal. Mãe, sabe o que o Calógeras fez? O Calógeras botou uma escada e botou as gêmeas dentro do cacimbão” “Eu não acredito, meu Deus”, [Dargenira dizia]. “Sai dai” [ordenava Dargenira às filhas]. Ele tirava a gente do cacimbão, tudinho. Nesse caso aí nós botávamos o Jaime no braço, a Celina no outro braço e ficávamos tomando banho no cacimbão, que a água ficava baldeada. A mamãe ia trabalhar e a gente ficava tomando banho no cacimbão. Tinha dois paus no cacimbão, botava a escada, aí era do mais velho ao menos tomando banho dentro do cacimbão (risos). A água ficava barrenta de tanto a gente tomar banho. A mamãe chegava: “Que roupa molhada é essa menino? Não acredito. Até a Celina? E o Jaime? Meu Deus do Céu!”. Pegava chicote, minha filha! A mãe batia na gente com chicote, com chinela, com corda cheia de nó. Ela gostava, sabe como que ela gostava de bater na gente? De calcinha e com a corda molhada.*

**Eu:** E todos apanhavam, do maior ao menor?

**Beliza:** *Todos. Ela ficava morta de cansada. Eu ficava com pena dela. Ela ficava morta de cansada de tanto ela bater na gente (risos). Mas a gente tinha um medo danado dela. Engraçado que não ficou nenhuma frustrada. Nenhuma! Tudo bem, numa boa.*

Mesmo com rígidas divisões de tarefas domésticas, todas/os participavam das brincadeiras que aconteciam na ausência da mãe. Quando brincavam de “casinha”, reproduzindo tanto os papéis de gênero aprendidos quanto as relações de parentesco tradicionais, as irmãs faziam comidas e serviam aos irmãos em comemoração aos batizados das bonecas (que representavam as filhas).

No entanto, Janaína, como a mais nova, não participava de todas as brincadeiras. Quando isso acontecia, ela delatava para a mãe as travessuras das/dos irmãos/os. Essa cumplicidade estreitava os laços entre Janaína e Dargenira, deixando a figura do pai mais distante. O exemplo e a autoridade para Janaína e para as/os demais era a mãe. Era ela quem punia, quem dava as ordens e também quem dava carinho e atenção. Era Dargenira a encarregada pela educação dos filhos, pelo gerenciamento da casa.



Entretanto, mesmo o pai relativamente ausente e distante, como aparece nesses relatos, é retratado como alguém de muita sensibilidade em relação ao não cumprimento das expectativas de masculinidade depositadas no caçula Jaime:

**Beliza:** *O meu pai era mais calado, ele era mais na dele. Engraçado quando ele descobriu do Jaime, que o Jaime não era homem. Mas foi engraçado demais! O Jaime tava assim quando era época de carnaval, ele tava com uma pena na cabeça, tava de camiseta. Aí, ele disse assim: “Ora, meu filho, você tem que ver, a pessoa tem que fazer as coisas direito, tem que ser é homem”. [Janaína retrucava:] “Pai, então diga o quê que eu sou?”. [Jaime respondia:] “Você é homem!”. “Não, eu não sou homem não” [dizia Janaína]. “E essa pena aí? Esse brinquinho aí? Tire logo isso daí” [ordenava o pai]. “Não! Eu não vou tirar não, pai” [Janaína desobedecia]. “Ah, então deixe. Meu filho, você quer ser baitola, mesmo?” [Jaime perguntava, entre a resignação e a dúvida]. Aí, ele: “Quero, pai”. “Então pronto, deixe”.*

A negociação entre o pai e o filho que “não era homem” porque “não fazia as coisas direito” é narrada por Beliza em relato que comporta certa dose de conflitos, com imposições de modos de “ser homem” frente a comportamentos tidos como próprios de “baitola”, como o uso de brincos e de vestimentas reconhecidas como femininas. O filho desafia o pai para que ele pronuncie sua opinião a respeito da não correspondência àquelas normas. O pai não ousa nomear. É um embate velado que joga com as normas rígidas do gênero, mas que é encerrada pelo conformismo do pai diante das argumentações do filho. Janaína comentava que percebia a decepção do pai quando ele notou que ela não correspondia às suas expectativas de masculinidade, mas que ele teria aprendido a enfrentar o machismo típico da região e não tecer nenhum comentário discriminatório. Como exemplar dessa “aceitação”, o pai já teria inclusive comprado uma boneca para Janaína quando criança, depois de um pedido dela.

Nos relatos sobre a infância de Janaína, aparecem vários adjetivos para qualificá-la: organizado, direitinho, normal, cuidadoso, estudioso, brincalhão, engraçado, feliz, danado, sensível, detalhista. Algumas histórias se repetem, como uma espécie de reafirmação da imagem travessa e criativa. Janaína adorava colecionar objetos que encontrava. Isso acontecia desde muito cedo e se solidificaria com a feitura das colagens. Quando criança, colecionava principalmente vidros coloridos e passava horas procurando, recolhendo, organizando, limpando. A partir desses objetos, Janaína se transportava para outros mundos, fazia altares religiosos, farmácias, fazendas. Desse fascínio de criança, aconteceu um episódio hoje repetido por todas as irmãs e pela mãe como o fato mais marcante da sua infância, um fragmento de lembranças apoiado em uma memória compartilhada (HALBWCHS, 2006): o dia em que a curiosidade dela se encontrou com um frasco de pimenta.

**Jayme:** *A senhora nem falou da vez que o tio Jaime colecionava vidro, que ele acabou sentando...*

**Erlania:** *Sim. Ah, foi! Ele tinha o que? Dois anos e meio. Dois anos e oito meses. Ele tinha mania por vidro. Era a paixão dele. Vidro de todo jeito. Não sei se você chegou, se é da época de vocês. Talvez não. Talvez a mãe de vocês seja. Bromil era um remédio pra tosse, era numa garrafinha assim compridinha e as pessoas depois usavam aqueles frascos pra botar molho de pimenta. Hoje tem molho de pimenta industrializado naquelas garrafinhas. Na minha, na nossa casa, onde hoje é a padaria, era um terreno desocupado e, às vezes jogavam lixo lá. E ele saiu de calçãozinho, ele era pivetezinho, pequenininho, ele tinha os cabelos assim quase na cintura...*

**Jayme:** *Tio Jaime mamou até os sete, né?*

**Erlania:** *Cinco anos e pouco. Ele mamava em pé. A mamãe chegava do colégio, aí só dava tempo, às vezes, da mamãe se assear, lavava só os seios por causa do calor e ele: “Deixa mamãe!”. Aí, ele ficava em pé mamando.*

**Jayme:** *E a vó dando ordem pra casa.*

**Erlania:** *Era (risos).*

**Jayme:** *Fulano faz isso, fulana faz aquilo. Fazia chamada.*

**Erlania:** *Aí, nesse dia dos vidros, ele achou essa garrafinha de molho. Ele tava dentro do tanque, naquela parte da lavanderia, ele jogava a pimenta ali. Mas ele, de tanto ele ficar acorado dentro do tanque...*

**Jayme:** *A água batia e limpava.*

**Erlania:** *Ele parece que cansou as perninhas, saiu do tanque e se sentou na tábua, onde tava sujo, onde a pimenta passava.*

**Jayme:** *Resumo: ficou todo assado.*

**Erlania:** *Na hora que ele sentou na tábua... Sim, aí ele todo molhado, ele tirou o calção, ele sentou direto, nu, na tábua. Aí, a mamãe tava na máquina costurando, aí quando ele pulou gritando já foi com as mãos na bundinha. E a mamãe: “O que foi?”. Aí, a gente correu pra ver o que era. Eu disse: “Mamãe, acho que ele sentou em cima da pimenta malagueta”. A Tatá, muito exagerada, pegou aquelas bacias de alumínio grandona, encheu de gelo. Sentamos o menino a força. Aí, o bichinho pulava, gritava [...]. Mas ele sofreu naquele dia.*

**Eu:** *Ele parou de colecionar vidro?*

**Erlania:** *Parou não. Aí, quando ele tava danado a mamãe dizia assim: “Vou já atrás daquele vidro” (risos).*

**Eu:** *O que ele fazia com esses vidros?*

**Erlania:** *Era só pra arrumar, fazia de prateleira como se fosse assim a tendência a ser farmacêutico, pra organizar. Ele organizava aqueles pequenininhos, aqueles vidros de penicilina, ele tinha. Ele organizava os pequenininhos, depois os grandes. Ali ele ficava horas e horas entretido, brincando. Mas ele era muito danado.*

**Eu:** *Ele gostava de brincar de que, além dos vidrinhos?*

**Erlania:** *Carrinho. Ele gostava mais de colecionar. Tudo ele colecionava. Figuras, papel de bombom, ele gostava.*

O acidente com o frasco de pimenta foi narrado por Erlania como representativo da infância de Janaína, como um acontecimento em que todos se envolveram para ajudar “o pequeno Jaime”. A brincadeira com carrinhos, atribuída aos meninos, aparece como menor frente à de colecionar e organizar objetos. Nesse relato, também merece atenção o fato de Janaína ter sido amamentada até os cinco anos de idade, como um capricho do último filho que desfrutava com exclusividade do corpo da mãe, prolongando por mais tempo o vínculo já bastante próximo entre elas. Os relatos sugerem que

Dargenira seria mais tolerante com Janaína do que com as/os demais irmãos, aos quais eram direcionadas diversas ordens e cobranças. Enquanto isso, Janaína seria mimada, coberta por atenção, carinho e privilégios.

Na narrativa de Dargenira, Janaína era uma criança boazinha, brincalhona e engraçada. Celina acrescenta outras brincadeiras de Janaína à prática de colecionar, como os desfiles de moda:

**Celina:** *As brincadeiras eram muitas. Ele gostava sempre de brincar, de desfilhar. Ele gostava de desfilhar. Gostava de brincar com vidrinhos [...]. Às vezes, quando a gente ia pra banda do rio, que tinha um rio lá perto da nossa casa, não era tão perigoso né e era menos poluído, também. E a gente sempre ficava lá. Ele ficava catando aqueles vidros, um monte [...]. Aí, ele achava, na imaginação dele, a gente não tinha dinheiro, brinquedos, hoje em dia como é, e a gente brincava com a imaginação. Mas assim, o Jaiminho ele tinha muito... era muito saudável, né? Uma pessoa que gostava muito de brincar, era diferente. Sempre a gente notou que era diferente, o jeito dele, né? A mamãe era professora e as amigas dela disseram assim: “Leva esse menino pro psicólogo”. Aí, a mamãe disse pro papai: “Meu velho vamos levar o nosso filho pro psicólogo pra saber o que tem de anormal com ele, que o menino não age como as outras pessoas”. Ele só queria brincar com a gente também, com as irmãs. Nós éramos seis, seis mulheres e quatro homens, aí os homens ele não brincava porque também eram mais velhos, já tavam tudo aqui em Fortaleza estudando, ele brincava comigo, com as irmãs.*

**Eu:** A família via essa diferença como um problema?

**Celina:** *Não. Papai achava que ele era mimado. Papai achava: “Não, não tem problema não, esse menino não tem problema não”. Mas, papai nunca pegou no pé dele, de jeito nenhum. A mamãe trouxe, o psicólogo fez a entrevista com ele e disse: “Não, esse menino é normal, não tem nada de anormal aqui”. Trouxe aqui pra Fortaleza. Papai nunca discriminou, nem minha mamãe. Só tinha um irmão nosso que não aceitava, sabe, a sexualidade dele. Não aceitava não, o irmão mais velho. No final dos anos da vida dele eles nem se falavam. Mesmo quando o Jaime ia pra Canindé, que nós íamos passar o final de semana com a nossa mãe, ele só respeitava, né? Assim: “Oi, tudo bem?”, e só. Às vezes, nem isso. Nem se falavam não. Ele, próximo de morrer, eu disse: “Meu filho, você quer que eu vá chamar o Gilberto?” Ele disse: “Não Lina, não Lina, tá tudo bem, não guardo mágoa dele, não guardo rancor, não precisa não”. Eu também nem insisti, né? De dizer: “Aí, por que você...”. Eu não! Ele mora aqui em Fortaleza, meu irmão mais velho. Nem ele também procurou Jaiminho.*

Na fala de Celina, Janaína é retratada como diferente, sem especificá-la. Essa “diferença” foi aos poucos deixando de ser vista como brincadeira de criança e passou a ser objeto de preocupação dos pais, geradora de comentários dos amigos da família. Quando a preocupação chegou aos extremos, Dargenira procurou ouvir a voz de uma pessoa autorizada, um médico ou psicólogo para dar um diagnóstico. Angélica, fala sobre esse episódio:

**Eu:** A senhora podia falar um pouco sobre suas lembranças da infância.

**Angélica:** *Foi muito pouco! Quando eu sai de lá [de Canindé] ele ficou menino, criança ainda De certa forma eu acompanhei porque eu tava lá sempre. [...]. A gente sempre discutia a postura dele, as brincadeiras dele, as travessuras dele, as colocações dele e a mamãe sempre dizia assim: “Eu acho que eu não soube criar esse menino”. Era um*

*questionamento. Eu sou aposentada do Estado, aí eu disse: “Mãe, eu vou conversar com um psicólogo”. Aí, eu vim com ele [de Canindé para Fortaleza] e fomos ao psicólogo (risos). Eu e ele.*

**Eu:** Ele tinha quantos anos?

**Angélica:** *Eu já era casada, foi mais ou menos em 70. Ele tinha uns dez anos, nessa fase, de dez a doze anos, por aí. Aí, o psicólogo conversou com ele. Primeiro conversou comigo, depois chamou ele. Quando ele saiu, eu entrei de novo e aí foi quando ele [psicólogo] questionou: “Quem é que mora com ele?”. Eu disse: “Ele mora com a mamãe”. “Pois é com ela que eu preciso conversar”. Aí, eu chamei e ela veio. Nessas alturas, ele [Janaína] ainda voltou pra Canindé, quando ele veio, ele já tinha terminado o Segundo Grau. Ai dessa conversa que o psicólogo teve com a mamãe eu não sei, só sei que pelo menos ela relaxou e percebeu de fato a diferença que existia entre os três filhos homens e o Jaime César, né? Ela notou. Questionou ainda com o psicólogo porque causas, que ninguém sabe, que não tem, mas ela se queixava, achava que era a criação dele, por ele ser o último e como tinha seis mulheres, ela sempre dizia assim quando ele não queria sair com elas: “Vai meu filho, você é o homem e você vai ‘pastorar’ e você vai ver”, sabe isso? Aí, ela dizia: “Será que foi isso?”. “Mãe, não tem nada a ver uma coisa com a outra” [Angélica falava para Dargenira]. Depois ela relaxou e aceitou do jeito que fosse. Não se culpou. A minha preocupação era que ela se culpasse. A postura do meu pai, essa eu nunca soube. Ele de fato sabia e fazia que não sabia. Pode ser porque ele aceitasse numa boa.*

**Eu:** Essa preocupação inicial era só da dona Dargenira?

**Angélica:** *Era. Pela maneira, pelas escolhas dele, pela... interessante que durante muito tempo ela se enganou porque ela, não sei se aquilo era namoro, eu acho que era mais uma amizade muito chegada entre o Jaime César e a Clara, era como se fosse um namoro. Ela mora ali vizinha com a mamãe, em Canindé. Eles eram muito chegados mesmo e confidentes. Depois cada qual seguiu, mas a amizade ainda ficou. Ela casou-se, separou-se, a amizade ficou. A mamãe dizia que eles eram namorados. Depois que ele rompeu, mais adiante quando ele assumiu mesmo de fato, tudo ficou pra lá mesmo.*

**Eu:** Quando a senhora fala das escolhas dele, até então ele tinha dez anos, o que vocês percebiam? Quando levaram ao psicólogo, o que vocês percebiam de diferente?

**Angélica:** *As brincadeiras, as atitudes, a separação das atividades com meninos. Ele gostava muito de brincar só e quando ele brincava, ele brincava com as meninas lá em casa. Ele nunca foi de sair. De fato, a vida dele tornou-se mais aberta e mais social depois que ele veio embora pra cá. Ele já tinha uns dezessete, dezoito anos.*

**Eu:** E sobre as brincadeiras?

**Angélica:** *Ele tinha um bom gosto, uma criatividade. Desde criança. Ele brincava de desfile, se vestia, se maquiava, pegava nossas coisas, era sapato, era roupa...*

A oposição entre “normal” e “anormal” marca esses episódios da experiência de Janaína. Para Miskolci (2003), a normalidade, concepção que resulta de discursos e práticas sociais, é associada a um intuito disciplinar e de controle social. Essa noção, junto à de desvio (anormalidade), compõe uma das oposições que regem a organização da nossa sociedade, se direcionando a legitimar aqueles sujeitos considerados padrão: homem, branco, heterossexual e burguês (MISKOLCI, 2003). Essa abordagem dialoga com a teorização de Foucault (1988) a respeito do *bio-poder* (controle dos corpos pelo Estado). Nessa perspectiva, a “(a)normalidade” insere-se em práticas dos Estados modernos que visam regular a vida dos sujeitos controlando seus corpos, indispensável

ao desenvolvimento do capitalismo, pois assim seriam ajustados aos processos econômicos. Mas não só. Surgiram “grandes aparelhos de Estado, como *instituições* de poder [...] bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades) [...] garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia” (FOUCAULT, 1988, p. 132-133).

À luz desses mecanismos, compreendemos a busca da família de Janaína por um profissional detentor de um saber institucionalizado para identificar se ela era “normal”. Angélica usou algumas expressões para marcar a “diferença” de Janaína como indicativas da sua possível “anormalidade”: maneiras, escolhas, atitudes, brincadeiras, postura, travessuras e colocações. No entanto, essas expressões não evidenciam marcações de gênero. Somente quando questionada sobre o significado delas, Angélica faz um paralelo entre as “separações das atividades com os meninos”. Enquanto Jaime buscava ignorar a “diferença” de Janaína, Dargenira se preocupava extremamente e se culpava, achando que era um “problema de criação”. Antes de ir ao psicólogo, Dargenira tomou algumas atitudes para resolver a questão, como reafirmar para Janaína que ela “era homem” e que devia “pastorar” as irmãs, ou seja, proteger, cuidar, vigiar, guiar. O que o psicólogo falou para Dargenira é um segredo que ela nunca revelou, mas o fato é que depois dessa consulta ela teria parado de cobrar de Janaína um comportamento que acreditava ser condizente com as normas de gênero, deixando de se culpar e de procurar “a causa do problema”. Mesmo assim, Dargenira nutriu por alguns anos a esperança de que Janaína pudesse ser “normal”, acreditando que ela teria namorado uma mulher na adolescência, a vizinha Clara. Logo essa ideia foi desmistificada, mas Dargenira continuou fazendo essa afirmação por toda a vida. Sobre esse suposto namoro, Clara confessou que se existiu uma “paixonite de adolescência”, foi inventada por Janaína, uma história que era constantemente ironizada por elas:

**Clara:** *Essa história foi numa época, acho que ele [Janaína] tinha uns treze anos, mais ou menos. Essa paixão nunca existiu, ele quem inventou da cabeça dele dizendo que tava apaixonado por mim. E muito tempo depois ele chegou a dizer pra mim, já com 18 anos, eu namorando firme pra casar: “Nega, tu sabe por que eu fui ser homossexual? Porque tu não me quis”. Eu disse: “Jaime, isso daí foi uma fantasia da tua cabeça. Isso não existiu não” (risos). Porque a gente era amigo mesmo, de brincar. Eu acho que ele fantasiou um pouco, aquela confusão da idade, da adolescência. Mas na verdade, essa paixão nunca existiu, foi só coisa da cabeça dele.*

**Eu:** Você acredita nessa história de que ele virou homossexual porque você não queria nada com ele?

**Clara:** *Não, não acreditava. Porque assim, desde a infância que eu percebia, a gente percebia, tu tá entendendo? Porque ele era aquele homossexual que já foi... Eu vejo assim, porque tem gente que na época de criança não apresenta nada que realmente você perceba, mas o Jaime já era perceptível desde criancinha. Ele gostava de brincar*

*com as meninas. Eu e minha irmã aqui, que é praticamente da mesma idade que a gente, nós éramos as amigas dele. Ele não brincava com meu irmão.*

**Eu:** E os meninos, falavam alguma coisa?

**Clara:** *Falavam. Eles chamavam de baitola. Tinha um que falava pra mim: “Clara, não chama esse baitola praí não”. [Clara respondia:] “Como?”. Eu o amava.*

Erlania também resgatou a história lendária desse namoro:

**Erlania:** *Eu achei graça pela maneira como ele me disse que não tinha vergonha de se assumir. Aí, eu disse: “Ah quer dizer que tu não namorou com a Clara não?”. E ele disse: “Tu não sabia não que a Clara gosta é...”. Aí, eu disse assim: “Perai! Quer dizer que a Clara é viada também?” (risos). Aí, ele começou a rir, me abraçou e me beijou. Aí, eu disse: “Mas ela não casou-se?”. E ele: “A tradição manda que deve casar, mas aquilo sofre! Coitadinha!”. Aí, eu tinha pena da Clara, era uma amiga dele. Aí, foi como ele disse, à maneira dele, brincando. Aí, depois a mamãe disse: “Minha filha, você notou que o Jaime César é diferente?”. Aí, eu fui e disse: “Mamãe, olha hoje em dia isso é tão comum”.*

Ao me aprofundar em narrativas sobre esse namoro de adolescência entre Janaína e a vizinha, surgiram algumas versões paralelas como maneira de desconstruir esse hipotético passado heterossexual de Janaína. Em alguns relatos, Clara é construída como lésbica, e em outros, Janaína seria apaixonada pelo irmão de Clara. O namoro teria sido criado então para justificar a proximidade de Janaína com o irmão de Clara e também para escamotear a homossexualidade de Clara. Desta maneira, ambos poderiam esconder a orientação sexual e aparentemente corresponder às exigências das normas sem gerar falatórios na cidade.

Voltando ao relato de Angélica transcrito acima, ela revela o significado das expressões que usou inicialmente para qualificar a peculiaridade de Janaína. Segundo ela, Janaína usava as roupas, os sapatos e a maquiagem das irmãs e brincava de desfilar, elementos interpretados como inadequados ao masculino. Aquelas brincadeiras de Janaína, antes sem marcações de gênero, como colecionar objetos, passaram a ser relacionadas aos comportamentos considerados diferentes, ao “bom gosto” e às atividades de Janaína, entendidas como tipicamente de meninas.

Sobre sua infância, Janaína dizia que uma lembrança era marcante: se sentia como uma menina e não compreendia as cobranças para agir como um menino, principalmente na escola, possivelmente onde percebia maior controle do que em casa. Como resultado dessa disparidade, Janaína se sentia confusa e insegura. Passado a infância, Janaína teria se identificado como homossexual, depois de longos conflitos devido às exigências de cumprimento da masculinidade. Essa identificação a possibilitou uma racionalização e explicação para o desconforto que sentia. Mesmo com

todas as exigências que sofreu na infância, Janaína relatou que nunca se sentiu desprezada pelos entes familiares e que tinha forte identificação com a mãe, que sempre teria sido carinhosa e compreensiva:

*Nasci em Canindé e tive uma infância muito pura, de andar a cavalo, empinar papagaio, de banho de açude, tomar leite de cabra no peito, brincar de boneca (ri). Então, despertei mais para a sexualidade na adolescência mesmo. Minha mãe era professora, ensinava em um colégio de padre e freira. Meu pai era funcionário do DNOCS. Morávamos na rua principal da cidade. Nesse ponto tive sorte, minha mãe, sendo uma educadora, me estimulou muito a adquirir conhecimento.<sup>147</sup>*

Janaína, na medida em que foi crescendo, foi deixando de ser “o caçula protegido” pelas irmãs para se inserir como o irmão que dava opiniões e conselhos, especialmente referentes à moda. O “bom gosto” de Janaína era tido como algo tipicamente feminino, nas palavras de Conceição, como “coisa de mulher”:

**Beliza:** *A gente brincava no poço, ele era redondo, ele cobria a gente. A gente botava ele [Janaína] dentro do cacimbó e descia pela escada. A gente descia e lá embaixo tinha um pau. Pronto, aí a gente ficava sentada no pau embalando o menino [Janaína] no braço (risos). E tome tempo. E a água chega ficava barrenta, n’era?*

**Conceição:** *Era.*

**Beliza:** *Era eu, a Ceicinha, a Erlania. Mas ninguém podia dizer nada com o Jaime César que a madinha [Erlania] tomava as dores. O Jaime Cesar gostava de brincar de altar, gostava de ‘se vestir’.*

**Eu:** *Como é altar?*

**Conceição:** *Altar de Nossa Senhora, ele fazia altar. Ele tinha muito bom gosto, sabe? Ele o tempo todo teve muito bom gosto, coisa de mulher. O modelo de uma roupa assim, o modelo de uma blusa, o modelo de uma coisa, ele dizia assim: “Não, não fica bem não”. Ele já tava já maiorzinho. Ele dava opiniões.*

**Eu:** *E além das brincadeiras de altar?*

**Conceição:** *Era brincadeira de todo jeito. Ele brincava com os amigos maior, menor. Tinha, no quintal um galamarte, era um pau enfiado no chão de um lado e do outro a pessoa ficava rodando, sabe? Horas. Ele era menorzinho. Botava o Jaime César e ficava rodando, rodando. Quando já tava demais ele corria pra onde tava a mamãe. A gente cuidava dele porque a mamãe trabalhava de manhã, a tarde e a noite. A mamãe tinha uma empregada chamada Carminha. Só que todos nós ajudávamos a Carminha pra ela brincar com a gente. Aí, a Beliza ia varrer a casa, eu ia espanar, a outra ia lavar as louças, a Carminha fazia a comida por ali assim, a Angélica também ajudava. Quando a mamãe chegava tava tudo tão cansado, tudo tão sujinho só de brincar. Mas com o Jaime Cesar a gente não deixava a alimentação dele, de dar o banho, nem nada. Tudo bonitinho! Olha, em termos de infância do Jaime Cesar na nossa casa, não temos o que reclamar. Assim, de brincadeiras sadias, sabe? As brincadeiras, o companheirismo, aquela alegria de muitos, eram dez filhos, né? Ainda mais tinha os de fora, ainda vinha os da vizinha. A Belizinha defendia o Jaime Cesar com unhas e dentes, fazia todas as vontades. Era a madrinha dele, minha filha. A mais próxima dele era a Beliza: “Madinha, eu vi uma calça não sei onde, compre” [Janaína pedia].*

<sup>147</sup>“O nobre colega é dama de espadas”. Jornalista: Ethel de Paula. In: Singular: uma revista plural. No. 09. Setembro, 2002.

Entre os familiares de Janaína com os quais tive contato, era corrente encontrarem a “causa para a “diferença” de Janaína nas brincadeiras com as irmãs, no fato dela ser “o mais novo” e de ter crescido entre mulheres. Outra concepção presente nas narrativas sobre Janaína durante a infância é a de “normalidade”. Conceição se refere às brincadeiras da infância como “brincadeiras sadias”, utilizando um vocabulário normativo que opõe saúde e doença como sinônimo de normalidade e anormalidade. Apesar das brincadeiras e comportamentos interpretados como femininos, Janaína é retratada como “uma criança normal” frente às transformações na fase adulta. Ou seja, enquanto brincadeiras de criança, o comportamento tido como feminino podia ser relevado, mas como comportamentos de adulto, essa feminilidade vira sinônimo de “anormalidade”, visto que conscientemente borrou as fronteiras normativas de gênero. “As desculpas” ou a esperança de mudança não podiam mais ser justificadas pelos comportamentos irrefletidos e inocentes de uma criança.

Em muitas falas, as brincadeiras de Janaína aparecem sem marcação de gênero. Clara, por exemplo, falava que Janaína gostava de “*brincadeiras de época mesmo, de bola, esconde, coisas da época dele, pega-varetas, tudo que era da época, jogos de mesa, ludo real, coisas de criança da época, jogos normais*”.

No relato de Carola também surge a concepção de normalidade referente a Janaína na infância:

**Carola:** *Eu conheço ele desde novinho, o Jaime. Ele já tinha uns seis ou sete anos. Foi em 1971. Ele era um menino maravilhoso. Ele gostava tanto de brincar com vidro. Era uma infância ótima! Ele gostava muito de se divertir, o Jaiminho, eu chamava ele de Jaiminho. A gente brincava tanto. Antes, ele se vestia norma. Mas, depois que ele foi pra Fortaleza ele já veio modificado. Já aqui, com a nossa presença, ele nunca saiu assim não. Ele sempre ia lá pro Manoelzinho e lá é que ele se arrumava.*

Para Carola, a “criança normal” mudou com a saída do espaço familiar. No entanto, sempre que Janaína retornava à casa da mãe, ela cuidava para que as modificações corporais e gestuais não ficassem evidentes, impedindo a “quebra da normalidade” e o “desrespeito” à família e aos costumes. As “subversões” eram reservadas a Fortaleza, ou quando em Canindé, ao convívio com os amigos, especialmente na casa do Manoelzinho. As narrativas sobre o período em que Janaína morou em Canindé variam de relato para relato. A saída para Fortaleza, no entanto, foi apontada constantemente como um ritual de passagem, um marco para que as transformações ocorressem mais livremente, já que estava afastada dos olhares dos familiares e conterrâneos.



No período em que morou em Canindé, Janaína é descrita como dentro da “normalidade”, apesar da percepção de uma “diferença” baseada nas normas de gênero. Contudo, alguns questionamentos eram feitos, principalmente pela sua mãe, irmãs e pessoas próximas da família. Quando criança, Janaína ficava muito tempo sozinha, com as irmãs ou poucos amigos da vizinhança, mas depois que se tornou adolescente, seu círculo de amizades teria se ampliado, tendo se inserido em uma rede de homossexuais e artistas de Canindé, que tinha em Manoelzinho a figura central.

Nos relatos que ouvi, Manoelzinho é retratado como um dos pioneiros a falar abertamente sobre a homossexualidade na cidade, aglutinando em torno de si uma rede de relações composta por homossexuais, lésbicas e travestis. Desde a década de 1960, era em sua casa que “tudo era permitido”, como me falou Vera, como se naquele espaço operasse uma flexibilização das normas de gênero. A casa aqui pode ser entendida não somente como um espaço geográfico, mas como uma entidade moral, esfera de ação social, um reduto do sujeito, um lugar de proteção em oposição à rua (DA MATTA, 1997). Beliza falou sobre o apoio que Manoelzinho dava a Janaína em Canindé depois que esta iniciou mudanças relacionadas à travestilidade:

**Beliza:** *Quando ele saiu daqui ele não tinha essas transformações todas. Ele voltou bem diferente. Bem diferente mesmo. Ele tirava as sobrancelhas.*

**Eu:** E como ele foi recebido em Canindé depois dessa mudança toda?

**Beliza:** *Mesmo assim, ainda tinham críticas com ele, mesmo assim. Tanto é que ele se dava muito com o Manoelzinho. Ele se refugiava demais na casa do Manoelzinho, sabe? Ele ficava na calçada com a mamãe, ele ficava na calçada comigo, mas ele não tinha amizades, pessoas assim bem próximas, de jeito nenhum.*

Por causa dessa proximidade e apoio, Vera, uma das pessoas que participava da rede de amigos de Manoelzinho, disse que ele conhecia a fundo Janaína: “*O Jaime quando ele chegava aqui [em Canindé] ele ia direto pro Manoelzinho. Não sei nem se ele deixava a sacola aqui [na casa de Dargenira]. Eles eram muito próximos. Aqui em Canindé, o ciclo de amizade do Jaime era pequeno. E lá [Fortaleza] era mais o pessoal do GRAB*”.

Segundo Vera, a rede era formada por Manoelzinho, Janaína, Carlinhos, Claudia Raia, outros menos centrais e alguns que ela disse não poder revelar o nome já que seriam “pessoas importantes da cidade”.

**Vera:** *Ele [Janaína] era muito brincalhão (risos). A gente andava muito lá no Manoelzinho. Ele era bem mais velho [Manoelzinho], uns doze anos. Eu acho que a amizade deles começou quando houve a descoberta dele, dele ser homossexual, né? Aí, o Manoelzinho era a referência, né? Era a pessoa que ele contava os problemas, que ele chorava, que ele abraçava, que ele escutava.*

A questão da homossexualidade, novamente relatada como uma “descoberta”, de acordo com Vera, seria o elo de aproximação entre os homossexuais dessa cidade pequena, na qual o Manoelzinho era a grande referência. Carlinhos era outro homossexual da rede que foi apontado por várias pessoas durante a pesquisa. Cabeleireiro renomado, este teria vivido os últimos meses de forma degradante. Nas narrativas sobre os pertencentes à rede, eles teriam tido uma trajetória parecida, com finais trágicos, construídos como uma “decorrência dos desvios”. Nas imagens abaixo eles aparecem em festas de carnaval, quando transporiam para “o mundo da rua” ideais de relações espontâneas e simétricas (DA MATTA, 1997), enquanto que na outra Janaína aparece com uma foice na mão, fazendo expressão desafiadora e, ao mesmo tempo, irônica em relação à imagem do “cabra macho nordestino”, sinalizando, ambas, para posicionamentos relativamente desafiadores das normas de gênero locais.



Imagem: Carlinhos, Janaína e Manoelzinho durante uma festa de carnaval em Canindé.  
Fonte: arquivo da família de Janaína.



Imagem: Carlinhos e Janaína. Fonte: arquivo da família de Janaína.

Vera continua seu relato revelando que as “permissões e liberdades” vivenciadas na casa de Manoelzinho giravam em torno de desfiles (quando eles “se montavam”), encontros amorosos, bebidas alcoólicas e fumo. O uso de roupas consideradas inapropriadas ao gênero atribuído era considerado uma subversão fortemente praticada entre as quatro paredes. Dentro dessa rede de fortalecimento, a casa de Manoelzinho funcionava também como ponto de encontro LGBT da cidade e como motel, frequentado, inclusive, por pessoas que mantinham relacionamentos heterossexuais e que não vivenciavam a homossexualidade fora dali: *“Hoje, quem tem carro vai pra Fortaleza. Tá mais livre nesse sentido. Na época, nem motel tinha. Se quisesse namorar*

*tinha que ser dentro de um carro ou na casa de um amigo. Eu pelo menos tive muita sorte de ter conhecido o Manoelzinho, o Jaime, né?”*, relata Vera, apontando para a dificuldade de inserção nessa rede de relações, mas que, uma vez dentro, era possível se beneficiar de todos aqueles privilégios. Por exemplo, Clara, que estava presente em uma conversa que tive com Vera, mas não “era do meio”, usando sua própria expressão, não sabia dos acontecimentos que se desenrolavam na casa de Manoelzinho.

**Vera:** *Lá no Manoelzinho rolava de tudo. Todo mundo usava maconha lá. A boate daqui de Canindé era a casa do Manoelzinho (risos). Era o point! Quem conseguia ser amigo do Manoelzinho tava bem! Podia encontrar quem você quisesse lá, ele dava um jeitinho, ele arrumava, ele ajeitava, era muito legal!*

**Clara:** *Era só pra quem era ‘do meio’, porque eu desconheço isso.*

**Vera:** *Aqui não tinha lugar GLS, não tem. A casa do Manoelzinho era tudo! Olha, nas festas de carnaval, eu tenho uma foto, eu, o Jaime e o Manoelzinho numa festa. Ele gostava muito de carnaval. A gente não perdia uma festa. Eu nunca gostei de vestir fantasia, mas eles iam, todos, fantasiados, aquela turma. Tinha a Claudia Raia, que era assim um viado mais liberado, mais povão mesmo. Mas os meninos gostavam muito dele. O pessoal na rua não respeitava ele não. Era ‘bafão’ mesmo. A bicha era muito doida. Ela já faleceu também. Toda aquela turma daquela época. Ela morreu de aids. O Manoelzinho acompanhou, ele que foi cuidar. O Jaime arranhou todo o tratamento dele lá no [Hospital] São José. Ele ficou muito deprimido. Não queria nem receber visita.*

A ideia de “normalidade” também aparece nos relatos de Vera, quando ela se remete ao período no qual o grupo convivia mais intensamente, aproximadamente, na década de 1970 e 1980:

**Eu:** Como o Jaime reagia diante de alguma atitude homofóbica?

**Vera:** *Olha, na verdade, nessa época que a gente conviveu, nesses anos pra trás, não tinha muito esse negócio de homofobia, não se falava de homofobia, essas coisas não. Não é? Não tinha isso não. Era cada um no seu cantinho, na sua vidinha, né? E se nos apontassem, a gente nem levava muito em conta, achava que aquilo ali era normal. Porque se achavam a gente era diferente... na verdade, a gente não era... a gente era diferente, mas não era assim muito. Não tinha essas coisas não. Eu não lembro não. Não tinha insultos. Era bem mais, eu acho, que era bem mais saudável a vida. Todo mundo era conhecido. Por exemplo, o Manoelzinho, quem que atirava uma pedra aqui contra o Manoelzinho, em Canindé? O Manoelzinho era um ícone, um artista. Um rapaz que fez vários hinos de louvor a Nossa Senhora, São Francisco, sabe?*

A concepção de normalidade está aqui atrelada a um modo de viver considerado mais “saudável” no passado. Se os “diferentes” ficassem no “seu cantinho”, ou seja, sem incomodar a norma, no “armário”, estaria tudo resolvido, a ordem não seria confrontada. Além do mais, Vera diz que a diferença do grupo nem era tão evidente naquele contexto, ela estava pautada na legitimidade do artista e nas atividades que desenvolvia junto à igreja. Essa respeitabilidade conquistada por Manoelzinho acabava, de certa forma, se estendendo aos demais integrantes da rede de relações.

Manoelzinho deixou um depoimento sobre Janaína no documentário de Almeida (2011), transcrito na íntegra no ANEXO 9, falando sobre a relação de amizade com ela, sobre preconceitos que enfrentaram em Canindé e sobre o apoio que dava a Janaína, principalmente no seu processo de travestilidade, se mostrando sempre disposto a “aparar” Janaína com uma rede de proteção quando ela se lançou naquele voo para longe das normas de gênero.

Mesmo que uma “diferença” tenha sido apontada em vários relatos sobre Janaína, houve bastante resistência para que alguns aceitassem a homossexualidade dela, como ela se autoidentificou inicialmente, resistência agravada quanto à posterior travestilidade. Como disse Beliza, desde muito cedo os pais perceberam que Janaína “não era homem”. Essa constatação parece ser fundamentada pelo uso de elementos tidos como femininos por Janaína, especialmente pelo uso de roupas, que na infância era interpretado como brincadeira e na adolescência teria sido justificada pela “permissão” no carnaval ou mesmo na casa do Manoelzinho. O uso de cabelo grande era associado à calvície precoce, herdada do pai, como uma forma de driblar esse problema indesejado. Janaína também teria tido o corpo com formato mais arredondado desde a infância devido ao relativo sobrepeso. Segundo alguns relatos, ela sempre teve “peitinho”, mesmo antes do uso de hormônios e silicone. Beliza se resume a dizer que a família já sabia “que ele era”, “que ele tinha”, sem nomear essa diferença percebida:

**Beliza:** *Nós já, já, já sabíamos demais, eu já sabia demais. Ele gostava das minhas camisetas pretas. Eu dei umas camisetinhas pretas que ele gostava demais (risos). Ele ficava bem demais. Com a mamãe ou com as meninas assim [as outras irmãs] ele não conversava não, ele conversava mais era comigo essa parte assim. Eu já sabia que ele era. Que ele tinha... A gente conversava muito sobre artistas, sobre moda, sobre... tudo.*

O “assumir-se” de Janaína, entendido como o momento em que ela verbalizou que era homossexual aos pais, teria acontecido, segundo alguns relatos de familiares, no ano de 1990, na comemoração de cinquenta anos de casamento de Dargenira e Jaime. Janaína estava então com 29 anos:

**Erlania:** *No dia do aniversário de 50 anos de casamento da mamãe ele veio, entregou as flores no colo da mamãe. Eu tenho até isso em VHS. Eu vou mandar fazer um DVD. Aí, ele ajoelhou assim entre a mamãe, foi e disse: “Mamãe, eu sou diferente. Eu não sou o homem que a senhora esperava”. Aí, a mamãe foi e disse: “Meu filho você continua sendo meu filho”. Papai foi e disse: “O quê que importa isso? Pra mim isso não tem significado nenhum. Te amo do mesmo jeito”. E o papai e a mamãe assim, nunca fizeram: “Ah, porque ele é feminino?”, não! Comigo eu desconfieei bem mais cedo.*



Imagem: Festa de Bodas de Ouro dos pais de Janaína, quando ela teria falado para eles que era homossexual. Janaína aparece no canto da esquerda. Fonte: arquivo da família de Janaína.

Depois dessa conversa, Janaína teria falado sobre o assunto com a mãe outras vezes, como se tivesse que reforçar a informação ou se desculpar, no que a mãe sempre recorria ao discurso religioso para demonstrar aceitação. Percebo como esses marcadores, gênero e religiosidade, se inter cruzam, tal como chama atenção Michel Bozon (2004b):

O gênero é uma dimensão especialmente impregnante impondo-se às outras esferas. Funciona com uma ordem que provém da natureza ou de Deus, sendo pouco questionada, operando de forma silenciosa e inconsciente. Nesse sentido, possui uma espécie de auto-evidência, que por vezes supera o próprio discurso religioso (BOZON, 2004b, p. 03).

Vamos ao relato de Dargenira:

**Dargenira:** *Sim, quando foi um dia, ele já estava rapaz, era advogado, aí ele chegou aqui e me chamou: “Mamãe, vem cá!”. Aí, ele me levou lá pro primeiro quarto, fechou a porta e disse: “Mamãe, vamos conversar uma coisinha”. Eu disse: “O que você tem pra me dizer?”. Aí, ele me abraçou e disse: “Mamãe, me perdoe”. Aí, eu disse: “Perdoar porque, filho?”. [Janaína respondeu:] “Porque meu sexo...”. [Dargenira teria interrompido a frase de Janaína:] “Olha, eu sei. Não diga nada, porque você aí já tá ofendendo a Deus. Se Deus quis você assim, assim seja. Quem manobra com a gente é Deus, não sou eu, nem seu pai não, meu filho, nem ninguém”. Aí, nós choramos juntos. Eu chorei com pena dele, da humilhação que ele passou, né?*

Essa ideia de “sair do armário”, no entanto, deve ser problematizada, na medida em que não significa simplesmente “revelar o segredo da homossexualidade”. Sedgwick (2007) fala em *epistemologia do armário*, um regime de conhecimento, um dispositivo que regula a vida dos sujeitos, de forma a conferir privilégios e garantir a hegemonia de valores. Para ela, o *armário* é um *segredo aberto* que marca a vivência de gays e lésbicas, agindo por meio de regras paradoxais que manipulam os limites entre o que é “revelado” e o que é “escondido”. Desta maneira, o “assumir-se” não se dá somente quando verbalizado, mas está permeado de narrativas elásticas, de manipulações do

segredo de acordo com espaço e as pessoas envolvidas. São nas entrelinhas dessa dinâmica que, por exemplo, alguém sabia “antes da pessoa revelar”, que desconfiasse ou fingisse que não sabia do “segredo” do outro. Isso acontece porque vivemos em uma sociedade regida pela heteronormatividade, na qual impera a suposição de que todos são heterossexuais, fazendo com que até aquelas pessoas assumidamente gays estejam no armário com alguém ou em determinada circunstância. O jogo que faz com que algumas sexualidades possam e devam ser ditas enquanto outras são escondidas segue estratégias de poder que servem para garantir a manutenção da ordem e estabelecer hierarquias.

### **Doutor Jaime César Dutra Sampaio**

De acordo com os certificados escolares, Janaína estudou a 1º série do 1º grau em 1969, no Grupo Escolar Monsenhor Tabosa, em Canindé. A 2º série ela só teria feito em 1971, no Centro Educacional São Francisco, em Canindé, onde permaneceu até 1978, quando concluiu a 1º série do 2º grau. Desconheço se ela se manteve fora da escola no ano de 1970 ou se repetiu a 1º série. No início de 1979, Janaína mudou-se para Fortaleza, onde cursou a 2º série do 2º grau no Colégio Equipe, no período noturno. Em 1980, ela concluiu os estudos secundários no Colégio Capistrano de Abreu. Nesse mesmo ano ela cursou o pré-vestibular na Organização Educacional Farias Brito, no turno vespertino. No ano seguinte, 1981, ela prestou vestibular pela primeira vez, tanto na Universidade Federal do Ceará quanto na Universidade Estadual do Ceará, ambos para ingressar no curso de Direito. Não obtendo aprovação, Janaína prestou vestibular na Universidade de Fortaleza – UNIFOR, onde ingressou no curso de Direito no segundo semestre de 1981. A universidade era particular e o curso foi integralmente custeado pelos pais de Janaína.

Assim que Janaína ingressou no curso, começou a participar de congressos da área jurídica. Até o final da graduação, participou de seminários e eventos com temas sobre Direito Tributário, Direito do Consumidor, Direito Constitucional, Direito Civil, Direito Econômico, entre outros. Janaína participava ainda de seminários sobre literatura, marcando um intercâmbio com a área de Letras. Obtive a informação de que ela sempre participava de saraus, inclusive em outras universidades, como a Universidade Federal do Ceará.

Quando universitária, Janaína participou de processo seletivo para bolsista estagiário do Banco de Desenvolvimento do Ceará. Nesse período, ela teria vontade de

conquistar independência financeira. Com esse intuito, junto com a conterrânea Clara, participou de concurso da Caixa Econômica Federal. Clara foi aprovada, Janaína não. No entanto, alguns familiares de Janaína afirmaram que ela teria trabalhado nesse banco.

Janaína, em gravação mostrada no documentário de Almeida (2011), afirmou que na graduação ela *“já era mariquinha, já tomava hormônio, já tinha o peitinho pulando, mas ainda não tinha as formas definidas”*. As expressões “mariquinha”, “bichinha” geralmente são usadas para definir uma fase anterior à travestilidade, quando começam com transformações, mas ainda não alcançaram o (auto)reconhecimento como travesti. Como elementos que indicavam essa fase “mariquinha” de Janaína, estão os cabelos longos e, esporadicamente, o uso de roupas consideradas femininas. Ao que tudo indica, Janaína não se identificava ainda enquanto travesti. Ela costumava dizer que quando iniciou o curso já era “um homossexual assumido”, tendo que ser resistente para enfrentar discriminações. O enfrentamento, contudo, pareceu ser alternativa mais adequada do que a “discrição”, entendendo que sua feminilidade era impossível de ser “disfarçada”. Na graduação, ela já adotaria o conhecimento para driblar preconceitos, criando um discurso de “defesa das minorias” na sala de aula, voltando-se especificamente para a questão da homossexualidade. Obtive relatos de que Janaína costumava ser tão combatente na universidade como no ativismo. No espaço acadêmico ela discursaria aguerridamente, principalmente quando o tema da homossexualidade era abordado sob uma perspectiva que considerava distorcida ou preconceituosa.



Imagens: Janaína em sua formatura do curso de Direito. Arquivos da família de Janaína.

Após a formatura, em 1986, Janaína abriu um escritório de advocacia em sociedade com outra pessoa, que funcionava em uma sala do Edifício Lobras, no centro de Fortaleza. Também nesse projeto, os pais teriam ajudado-a financeiramente, principalmente no auxílio do pagamento do aluguel da sala.

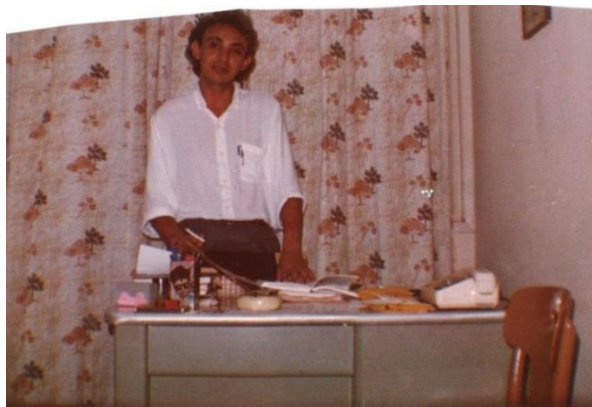


Imagem: Janaína possivelmente em seu escritório de advocacia. Fonte: arquivo da família de Janaína.

Janaína, no entanto, não parecia ser “um advogado” promissor. Angélica, com meias palavras, diz que Janaína: “*era, dos quatro irmãos, o único que ninguém... o que todo mundo achava que não ia... mas foi o único que deixou rastro e fez história*”. Em outras palavras, ela era vista pelos familiares como alguém que não teria muito sucesso na profissão, mas que, inesperadamente, foi, “dos quatro irmãos” (Janaína nunca deixou de ser agrupada entre os irmãos por seus familiares) quem teve mais reconhecimento no trabalho, que eles atribuíam mais à advocacia do que ao ativismo.

Para Erlania, a própria escolha de Janaína pelo curso de Direito foi tomada visando “*as causas dele*”, ou seja, conquista de direitos LGBT. Segundo ela, Janaína sempre teria sido “*muito equilibrado, sempre teve muito senso de justiça*”, o que a direcionou para a profissão, somando-se ao fato dela ter sido caridosa. Por não visar o dinheiro, Janaína não teria tido muito sucesso na advocacia, quando atuava em causas cíveis. No ativismo, no entanto, ela teria conquistado muito reconhecimento e mais retorno financeiro devido aos projetos que desenvolvia. As narrativas dessa irmã, em específico, são as que mais conferem importância ao ativismo de Janaína:

**Erlania:** *É por que ele defendia muita gente pobre. Eu não me lembro do Jaime ganhar dinheiro. Quando ele sabia que uma pessoa... algumas vezes cheguei até a presenciar, precisava de separação, que ele fez a vara de civil, familiar né? Quando ele via que a pessoa não tinha como pagar, tinha filhos, ele batalhava, brigava pela pensão daquela pessoa. Muitas vezes não tinha dinheiro nem pra xerox, a mãe é quem pagava, dava o dinheiro pra ele pagar a xerox. Quando ele sabia que tavam precisando do serviço dele de advogado, ele sempre trabalhava e eu nunca me lembro dele ganhando dinheiro com*



*isso não. Eu lembro que ele veio ganhar dinheiro no GRAB, quando ele começou a trabalhar na Asa Branca, no GRAB lá, no Grupo. Que aí ele vinha fazer seminário aqui [São Paulo], duas vezes que eu tive que ficar esperando na porta pra eu poder falar com ele. E uma das últimas vezes que ele veio fazer um seminário no Hotel Santa Cecilia, tava tão cheio o salão que eu fiquei na porta e ele falando, falando, falando e quando ele terminou eu só fiz levantar assim a mão e aí quando ele me viu, ele deu um jeitinho e aí a gente saiu. Mas naquele dia ninguém conseguiu falar direito por que ele era encarregado do grupo e tinha muita gente que precisava sair de lá com a autorização dele, dar baixa no hotel, tirar dinheiro da passagem e ele tinha que assinar as coisas e aí ele: “Lana só um pouquinho, Lana só um pouquinho,” e ele ficou de levar o pessoal, por que de lá ele ia viajar pra Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasília e Fortaleza.*

Sobre a trajetória na advocacia, Janaína relatou em entrevista concedida em 2002<sup>148</sup> que, enquanto exerceu a profissão, atuou em causas ligadas ao direito civil até enveredar para a área dos direitos humanos, mudança que acompanhou o seu processo de travestilidade. Nessa linearidade estabelecida, as fases foram se sucedendo “naturalmente”, disse ela. Relatou que quando começou a atuar no movimento LGBT do Ceará ainda “se vestia de homem”, era o “Dr. Jaime, o jovem advogado homossexual” e, na medida em que foi se transformando, foi se afastando dessa imagem e construindo uma mais ligada à feminilidade e ao ativismo. Na fala de Janaína, as atuações na advocacia e no ativismo parecem opostas em correspondência à dicotomia homem/mulher:

**Janaína:** *Exerci a profissão durante dez anos [de 1986 a 1996]: fiz divórcio, usucapião... no começo da década de 90 eu já tomava hormônio, mas **ia pro trabalho vestido de homem**, aquela coisa de calça de linho, gravata, prendia o cabelo. Mas, à medida que fui me transformando, me assumindo como travesti, naturalmente fui me especializando também em casos nessa área de direitos humanos, voltada para a causa homossexual... E recentemente uma pesquisa nacional apontou: sou a única travesti no exercício da profissão do direito no Brasil.*

E hoje, você advoga naturalmente vestida de mulher?

**Janaína:** *Hoje em dia **vou trabalhar como mulher**. Até porque me especializei nessa área, o que facilita as coisas. [...]. Temos duas principais orientações: defender a diminuição da violência e a discriminação e por outro lado firmar parcerias com o poder público instituído para melhor informar e cuidar dos homossexuais.*

O fato de ter um diploma fez com que você sofresse menos preconceitos?

**Janaína:** *Ser travesti impacta muito as pessoas. Um gay e uma lésbica podem até passar batido, na família, na escola, no trabalho... Mas o travesti não, já que esse processo de siliconização, de hormonização normalmente se dá já na adolescência. Então fica difícil aguentar as chacotas no colégio. Isso faz com que muitos abandonem os estudos cedo. Daí a necessidade de uma política educacional de profissionalização voltada aquelas que não são aceitas pela família. “Já não basta ser viado ainda vai se vestir de mulher?”, é assim que dizem. No meu caso foi diferente porque comecei a tomar hormônio já na fase adulta, quase com 30 anos. Então, enquanto morei com*

<sup>148</sup> “O nobre colega é dama de espadas”. Jornalista: Ethel de Paula. In: Singular: uma revista plural. No. 09. Setembro, 2002.

*meus pais, em Canindé, sempre fui bem aceito, nunca fizeram disso um cavalo de batalha. Minha mãe tem muito orgulho de mim, da minha luta, da minha militância.*

Mas no trabalho, entre os nobres colegas?

**Janaína:** *Houve alguns delegados que olhavam assim, pediam pra mostrar a carteira da OAB, porque acham um absurdo existir um travesti advogado. Hoje em dia isso não acontece mais porque estou muito ligado à mídia. Mas sempre tem o olhar de rabo de olho, as cutucadas antes das audiências... Já respondi a um processo na OAB por conta de uma confusão em uma churrascaria. Fui levada para a delegacia e durante uns 20, 30 minutos fiquei detida. A delegada me prendeu porque eu estava vestida de mulher, numa churrascaria e ela alegou que aquilo era falta de conduta ética. Desde quando estou no exercício da profissão cinco horas da manhã, numa churrascaria? Eu estava no meu lazer. E como cidadã, me visto da maneira que eu quiser, a não ser que eles me apontem uma lei que me obrigue a me vestir de macho à força. No final, fui absolvida. Mas claro que passei por tentativas punitivas administrativas, xingamentos de toda ordem... Quando fui tirar o passaporte por exemplo, a atendente veio com essa: “Você vai ter que tirar uma foto vestida de homem”. Daí, fui falar com a chefe dela, perguntando se eu iria ter que entrar com um mandato de segurança contra discriminação. Porque falsidade ideológica é eu me vestir de uma coisa que eu não sou. Aí, ela disse: “Pode escolher a foto que você quiser”<sup>149</sup>.*

Em concordância com as normas, Janaína disse que, quando atuava como “advogado”, “*ia pro trabalho vestido de homem*”, enquanto que no trabalho na militância ia “*como mulher*”, como se nesse espaço houvesse maior permissividade para se comportar de uma maneira tida como inadequada ao seu sexo atribuído, quase referenciando um lugar que deveria ser respeitado, o âmbito jurídico. Em uma matéria de 1997 do Jornal do Comércio de Recife, Janaína disse: “*Mas existem regras que respeito. Para ir ao Fórum, visto paletó e gravata como manda o rigor, mesmo que afeminada*”. Por essa “adequação”, ela considerava que obtinha respeito e que a família a aceitava, com certo orgulho.

Destaco aqui um descompasso entre essa fala de Janaína e o seu relato no documentário de Almeida com relação ao início das transformações. Nessa fala, ela se refere ao uso de hormônios no início da década de 1990, enquanto que no vídeo ela diz que durante a faculdade já tomava hormônios. Atribuo esse desencontro de informações concedidas pela própria Janaína em momentos diferente às tentativas dos sujeitos de conferirem linearidade entre suas atitudes do passado e os posicionamentos do presente, como uma forma de imprimir uma unidade e coerência a sua identidade.

Durante a década em que Janaína exerceu a advocacia, ela ia ao trabalho “vestido de homem”, ou seja, conciliava “exigências da profissão” com as atribuições da masculinidade hegemônica. Ela só pôde ir ao trabalho “vestida de mulher” após se

---

<sup>149</sup> “O nobre colega é dama de espadas”. Jornalista: Ethel de Paula. In: Singular: uma revista plural. No. 09. Setembro, 2002.

especializar na área de direitos humanos e se envolver em atividades da militância. Em 2002, quando aconteceu essa entrevista, ela já atuava na advocacia a partir da militância:

Quais os casos mais comuns que levam até você como advogada?

**Janaína:** *Extorsão policial, briga entre elas, com clientes. Deixo sempre no ar esse senso comum que diz que travesti é uma classe violenta: essas ações são na verdade reações a toda uma negação social que começa na família. Mas os casos são variados. O que tem é muita discriminação e violência mesmo: o homossexual é impedido de entrar num hotel, é agredido fisicamente, verbalmente. Tem muito caso de agressão contra travesti. Falta de consciência, de convivência verbal. Fortaleza é tida como a cidade onde mais são cometidos assassinatos contra homossexuais. No jornal, recentemente, teve um caso de um arcebispo de Fortaleza que deu uma declaração ligando a homossexualidade à cleptomania, aberração da natureza, coisas assim. Acionamos então o Ministério Público para que tomasse as providências. Entramos com um pedido de retratação e ele voltou atrás, disse que não era bem aquilo que queria dizer... se retratou junto ao Ministério Público. Quer dizer, ainda há muito trabalho pela frente. Até quando se vai falar publicamente, fala-se errado. Por exemplo, não se usa esse termo homossexualismo e sim homossexualidade. O sufixo ismo vem do latim e significa doença e patologia. Ao usar esse termo continua-se reforçando a discriminação*<sup>150</sup>

Em 1997, Janaína declarou para um jornal que se sentia satisfeita em relação às mudanças do rumo da sua carreira, colocando a advocacia como uma estratégia de transformação social: “Hoje posso dizer que tenho satisfação profissional. E como se tivesse trabalhando com o meu povo e para o meu povo. É uma forma de tentar mudar o sistema que está imposto e que, para mim, não é o modelo ideal”.<sup>151</sup>

Para Alberto, que reflete sobre a relação entre travestilidade, formação acadêmica e advocacia na experiência de Janaína, o fato dela ter sido considerada uma pioneira na advocacia como travesti faz parte de uma estratégia que reivindica o protagonismo para o Ceará. Interessante também sua concepção quanto à travestilidade de Janaína, tida como estereotipada e “não natural”, uma vez que ela não teria sido sempre travesti, mas se descoberto travesti. Segundo Alberto, a identidade travesti só seria legítima ou autêntica se ela tivesse existido desde sempre.

**Alberto:** *Eu, quando vinha pra cá, estava pensando nisso aí. Assim, nós aqui no Ceará somos realmente vanguarda nesse campo assim de: “é o primeiro travesti advogado do Brasil” e tudo mais. Mas esse processo, quando ela tava fazendo o curso de direito na Unifor e até quando ela advogou depois, ela não era travesti. Quer dizer, ela passou esse processo de sala de aula até mesmo de advogar, como Jaime, se transformando,*

<sup>150</sup> “O nobre colega é dama de espadas”. Jornalista: Ethel de Paula. In: Singular: uma revista plural. No. 09. Setembro, 2002.

<sup>151</sup> Seminário Cearense aborda no Recife tema tabu: Advogado Travesti Faz Defesa De Homossexuais. Jornal do Comércio. Recife, 25 de out. de 1997.

*mas lentamente. Não num processo de: “eu sou um travesti”, mas se transformando [...]. Mas ela não era o travesti que ela foi ser depois.*

**Eu:** Quando vocês se conheceram, ela já era travesti?

**Alberto:** *Ela já era, já era travesti. Já conheci ela, eu não vou te dizer a palavra estereótipo, mas eu acredito que talvez, eu não quero acreditar, mas eu acredito que tinha um pouco de estereótipo na Janaína também. Ela era um pouco estereotipada. Não era um processo natural, mas sim um processo de busca de identificação. Se eu acabei de te dizer que eu descobri a minha identidade sexual, eu acredito que a **Janaína se descobriu travesti também**. Por exemplo, na questão da nossa vanguarda teve há pouco tempo aqui no Ceará um travesti aqui em Fortaleza que alçou um nível superior, acho que defendeu uma tese...*

**Eu:** Luna, considerada a primeira travesti que defendeu uma tese de doutorado?

**Alberto:** *Exatamente! Mas aí ela defendeu já como travesti. Quer dizer, ela já era aquilo ali. E a Janaína não. Eu acho que quando ela conseguiu o número da OAB ela ainda tava nesse processo de transformação. **Ela se transformou depois na primeira travesti advogada do país, eu acredito nisso**. Mas já nos últimos anos, acredito até mesmo que nos últimos anos da vida dela, ela conseguiu mesmo assinar como Janaína Dutra e até ter uma foto travestida na carteira da OAB, nos documentos, sejam eles quais forem. Ela conseguiu legitimar isso, mas foi um processo, um processo de luta, assim de luta com ela mesma, com a sociedade também, com todo mundo.*

Alguns relatos, como o texto de Faheina reproduzido aqui no capítulo 2, dizem que Janaína não comparecia aos fóruns e demais espaços jurídicos com roupas tidas como femininas. Em algum momento, contudo, isso chegou a acontecer, principalmente nos últimos anos de sua vida, quando ela tinha sua imagem muito divulgada pela mídia local. Por exemplo, há uma história que ouvi mais de uma vez durante a pesquisa de que em certa ocasião Janaína foi criticada por um juiz por ir “com roupas de mulher” para uma audiência, quando ela teria retrucado algo do tipo: “*Vossa Excelência acha que a minha feminilidade é algo que pode ser guardado na gaveta?*”. No entanto, acredito que faz parte do imaginário social pensar na figura da primeira travesti advogada no Brasil em constantes embates em instâncias jurídicas, quando, ao que tudo indica, seriam muito mais comuns as atitudes de conformação por Janaína às normas impostas nesse meio, tanto que inicialmente afastou-se da profissão.

Beliza e Conceição falam que Janaína não se identificava com a advocacia, tendo cursado Direito para atender a um desejo da mãe:

**Conceição:** *A princípio, quando ele formou-se em advocacia, ele usava paletó e gravata, como advogado mesmo. Só que eu achava que ele não tinha... não se identificava bem como advogado, n’era Belizinha?*

**Beliza:** *Ele ainda chegou a ter um escritório lá no [Edifício] Lobrás, com a mamãe pagando o aluguel.*

**Eu:** Ele trabalhou um tempo como advogado e depois?

**Conceição:** *Depois ele começou a participar das causas, viajando, depois que ele abandonou por completo a advocacia. E tinha uma coisa: as causas tudo ele ganhava, as causas. Ele fazia assim mais era desquite, sabe?*

**Eu:** Ele cursou direito por que gostava?

**Conceição:** *Ele não se identificava muito como advogado não. Ele fez por gosto da mamãe, ela que queria.*

**Beliza:** *Ele dizia: “Madinha, eu vou dizer uma coisa pra você: no dia que a minha mãe morrer, no outro dia eu deixo essa advocacia”. [Beliza perguntou:] “Por que não deixa logo?”. [Janaína teria respondido:] “Não, porque a mamãe quer. Ela gosta. Eu não quero contrariar minha mãe. Eu vou levar a frente”, (risos). Mas ele abandonou antes. Agora a preocupação da mamãe era essa: “Belizinha, pelo amor de Deus, se eu morrer, quem vai cuidar dele?”. “Mãe, pelo amor de Deus, ele tá grande mãe. E ele não mora com a Celina?” [respondeu Beliza]. [Dargenira continuou com as preocupações:] “Sim, mas mesmo assim, eu vejo que ele é muito... não dá valor a nada, não tem emprego fixo”. “Mãe, não se preocupe com isso não. Ora, isso não é nada não” [Beliza falou]. E depois ela falou assim: “Minha filha, você tinha razão. Nem foi preciso eu me preocupar com ele. Meu filho morreu antes do tempo. Ave Maria! Nunca esperei”.*

O fechamento do escritório e o ativismo, descrito como “participar das causas”, são interpretados pelas irmãs como um abandono completo da advocacia. Elas não considerariam a militância como um desdobramento da advocacia. Pelo encadeamento dos relatos, foi nesse momento, por volta de 1996, que Janaína teria ficado inadimplente quanto às contribuições devidas à OAB. Esse ano, aliás, parece ter sido significativo para ela, quando passou a intensificar seus projetos de militância e de travestilidade. Segundo informações, foi somente com um projeto elaborado com a participação de Janaína, chamado *Galpão de Direito*, que exigia a participação de advogado, que ela resolveu regularizar as anuidades. Como já falado, foi nesse retorno à OAB que Janaína tentou subverter a masculinidade legal com uma foto em que aparece com traços relacionados ao feminino. No entanto, o protocolo de vestimenta e de nomeação teve que ser seguido, indicando que sua condição de travesti não foi reconhecida pelo conselho. Nesse sentido, Janaína nunca deixou de ser oficialmente considerada “um advogado” para o órgão profissional, tendo que cumprir todas as exigências e regras relacionadas. Não podemos negar, no entanto, que Janaína aparece com uma imagem bastante ambígua na carteira da OAB emitida em 2003, mostrando certo enfrentamento às normas impostas.



Imagem: Carteira da Ordem dos Advogados do Brasil de Janaína, emitida em 12/05/2003.

A Constituição Federal de 1988 qualificou o advogado como indispensável à administração da justiça, sendo considerado pelo Código de Ética e Disciplina da OAB como “defensor do Estado Democrático de Direito, da cidadania, da moralidade pública, da Justiça e da paz social”. Para alguém ser considerado advogado é necessário tanto ser bacharel em Direito como estar regularmente inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, entidade de classe representativa dos advogados. A partir de 1994, para se inscrever na Ordem, passou a ser necessária a aprovação em exame seletivo, exigência instituída após o ingresso de Janaína na advocacia. Segundo o Estatuto da Advocacia (Lei 8.906, de 1994), o advogado deve cumprir rigorosamente os deveres contidos no Código de Ética e Disciplina. Ainda pelo mesmo Estatuto, algumas condutas são consideradas incompatíveis com o exercício da profissão, constituindo infração disciplinar. No entanto, o código não elenca quais seriam essas condutas, deixando espaço para múltiplas interpretações, que geralmente seguem preceitos morais. Entre elas, é sabido que a dicotomia de gênero e comportamentos atribuídos às mulheres e aos homens é levada à risca. Pelo Código de Ética são deveres do advogado zelar por sua reputação pessoal e profissional.

A própria Janaína disse ter sofrido processo disciplinar na OAB quanto à acusação de ter mantido conduta incompatível com a advocacia. O motivo da infração teria sido o fato dela estar “vestida de mulher” em uma churrascaria. Essas indicações normativas talvez tenham causado em Janaína sérios conflitos, tornando insustentável ter uma profissão orientada por tal rigidez. Certa vez, Janaína confessou a Vera que o fato de vestir-se de terno era uma violência e um fardo que ela não sustentava mais, sentindo a necessidade de deixar a profissão e fazer o que desejava. Janaína teria narrado ainda discussões no Fórum sobre sua maneira de se vestir e de se comportar, especialmente quando não se apresentava de terno. Teria sido nessa ocasião que ela teria decidido nunca mais usar gravata.

O descompasso entre aquilo que Janaína ansiava e as imposições da profissão jurídica aparece nos relatos das irmãs como uma não identificação, enquanto que para alguns amigos é interpretado como um grande fardo. Janaína se manifestava a respeito disso, demonstrando progressiva insatisfação com as normas da profissão. Vera relata que, no momento que ouviu as reclamações de Janaína, o trabalho no escritório não ia bem, fato que teria contribuído para a sua insatisfação. Tempos depois do episódio da reclamação, Janaína teria aparecido usando um “vestido de mulher, mais feminino”.

Para Vera, essa atitude era totalmente desnecessária. Segundo ela diz, não precisava “ficar mulher”, embora Janaína desejasse:

**Vera:** *Ele não manteve o escritório de advocacia por muito tempo porque ele dizia que não tinha causa suficiente pra se sustentar. Era alugada [a sala] aí depois ele falou pra mim que achava muito chato ele ter que se vestir de paletó. Ele disse que tinha que sair, que tinha que fazer o que ele gostava, de ser o que ele queria ser. Inclusive eu disse: “Jaime, isso é muito difícil, sabe? Aqui nessa sociedade”. Ele passou um vexame uma vez. Eu dava muito conselho pra ele, mas ele dizia que não, que ele tinha que encontrar o próprio horizonte dele e que se a família quisesse, se os amigos quisessem, que ele ia ser do jeito que ele queria ser. **Tempos depois o Jaime já apareceu aqui vestido de mulher. Né? Assim, mais feminino, mais...** [...].*

**Eu:** Com relação ao direito, ele não gostava? Ou ele não conseguia trabalhar?

**Vera:** ***Eu acho que não cabia o jeito dele, pro que ele queria ser e pra advogar, né? Uma vez ele comentou comigo que tinha discutido com uma pessoa no Fórum por causa do jeito dele. Foi aí que ele disse que resolveu tirar a gravata. Ele disse: “Não. Eu não vou mais usar essa gravata de jeito nenhum”.***

**Eu:** Nessa época que ele usava gravata ele já tomava hormônio? Já tinha seios?

**Vera:** *O Jaime sempre teve um seiãozinho. É porque ele era gordinho. Mesmo quando ele emagreceu, ele ainda ficou assim com aquele seio. Mas aí ele ficou mais... a última vez eu encontrei com ele que eu fui lá, ele disse: “Não, eu não vou mais ficar [na advocacia]”. Eu disse: “Mas Jaime, como é que tu vai fazer pra sobreviver?”. E ele disse: “Não, mas eu não quero isso pra mim”. Parece que ele tinha, esse cara que era sócio dele, era quem tava assim a frente. Ele tava pegando as causas, eu não sei não, uma coisas assim, parece que teve uma discussão.*

Esse distanciamento crescente que Janaína foi estabelecendo da advocacia e a não identificação com a área podem também explicar as interpretações que as pessoas tinham de Janaína como “um advogado não promissor”, quando ela não se envolvia tanto, não se dedicava, possivelmente porque “o seu jeito não cabia”, para usar a expressão de Vera.

A formação jurídica, no entanto, rendeu grandes frutos a Janaína. Foi ela que proporcionou a formação de um arcabouço teórico e prático na orientação do seu discurso ativista para a questão de direitos da população LGBT, especialmente travestis. Janaína se formou depois de findada a Ditadura Militar, mas o Direito ainda era regido pela Constituição de 1967, substancialmente reformada pela Emenda Constitucional número 1, de 1969. Essa Constituição teve vigência até 1988, quando uma nova foi promulgada. A partir desse momento, houve um redimensionamento dos Direitos Sociais e o movimento de aids e LGBT exerceu um grande papel nesse contexto. Janaína participou, de alguma forma, dessas transformações jurídicas e sociais. A própria concepção de cidadania, tão central no discurso de Janaína, está relacionada às ideias de direitos fundamentais e de proteção do Estado.

Com essa formação, Janaína também obteve destaque no movimento, se constituindo como uma referência, uma forte liderança e até como um ícone, como já exposto. Isso se deveu a outros fatores também, mas é inegável que seus conhecimentos jurídicos e o status da advocacia em nossa sociedade contribuíram para essa construção. Janaína era solicitada, admirada, principalmente pelo papel que desempenhava de orientar e informar sobre questões de direitos.

## **A lagarta que virou borboleta**

*“Eu acho que essas mudanças devem vir gradativamente e harmoniosamente pra que você possa vestir o corpo, a cabeça e o espírito para que possa reluzir uma mulher” (Janaína Dutra em depoimento para VALE, 2005, p. 250).*

O processo de travestilidade de Janaína foi lento e gradual, caminhou paralelo ao exercício da advocacia, se intensificando na medida em que ela se afastava das formalidades dessa profissão e se envolvia completamente no ativismo. Falando sobre esse processo, Janaína dizia que desde criança teria sido “afeminada”, mas que só “virou travesti” depois da faculdade, quando já advogava, por volta dos trinta anos de idade. Ela considerava que na advocacia tinha construído um “personagem masculino”, apesar de ostentar uma “aparência feminina ou homossexual” e que no início do ativismo, atuava como um advogado mariquinha: *“Eu queria ser travesti, mas tava ainda no processo de transformação. A lagarta ainda não tinha virado a borboleta, né?”* (ALMEIDA, 2011).

Janaína entendia que o momento quando decidiu iniciar o processo de “metamorfose”, ou seja, se transformar em uma travesti, foi decisivo em sua vida. Ela nomeava essa decisão por “chute no pau da barraca”, quando passou por cima dos julgamentos alheios e da rigidez das normas de gênero, assumindo as consequências, tendo enfrentado discriminações no meio profissional, na família e na sociedade de forma geral. Na declaração que deu a Cavalcante e Lopes (2008), ela falou que suas transformações relacionadas à “vivência da sua identidade feminina” – relatada como um “vestir-se como mulher” para “sentir-se uma travesti” – foram impulsionadas pela intenção de agradar um namorado. No entanto, quando o namoro acabou, ela teria percebido que se sentia totalmente realizada como travesti e que por mais que o namorado tivesse influenciado no seu processo de travestilidade, aquela sensação de realização se sobressaía ao relacionamento que estabelecera. A influência desse



namorado em sua travestilidade foi apontada por ela em outras entrevistas e por outras pessoas durante a pesquisa.

Como mencionado no capítulo 3, Onaldo relatou que Carlos influenciou tanto o início do ativismo de Janaína como seu processo de travestilidade. Com Carlos, Janaína teria desenvolvido também uma forte relação espiritual: “*Essa pessoa [Carlos] mudou a sua vida [de Janaína] e o transformou na Janaína*”. Conforme essa fonte, Carlos teria sido a primeira pessoa a usar flexões de gênero feminino para se referir a Janaína que, na época do namoro, ainda se identificava e era identificada como Jaime:

**Onaldo:** *O Jaime antes da transformação era bem másculo, voz forte, grossa e rascante, que ele nunca perdeu. Ele queria ser másculo e não "gostava" de bicha afeminada. Num ponto, ele começou a tomar hormônios e passou por um período bem estranho, quando aspectos femininos se misturavam com seu jeito masculino numa descombinação engraçada. Ele fez isto com a ajuda de uma cafetina da Rua Duque de Caxias, (centro de Fortaleza, frequentado por gays. Lá existiam o Bar Duques e Barões, onde a Vanusa fazia ponto, a boate Casablanca, o Bar Netinho, etc) chamada Vanusa. Sem orientação médica, o que acho que afetou a sua saúde depois, isto e o tanto que ele fumava. Ele tinha os dentes marrons de tanta nicotina. Quando voltei para Goiás o Jaime ainda não mudara o nome e nem se vestia de mulher ainda, isto em 1989. Quando visitei Fortaleza em 1994, indo para Salvador casar o Mott, o Jaime, já Janaína, e o Carlos foram nos receber na rodoviária e ele já usava roupas femininas.*

Esses elementos trazidos por Onaldo apontam uma multiplicidade ainda maior do sujeito em foco, pois, contrariando as próprias narrativas de Janaína de que sempre teria sido “afeminada”, ele diz que Janaína era “bem másculo” e que “não gostava de bicha afeminada”. Os depoimentos de Onaldo, aliás, sinalizam para outros aspectos da experiência de Janaína que não são apontados nem por Janaína, nem por ativistas e muito menos por familiares, como a afirmação de que ela não aceitaria sua homossexualidade quando advogado recém-formado e o sentimento de superioridade e arrogância. Nesse relato, Janaína teria iniciado o tratamento hormonal ainda na década de 1980, quando não se vestia de forma identificada como feminina e nem teria adotado um nome feminino. Onaldo opera em sua fala com marcações de gênero dualista, separando Jaime de Janaína em correspondência a momentos que identificava predominantemente como masculinos ou femininos na experiência dela. Esse foi um traço comum entre os colaboradores da pesquisa, o que não tem, necessariamente, relação apenas com a adoção do nome “Janaína” em momento posterior:

**Onaldo:** *Agora sobre a Janaína, houve um momento de sua transformação que a levou a uma ruptura com tudo o que tinha de masculino, foi quando ela se assumiu "mulher", como ela dizia. Apesar de geralmente não dizer que era transexual, mas travesti, com quem ela se identificava e trabalhava. O interessante é que, quando ela chegou à plenitude do que o Carlos pedia, o relacionamento deles esfriou e virou uma amizade*

*cada vez mais distante. A Janaína ressentiu isto demais e reclamava abertamente e, às vezes brigava com o Carlos, por causa do que ela chamava de falta de consideração.*

Nesse ponto, Onaldo vai ao encontro das afirmações de Janaína de que teria se afastado de referências da masculinidade e gradativamente “se assumido como mulher”, se “identificando como travesti”. Essas transformações teriam acontecido, em parte, para corresponder ao que Carlos desejava, observou ele. Percebo, então, a importância que os sujeitos atribuem aos relacionamentos amorosos, conferindo decisões pessoais ao desejo do outro. Em pesquisas anteriores (SAMPAIO, 2006; 2009) muitas travestis relataram sentir grande satisfação por suas transformações devido ao olhar masculino, como se o reconhecimento da feminilidade fosse coroada pela aprovação dos homens, sejam eles *maridos* ou desconhecidos.

Em entrevista a Vale (2005), Janaína falou sobre esse relacionamento e como ele a fez mudar a sua maneira de viver, sua aparência e sua espiritualidade. Com o tempo, já na década de 1990, ela teria se sentido preparada para mostrar ao público suas transformações e tornar evidente sua identificação com a travestilidade. A participação em concursos de *Miss Gay* era uma das formas que encontrava para fazer essa publicização. Em muitos relatos, Janaína falou que a ingestão de hormônios teria despertado a identificação com a feminilidade, afirmação comum entre travestis, que atribuem ao tratamento hormonal uma potência feminina que ativaria características atribuídas às mulheres (BENEDETTI, 2005). Sobre isso Janaína disse que passou a valorizar os “sentimentos” e a “afetividade” ao invés do ato sexual, marcando os primeiros elementos como femininos e o sexual como masculino, se encaixando em referências dualistas e fixas da normatividade do gênero.

As técnicas de transformação fazem parte de um aprendizado construído e transmitido entre as travestis, que passam informações referentes ao *montar-se* por meio de redes de relações que estabelecem (SAMPAIO, 2009). Com Janaína também teria acontecido dessa maneira, utilizaria de informações transmitidas por suas amigas travestis para a sua transformação, como me informou um colaborador. Segundo ele, Janaína não tentava tornar-se uma travesti quando iniciou as técnicas de transformação, mas queria tornar-se uma mulher, como também me informou sua amiga Vera. Parece que seu desejo de “tornar-se mulher” estava mais relacionado à construção de uma personagem que publicamente iria se apresentar como mulher, negando a identificação com a travestilidade ou transexualidade, construindo uma feminilidade

sem encaixes em categorias e deslocada da genitália. A identificação total com a travestilidade viria depois, quando passou a afirmar, inclusive, que “tinha a alma de travesti”.

Desta feita, Janaína sinalizava para uma concepção de travestilidade como construção e não como algo inato, uma essência que sempre esteve ali presente no seu íntimo. Com o efeito quase mágico que atribuiu aos hormônios, que teriam provocado uma identificação com a feminilidade, ela teria começado a *se montar*, ou seja, a efetuar transformações corporais, gestuais e comportamentais, manipulando-as dependendo do lugar onde estava. O ano de 1996, como mencionei, foi um marco no rompimento com as normas da masculinidade, da advocacia e no direcionamento do seu trabalho para o ativismo junto às travestis. Esse ano apareceu em vários relatos de colaboradores e da própria Janaína. Segundo um colaborador, essa data estava relacionada ao diagnóstico do seu estado sorológico, quando ela teria reafirmado e intensificado sua travestilidade, refletido mais profundamente sobre as normas e imposições diante de uma possível ameaça de vida, se constituindo, também, como um grande incentivo na militância. Esse processo, no entanto, não se deu sem conflitos. Muitos amigos e familiares reprovaram sua transformação e ela passou a ser alvo de represálias no seu ambiente profissional, na sua cidade de origem, no seio familiar.

O processo de transformações empreendido por Janaína foi gradativo, passando pelo alongamento capilar, pela mudança de vestuário, gestual, pela adoção de nome feminino, pela aplicação de silicone líquido, etc., demonstrando que essas mudanças podem caminhar em qualquer sentido, dependendo dos valores e significados locais, da condição financeira, do tempo disponível, da disposição e da necessidade de cada uma. Benedetti (1998), por exemplo, percebeu que entre as travestis de Porto Alegre os momentos de transformação eram divididos em quatro fases:

(...) o primeiro é o trato com os pelos; o segundo a produção de seios, quadris e de uma silhueta corporal associada à mulher; o terceiro o domínio de um “código de beleza”, isto é, o uso correto e eficiente de roupas, sapatos, penteados, maquiagem, acessórios, etc.; e por fim, o investimento e treinamento do gestual e comportamento feminino, que compreende desde a forma de andar e a inflexão do olhar até mesmo uma forma de pensar específica (BENEDETTI, 2005, p. 56).

Apesar de não existir uma sequência unificada, as mudanças constituem-se como atos aprendidos e reproduzidos. A escolha definitiva pelo nome “Janaína” aconteceu por volta de 1994, por exemplo. Antes disso, ela tinha adotado o nome Stela Mares e Stela Rinkel:

Do grupo do “S”. Todas elas tinham o nome começado por “S”. Tinha a Sibilina Tompson, Suely Paco Rabane, Sonica Malboro, a Surama Kinseger, todas começado por “S” e eu tinha o nome Stela Mares. Eu achava muito centro educacional. Aí

descobri o nome de Bertram Rinkel, cineasta alemão que era muito assimilado ao Nelson Rodrigues e [que] questionava os valores como a fidelidade, a família, tinha uma coisa muito irreverente nessa questão e ficou uma junção legal Stela Rinkel. Foi meu primeiro nome, quando fiz Miss Rio Grande do Sul em um concurso, representando a descendência alemã [risos]. Montei a personagem muito em cima disso. Parecia a Morticia Adms [...] O modelito escolhido como vestido de noite foi o que mais causou impacto, era um vestido de veludo todo colado no corpo... Nessa época eu estava bem hormonizada, toda feminina, roliça (Janaína em depoimento para VALE, 2005, p 345).

Continuando seu relato, ela diz ao antropólogo como surgiu o nome Janaína Dutra. Na sequência, ela reafirma a importância que seu ex-namorado, também chamado pela categoria êmica *marido* (como bem mostra a nomeação do relacionamento por *casamento*), teve no processo de construção de sua experiência ligada à feminilidade:

*A Janaína nasceu no ano subseqüente [em 1994], no ano de transição, quando depois eu desfilei representando a Bahia. Na primeira vez eu estava casada, no segundo eu estava descasada, um ano depois. Eu estava vivendo, estava assim me descobrindo enquanto fêmea porque a mulher já tinha a florado, totalmente hormonizada, né? Já separada da minha relação [amorosa], que mudou minha forma de viver, minha postura, meu visual, meu espiritual, mudou meu tudo. Eu tinha me aberto ao público para mostrar isso. A Janaína tem uma história. Eu estava em uma praia na Barra do Ceará tomando banho, já hormonizada, quando uma mulher me pediu para acender um cigarro. Ela me olhava assim meio a distância, um olho verde, com a cabeça raspada, meio doída, lunática. Ora, na época não se usava cabeça raspada nem em homem que dirá em mulher. eu acendi o cigarro dela e ela perguntou meu nome. Respondi Jaime e ela disse que era Janaína. Ela disse com uma ênfase tão grande no olhar e achei tão bonito que juntei o sobrenome da minha mãe e fiquei Janaína Dutra.*

A adoção de um nome feminino é considerada por muitas travestis como um “nascimento”, significando o abandono de uma identidade masculina e possibilitando uma nova vivência relacionada à feminilidade coroada pelo *batismo*. Para Silva (1993), os nomes usados pelas travestis, por mais que sejam parecidos, como mostra Janaína sobre o “grupo do ‘s’”, jamais podem se confundir, pois eles carregam uma carga de suas personalidades, ou seja, o *nome adotivo* confere os limites de uma subjetividade própria. Esse autor percebeu que nomes iguais “confundem as identidades” e que, para evitar isso, mesmo copiando o nome de alguém, modificam algum detalhe, uma vogal, um sobrenome, a forma com que as letras são (re)organizadas.

Como mencionado, um elemento que se sobressai no processo de travestilidade de Janaína é a participação em concursos de *Miss Gay*. Marcia Ochoa (2012) faz apontamentos sobre o desejo do *glamour* pela via do consumo, da moda e da corporificação de um ideal de beleza e sucesso ao falar das “vidas queer” de transformistas venezuelanas. O *glamour* é proposto pela autora como ferramenta teórica

para pensar a “tecnologia de intimidade” e, junto com a beleza e a feminilidade, compõem tecnologias de práticas que resultam em poder íntimo e sobrevivência em ambientes hostis. Nessa concepção, o *glamour* pode funcionar para criar espaços fora do discurso hegemônico ao mesmo tempo em que se torna vulnerável a poderes normativos, já que ele “não é redentor, e não irá salvar você, e é nesse ponto que se torna difícil explicar o *glamour* como política” (OCHOA, 2012, p. 71). No caso dos desfiles de Janaína, os grandes investimentos que fazia para as noites de apresentação em uma “forma especial de corporalidade hiperfeminina”, como diz Ochoa, implica em reconhecimento do seu projeto, uma forma de poder que fornece elegibilidade e autoafirmação. Sobre o desfile no ano de 1994 Janaína disse para Vale:

Representei a Bahia como Miss Bahia já como Janaína Dutra e arrastei o melhor traje típico, o melhor vestido de noite e a faixa que eu já sabia que ia ganhar no dia, que era Miss Simpatia Brasil. Isso foi entre 92 e 94. Depois eu desfilei representando o Tocantins, depois Miss Rio Grande do Norte. Na época era páreo duro, porque tinha umas bichas muito bonitas que estavam aparecendo. Tinha a Amanda Marques, que até hoje é uma deusa. A Amanda colecionava títulos e mais títulos de beleza, foi Miss Ceará, foi Miss Brasil, foi Miss Transex em Zuric, na Suíça... Nos concursos, nas vezes que eu perdi, perdi para a Amanda, para a Caetana, que era muito bonita, a Luana, a Josy... (Janaína em depoimento para Vale, 2005, p. 242).

A partir das fotos (imagens das participações de Janaína em concursos de *Miss Gay*, ver ANEXO 13) e dos relatos transparece que esse foi um período da vida de Janaína em que se sentia realizada com as conquistas corporais, quando aparenta uma plenitude em concordância com aquilo que ela buscava para si. Nesse momento, ela estava atravessando um processo de se afastar de tudo aquilo que entendia como opressor, o meio jurídico, a masculinidade, a concepção de uma religiosidade fechada. Além do mais, ela estava apaixonada e vivia esse relacionamento com intensidade, no qual seria estimulada na busca pela elevação espiritual, pela imagem desejada a partir do sentimento de pertencer ao feminino. Ela queria mostrar ao mundo sua experiência, ser admirada e reconhecida. A participação nos desfiles de *miss* exerceu um importante papel nesse processo. Sobre eles, Janaína explica que nos anos 1970 e 1980 transformistas participavam mais do que travestis, que começaram a participar maciçamente nos anos 1990, período em que ela começa a participar também como uma forma de colocar a prova, para si e para os outros, a sua travestilidade.

Na época anterior, nos anos 70 e 80, elas eram totalmente transformadas. Na minha época, já é a época do hormônio, do silicone, elas já travestidas na versão permanente feminina, poucas eram travestis [...]. Na minha época, as transgêneros, como se diz agora, já apareciam com os corpos alterados pelo hormônio e o silicone. Antes dos anos 80, os espetáculos de desfiles de Misses eram mais de

transformistas, estava mais para aquela história de um personagem construído com peitos de preenchimento e perucas. Hoje em dia, todas elas tem cabelo natural ou então usam o mega-hair. Antes, as mulheres eram inventadas, hoje em dia elas são muito mais usuais, são mais feitas, são mais permanentes, mas é aí que tá a história da conquista do espaço, dos valores. A emancipação feminina ajudou muito (Janaína em depoimento para Vale, 2005, p. 243).

Um grande amigo de Janaína, Álvaro, também considerado seu *personal design*, aquele que a ajudava nos “cuidados de si”, que arrumava seu cabelo, montava seus figurinos para os desfiles, relembra os concursos e o processo de transformação de Janaína:

**Álvaro:** *Ela participou de alguns concursos de miss, foi interessante, teve um desses concursos que ela representou o Rio Grande do Sul com seu traje típico, em um clube na orla da Praia de Iracema. Interessantíssimo! Esse dia foi muito louco, era uma festa programada por uma galera com grana e aí ninguém chegava na festa, chovia muito, tinha gaiolas, go go boys, trapézio, aquela coisa. E aí Jana se arrumando e tudo mais. Aí, eu disse: “Posso tentar, eu tenho um jeito de fazer a chuva parar”. Ninguém acreditou. Usando sabão e farinha. Eu sei como fazer isso usando o catolicismo, Santa Clara, eu tenho uma magia. Depois de fazer essa oferenda, a chuva parou, essa festa bombou, fechou, foi lindo, foi divino, maravilhoso. Eu era quem tanto era o personal design, que não precisava, ela tinha muito bom gosto e ela própria fazia e escolhia e comprava, mas eu geralmente tava junto. Gostávamos de salto. Ela pisava muito legal e se montava, como dizia. Eu era quem fazia o cabelo. Janaina era meio calva, eu sou cabeleireiro. O que eu não sou? Eu fazia o alongamento, sou especialista em alongamento capilar. Eu fazia o cabelo de Jana, sempre mudava, botava mechas. Se caiu, juntava as mechas todas, fazia, trançava, colava com silicone. A gente brincava disso. Quando Celina ia pra Canindé com os meninos, a gente ficava, eu, Jana e o César e comprávamos bebidas, nos montávamos, brincávamos, fazíamos família dentro de casa. Depois saía pra brincar na rua. Uma vez Celina chegou e Janaina tava montada. Foi ótimo porque Celina querendo abrir a porta e a gente fechando a porta por dentro. Estávamos usando a roupa dela. Foi um barraco! Brigava pra caramba, mas depois a gente se divertia pacas. A transformação eu acompanhei tudo, desde o primeiro pupilar, a terapia hormonal que hoje o SUS oferece, mas na época a gente ia nos amigos da farmacologia que trabalhavam nas farmácias, aplicar injeção. Ela, porque eu não queria mudar nada. Janaina começa a se transformar já advogada. O processo de hormonização, quando começou [Janaína dizia]: “Eu me identifico assim. Eu não me identifico como uma trans ou uma mulher, eu sou travesti. Eu não consigo me ver separada do meu membro, não é interessante pra mim. Eu não quero cortar nada. Eu quero ser aquele ser que passa na rua e não é identificado, um homem, uma mulher, um papagaio, qualquer coisa”. Ela muito assim, muito, muito massa. Ela não comentou, ela já decidiu e disse assim: “Ah mona, eu quero ser assim”. Conversou com a mãe, contou da sua sexualidade e era uma pessoa muito aberta. Ela chegava e contava primeiro, em tudo: “Mona, o negócio é o seguinte...” E descascava. Fazíamos uma certa terapia, trocávamos essas informações, era muito, muito bom. Janaína Dutra. Eu morava lá, você não me encontrava na minha casa, acho que eu dormia uma vez em casa por semana. Ela era adorada pelo meu povo, a minha avó adorava ela. Quando meu pai soube que eu andava com viado disse que não queria, mas depois a Janaína passou a ser um ídolo pra ele, para todos lá em casa, fina e querida. E tudo bem. Eles também sabiam da condição do seu filho. Os pais acham que é uma influência dos outros, nessa tentativa de proteção. Na minha casa não era tão limpo e papo reto como era pra Janaína e sua família, era mais difícil. Aí eu me grudei mais com Janaína, passamos a ser mais irmãos. Eu me considero da família. Se existem coisas de amor, tem coisas de amor que não são da carne, são esses de proximidade e*

*de construção coletiva e que nos faz crescer e ser feliz. E era uma pessoa simples de um caráter fantástico, era uma pessoa muito assim nas suas decisões. Era muito difícil fazer Janaína... ela ponderava, ela pensava muito pra poder retroceder em relação a alguma coisa que ela queria, pensava.*

Segundo relata Álvaro, Janaína “tinha bom gosto, pisava [de salto] e se montava legal”, ou seja, ela tinha habilidades com elementos tidos como femininos, adereços e expressões corporais. Os processos de transformações corporais de Janaína são lembrados de várias maneiras, ora como uma “decorrência natural” de mudanças percebidas há tempos, ora como uma grande surpresa e até mesmo como algo desnecessário. Opiniões deste último tipo partem mais de familiares, amigos de infância e conterrâneos. Pessoas vinculadas ao movimento LGBT e de Fortaleza geralmente falam desses processos com mais reconhecimento da travestilidade, procurando conferir legitimidade às transformações de Janaína.

A travestilidade é retratada como fonte de realização para Janaína, mas também como causadora de sofrimento. A aplicação de silicone líquido, por exemplo, teria sido dolorosa e traumática em decorrência de uma séria infecção. Celina acompanhou os momentos de pós-aplicação feita por uma *bombadeira*:

**Celina:** *Eu creio que ele já tinha terminado a faculdade quando começou as transformações. Se não, já tava bem próximo de terminar a faculdade. Porque ele usava calça comprida e aí quando ele ia pra audiência, ele prendia o cabelo, que sempre foi grande. Aí, ele prendia, às vezes ele botava dentro do paletó. Porque ele dizia assim: “Acho que não combina muito com a roupa. Eu de terno, né? Como é que tu pode?”. Aí, ele fazia assim. Mas não sofreu também preconceito por parte dos juízes, creio que não, nas audiências, ele nunca comentou comigo. Ele sofreu preconceito uma vez, ele foi detido. A delegada foi muito grosseira com ela e ele também. O Jaiminho não era de levar desaforo pra casa. Ele era muito educado, mas também quando a pessoa... Ele sabia se impor, ele sabia conversar. A transformação dele foi muito difícil, Juciana, porque foi dolorosa demais! Eu não percebi muito não, sabe? Assim, no mesmo dia, eu percebi... Ele não falava pra mim que ia botar silicone, não disse nada! A respeito disso ele não conversava comigo, de jeito nenhum. Quando foi... Eu notei ele, assim, um pouco diferente e ele tava com febre. Eu disse: “Jaiminho, o que é que tu tem?”. Ele disse: “Nada!”. Aí, quando eu entrei lá no quarto eu notei que ele tinha colocado silicone nos seios e no quadril. Aí, eu disse assim: “Mas você não tá bem não. Você tá com febre! E olha como é que tá...”. Essa parte aqui dele [apontando para o quadril] tão inchada, vermelha. Eu fiquei muito preocupada e disse: “Pois vamos lá pro hospital. A gente vai pro hospital”. Ele disse: “Vou não, vou não porque eles vão me drenar e eu vou ficar com o corpo mutilado. Não vou”. Eu fiquei preocupada: “Meu Deus, o quê é que eu vou fazer?”. Eu fiquei muito preocupada. Aí, tinha uma enfermeira aqui, que era amiga dele também, ela veio, deu uma injeção de... como era o nome da injeção? Pra aliviar as dores. Analgésicos, mas também ele tinha outro componente que destrói os glóbulos brancos. Aí, eu disse assim: “Jaime, tu não pode tá tomando isso não. Esses remédios assim tem que dá pelo menos um espaço de um mês”. A minha preocupação maior era essa porque ele tava tomando uma medicação com uma pessoa que tava se formando, mas não era médica, era enfermeira. Aí, eu fiquei preocupada. Era época do carnaval, eu não fui pro carnaval, fiquei com ele. Muito*

*preocupada mesmo! E era febre. E eu botava uma fralda da minha filha, passava ferro, colocava compressa pra aliviar. Aliviava as dores, né? Aí, foi quando um amigo dele chegou e disse: “Olha Jaime, tu sabe quem tá aqui?” Tinha chegado da, se eu não me engano é na Holanda que ela mora... é Suíça. A Simone mora na Suíça. E ela tava passando o carnaval aqui em Fortaleza. E ela sempre aplicou silicone. Trabalhava numa clínica de estética lá na Suíça. Aí, o Jaiminho ligou pra ela, que é travesti. Aí, a travesti, a Simone, veio e eu fiquei muito aliviada, porque quando ela veio, ela disse: “Jaime, pelo amor de Deus! Como é que tu tá desse jeito? Vou já cuidar de você!” Aí, eu fiquei no quarto com ele e ajeitando tudinho lá. Porque ele ia fazer pulsões, ia retirar o líquido, a Simone. Agora, eu confiei, porque, como eu ouvi o depoimento dela, que ela trabalhava numa clínica, que ela tinha experiência. E ela disse o procedimento que ia fazer, eu me tranquilizei. Aí, eu disse: “Tudo bem!”. Aí, eu fiquei lá no quarto com ele. Mas as dores eram tão grandes! Porque retirava assim o líquido e o líquido parecia um, um... Minha filhinha, infeccionou. Eu acho que fazia assim... não fazia nem dez dias, se fizesse, era uns dez dias, mais ou menos. Tava infeccionado, infeccionado. E eu muito preocupada porque ele não queria ir pro hospital, né? E o jeito era fazer o procedimento com a Simone. Mas ele tava tranquilo com ela porque ele confiava também e eu também, passou essa tranquilidade pra mim. Aí, quando eu fiquei lá com ele, ele me pediu pra eu não ficar lá no quarto. Ele disse assim: “Lina, eu prefiro que você saia, porque eu olhando pra você eu fico mais fragilizado”. Aí, eu saí do quarto. Porque eu acho que eu, a vontade de chorar, sensibilizada com pena dele, ia deixá-lo mais... né? Realmente ele tinha razão. Aí, eu saí do quarto e ficava aqui [na sala]. Só o que ela [Simone] me pedia álcool, água morna, pano de chão. Tudo eu... Quando ela me chamou, a Simone, eu fui até lá. O Jaiminho me chamou primeiro: “Lina, vem cá!”. Minha filha, tava uma poça de um líquido, parecia um suco de goiaba, era o sangue, o silicone, tudo junto. Ela conseguiu retirar. Cada vez que fazia assim, jorrava. Mas parecia uma torneira, minha filha, uma torneira. E aquilo dava um alívio tão grande pra ele, parava de doer e a febre até baixava, ia passando. E ele [Simone] disse: “Pronto, hoje eu não posso fazer mais nada”, Simone dizia: “Amanhã eu venho”. E foram assim bem uns três, quatro dias, até retirar tudo. Engraçado, aqui no seio, não. Eu penso que já foi no outro dia que ele [Janaína] tinha feito [a aplicação do silicone], mas eu só percebi naquele dia. Agora a [aplicação] daqui do quadril, na altura dos quadris, infeccionou. E depois a gente soube que a pessoa que tinha feito não tinha prática, foram produtos de má qualidade. É tanto que ele [Janaína] elaborou depois uma cartilha sobre isso aí. Ele se preocupava muito com isso aí. Essa pessoa [bombadeira] era daqui mesmo de Fortaleza, um silicone de má qualidade. Depois ele soube. Mas ele teve tanta consciência que ele disse assim: “Fui eu a... o responsável! Porque que eu não fui procurar saber?”. É tanto que ele nem procurou processar, não foi atrás de jeito nenhum, que ele viu que era pra ele ter investigado melhor, né?*

**Eu:** Quando isso aconteceu?

**Celina:** Isso ele já tinha concluído o curso de Direito. Já tinha mais de 30 anos, o Jaiminho tinha uns 32.

Na fala de Celina, o marco para as transformações de Janaína é a aplicação do silicone nos seios e na região do quadril, procedimento feito em segredo, revelado apenas quando os sintomas da infecção apareceram, demarcando a clandestinidade, bem como o medo de reprovação pelos demais. Tanto as aplicações do silicone como a retirada após infecção foram realizadas em condições não vinculadas ao sistema de saúde oficial, a primeira efetuada por uma *bombadeira* e a segunda por uma enfermeira,



também travesti, que já trabalhava com a aplicação de silicone líquido. Nesse sentido, Janaína fez como a maioria das travestis da sua geração.

Na fala de outras irmãs, as transformações de Janaína apareceram bem antes da aplicação de silicone. Beliza apontou que Janaína tirava a sobrancelha, ingeria hormônios e usava roupas tidas femininas:

**Beliza:** *Quando ele vinha pra Canindé, ele tinha o cabelo grande, ele tinha os seios, assim, salientes, ele vestia uma camiseta, ele vestia uma calça jeans. Ele ficava assim no jardim lá da mamãe. Aí, passavam as pessoas e ficavam olhando, se cutucando, riam. Nisso que eu achava que ele sofria muito preconceito.*

**Eu:** As mudanças no corpo foram depois?

**Beliza:** *Depois. Ele tomou hormônio. Aí, ele ficou tão doente porque houve rejeição [se referindo ao silicone]. Teve uma doutora da França que cuidou dele com tanto carinho porque ele quase morre dessa vez, infeccionou. Não sei se foi preciso tirar. Ele implantou nos seios e no bumbum. Aí, ficou bonito, muito bonito!*

**Eu:** E como vocês percebiam isso?

**Beliza:** *Quando ele veio só: “Tá tão bonitinho, não tá madinha?” [Janaína perguntou para Beliza] “Tá! Você tá lindo! Ah meu filho, ave Maria!”.*

Para Beliza e Conceição, o preconceito que Janaína sofria teria se intensificado quando as transformações se tornaram mais visíveis, vindo mais de pessoas exteriores à família. Esta, mesmo quando Janaína aparecia “vestido de mulher”, a acolheria com afetuosidade. No entanto, parece que Janaína evitava usar roupas e se comportar de maneira tida como feminina perante seus familiares e na cidade natal, ação interpretada por eles como “respeitosa” pelo “não afrontamento”. Na fala de ambas, há uma separação entre o momento em que Janaína seria masculina, especialmente quando advogava e usava terno e gravata, e o momento em que ela passou a ser mais feminina, quando começou com transformações mais evidentes.

**Conceição:** *Ele tinha muita, muita, muita coisa pra fazer, mas não perdia o contato não. Ele sempre estava por aqui [em Canindé]. Ele era muito bem acolhido. Tinha um ponto que ele ia mesmo, ele ia do jeito mesmo... vestido de mulher.*

**Eu:** E como vocês receberam a mudança do nome? Ele era conhecido como Janaina Dutra...

**Conceição:** *Janaína Dutra...*

**Beliza:** *A gente, pelo menos, só tomou conhecimento da mudança de nome quando ele já tinha morrido. Não foi, Ceicinha?*

**Conceição:** *Foi. Houve uma entrevista também na TV Diário. Ele tava vestido de saia. Quando ele ia pra televisão ele ficava bem maquiado.*

**Eu:** E o que vocês achavam?

**Conceição:** *Ele gostava. Mas pra gente ele ficava mais... era assim mais discreto. A princípio, quando ele formou-se em advocacia, ele usava paletó e gravata, como advogado mesmo. Só que eu achava que ele não tinha, não se identificava bem como advogado, n’era Belizinha?*

[A nora de Conceição presente no local da conversa vê fotos de Janaína em desfiles de Miss e fala: “Que lindas as pernas do Jaime nessa foto! Ele tinha um tchan”. Todas riem].

**Conceição:** *Agora eu nunca achei o Jaime Cesar muito bonito, não.*

**Eu:** E a senhora achava? [pergunta para Beliza].

**Beliza:** *Eu tinha um outro olhar.* [risos geral]

**Conceição:** *Charmoso, muito bom gosto! Vaidoso demais!*

As interpretações sobre a travestilidade de Janaína ganharam vários formatos, com um ponto em comum: a busca pelo “início”. Para Jayme Neto ela teria passado por um período de “camuflagem”, dos quinze aos dezesseis anos, como se escondesse o que veio a ser tornar depois. Na concepção do sobrinho, somente quando Janaína foi embora para Fortaleza é que a família começou a “descobrir”. Para Erlania, como para as demais irmãs, foi também depois da formação acadêmica e do fim da fase “advogado, terno e gravata” que Janaína começou a fazer intervenções corporais mais evidentes, abandonando o que seria uma “personagem masculina”. Assim como Conceição, Erlania só soube do nome Janaína por meios de comunicação, quando Janaína passou a aparecer na mídia. Quanto às transformações, elas são majoritariamente marcadas nos relatos das pessoas pelas roupas, silicone, hormônios e pelo cabelo comprido, atributos identificados como femininos.

**Jayme:** *Na faixa de 15 pra 16, de 14 pra 15 anos, ele tinha... ainda era aquela coisinha muito camuflada, sabe? Muito... aí, depois foi que ele começou, já tava em Fortaleza, aí, foi que a família começou a descobrir. Mas ele nunca me apresentou um namorado.*

**Eu:** Mas ele falava que era homossexual, que era viado, o termo que ele usava?

**Erlania:** *Era o termo que ele usava, homossexual. Aí, ele quis, ele queria colocar silicone, uma das vezes eu falei pra ele: “Mano, isso não é perigoso não?” Ele disse: “Não Lana, hoje tem...”. Por que ele queria seio, ele queria. Ele já tinha quase trinta anos, ele já tinha terminado a faculdade, quando ele fechou a faculdade ele usava paletó, ele ainda usava roupa masculina, aí, depois da faculdade. Aí, foi que ele começou a deixar o cabelo crescer, usava aplique, aí ele começou a transformar o corpo dele, tomava hormônios, os seios, mandou colocar [silicone] nas nádegas, aí não deu, teve um problema sério. Veio uma, uma enfermeira, não me lembro da onde. [...]. Eu vim saber da Janaína através do rádio. Ou foi da televisão, da Cultura? Ele deu uma entrevista. [...] Sim, a Janaína. Foi, ouvi que ia ter uma entrevista com a Janaína Dutra e eu fui e disse: “Engraçado, não me lembro de nenhuma prima... não é Gerusa não?” E eu estava em Fortaleza passando férias. Aí, quando eu escutei a voz do Jaime Cesar, aí eu: “O Jaime César! Celina...”. Aí, Celina: “Erlania, tu não sabia não? Ele é... o nome de guerra dele é Janaína”. Aí, eu fiquei quieta. Quando ele voltou eu disse assim: “Porque nome de guerra, Jaime?”. Aí, ele foi e disse: “Não. É o nome que eu uso. Toda travesti tem um nome feminino”. Aí, eu disse: “Ah, bom!”.*

**Jayme:** *Agora depois de velho eu descobri que chama nome social. Mas eu me lembro que antes dele ter peito ele já era andrógino, ele era esguio, nunca foi gordo, nunca foi parrudo.*

**Erlania:** *Uma coisa do Jaime César, ele era bonito viu? Tanto fazia ele tá vestido de mulher quanto tá vestido de homem, ele era bonito. Não sei se era a alma dele que era tão bonita, era mais do que linda.*

Para Angélica, quando Janaína passou a “se travestir mesmo”, houve uma “revelação”, como se Janaína expusesse subitamente algo pré-existente, íntimo e inesperado pelos demais. Antes disso, Janaína não era “muito afetado”, não “se traia”, ou seja, não deixava evidente sua discordância do padrão de masculinidade. Segundo Angélica, foi tardio e rápido o tempo entre as primeiras “revelações” e surpresas, como unhas pintadas, perucas, roupas, hormônio e silicone. À demora, Angélica aponta a ausência de meios financeiros, já que entende como contrassenso usar o dinheiro dos pais para tal fim. O tempo entre essas últimas intervenções até a morte teria sido rápido, o que foi atribuído à vontade de Deus.

**Eu:** Como a senhora encarou os processos de transformação?

**Angélica:** *Ele começou a viajar, entrou na UNIFOR e **houve mesmo uma revelação.** Porque na realidade você não percebia, o tom de voz ficou inalterado, a maneira dele se colocar. Ele era muito inteligente e a gente discutia muito espiritualidade. Eu nem sempre fui espírita, mas quando ele se dedicou a leitura de Osho e do Budismo, ao espiritualismo, ele sempre foi mais voltado pro espiritualismo, eu já era espírita e a gente conversava muito e comparava os conceitos, as definições. Mas quando você perguntou, quando a gente começou a perceber foi de uma vez. Porque quando ele entrou, **ele nunca se traiu na questão de ser muito afetado, até ele se travestir mesmo, né? Até aí. Até ele se travestir mesmo. Depois quando ele se revelou mesmo... aí, iam aparecendo as surpresas. Ele aparecia de unha pintada. Eram as primeiras coisas, mas dissimulava, sabe? Aí, depois eu comecei a ver fotos. Ele já tava na UNIFOR. Eu acho que na realidade, o assumido mesmo foi quando ele começou a viajar, dando palestra, ele já tava no GRAB, foi isso mesmo. Aí, pronto, a gente vinha aos poucos acompanhando a evolução. Acho que foi uma questão só de evolução. Aos poucos mesmo. O cabelo ele deixou crescer, depois botou um aplique, tinha umas perucas. E como ele era calvo, sempre foi calvo e ele detestava isso desde pequeno, ele trazia essa característica, sempre queria ter cabelo e muito. E a gente achava que era uma vaidade excessiva, era só o que a gente achava. Aí, depois foram as **roupas**. Interessante, dos **hormônios** para o fim eu acho que não foram nem dez anos, foi rápido. E do silicone, quando ele botou nas nádegas, ele esteve bastante doente, infeccionou, teve um problema sério. Foi pouco tempo mesmo, o tempo que Deus deu.***

**Eu:** A senhora atribui isso a que?

**Angélica:** *Acho que a condição [financeira] também, né? Ele não ia pedir à mamãe pra fazer, né? Acho que foi quando ele mesmo teve condição de arcar e assumir financeiramente, já formado e trabalhando.*

A percepção que Vera possui do processo de transformação de Janaína é bastante peculiar. A seu ver, é como se uma nova pessoa tivesse nascido, criou-se uma Janaína dentro do Jaime. Quando isso aconteceu, o Jaime se mudou para Janaína, seguindo seu próprio horizonte. Acreditando ser um processo arriscado, Vera aconselhou Janaína a não efetuar mudanças, o que teria sido em vão já que Janaína queria mesmo era “ficar mulher”, usando suas palavras. A concepção de que Jaime e Janaína eram pessoas diferentes está presente na narrativa de Vera e de outras pessoas,

principalmente quando ela afirma que “o mito Janaína” nada tinha a ver com seu amigo Jaime. Abaixo transcrevo trecho de conversa que mantive com Vera e Clara:

**Vera:** *Tempos depois o Jaime já apareceu aqui [Canindé] vestido de mulher. Né? Assim, mais feminino, mais... Uma vez eu fui lá [na casa de Janaína em Fortaleza] e ele tava muito mal, ele tomou umas injeções de silicone e ficou muito mal mesmo. Isso daqui dele inflamou [coxa], quase que ele morre. Eu dizia pra ele: “Não, Jaime, tu fica assim mesmo, mas não precisa botar essas coisas não”. Mas ele queria porque queria ficar mulher. Queria porque queria.*

**Eu:** Ele falava dessa vontade de colocar silicone?

**Vera:** *Falava, mas quando ele colocou dessa vez que aconteceu isso, ele ficou temeroso e não colocou mais. E ele foi crescendo o seio naturalmente, né? O seio dela [nesse ponto ela se referiu a Janaína no feminino] foi crescendo naturalmente, sem tomar nada. Mas como ele queria, tinha o objetivo de ter os seios maiores, né? Aí, foi na época que o cabelo dele começou a cair, ele ficou careca, usava aquelas perucas direto. Eu chamava de Jaime. Sempre chamei ele de Jaime porque conheci ele como Jaime. Agora Janaína, quando a gente tava assim entre os meninos aí, eu acabava chamando Janaína, mas eu nunca chamei ele de Janaína, nunca.*

**Eu:** Ele não se incomodava?

**Vera:** *Não. Acho que é porque a gente era daqui [de Canindé]. A nossa amizade era diferente, diferente assim, do Jaime e da Janaína que criou-se dentro dele. Eu era amiga do Jaime, do Jaime adolescente, daqui de Canindé, uma pessoa que a gente já tinha aquela amizade, afinidade, né? Aquela ligação de amizade mesmo, de eu poder contar qualquer coisa pra ele. Eu não via nele essa Janaína, esse mito que se formou, não. Eu via era o Jaime, né? O Jaimizinho daqui de Canindé mesmo. Sempre vi ele assim.*

**Eu:** Se formou um mito?

**Vera:** *Foi, né? Eu acho que foi, mas aqui não pegou. Por isso que eu via ele como Jaime mesmo. Todo mundo aqui via o Jaime.*

**Clara:** *Janaína só em Fortaleza mesmo.*

**Vera:** *É, só em Fortaleza, que ele fez esse nome lá, né? Com as ações deles. [...] O Jaime ainda não tinha nem se mudado ainda pra Janaina ainda não. Ainda era Jaime, ainda.*

**Eu:** Quando foi que ele mudou para a Janaína?

**Vera:** *Complicado é a data, né? O nome Janaína Dutra foi criação de Fortaleza. Talvez até desse grupo aí [GRAB], não sei.*

**Clara:** *Mas ele comentava que era Janaína, em [19]94. Ninguém se acostumou a chamar esse nome não. Eu pelo menos nunca me acostumei.*

**Vera:** *Não dá não. A gente já tinha se acostumado. Uma vez eu fui no Miss Gay. Foi um bafão grande demais! Foi uma festa medonha. Muito viado bonito. O desfile foi uma coisa assim chiquérrima! Ele gostava.*

**Clara:** *Ele sempre acompanhou o Miss Brasil, o Miss Universo, desde criança. Ele não perdia. Ele me dizia tudinho: “Clara, foi miss tal quem ganhou”.*

**Vera:** *Ele ficava acordado pra assistir. O peito dele, ele sempre teve, era aquele de gordinho mesmo. Mas depois ele foi criando uns peitos bonitos, foi crescendo. É difícil lembrar a data. Ele não chegou a ganhar nenhum desfile desses daí não. Como era o nome do clube? Eu vivia bêbada, não lembro de nada (risos). Toda vida que tinha desfile ele tava pelo meio. Ele era muito assim dado com essas coisas, ele arrumava, ficava ajustando, orientando, ajudando. Às vezes, eu fico me lembrando assim de mim, de fora olhando sempre o jeito dos meninos, do Jaime, do Manoelzinho, do Carlinhos, eu ficava no meu cantinho, discreta, olhando aquele mundo tão fora da real, né? Irreal, pra mim, de certa forma. Porque eu não conseguia acompanhar a mentalidade deles.*

É comum aparecer nos relatos a divisão Jaime/Janaína correspondente a Canindé/Fortaleza. Para Clara, Janaína, com seus shortinhos e camisetinhas ressaltando os peitinhos, “assumiu-se” para todos em Canindé. Já os vestidos, tidos como protótipo de roupa feminina, Janaína restringia a Fortaleza, demarcação geográfica e simbólica distante dos olhares familiares e de conhecidos. As notícias de que Janaína usava “roupas de mulher” circulavam como fofoca entre alguns conterrâneos, que questionavam “a necessidade” daquilo.

**Clara:** *Vinha sempre aqui [Canindé], já de peitinho, camisetinha, shortinho curto. Pra gente mesmo, pra cidade, ele assumiu. Ele andava normal, normalmente. Ia pros carnavais. Ele usou muito tempo o cabelo longo. Vestido ele não usava aqui. Eu só sei que ele usava porque eu vi lá na casa dele em Fortaleza, aqui não. Aqui ele usava shortinho curto, camisetinha apertada. Mas lá em Fortaleza eu cheguei a ver e também uma amiga minha viu o comentou comigo. Ela disse: “Clara, o que tu acha disso? Tu acha que o Jaime precisa usar isso? Eu encontrei o Jaime de saia, bem justinha, curtinha”. Eu disse que era a opção dele. Até porque ela era também, como é que diz? Entendida<sup>152</sup>. Ela é daqui de Canindé também. Eu disse: “Não, eu acho que ele se sente bem desse jeito, a gente não tem que tá questionando isso”. Então, assim, eu conheci o Jaime profundamente, eu via como ele era humanizado, espiritualizado. O valor dele pra mim é muito grande como pessoa. Isso daí é... se a opção dele foi essa, né?*

**Eu:** E aqui na vizinhança, como era? Ele sofria muito preconceito?

**Clara:** *Ele era respeitado. O preconceito que ele sofreu acho que foi só durante aquela fase de pré-adolescência, adolescência. A gente se chateia muito. Mas ele era muito respeitado aqui na cidade. Ele era muito, também, amoroso. Isso ajuda muito, o amor. A postura dele era de amor com as pessoas, de respeito.*

**Eu:** Quando você soube que ele usava o nome Janaína Dutra?

**Clara:** *Janaína Dutra? Eu acho que no jornal? Ou foi ele mesmo quem me disse? Deixa eu ver em que ano foi isso. Eu trabalhava na Caixa da [rua] Monsenhor Tabosa, em 94, em Fortaleza. Deixa eu ver se eu me lembro. Ele me visitava muito lá e uma época ele inventou de fazer umas caixas. Ah, agora eu vi um preconceito lá. Eu vou te contar. Ele inventou de fazer umas caixas, tipo essas caixas de presente e ele fazia bem feito, porque você sabe que **essa gente** que tem essa característica, né? Eles tem, assim, habilidade quando vão fazer uma coisa e tudo que faz é bem feito. Aí, ele chegava muito com essas caixas pra me vender, sabe? Aí, uma vez, umas duas vezes, quando ele entrou, tinha umas pessoas da Caixa que me perguntavam: “Clara, quem é esse objeto voador, desconhecido?”. Eu dizia: “Olha, você não fale assim não porque eu não gosto disso, respeite ele”. Só que eu não dizia pra ele ouvir, era depois que ele saía. “Ele é meu amigo de infância. Eu adoro esse menino. Quem conhece ele muito bem sabe o valor dele”. Objeto não identificado, era assim que ele chamava.*

**Eu:** E como era que ele [Janaína] estava?

**Clara:** *Ele estava assim, não era saia, mas era uma roupa apertada, cabelo longo, batom, chamava atenção. Ele mesmo me contou que quando ia pro fórum, ele ia de... como foi que ele falou pra mim? Eu disse: “Jaime e dá certo?” Como era, meu Deus, que ele falou o tipo de roupa que ele usava? Peraí, tinha uma coisa engraçada. Ele falou que alguém comentava porque ele usava uma coisa diferente. Porque essa parte eu não acompanhava, sei que ele fazia esse trabalho, ele ia pra Brasília. Ele era fundador responsável por um grupo.*

<sup>152</sup> Categoria usada para lésbicas.

Para Alberto, quando ele conheceu Janaína em 1996, ela já era travesti e bem resolvida com relação a isso, já usava o nome Janaína Dutra e já tinha feito várias intervenções corporais. A aplicação de silicone teria ocorrido em 1997, quando já estavam juntos. Para ele, Janaína já tinha seus planos de transformação corporal quando se conheceram, o que fazia parte do processo de travestilidade iniciado. Um dado novo que aparece na fala de Alberto é que quem aplicou silicone nos seios de Janaína foi a mesma pessoa que a ajudou na retirada do silicone que infeccionou seu quadril. As aplicações nas duas regiões, seios e quadril, teriam sido feitas por pessoas diferentes, mas no mesmo período. Quem aplicou o silicone no quadril teria sido uma famosa travesti de Fortaleza não só pela prática de *bombar*, mas porque teria se envolvido em um crime bastante repercutido. Janaína teria sido a advogada dela nesse processo, o que mostra que elas tinham uma relação próxima e até de confiança mútua.

Na fala de Alberto, o “querer ser travesti” e o “ser travesti”, muitas vezes, se confundem com a aparência corporal, como se para ser travesti fosse necessário realizar transformações corporais. Ele diz que Janaína realizou a primeira aplicação de silicone líquido em 1997, aos 37 anos de idade, quando ocorreu a infecção, mas que ela já pensava nisso há algum tempo como parte do seu processo de “chegar a se transformar num travesti”. Posteriormente ele diz que ela “era uma travesti” e que, por isso, deveria mesmo colocar silicone, também como uma atitude política, de transgressão. “*Eu conheci a Janaína em 96 já bem resolvida, não tinha mais conflito nenhum, conflito de identidade, não*”, afirma ele sobre o fato de Janaína não ter dúvidas ou dificuldades de autoaceitação. Sobre os processos de transformação de Janaína e uma possível frustração com o fracassado procedimento de aplicação do silicone, Alberto narra:

**Eu:** Ela não ficou decepcionada depois?

**Alberto:** *Ela não ficou decepcionada não. Eu a acompanhei colocando silicone nos seios e na bunda. Eu cheguei a ver ela com os seios... eu conheço detalhes disso. Foram pessoas diferentes que aplicaram nos seios e na bunda. A que colocou o silicone no seio da Janaína, quando o da bunda infeccionou foi ela quem tirou, quem cuidou da remoção desse silicone que deu errado. Parece que aplicaram silicone industrial, entende? Isso parece que algumas pessoas fazem, ao invés do medicinal, que é pra lubrificação de máquinas, essas coisas e tudo mais. Eu acredito que ela ficou frustrada sim. Mas eu acredito que, pela proximidade que eu tava dela, eu acho que, eu não tô querendo contar vantagem nem nada, muito pelo contrário, mas é que 97, nós tínhamos nos conhecido em 96, eu acho que essa questão dela tomar, já era, ela já tinha em mente, isso fazia parte do processo dela chegar a se transformar num travesti, colocar silicone no peito, na bunda. Tanto é que ela tava tomando hormônio, ela já tinha em mente isso. Independente de ter aparecido na vida dela, ela iria fazer isso. Mas eu acredito que eu ter aparecido na vida dela foi um incentivo a mais pra ela fazer isso. Porque eu era tipo: “Cara, coloca! Tem que colocar! Coloque mesmo, etc.”.*

**Eu:** Você incentivava?

**Alberto:** *Incentivava. Porque eu queria ver a pessoa bem. Eu sabia que ela queria ser uma travesti. Eu sabia que ela era uma travesti e tinha que colocar mesmo. Não era assim porque eu queria ver, porque eu queria me aproveitar, era mais um processo de solidariedade com o fato de que: “Você tem que assumir, representar, uma coisa de busca, de impor, de transgredir”. Eu sou, eu fui muito transgressor. Eu sou vanguarda. Eu fiz literatura de vanguarda.*

Como pontuou Celina, apesar dos problemas que teve com o silicone líquido, Janaína encararia essa experiência como positiva, tendo direcionado o aprendizado que obteve naquele momento para elaborar um discurso mais crítico sobre as condições em que travestis fazem uso do silicone. Dentro da politização que a experiência com o silicone trouxe, Janaína desenvolveu uma forte crítica à omissão do Estado em relação às condições que as travestis dispõem para injetar silicone, bem como ao descaso do sistema público de saúde no atendimento das suas necessidades. Nesse ponto, entretanto, é possível notar que Janaína, por mais que tivesse um discurso crítico e desafiador, baseava suas reivindicações em concepções normativas. Para ela, a construção assistida pelo saber e técnicas do sistema médico oficial deveria ser garantida pelo Estado.

Janaína também falou sobre o assunto de aplicação de silicone líquido e a prática das bombadeiras para Vale (2005). Segundo ela, a aplicação do silicone feito pelas bombadeiras é um processo muito dolorido, no entanto, elas desmistificariam essa questão na busca pela beleza, um prazer muito relacionado à estética, mas fundamentalmente ao sentir-se feminina. Abaixo uma parte do diálogo deles:

**JD:** Tu tá louca bicha, é uma violência você ser furada por uma agulha 14/12 de uso veterinário... é muito doído, tem uma pulsão de morte muito grande quando desmistifica essa coisa da dor... de uma forma muito mais audaz de que um homem, de que uma mulher.

**AV:** Há um prazer nessa dor porque esse prazer é ligado à estética, ter que ficar bonita de qualquer jeito?

**JD:** Sim, sim. É um prazer ligado a essa dor. É uma falta de consciência porque elas fazem as cirurgias marginais às vezes pelo simples fato de querer mudar, mais sem avaliar os procedimentos higiênicos e clínicos da coisa em si. E às vezes ficam um monstro todo siliconado, uma versão feminina do Fofão. Não pode fazer isso, silicone não é bom, mas se for fazer, tem que ver a qualidade do silicone, quem vai aplicar o silicone, o local que está sendo aplicado esse silicone, o repouso que se vai ter depois dessa aplicação do silicone. Nem todas as bombadeiras são práticas, nem todas são conhecedoras das reações que aquilo pode ocasionar, né? Botar, qualquer uma bota, vamos ver como vai ficar depois. Isso é muito comum [...]. Dentro de uma das atividades do projeto do GRAB que eu coordeno, tem uma parte que são palestras voltadas para hormônio e silicone. Ainda não foi feito, quer dizer, assim, eu estou até levando um material e selecionando algumas coisas, que tem umas coisas que virá assim tipo um folder, um pequeno artigo de anotações para ser discutido nessa palestra. E eu queria fazer essa discussão com as travestis levando junto uma bombadeira oficial, pra fazer tipo perguntas e respostas, tira dúvidas, mitos e verdades. Eu acho que seria legal porque isso desmistifica, assim, de quanto que paga ao quanto que sofre e as recompensas que se tem. Quer dizer, então é legal

assim que esteja a comunidade das travestis discutindo coisas com travesti e alguém que seja porque o Sistema de Saúde é muito omissivo a isso. Se eu convidasse um cirurgião plástico pra fazer isso, eles não iriam. Não teria nenhuma. Eu já convidei e ela [bombadeira] aceitou, mas eu tive que garantir a ela que ia ser bem, que não ia ter alibã [policia].

**AV:** E quais as recompensas em ‘se bombar’?”

**JD:** Eu acho que a recompensa está muito ligada ao seu íntimo. Você olhar assim no espelho e ver uma modelagem física, aí, você diria: eu queria ficar com isso assim, uma perna bem torneada, uma coxa bem torneada, um bumbum bem arrebitado, embora isso seja temporário, porque é um corpo estranho que vai dançar em teu corpo durante um bocado de tempo, não é? O silicone sobe, desce, se espalha... A recompensa imediata desse namoro com o espelho... O compensador da história, eu acho que, assim, massageia o ego, mexe no mental na questão de se sentir mais fêmea, mais mulher, né? A cultura social hoje em dia exige da travesti que ela seja silicônica. Hoje tá na moda, as mulheres estão botando air-bag. Tá na moda... então eu acho que essa história de modificar o corpo está ligada, assim, no íntimo da pessoa. É uma escolha pessoal e não porque a sociedade te pede que tu vire travesti ou por um namorado que você conheceu que lhe quer desempenhando esse personagem. O fator primordial de mudar fisicamente é o da intimidade (Janaína em depoimento para VALE, 2005, p. 251-253).

No meu trabalho dissertativo (2009), observei na fala das interlocutoras que as *bombadeiras* apareciam como pessoas sábias, operadoras de milagres, merecedoras de confiança e até envolvidas por uma espécie de aura mística. Essas pessoas possuem conhecimentos e técnicas sobre aplicação do silicone líquido industrial e prescrevem orientações para o pós-aplicação, remédios, repouso e dieta. Na fala de Janaína, percebo também uma centralidade da figura da bombadeira e do seu papel na constituição das subjetividades das travestis, principalmente daquelas que não possuem ou não desejam, seja por qual motivo for, ter acesso ao sistema de saúde oficial.

No relato acima, Janaína fala sobre os perigos do uso do silicone, das consequências do produto de uso industrial, das técnicas usadas pelas bombadeiras, opondo esse saber ao da medicina oficial, reconhecida como legítima para fazer intervenções corporais. No entanto, ao alertar para a necessidade de fazer uma boa escolha e da inevitabilidade da prática de *bombar*, Janaína se aproxima da perspectiva de Redução de Danos, estratégia de saúde pública que visa reduzir os danos à saúde em consequência de práticas de risco de grupos tidos como “vulneráveis”. Sendo assim, a abordagem da RD tenta proporcionar uma reflexão e, sobretudo, uma autorreflexão entre as pessoas desses determinados grupos. Essa foi uma estratégia direcionada inicialmente aos usuários de drogas injetáveis, procurando reduzir a disseminação de doenças como hiv/aids e hepatite. Essa política, posta em prática por organizações civis, recebe apoio do Governo através, principalmente, do Ministério da Saúde.

No caso específico das travestis, as diretrizes do movimento de travestis, imbuídas da concepção da RD, partem do pressuposto de que a aplicação do silicone



líquido, por ser uma prática corrente e até certo ponto inevitável, deve ter seus danos minimizados e, assim, serem menos prejudiciais à saúde. Visam também diminuir os riscos causados pela ingestão de hormônios femininos. Na cartilha elaborada pelo GRAB, à qual Janaína se referia no seu relato, constam algumas recomendações em relação ao uso do silicone líquido, expressando a maneira como Janaína elaborou seu discurso a esse respeito.

1. Só decida aplicar silicone em seu corpo depois de refletir bastante, depois de ter conversado com outras travestis para saber os perigos e efeitos negativos de seu uso.
2. Não aplique silicone se você é menor de idade, pois não tem maturidade física e seu corpo ainda não está formado, correndo o risco de o silicone aplicado numa parte se deslocar, ficando o corpo deformado.
3. Assista primeiro algumas aplicações de silicone antes de se decidir, avalie o tempo gasto, as dores, o tempo necessário para recuperar a vida normal, e se a satisfação pessoal e o lucro justificam todas as dores.
4. Converse antes com várias travestis que foram *bombadas* pela *bombadeira* que você escolheu para saber se o resultado foi plenamente satisfatório, se trata de profissional competente, para evitar ser vítima de um “erro médico” e correr o risco de morrer, sentir mais dor do que o necessário ou ficar deformada.
5. Só se *bombe* quando estiver em boa saúde, sem gripe, sem doenças venéreas ou alguma fraqueza. Se for soropositiva, é totalmente desaconselhável, pois é maior o risco de rejeição e de provocar alguma infecção oportunista.
6. Planeje sua “operação”: lave-se muito bem antes da hora, se alimente o suficiente para aguentar as duas, três ou até seis horas que pode durar a aplicação, mas não esteja de barriga muito cheia, pois pode vomitar. Tome bastante líquido, evite bebidas alcoólicas, pois diminuem o efeito da anestesia, garanta algum dinheiro para se sustentar durante os dias que estiver se recuperando da *bombada*. Algumas travestis disseram que é bom tomar leite durante a aplicação. Estar de “cabeça feita” pode distrair a dor, mas também você pode perder o controle do que está sendo feito em seu corpo.
7. Leve seu próprio lençol limpo para estender na cama onde vai ficar deitada. Leve roupa folgada e limpa para usar depois da aplicação. Deixe em sua casa tudo pronto para quando você voltar, para não ter que fazer esforço extra. Muitas travestis dizem que depois da *bombada* tem que fazer “resguardo” igual a mulher parida: não pode subir escada, carregar peso, tomar sol, nem comer alimentos *remosos* (carne de porco, acarajé, camarão, etc.) outras dizem que é muito importante nos dias seguintes à *bombada*, fazer massagem delicada com creme no local para facilitar a circulação e assimilação do óleo, ficar deitada com os pés mais altos que o corpo. Converse com as colegas para saber se cuidar no “pós-operatório”.
8. Se possível, leve uma amiga para lhe dá assistência durante a aplicação, no caso de precisar de alguma emergência ou você perder o sentido. Observe e peça para a amiga observar se na hora de injetar a agulha, se não pegou alguma veia e não entrou sangue dentro da seringa. Neste caso, tem que parar e aplicar agulha em outro lugar.
9. Se durante a aplicação estiver doendo muito, se tiver dificuldade de respirar, se sentir algum mal-estar, tonteira ou vontade de vomitar, mande parar imediatamente, pois há muita travesti que desmaia durante a aplicação, e outras chegaram a morrer quando estavam sendo *bombadas*.
10. Não queira exagerar na quantidade de silicone, 3 litros no máximo, dá para ficar com o corpo de miss-Brasil! É melhor aplicar de pouco em pouco, para ver os efeitos e o resultado. Algumas amigas disseram que é melhor esperar ao menos 15 ou 30 dias antes de fazer nova aplicação, pois aí, dá tempo para criar carne no local que foi *bombado*.
11. Se sentir mal durante ou depois da aplicação, procure imediatamente a emergência de um hospital, não omitindo nenhum detalhe do que aconteceu. Siga rigorosamente as prescrições médicas. As vezes médicos preconceituosos discriminam e não querem atender travestis quando têm problemas com silicone: exija ser tratada com todo o cuidado, igual a qualquer paciente, em caso de recusa ou mal atendimento, procure o GRAB e a ATRAC ou o grupo gay ou de direitos humanos de sua cidade, denuncie nos jornais.
12. Atenção: cuidado para que o esperma de algum cliente ou amante não caia em algum furo, corte ou ferida existente na pele, pois pode estar contaminada com HIV/Aids e oferece grande risco de infecção. E não se esqueça: sangue, esperma e secreção vaginal são os principais

transmissores do vírus da Aids. Não deixe esses líquidos entrarem em seu corpo. Use sempre a camisinha, seja com o cliente, seja com seu “marido” ou “vício”<sup>153</sup>. A camisinha é seu principal aliado para evitar a Aids e as doenças sexualmente transmissíveis.

Nessa cartilha, se sobressaem alguns códigos e práticas referentes ao uso do silicone próprios das travestis, bem como traços das redes de relações estabelecidas, concepções sobre saúde, doença, beleza. Através dessas recomendações, aparecem também muitos valores e costumes compartilhados por esses grupos, que atravessam as fronteiras dos estados brasileiros, já que essa cartilha foi produzida para ter uma circulação nacional.

As transformações de Janaína percorreram diversos valores referentes à *montagem* presentes entre as travestis. O uso de hormônios é um marcador no processo de travestilidade, uma vez que permite o arredondamento das formas do corpo, da cintura, do quadril e das coxas, além de diminuir a quantidade e a espessura dos pelos e, segundo compartilham, “afina a voz”. Isso sem falar nos atributos femininos da personalidade que acreditam ser ativados com o tratamento hormonal, como o sentimentalismo, a delicadeza, a irritação. Para Benedetti (2005) o uso de hormônios entre as travestis é um elemento simbólico que goza de um *status* privilegiado, “seu consumo parece ser o elemento simbólico que determina o ingresso nesta identidade social em fabricação, nesta moldura social possível”. Ao que tudo indica, Janaína tomou hormônios por anos, começando no início da década de 1990, e só depois decidiu aplicar silicone, em 1997. Seguir a sequência hormônio – silicone também parece ser comum entre muitas travestis. É como se o hormônio “preparasse” o corpo para receber o silicone, dando elasticidade à pele.

Além dessas intervenções, Janaína realizou outras transformações em um processo contínuo de construção da travestilidade no qual a modificação corporal é central: retirada de pelos (tirar a barba, fazer a sobrancelha, depilar as pernas), uso de bijuterias (brincos nas duas orelhas, anéis, pulseiras, colares), maquiagens, tinturas nos cabelos, *mega-hair*, esmaltes, somadas ao hormônio, silicone e vestimenta tida como feminina (vestidos, saias, blusas curtas e justas, salto alto). Apesar das pessoas chamarem muito a atenção para esse último, para Hélio Silva e Cristina Florentino “as roupas são apenas um signo da série significativa que constitui a mulher”.

Gesticulação, andar, sentar, deitar, pegar (técnicas corporais), riso, choro, orgasmo (expressão de sentimentos), aparência do corpo quanto a pelos, arredondamento das formas, cabelos (produção simbólica do corpo), preferências, gostos, tendências

<sup>153</sup> Categoria êmica usada para classificar aqueles homens com quem as travestis mantêm relacionamentos sexuais voluntariamente, sem cobrar, mas que não são os namorados ou “maridos”.

(conformação de uma sensibilidade compatível com seu papel de gênero), atitudes, reações, comportamentos em relação a episódios específicos (*ethos*), forma de pensar, um estilo de cognição da realidade social particularmente situada de um ponto de vista, percepção (um *eidos* feminino) (SILVA; FLORENTINO, 1996, p. 112).

De uma forma ou de outra, Janaína realizou essas transformações, compartilhou entre “iguais” seus anseios e angustias, enfrentou frustrações, foi posta a prova na conquista de uma feminilidade peculiar, viveu recusas e reconhecimentos. Para além das transformações corporais, Janaína dizia que a travestilidade era uma questão íntima que mantém relação com o “sentir-se mulher”, mas sem definições, sem contexto, sem enquadramentos. Ela falava de uma feminilidade ambígua, em constante metamorfose, de uma travestilidade que não apagasse a androginia.

### **“Sou uma pessoa dada aos homens que amo”: os amores de Janaína**

Falar que não há uma continuidade entre sexo/gênero/prática sexual/desejo (BUTLER, 2003) implica na afirmação de que o desejo e a prática sexual não decorrem naturalmente nem do gênero, nem do sexo. Segundo Butler, a construção da coerência do gênero oculta as discontinuidades presentes tanto em contextos heterossexuais quanto nos homossexuais. Nesse sentido, o objeto de desejo de travestis, assim como o de homens e mulheres, não é necessariamente uma consequência de padrões heteronormativos. Entretanto, em trabalhos anteriores (SAMPAIO, 2006; 2009) foi comum aparecer nos relatos das travestis que elas costumam se relacionar com “homens heterossexuais” ou com quem acreditam ser um “homem de verdade”. Essa ideia está assentada nos sistemas de classificação e de complementação homem / mulher, no qual as travestis ocupariam a posição feminina. Nesse sistema de entendimento de gênero, a lógica que elas constroem para se classificar e para classificar os parceiros possui grande influência do sistema de classificação do qual Fry (1982) chama de *hierárquico*, baseado nos critérios de atividade/passividade, no qual o casal é dividido entre aquele que “come” (macho) e aquele que “dá” (bicha).

Pelúcio (2005) percebeu, entre suas colaboradoras de pesquisa, que travesti não tem namorado, tem *marido* e que, ao serem informadas por valores hegemônicos, articulam referências binárias nos seus discursos explicativos sobre sexualidade, do lugar do feminino e do masculino, de interdições e permissões. Ela afirma que, geralmente, as travestis almejam uma vida marital nos moldes instituídos pelas normas

heterossexuais, como ter uma casa, um homem que reproduza valores hegemônicos de masculinidade, ativo, penetrador, provedor e forte, possuir tranquilidade financeira, trabalho formal e, se possível, filhos.

Segundo o documentário de Almeida (2011), “*Janaína amou e foi amada por muitos homens. Teve grandes paixões. Sofreu com a dor do coração e da saudade*”. No mesmo material, mereceu destaque uma frase que ela diria com frequência: “*Eu, geralmente, sou uma dama benemérita em termos da sexualidade. Fiz e faço sempre de graça. Faço doação do amor. Sou uma pessoa dada aos homens que amo. Sou oferecida. Sou facinha*”. Nessa declaração, Janaína se opõe àquela que cobra para transar, ao passo que estabeleceria relações sexuais com facilidade, colocando o amor como elemento intensificador dessas relações. Nesse ponto, durante o campo ouvi de seus familiares que Janaína tinha opiniões contrárias à prostituição, pois acreditaria que o sexo tinha que acontecer com amor, concepção que reforça ideais de amor romântico, pautados em julgamentos morais acerca do sexo pelo sexo:

**Erlania:** *Agora ele [Janaína] batalhava, ele achava que o travesti, o homossexual, o gay tinha todo o direito de ser gay por opção e não por necessidade, não vender o corpo por necessidade. Era a tese que ele brigava, contra a maioria das pessoas. Inclusive, alguma das vezes eu cheguei lá na casa da Celina tinha alguém e ele foi e disse: “Eu não admito isso”. Era até um menino chamado Rafinha e ele chamava bicha: “Bicha, que você trabalhe, que você se apaixonou, por que gosta e mesmo pela noitada, tá certo, mas você se vender por necessidade, não precisa. Arranje outro emprego, tem que batalhar. O sexo é pra viver dentro do amor, que o amor não tem sexo”. Também a minha filosofia é essa. No amor não existe isso, porque você é homem e eu sou mulher. O amor ele é independente de sexo. O sexo faz parte dessa feição que você nutre por alguém e nesse ponto a gente casava muito bem. Nunca houve esse preconceito nosso de dizer: “Ah, o Jaime me envergonha!” Não! Quando ele vinha aqui em São Paulo a gente saía de mãos dadas.*

Nesse relato, o amor surge como elemento legitimador do relacionamento e, quando presente, as questões de orientação sexual seriam irrelevantes, não importando a qual gênero os parceiros correspondessem. Outra concepção normativa repetida pelos familiares de Janaína seria o “respeito” à família, representado pelo fato dela nunca ter apresentado nenhum namorado a eles e de jamais ter demonstrado afeto (beijo na boca, andar de mãos dadas) por outro homem publicamente. Para eles, Janaína não “afrontava”, exercia uma “discrição” interpretada como sinônimo de respeitabilidade e de dignidade. Conquanto soubessem que Janaína tinha namorado, ela vivenciava sua sexualidade / afetividade apenas na intimidade, “preservando” os familiares.

Em contraponto ao romantismo relatado pela família, Alberto diz que Janaína se identificava com Rê Bordosa, personagem do cartunista Angeli, uma mulher de meia

idade, alcoólatra, ninfomaníaca e desbocada. Como ele relatou, quando eles se conheceram ela *“tava nessa questão de sexualidade, transava e tudo mais com as pessoas, ela era bem é... bem atirada”*. O relacionamento entre eles começou tempos depois do término de Janaína com Carlos. Nesse intervalo entre um relacionamento e outro, Janaína teria se permitido viver várias experiências sexuais. Tal como a maioria dos colaboradores da pesquisa construíram, esses foram os dois relacionamentos amorosos mais significativos para Janaína, como sublinhou o próprio Alberto: *“de relacionamentos assim onde a coisa entra que se pode dizer amor, eu acredito que só o Carlos e eu”*.

Ao abordar os relacionamentos de Janaína, me atenho a esses dois, primeiro porque não possuo dados sobre os demais, segundo porque ambos foram pessoas apontadas como marcantes na experiência de vida dela e determinantes no processo de travestilidade. Como já falado anteriormente, o relacionamento com Carlos teria sido fundamental para a construção da travestilidade de Janaína, que foi *ganhando corpo* à medida em que o relacionamento se desenrolava. O relacionamento com Alberto teria ocorrido quando Janaína já estava mais velha, se consolidava como ativista e se reconhecia e era reconhecida como travesti.

Com Carlos, Janaína teria se relacionado, aproximadamente, entre 1986 e 1990, enquanto que com Alberto entre 1996 e 1998. Encontrei, entretanto, cronologias muito díspares para esses namoros, podendo ter durado mais. Variantes como: encontros esporádicos, reatamento posterior, relacionamentos pautado em outros elementos como afetividade e amizade podem influenciar a demarcação desses envolvimento.

Como mencionado anteriormente, Janaína e Carlos se conheceram em atividades da Comunidade Tunker Pacifista. Segundo Onaldo, antes do encontro deles, Janaína viveria atormentada por conflitos relacionados à sua sexualidade, os quais teriam sido apaziguados após o início do namoro. Ele creditava esse apaziguamento ao papel que Carlos exerceria como “mestre espiritual” de Janaína, ao incentivo que ele dava à participação dela nas atividades da comunidade, à participação no grupo que iria se tornar o GRAB e à realização de algumas transformações corporais. Segundo a interpretação de Onaldo, esse relacionamento foi muito positivo para Janaína:

**Onaldo:** *Quando se conheceram, o Carlos estava envolvido nesta coisa de espiritualidade alternativa, apesar de fazer parte da Comunidade Pacifista Tunker, grupo que eu liderava e de ter sido peça chave, junto com o Steve Newcomer (um americano que morava conosco e trabalhava, como voluntário, na mesma favela que eu) na fundação do GRAB. O Carlos tornou-se então no "mestre" do Jaime, ajudando-o a organizar as suas conflitantes inclinações religiosas em algo mais*

*simples e, acho eu, mais saudável. Também, foi a partir daí que o **Jaime começou a "virar" Janaína para agradar ao seu adorado Carlos**. Eles se tornaram absolutamente inseparáveis. Na época, ambos trabalharam muito com colagens, o que foi uma excelente terapia para o Jaime - já em processo de "Janainamento". Ele acalmou-se, ficou mais centrado, menos egodistônico. O Carlos era estudante de francês em uma universidade. O Jaime passou a estudar francês com ele. Até 1994, quando fui a Fortaleza a caminho de Salvador, onde celebrei o casamento do Luiz Mott e do Marcelo, o Carlos e o Jaime ainda estavam juntos, apesar do Carlos ter também uma namorada, o que era aceito numa boa.*

De acordo com essa fonte, Carlos, paralelo ao envolvimento com Janaína, se relacionava com mulheres, o que Janaína aceitaria, mas não isenta de conflitos:

**Onaldo:** *O Carlos tinha uma namorada firme ao mesmo tempo que estava com a Janaína, que inclusive engravidou, mas perdeu o bebê. Ela sofreu uma intoxicação grave no local em que trabalhava, que virou um câncer, que a matou antes de 1994 (...). Essa gravidez chateou muito a Janaína. Eu nunca entendi a lógica disso, ele podia ficar com uma mulher, mas não engravidá-la... Talvez ela temesse que por isto o Carlos oficializaria a relação com a Lúcia e a deixaria de lado. Mesmo assim, quando a Lúcia perdeu o filho a Janaína foi extremamente solidária. Elas se relacionavam como duas mulheres.*

Nessa fala, Janaína está localizada no polo feminino, juntamente com a outra namorada de Carlos, localizado no polo masculino. Esse paralelo proporcionaria, inclusive, uma relação de solidariedade entre elas. O relacionamento entre Janaína e Carlos teria se esgotado quando ela, segundo Onaldo, “*chegou à plenitude do que o Carlos pedia*”, o que teria deixado Janaína cheia de ressentimentos. É possível que, por algum tempo, Janaína tenha atribuído seu processo de travestilidade aos incentivos de Carlos, mas acredito que posteriormente ela reelaborou essa questão. No curta-metragem de Cavalcanti e Lopes (2008) ela diz que, quando “*se assumiu como homossexual*”, sentia que “*faltava essa história do namoro com o espelho*”, ou seja, achava que faltava uma realização plena que somente viria com o processo de travestilidade. Em entrevista para Vale (2005), Janaína falou que Carlos mudou a sua forma de viver, sua postura, seu visual, seu “*tudo*”, relato que transcrevi na íntegra no tópico anterior. Quando estava com Carlos, Janaína disse ter “*se descoberto como fêmea*”, momento em que “*a mulher aflorou*”. Foi, então, quando ela começou o processo de hormonização e passou a usar publicamente roupas tidas como femininas.

Entre os arquivos de Janaína a mim fornecidos pela família, encontrei muitos registros desse relacionamento. Eram cartas trocadas entre eles, cartões de aniversário e natal, telegramas, dedicatórias de livros, poemas e fotos. As cartas tratavam de assuntos variados, narrações sobre o cotidiano, notícias de viagens, descrição de lugares, cursos

realizados e condições climáticas, algumas escritas em francês. As narrativas sobre as atividades da comunidade Tunker Pacifista estavam presentes em muitas dessas cartas. A maneira com que esses fatos eram escritos demonstrava muita intimidade entre eles. Elas terminavam sempre com promessas de reencontro. As despedidas tinham um cunho mais amoroso do que o conteúdo e eram assinadas como: “do teu iluminado à filha do Faraó”, “do teu Carlos”, “mataremos a saudade, só nós dois”, “do teu Deus”, “do teu mestre”. Nesses registros escritos, Carlos tratava Janaína sempre por Jaime e o chamava de várias formas: “meu discípulo”, “La dame du foulard en soie fine” (a dama do lenço em seda fina), “Dear”; “meu estimado discípulo”. Em uma das cartas, eles se cumprimentavam por “Shalon”, palavra do antigo testamento utilizada como saudação dentro da comunidade judaica e em outras religiões, demonstrando que elementos religiosos eram presentes no relacionamento.

Juntos, Janaína e Carlos estudavam os livros de Osho. Carlos deu muitos livros deste líder religioso a Janaína, geralmente como presente de aniversário com dedicatórias na contra capa. A maioria desses livros ficou com Angélica, a irmã espírita de Janaína que gosta de realizar essas leituras e que também costumava debater essas ideias com Janaína.

Ainda segundo o depoimento de Onaldo, a prática de colagens de Janaína começou durante o relacionamento com Carlos, depois que o processo de “Janainamento” já tinha despontado. Junto com a procura pela espiritualidade, para Onaldo as colagens funcionavam como uma terapia, ajudando Janaína a ser mais centrada e menos “egodistônica”. Janaína levou essa prática por toda a vida. Segundo Alberto, ela expôs no SESC de Fortaleza e em outros lugares da capital. Em outubro de 1990, ela realizou sua primeira exposição de colagens em Canindé, na Galeria Salvador Daki durante as festividades de São Francisco. Ao longo da pesquisa, tive acesso ao livro da exposição, guardado por uma das irmãs de Janaína. Nesse livro há notas explicativas das obras e anotações dos visitantes. Carlos deixou o seguinte comentário: *“Criar é saber sintonizar o “eu” humano ao “eu” divino, entrar no útero do cosmo e sair em harmonia com o todo. Você tem se adentrado a tudo isso e desvendado um pouco desse mistério através dos quadros. Te adoro!”*.

A nota explicativa de Janaína sobre a exposição diz: *“A profecia! Homens tornaram-se mitos, outros tornaram-se lendas. Para seus olhos, além da imaginação: Carlos! Deus! Gato! Um paraíso dentro do paraíso. Perfil da nobreza”*. Pelo exposto, é possível perceber a influência de Carlos na vida de Janaína, parecendo ter se tornado o

grande incentivador e também objeto de inspiração. Nessa prática, o tema da espiritualidade era central, na qual a imagem de Deus, dos seres vivos e do próprio Carlos como representante dos seres humanos se misturavam, formando a unidade existencial que habitaria o paraíso, em uma referência bíblica.

Ainda a respeito dos relacionamentos amorosos de Janaína, durante a pesquisa ouvi que ela teria tido algumas experiências fortuitas antes de conhecer Carlos, alguns namoros passageiros, encontros casuais, paqueras em boates e frequência em cinemas de “pegação”, viabilizados, em parte, pela saída de Canindé, quando foi possível uma expressão de desejos longe dos olhares repressores da família e dos conterrâneos. O elemento “amor” teria surgido apenas no relacionamento com Carlos, impulsionando-a na promoção de transformações marcantes em sua vida (travestilidade, ativismo). Guiada por referenciais hegemônicos de heterossexualidade, Carlos e Janaína teriam pautado o relacionamento na dicotomia homem/mulher. Ao ser tratada “como uma mulher” pelo namorado, alguns sentimentos teriam sido “despertados”, atuando como uma inspiração para a travestilidade vindoura. O elemento “discrição” também é muito presente nesses relatos sobre o namoro. Apesar de muitas pessoas do entorno saberem do relacionamento, eles viveriam sem “exposição”.

Janaína teria conhecido Alberto alguns anos depois. Assim como Carlos, ele também namoraria mulheres, esse sendo, inclusive, o motivo pelo qual terminaram. No entanto, eles permaneceram ligados até a morte de Janaína e alguns familiares o tinham como o seu companheiro:

**Alberto:** *Nos conhecemos em [19]96, no carnaval, num apartamento no centro de Fortaleza, de um amigo em comum. Nossa relação foi até 98. Em 98 eu conheci uma mulher. Uma mulher, porque **eu sou hétero, não sou gay**, e aí fui cobrado por essa mulher. Mas nós nos afastamos um tempo e nos reencontramos no centro [de Fortaleza] em 99 e aí tomamos uma proximidade de 99 até o final da vida dela, mais ou menos em janeiro de 2004. De 99 até janeiro de 2004 eu ficava indo muito lá [na casa de Janaína]. [...] E essa relação de amizade e tudo mais, de... acho que ela... havia um amor que ela nutria por mim. [...] Estava em uma fase difícil de relacionamento, fui noivo e tudo mais, a mulher acabou me trocando por um cara mais velho. Nesse momento eu tava num processo muito louco de saber quem eu era, tendo **experiências gays** e tudo mais. **É, me descobrindo, descobrindo a minha identidade sexual. Porque a minha identidade sexual eu descobri, entende? Quer dizer, devo ter nascido com uma identidade, mas até eu saber qual era eu passei por um processo.***

Alberto afirmou outras vezes que era heterossexual, se distanciando da homossexualidade. Seguindo essa concepção, ele disse que era ativo e que durante o ato sexual não olhava para o pênis de Janaína, elemento que demarcaria a masculinidade. No seu relato, o relacionamento que teve com Janaína ora aparece como uma



experiência gay que aconteceu quando ele atravessava um processo de descoberta da sua identidade sexual, ora como se Janaína representasse uma mulher na relação, o que não desestabilizaria sua heterossexualidade. Essas concepções correspondem ao sistema classificatório de gênero, no qual os sujeitos estão rigidamente presos a marcações de masculinidade e feminilidade em correspondência a atividade e passividade no ato sexual.

**Alberto:** *Eu sou heterossexual.*

**Eu:** E como tu te sentiste tendo esse relacionamento com Janaína?

**Alberto:** *Os meus relacionamentos que eu tive com ela eram todos, como é que eu vou te dizer? Assim, muito focados, entende? Eu devo te confessar que no primeiro ano, em 96, quando nós tivemos muitos relacionamentos, assim, no primeiro dia que nós nos conhecemos nós tivemos, assim, por 24 horas eu fiquei com ela assim um absurdo de vezes. Eu sempre fui muito... tive muita libido. Mas eu via nela... justamente quando eu a encontrei no centro, eu rompi um relacionamento que foi muito significativo pra mim e eu via na Janaína essa menina, entende? Tanto é que eu sempre fui ativo em todos os relacionamentos, eu nem olhava pro sexo dele, eu nem olhava pro pênis dele. Nunca houve... entende?*

**Eu:** Você a identificava como uma mulher?

**Alberto:** *Não. Nem só como uma mulher, mas só no ato sexual, entende? Mas eu acho que tinha isso sim, eu não a via como uma mulher, mas, sim, no ato sexual eu transferia. Havia muita transferência, sim. Aí, quando nós voltamos, depois, quando não houve mais sexo, quando não houve mais nada, eu compreendi, eu passei a assimilar a coisa. Quer dizer, o sexo entre nós, por mais que tenha... era apenas um ato mecânico até, entende? Era bom, eu tinha muito libido e tudo mais, mas era algo mecânico. O sexo entre nós nunca foi importante. Mesmo nos primeiros anos quando teve muito sexo. Eu acredito que com o Carlos também deve ter sido assim. Eu acredito que eles também tenham tido um relacionamento sexual muito grande, de muita empatia, pelo lado espiritual dele. Parece que foi ele que mostrou os livros do Osho a ela e ela gostava muito desses livros, ela lia, ela me falou muito, ela lia em voz alta para mim e tudo mais. Se com um cara que era um ateu como eu o sexo ainda não tinha importância, não era uma coisa que representasse, com ele que era um cara espiritualizado, acho que também não devia ter. É isso aí.*

A Alberto algumas práticas eram interditas, principalmente aquelas que pudessem o feminilizar, o que poderia acontecer caso se excitasse com o pênis de Janaína, seguindo esse sistema de classificação de gênero. Pelúcio (2005) também observou no seu trabalho essa interdição quanto à procura pelo pênis da travesti. Por sua vez, para a travesti estaria vedado fazer carícias anais no namorado e penetrá-lo. Essas práticas seriam permitidas com outros parceiros sexuais, mas não com o *marido*, estabelecendo, assim, práticas permitidas/proibidas seguidas por uma divisão entre o *marido*, aquele de casa, e os *bofes*, parceiros da rua.

O relacionamento de Janaína e Alberto era conhecido por muitos familiares e amigos. Segundo Alberto, eles mantiveram um relacionamento com muitas trocas e

identificações, que teria sido interrompido por um ano e dois meses, quando Alberto casou-se com uma mulher.

**Eu:** Mas vocês sempre tiveram contato até o falecimento dela? Você acompanhou todo esse processo?

**Alberto:** *Sim, todo o processo, quer dizer, eu passava, às vezes, alguns meses sem ir na casa dela, mas sempre houve um contato. O tempo maior que nós ficamos sem nos ver foi 1 ano e 2 meses, que foi justamente em 98 quando eu me casei, até 99 quando eu me encontrei com ela no centro e de lá mesmo saímos pra beber cerveja, fomos pra casa dela fumar, depois fomos pra uma churrascaria lá no próprio Montese onde nós íamos sempre comer, certo? Aí, desse dia até 2004 teve esse lance de nos vermos sempre e tudo mais.*

**Eu:** E ela teve outros relacionamentos nesse período? Só voltando um pouco pra questão do Carlos, quando vocês se conheceram ela tinha acabado um relacionamento com o Carlos, é isso?

**Alberto:** *Acho que já tinha terminado há algum tempo. Ela se identificava, vamos dizer, pela promiscuidade, entende? Eu não sei em que medida eu fui mais representativo na vida dela do que o próprio Carlos. Mas eu tenho uma desconfiança, uma impressão de que talvez eu tenha sido um pouco mais. Quer dizer, eu sou suspeito pra falar, entende? Mas pela entrega e pelas coisas que nós tínhamos em comum, por eu ser um Dândi, coisa que o Carlos não era. Houve uma identificação maior, ela gostava muito também da minha capacidade intelectual, deu ser uma pessoa muito bem informada, uma pessoa que lê muito. Ela tinha toda essa identificação comigo. Porque eu lia bem mais do que ela, ela não era de ler.*

Nos últimos anos do relacionamento entre Janaína e Alberto, segundo ele, o sexo foi perdendo a centralidade e outros elementos se sobressaíram, como a troca intelectual. Percebo, mais uma vez, a separação entre “sexo” e “amor”, como se o primeiro não fosse tão importante quando existisse o segundo. Além disso, ele aponta trocas financeiras, quando Janaína o emprestava dinheiro e vice-e-versa, afirmando que eles só eram amigos: “*Sim, era uma troca num relacionamento, mas nos últimos anos de amizade*”. Entre os anos de 2000 a 2004, Alberto disse que se encontrava frequentemente com Janaína e ia muito à sua casa, a via fazendo colagens na porta, olhavam fotos, assistiam à televisão e liam. Ele também costumava passar temporadas na casa de Janaína, como nos feriados de carnaval. Para ele, Janaína era seu porto seguro, sua melhor companhia e grande incentivadora para se afastar de problemas.

**Alberto:** *É, a gente ficava muito nessa rede, ela deitava de um lado e eu do outro. Vendo TV, falando. Eu ia, após o meu trabalho até o próprio GRAB, já no final de tarde, seis horas, quando ela tava terminado o expediente dela. Ela passou um tempo lá numa sala da ATRAC prestando serviços advocatícios para os travestis. Aí, nós descíamos a pé, pegávamos um ônibus e íamos pra casa dela. Só depois é que eu ia pra minha casa. Ela morava no Montese e eu num bairro que fica depois do Montese. Eu me separei justamente em 2004. A minha mulher soube do meu relacionamento com ela, eu contei. Tínhamos até alguns amigos em comum e tudo mais. Não foi um problema não. Ela até sabia que eu frequentava a casa da Janaína. Mas eu acho que ela já tava noutra, entende? Ela já tava me traindo também, acredito que era isso. Embora ela não me atraísse fisicamente, o meu interesse com a Janaína nos últimos*

*anos era só a amizade. É isso aí. Tô sendo verdadeiro e procurando todas as lembranças.*

Outro elemento presente nos relacionamentos de Janaína, bem como no de outras travestis que estabelecem relacionamentos guiados pela heteronormatividade (SAMPAIO, 2006, 2009; PELÚCIO, 2005; KULICK, 2008; BENEDETTI, 2005), é a aceitação da infidelidade dos seus *maridos*, desde que o relacionamento extraconjugal seja com uma mulher. Essa permissão também funciona como uma forma de testar a masculinidade do parceiro e como um reforço do próprio pertencimento ao polo feminino. Além do mais, como observou Kulick (2008), muitas travestis acreditam que os homens não foram “feitos para elas” e que, por consequência, eles por elas não se apaixonariam.

A maioria dos familiares que participou da pesquisa apresentou uma Janaína romântica, que acreditava no amor e até no “príncipe encantado”, se aproximando de um modelo adequado aos moldes heterossexuais. Benedetti (2005) também observou que o desejo de ter um *marido* que as amasse é algo muito corrente no discurso das travestis. Para ele, essa relação desempenha um papel central na construção do feminino das travestis.

Sentir-se desejada como ‘mulher’ é algo onipresente nos discursos das travestis e parece se constituir mesmo em um objetivo, uma meta a ser atingida quando decidem iniciar processo de transformação do gênero. A relação estável com um homem confere e afirma o gênero feminino nas travestis, colaborando na construção daquilo que elas chamam de feminino” (BENEDETTI, 2005, p. 118).

Mesmo com todos esses anseios de “encaixes” na heteronorma, Janaína era crítica a esses moldes opressivos, realizando aproximações e afastamentos constantes. Ela tinha plena consciência das imposições sociais que a tolhiam, que cerceavam e controlavam o exercício da sua sexualidade e da sua existência de forma geral. Não por acaso ela recitava constantemente o poema de Ulisses de Tavares que fala do aprendizado social de masculinidade, compreendendo interdições sexuais que geram uma incompletude. No curta-metragem de Cavalcanti e Lopes (2008) ela diz que a sua própria sexualidade era limitadora, que se fosse possível escolher, seria pansexual, e que as pessoas não deveriam se podar na busca pelo prazer, se prendendo aos polos de atividade/passividade. Como Vale (2005) também mostrou, Janaína criticava a “visão heterossexista” que muitas travestis possuíam, apesar de permitirem que seus *bofes* tivessem certa flexibilidade na performance sexual.

A Marcela tem cabeça de transexual, está sempre na crítica. Ela tem um modelo estabelecido e tem que ser no molde dela. Não pode fugir. Pra ela, bofe que é bofe

não pode fazer isso, não pode fazer aquilo... se der o cu é nojento, é maricona... ela tem uma visão muito heterossexista da coisa. É a transexual que faz dela a mais heterossexual de todas elas, entende? Ave Maria se ela sonhar que o marido dela dá o cu. Pra outras meninas que eu conheço não teria problema nenhum. É bom é assim, quando a bicha é ativa, passiva e reflexiva. Elas dizem para eles [os bofes] deixarem de ser bestas que para tudo tem a primeira vez... e eu acho que é pra ser mesmo assim, eu não tenho complexo de Barbie..." (Janaína em entrevista para Vale, 2005, p. 124).

Nessa fala de Janaína aparece diferença construída entre transexual e travesti, aproximada da concepção do discurso médico-científico assentado na ideia de que as transexuais se sentiriam como mulheres e desejariam se conformar à heteronorma, enquanto que as travestis não se incomodariam com o seu corpo e seriam mais flexíveis em relação às práticas sexuais. Essa diferença possui implicação na maneira como interpretam seus relacionamentos amorosos e práticas sexuais, como se as transexuais fossem mais normativas do que as travestis.

### A artista, a poeta



Coberta de colagens, a porta do quarto de Janaína pode ser tomada como uma compilação da sua existência, sendo repleta de significados. Nela, Janaína inscreveu a sua vida, concatenou sua história. Jayme Neto a considera um resumo da vida de Janaína:

**Jayme Neto:** *Aquela porta precisa... eu acho que tem muito significado pra ficar assim ao léu. Aquela porta não significa só uma obra que ele fez, aquela porta resume a vida dele. Aquilo ali é o resumo da vida dele, todo dia ele colava uma coisinha, a foto das pessoas. Aquilo é resumo do que ele viveu. Eu acho que não tem como deixar aquilo pra trás. Eu queria restaurar e entregar pra algum museu, mas eu não sei se algum museu ia tratar daquilo direito. Eu acho que um museu social, essas exposições que...*

*porque é a figura junto com o legado dele. Eu tenho uma ambição que é reunir mesmo a história dele. Eu queria muito poder botar no papel isso aí e passar adiante pra pessoas saberem. Tá muito mais fácil ser gay hoje em dia por causa de pessoas como ele. É por causa de gente como o tio que dá pra ser mais tranquilo, dá pra viver em paz. Falta gente como ele, por que tá muito cômodo, cada um vivendo seu mundo, olhando pro seu próprio umbigo, não precisa fazer muito mais do que viver bem, mas é só não precisar se esconder atrás de uma máscara.*

A partir das fotos acima é possível perceber como a feitura da porta também estava relacionada ao processo de travestilidade de Janaína. As colagens vão aumentando na medida em que ela vai construindo sua feminilidade. Na porta ela imprime sonhos, referências, sensações, esperanças e experiências vividas.

O fato de Janaína ter elaborado as colagens somente no lado interno da porta do quarto já é bastante significativo. Possivelmente, esse elemento demonstra que aquele espaço era representativo na sua experiência de vida, onde morou por anos, recebeu amigos e namorados, trabalhava, descansava, se transformava, se sentia protegida e confortável, proporcionando a criação das colagens e de si. Um dos colaboradores da pesquisa interpretou esse fato como um reflexo do “dualismo das travestis”.

Algumas frases constam na porta, como “Sou da paz”, “Ninguém é perfeito”, “Amigos e amantes: a fórmula do amor perfeito”, “Aprendendo a amar de novo”, “Impossível é apenas um desafio”, “Engraçado de vestir”, “Nem todo anjo é terrível”, “Bem me quer... bem me quer... bem me quer”, “Homem de hoje”, “O paraíso existe”, “Momentos de magia”, “Ser feliz”, “Universo interior”, “Abra espaço”, “amor cego”. Essas frases giram em torno de valores cultivados por Janaína nos quesitos sentimental, amoroso, bem estar, espiritualidade, importância do protagonismo, iniciativa e, também, comportamentos como vestimenta, provavelmente fazendo referência às normas de gênero. Além disso, constam descrições de signos do zodiaco, como o seu, Sagitário (22/11 a 21/12), e Capricórnio (22/12 a 20/01), demonstrando, assim, tanto apego à crença astrológica quanto a Carlos, que era capricorniano.

No trecho que Janaína classificou com o título de “Personalidade”, elencou as seguintes características: indicador, o melhor, inteligente, verdadeiro, um charme, tranquilidade, clássico, perfil da nobreza, fino sob todos os pontos de vista, admirável, zen, busca contínua, romântico, Deus, super, muitos pontos na frente, ninguém esquece, o melhor amigo, compreensão, mestre, meditação, ‘no peito, vitórias’, especial, amor. É possível que essas sejam características que Janaína admirava ou almejava. Muitas delas abordei ao longo do trabalho, presentes em descrições que faziam de Janaína ou que ela

fazia de outras pessoas, por exemplo, de Carlos, que era chamado de “mestre”, “Deus”, “nobre”, “perfil da nobreza”. Outra hipótese é que essa seja uma descrição dele, pois, ao que tudo indica, Janaína começou a fazer colagens durante esse relacionamento.

Algumas imagens figuram na porta, além de frases e palavras soltas, provavelmente correspondendo a crenças de Janaína, pessoas amadas (como a foto dos seus pais) e artistas admirados. São elas: imagens cristãs de Jesus, Maria e José; Têmis, a deusa grega da Justiça; referências do candomblé como Iemanjá e egípcias como de Faraós. Há também imagens de animais: urso, abelha, pássaros, peixe, pombo, vaca, golfinho, coruja, coelhos, camelo. Segundo me falou um informante, Janaína nutria muito amor por animais, o que também fazia referência à devoção a São Francisco. Embora ela não rezasse ou fizesse pedidos e promessas, costumava participar dos festejos em Canindé: *“Ela criava periquitos e rolinhas e ficava toda feliz com os filhotes dando nomes e beijando”*. Essa mistura de crenças era uma das características de Janaína. A imagem que mais se repete na porta são as incontáveis borboletas que, para Janaína, faziam referência à travestilidade, por sugerir transformação, metamorfose.

Outras imagens presentes eram: coração, estrela, sapatos de salto alto, taça de vinho, rostos com expressão de tristeza, alegria e irritação, arco-íris, bandeiras de outros países, flores, anjos, cupido, máscaras de carnaval, corpos femininos seminus, estátua de Davi (Michelangelo), estátua O pensador (Rodin), mandalas e personagens da Disney. Entre os artistas estavam Elis Regina, Cazuza, Marina Lima, O Gordo e O Magro, Charlie Chaplin, Marilyn Monroe e John Lennon. Janaína também fixou imagens de líderes revolucionários como Che Guevara e Gandhi.

Na entrevista que Janaína deu em 2002<sup>154</sup>, ela falou que seus ídolos não eram exatamente artistas, mas pessoas que lutavam por causas sociais, que trabalhavam para uma transformação social, principalmente pessoas envolvidas no combate à aids, religiosos e aquelas que subvertiam a ordem de gênero. Na literatura, ela tinha preferência por escritos mais subversivos, pelos poetas malditos e na música por cantoras da MPB e por “divas internacionais”.

*Lucinha Araújo, uma das mulheres mais dignas do país. Podia ter enterrado aquele capítulo do filho para que esquecessem que morreu de Aids, mas começou a travar uma batalha social para ajudar crianças soropositivas, de uma forma tão majestosa que o poder público deveria se envergonhar... Dom Hélder Câmara, um libertador. Betinho também. Aquelas pessoas que têm projetos de transformação social eu admiro. E, claro,*

<sup>154</sup> “O nobre colega é dama de espadas”. Jornalista: Ethel de Paula. In: Singular: uma revista plural. No. 09. Setembro, 2002.

*Madame Satã, o primeiro travesti que foi conhecido nacionalmente. Foi garçõnete, atriz do teatro rebolado e marginal da Lapa nos anos 30. Se hoje existe dificuldade de aceitação do travesti, imagine nos anos 30... Apesar de que teve uma vida social muito conturbada: 29 processos, 10 absolvições, 19 condenações, três homicídios, foi morta e enterrada na Ilha Grande, que é um presídio do Rio de Janeiro. Mas ele se deu ao luxo de lutar pela androginia, de ser uma travesti com posicionamento político.*

No entanto, não é só aquilo que figura na porta que merece destaque. O que foi retirado pela própria Janaína também é bastante significativo. Logo que vi a porta, percebi que algumas imagens tinham sido rasgadas. Com um pouco mais de atenção e comparando fotos, notei que essas imagens retratavam a mesma pessoa: Osho. Duas hipóteses podem ser levantadas, a de rompimento com Carlos ou a de conflitos com esse movimento filosófico-mítico, ou mesmo as duas coisas, como efeito dominó, uma vez que Janaína e Carlos dedicaram grandes estudos e até certa devoção a essas ideias. A rasura na porta, no entanto, nunca foi coberta, demonstrando um lugar em aberto e insubstituível (imagens da porta no ANEXO 14). Além da porta, Janaína fez outras colagens e realizou exposições. Seu quarto era repleto de quadros seus, bem como a casa de alguns dos seus familiares (ANEXO 15).

Na nota explicativa da exposição que fez em Canindé, em 1990, ela escreveu alguns significados de símbolos que também estão presentes em outras obras, inclusive na porta:

Como a colagem será vista por mortais, eles pedirão explicações sobre o fundamento das imagens. Por isso aqui descrevo as principais figuras que a compõe e espelham a imagem do DEUS.

CRISTO: por entender seu amor pelos homens na terra e por pregar a mesma filosofia.

BHAGWAN<sup>155</sup>: por seguir a sua linha de pensamento, por lutar contra o estabelecido na busca de ser feliz.

GATO: por ser sua imagem e semelhança.

GAIVOTA: por voar mais alto em voos próprios.

CUPIDO: por exprimir a sensualidade e ternura.

MOINHO: por ser de aspecto melancólico, poético e solitário.

CAIS: por ser a salvação, um porto seguro.

OURO E JÓIAS: por merecer todo conforto nesta vida.

ÁGUAS NEGRAS: por mostrar sua profundidade de alma.

LUA E ESTRELA: por ser seus adornos preferidos.

FILHA DO FARAÓ: por ser a mais devota de todas as servas.

Os tons pasteis das cores são para mostrar a união do amanhecer, entardecer e o brilho ao escurecer, por estar em todo tempo e lugar, inclusive no meu coração.

Palavras da salvação!

Na matéria que saiu no Jornal *O Povo*, intitulada: *Artista exporá durante festas de São Francisco: Jaime Dutra compôs colagens que abordam temáticas da*

<sup>155</sup> Como também era chamado Osho.

*atualidade*<sup>156</sup>, consta que: “o advogado e artista plástico Jaime Dutra trabalha variados temas em colagens exclusivas fabricadas com recortes de revistas nacionais e internacionais, tratando a AIDS, a busca do universo interior, questão racial e problemática indígena”. “Eu falo do que é o Brasil” – teria definido Janaína. A matéria fala ainda que Janaína não tinha a intenção de comercializar sua obra, explicando: “Como os meus trabalhos foram se acumulando na minha casa, senti a necessidade de mostrá-los para o público”. No quadro em que aborda a temática da aids, constaria um corpo de mulher com um preservativo no lugar da cabeça e uma faixa com a frase em francês *La Muse Malade* (A musa enferma).



Imagem: Janaína na exposição de colagens em Canindé. Fonte: arquivo da família de Janaína.

Janaína também compunha poemas. Em 1990 ela fez uma coletânea em forma de livro, mas que não chegou a ser publicado. O conteúdo gira em torno de paixões, solidão, saudade e admiração a pessoas. O eu lírico associa-se a referências que ora remetem ao masculino ora ao feminino. Algumas imagens das colagens se repetem nos poemas, como a do Faraó, por exemplo. Em alguns poemas ela fala que é um menino, em outros que é uma menina, uma mulher. Como demonstra o poema abaixo:

#### FORMA DE MULHER

*Esta menina que você vê,  
É o romper de carinho em cada sorriso  
Ou o nascer de cada promessa,  
Mas é também ilusão, para não deixar de  
Viver.*

<sup>156</sup> Jornal *O povo*, Fortaleza, 04 de out. de 1990.



*Esta menina que você vê,  
É o desafio de uma noite escura,  
É também o aparecer da aurora.*

*Esta menina que você vê,  
É medo de magoar,  
Mas também é risos ao ferir.*

*Esta menina que você vê,  
É sonho, amor e dor,  
Tudo na forma de mulher.*

A imagem de animais que passam por metamorfose também é resgatada em seus poemas, fazendo alusão ao processo contínuo de travestilidade, como a cigarra:

#### LAPIDAÇÃO

*A beleza do ser  
Não surge em pouco tempo  
E nem desaparece por um ato impensado.  
O processo de lapidação é demorado  
Como o nascimento de uma cigarra.  
Com o passar do tempo  
É que fica-se sabendo o preço  
Que nos cobra a vida,  
Pelas coisas que oferece,  
Veze o preço é alto demais, por tão  
Pouca emoção.*

Em seus poemas Janaína também fazia críticas políticas e sociais:

#### BRASILEIRINHO

*Saiu de casa em busca de alimentos,  
E a única coisa ouvida foi, a gasolina aumentou.*

*Tentou rir  
E conseguiu, lembrando das besteiras ministeriais  
Deste país.*

*Matou quem estava na esquina,  
Mas não conseguiu matar a própria fome.*

*Tentou ser único  
E o que conseguiu, foi ser mais um desempregado  
Na multidão.*

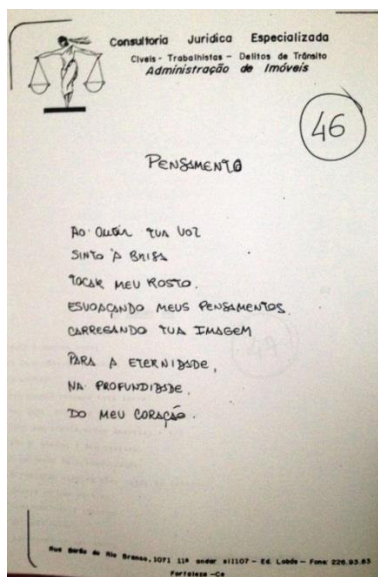
*Sonhou com a fortuna  
Enquanto esperava na fila para receber o bolsão.*

*Sentiu-se atado  
Como sempre esteve seu voto.*

*Sentou-se, dando agonia  
Só assim conseguiu ver melhor a situação do nosso país.*

*Sentiu, que tudo havia mudado  
Mas, ele não morava mais ali.*

Muitos desses poemas foram compostos por Janaína quando ela ainda advogava, inclusive, muitos foram rabiscados em seu escritório profissional, como sugere a seguinte imagem:



A partir dos seus poemas, percebo que Janaína não fixou identificação com o masculino ou o feminino. Possivelmente, isso era proposital, fortemente influenciada pelos seus sentimentos de pertencimento, uma desenraização de gênero, demonstrando certa androginia, como costumava falar. Não encontrei poemas escritos em outra fase, mas nesse período Janaína atravessava um processo de profundas transformações com relação à travestilidade, profissional e amorosamente. Isso tudo pode ser percebido em sua produção de colagens e de poesias, trabalhadas como forma de expressão de sentimentos e da experiência vivida.

## **Entre silêncios**

Em um trabalho baseado em memórias, lembranças e narrativas, muitos ditos e não-ditos emergem nos discursos. O que é falado constitui-se como o substrato das análises, porém, os silêncios construídos são, por si só, também bastante significativos, fazendo com que algumas questões surjam: por que determinados elementos não devem

ser falados? O que faz com que alguns assuntos sejam interditados? Em quais momentos essa memória subterrânea está autorizada a vir à tona? Quem pode falar e quem pode ouvir? Pollak (1989) reflete sobre a produção dos silêncios e as funções dos não-ditos, contribuindo para que entendamos um pouco mais sobre as formas de enfrentamento, de superação ou de esquecimento produzido sobre o passado. Ele mostra que o silêncio, as zonas de sombra, os não-ditos têm razões bastante complexas e que eles se impõem a partir de determinadas funções. Há uma fronteira movediça entre o esquecimento definitivo e o reprimido, eles não são estanques e estão em perpétuo deslocamento. Esses discursos e silêncios, alusões e metáforas, são moldadas pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz ou de se expor a mal-entendidos.

Durante a pesquisa, identifiquei a construção de muitos silêncios, nenhum, entretanto, maior do que o silêncio em torno da aids, construído tanto nas conversas com os familiares, como na construção da imagem pública de Janaína. A que esse silêncio está ligado? A primeira relação que fiz foi com o estigma vinculado a essa doença, um dos mais fortes que marcam a experiência da travestilidade. Mas não só. Entre os familiares, poupar os mais novos de conviverem com as lembranças das feridas do passado me pareceu um motivo plausível também. O sofrimento causado em torno do adoecimento também pode trazer alguma explicação. O fato de se deparar com lembranças traumáticas pode inibir a emergência delas, como mostrou Pollak (1989). Para este autor, o silêncio tem razões bastante complexas, fazendo com que aqueles que compartilhem da mesma lembrança “comprometedora” prefiram guardá-la, mesmo que tenham uma escuta.

Com relação ao silêncio no espaço público, a constituição de Janaína como um ícone passa pela eliminação do estigma e da vergonha que cercam a aids, demonstrando como a memória é seletiva. Além do mais, Janaína era uma agente de prevenção, contribuindo para que sua memória fosse enquadrada em distanciamento com as doenças combatidas. A relação entre aids e travesti também se constitui como um foco de contestação entre aquelas que atuam no movimento social.

O silêncio acaba sendo uma forma também das pessoas se acomodarem ao meio social, sendo uma condição necessária para conviver em ambientes onde alguns assuntos e lembranças são interditadas. Sendo assim, as lembranças proibidas, indizíveis e vergonhosas são cuidadosamente guardadas em estruturas de comunicação informais, passando até de forma despercebida.

A primeira pessoa da família de Janaína que falou comigo sobre aids foi uma sobrinha, em um momento em que estávamos a sós, quase como uma confissão de um segredo, demarcando que aquele era um assunto reservado. Ela me dizia que sentia muito orgulho “do tio” e reclamava do preconceito do qual foi vítima, inclusive direcionado àqueles que conviviam com Janaína. Posteriormente, questões a esse respeito vieram à tona com uma das irmãs de Janaína, quando percebi certo desconforto. Ela me confessou que o assunto não era falado “por preocupação à sua mãe”, mas que “partindo do princípio que ela não ia tomar conhecimento”, não via problema em ser abordado (Diário de campo, 19/07/13). Ela me explicou que essa informação foi omitida de materiais públicos a pedido da própria família, pelo mesmo motivo. Após a conversa, ela me ligou perguntando qual seria o tratamento que eu iria dar a esse tema, dizendo temer “a exposição do irmão”, mas depois permitiu a abordagem, pois acreditava que a mãe não iria ler o trabalho. Percebi que a irrupção dessa memória subterrânea colocou em risco aquele pacto de silêncio, não permitindo nem mesmo que o nome aids fosse pronunciado. Sobre isso, outra irmã dela mencionou que a mãe tinha reagido muito mal quando uma vizinha comentou que Janaína teria “morrido de aids”, quando ela afirmou que “seu filho não tinha aquela doença”. Ao longo da pesquisa, percebi que alguns familiares falaram mais abertamente sobre o tema do que outros. Com relação as/aos ativistas e demais colaboradoras/es, a forma dessa abordagem também variou, partindo da manutenção de estratégias de silenciamento ao total reconhecimento de que aquele era um tema que deveria ser abordado como uma maneira de reconhecer o próprio ativismo e potência questionadora da experiência de Janaína.

Susan Sontag (2007) aborda os usos metafóricos da aids. Ao investigar os significados políticos e morais atribuídos a ela, as manipulações conservadoras e discriminações decorrentes, a autora elucida que a aids nem mesmo é uma doença, mas um estado clínico que favorece o aparecimento de doenças oportunistas. Nesse sentido, a aids é um construto médico atribuído aos que manifestam sintomas de deficiência imunológica. Quando surgiu (apesar de compartilhar a ideia de que a aids não é algo novo), ela era desconhecida, contribuindo ainda mais para a metaforização.

Desde o considerado início da aids, ela foi construída como uma doença infecciosa associada à culpa sexual, concebida como um mal que afeta um grupo de pessoas “diferentes e perigosas”, atacando os já estigmatizados socialmente: “O comportamento perigoso que produz a AIDS é encarado como algo mais do que

fraqueza. É irresponsabilidade, delinquência – o doente é viciado em substâncias ilegais, ou sua sexualidade é considerada divergente” (SONTAG, 2007, p. 98).

Uma das ideias centrais no ensaio de Sontag é a de que as metáforas contribuem para a estigmatização de certas doenças e dos doentes, fazendo com que estes sintam vergonha e repulsa. Nesse sentido, ela identificou que a *peste* é a principal metáfora pela qual a aids é compreendida, ao ser encarada como uma condenação da sociedade. Isso acontece com todas as doenças consideradas sexualmente transmissíveis, usualmente abordadas de forma moralista, que carregam a concepção de alastramento como punição pela licenciosidade. Outra metáfora bastante central em nossa sociedade para a aids é a da poluição. Isso acontece porque, diferente do câncer, por exemplo, o inimigo vem de fora, o grande vilão causador da doença é um vírus. A partir da metáfora da poluição, são fortalecidos discursos que constroem a imagem da doença se infiltrando na sociedade, algo que deve ser combatido, imbricando-se com metáforas militares.

Geralmente, o doente é encarado como uma vítima. No entanto, em se tratando da aids, doença transformada em inimigo, ele passa a ser visto mais como um culpado em potencial. A atribuição da culpa gera, por sua vez, o sentimento de vergonha, diz Sontag. Ter aids, diferente de outras doenças, não é tido como algo aleatório. É comum, então, que esse estado clínico passe a ser escondido, ato cometido pelo próprio paciente, que muitas vezes não revela aos próprios familiares, ou por estes, que uma vez informados, evitam revelar aos demais. Além da vergonha, da culpa e do estigma, contrair aids, durante muito tempo, equivalia a participar de um determinado grupo tido como “de risco”. Além do mais, a aids leva as pessoas a serem consideradas doentes antes de adoecerem, ocasionando uma morte social antes da morte física.

Sontag chama atenção ainda para a ideia de que a aids representa um castigo para o indivíduo transgressor. Ela viria como uma punição para uma “comunidade licenciosa” (homossexuais, drogados, prostitutas, etc.). Nesses discursos, a doença seria provocada pelo próprio indivíduo, o grande culpado, enquanto pertencente de um “grupo de risco”, ressuscitando a ideia de uma comunidade poluída para a qual a doença é uma condenação.

Pela forma como a aids foi sendo construída, pelos significados atribuídos e estigmas relacionados, o silenciamento em torno dela nos discursos sobre Janaína passam a ser melhor compreendidos. Percebi que, mesmo quando as pessoas falavam sobre o assunto, elas evitavam pronunciar o nome hiv e aids, usando metáforas e evitando nomear ou não completando as frases. Muitas vezes eles diziam: “*ela já*

tinha...”, “ela já estava...”, “isso”, “ela foi diagnosticada...”, “aquela doença”. É possível observar isso na fala do colaborador abaixo, na qual percebemos certa preocupação por estar “falando demais” sobre um assunto que exigiria cautela:

**Eu:** Janaína conviveu muito tempo com o diagnóstico? [me referia ao câncer]

**Colaborador:** *Não foi muito rápido não. Quando diagnosticado, ela já tinha... ela já estava... entende? E a questão do próprio exame... entende? Foi em 96.*

**Eu:** Você se refere a qual diagnóstico?

**Colaborador:** *Ao hiv. Ela descobriu... Nós entramos numa de: “Vamos fazer o exame”. Acho que eu tô te contando demais. Eu, na realidade, eu não vou te dar informações, vou te dar fatos. Porque eu vi, aconteceu isso daí de fato, entende? Ela fez o exame em 96. Nós fomos juntos lá pegar esse exame dela. A atendente do hospital... eu tava lá no dia, ela chamou nós dois, nós entramos, ela deu a notícia. Era uma atendente já preparada pra dizer isso. De 96 até 2004 são oito anos. Agora eu, a impressão que eu tenho, e eu vi como ela ficou, eu me choquei, ela ficou chocada, mas a impressão que eu tenho é que ela já sabia que era soropositiva. E não tinha coragem, justamente, de fazer esse exame porque sabia. Aí, eu é que forcei ela a fazer esse exame. Aí, eu já não posso dizer a quantos anos ela tinha, porque ela não me contou isso. Mas ela me contou assim que era solidária com um amigo que descobriu que era soropositivo e teve um ataque por conta dessa descoberta, se cortou inteiro no espelho e ela foi lá, pegou esse amigo, no sangue do amigo soropositivo que escorria pelo braço dela. Aí, ela me contou que parece que foi um drama ela ajudar esse amigo [...]. Ela não falava muito sobre isso, publicamente, ela tinha até preconceito. Ela não expunha isso publicamente. E ela começou a expor isso publicamente até por conta dessa pessoa que agora eu não consegui lembrar o nome... ele parece que é da Rede de Soropositivos.*

**Eu:** Foi a Rede que a Janaína fez o estatuto?

**Colaborador:** *Sim. E aí por conta dele, ele influenciou a Janaína pra que a Janaína encabeçasse a causa. Aí, foi que ela começou a assumir publicamente, começou a ser convidada pra falar disso e tudo o mais, a fazer projetos nessa área. Mas antes ela tinha como se... vergonha. [...] Quando ela começou, eu acho que se colocava, mas ainda colocava assim de uma forma... ela evitava falar, se ela pudesse. Ela só falava se fosse preciso.*

**Eu:** Se ela fosse questionada?

**Colaborador:** *Exatamente. Por isso que o fato dela não ter feito o exame antes, medo, vergonha, etc, etc. Ela não queria ser soropositiva, não queria que ninguém soubesse. Não era uma causa da qual ela militasse. Ela tava voltada a militar pela causa travesti, daí a ATRAC e tudo mais. Não era uma causa como: “eu sou soropositiva então vou fazer dessa minha condição uma causa pra luta, pra levantar bandeira, pra ajudar algumas pessoas”, essas coisas, como a gente vê algumas pessoas públicas fazendo. Ela evitava. Ela assimilou bem isso por conta dessa pessoa, por conta desse órgão, fez algumas coisas ou outras pra prevenção. Mas essa postura de se colocar: “Eu sou. Eu tô aqui porque sou”, não. Tanto é que ela evitava até a questão do tratamento, a questão do coquetel. Ela evitou bastante tomar esse coquetel. Ela achava que o coquetel matava mais rápido. Ela me contou coisas do coquetel... Quer dizer, ela fez, como é que se diz? Uma expressãozinha... ela evitou tomar esse... ela fez o tratamento, eu vi muitas vezes ela tomando medicação. Ela fez durante um tempo sim. Mas até ela fazer, ela fez frente, ela foi contra...*

**Eu:** Ela relutou?

**Colaborador:** *Exatamente. Essa é a palavra que eu tava procurando. Ela relutou mesmo. Eu acho que esse movimento dela ter entrado nesse grupo por muita influência dessa outra pessoa que agora eu não me lembro. Ela passou a tomar o coquetel por uma questão de saúde também. Mas o coquetel dava lipodistrofia.*

A pessoa acima fala sobre o momento em que Janaína recebeu o diagnóstico, por volta do ano de 1996 e da sua resistência em iniciar o tratamento. Coincidentemente, foi em 1996 que os antirretrovirais passaram a ser distribuídos gratuitamente no Brasil, permitindo um acesso mais amplo ao tratamento da aids. No entanto, somente em 2002, por acreditar que ele traria outros problemas, Janaína teria iniciado esse tratamento. Esse colaborador comenta ainda os sentimentos que Janaína teria tido nos anos que se seguiram, como preconceito, repulsa, vergonha. Até mesmo a atuação dela no movimento de combate à aids teria demorado, se dando principalmente em função de exigências dos grupos dos quais fazia parte. No entanto, sua contribuição a esse movimento foi bastante considerável, chegando a elaborar o Estatuto Social da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS<sup>157</sup>, Núcleo Ceará.

Janaína teria experimentado vários sentimentos desde o início da epidemia, passando pelo medo, pelo diagnóstico, pela aceitação do tratamento e pela atuação no movimento de combate à aids. Na década de 1980 ela teria vivenciado momentos de pânico por acreditar que estava exposta ao contágio, como disse Onaldo em entrevista já mencionada, quando ela teria sentido culpa e medo da “punição divina” por ter tido relações sexuais com outro homem em meio às especulações da “peste gay”. Ela teria comentado, inclusive, que o diagnóstico a fez repensar a vida, fortalecendo a convicção de levar adiante seus projetos corporais, identitários e ativistas junto às travestis. Porém, conflitos não estavam ausentes desse processo. Outro colaborador falou sobre o período de negação que Janaína viveu quando soube do seu estado sorológico e sobre o fato dela, inicialmente, não ter verbalizado publicamente que era soropositiva, relacionando esse silenciamento aos projetos de prevenção do grupo do qual Janaína fazia parte. Segundo ele, o fato de Janaína ter começado a falar que era soropositiva não teria sido uma estratégia do grupo, como disse a pessoa acima. Pelo contrário, a afirmação, por parte dela, teria causado conflitos entre alguns membros dos grupos dos quais fazia parte:

**Colaborador:** *Fiquei sabendo quando ela descobriu que tinha o HIV. Ela passou por um período de negação. A liderança do grupo, paradoxalmente, quis esconder o fato, porque, segundo alguns me disseram, pegaria extremamente mal para uma das principais figuras de um grupo que trabalha com prevenção contaminar-se com o hiv. Fizeram silêncio sobre o caso, disseram que a Janaína tinha câncer no fígado, só isso, depois passou a ser enfisema pulmonar, por causa do tabagismo etc. Quando a Janaína resolveu abrir o jogo eles meio que brigaram. Existe esse tipo de hipocrisia nos grupos.*

---

<sup>157</sup> A RNP+, como também é conhecida essa Rede, é uma Associação de abrangência nacional que busca a mobilização e integração de pessoas que vivem com HIV/aids. O Núcleo Ceará foi fundado em março de 2001.

Outro colaborador destacou que a atuação de Janaína no movimento de combate à aids se deu por intermédio do trabalho que desenvolvia via Programa Nacional de DST/Aids:

**Colaborador:** *Era reservado, entendeu? Essa questão aí. Ela atuava no movimento, participava das atividades, mas não se colocava enquanto hiv não. Eu digo assim, Janaína não morreu de hiv. Então isso tá claro. Janaína morreu de câncer no pulmão. Ela não falava disso não. Ela falava da questão da aids porque ela começou a se envolver com essa questão, a estudar, participar de atividades com a questão da aids, por exemplo, essa própria participação dela no Ministério da Saúde foi através do Programa Nacional de Aids, onde chamou as travestis pra discutir a questão de saúde das travestis, a questão das campanhas de prevenção das dst/aids para as travestis. Ela se envolveu muito e ela tinha muito conhecimento sobre essa questão. E na época também tinha um programa de assessoria jurídica para pessoas vivendo com hiv e aids. Ela também deu grande contribuição pra isso também, entendeu? O que mais?*

Por mais que Janaína tenha relutado em atuar nessa questão, ela construiu um discurso articulado em relação ao que chamava de visibilidade positiva que a questão da aids trouxe ao movimento de travestis, vivenciando, desta forma, embates constantes com as normas, baseados em conflitos pessoais, ideais políticos, exigências da agenda LGBT, financiamentos de projetos. Como o próprio título da tese sugere, ela disse que a aids foi o passaporte do glamour para a política, uma vez que a epidemia permitiu o fortalecimento do movimento de travestis e uma atuação destas como educadoras e agentes de saúde.

**Janaína:** *Essa criação da consciência do movimento veio através dos eventos. Se você antes fosse discutir a sexualidade humana, discutir viadagem, não tinha apoio de nada. Em meados dos anos 80, na cidade de Fortaleza, ainda não se conhecia bem a aids. A Igreja tripudiou em cima, o Estado tripudiou em cima, disseram que era câncer gay. E tudo isso foi desmistificado e hoje o pessoal luta pela parceria civil, as travestis passaram a ser convocadas para falar, para ajudar na conscientização em relação à doença. Uma forma de política já existia antes, mas estava mais ligada com a cultura do glamour, mas com a aids já se vê uma forma mais ligada às reivindicações junto às leis do país, né? Então, na medida em que o movimento ia andando e que a aids ia mudando de cara, ia aparecendo a particularidade, a singularidade. A aids nos deu esse passaporte de sermos educadoras voltadas para a política da saúde, a prevenção, isso trouxe uma abertura no sentido de uma conscientização e uma cidadania plena, buscando despertar através da cultura a autoestima, um outro pensar na cidadã travesti. Começaram a discutir gênero, o travesti, o transexual, o transgênero, as transformistas, as drag-queens, porque foi se conhecendo melhor as subdivisões das orientações sexuais. Tudo é veado, tudo é sapatão, mas para os gays e lésbicas, o travesti tá lá embaixo... Na questão de gênero, mulher tá um patamar acima do travesti, o travesti é lá embaixo. A gente aceita tudinho, mas no final, o padre é contra todas, então... (Janaína em depoimento para Vale, p. 245-246, 2005).*

Para Janaína, a aids permitiu a conquista da cidadania, entendimento que vai ao encontro da tese de Pelúcio (2005) de *SIDAdanização*, um processo racionalizador e disciplinador de conversão à cidadania no qual as ações de intervenção do modelo



oficial preventivo entre determinadas populações, com relevo para as travestis, estaria presente.

Esse processo de “SIDAdanização”, isto é, de uma cidadania alcançada a partir da aids, ou SIDA (acrônimo mais utilizado no restante da América Latina para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), é verificável entre militantes do movimento social de minorias sexuais, assim como entre as travestis agentes de prevenção, que passaram a ser valorizadas, ouvidas e respeitadas em seu saber justamente pelo seu status sorológico, capaz de promover seu engajamento político (PELÚCIO, p. 235, 2005).

Nesse processo, Pelúcio também diz que a meta de politizar os indivíduos pode ser vista como uma estratégia de controle bastante sutil, centrada na responsabilização dos sujeitos diante das questões de saúde, já que a partir da aids as pessoas devem construir uma bioidentidade política. Nesse sentido, estimular o “senso de organização de categoria”, fomentar a “consciência política”, trabalhar a autoestima é se afinar com esse modelo preventivo em saúde pública. A crítica que Pelúcio faz caminha no sentido de questionar a perspectiva higienista, normativa e racionalizadora da prevenção, que ocorre também dentro do próprio sistema de saúde, pelos profissionais. Ela diz que a maior tensão é aquela entre a “realidade experienciada no convívio mais estreito com a clientela e a formação/capacitação desse pessoal, marcada pelo discurso da Biomedicina, que informa o modelo oficial preventivo” (PELÚCIO, p. 126, 2009).

Como nos informa a ativista Jacqueline, uma das principais reivindicações de Janaína era inserir a discussão referente à soropositividade no movimento de travestis e transexuais. Para ela, essa ainda é uma questão espinhosa entre as ativistas, cercada por preconceito, agravada pela constante vinculação socialmente criada entre travestis e aids. No entanto, segundo Jacqueline, apesar da discussão que Janaína trouxe para o movimento, ela só teria se posicionado como uma ativista soropositiva de forma restrita. Percebi, então, que esse assunto também é envolvido por estratégias de silenciamento entre algumas ativistas, que apesar de atuarem em políticas de enfrentamento à aids falam sobre seu estado sorológico somente em conversas informais, quando falam. Esse é um assunto que gera falatórios, fofoca, desconforto e mal estar entre as próprias ativistas e que somente vem sendo discutido com mais tranquilidade recentemente, uma brecha que teria sido aberta por Janaína.

**Jacqueline:** *É uma bandeira que eu venho lutando há muito tempo, desde quando eu participo desses movimentos que até então nós, travestis e transexuais, isso era uma demanda de Janaína. Tá levando a discussão pro movimento de travestis e transexuais a questão da soropositividade das travestis que ainda é, hoje, muito complexo pra nós, que estamos inseridas nesses movimentos. Porque a gente discute essas coisas, políticas públicas e tudo mais, mas na hora “h” de discutir, de viver e conviver com travestis e*

*transexuais que, ainda no nosso meio é preconceituoso, tem esse preconceito. Nós somos apontadas, muitas vezes. Hoje mudou muita coisa, depois que a gente conseguiu encaixar nos movimentos estaduais e nacionais a problemática de travestis e transexuais vivendo com hiv/aids. Isso era uma discussão muito boa de Janaína.*

**Eu:** Ela botava isso em questão? Ela atuava também na questão da soropositividade?

**Jacqueline:** *Exato. Mas em nenhum momento ela se posicionou enquanto uma pessoa que era soropositiva. Pelo tempo que eu convivi com ela, ela nunca se portou enquanto pessoa vivendo com hiv/aids. Só que a gente já sabia, né? Assim, pelo pouco tempo que eu tinha conhecimento, eu sendo uma pessoa positiva, eu sempre tive esse cuidado de tá observando pra saber como é que eu ia me conduzir ao ser uma no meio de um oceano. Então, quando eu fui percebendo, a gente começou a dialogar, a conversar, a gente tinha esse cuidado de uma orientar a outra. Muitas vezes ela me orientava, sobre medicamentos, como era, que era interessante a gente se cuidar, da saúde. Ela orientava [...]. E agora minha luta é fazer com que as travestis positivas possam discutir de igual pra igual.*

**Eu:** A discussão avançou?

**Jacqueline:** *Pouco, gata, pouco. Porque é assim, no nosso movimento, agora não, mas há uns três anos atrás a gente tinha que tomar o remédio escondida, não podia se identificar porque as outras ficavam apontando.*

**Eu:** As outras travestis?

**Jacqueline:** *É. Criticando: “Fulano é assim. Fulano é assim, assado”. Hoje não. Hoje a gente já tem uma outra educação.*

**Eu:** Uma resistência dentro do próprio movimento?

**Jacqueline:** *Dentro do movimento. Não só de travestis, do próprio movimento LGBT, do próprio movimento de pessoas vivendo com hiv/aids, do próprio movimento de mulheres.*

**Eu:** E continua?

**Jacqueline:** *Continua porque as travestis não são inseridas no movimento de mulheres, nem se sentem contempladas no de homossexuais. Por isso que em Campina Grande, primeiro em Manaus acho que em 2008, a Silvia Reis deu essa discussão, montou o GT de trans nacional, né? E não teve muita força porque as travestis ainda sentiam-se resistentes. E quando foi em 2010 eu relancei o GT em Campina Grande a nível nacional. E hoje, graças a Deus, sou eu quem coordena. Eu só coordeno agora estadual. E estamos conseguindo, cada vez que acontece um evento nacional, são mais travestis que vão. No início só tinham duas. Depois, no segundo evento, só teve três ou quatro e depois já tinha quinze meninas. E assim, quando desses eventos, a gente sente que não tem como se esconder, a conversa é de todo mundo, todo mundo é igual, todas tem a mesma problemática. E assim, a gente não sente essa diferença, tanto. Mas quando é em outro espaço que não é aquele, a gente já se sente resistente. Por quê? Porque você tem suas limitações, tem as medicações. Porque, às vezes, você não se sente bem, tá com uma companheira de quarto que não é quem você se sente bem, aí tem que tá tomando as coisas escondida. É meio desconfortável. E a gente não quer. A gente quer se sentir bem, tomar as nossas decisões, poder falar, mostrar nossas necessidades, as nossas preocupações, discutir. Como vamos trabalhar nossa qualidade de vida pras travestis se você não tem oportunidade? E, graças a Deus, o movimento, a ANTRA, ela vem tendo essa visão, esse carinho especial com as meninas.*

**Eu:** Como a Janaína fazia a discussão sobre hiv?

**Jacqueline:** *A preocupação dela era que as travestis se sentissem a vontade pra tá discutindo, mas muitas delas mesmo não se sentiam. Porque assim, nós estamos com um pequeno número. Quanto mais tempo passa, mais os recursos diminuem. Nos primeiros eventos que eu participei da ANTRA eram 400 meninas, 500, lotava teatros e hoje a gente faz numa sala. E naquele meio de uma multidão era complicado. Nós tínhamos outras coisas pra discutir, era nome social, segurança pública. Então a gente, o que acontecia? Passava despercebida essa questão. Não era central, o tema. Era mais o silicone. É ainda o silicone. É a questão da polícia, a questão da segurança*

*pública, a questão da saúde, nome social. Mas não é o foco. Hoje se discute com mais liberdade. Mas foi preciso que uma de nós fizesse aquilo ali. Eu acho que essa sementinha que a Janaína plantou naquela época, agora que começou a germinar. Entendeu? Agora que nós começamos a nos sentir, a nos identificar, a nos soltar mais, a nos sentir mais a vontade, de conversar, de discutir.*

**Eu:** Será que não é um pouco pra fugir desse estigma social que vincula travesti e hiv?

**Jacqueline:** *Também. Isso. É, por exemplo, uma travesti que é soropositiva ela tem vontade de discutir isso em outros estados, mas na sua cidade em hipótese alguma. A Janaína era um pouco vítima disso, principalmente naquela época, há uns 10 anos atrás. Imagina, se a gente não se sente bem aqui na nossa época, que nós estamos em 2012, imagina na época de 80, 90. Não via nem possibilidade de cogitar falar. É complicado. Mas eu acho que, eu ainda afirmo, que essa sementinha que Janaína plantou lá naqueles anos 90 ela tá começando a germinar de um ano pra cá. Ela é nossa referência pela questão política, uma questão de política ampliada, questão de segurança pública, questão do movimento social, questão do movimento de travestis, não de pessoa vivendo com hiv/aids. Até porque não existia dialogo naquela época. A gente conversava conversas pessoais e não conversas de plenária. Então, hoje, pra mim, uma das referências que eu tenho é a companheira Janaína Dutra.*

A ativista Jovanna também fala sobre esse silenciamento no movimento de travestis:

**Jovanna:** *A gente [ativistas] nunca questionou isso pra ela [para Janaína]. Nunca exigimos que ela falasse ou que ela colocasse. Eu não me lembro que ela tenha se colocado, que ela tenha assumido. Porque a gente tem essa política de não exigir nada. As pessoas fazem da forma que querem fazer.*

Keila reafirma que Janaína atuava no movimento de combate à aids, mas que falava sobre seu estado sorológico somente em conversas informais com as demais ativistas. Na fala dela, o hiv aparece como uma mancha na memória sobre Janaína que ela não merecia:

**Keila:** *Ela defendia a bandeira. Ela entendia muito sobre a epidemia de aids. Ela tinha muito trabalho junto com a ABIA, que até então era uma das instituições que trabalha muito sobre essa questão. Ela foi em vários congressos da ABIA. Chamavam ela justamente pra falar sobre essa questão, mas ela não se colocava como portadora. (...) Mas enfim, não aconteceu. E eu acho que ela não merecia. Porque se ela quisesse falar, ela tinha feito isso em vida, não depois dela morrer a gente começar a manchar... Não manchar, mas a deixar com que ela não ficasse contente onde ela estivesse por tá sendo discutido depois que ela morreu.*

A aids como “mancha” também aparece no discurso de outra ativista, que se diz ainda muito assustada com a aids, preferindo o silêncio para não “queimar” Janaína, ou seja, difamá-la. Na fala dela, a aids aparece também como um segredo, uma confidência a pessoas íntimas e assunto de família:

*Eu não tinha convivência, nem amizade aprofundada com ela pra ela me contar o passado, a vida dela. Mas é indiferente ter e não ter. Eu tô falando a verdade, não é porque ela morreu. Mas eu não posso queimá-la. Acho que ela falava a verdade pra família ou então pro grupo de amigos dela, mas pra mim ela nunca falou. Na*

*associação a gente trabalha com isso, só que eu sou muito assustada, ainda sou assustada.*

Não foi possível mensurar como e quando Janaína foi superando os conflitos ocasionados com a soropositividade. É possível que esse tenha sido um processo de “politização do desvio como caminho para purificação no plano individual” (CARVALHO, 2011), ou seja, quando o engajamento político é uma maneira de positivar elementos tidos como “desviantes”. Frutos do próprio silêncio em que o HIV está submerso, a temporalidade das pessoas e os próprios significados atribuídos a respeito desse assunto são reinterpretados no momento mesmo em que relembram. Enquanto alguns colaboradores puderam detalhar relações existentes entre a questão da soropositividade, códigos mantidos em redes de ativismo e máculas à imagem de Janaína advindas por essa vinculação entre travestilidade e soropositividade, que, como pude perceber, a própria Janaína empreendeu esforços de desconstrução, algumas pessoas usaram metáforas para se referir ao assunto. O colaborador abaixo elabora um discurso espiritualizado no qual a AIDS é uma espécie de estado d’alma, de cumplicidade com aqueles vitimados por qualquer injustiça. Ele faz também ligações entre o movimento homossexual e o movimento de combate à AIDS, situando a atuação de Janaína nesse contexto, mas, ao mesmo tempo, coloca Janaína para além dele:

**Colaborador:** *Sei lá, ela morreu de beleza. Ela morreu de bondade. Você tem que ver como se inter cruzam esses caminhos. Qual foi a população inicial que formatou as primeiras respostas à epidemia? A população homossexual. Foram os dois fatores que me levaram a rever minha percepção da homossexualidade, a minha percepção de... sei lá, lendária... Isso, do afeto percebido e também da questão política. Isso é muito determinante. Na verdade, eles foram os construtores das primeiras respostas para a comunidade. Eu acho que isso foi muito determinante pra minha avaliação dessa população. Olha, nessa época, sabe como a AIDS se chamava? GRID<sup>158</sup>, síndrome da infecção associada a AIDS, uma coisa assim que é a sigla em inglês. Mas é isso. Quando a AIDS era GRID o que significa que era a coisa mais abominável da humanidade. Chamavam de câncer gay. Era carregada de estigma. Era a morte civil, entende? Eu acho assim, ela sem vivência na comunidade soropositiva ela foi tão ativista como é Bento Daniel e o outro Erbert de Sousa, os dois eram soropositivos. Talvez ela tenha sido mais legitimamente porque ela foi, depois deles, uma grande ativista. Olhe, muitas pessoas... eu tenho AIDS na alma, tenho muito jeito de ter AIDS. Talvez essa fosse a Janaína. Por isso que as pessoas, assim, esse designativo “aidético” não é uma patologia. Você chama alguém de griposo?*

**Eu:** *Você não é aquilo, né? Só aquilo.*

**Colaboradora:** *A pessoa é um contexto todo. Então, eu tenho AIDS, minha alma tem AIDS, talvez a alma de Janaína tivesse também. Mas ela teria sido qualquer outra coisa desde que as pessoas que fossem vitimizadas por essa coisa fossem alvo de qualquer outra injustiça. Vamos ali comer um pedacinho de bolo. [...]. O ser a quem você se reporta tá acima de todo esse contexto do mundo...*

<sup>158</sup> GRID quer dizer Gay-Related Immune Deficiency. Em português: Deficiência Imunológica relacionada aos gays.

Segundo uma ex-colega de trabalho de Janaína, ela tratava abertamente sobre essa questão e até usava essa informação como “exemplo” no seu trabalho de prevenção. Para essa colaboradora, existem etapas e regras para abordar a questão da soropositividade, instigando a reflexão sobre os códigos de ética mantidos entre travestis sobre o assunto:

**Colaboradora:** *Porque é aquela coisa: a aceitação do hiv, depois a aceitação do tratamento, depois como contar pra família. São três etapas muito cruéis. A gente nunca sentou pra conversar abertamente sobre isso: “Olha, eu tenho hiv, peguei assim, fazendo isso...”. Porque, na verdade, tem um mito que todo mundo que trabalha com prevenção tem que ser portador. A gente não pode é chegar e falar: “Olha, fulano tem, sicrano tem”, “Não sei com fulano porque ele é isso”. Entendeu? A gente não pode é fazer isso. Mas a gente sabe. Mas ela não tinha receio nenhum em falar não. Não no convívio. Talvez até por citar exemplos. Tem um preconceito, até hoje tem um certo preconceito como quem trabalha com prevenção tem que ser “carimbado”, tem que ter a “tia”. Menina, é tanto dialetozinho que colocam. Já ouviu já? “Tia”, “berê”, “sopa”, a “letrinha”, a “sopa da letrinha”, “carimbo”. Ixi, menina, tem tanta coisa! Eu fresco muito com meu amigo: “Ah menino, a minha berê não tá acordando”. “Ah e a minha que já virou foi avó” [gargalhadas]. Aí, tipo assim: “A bicha é tão ruim que nem a tia leva”. Mas é porque tem o tratamento. [...]. A Janaína fez todo o tratamento. Mas o hiv dela era indetectável. Por isso que eu me revolto. Mais um ponto negativo: a questão do fumo. Entendeu?*

Pelas falas das ativistas percebemos que existe um pacto tácito a respeito do estado sorológico, uma espécie também de “segredo aberto”, tal como o dispositivo do armário (SEDGWICK, 2007), ninguém pergunta, ninguém revela, mas todos parecem saber. Pelúcio (2009), que abordou os significados da doença e do sofrimento entre as travestis, percebeu que a recorrência do bordão “todas tem” contrasta com o silêncio em torno da sua própria condição de saúde.

No relato acima, a partir das categorias usadas pelas travestis para se referir à aids (*tia, berê, letrinha*) é possível identificar efeitos opostos ao da metáforização falada por Sontag. Ao invés de contribuir para a estigmatização, parece mais uma forma de positivar essa experiência e se afastar de estigmas. Kulick (2008) observou entre as travestis de Salvador que a aids era uma doença citada por meio de eufemismo como *menina* e *tia*. Contrair o vírus era considerado um constrangimento e uma infelicidade e a palavra “aidético” era largamente utilizada geralmente para “ofender” desafetos. No entanto, para pessoas queridas, as travestis sempre hesitavam em fazer essa afirmação. Em casos de morte, elas negavam reiteradamente que as causas estejam ligadas à aids.

Abaixo, o depoimento de Erlania e Jayme Neto que, juntos, tentaram reelaborar suas lembranças sobre o estado sorológico de Janaína. Essas lembranças foram ativadas

quando Erlania me mostrou os objetos que guardava de Janaína, entre eles, os potes da medicação que ela usava no tratamento, customizados pela própria Janaína.

**Erlania:** *Ele sempre tava viajando. Uma das vezes ele veio [para São Paulo] e ele nem quis me abraçar por que ele vinha com febre e tava com muito medo da malária por que ele vinha parece que de Belém, não me lembro. Eu fui abracei e ele disse: “Não Lana, fica longe de mim por que...” Aí, foi quando ele me descobriu também...*

**Jayme:** *Que ele era soropositivo?*

**Erlania:** *Sim.*

**Jayme:** *Ele explicou... a Livia, eu lembro que a Livia se cortou e aí a Livia precisava de socorro e o tio Jaime queria socorrer mas não podia, né? Ele falou como era desesperador querer socorrer alguém e não poder porque tinha medo de contaminá-la. Ele tava falando também que passou a mudar os hábitos, que ele parou de beber água normal, que ele tava tomando só água mineral porque o cloro da água da torneira filtrada fazia mal pra ele, botava pra fora tudo, dava ânsia, dava enjojo.*

**Erlania:** *A mamãe nunca soube que ele era soropositivo.*

**Jayme:** *Ele falou. Eu não sei como é que foi, assim.*

**Erlania:** *No café da manhã ele foi e falou que...*

**Jayme:** *Era tão natural.*

**Erlania:** *É, ele falava com muita naturalidade pra nós...*

**Jayme:** *Que a imunidade tava baixa.*

**Erlania:** *Minha mãe não sabe. Só a mamãe que não... assim quando foi, a gente... alguém tentou falar e aí ela teve uma reação: “Ele jamais teve aids, ele não teve aids!”. Eu não me lembro quem foi a vizinha que comentou isso com ela.*

**Jayme:** *Tecnicamente ele não teve aids mesmo, ele não chegou a desenvolver. Ele tinha o vírus. Ele era muito cuidadoso com ele, era muito ligado.*

**Erlania:** *Aliás, não foi nem depois da morte dele não. Ele tava hospitalizado quando surgiu esse boato e a mamãe teve uma...*

**Jayme:** *Isso não foi realmente o que o matou porque ele fumou mesmo sabendo que não podia mais. Ele sabia, não foi mãe? Ele foi diagnosticado e o médico deu um tempo pra ele. “Não é mais pro senhor fumar. Se o senhor fumar, seu tempo de vida é tal. Se você não fumar seu tempo de vida é maior”. E aí depois de uns seis meses ele voltou a fumar. Eu me lembro, eu não sei quem foi que falou, ele descobriu antes que ele tinha enfisema. Aí, alguém falou pra ele que ele tinha que parar, mas ele disse: “eu vou morrer de qualquer jeito”.*

**Erlania:** *Não. Eu acho que esse negócio aí... ele nunca... até uma vez eu disse assim...*

**Jayme:** *Eu só fui saber mesmo foi quando ele falou que não podia socorrer a Livia e quando ele deu os potinhos pra mãe, que ele falou que tinha que tomar água mineral.*

**Erlania:** *Ele começou a sentir alguma coisa parecida foi depois do silicone, depois que foi retirado, que a Simone tirou o silicone, que infeccionou. Acho que foi aí que começou a suspeita. Aí, em uma das vezes a gente perguntou pra ele quem que transmitiu a ele. Ele disse: “Esse segredo eu levo para o túmulo”. Ele sabia, mas ele não entregou quem e nem tampouco ele tinha raiva de quem o contaminou. E, realmente, nós nunca soubemos quem o contaminou... Se você quiser deitar um pedacinho pra descançar... Vou fazer um cafezinho. [...] Ele comentou comigo, publicamente não. Ele falou uma vez. Nós estávamos tomando café lá na casa dele. Nós fomos visitar, eu levei os dois meninos, aí na mesa ele foi e falou que a imunidade dele tava baixa aí eu muito assim abestada disse: “Não tô entendendo”. Aí, ele foi e disse assim: “Eu sou soropositivo, Lana”. Aí, eu não sei se eu quis aceitar ou se eu...*

**Jayme:** *Não quis polemizar.*

**Erlania:** *Aí, eu fiquei calada. Ele disse assim: “Você entendeu?”. Eu disse: “Entendi. Não precisa falar tudo pra todo mundo não, meu filho”. Eu não sei se é reserva.*

**Jayme:** *Pois eu já acho que reserva demais é trair tudo que ele fez, sabe? Simplesmente não falar que... eu não vejo problema. Não dizer é justamente negar todo o trabalho que ele fez na militância.*

**Erlania:** *Era. E ele batalhava muito por remédio.*

**Jayme:** *Eu acho que ele nunca escondeu. Eu nunca vi ele negando. Se alguém perguntava ele falava, mas ele não levantava bandeira. Aquela coisa de: “Oi meu nome é Jaime, meu nome é Janaína, eu sou soropositiva, muito prazer”. Simplesmente, se perguntavam, ele dizia, se não perguntavam, ele não falava.*



Nesse diálogo, é possível notar que Erlania tinha mais dificuldade para falar sobre a soropositividade do que Jayme, talvez por uma questão geracional ou pela experiência da homossexualidade. Erlania, apesar de ter sido a familiar que falou sobre o assunto de forma mais tranquila, raramente nomeava o hiv ou a aids, bem como usava subterfúgios para mudar de assunto. Eles disseram que Janaína falava “naturalmente” sobre seu estado sorológico, que tentava passar espontaneidade, talvez para não preocupar os familiares. No entanto, é possível que Janaína tenha comunicado aos familiares depois de alguns anos de diagnóstico, pois Erlania diz que começaram a “desconfiar” depois da rejeição do silicone líquido que Janaína sofreu. Antes disso, eram apenas “suspeitas”. Janaína teria falado aos poucos ou deixava as pessoas irem entendendo o que estava acontecendo. Quando ela falou abertamente que era soropositiva para Erlania, ela alertou Janaína sobre a não “necessidade” de falar “tudo” para todo mundo. Já para Jayme, o silenciamento significava uma traição ao trabalho que Janaína desenvolveu, mostrando concepções diferentes sobre a soropositividade. Já para Angélica esse foi um assunto sem interdições na família:

**Angélica:** *A mamãe sabia sim... Logo. Desde o começo a gente sabia. Eu acho que ele falou pra Celina e ela foi passando pra gente. A gente só tinha a preocupação dele tá se cuidando. Logo ele tinha uma amizade muito grande com o pessoal do [Hospital] São José. Tinha muita gente, aquela enfermeira, a Mirtes, muita gente amiga lá dentro. Nunca faltou medicação pra ele, nem amparo, nem aconchego. Ele era muito bem quisto lá dentro. Eu não sei, não entendi porque quando ele adoeceu mesmo ele disse: “Eu não quero ir pro São José. Eu fico aqui”. Aí, foi quando ele quis se afobar e me pediu o balão de oxigênio. Nunca entendi. Qualquer gripezinha ele ia pra lá, ele ajudava, ele se envolvia com o trabalho de lá, ele dava assistência lá.*

No relato de Conceição aparecem alguns sentimentos que Janaína teria experimentado com a descoberta da soropositividade, como desespero e culpa,

buscando conforto, inclusive, na religiosidade. No entanto, Conceição diz que Janaína passou a encarar a vida com mais disposição para o trabalho, obteve mais sensibilidade e flexibilidade com as demais pessoas.

**Conceição:** *Quando ele fez o exame, ele entrou em desespero. Aí, chorou muito. Aí, ele ficou dizendo pra ele mesmo assim, ele contou depois, que essa questão que ele estava... ele ia passar a viver cada dia da vida dele como se fosse o último dia. Sempre ficava pedindo perdão a ele mesmo, pedindo perdão às pessoas. Toda vez quando ele se deitava, ele rezava um pai nosso e dizia que aquele dia talvez ele não amanhecesse, ele não acordasse e talvez ele não durasse também muito tempo. Começou a estudar, a ver quais eram as causas do hiv ou quais eram as consequências e tudo mais. Aí, ele, em desespero com ele mesmo, ele dizia: “mas eu vou viver cada dia como se fosse o último”, sempre perdoando as pessoas, sempre procurando fazer o bem. “E se depender de mim eu vou trabalhar mais, muito mais”.*

Um/a conterrânea de Janaína disse que achou “muito bonito” o fato de não terem atribuído a morte de Janaína à aids. No seu depoimento, apesar de relatar que a própria Janaína teria falado para ela que era soropositiva, investiga qual teria sido a forma de contágio, pois achava Janaína uma pessoa muito prevenida e sensata, sempre preocupada em orientar os amigos:

**Colaborador:** *Tem um jornal na época que saiu a morte dele, eu gostei muito porque eles nem tocaram no assunto do hiv, colocaram insuficiência respiratória, essas coisas assim. Eu achei muito... Eu sabia, ele comentou comigo. Eu nunca entendi como aconteceu, sabe? Porque ele era prevenido. Só uns deslizes, né? Ele ajudava muito a gente. O Rafinha, ele quase morreu, era muito amigo do Jaime, por conta de um desvairado desse. Ele dizia: “como é que pode? Se colocando em risco. Eu digo muito pro Rafinha não colocar qualquer pessoa na vida dele, pra ele prestar atenção”. Ele orientava, dava conselhos. Eu nunca pensei que o Jaime pegasse um hiv. [...]. Eu acho que foi um deslize mesmo dele ter adquirido isso. Ele já adquiriu isso daí lá [Fortaleza]. Aqui não [Canindé]. Ele me falou. Eu me lembro que uma irmã dele, ele era fascinado por essa irmã, era a Erlania, pra ele era como uma deusa, ele sempre dizia. Porque ela realmente, ela tinha um jeito, eu percebia assim que ele imitava muito a forma dela falar, dela conversar, entendeu? Ele me contou uma vez que disse pra ela assim: “Lana, eu tenho medo até de te beijar”. Quando ele já tava com hiv. “Não, mas tu não sabe que não pega quando beija na face?” [Erlania retrucaria]. Aí, ela o beijava. Eu estava, eu fui na casa dele lá no Montese e ele tava muito magro e comentei: “Jaime, o que tá acontecendo, não tá se alimentando direito não?” Aí, ele disse: “Não, é outra coisa. Eu tô com hiv”. Eu disse: “Mas tu vai superar isso daí, né? Tá fazendo o tratamento?” [Janaína respondeu:] “Tô”. Assim desanimado, sabe? Ele perdeu muito a alegria quando descobriu. Vocês não sabem não a origem?*

**Eu:** Não.

**Colaborador:** *Eu nunca perguntei. Teve a questão da pneumonia, você não fica mais com a mesma defesa. Mas o jornal não cita isso. Tá muito bonita a foto dele.*

Para Pelúcio e Miskolci (2009), hoje, após décadas de campanhas de prevenção e da incorporação desse discurso à vida cotidiana, a contaminação com o vírus apresenta-se como injustificável e prova de irresponsabilidade social. Devido a isso, o compartilhamento da estratégia de silêncio sobre essa condição é muito comum,



passado o período inicial da epidemia, quando a contaminação podia ser justificada pela falta de informação. Nesse sentido, outro colaborador da pesquisa disse que se assustou quando soube a respeito do estado sorológico, uma vez que ela era muito precavida, carregando um discurso que atribui culpabilidade e responsabilidade pessoal. Na conversa abaixo, as pessoas procuraram uma causa e chegaram a noção corrente de atribuir aos encontros fortuitos uma possível causa de contágio.

**Colaborador 2:** *Depois que o Jaime ficou doente, ele não andou mais aqui em Canindé, né?*

**Colaborador 1:** *Não. Eu só o vi porque eu fui visitá-lo lá.*

**Colaborador 2:** *Uma vez eu fui lá na casa dele [Fortaleza] e ele não estava. Eu deixei recado pra ele me ligar e ele não me ligou, não sei por quê. Ele desapareceu, não o vi mais não. Quando ele tava aqui ele ficava nessa calçadinha aí, ele ficava em pé aí. Toda vez que eu passo aí eu penso: “Meu Deus, esse portão é a cara do Jaime, essa casa aqui”. [...]. Eu vim saber depois que ele faleceu. E quando eu soube, eu nem acreditei. Eu disse assim: “Meu Deus, o Jaime não me falou isso?”. Eu fiquei assim...*

**Colaborador 1:** *Ele [Jaime] ia muito ao Hospital São José fazer um trabalho lá de visita com os soropositivos, ele comentava muito isso: “Tô indo pro São José”. Ele andava muito lá.*

**Colaborador 2:** *Eu achei até esquisito porque ele era muito precavido, né?*

**Colaborador 1:** *Eu achei também muito estranho.*

**Colaborador 2:** *O Jaime morria de medo. Ele orientava. Ele falava em precaução, camisinha, pros meninos... isso daí foi um deslize.*

**Colaborador 1:** *Um deslize. Foi no sexo mesmo, foi em um momento aí de... Porque ele orientava as pessoas demais nesse aspecto. Uma vez ele passou por uma situação difícil. Ele me contou. Não sei se ele te contou também. Aí, ele aprendeu. Ele era bem jovem. Ele conheceu uma pessoa, parece que foi na Praia do Futuro, e ele disse que depois, né? Que eles tiveram o relacionamento, ele deixou ele nu, apontou uma arma e mandou ele correr. Ele te contou isso?*

**Colaborador 2:** *Contou.*

**Colaborador 1:** *Ele era muito jovem. Daí ele aprendeu.*

**Colaborador 2:** *Ele ficava brigando muito com o Rafael. Porque o Rafael morreu drasticamente assim. Porque ele era acostumado a fazer isso. Eu já fui várias vezes pra praia e ele [Rafael] ficava com uns dois ou três numa noite com aqueles homens que chegavam naqueles transatlânticos da marinha.*

**Colaborador 1:** *Era promiscuo. Ele [Janaína] chamava ele [Rafael] de promiscuo. Ele dizia [Jaime]: isso é uma prostituta! [risos].*

**Colaborador 2:** *O Jaime não gostava. Ele já era mais assim... primeiro porque ele não podia levar ninguém pra casa dele, pra começar né? Porque ele morava com a irmã. Aí, os encontros que ele tinha, às vezes, era lá pela casa do Rafael mesmo.*

Dito isto, relaciono o silenciamento em torno da questão da aids ao status de peste, de doença moral e à vergonha advinda dessas atribuições. E como bem pontuou Pelúcio, “As travestis se viram logo associadas à essa cadeia em que homossexualidade, desvio e doença se relacionam” (PELÚCIO, 2005, p. 20), passando a compor o que denominaram “grupo de risco”, contribuindo ainda mais para o estigma que cerca a existência das travestis.

O teórico queer Warner (2000) fala sobre a relação entre a política da vergonha e prevenção do hiv. Nesse sentido, ele considera que as políticas de prevenção são centradas no sexo e que a sociedade contemporânea está diante do paradoxo que repousa sobre a urgência e impossibilidade das medidas, criando hierarquias prejudiciais de vergonha e elaborando mecanismos que reforcem essas hierarquias. Se o sexo é para ser feito dentro de um comportamento racional, o controle se estabelece como tentador. A prevenção do hiv dramatiza esse paradoxo e sua frustração para tal. Parece inacreditável, dentro dessa lógica de prevenção e racionalidade, que algumas pessoas ainda se contaminem. Antes, no início da década de 1980, parecia inocência, mas agora não haveria desculpas. Para o autor, a aids afetou mais aquelas pessoas situadas em baixos níveis da hierarquia de respeitabilidade e as políticas de prevenção se direcionaram para tolher o sexo ou uso de drogas, por exemplo, e punir aqueles que não parassem com tais práticas. Nesse sentido, o autor afirma que a aids é um dos mecanismos utilizados para reforçar o estigma da homossexualidade, daqueles praticantes do “sexo ruim”, já que os padrões de risco são moldados pela hierarquia da respeitabilidade. Por isso, políticas de moralismo punitivo se apropriam dos esforços de prevenção, fazendo com que os discursos moralizadores tomem conta da política de prevenção, prejudicando-a. Em sua concepção, o sistema de saúde amplifica as desigualdades.

## Os sapatos de Jaime

*Um dia que ele me chamou, ele disse: “Madinha, por favor, aluga um balão de oxigênio pra mim”. Eu disse: “Meu filho, não é assim, você sabe”. Ele tava em casa, não queria ir pro hospital de jeito nenhum. Eu disse: “Pra gente conseguir um balão de oxigênio tem que ser autorizado por um médico e nenhum quer, é um risco, se escapar muito não dá tempo de ser socorrido”. E ele disse: “Mas pro [Hospital] São José eu não vou”. [Angélica respondeu] “Você não vai pro São José. Vamos pro [Hospital] Messejana” [...]. Ele ficou internado de domingo a domingo. Ele já sabia que tava com câncer, ele era muito esclarecido. Ele sabia da situação dele real, da gravidade dele. Foi muito ligeiro. Você sabe que quem tem o hiv o sistema imunológico é em baixo, qualquer coisinha pode se agravar. A gente vê que geralmente ataca o organismo. Depois de uma gripe, pronto. Acho que o câncer já estava instalado e ele fumava. Às vezes, ele doente, eu chegava lá: “Eu não acredito, meu filho. Você ainda tá com essa ideia?” [se referindo ao cigarro]. Bebida alcoólica eu não tenho conhecimento de que ele gostasse. Era só cigarro. Ele [Janaína] usava um blazer quando ele foi enterrado. Foi a Celina quem escolheu. Parece que ele deixou dito qual a roupa que queria. Quem fez a maquiagem... como é o nome daquela menina? Era uma roupa bem discreta mesmo. Ele não foi travestido não, mas tinha a maquiagem. Ela [travesti amiga de Janaína] pediu até permissão e a gente disse: “Tudo bem, minha filha, não tem problema não”. Foi ela quem fez a maquiagem dele. Quando foi no domingo, ele se*

*internou e durante toda a semana, todo dia eu ia lá. Quando foi no sábado, eu fui cedo e disse: “Olha, amanhã eu não venho porque eu vou lá na mamãe”. Ele disse: “Tá certo”. Quando foi no domingo, doze horas, a Celina liga dizendo que ele queria que eu fosse lá. Eu disse: “Celina, eu tô saindo daqui uma hora, mas eu vou direto pra lá”. Ela ligou três vezes, ele insistindo pra que eu viesse. Na terceira vez ela disse: “Eu tô muito preocupada com ele. Eu tô achando que ele tá muito cansado, com falta de ar”. Quando eu cheguei lá ele tava sentado. Aí, eu falei: “Você tá cansado, meu filho. Vamos se deitar”. Ele disse: “Não quero deitar não”. Aí eu conversando com ele, ele disse assim: “E nós não vamos rezar não?”. Eu disse: “Vamos”. Aí, comecei a fazer uma oração, fiz a prece e tudo e no final da prece eu disse: “Eu agradeço Jesus com a oração que tu nos ensinastes” e comecei a orar o Pai Nosso. E ele acompanhando, falando. Quando chegou na segunda parte, “o pão nosso de cada dia que nos dai hoje” ele só disse o “perdoai” e parou. Nisso eu terminei a oração. O médico que tava lá... tava eu, a Celina, o enfermeiro e o médico. O médico tava bem de frente pra mim. Quando nós terminamos a oração, que ele parou e não falou mais, o médico olhou pra mim e disse: “Quer que reanime?”. Eu disse: “Ele já foi?”. Ele disse: “Ele parou”. “Reanime não, deixe ele em paz. Celina, o que tu acha?”. “Reanime não. Ele já sofreu demais, tá bom” [concordou Celina]. Aí, com um mês e quinze dias eu fui a Canindé e a Idália falou: “Tia, eu sonhei com o tio Jaimim”. “Foi? E o que ele dizia?”. “Ele dizia que a senhora pensava que ele nem tinha terminado a oração, mas ele orou até o fim. Ele terminou sim a oração e pediu pra que eu a avisasse. Ela nem sabia da história, a gente nem tinha se encontrado ainda. Pois é, o resto é só saudade. Mas consciente do dever cumprido. Um tempo desse eu sonhei com ele. Aí, eu perguntava: “E o quê que tu tá fazendo aí?”. Ele disse: “Agora eu dou palestra só que o meu público é diferente do seu”. Porque eu dou palestra na casa espírita, né? E ele continua dando palestra aos homossexuais que necessitam ainda de esclarecimento. A vida continua. Lá é só um prolongamento daqui.*

No relato acima, Angélica fala como foi o processo de adoecimento e morte de Janaína, narrando alguns detalhes desses momentos finais e criando significados oníricos e espirituais para a continuidade de uma missão de Janaína: “ajudar os homossexuais”, mesmo depois de morta. O relato de Mirtes, logo abaixo, também é repleto de significados espirituais sobre esse momento, como uma maneira de interpretar os fatos que não ao acaso:

**Eu:** A senhora estava presente quando ela faleceu?

**Mirtes:** *Sim, minha filha... Ela estava no Hospital Messejana. Ai eu tinha chegado, achei incrível isso, eu cheguei no dia 30 de janeiro do Mato Grosso, tinha passado dois meses, eu tenho parentes lá. Quando eu entrei em casa que eu ia passando em frente do telefone, eu botando as malas dentro de casa, o telefone toca e eu atendo, a primeira coisa que ela disse: “Mirtes, eu estou com câncer. Eu vou morrer”. Aí, eu: “O que é isso Janaína?”. Eu nem reconheci a voz, porque ela tinha uma voz bem característica. “Mas o que foi?”. Eu tinha saído daqui em novembro e ela ainda não tinha sido diagnosticada. Ela morreu com um diagnóstico recente de câncer no pulmão e é bem urgente esse câncer. Aí, eu disse: “Janaína eu vou na tua casa”. Ela disse: “Eu quero muito te ver”. Aí, a gente conversou muito, ela me mandou entrar no quartinho dela e eu nunca me esqueci de uma porta linda que ela elaborou todinha, que é como se fosse de colagem, parecendo uma colcha de retalhos. Aí, ela olhando, disse: “Fui eu que fiz, Mirtes”. Ai, ela balançando na rede. Aí, ela disse: “Mirtes, eu queria que você ouvisse uma coisa”. Aí, eu, sabe como que a gente tava tão tensionada, que eu acho que a gente tava evitando enveredar pro assunto do diagnóstico. Aí, eu escutei o texto e achei lindo*

esse texto, tão profundo. Aí, a gente ficou muito silenciosa. Até que ela disse: “Mirtes, eu queria te pedir uma coisa. Tu promete que tu vai ficar comigo no fim?”. “Fico, eu prometo”. Oh minha amiga, é comum a gente ouvir isso daí, sabe? Você ouvir pessoas jovens, por outras questões patológicas. Isso antecedeu um domingo, quando Chico me liga: “Mirtes, Janaína precisa ir pro Messejana. A irmã dela me ligou dizendo que ela tá passando muito mal”. Ele disse: “Vamos comigo?”. Eu disse: “Claro que vou”. Eu me lembrei do compromisso com ela. Também eu teria ido independente de compromisso algum. Ficamos a tarde toda com ela. Ficamos rodando com ela na cadeira de rodas e ela dizendo gracejos porque estava de cadeira de rodas com aquele cabelo dela, com a peruca e dizendo brincadeiras. Ela era muito descontraída. Isso foi num domingo e aí no domingo seguinte eu ainda não tinha encontrado o pessoal do meu grupo Girassol, eu tava dois meses fora, eu fiz um almocinho e iam algumas pessoas pra gente rever as questões. Quando a Celina liga, eu tava até pensando: “Será que na hora da visita vai dar pra eu ir olhar Janaína?”. Eu até tinha percebido uma coisa interessante, que na plaquinha tava escrito o nome dela de mulher: Janaína Dutra. A primeira vez que eu tinha visto isso. Eu disse: “Meu Deus, que reverência a ela”. Eu achei bacana. Aí, o pessoal tava lá em casa e eu fiquei agoniada. Ainda tentei conversar com o pessoal, mas não conseguia me ligar em nada. “Eu tô muito preocupada com Janaína que tá lá no Messejana e que não tá bem. Eu vou-me embora. Aí, então vocês me esperem que eu vou ver como é que tá a situação lá. Eu posso voltar ou não pro almoço”, disse e me mandei. Quando nós chegamos lá ela tava cansadinha, a irmãzinha do lado, o Chico chegou logo depois, ele foi uma presença muito importante, levou muito conforto a ela. Ela admirava muito o Chico, pessoas muito inteligentes, os dois. Aí, a Celina disse: “Ela não consegue dormir. Ela passou a noite todinha assim deitada, não respirava, aí, sentava, aí nós fomos lá falar com um rapaz da enfermagem pra ir vê-la. Aí, ela tomou um remedinho, aí eu fiquei em pé do lado da cama, peguei a cabecinha dela e disse: “Janaína, se acomode, vê se você consegue dormir”. Você acredita que ela dormiu profundamente? Minha linda, isso levou assim uns quarenta minutos, ela dormindo, as minhas costas doendo, mas eu não me mexo porque ela tá quieta, ela não dormiu e ela respirando bem forte, sabe? Aí, começou a passar uma chuva tão grande. Tinha umas mangueiras em frente e eu olhando as mangueiras banhadas, entende? Numa tarde tão bonita, aquilo tão súbito, mudou a cara do tempo. E ela dormindo um pouquinho. Aí, ela se mexeu e eu pedi pro meu amigo do Girassol que tava lá ligar pra minha casa e mandar botar a comida, mas ele disse que o pessoal não queria almoçar, só quando eu chegasse. Então eu achei que era uma indelicadeza não ir em casa. Aí, quando ela se mexeu eu disse: “Janaína, lá em casa tem umas seis pessoas que estão me esperando pra almoçar, então eu vou correndo lá, boto o almoço deles e volto”. Ela disse: “Vá não, Mirtes”. Ainda hoje isso dói em mim. “Não vai não, não vai não” [se emociona]. Aquele pedido dela. Mas... Aí, pode acreditar, eu entrei em casa, tal qual o dia em que ela ligou pra mim quando eu cheguei do Pantanal, e o telefone toca e o Chico diz: “Mirtes, a Janaína já foi”. Cara, mas foi horrível. Eu nem disse nada pro pessoal e sai de novo pro hospital. Nem me importei mais com o almoço do pessoal. Mas foi impressionante isso. Aí, me disseram, não sei, nunca questionei isso com ninguém, mas disse que a última palavra que ela disse foi o meu nome. Eu acho que aquela ideia da cabeça dela de que eu estava sempre junto de pessoas que estavam morrendo e ela sentiu que tava morrendo. Então, naquele momento pra ela eu era uma espécie de, sei lá, anjo anunciador da morte. De alguém que tinha uma intimidade com aquele momento. De lá, o Chico disse: “Olha Mirtes eu vou levar a Janaína pra ser velada lá no GRAB”. Eu fui antes. Tinha uma amiga dela, uma travesti de uma ONG de Sergipe, tinha vindo e que ia maquiá-la. Essa pessoa ficou lá, que era também um pedido dela. Eu fui com o Orlaneudo e nós varremos o espaço, botamos as cadeiras.

**Eu:** A senhora sabe por que ela foi velada de terno?

**Mirtes:** Não era bem um terno, era um blazer. Ela tava com o cabelinho bem pintadinho e com um blazer. Ela tava muito elegante. Ai eu fiquei a noite todinha lá

*junto do caixão. Nós colocamos umas músicas lindas de Enia, uns cds com o canto de pássaros. Nós botamos a noite inteira. E acendemos incenso a noite todinha. E, olha, na noite chegando aquelas criaturas, essas coisas que só um olho de poeta que vê, acho que ela achou lindo aquilo. Chegando na madrugada, aquelas meninas travestidas com aquelas roupas... que Janaína não era deselegante, as roupas dela eram elegantes, ela era uma mulher que se vestia bem, quando se vestia de menina. Então aquelas meninas chegando com os peitos de fora, as roupas... porque elas tavam na rua, coitadinhas, fazendo trottoir, trabalhadoras do sexo. Foram e ficavam lá. Iam só chegando, de madrugada. Oh meu Deus, a cena mais triste do mundo. Aquela história da maquiagem desmanchando com as lágrimas. Achei muito tocante aquilo, aquelas meninas chegando, chegando. E eu dizia: “Meu Deus, quem protegia essas criaturas? Quem defendia os direitos dessas meninas? Era a Janaína e não está mais aí”. Aí, vieram na noite, entravam, saíam, vinham outras. Não ficou muita gente na madrugada não. Ficou muita gente no outro dia, muita gente no Canindé.*

**Eu:** A senhora foi para Canindé?

**Mirtes:** *Fui. Eu fui no ônibus. Acho que foi do GRAB ou foi da funerária, não sei. Lotou aquele ônibus. Então, eu ia olhando o caminho, enfim... Eu ia olhando o caminho, quase que num reconhecimento. O carro da funerária ia na frente e o ônibus atrás. Era como se a Janaína fosse dizendo: “Olha, é por aqui, por ali”. Com aquela irreverência dela, elegantemente irreverente. Ela ia mostrando o caminho: “Olha, eu passei tanto por aqui. Isso daqui é o caminho da minha aldeia”. Havia uma coisa de felicidade de quem volta pra casa, entende? Impressionante! Depois do enterro o ônibus voltou com a gente. Eu fiz uma fala no ônibus, disse: “Poxa, ela tá mostrando pra gente os caminhos da aldeia” [Mirtes chora]. Ah uma coisa na morte de muita beleza, sabe? Assim, quando eu vejo as pessoas morrendo eu penso assim: “É como se Deus tivesse se despedindo desse corpo”.*

Mirtes narra os últimos momentos de Janaína em uma fala cheia de simbologias, encadeando os fatos da sua vida aos acontecimentos referentes à morte de Janaína, passando pelo diagnóstico de câncer pulmonar, que aconteceu por volta de novembro de 2003, até sua morte, em fevereiro de 2004. Janaína, sentindo a morte iminente, passou a se despedir, cercado-se de pessoas queridas, enquanto outras evitava. Tanto Mirtes quanto Angélica tiveram a presença muito solicitada por Janaína nos últimos dias: “Angélica evangelizou, catequizou os três irmãos que morreram”, disse Beliza, ou seja, esteve presente realizando orações nos leitos de morte deles. Já Mirtes desenvolvia um trabalho com os pacientes do Hospital São José, a partir do Grupo Girassol, que Janaína frequentava devido ao seu ativismo<sup>159</sup>, estabelecendo uma amizade próxima com ela. Janaína ficou internada no Hospital de Messejana por uma semana antes de morrer, embora tivesse relutado para não ir para o hospital, principalmente para o Hospital São José, como me relataram algumas pessoas. Sobre a recusa de internação nesse hospital, ouvi outras versões, algumas diziam que a recusa viria do grupo do qual Janaína fazia

<sup>159</sup> Mirtes participava de uma Associação de voluntários do Hospital São José, um segmento de uma ONG chamado Girassol, apoiando e dando assistência aos pacientes que estavam internados. Ela já foi presidenta e no momento da pesquisa era vice-presidenta.

parte, enquanto outras atribuíram a familiares. Essa negação de internar Janaína em um hospital de doenças infectocontagiosas pode ter se dado para não vincular o seu adoecimento com o hiv/aids. Pelo que percebi, o Hospital São José, referência regional nessas enfermidades, é cercado por estigmas no Estado.

Nos discursos sobre o processo de adoecimento de Janaína, foi recorrente apontarem maus hábitos como facilitadores da morte considerada precoce. As pessoas falaram repetidamente que Janaína não se cuidava, que ela fumava demasiadamente, que ela não se alimentava adequadamente, que ela viajava muito, que ela tinha uma vida corrida e que mantinha práticas consideradas arriscadas e prejudiciais, como ingestão de hormônios e a aplicação do silicone. Tanto a baixa do sistema imunológico como o desenvolvimento do câncer pulmonar fez com que Janaína tivesse tido uma morte sofrida, marcada nos discursos por duas doenças metaforizadas: o câncer e a aids. A primeira aparece com mais força do que a segunda, por meio de discursos repetitivos, causando um efeito de oficialização. Janaína morreu de câncer no pulmão, não de aids, me repetiram várias vezes durante a pesquisa. Para além da causa clínica que ocasionou a morte dela, irrelevante para a pesquisa, sobressaem as construções de significados de doença das quais Sontag (2007) falou, se encaixando perfeitamente em sua afirmação de que “a aids banalizou o câncer”.

Como comentado no tópico anterior, no caso da aids o doente é encarado como culpado e não como vítima. No entanto, alguns tipos de câncer também levam à culpabilização dos pacientes, principalmente quando hábitos pessoais estariam envolvidos, como é o caso do fumante que desenvolve câncer pulmonar. Nesse sentido, o adoecimento de Janaína pode ser visto como dupla culpabilização acrescida de vergonha, se constituindo em algo que devesse ser silenciado.

Conceição disse que Janaína trabalhou até quando não pôde mais, por volta do mês de novembro, quando começou a cancelar viagens e participação em eventos. Mesmo quando descobriu que seu estado era terminal e ficou à base do balão de oxigênio no hospital, Janaína teria escondido da família a gravidade, fingindo que estava bem na presença deles e de amigos: “*Mas ele, quando ele via a gente, ele levantava no olhar, ficava despistando*”, disse Conceição. Beliza considera que Janaína foi muito otimista, espirituosa, que não queria que ninguém sofresse por causa da doença dela, principalmente a mãe. No entanto, quando Dargenira foi visitá-la no hospital, Janaína pediu perdão por algo que possivelmente a teria magoado e pediu sua bênção, como se se despedisse.

Narrando sobre os momentos que antecederam a morte de Janaína, Beliza aponta ainda algumas atitudes dela como uma espécie de afirmação da masculinidade perante os familiares:

**Beliza:** *Quando eu tava com ele no hospital o enfermeiro disse assim: “E aí, a bichinha quer tomar uma sopinha?”. E ele: “Respeito! Não tem bichinha aqui não”, (risos). Eu ficava achando graça porque o cara queria deturpar as coisas e a gente tudo lá (risos). Com a Celina ele era o pai dos meninos da Celina.*

É sabido que Janaína teve sua travestilidade reconhecida no leito do hospital, onde constava o nome Janaína Dutra. Pelo que tudo indica, a conquista do apartamento na área de pneumologia do Hospital de Messejana se deu por intermédio do GRAB, que teria pleiteado esse tratamento no feminino. O mesmo não se repetiu no atestado de óbito e no jazigo de Janaína. No atestado, por razões compreensíveis: Janaína não realizou o procedimento jurídico de mudança de nome civil, portanto, oficialmente chamava-se Jaime. No jazigo, a família optou também por usar o nome de registro, provavelmente pelo não reconhecimento da sua travestilidade.

Janaína morreu no meio de uma tarde chuvosa de domingo, foi velada a noite inteira na sede do GRAB e, no dia seguinte, levaram seu corpo para Canindé. O carro da funerária com o corpo de Janaína foi à frente, acompanhado pelo seu grande amigo, Álvaro, seguido por um ônibus providenciado pelo GRAB, repleto de amigos e militantes, como narrou Mirtes. Em Canindé, o corpo de Janaína foi velado na manhã de 09 de fevereiro na casa da sua irmã Beliza, como uma decisão familiar para poupar o pai de tamanho sofrimento ao receber mais “um filho” morto em casa, ele próprio já bastante debilitado. Segundo algumas fontes, depois da morte de Janaína, Jaime Sampaio nunca mais andou e teve seu estado de saúde agravado. Porém, ao contrário do que temiam, os pais, já bastante idosos, se despediram serenamente de Janaína: “*Ele [Jaime Sampaio] ficou conversando com o Jaime [Janaína] como se o Jaime ali estivesse, falando que ele era um filho abençoado, que ele só tinha dado a ele alegria. Ele dizia: ‘abençoo você meu filho, eu vim só lhe dar a benção’*”, disse Erlania.

O curta-metragem de René Guerra (2008), *Os Sapatos de Aristeu*, retrata a morte de uma travesti. No filme, quando isso ocorre, as amigas preparam o corpo dela para ser enterrado, fazem maquiagem, colocam um vestido com lantejoulas, elaboram um penteado. No entanto, o corpo é levado para casa da família, que pretende enterrá-la como Aristeu, o nome atribuído no nascimento. A mãe desfaz todo o trabalho das amigas, tira a roupa, a maquiagem, corta os longos cabelos e veste o corpo com uma

roupa tida como masculina, camisa e terno, tirados do armário. A mãe não quer que ninguém de fora do ciclo familiar participe do velório, principalmente “aquela gente”, se referindo às amigas travestis. Elas, no entanto, partem em romaria para se despedir da amiga. Enquanto a mãe reza, a irmã maldiz a travesti por ter feito a família passar tanta vergonha, as amigas travestis estão na porta pedindo para entrar, com os sapatos de salto na mão, símbolo de uma feminilidade expurgada pela família. Quando as amigas finalmente entram, encontram o corpo adequado ao que a família entende como masculino, mas calçam os sapatos que levaram, estabelecendo conflitos com as normas de gênero.

Salvo alguns detalhes, essa história estabelece similitudes com a morte de Janaína. Vejamos o discurso de uma das irmãs, Erlania, no velório de Janaína:

*Dr. Jaime César Dutra Sampaio, Advogado das causas civis, pessoa extremamente caridoso, culto, carinhoso, de espiritualidade muito elevada, corajoso, até mesmo para se assumir na sua particularidade, batalhador incansável em prol das causas daqueles que precisavam de sua defesa. Peço emprestado à mamãe quando ela nos ensina dizendo que: a vida é um dever a ser cumprido, uma dor a suportar e um apostolado a exercer. E você meu irmão viveu e cumpriu o seu Dever, suportou com paciência e dignidade a sua Dor e exerceu muito bem o seu apostolado. Embora você não fosse pai, deixou órfãos seus filhos: Helano e Lívia. Agradeço à Deus por ter-nos dado você meu irmão caçula e hoje devolvemos a Vos Pai Amoroso, receba-o. Deus lhe abençoe! Te amo! Até um dia meu Irmão! Adeus!*

Ao nascer, Janaína recebeu a atribuição masculina, foi batizada com o nome do pai. Cresceu, saiu de Canindé e construiu uma feminilidade peculiar, se identificando com a travestilidade. Nesse sentido, passou a adotar uma identidade feminina, incluindo a mudança corporal e nominal. No entanto, quando Janaína voltou para casa, morta, aquela feminilidade foi parcialmente negada pelos familiares e conterrâneos. É como o advogado caridoso e incansável que Janaína é retratada nesse momento final. É como Jaime César Dutra Sampaio que Janaína foi eternizada no jazigo. Além disso, a foto que escolheram para colocar no jazigo retratava Janaína mais nova, com roupas tidas como masculinas, camisa azul, provavelmente antes das transformações corporais, com uma imagem considerada indefinida em termos de rigidez de gênero. Outro elemento que figura no túmulo de Janaína é uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes. Segundo me falaram alguns familiares, ela era devota dessa santa, bem como do Menino Jesus de Praga, operando também um retorno aos valores de origem, como o catolicismo.





Imagens: Jazigo de Janaína no cemitério de Canindé.

Com relação à roupa que Janaína vestia, me relaram que ela estava vestida com um blazer. Nas palavras de Angélica, ela estava “discreta”, não “travestida”, apesar de ter sido maquiada por uma amiga travesti, Luciana, seguindo um desejo da própria Janaína. Essa maquiagem não diz respeito apenas àquela geralmente feita em defuntos velados com o caixão aberto, como forma de deixar a aparência de ausência da vida amena. Era uma maquiagem que corresponderia ao que se entende por feminina. Pelas fotos que me mostraram do velório, era uma maquiagem muito sutil, suave. Por cima do caixão, tinham algumas faixas e uma bandeira do GRAB.

Jayme Neto foi uma das pessoas que questionaram o motivo “do tio” ter sido enterrado com aquela roupa considerada masculina. Esse foi um assunto que sempre o instigou, mas ele achava que não era permitido falar, por isso nunca ousou perguntar antes da oportunidade ocasionada pela pesquisa:

**Jayme:** *Pediram para colocar como homem ou como mulher? Por que ele foi enterrado como homem, como uma figura masculina? Ninguém pediu pra vir de homem? Eu sempre me perguntei isso.*

**Erlania:** *Não. Quem levou a roupa dele foi o menino, o Álvaro.*

**Jayme:** *Eu achava que alguém tivesse pedido. Eu não tinha perguntado antes porque que eu não sabia se era um tema que podia falar.*

**Erlania:** *Deixa eu ver agora, eu nunca tinha visto [pega a foto para ver]. E ele tava pintado, fizeram uma maquiagem.*

**Jayme:** *Mas tá tão andrógino também, tão natural, porque ele tava com uma maquiagem feminina, o rosto com um semblante tranquilo, a única coisa masculina que tinha era o terno, não era um vestido, por exemplo. Mas o rosto a gente nota que é feminino.*

**Eu:** *Quem escolheu a foto do jazigo?*

**Erlania:** *Do santinho? Foi a mamãe.*

**Jayme:** *Do jazigo? No jazigo tem foto? Eu nunca fui lá*

**Erlania:** *Foi a Beliza. E a foto da lembrancinha foi a mamãe. A mamãe disse: Ele era assim, assim ele vai ser.*

Sobre os santinhos distribuídos no velório de Janaína, um foi fabricado pelo GRAB e outro pela família, ambos com a mesma foto, porém com frases diferentes. O

da família tinha o nome Jaime César Dutra Sampaio, enquanto o do movimento usava Janaína Dutra<sup>160</sup>. Aquele teria sido o primeiro contato com a identidade feminina de Janaína para muitas daquelas pessoas que estavam no velório, que antes nunca tinham ouvido falar desse nome. No entanto, aparentemente os santinhos com nomes diferentes circularam naquele meio sem grandes conflitos.

Conflitos teriam aparecido somente quando Erlania foi a uma igreja católica pedir ao padre que rezasse a missa de sétimo dia de Janaína, quando ele então se recusou com a justificativa de que Janaína não era “nem homem, nem mulher”:

**Erlania:** *Eu ainda briguei, depois da morte dele, com um padre lá em Canindé. Eu não gosto de injustiça não, eu gosto da justiça. O Jaime morreu aí a mamãe queria a missa de sétimo dia. Aí, eu fui falar com o padre que era o vigário. Aí, quando eu cheguei lá na igreja eu queria marcar a missa aí ele foi me chamou e disse assim: “Olha, eu não posso marcar missa pro seu irmão não porque eu escutei alguns comentários”. E eu disse: “Sobre?”. [O padre respondeu:] “Você tem que convir que ele nem era homem nem era mulher”. Aí, aquilo mexeu com meu brio, né? Aí, eu disse assim: “Escute, acima de tudo ele é um filho de Deus. E na missa tem uma parte que diz assim: não olhei os vossos pecados, mas a fé que anima vossa igreja. Então, a fé que ele tinha, que ele era até devoto do Menino Jesus de Praga, costumava fazer o bem, mais até que o senhor, ele merece ter uma missa”. Aí, eu cheguei pertinho dele e disse assim: “Então sendo assim eu tenho que trocar a moeda porque o que me falaram a respeito da sua sexualidade...” Ele: “Olha, marca a missa dele aí, vê a hora que ela quer” (risos).*

Depois da morte de Janaína, seus pertences pessoais foram divididos entre as irmãs e a mãe. Eram coisas sem valor monetário, diziam, mas que possuíam grande carga sentimental. Eram livros, CDs, bijuterias, roupas, fotos, colagens, poesias e demais objetos, entre eles a porta, que atualmente está com a irmã que mora em São Paulo, que, junto com o filho, a restauraram, a colocaram em uma moldura e uma proteção de vidro. Álvaro ficou com as roupas, os vestidos e doou também para outras “travestis e viados”, segundo ele, porque não gostava de “usar roupa de mulher”.

Alguns familiares me relataram que Janaína repetia com frequência durante o período em que estava doente os seguintes versos, atribuídos a Santo Agostinho, demonstrando que ela se preparou para a morte e que tentou preparar seus entes queridos, pedindo conformação e serenidade:

A morte não é nada. Eu somente passei para o outro lado do caminho. Eu sou eu, vocês são vocês. O que eu era para vocês, eu continuarei sendo. Me dêem o nome que vocês sempre me deram. Falem comigo como vocês sempre fizeram. Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas. Eu estou vivendo no mundo do Criador. Não utilizem um tom solene ou triste, continuem a rir daquilo que nos fazia rir juntos. Rezem, sorriam, pensem em mim. Rezem por mim. Que meu nome seja pronunciado como sempre foi, sem ênfase de nenhum tipo, sem nenhum traço de sombra ou tristeza. A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado. Porque eu estaria fora de seus pensamentos agora que estou apenas fora de

<sup>160</sup> Sobre o que tinha escrito no santinho do GRAB já retratei no capítulo 2.

suas vistas?Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do Caminho. Você que aí ficou, siga em frente, a vida continua, linda e bela como sempre foi.

Janaína, sempre que lembrada, tem sua origem destacada, é uma travesti do interior nordestino fortemente marcada pelo catolicismo popular. Nos discursos sobre a morte, essa origem é resgatada e a própria Janaína efetua um retorno, não só fisicamente ao ser enterrada em Canindé. Ela cita com frequência Santo Agostinho, uma referência cristã, morre rezando um terço e tem sua santa de devoção figurando em seu jazigo. Todo o ritual católico foi realizado, velório, orações, louvores e missas.

Quando Janaína morreu, ela estava no auge do ativismo, tinha chegado a posições inéditas para uma travesti, estava se estabilizando financeiramente, tinha muitos planos e vontade de viver. Esses elementos tornam sua morte ainda mais trágica. Um clima de tristeza se generalizou, não somente entre seus familiares. Mirtes narrou como foi a madrugada em que Janaína estava sendo velada na sede do GRAB, quando as travestis que se prostituíam na noite entravam para se despedir, tomadas por grande comoção, desamaparadas por aquela que lutava pelos seus direitos. O cortejo de Fortaleza para Canindé também demonstra a mobilização coletiva em torno da morte de Janaína.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas interpretações sobre a experiência de vida de Janaína podem ser feitas além das que construí ao longo do trabalho. A partir das falas das/os colaboradores da pesquisa e da própria Janaína, foi possível construir uma dada versão, que se apresenta de forma a fornecer uma compreensão de como se deu essa vivência em meio à heteronormatividade.

Para além da questão de ser a “primeira travesti advogada no Brasil”, Janaína era “mariquinha”, travesti, nordestina, interiorana, “aquela que ninguém imaginou que fosse fazer história”, como mencionou uma das suas irmãs. Como entender o desenrolar dessa vida? Como Janaína se tornou “respeitável”? É possível apontar que o reconhecimento de Janaína como uma travesti de destaque foi construído nos discursos, centralmente, via educação e trabalho formal, a partir da sua inserção em instituições tradicionais. Para tanto, apontaram capitais culturais que facilitaram as posições que ocupou, principalmente advindos da mãe educadora e da família tolerante.

Percorrendo esses caminhos da experiência de Janaína, foi possível perceber como ela foi adentrando nesse sistema excludente, se inserindo em redes, se apoderando de condições sociais para legitimar e fortalecer sua atuação, a partir de um lugar considerado pioneiro e exclusivo. Janaína se interpretava e interpretava o mundo ao seu redor, refletia bastante sobre sua vida, buscava explicações para a sua “diferença”. Ela analisava sua posição na família, de “filho caçula protegido”, bem como a posição dos demais, da mãe acolhedora/educadora, das irmãs protetoras, do pai tolerante, mesmo que permeado por valores machistas, dos irmãos conservadores, do silêncio de todos quanto à sua “diferença”, de preconceitos sutis de alguns e da reprovação escancarada de outros, analisava a sua posição de ativista e formação religiosa, questionando certos valores que sentia como opressores. Com algumas falas pessoais de Janaína, foi possível perceber que ela encarava certa tensão entre ser marcada socialmente como um ser abjeto frente às normas de gênero e ocupar uma posição privilegiada entre esses sujeitos também identificados como travestis: “ela era uma travesti diferenciada”, tornou-se um sujeito político relevante, lembrado, enaltecido em alguns meios.

Em discursos sobre ela e nos seus próprios, percebi classificações, hierarquizações, por exemplo, em relação a comportamentos tidos como “corretos” ou “incorretos” guiados por parâmetros morais. Janaína assumia e era colocada em

distanciamento à prostituição, tinha formação educacional e profissional, opunha-se a estigmas da marginalidade. Nota-se também, como se estivesse andando em corda bamba, que ela realizava aproximações dos discursos institucionais, ao mesmo tempo em que desconfiava da eficácia de políticas públicas e do papel do Estado. Com relação ao âmbito jurídico, Janaína rejeitava as normas que a oprimiam, mas fez uso do status da advocacia como forma de controlar o estigma, a vergonha, a abjeção, a injúria, a violência e levou adiante a estratégia de acionar as leis e a perspectiva de Direitos Humanos para denunciar discriminações e exigir reconhecimento da cidadania a indivíduos marginalizados, a partir da concepção de direitos iguais. Janaína reivindicava a aceitação da diversidade, a “inclusão social”, o respeito e a dignidade. Nesse sentido, é possível considerar que ela, com experiência marcada pela abjeção, utilizou-se dos mesmos discursos que insistem em repudiá-la? Assim, cabem ainda as perguntas de Butler (2008), nos termos: é possível uma luta contra os discursos hegemônicos? Como os seres considerados abjetos podem lutar contra discursos que os repudiam?

Scott (2005) chamou atenção para os termos usados em protestos contra a discriminação que, ao mesmo tempo, “recusam e aceitam” as identidades sociais sobre as quais a discriminação se baseia. A esse impasse, ela chamou de *paradoxo*, presente, por exemplo, entre os termos igualdade e diferença, desembocando em uma questão sem resolução. Nesse sentido, o discurso de Janaína seria “paradoxal”. Visando acabar com a discriminação, chamou a atenção para a diversidade, a abraçou em alguns momentos e a rejeitou em outros. De um lado, visou tornar a identidade de grupo irrelevante no tratamento com os indivíduos (antes de serem travestis são cidadãs), por outro ela reificou a identidade de grupo, reivindicando o status de “travesti cidadã”, um discurso construído para garantir a igualdade completa perante a lei.

A análise da experiência de vida de Janaína, em meandros heteronormativos, possibilitou entendimentos sobre o funcionamento de mecanismos sociais de intervenção e direcionamento que a controlaram por meio de imposições e normatizações da sua existência, exercendo influência em sua socialização e construção da subjetividade. No mesmo passo, Janaína negociava com as normas presentes nessas instâncias, criando estratégias de enfrentamento que também abarcavam conformidade, seja na família, no meio educacional, profissional, nos relacionamentos afetivos, no ativismo, com o Estado, inserida em dinâmicas sócio-históricas, em um constante jogo de “(des)encaixe” moral, driblando a culpa, a vergonha, o medo, o estigma, a abjeção.

Construí uma “narrativa de vida”, seguindo uma “intenção biográfica”, mais do que uma “história de vida” ou uma biografia, estabelecendo um nexos entre *narrativa*, *memoração* e *recomposição do sujeito* (KOFES, 2001). O trabalho de narrar sobre a experiência de vida não significa revelar uma “verdade” do sujeito, mas a convergência de várias interpretações (SCOTT, 1999). Nesse emaranhado, o pessoal e o social estão imbricados um no outro, expressos em narrativas inescapavelmente históricas.

Nem sempre as categorias sociais disponíveis são suficientes para abarcar a experiência dos sujeitos. No entanto, espero que estes esforços de compreensão da experiência múltipla de Janaína, via categorias analíticas, estejam delineados nesta tese. Janaína foi a personagem escolhida para figurar no centro das narrativas, de onde parti para contar histórias sobre diversos fenômenos sociais, sobre normas regulatórias do gênero, sexualidade, prazeres sexuais, religião, regionalidade, movimentos sociais e construção de figuras públicas em um processo de afirmação de valores e referências, na medida em que determinados feitos foram enaltecidos e sua vida construída como algo extraordinário, passando por um processo de construção da memória.

Os estudos queer foram tomados como base teórica porque desconfiam dos sujeitos tidos como estáveis, indo na contramão dos processos sociais de classificação, de hierarquização, de normatização, bem como das teorias sociais hegemônicas. Nessa perspectiva, o sistema moderno da sexualidade, tal como abordado por Foucault e Butler, passou a ser encarado como um conjunto de saberes e práticas que estrutura a vida institucional e cultural da atualidade. Nessa linha, busquei, também, perceber como operam discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista, mostrando artificialidades, arbitrariedades e imposições que possuem influências diretas na vida dos sujeitos.

Nesse processo de compreensão muitas tensões foram acentuadas, por exemplo, entre as noções de identidade e de pós-identidade, identidade individual e identidade de grupo, dignidade e abjeção, entre igualdade e diferença, etc., as quais se apresentam como paradoxos irresolúveis (SCOTT, 2005). As tensões são resultados diretos das não classificações, uma maneira de evitar reducionismos e uma plena consciência de que não existe resposta autoevidente para as questões. E como Janaína mesmo falava, ela não tinha contexto, não tinha definição, ela era metamorfose, era ambiguidade, ela era aquilo que os olhos dos outros viam, aberta a interpretações. Não construí a vida de Janaína nessas linhas, e nem a reconstruí, porque essa pressupõe a primeira. Eu criei,

narrei, ouvi, colecionei narrativas, fiz colagens sobre a experiência dela seguindo o intuito de compreendê-la. Os olhos de cada leitor formarão uma Janaína, ou várias.

A partir do final da década de 1980, quando Janaína começou seu processo de travestilidade (aqui entendido como contínuo, incessante, irregular), se tornou possível uma maneira de ser travesti mais distante da abjeção: a travesti militante, engajada politicamente, agente de prevenção que atua em projetos, associações, órgãos públicos. Esse modelo não excluiu outras experiências, que passaram a conviver, inclusive na mesma singularidade: a travesti prostituta, a travesti artista, a travesti trabalhadora formal. Favorecidas por esse contexto, passaram a surgir, de forma tímida, possibilidades de atuação que viabilizam um afastamento da abjeção. Janaína, de certa maneira, personificou esse protagonismo, junto com outras travestis tidas como “pioneiras” em algum aspecto, seja na militância<sup>161</sup>, em cargos públicos<sup>162</sup>, no meio artístico<sup>163</sup> e mesmo na academia<sup>164</sup>.

Longe de portar características inatas e essenciais de excepcionalidade, Janaína percorreu um longo construto social na sua vivência: tornou-se advogada, tornou-se travesti, tornou-se ativista, se beneficiando da conjuntura histórica, social, familiar. O fato de ter enfrentado a abjeção da travestilidade em uma fase pós- formação educacional e profissional facilitou sua inserção em espaços formais. Janaína transformou-se em “um exemplo”, uma “heroína” para as demais travestis, um “ícone” que deve ser constantemente lembrado, louvado, como é de praxe no movimento de travestis e transexuais tão carente de referências. Em contrapartida, o “exemplo” que Janaína representa também demarca e reforça a abjeção daquelas que, por alguma razão, não estão nesse patamar. O discurso de exaltação estabelece fronteiras, elege condutas, salienta estigmas, colocando as marginalizadas no alvo das injúrias, incrustando sua experiência nas malhas do discurso hegemônico, exemplo usado seja para louvar, seja para rechaçar.

Por mais que não percamos de vista esse potencial reafirmador da norma, é importante destacar que a imagem construída de Janaína como ícone, embora colada em um modelo moral de respeitabilidade que conduz um modo de ser travesti “digna e correta”, possui um potencial questionador, em sua experiência, em seu corpo

---

<sup>161</sup> Jovanna Baby é tida como a travesti pioneira no movimento social de travestis e transexuais brasileiro.

<sup>162</sup> Katia Tapety é tida como a primeira vereadora travesti no Brasil. Para análise sobre essa trajetória, ver Fabiano Gontijo (2014).

<sup>163</sup> Welluma Brown, ex-chacrete, Cláudia Wonder, Thelma Lipp, entre outras.

<sup>164</sup> Luma de Andrade é tida como a primeira travesti doutora no Brasil, também cearense.

culturalmente lido de forma discordante daquela que reivindicava para si, em seu discurso que cultivava a ideia de “ambiguidade”, de não ser “nem mulher, nem homem” ou de ser “mulher e homem”<sup>165</sup>, passando por constantes intervenções, não somente físicas, mas mudanças que ferem a rigidez dos gêneros marcadamente como dicotômicos e excludentes.

Ao longo do trabalho, apresentei algumas narrativas que constroem a experiência de Janaína. De uma forma geral, elas estão assentadas em uma referência central: o pioneirismo. Janaína é tida como a “primeira travesti advogada no Brasil”, construída como um ícone, uma exceção em meio à experiência da travestilidade em nosso país. Nessa construção, sua origem é resgatada, pois ser nordestina, do interior do Ceará e de uma cidade marcada pela religiosidade acentua os ares de excepcionalidade a esse título. A harmonia e o apoio familiar também compõem essas narrativas. A afetuosidade da mãe e sua formação educacional contribuíram na construção das narrativas que identificam Janaína como uma pessoa ligada ao conhecimento, ao saber. Há também muitas narrativas que perpassam essa experiência na forma de silenciamentos, constituindo memórias subterrâneas, não-ditos, entendidos como grandes reforçadores da imagem higienizada, moralmente correta que foi construída da ativista travesti exemplar, da “boa cidadã”. Inclusive, a própria ideia de travesti advogada implica em silenciamentos. Como exposto, Janaína iniciou seu processo de travestilidade quando já exercia a advocacia e, por mais que tenha atuado na área jurídica como travesti que se tornou, não foi reconhecida pelo conselho profissional em sua feminilidade reivindicada.

Discuti ainda outros silenciamentos mais difusos, como envolvimento amoroso, o processo de transformação corporal, adoecimento e morte. No geral, é possível afirmar que cada pessoa que participou da pesquisa, a partir da sua posição, constrói uma visão da Janaína Dutra, da Jana, do “Jaiminho”, do “tio” referência para homossexualidade, do “tio”/“pai” educador, do Doutor Jaime, do ícone, da “mãe”. Assistimos então um sujeito constantemente marcado por discursos que negam a multiplicidade e reafirmam as “duplicidades de gênero”<sup>166</sup>. Nesta tese, entendi o gênero,

---

<sup>165</sup> O próprio entendimento acerca da travestilidade por Janaína assinalava para uma concepção de certa forma reduzida a uma polaridade de gênero (macho/fêmea), mas que pode resultar em questionamentos da norma: é aquela que abriga o macho e a fêmea no mesmo corpo, apontando para uma androginia, um outro lugar, outra experiência que não a masculina ou a feminina, aquela que tem uma “experiência afrontosa”, ou seja, desafiadora da heteronormatividade.

<sup>166</sup> As narrativas insistiram em marcar uma dualidade masculina/feminina na experiência de Janaína, por exemplo, sua irmã Erlania deu a seguinte declaração: “Por ele ser travesti ele... a alma dele, como ele se



centralmente, como normas que operam verdades e essências na vida dos sujeitos, performativamente (BUTLER, 2003). Além disso, como bem nos informa Lauretis, em perspectiva foucaultiana, o gênero deve ser pensado como um produto e um processo de certo número de tecnologias ou aparatos biomédicos, levando em consideração os apelos diferenciados de sujeitos masculinos e femininos. *As tecnologias do gênero* e os discursos institucionais constroem as representações do gênero.

Os termos para uma construção diferente do gênero também existem, nas margens dos discursos hegemônicos. Propostos de fora do contrato heterossexual, e inscritos em práticas micropolíticas, tais termos podem também contribuir para a construção do gênero e seus efeitos ocorrem ao nível “local” de resistências, na subjetividade e na auto representação (LAURETIS, 1994, p. 228).

A partir dos relatos que ouvi, Janaína, como advogada, teria atravessado alguns conflitos, sendo alvo de discriminações, contribuindo para sua recusa e afastamento da profissão. Seu comportamento e sua aparência, cada vez mais interpretada como feminina e imprópria, infringiam os valores e normas da área jurídica, do sistema de gênero. O relativo insucesso inicial nessa profissão ilustra como travestis possuem uma difícil inserção e permanência em espaços normativos e formais de trabalho, que as expurgam por não corresponderem às normas hegemônicas de gênero, relegando-as ao âmbito da abjeção completa. No ativismo, Janaína teria se reconectado com a advocacia, quando foi incentivada a retornar a partir da atuação em causas relacionadas aos direitos humanos, se inserindo em discursos hegemônicos presentes em agendas do movimento LGBT orientados pela perspectiva integracionista, pela conquista de direitos, pela tentativa de alargamento do círculo da cidadania, ressurgindo como uma “autêntica” travesti profissional do Direito. É possível notar como sua carreira profissional, militante, vai se apoiando na particularidade da conjuntura simbólica e política.

Em grupos militantes LGBT Janaína teria “purificado” aspectos estigmatizantes da sua experiência, racionalizado sua diferença, minimizado a mácula da travestilidade, buscado uma localização social como maneira de elaborar, explicar e entender a sua identificação como travesti. O movimento fornece instrumentos para a construção de uma identidade política da travesti, passando pela forma de falar, agir, pensar, se vestir, enfim, de todo um código de conduta, gestual e de expressão de sentimentos, contribuindo para a construção de uma “nova performance, ao mesmo tempo política e higiênica” (CARVALHO, 2011, p. 103). Nesse ponto, Janaína se apresenta como uma

---

sentia, era feminina. Mas na determinação, ele era muito masculino, ele era muito forte, ele era: ‘tem que ser assim, é desse jeito!’. Ele era muito determinado. E era isso que eu achava bonito nele, a inteligência”.

“travesti diferenciada”, uma “travesti digna”, uma “travesti de respeito”, na medida em que se distancia de outros estigmas que potencializam a abjeção da travestilidade: a prostituição, a criminalidade, a “bagaceira”, como ela costumava nomear. Janaína não era uma “bicha louca” (MACRAE, 2011) ou uma “puta” (CARVALHO, 2011), mas uma “respeitável militante”. É de conhecimento que ela era crítica à prostituição quando exercida de maneira considerada compulsória, como única alternativa, militando para apresentar outra possibilidade profissional às travestis.

Janaína tinha plena consciência que ocupava um lugar privilegiado em relação à maioria das travestis, o qual via com desconfiança. Como disse Vale no documentário de Almeida (2011) ela era uma “*mestre na suspeita*”, pois questionava sua própria inserção acadêmica e profissional. Ela apropriava-se dessa representação para dar voz a outras travestis, como em um jogo de se utilizar do lugar do privilegiado para “dar voz” aos subalternos. Embora se considerasse *uma pessoa discriminada, era muito privilegiada socialmente*<sup>167</sup>, dando margem para pensarmos ainda na concepção de exclusão/inserção de travestis na nossa sociedade como uma via de mão dupla (mesmo sendo um sujeito considerado “desviante”, quanto mais padronizado for, mais respeitado e inserido será).

O contexto da experiência de vida de Janaína, como ela bem observou, foi marcado pela passagem do *glamour* para a política. O glamour vinculado ao âmbito artístico, que também é uma forma de “purificação” do estigma que cerca as travestis. Seria uma forma, digamos, anterior em relação à politização via movimento social. É necessário frisar que essas categorias que nomeiam a tese não foram empregadas de forma estanque e “evolucionista”, como se uma forma de política substituísse temporal e substancialmente a outra. Utilizei-as como uma forma de compreender uma realidade que opera com esses termos para dar sentido às suas experiências. A participação de Janaína nos concursos de Miss Gay, por exemplo, estão aí inseridas, de forma tão legítima quanto a participação em políticas estatais. Tanto o glamour como o ativismo são eixos nos quais a experiência dela pode ser situada, como possibilidades de existência e de reconhecimento, somados à sua formação acadêmica e profissão jurídica, inserida em um cenário social favorável para a atuação, por tudo já exposto, de criação e financiamento de políticas públicas voltadas para travestis e transexuais, motivadas pela criação de respostas para a epidemia da aids.

---

<sup>167</sup> Frase retirada do documentário de Almeida (2011).

Quando criança, a “diferença” de Janaína era relevada, tida como típica de uma fase passageira ou como expressão de uma criança travessa e criativa. A rigidez com que os irmãos eram tratados pelos pais foi exercida sobre ela de forma mais frouxa, sendo protegida até mesmo quando adulta. Com a persistência dessa “diferença” na adolescência, os pais recorreram aos discursos oficiais e autorizados para “resolver o problema” ou “encontrar uma explicação” para a “anormalidade”. Ao sair do interior para a cidade grande, Janaína ampliou seus horizontes educacionais e de vivência da homossexualidade. O afastamento da família e da lógica em que cresceu em Canindé, a vida na nova cidade grande, a formação universitária, teriam possibilitado um distanciamento dessa socialização digamos primária, uma frouxidão de valores, uma liberdade para criar e expressar sua “diferença”. Janaína desestabilizou as lógicas da sua família, do seu lugar de origem, da religião. No entanto, nunca foi um rompimento, caracterizando mais como afastamentos e aproximações, culminando em um retorno nos momentos finais. Em Fortaleza, Janaína concluiu os estudos secundários, se graduou, se tornou um “doutor” (status de “advogado”), viveu relacionamentos amorosos, construiu sua travestilidade, militou em causas homossexuais e de travestis e transexuais.

Dei ênfase à família pelo fato de que, através de elementos presentes nessa esfera de socialização, é possível compreender como Janaína lidou com certas questões referentes à sua orientação sexual, à sua travestilidade, às imposições referentes à profissão, por exemplo: a mãe educadora, sensível, os valores cristãos de tolerância, poucas cobranças de correspondência aos padrões de masculinidade pelo pai, socialização entre irmãs. O ambiente familiar relativamente tolerante, a busca pelo crescimento espiritual, pensamentos religiosos de forma a buscar entendimento sobre a existência, a realização de atividades artísticas e poéticas também foram maneiras de efetuar uma autoanálise, uma terapêutica, um extravasamento de angústias. Ter deixado a cidade interiorana e se disposto a descobrir novos lugares por meio de viagens e aprendizado de outras línguas, relacionamentos amorosos com pessoas intelectualizadas, espiritualizadas, junto com o ativismo, constituem esse caminho trilhado por Janaína em meio à heteronormatividade.

Acompanhando falas a seu respeito é tentadora a ideia de construção de uma trajetória linear, iniciando pelo Jaime César/Jaiminho que nasceu e viveu os primeiros anos em Canindé, rodeado por familiares em perfeita harmonia. Nessas narrativas, os elementos de masculinidade vão dando lugar a uma androginia sutil, aparecendo a concepção de homossexualidade ou “afeminamento”. Nos discursos sobre a sua

juventude, a feminilidade ganha cada vez mais espaço. A construção da travestilidade caminha lado a lado com o ativismo e a formação do ícone como uma maneira de coroar essa existência, principalmente depois da morte. Esses elementos trazem a ideia de um sujeito “certinho” que vai transgredindo normas, mas que, dentro desta “subversão”, vai buscando maneiras de se encaixar nas próprias normas que visa desestabilizar. Nesse processo, as linearidades são inexistentes, dando espaço mais às vivências das multiplicidades. Nenhuma dessas transformações acontece de forma cronológica e estanque, os elementos se misturam sem demarcar um início, uma passagem ou um fim.

O que faz Janaína ser lembrada até hoje? Realizei essa discussão nos capítulos iniciais, levantando alguns elementos da vida de Janaína que são resgatados depois de sua morte. Muitos deles são articulados, fazendo com que sua imagem seja solidificada. É possível condensar alguns deles:

- A formação acadêmica;
- A profissão de advogada;
- O ativismo junto ao movimento LGBT, incluindo a atuação no GRAB, a fundação da ATRAC, a presidência da ANTRA;
- O pioneirismo na advocacia, como travesti;
- A participação em órgãos da Administração Pública (CNCD) e o trabalho na elaboração do Programa Brasil sem Homofobia;
- O trabalho junto ao Ministério da Saúde, principalmente a contribuição na elaboração da Campanha Travesti e Respeito;
- A origem interiorana, nordestina e católica;
- Os materiais biográficos sobre ela;
- A morte considerada precoce e o vazio deixado, contribuindo com a formação do ícone.

Janaína foi um sujeito atravessado pela sua época, pelo contexto em que esteve inserida. Ela teve sua experiência marcada pelo afastamento da noção de inteligibilidade de gênero, nomeando sua subjetividade pela categoria de travesti, não porque entendia que aquela era sua essência, mas porque entendia como uma experiência que dizia algo sobre si. Longe de encarar a identidade travesti como um dado, Janaína a acionava, chegando a assumi-la estrategicamente. Isso a levou a estabelecer uma constante negociação com os outros, consigo mesma, com as instituições que a cercaram. Nessa dinâmica, teve recompensas e frustrações pessoais, profissionais, sentimentais, corporais. Pode parecer uma “adequação”, um ato normatizador, mas tem um potencial subversivo, desestabilizador da heteronormatividade, como Butler destaca sobre a

possibilidade de se reapropriar de certas normas e códigos para mostrar a fragilidade do sistema heteronormativo.

Com todos esses paradoxos sem solução simples e que impedem uma conclusão definitiva da discussão proposta nesta tese, considero ainda que a construção de Janaína como um ícone faz parte do enaltecimento de identidades representativas de movimentos que se pretendem de libertação, estabelecida em relação a um ideal normativo, repleto de continuidades, compostas por práticas regulatórias que sustentam/são sustentadas pela divisão entre sexo e gênero e que pressupõem os sujeitos com coerência interna. Essa concepção atende aos interesses de uma política de identidade que supõe uma unidade na qual se baseia a ação política (BUTLER, 2003). Janaína seria, então, esse sujeito representativo exemplar da ação política. A diferença entre subversão e normatização é, decerto, muito tênue, um paradoxo irresolúvel na vida de qualquer sujeito. No entanto, tanto o processo de representatividade quanto o sistema de gênero é falho, ficcional, excludente, limitado, prejudicando, inclusive, a própria ação política, na medida em que reforça abjeções, marginaliza experiências frente à heteronormatividade.

A aparente *contradição* entre a “adequação” e a “subversão” da heteronormatividade apresentada na experiência de Janaína se configura mais como um *paradoxo* que emerge das aspirações, sejam essas somente de uma existência possível/inteligível, de uma “travesti nordestina” que não queria ser “somente uma mariquinha de peito e de cabelo comprido”, como foi nomeada pelos discursos normalizadores que circulavam como sangue em seu corpo (BUTLER em entrevista para PRINS e COSTEIRA, 2002).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de & JANNELLI, Maurizio. **A princesa: A história do travesti brasileiro na Europa escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BECKER, Howard S. A história de vida e o mosaico científico. In: **Métodos de pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **Falando sobre a sociedade:** Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita:** O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória** – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BOURCIER, Marie-Hélène. **Post-gay, la politique queer débarque!** Publié dans le supplément "spécial queer " des Lettres francaises dans l’Huma dimanche, 19 septembre 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Razões práticas.** Campinas, SP: Papius, 1996.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: **Cadernos Pagu.** 26, 2006.

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.906, de 04 de julho de 1994. Dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8906.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8906.htm)>. Acesso em: 15 fev. 2014.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira (org). **O corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan.** Barcelona: Paidós, 2008.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Individualização e hierarquia**. Seminário Relações familiares, sexualidade e religião. Grefac-Clam-Mn; 4-6 agosto 2004; UERJ, Rio de Janeiro, 2004b.

CARDOZO, F. **Parentesco e parentalidades de travestis em Florianópolis/SC**. Universidade Federal De Santa Catarina, 2005.

\_\_\_\_\_. Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. In: **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. GROSSI, M. P, UZUEL, A. P. e MELLO, L. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: ASHOKA EMPREENDIMIENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CARVALHO, Mario F. de L. **Que mulher é essa?** Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2007.

CHEQUER, Jamile. **Das ONGs/aids ao movimento social travesti**: Interação Estado-Sociedade, dinâmicas complexas e identidades em construção. Dissertação (mestrado)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Sociologia e Política, 2010.

CONDE, Michele Cunha Franco. **O movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2004.

CÓRDOBA, David, SÁEZ, Javier e VIDARTE, Paco. **Teoria queer**. Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. Madrid: Editorial Egales, 2ª edición, 2007.

CRENSHAW Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: v.10, 2002.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua** – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DIAS Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. In: **Cad. Pagu** . No.43 Campinas July/Dec. 2014.

DIAS, Jussara. Sexualidade, uma dimensão humana com formas diversas de expressão. In: **Diversidade: Avanço Conceitual para a Educação Profissional e o Trabalho – Ensaios e Reflexões**. Org: Jussara Dias Lucienne Freire, Diversidade. Brasília: OIT, 2000.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUARTE, Luiz F. D & GOMES, Edlaine de C. **Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Ed. FGV, 2008.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens - desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes**. São Paulo: Annablume, 2011.

DUTRA, Janaína. **Violação dos Direitos Humanos de Travestis no Brasil**. Relatório I Encontro GLTT do Ceará. Fortaleza, 2000.

\_\_\_\_\_. Desconstruindo sexualidades. In: RIOS, Luís Felipe, ALMEIDA, Vagner de, PARKER, Richard, PIMENTA, Cristina e TERTO, Jr. (Org.) **Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

RIOS, Luís Felipe, ALMEIDA, Vagner de, PARKER, Richard, PIMENTA, Cristina e TERTO, Jr. (Org.) **Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

ELIAS, Norbert. **Mozart: A sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, R & SIMÕES. J. A. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

Fernandes, F. Assassinatos de travestis e “pais de santo” no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. In: **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 485-492, jul/set 2013.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: **Sociologia – Problemas e práticas**. N. 9, 1991.

FERREIRA, D. R. de S. **Ousar dizer o nome: movimento homossexual e o surgimento do GRAB no Ceará**. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza – Ceará, 2003.

FLORENTINO, Cristina de Oliveira e SILVA, Hélio R. S. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, R. e BARBOSA, R. (org). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



\_\_\_\_\_. **Herculine Barbin: O diário de um hermafrodita.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

\_\_\_\_\_. **Deux essais sur le sujet et le pouvoir.** In: Hubert Freyfus e Paul Rabinow, Michel Foucault. *Un parcours philosophique*, Paris, Gallimard, 1984a, pp. 297-321.

\_\_\_\_\_. **Historia da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984b.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. Lacan, o “Liberatore” da psicanálise. In: **Ditos e escritos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 329-330.

\_\_\_\_\_. **Hermenêutica do sujeito.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRY, P.; MacRAE, E. *O que é homossexualidade.* São Paulo, Abril Cultural - Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos).

FRY, Peter. *Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil.* In: FRY, Peter (org.) **Para inglês ver: identidade e política na cultura Brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. **Toda mulher é meio Leila Diniz.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

\_\_\_\_\_. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONTIJO, Fabiano. *Kátia Tapety: ora mulher, ora travesti? Gênero, sexualidade e identidades em trânsito no Brasil.* In: **Cad. Pagu**, no.43 Campinas July/Dec. 2014.

GREEN, James. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora da UNESP, 2000

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual.** Madrid: Melusina, 2009

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory. An introduction.** Nova York: New York university Press, 1996

JAYME, Juliana. **Personagens e máscaras na noite, uma discussão de gênero – Interpretando as distinções e encontros entre travestis, transformistas e drag-**

*queens*. Texto apresentado no Grupo de Trabalho “Relações de gênero” da XXI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Vitória, ES, abril de 1998.

JOCA, Alexandre Martins. **Diversidade sexual na escola: um problema posto à mesa**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LAURETIS, Teresa. A Tecnologia de Gênero. In.: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e Impasses – O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. **Théorie queer et cultures populaires: de Foucault à Cronenberg**, trad. de M.-H. Bourcier, Paris, La Dispute, 2007.

LEITE, Júnior, J. **Nossos corpos também mudam - a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico**. São Paulo, Annablume, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.

LOPES, Suzana Helena S. S. Corpo, metamorfose e identidades de Alan a Elisa Star. In: LEAL, Ondina F. (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Revista Estudos Feministas**. V.9 n.2 Florianópolis: IFCH, 2001.

MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade- Identidade Sexual e Política no Brasil da "Abertura"**. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, Leandro. **Stonewall 40 + o que no Brasil?** (Org.). EDUFBA: Salvador, 2011.

MALUF, Sonia. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. In: **Estudos feministas**, v. 10, N. 1/2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre normalidade e desvio social. In: **Estudos de Sociologia**, n. 13, Araraquara, 2003.

\_\_\_\_\_. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**. Porto Alegre, Ano 11, n. 21, jan/jun, 2009.

\_\_\_\_\_. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012. (Série Cadernos da Diversidade, 6).

MISKOLCI, Richard e SIMÕES, Júlio Assis. Apresentação. **Cad. Pagu**, n.28 Campinas, jan./jun. 2007.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. "A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes". In: **Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana, Rio de Janeiro: CLAM-UERJ, n. 1, p. 25-157, 2009.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Uma política travesti: notas etnográficas sobre a campanha eleitoral de Fernanda Benvenutty na Paraíba. In: **35º Encontro Anual da Anpocs**, 2011.

OCHOA, Marcia. A moda nasce em Paris e morre em Caracas. In: MISKOLCI, R. & PELÚCIO, L. (Orgs.) **Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2012.

OLIVEIRA, M. **O lugar do travesti em desterro**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

OLIVEIRA, N. M. **Damas de Paus: O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher**. Salvador. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos - notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 25, p. 217-248, 2005a.

\_\_\_\_\_. **“Toda quebrada na plástica”** – Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. In: *Campos* 6 (1-2): 97 – 112, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Nos nervos, na carne, na pele**. Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2007.

\_\_\_\_\_. Travestis brasileiras: singularidades nacionais, desejos transnacionais. **26ª Reuniao brasileira de antropologia**, Porto Seguro-BA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

\_\_\_\_\_. Exótica, erótica e travesti – nacionalidade e corporalidade no jogo das identidades no mercado transnacional do sexo. In: **Cultura contemporânea, identidade e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias**. (Org.) Ana Lucia de Castro. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PERES, Wiliam S. Travestis: subjetividades em construção permanente. In: UZIEL, Ana Paula, RIOS, Luis Felipe, PARKER, Richard (Org.) **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS**. Rio de Janeiro: Programa em Gênero e Sexualidades IMS/UERJ e ABIA, 2004.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINTO, Augusto C. M. **Viagem pela história de Canindé**. Ensaio cronológico e iconográfico dos primórdios aos dias atuais. Instituto Memória de Canindé, 2003.

PISCITELLI Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, Vol. 11, Núm. 2, jul-dez, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro, O Massacre de Civitella Val di Chiara (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luta e senso comum”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira; AMADO, Janaína (orgs.), **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 103-130, 1996.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contra-sexual**. Madrid: Opera Prima, 2002.

\_\_\_\_\_. **Multitudes queer**. Multitudes, n. 12, 2003. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/Multitudes-queer>.

PRINS, Baukje e COSTEIRA, Irene. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: **Estudos feministas**, v. 10, N. 1/2002.

RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience**. In: Snitow, Ann; Stansel, Christine and Thompson, Sharon. Powers of Desire – The Politics of Sexuality. New York: Monthly Review Press, 1983. P.177-205.

SCOTT, Joan. Experiência. In: **Falas de Gênero**. Org. SILVA, Alcione Leite da, LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Editora Mulheres, Santa Catarina, 1999.

SAFFIOTI, H. Rearticulando gênero e classe social. In: BRUSCHINI, C. e COSTA, A. DE O. (org.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

\_\_\_\_\_. Diferença ou indiferença? Gênero, raça/etnia, classe social. In: ADORNO, S. (org.) **A Sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade**. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1995.

SAMPAIO, Francisco de A. **Capitão Pedro Sampaio Da Serra Branca**. 2002.

SAMPAIO, Juciana. DE O. **(Des) Construindo gênero:** Sexualidades e subversões identitárias e corporais de travestis em São Luis, Maranhão. Monografia. Universidade Federal do Maranhão, 2006.

\_\_\_\_\_. **Incorporação e compartilhamento do desejo:** Notas sobre o caráter associativo entre travestis em São Luís. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Maranhão, 2009.

SANTOS, Luciene. Corpo, gênero e sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea.** Coleção Grandes Romances. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

\_\_\_\_\_. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero.** Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. In: **Cadernos Pagu.** Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the Closet:** the transformation of gay and lesbian life. New York: Routledge, 2002.

\_\_\_\_\_. **Queer Theory/Sociology.** Malden: Blackwell, 1996.

SILVA, Helio. **Travesti:** a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – ISER, 1993.

\_\_\_\_\_. **Certas cariocas:** travestis e vida de rua no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.

SILVA, Marcos. **Territórios do desejo:** performance, territorialidade e cinema no Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual (Tese). Florianópolis, 2012.

SILVA, Wilson. Biografias: construção e reconstrução da memória. In: **Fronteiras.** Dourados, MS, v.11, n. 20, jul./dez. 2009

SIMPSON, Keila. Travestis: entre a atração e a aversão. In: **Diversidade sexual e homofobia no Brasil.** Org. VENTURI, Gustavo e BOKANY, Vilma. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora:** AIDS e suas metáforas. Tradução: Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Sandra M. N. **mulheres em movimento**. Memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero, nos anos 1970 a 1980 2 ed. São Luís/MA: EDUFMA, 2009.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Flávia. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. In: **Cad. Pagu** (UNICAMP), v. 31, 2008.

\_\_\_\_\_. Juízo e Sorte: enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália. In: Adriana Piscitelli; Glaucia de Oliveira Assis; José Miguel Nieto Olivar. (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: Unicamp, 2011.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VALE, Alexandre F. C. **O Vôo da Beleza: travestilidade e devir minoritário**. Tese de Doutorado em Sociologia, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2005.

VERAS, Elias Ferreira. Além do paetê: experiências das travestis em Fortaleza nas três últimas décadas do século XX. In: Anais do **XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011.

WARNER, Michael. (editor) **Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *The trouble with normal: sex, politics, and the ethics of queer life*. Harvard University Press, Cambridge Massachusetts, 2000.

WINKIN, Yves. Erving Goffman: o que é uma vida? O incômodo fazer de uma biografia intelectual. In: GASTALDO, Édison (Org.) **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

## REFERÊNCIA FILMÍCA

ALMEIDA, Vagner de. **Janáina Dutra: uma dama de ferro**. Fortaleza, 2011.

CAVALCANTI, Davi & LOPES, Flávio. “**Mrs. Janaina**. Eu sou aquilo que seus olhos veem”. Brasil, 2008.

CARVALHO, Jack de; MARQUES, Elimário e LOURENÇO, Vanessa. **Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza**. Faculdade Cearense, Fortaleza, 2010.

GUERRA, René. **Os Sapatos de Aristeu**. São Paulo, 2008.

## ANEXOS

## ANEXO 1: Cronologia sócio-histórica

<b>CONTEXTO INTERNACIONAL:</b>
1960: Movimento da contracultura
1945-1991: Guerra Fria
1970: Difusão do pensamento do Osho, espiritualidades e crenças orientais
<b>CONTEXTO BRASILEIRO:</b>
1960: Inauguração de Brasília como nova capital do país.
1964-1985: Ditadura militar no Brasil.
1978: Aconteceram as primeiras reuniões do grupo <i>Somos</i> , então chamado Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, primeiro grupo de homossexuais no Brasil.
1979: Lésbicas formam um subgrupo dentro do Somos, o Lésbico-Feminista (LF).
1980: Realiza-se o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), em São Paulo; O Grupo Gay da Bahia (GGB) é fundado.
1981: Acontece o I Encontro de Grupos Homossexuais do Nordeste, em Olinda (PE).
1982: Os primeiros casos de brasileiros com aids são diagnosticados.
1983: Morre a considerada primeira vítima da aids no Brasil, o estilista Marcus Vinícius Resende.
1983: Acontece o Movimento das <i>Diretas já</i> , abrindo caminho para a redemocratização do país.
1985: Forma-se o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids, primeira ONG/Aids no Brasil, em São Paulo; O Conselho Federal de Medicina do Brasil passa a desconsiderar a homossexualidade como doença.
1986: Forma-se a ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, no Rio de Janeiro.
1988: Ano da promulgação da Constituição que inaugura um novo Estado, uma nova ordem jurídica.
1989: Fundação do GRAB em 17 de março; Acontece o I Encontro Nacional de ONG/Aids, em Belo Horizonte (MG).
1990: Surgimento de movimentos trans.
1992: Fundação da primeira associação de travestis do Brasil, ASTRAL, no Rio de Janeiro; Em Fortaleza é aprovada a Lei Municipal nº 7066, que reconhece o GRAB como entidade de utilidade pública.
1993: Acontece o I ENTLAIDS na cidade do Rio de Janeiro.
1994: Foi firmado o Acordo de cooperação “Aids 1” com o Banco Mundial, com incentivos a participação de ONGs na formulação e implementação das políticas nacionais de prevenção de DST e aids; Acontece o II ENTLAIDS, em Vitória (ES).
1995-2002: Governo de Fernando Henrique Cardoso.
1995: É criada a ABGLT em 31 de janeiro de 1995, em Curitiba (PR), durante o VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas, encontro este que por reivindicações de travestis passou a ser Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis. É a primeira vez que grupos de travestis participam do EBHO (financiado pelo Programa Nacional de DST e Aids); Aprovação de uma emenda à Lei Orgânica de Fortaleza garantindo

mecanismos de combate à discriminação aos homossexuais e outras minorias; Acontece o III ENTLAIDS, no Rio de Janeiro (RJ).
1996: Acontece o IV ENTLAIDS, no Rio de Janeiro (RJ); Realiza-se o I SENAILE - Seminário Nacional de Lésbicas, no Rio de Janeiro, com o apoio do Programa Nacional de DST e Aids. Nesse evento, a data de 29 de agosto é escolhida como Dia Nacional da Visibilidade Lésbica.
1997: Acontece o V ENTLAIDS São Paulo (SP); Acontece a primeira Parada do Orgulho LGBT no Brasil, na cidade de São Paulo; Resolução do Conselho Federal de Medicina autoriza realização de cirurgia de transgenitalização, a título experimental.
1998: Promulgação, na Câmara Municipal de Fortaleza, a lei nº 8211/98, de autoria do vereador Durval Ferraz (PT), que estabelece punições a estabelecimentos que discriminarem em função da orientação sexual; Acontece o VI ENTLAIDS, no Rio de Janeiro (RJ); Assinado o “Aids II”, segundo acordo com o Banco Mundial
1999: Realização do VII Encontro Nacional de Travestis e Liberados (ENTLAIDS) em Fortaleza (CE). Realização da I Parada pela Diversidade Sexual do Ceará, ao final do VII ENTLAIDS; Passa a ser implantado o Projeto Somos, direcionado para a formação e capacitação de lideranças e grupos homossexuais na região Sul, Sudeste e Nordeste.
2000: Fundação da ANTRA; Assinatura do decreto n. 10.784, que regulamenta a lei n. 8211/98, em Fortaleza (CE). VIII ENTLAIDS, em Cabo Frio (RJ).
2001: Promulgação da Lei Municipal n. 2561, de Juazeiro do Norte, que pune estabelecimentos comerciais por discriminação em decorrência de orientação sexual. Promulgação da Lei n.1437/01, do município de Caucaia que determina sanções às práticas discriminatórias por orientação sexual cometidas por estabelecimentos comerciais, indústrias, empresas prestadoras de serviços e similares; O Conselho Nacional de Combate à Discriminação foi criado pelo Decreto Nº 3.952, de 4 de outubro de 2001, no âmbito do Ministério da Justiça.
2002: IX ENTLAIDS, em Curitiba (PR); Promulgação da Lei n. 8626, de autoria da vereadora Luizianne Lins (PT), que institui em Fortaleza o Dia Municipal do Orgulho Homossexual (28 de junho), incluindo-o no calendário oficial do município; Assinado o Aids III, terceiro acordo com o Banco Mundial.
2003: Acontece o X ENTLAIDS, na cidade de Porto Alegre (RS).
2003-2010: Governo de Luís Inácio Lula da Silva.
2004: Lançamento da Campanha <i>Travesti e Respeito</i> do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde. O dia do lançamento, 29 de janeiro, é escolhido como o <i>Dia da Visibilidade das Travestis</i> ; Em maio é lançado o Programa Nacional <i>Brasil Sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e de Promoção à Cidadania Homossexual</i> , conhecido como <i>Brasil sem Homofobia</i> , pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Governo Federal <sup>168</sup> .

<sup>168</sup> Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/participacao/conselhos/conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt/145-conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt/281-conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt>. Consulta feita em 30.03.2014.



**ANEXO 2:** Cronologia de Janaína Dutra

<b>1960:</b> Nascimento em 30 de novembro de 1960, na cidade de Canindé (CE)
<b>1969:</b> 1º série – 1º grau (Grupo Escolar Monsenhor Tabosa, Canindé - CE).
<b>1971:</b> 2º série – 1º grau (Centro Educacional São Francisco, Canindé - CE).
<b>1972:</b> 3º série - 1º grau (Centro Educacional São Francisco, Canindé - CE).
<b>1973:</b> 4º série - 1º grau (Centro Educacional São Francisco, Canindé - CE).
<b>1974:</b> 5º série - 1º grau (Centro Educacional São Francisco, Canindé - CE).
<b>1975:</b> 6º série - 1º grau (Centro Educacional São Francisco, Canindé - CE).
<b>1975:</b> Participou do Simpósio de Socorros de Urgência, do Centro Médico Cearense e Centro Cívico, Canindé.
<b>1976:</b> 7º série - 1º grau (Centro Educacional São Francisco, Canindé - CE).
<b>1977:</b> 8º série - 1º grau (Centro Educacional São Francisco, Canindé - CE).
<b>1978:</b> 1º série – 2º grau (Centro Educacional São Francisco, Canindé - CE).
<b>1979:</b> Saída de Canindé para a capital do Estado do Ceará, Fortaleza.
<b>1979:</b> 2º série – 2º grau (Colégio Equipe, Fortaleza – CE), estudando no turno da noite.
<b>1980:</b> 3º série – 2º grau (Colégio Capistrano de Abreu S/LTDA, Fortaleza – CE). Cursa o Pré-vestibular na Organização Educacional Farias Brito, no turno da tarde.
<b>1981:</b> Presta vestibular na Universidade Federal do Ceará – UEC, na Universidade Estadual do Ceará – UFC e na Universidade de Fortaleza – UNIFOR.
<b>1981.2:</b> Início da graduação em Direito, na UNIFOR. Participou do XXIX Encontro Nacional de Presidentes da OAB e II Congresso Nacional de Ensino Jurídico, Fortaleza.
<b>1983:</b> Participou do I Seminário sobre a propriedade – UNIFOR e do seminário O Papel da Ciência na Literatura Contemporânea, pela UNIFOR.
<b>1984:</b> Participou do Seminário de Direito Tributário, pela UNIFOR.
<b>1985:</b> Participou do I Seminário de defesa dos direitos do consumidor, oferecido pelo Ministério Público do Estado do Ceará e apoiado pelo Ministério da Desburocratização e do Governo do Estado do Ceará. Participou do Seminário “A Constituinte na Nova República”, UNIFOR. Participou do concurso para bolsista estagiário do Bandece – Banco de Desenvolvimento do Ceará.
<b>1986:</b> Participou do Seminário Lei do Inquilinato e Pacote Econômico, pelo IPEC (Instituto de Previdência do Estado do Ceará). Em 04 de fevereiro ocorreu sua Colação de Grau, quando obteve o título de Bacharel em Direito pela UNIFOR. Aproximação de Janaína à Comunidade Pacifista Tunker, liderada pelo pastor Onaldo Pereira. Provavelmente o ano em que Janaína conheceu Carlos Lopes, com quem se relacionaria por quatro anos. Começou a estudar francês.
<b>1988:</b> - Início do seu ativismo relacionado às causas homossexuais através da participação em reuniões do grupo que iria se tornar o GRAB. Ano em que algumas mudanças com relação à travestilidade começam mais efetivamente. Participou da V Jornada Luso-Hispano-Brasileira de Direito do Trabalho, em Fortaleza.

<b>1989:</b> Participou da fundação do GRAB.
<b>1990:</b> - Realizou uma exposição de colagens em Canindé (CE). Participou do 1º Curso de Preparação à Advocacia, pela Fundação Escola Superior de Advocacia do Ceará – FESAC, Fortaleza. No início da década começou a tomar hormônio.
<b>1993:</b> Participou do seminário A Sociedade Civil na Consolidação de Direitos.
<b>1995:</b> Foi escolhida como vice-presidente do GRAB e ocupou esse cargo até a sua morte. Foi eleita para os mandatos de 1995, 1997, 1999 e 2001. Participou da Oficina sobre elaboração de projetos promovida pelo Grupo de Apoio à Prevenção à Aids do Ceará. Participou da II Jornada Norte/Nordeste de Ostromizados, como conferencista, Fortaleza. Participou do Seminário Estadual Discutindo Políticas Públicas “Desafios e Impasses na Relação ONGs/Estado”, pela Action Nord Sud, Cetra, Esplar, Gapa/CE e Terramar. Participou da II Jornada Cearense de Sexualidade Humana, Expositor, na mesa redonda “Sexualidade dos Grupos Discriminados”, abordando o tema “prostituição masculina”, pela Sociedade Cearense de Ginecologia e Obstetrícia, filiada ao Centro Médico Cearense e a FEBRASGO e Sociedade Cearense de Sexualidade. Participou como Multiplicadora do Projeto de Intervenção Comportamental Junto à Homossexuais Masculinos da Cidade de Fortaleza. Pelo Grupo de Apoio à Prevenção à Aids – GAPA em Parceria com o GRAB. Apoio da Secretaria de Estado da Saúde do Ceará através do Programa de DST/AIDS. Participou do I Fórum Cearense de Direito Humanos pela sexualidade, Fortaleza.
<b>1996:</b> Começou o relacionamento amoroso com Alberto Fernandes. Foi diagnosticada com HIV. Participou do Treinamento de Formação de Multiplicadores em DST/AIDS, como treinando, pela Escola de Saúde Pública do Ceará. Participou da Oficina de formação de agentes multiplicadores integrantes de Organizações Não Governamentais – ONGs promovida para SSF, pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Participou do Treinamento para Multiplicador em Aids, como instrutor (GRAB). Participou do I Encontro de Multiplicadores em Aids que atuarão junto aos profissionais do sexo. Coordenadoria do Programa Municipal de DST/Aids. Participou do I Seminário de Direitos Humanos e Aids: uma abordagem jurídica”, na Faculdade de Direito de Recife. Participou do IV ENTLAIDS Rio de Janeiro (RJ).
<b>1997:</b> Participou do I Seminário de Direitos Humanos & AIDS - uma abordagem jurídica e da 1ª Consulta da Rede Latino-Americana de Direitos Humanos – Brasil/Norte, na Faculdade de Direito de Recife. Participou de um treinamento para prevenção das DST/AIDS, como treinando, da Escola de Saúde Pública do Ceará. Participou de um treinamento para supervisora em DST/AIDS, do GRAB. Foi instrutora do Treinamento para Prevenção da Infecção das DSTs e AIDS em Homossexuais com comportamentos de risco, oferecido pelo Projeto de Capacitação de Recursos Humanos e Sensibilização de Populações Específicas na Prevenção de DST/AIDS-CE em convênio com o Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde pela Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Saúde Comunitária. - Participou do V ENTLAIDS São Paulo (SP).
<b>1998:</b> Participou do VI Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Trabalham com Aids (Prevenção e Cidadania de mãos dadas com a vida), Rio de Janeiro.

**1999:** Participou do I Seminário DST/AIDS e suas Implicações nas Cidades do Interior, promovido pelos alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú São Luiz do Curu – CE. - Realizou VII Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Trabalham com Aids, na qualidade de coordenadora, em Fortaleza. Fez parte da organização da I Parada pela Diversidade Sexual do Ceará, ao final do VII ENTLAIDS.

**2000:** Participou da II Conferência da América Latina e Caribe da Associação Internacional de Gays e Lésbicas, Rio de Janeiro. Participou do I Fórum comunitário da América Latina e do Caribe em HIV/Aids e DST, Rio de Janeiro. Participou da VI Jornada Norte-Nordeste de Ostimizados, como conferencista. Fortaleza. Recebeu o título de Honra ao Mérito “pelo seu empenho em prol dos Direitos Humanos e democratização da informação como instrumento de cidadania para os homossexuais”, do Grupo Dialogay, de Sergipe. - Participou do VIII Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Trabalha com Aids como palestrante, Cabo Frio (RJ). Participou do Encontro Nacional dos Direitos Humanos – 10 anos do ECA. OAB Aracaju (SE). Participou do I Encontro GLTT do Ceará. Realizado pelo GRAB com apoio da Prefeitura de Fortaleza, Coordenação DST/Aids, Secretaria de Saúde. Fortaleza. Participou do lançamento da cartilha “Direitos humanos é também direito às diferenças”, pelo GRAB, que esclarece a lei 8211, que prevê defesa da liberdade de orientação sexual, de autoria do vereador Durval Ferraz (PI), indica as formas de denúncia, quem pode ser denunciado e quais as penalidades previstas. Se envolveu em uma polêmica com Dom José. Participa da fundação da ANTRA; Participou do Fórum AIDS 2000, no Rio de Janeiro.

**2001:** Fundou a ATRAC, passando a ocupar o cargo de presidente a associação, até sua morte. Torna-se suplente na Secretária de Direitos Humanos da ABGLT. Torna-se Membro do CNCD, no qual atuou na elaboração do projeto *Brasil Sem Homofobia*. Participou do X Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis, Maceió (AL). – Participou do I simpósio de Interação Universidade-Sociedade, Fortaleza (CE).

**2002:** Eleita presidente da ANTRA por dois anos, mas morre antes da gestão se encerrar. Participou do IX ENTLAIDS, em Curitiba (PR). Antes foi Coordenadora Regional da ANTRA.

**2003:** Colaborou com o Ministério da Saúde na elaboração da Campanha *Travesti e Respeito*. Participou do X ENTLAIDS em Porto Alegre (RS). Participou do Seminário Nacional de Políticas e Direitos da Comunidade GLBTT, promovido pela Ouvidoria da Câmara Federal, em Brasília. Participou do II Treinamento de Lideranças de Grupos Homossexuais, em Fortaleza<sup>169</sup>.

**2004:** Morreu em 08 de fevereiro de 2004, em Fortaleza, aos 43 anos. Seu corpo foi enterrado na cidade de Canindé, no dia seguinte.

<sup>169</sup> Esse treinamento fazia parte do *Projeto Somos* de iniciativa da Associação para a Saúde Integral e Cidadania da América Latina (ASICAL) e realizado pela ABGLT, atuando nas cinco regiões do Brasil. O GRAB é responsável pela capacitação dos grupos da região nordeste, que compreende os estados do Pará e Amazonas (Norte) Ceará, Piauí e Maranhão (Nordeste).

**ANEXO 3: Registros de Janaína Dutra na casa de Dargenira**

Mural de fotos da família de Janaína, fixado na parede da casa da sua mãe.



Quadro de colagens feito por Janaína, fixado no corredor principal da casa da sua mãe.

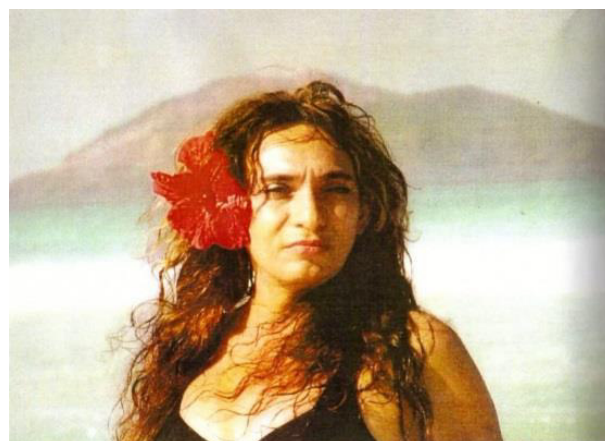


Foto de Janaína que figura em um porta retrato fixado na sala da casa da sua mãe. Essa foto é a mesma que os familiares utilizaram no santinho de Janaína.

#### ANEXO 4: “Inscrições Objetivadas” de Janaína Dutra



Materiais que pertenceram a Janaína: recortes de jornais, certificados escolares e de participação em eventos, documentos de identificação e correspondências.



Documentos de identificação de Janaína



Caixa de correspondências de Janaína.



Fotos de Janaína.



Matérias de jornais sobre o trabalho de Janaína.



Imagem: Materiais pertencentes a Janaína: poemas de autoria de Janaína, carteira estudantil do curso de francês, correspondências e demais anotações

**ANEXO 5:** Relação de pessoas entrevistadas para a pesquisa

<b>NOME</b>	<b>LOCAL</b>	<b>DATA</b>	<b>QUEM É</b>
Celina de Fátima Dutra	Em sua casa, Fortaleza (CE)	26/01/2012	Irmã de Janaína
Helano Dutra	Em sua casa, Fortaleza (CE)	26/01/2012	Sobrinho de Janaína
Dargenira	Em sua casa, Canindé (CE)	27/01/2012	Mãe de Janaína
Erlania	Em sua casa, São Paulo (SP)	03/03/2012	Irmã de Janaína
Jayme Neto	Em sua casa, São Paulo (SP)	03/03/2012	Sobrinho de Janaína
Janaína Lima	Centro de Referência da Diversidade (CRD), São Paulo (SP)	02/03/2012	Ativista travesti de São Paulo
Keila Simpson	9º Encontro Regional Nordeste de Travestis e Transexuais Teresina (PI)	24/10/2012	Ativista travesti maranhense radicada na Bahia
Jovanna Baby	9º Encontro Regional Nordeste de Travestis e Transexuais Teresina (PI)	24/10/2012	Ativista travesti baiana radicada no Piauí
Jacqueline Brazil	9º Encontro Regional Nordeste de Travestis e Transexuais Teresina (PI)	24/10/2012	Ativista travesti do Rio Grande do Norte
Alberto	Shopping Del Paseo, Fortaleza (CE)	19/07/2012	Ex-namorado de Janaína
Renata Sampaio	Em sua casa, Fortaleza (CE)	18/07/2012	Filha de Janaína
Orlaneudo Lima	Centro de Referência LGBT Janaína Dutra, Fortaleza (CE)	20/07/2012	Ativista gay, colega de trabalho de Janaína
Onaldo Pereira	Via internet		Um dos fundadores do GRAB
Angélica	Em sua casa, Fortaleza (CE)	18/07/2012	Irmã de Janaína
Beliza	Em sua casa, Canindé (CE)	22/07/2012	Irmã de Janaína
Conceição	Em sua casa, Canindé (CE)	22/07/2012	Irmã de Janaína
Paula Costa	Casa da Paula, Caucaia (CE)	26/01/2013	Ativista travesti do Ceará

Tina Rodrigues	Coordenadoria da Diversidade Sexual, da Secretaria de Direitos Humanos de Fortaleza (SDH), Fortaleza (CE)	18/01/2013	Ativista travesti do Ceará
Dargenira Maria (Tatá)	Em sua casa, Canindé (CE)	20/01/2013	Irmã de Janaína
Carola	Em sua casa, Canindé (CE)	22/01/2013	Prima de Janaína
Vera	Casa da Clara, Canindé (CE)	21/01/2013	Amiga de Janaína
Clara	Em sua casa, Canindé (CE)	21/01/2013	Amiga de Janaína
Mirtes	Hospital São José de Doenças Infecciosas – HSJ, Fortaleza (CE)	18/01/2013	Amiga e ex-colega de trabalho de Janaína
Álvaro	Em sua casa, Brasília (DF)	05/11/2013	Amigo de Janaína

**ANEXO 6:** Imagens de membros da ATRAC e da fundação da Associação

Janaína com travestis que compunham a ATRAC. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Dia de fundação da ATRAC, quando ocorreu a assinatura da ata. Fonte: Foto cedida por Renata Sampaio.



## ANEXO 7: Comenda Janaína Dutra

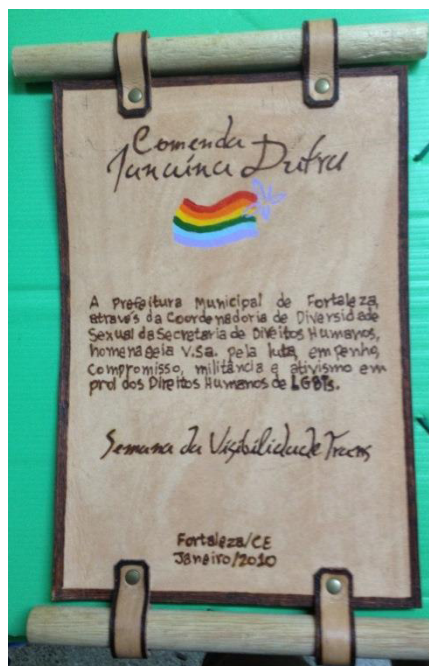


Imagem: Comenda Janaína Dutra exposta na parede da Coordenadoria da Diversidade Sexual do Município de Fortaleza. Foto tirada pela autora.



Imagem: Comenda Janaína Dutra exposta na parede da Coordenadoria da Diversidade Sexual do Município de Fortaleza. Foto tirada pela autora.

## ANEXO 8: Imagens dos ENTLAIDS



VII ENTLAIDS, Fortaleza (CE), 1999. Janaína ao centro, com representantes de órgãos estatais e ativistas. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Janaína sendo aplaudida pela plateia do VII ENTLAIDS, Fortaleza (CE), 1999, organizado por ela. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Imagem: VIII ENTLAIDS, Cabo Frio (RJ), 2000. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Imagem: X ENTLAIDS, Porto Alegre (RS), 2003. Última participação de Janaína no ENTLAIDS. Fonte: <http://www.occities.org/carmemmaurinha/pag-entlaids2003.html>



Caminhada no centro de São Paulo durante o VENTLAIDS, 1997. Janaína sentada na escada de blusa preta, calça jeans e tênis. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Janaína em manifestação durante o VENTLAIDS, 1997, São Paulo. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Imagem: Manifestação durante o VENTLAIDS, 1997, São Paulo. Ao fundo, da esquerda para a direita: Kátia Tapety, Barbara Graner e Bianca Magro. Fonte: Indianara Alves Siqueira (página do Facebook).



Imagem: Manifestação durante o VENTLAIDS, 1997, São Paulo. Fonte: Indianara Alves Siqueira (página do Facebook).



VI VENTLAIDS, Rio de Janeiro (RJ), 1998. À mesa, a cantora Elza Soares e à direita, Jovanna Baby. Fonte: arquivo da família de Janaína.

**ANEXO 9:** Depoimentos das pessoas que participaram do documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* (ALMEIDA, 2011).

**Mirtes Brígido Machado (Ativista dos Direitos Humanos):**

*Janaina despiu essa roupa humana no dia 8 de fevereiro de 2004 aqui nesse hospital referência pneumologia e cardiologia. Era uma tarde de muita chuva e ela tava muito cansada, ela não tinha conseguido dormir. Então eu me aproximei do leito e encostei a cabecinha dela no meu peito e ela conseguiu dormir. Enquanto ela dormia eu olhava uma chuva linda sobre as árvores, entende. Como se a tarde tivesse preparando uma coisa bonita, um cenário feliz pra Janaina. Então, incrivelmente, no leito dela havia um nome, a identidade que ela tinha buscado a vida inteira: Janaína Dutra. Nós lidamos com situações em que o paciente briga a vida inteira por uma identidade, primeiro com ele próprio depois com o seu contexto, o seu entorno familiar, briga com a sociedade pra assumir uma identidade de gênero e quando ele está fragilizado num leito de hospital ele é obrigado a ser Joaquim, Francisco, tudo que ele não quis ser na vida. Janaína foi respeitada nisso, ela se foi enquanto Janaína Dutra.*

*Estávamos nós do movimento, Chico. Ficamos muito impactados. Ela foi velada no GRAB com muito carinho, a noite inteira. Havia muito incenso e muita música. E depois nós a levamos pra Canindé, no dia seguinte. Ela... eu tinha a sensação exata que Janaína ia mostrando os caminhos da aldeia dela. Cada coisa que eu via, eu via com o olho dela. Ela está dizendo: “É por aqui que eu vou, é daqui de onde eu vim. Foi desse lugar, essa é minha aldeia”. Ela sempre lutou por direitos humanos e a gente se encontrou nesse contexto. Eu lutando por direitos humanos das pessoas que vivem com HIV/AIDS e ela lutando pela afirmação LGBT. E eu tenho o maior respeito pelo movimento homossexual que construiu as primeiras respostas comunitárias à epidemias da AIDS. Então, Janaína, às vezes eu penso que as pessoas chegam nessa vida tão apressadas que elas vestem o corpo errado. Então, Janaína que era uma menina na alma, ela vestia um corpo de menino.*

*Eu tô dizendo pra você, amiga: Eu continuo aqui, eu continuo na luta, continuo lutando por direitos humanos, eu continuo lutando por dignidade aos que tem AIDS, às pessoas nesse mundo tão cheio de cicatrizes e divisões. Eu continuo aqui, sempre vou te amar.*

**Dargenira Dutra Sampaio (mãe):**

*Jaime César, quando nasceu, todo mundo se admirou pelo menino que pesava quatro quilos.*

*Eu sabia perfeitamente o estado dele, como ele foi, como ele nasceu.*

*Um dia ele me chamou no quarto e disse: “mamãe, venha cá, eu quero conversar com a senhora”. Aí, fechou o quarto e me disse o estado dele. Eu disse: “Meu filho, eu sei, foi permitido por Deus, o corpo nada vale”. Aí, citei até uma quadra: “Tudo passa, tudo muda, nesse mundo de ilusão. Vai para o céu a fumaça. Fica na terra o carvão”. Aí, eu disse: “A fumaça é o bom procedimento, as boas virtudes, tudo isso você tem, meu filho. Eu agradeço a Deus o filho que eu tenho. E aí o carvão é o corpo que fica na terra”. Ele riu. Abraçou-se comigo e nós choramos juntos. Eu chorei com pena porque ele tava sendo humilhado [mostrando fotos, ela continua:] Aqui era o... a Janaína. No batismo recebeu o nome Jaime César, foi na primeira comunhão dele. Aqui foi no término do curso ginásial, ele tinha dezessete anos. Depois de dezessete anos ele passou a morar com minha filha, Celina de Fátima, que mora em fortaleza. Ele foi trabalhar, trabalhou até na Caixa Econômica, muito bem!*

*É tanto que ele copiou aquele pensamento do Shakespeare [a frase é de Charlei Chaplin]. Gosto muito dele: “O valor de um homem, né? Não está nas suas vestes”.*

*Dou mais valor aos homens... sexuais, né... sexuais que tenham um bom procedimento, uma visão ótima, nunca procure fazer o mal, fazer sempre o bem, sempre orientando, sempre apoiando, portanto, pra mim, dos meus filhos, não quero ofender os outros não, mais foi o melhor.*

**Maria Beliza (irmã):**

*Ele era bem gordinho, era fofo. Ele era muito apegado a mim. A mamãe nos encarregava de ajudar porque nos éramos 10 irmãos, minha mãe trabalhava três expedientes. E a minha mãe sempre aceitou Jaíminho do jeito que ele era. Ele gostava demais, ele me dizia assim que às vezes ele participava de baile, que ele participava de carnaval. Ele gostava mais de desfile.*

*Jaime César era uma pessoa sensível, detalhista. O quarto dele era cheio de pedrinha, tinha uma porta que ele decorava com muitas pedrinhas e ele preservava o retrato da mamãe, o retrato do papai, o retrato dos irmãos e também um retrato muito bonito do cristo. Tudo que ele fazia, ele achava que tinha que ter uma história pra contar, uma frase pra dizer.*

**Dargenira Maria (irmã):**

*Desde criança ele gostava de brincar, vestir nossos vestidos, calçar nossas sandálias, e gostava até de desfilar, isso pra nós era uma diversão, papai e mamãe riam muito e nós também.*

*Passou a infância e chegou à adolescência. Quando chegou a adolescência houve a descoberta de que ele era homossexual. Pra nós não houve nenhum constrangimento. Nós aceitamos porque ele sempre foi diferente.*

*Difícil, Janaína, falar de ti. Que você tinha um intelectual tão forte. Qualquer assunto era debatido com você sem a mínima repercussão de dúvida.*

*Jaime César ou Janaína, onde você estiver, te mando um beijo, do fundo do meu coração. Eu te amo muito, meu irmão.*

**Conceição de Maria (irmã):**

*Na infância ele era assim muito bem humorado, gostava de se pintar, gostava de ta alegre, pedia sugestão a um, pedia sugestão a outro.*

**Manoelzinho (amigo de infância):**

*Janaína era muito corajosa. E quando a Janaína se revelou, ela se lançou, ela se jogou no vôo de ser ela mesma. Quando a vi, eu disse: “não, eu tenho que dar a mão para Janaína e caminhar com ela, porque ela não pode dançar nesse arame sozinha”. Porque ser homossexual não é só se deitar com outro homem não. Ser homossexual é carregar nos ombros toda uma sociedade preconceituosa, pessoas que nos rotulam do que querem. Uma época aí, uma certa época, a gente não podia dar as mãos em todo canto, não podíamos andar de braço. Mas teve um dia que nós nos liberamos. Em 1992 foi o ano da liberdade, posso dizer das nossas duas vidas, minha e dela. Porque nós caminhamos uma noite toda na passagem de ano pela praça, de braço, ela de salto alto e eu com ela. Alguns amigos olhavam e cumprimentavam, mas a gente sabia que aquele cumprimento depois seriam sussurros. Sempre me diziam assim: “olha, um “viado” de sapato alto, quer ser mulher. Olha, um travesti. Ah, fulano é travesti, filho de dona fulana. Aí, meu Deus...”. A gente sabia que tinham essas colocações. Mas ela teve muita coragem de subir no arame, sem redes. E eu fiquei “aparteando” a Janaína. Ficava aqui, “pode caminhar, to aqui”.*

*Ela causou um impacto muito grande na sociedade de Canindé quando ela apareceu com os seios. Eu vi os seios da Janaína, mas eu não disse uma frase com os seios dela. Porque eu entendi a Janaína. Se eu chegasse a dizer: “Ah, teus seios tão grandes”, eu já estava tendo uma ponta de preconceito. Então eu encarei naturalmente ela ser ela. Porque eu achava que ela tinha muita coragem. Muito audaciosa! Que eu mesmo, nunca teria coragem de colocar seios, até vontade já tive, mas não teria coragem. Janaína uma fonte de cultura pra mim. Uma fonte de sabedoria. Uma pessoa que voava com a alma.  
Eu quero dar um beijo pra você.*

**Celina de Fátima (irmã):**

*Nós convivemos 24 anos nessa casa, eu e meus filhos, e ele foi de uma influência muito importante, muito boa pros meus filhos. Quando nós chegamos aqui... foge do paradigma de que todo o começo são flores. Nós brigávamos, divergíamos demais. Mas houve um processo de construção e a gente foi muito feliz depois que nós aparamos as arestas, depois que nós começamos a nos entender. Nós éramos cúmplices, além de irmãos, nós tínhamos uma relação de amizade, compreensão, de amor. Apesar da figura feminina, mas eles têm... o pai deles era meu irmão. Ou minha irmã, como queiram chamar, né? Eu chamava de Jaiminho, mas chamam de Janaína. Uma vez quando a gente discutiu, ele... eu falava da sexualidade, nós não tínhamos ainda essa compreensão. E ele olhou bem nos meus olhos e disse assim: “Você acha que é opção? Uma opção difícil, né? Pra gente viver de opção, sociedade tão difícil que é, preconceituosa”. E ali foi um divisor de águas, me abracei a ele, compreendi que eu não poderia fazer cobranças. Eu tive mais que respeitá-lo. E a nossa convivência, a partir de então, foi maravilhosa.  
Um beijo pra ti, meu amor. Te amo demais.*

**Helano (sobrinho):**

*A Janaína pra mim foi meu pai, praticamente, a vida toda. E que eu aprendi muito com ele, cresci com ele. Ele era o termômetro... como eu tava na adolescência, não aprendi as coisas que um pai deveria ensinar a um filho, eu aprendi tudo com ele. Valores, o ser do que o ter, entendeu? A humildade, inclusive serve tanto no meu lado profissional, que eu sou policial militar e, às vezes, eu era muito truculento com, até mesmo com os homossexuais e tudo. Mas aí, ao longo, eu vi que não era, é... que tinha que ser assim, entendeu? As pessoas são iguais.  
A pessoa tem que buscar ser feliz, independente da opção sexual ou não. E quando eu falava na rua, que ele era meu pai, eu não tinha a maior vergonha. De jeito nenhum, orgulhava muito. Até porque a gente se respeitava e tratava como pai e filho, mermo. Eu sinto muito, muita falta dele. Inclusive eu acho que... eu queria que a minha filha o visse, a figura que ele era na minha vida, né? E quanto ele foi importante e espero um dia a gente vê, com certeza num plano superior.*

**Lívia (sobrinha):**

*Tio Jaime pra mim foi uma pessoa assim muito especial, na minha vida, né? Influenciou muito na minha educação. Que... tanto assim, algumas pessoas, por serem travesti, as vezes, como eu conheço. Ah, se acomodam, “por eu ser travesti não tenho oportunidade na vida”. E meu tio mostrou totalmente diferente, né? Ele foi muito além do que as pessoas esperavam que ele fosse.  
E um grande beijo pra ele.*

**Jairo Irineu (amigo e cabeleireiro):**

*Ela era uma guerreira que sempre ia a luta dos seus ideais. E ia fazer o seu trabalho voluntário, na distribuição de camisinhas. Então, na esquina, fica uma briga, uma turbulência de travestis, que a gente chama de atraque. E atraque, no nosso linguajar, é como se fosse uma briga. E ela falou assim que ia montar uma instituição com esse nome atraque. Aí, eu disse: “Por que atraque?”. Ela disse: “É... eu vou transformar essa história de atraque em... dando mais estabilidade a esses travestis, tirar os travestis da rua. E... cursos de, de computação, de cabeleireiro, enfim”.*

*Quando Dom José Antonio publicou em um desses jornais falando que a homossexualidade era um defeito de natureza humana, Janaína, de imediato, revidou contra o Dom José Antonio dizendo que defeito de natureza humana era a igreja católica negar o uso da camisinha enquanto existia um número de mulheres contaminadas pelo vírus de HIV.*

*Eu mando um beijo assim enorme. Aonde ela quis, esteja.*

### **Álvaro (amigo):**

*Janaína foi numa festa, fez um belo dum vestido, desfilou, foi muito bonito tudo aquilo e... de repente, fomos a um bar tomar uma cerveja, ela tava se sentindo, e todos sentiam que ela realmente tava se sentindo, que ela tava extremamente linda. Chegamos nesse bar, Janaína ficou lá tomando alguma bebida e eu fui com um amigo comer em um outro lugar. Ao retornar, o proprietário do bar falou pra gente que Janaína havia sido presa, tinha se identificada como advogada, mas como tava vestido de mulher e não tinha como provar que era advogado, a viatura levou pra Delegacia do 25°. Cheguei, encontrei Janaína esplendorosamente de pernas cruzada, e com uma meia assim desajeitada, maquiagem assim na altura do seu peito. E... imputecida, pediu pra que eu fosse até sua casa, panhasse os seus documentos e uma roupa masculina. Ela se montou de rapaz, fez a sua petição, pagou a sua fiança e escrotizou com a delegada que, em seguida, ao chegar em casa, a viatura foi panhá-la novamente, que a delegada tinha dito que ela tinha chamado ao sair da delegacia de vagabunda. Só que Janaína não tinha chamado de vagabunda, tinha dito que tinha sido tratada como uma vagabunda.*

*Ela ia muito na minha casa de santo. Tinha muito carinho pelos pais de santo que vinham e freqüentava sempre. Nas festas era honra, tanto a chegada dos orixás, quanto a chegada de Janaína. Foi batalhando junto com ela, foi viajando junto com ela, foi participando dos momentos junto com ela que eu me fortaleci e hoje continuo. Hoje mexendo com afro-religiosidade que é a minha parte, da qual a Janaína também deu a maior força em relação aos tambores, aos batuques. Livros, informes do Rio de Janeiro e dos movimentos LGBT e do movimento de terreiro, Janaína era quem me trazia as novidades. Que dizia: “Olha aí a macumbeira cearense, vê se tu se empodera do saber pra que um dia tu possa falar em nome do teu povo”*

*Uma Fênix, pra mim.*

*O meu grande beijo pra você.*

### **Francisco Pedrosa (Presidente do GRAB):**

*A Janaína, já no final da década de 1980, começou a dedicar o tempo dela, né? As prioridades delas, as energias dela pra questão do movimento social LGBT e também a questão da defesa dos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS. Já na década de 1990 a Janaina aprofundou, a partir também do exercício da advocacia, essa dedicação e teve importância fundamental no GRAB, na história do Grupo de Resistência asa branca, na medida que estava a frente das lutas, foi vice-presidente da entidade durante muitos anos. E o GRAB naquele momento tinha um trabalho muito pronunciado com as travestis, né? As travestis e transexuais de Fortaleza. A Janaína foi uma das primeiras ativistas travestis que dialogou com o Ministério da Saúde, o então*

*programa de DST/AIDS pra constituição de políticas públicas em prevenção e também assistência as travestis e transexuais.*

*A Janaína teve papel fundamental na construção de alguns instrumentos legais como a lei aqui pioneira, a Lei 8.211/98. A questão do Programa Brasil sem Homofobia, que foi em 2004, que ela também participou da construção do Programa e do Conselho Nacional de Combate à Discriminação.*

*(Lei 8.211/98) Isso é um legado e deixa essas questões todas em andamento pra que a luta pelos direitos humanos dessa população tão estigmatizadas que são as travestis, LGBT e pessoas vivendo com HIV continue.*

*A Janaína era uma grande liderança do movimento social e alguém feita de ferro e de flor.*

*Ela era dura quando precisava ser e doce também sempre que podia.*

#### **Mitchelle Meira (Gestora Pública):**

*A Janaina pra mim é um símbolo de militância que se concretizou durante todo esse processo de vida de Janaina. Pra mim ela foi a pessoa que mais me acolheu nesse processo de entrada na militância, de entrada no movimento.*

#### **Orlaneudo Lima (coord. Políticas Públicas Diversidade Sexual - Fortaleza):**

*Viajamos muito pras cidade pequenas do interior. Inclusive pra trabalhar questão da luta dos direitos homossexuais, mais a gente passava muitas vezes por situação de constrangimento, né? De pessoas que olhava e perguntava: “O que é aquilo?” Com Janaína. E ela tinha aquela forma de se apresentar, mas uma forma, que de fato, quando as pessoas começava a conversar com ela, as pessoas entendiam, realmente, de fato, quem era o ser humano Janaína Dutra e as qualidade que ela tinha e a sua sabedoria. Janaína pra mim foi uma grande lição. Ela, de fato era um poço de sabedoria. E aí as pessoas, muitas vezes, não acreditavam que essa pessoa tivesse o potencial que ela tinha. E aí quando ela começava a falar, começava inclusive a declamar algumas poesias, as pessoas brilhavam no olho ouvindo a fala da Janaína.*

*Janaína pela sua coragem, pela sua bravura, pela sua luta né e também pela... flor, por ser delicada, gentil e ter uma forma muito simples de lidar com as pessoas.*

*Oh, Jana, olhe por nós, um beijo.*

#### **Tassiana Lima (Advogada):**

*A Janaína causava! Eu lembro de um evento que a gente fez com alunos de faculdade de direito do Ceará, Piauí e Maranhão e convidamos representantes de movimento sociais e aquela resistência do nosso meio àquela figura tão diferente, um meio tão politizado, tão, que lhe cerceia, que lhe amolda. E ela chegou abriu um leque enorme, começou a se abanar na platéia, lindíssima e a gente chamou ela pra ir pro palco e as pessoas com aquela resistência. Mas ela chamava a atenção pela figura e pelo que dizia. Ela encantava! E ao final era um momento bacana pra gente porque a gente percebia que a gente tinha conseguido o objetivo de sensibilizar outras mentes praquela idéia. Ela sempre causava pela figura e pelas ideias.*

*Janaína era uma militante, política, inteligentíssima que causava onde chegasse.*

*Obrigada por tudo, pela honra de ter convivido com você. Um beijo, aonde você estiver.*

#### **Alexandre Câmara Vale (antropólogo):**

*E a marca central dela era, eu acho que a suspeita. Eu acho que Janaína era uma espécie mestre na suspeita na experiência da militância. Porque, ao mesmo tempo que ela tinha uma situação privilegiada por ser uma travesti que tinha uma formação*



*acadêmica, né? Quer dizer, coisa rara na experiência da travestilidade, como elas reivindicam. E Janaína tinha uma formação em direito, o que lhe abriu muitas portas, mas ao mesmo tempo ela suspeitava dessa inserção acadêmica, né? Quer dizer, ela tinha uma suspeita também em relação a isso. Ela não reivindicava tanto esse lugar, que as vezes ela brincava: “Ah, essa história de a única advogada do Brasil, etc.*

**João Alfredo (Vereador do Psol):**

*Nós pensamos aqui no ano passado, em criarmos três leis, três projetos de leis, tratando de temas que nós consideramos muito importante para a educação das crianças na nossa cidade de Fortaleza. Na questão do respeito a diversidade sexual, pensamos no nome de Janaína Dutra, pela sua história, pela sua trajetória, pela sua coragem, pelo fato de que fez da defesa da diversidade sexual e do combate a toda forma de preconceito, tá certo, a sua própria razão de viver. Teve inclusive, a sua carteira de advogada, como travesti.*

**Renata Sampaio (“filha” de Janaína):**

*Eu tinha uma visão que as travestis eram excluídas, elas tinham que ser prostituídas e tinham que ser drogadas, marginalizadas. Janaína me ensinou a ser o que eu sou hoje. Eu sou uma pessoa aceita na sociedade, eu sou bem recebida na sociedade, por conta da educação que ela me passou. Ela mostrou pra mim que ser travesti é ser sociável. “Todas as travestis e as transex já ouviram falar de Janaína Dutra.”  
Te amo.*

**Dediane Souza (diretora do GRAB):**

*Um das coisas que eu vi Janaína foi ela dizer que ser travesti é como uma ilha, um lugar que não está cercado por água e sim de violência e isso emociona qualquer travesti que vivencia sua travestilidade no cotidiano. E aí no Ceará é mais duro ainda pelo machismo, pela questão do sexismo.  
Militante do movimento juventude nessa época, com 15, 16 anos, eu encontrei na TV Janaína Dutra, falando algumas questões de direitos humanos de travestis e transexuais. E aí quando eu olhei pra TV e disse: “Caralho, ela é tudo! Eu quero ser ela quando eu crescer”. E a minha mãe olhou pra mim e me cutucou: “Olha ela é boa!” entendeu? E aí hoje a minha mãe me vê na TV e me diz: “Você também é boa!”.*

**Keila Simpson (Presidente da ANTRA):**

*Através dos ensinamentos da Janaína eu pude aprender e depois eu pude transmitir e certamente terão outras meninas que virão depois de mim que vão aplicar os ensinamentos que aprendi com Janaína, que aprenderão comigo, que passarão pra outras.  
Difícilmente a gente vai em um evento de cunho nacional e não se fale no nome de Janaína Dutra. Eu acho que o Ceará está de parabéns por ter tido essa militante aguerrida, humana.  
Eu quero deixar um beijo do fundo do meu coração não, do meu corpo inteiro.*

**Angélica (irmã):**

*Sempre um menino excelente, um amigo, um ser humano espetacular. Eu tenho orgulho da Janaína, eu tenho orgulho do Jaime César.*

*Ah, é interessante que os meus filhos, quando foram começando, ele disse assim: “Tio, como é que eu te chamo, Janaína ou Jaime César?” Ele disse: “me chame de qualquer jeito”. (risos) E ele deix... Ele era muito aberto, deixou sempre muito à vontade e... Jaime, sintá-se abraçado, bem forte. Que a luz do nosso mestre esteja sempre contigo e as tarefas que aqui você desempenhou continue. Com certeza, muito temos ainda o que fazer por essa humanidade, encarnada e desencarnada.*

**Elizio Loiola (diretor do GRAB):**

*Um dia, numa conversa, ela me chocou muito porque ela foi a primeira pessoa que teve coragem de dizer: “Você é um burguesinho válido da aristocracia rural nordestina”. Quer dizer, assim, era muita coisa para uma pessoa só assumir. E ela me fez ver isso assim de uma forma... eu fiquei puto com ela nesse dia, mas ela... a noite foi terrível. Mas no outro dia eu comecei a desconstruir, principalmente com as questões relativas às travestis. Ela não agüentava as minhas opiniões que eu tinha anterior ao meu aprendizado com ela.*

*Eu quero um beijo bem grande pra ela, eu sei onde é que ela está. Ela está se abrindo agora, ela tá rindo, achando isso aqui mais uma sequência da vida dela, desse espaço que ela ficou aqui nesse planeta.*

**Cláudio Portela (amigo e poeta):**

*Eu e Janaína víamos muito aqui no passeio público, à noite. Tínhamos muitos conhecidos, profissionais do sexo, marginais, que na realidade não são marginais. E nós éramos amigos dessas pessoas e nós freqüentávamos, sentávamos aqui nos bancos da praça à noite e ficávamos a conversar com essas pessoas tão sofridas e tão amadas por nós.*

*Um beijo, minha querida!*

**Narrador:**

*No dia 30 de Novembro de 1960, na cidade de Canindé, interior do Ceará, Janaína nasce registrada com o nome de Jaime César Dutra Sampaio. Filho de Jaime Sampaio Santos e Dargenira Dutra Sampaio, filho de uma família de 10 irmãos, nascido sob a proteção de Iansã e São Francisco de Assis. Um ser com garra e determinação para mudar o mundo para melhor.*

*Durante a infância em sua cidade natal se expressava livremente. Com a chegada da adolescência, aos 14 anos, vieram as descobertas sexuais e o primeiro contato com a homofobia ao seu redor. O que fez com que Janaína se retraísse e só tivesse sua primeira experiência sexual de fato e com consciência de sua escolha aos 26 anos de idade. Seus familiares não conseguiam se dirigir a ela como Janaína, sempre lhe tratavam pelo nome masculino de Jaime Cesar ou Jaiminho.*

*Janaína sempre teve uma identificação muito forte com o lado materno. A relação com a mãe foi marcada pelo enorme carinho, respeito, amor e compreensão. Jana recorda uma conversa com seu pai quando ele lhe perguntou o porquê dela não cortar os cabelos longos. Janaína disse a ele que lhe cortassem qualquer outra parte do corpo, como um braço, uma perna, ou um dedo, mas não os cabelos. Seu pai a olhou profundamente e lhe pediu desculpas. Disse que não sabia que os cabelos longos eram tão importantes para ela. Janaína sempre soube que essa era uma situação de exceção, pois esse respeito e amor que seu pai e mãe, além de outras pessoas da família lhe davam, era algo muito raro neste universo da vida de uma travesti.*

*Seguiu para Fortaleza aos 17 anos em busca de crescimento intelectual e financeiro. Ali descobriu sua liberdade sexual, iniciando assim seu processo no uso de hormônios. Quando seus peitos cresceram e os cabelos se tornaram longos também cresceram a discriminação contra ela. Muitos amigos e até alguns membros da família deixaram de falar com Janaína. Ela contava que sentia-se como Sansão e Dalila, por causa dos cabelos que lhe davam força, mas também lhe traziam muitos enfrentamentos. Ela*

derrubou todo um ciclo social, tanto na cidade de Canindé quanto com os colegas de trabalho e universidade, que silenciosamente a excluíram do convívio social deles.

Passou a transitar por sua cidade como uma estranha, uma ET. À medida que tomava hormônios e se tornava mais feminina, os deboches silenciosos, os cochichos, os olhares e a discriminação também cresciam.

Em Fortaleza, morou com a sua irmã Celina e os seus dois sobrinhos, a quem ajudou a criar e educar. Formou-se em Direito pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, da Fundação Edson Queiroz. E foi a primeira advogada portadora da carteira da OAB a exercer o Direito como travesti e cidadã plena.

Janaína foi uma travesti diferenciada, nunca se prostituiu. Vivia fora do universo das pistas e calçadas. Mas, não era contra a prostituição. Ela era contra a prostituição como a única forma de ganhar a vida desses jovens. Onde, por falta de escolha, nem a escola, nem as famílias os aceitavam. Ela era contra a maneira imposta da prostituição, a violência, a falta de qualificação, que termina minando as chances dessas pessoas de terem outras opções de vida. Sempre admirou quem soube fazer do sexo a sua subsistência, com autoestima e firmeza. Eu valho tanto, então eu cobro tanto. Assim, usou a advocacia para dar educação e opções de outros meios de vida para essa população já tão estigmatizada e colocada à margem da sociedade.

Antes, para ir ao fórum ou dependendo do lugar que fosse, ela colocava palitô e gravata, sufocando os seios e prendendo os cabelos. Mas, a partir de 1996, ela se rebelou contra a sociedade opressora. Depois de se deparar com tantas coisas na vida, observou que deveria ser ela mesma, sem disfarces ou camuflagens. Ela percebeu que a luta dela camuflada não ajudaria em nada outras travestis. Todos os seus enfrentamentos sofridos foram um incentivo para ela ir para frente. Mesmo sendo discriminada, muitas vezes colocada à margem, Janaína sentia-se muito privilegiada socialmente.

Janaína sempre acreditou que todo processo de mudança perpassaria pela educação. Ela dizia que era onde se alteraria a cultura do país e da vida das travestis. Tornou-se uma das mais importantes ativistas do cenário nacional brasileiro.

Janaína virou um número. Tornou-se um projeto de lei, na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Mais uma vez virou celebridade na história de sua trajetória.

E março de 2001, Janaína Dutra revisou e assinou, como advogada, o registro do Estatuto Social da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS, núcleo Ceará. Entidade que também participava ajudando a quem precisava de orientação.

Ninguém encontra esses seios em cima das calçadas. É um processo de construção cidadã e muitas peitadas na vida. Imaginem um chute no seu saco. Agora imaginem um murro nos seus seios. Então sintam todas essas dores. Sentiram? Essas são as dores que sentimos e levamos todos os dias da sociedade em nossos seios interiores.

Janaína amou e foi amada por muitos homens. Teve grandes paixões. Sofreu com a dor do coração e da saudade. Ela sempre dizia: “Eu, geralmente, sou uma dama benemerita em termos da sexualidade. Fiz e faço sempre de graça. Faço doação do amor. Sou uma pessoa dada aos homens que amo. Sou oferecida. Sou facinha”. E gargalhava e jogava os cabelos para trás.

Com a família, Janaína viveu feliz, mesmo com os enfrentamentos de alguns membros de sua família que a discriminavam. Conta sua irmã Celina que nos últimos dias de vida Janaína perdoou a todos que não entenderam como ela era e lutou muito para ser. Com o Estado, Janaína teve que dar muito murro em ponta de faca, mas não se intimidava, enfrentava, acreditava que poderia reverter tanta intolerância em solidariedade e respeito. Janaína sempre desafiou o Estado com coragem, sabedoria e determinação. Quanto à religião, uniu-se a todas as forças. Ela sempre acreditou em Deus. Encontrou apoio espiritual em todas as religiões que transitava, com os orixás, santos e todas as entidades que pudessem fortalecer a sua luta. Era uma deusa no reino terrestre.

*Eu encontrei meu povo, eu encontrei meu mundo, eu encontrei um pequeno planeta, meu próprio. Onde o amor é a única lei, onde o sorriso é prece, onde dançar é divino, onde todo momento é sagrado e onde ser natural é a única espiritualidade”.*

*A morte não é nada. Eu só passei para um outro lado do caminho. Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas e eu estou vivendo no mundo do criador. Rezem, sorriam, pensem em mim. Que meu nome seja pronunciado sem ênfase, sombra ou tristeza. A vida significa o que sempre significou. Porque eu estaria fora dos seus pensamentos agora que estou apenas fora de suas vidas? Eu não estou longe, estou apenas do outro lado do caminho. A vida continua linda, bela como sempre foi. Amo todos vocês.*

*Ela sempre dizia: “Eu, geralmente, sou uma dama benemérita em termos da sexualidade, fiz e faço sempre de graça. Eu faço doação do amor. Sou uma pessoa dada aos homens que amo, sou oferecida, sou facinha”.*

### **Janaína Dutra:**

*Cheguei aonde cheguei por conta de um apoio familiar. A família ainda é a base de tudo. Eu acho que é aquilo que recarrega as baterias, né? Você pode ter um ex-amigo, um ex-companheiro, um ex-vizinho, mas um ex-pai, uma ex-mãe, um ex-irmão é meio complicado. E é onde perpassa as relações afetivas, onde que faz com que... se você é bem aceito na sua família, é bem acolhido, isso faz com que te dê um enfrentamento maior na sociedade, te empodera, para fazer com que as coisas possam ser revertidas, principalmente quando você busca o conhecimento que é a melhor arma de defesa da sociedade.*

*E através desse investimento de pai e mãe e de toda a família, quando eu sofria alguma discriminação, algum recharçamento da sociedade eu contava com o apoio deles. Houve um incidente na universidade... que na época da universidade eu já era mariquinha, já tomava hormônio, já tinha o peitinho pulando, mas ainda não tinha as formas definidas. Eu queria ser travesti, mas tava ainda no processo de transformação. A lagarta ainda não tinha virado a borboleta, né? E houve um domingo, um sábado a tarde que eu tinha aula na universidade e eu decidi ir com uma saia longa e na segunda-feira tive um comunicado me chamando à coordenação do curso. Coincidentemente minha mãe e meu pai estavam passando uns dias lá em casa, que eles moram em uma cidade próxima, e disse: “Mas por quê?”. Eu disse: “Não sei, acho que a única coisa estranha que pode ter acontecido com isso é ter ido pra universidade de saia”. E minha mãe disse: “Ah, eu não tenho nada para fazer a tarde, você quer que eu vá contigo?”. E fui. O coordenador... apresentei minha mãe e ele meio constrangido pra botar a situação em pauta. E disse: “Olha, as pessoas acharam estranho você vir pra cá com saia”. E minha mãe pediu a palavra: Ela é educadora, se expressa muito bem. E falou assim: “Meu filho sai de casa com essa roupa, a universidade é paga. É um direito dele. Se pras pessoas é estranho, pra mim não é estranho. estranho seria se ele tivesse destrutado algum colega com palavras de baixo calão ou se fosse abusivo com algum professor, mas na forma dele se portar não”.*

*Principalmente o pensamento da família nordestina é que além de ser viado, ainda se veste de mulher. Ainda não consegue conceber a construção da identidade da travesti que mora junto da ambigüidade, em ter um macho e uma fêmea dentro de um corpo que as faz diferente.*

*Sou presidente da ATRAC – Associação de travestis do Ceará. atual coordenadora nacional da ANTRA, que a a Articulação Nacional das Travestis. faço parte, como conselheira, do Conselho Nacional de Combate à discriminação da Secretaria Nacional de direitos Humanos da Presidência da República. É... to envolvida no movimento de transgêneros há mais de dez anos, desde 92, né? Tenho como formação o direito. Sou advogada. Em estatísticas já feitas informalmentepelas OAB's do Brasil foi detectado que a única travesti no exercício da profissão é, sou eu, e na cidade de fortaleza, Estado do Ceará. O que é meio curioso porque é uma cidade que alimenta*

*ainda resquícios culturais muito machistas e que faz disso um desafio maior e uma forma de contribuir para o movimento.*

*Na sociedade, quando você esbarra nas relações sociais, há uma divisão de cidadãos de 1º e 2º categoria. E nós somos arremeados na 2º categoria, os homossexuais, as travestis, bem como os negros, os favelados e tudo aquilo que foge do padrão heterossexista dessa sociedade.*

*Outro também junto com a questão da soropositividade, na defesa dela, porque eu acho que as travestis, além de serem, de sermos as excluídas dos excluídos, alimentamos estigmas que precisam ser desconstruídos na sociedade. Porque a sociedade ainda vê a travesti como a bagaceira, a perigosa, como a violenta. E hoje em dia há um grupo de travestis, um grupo até muito numeroso de lideranças que tenta reverter essa má visão da sociedade. Lógico que a gente não pode negar que a maioria das travestis se prostituem, mas isso não por opção, mas sim por uma imposição social. Os processos de siliconização se dão muito na adolescência, né? Siliconização e hormonização. E isso traz um desafio maior. elas deixam a escola em idade muito tenra, muitas delas sem nem completar o ensino fundamental.*

*E a gente observa também que o preconceito é cumulativo. Você sofre preconceito por ser homossexual, você sofre mais preconceito por ser travesti. O preconceito aumenta quando você tem a pele negra. Aumenta mais ainda quando você é soropositiva. Aumenta mais ainda quando você mora numa favela. Aumenta mais ainda quando você não tem a conclusão do ensino fundamental. Então todos esses conjuntos de demandas que fazem as travestis serem postas nessa categoria, n 2º categoria citada. Isso talvez seja o elemento carregador das minhas baterias para ir em frente e tentar vencer os desafios que me são impostos como afirmação.*

*E essas formas de estigmatização e preconceito social, ele tem três pilastras que são muito opressivas, que é o Estado, a Igreja e a Família.*

*E a gente tem que ter uma compreensão de que a sociedade não está preparada para a diversidade. Então nós, enquanto travestis e transgêneros, estamos fazendo parte do processo de construção dessa sociedade para que possa, a médio e longo prazo, ter revertido todo esse peso que a sociedade nos impõe.*

## ANEXO 10: Imagens de Canindé (CE)



Comércio religioso em uma das principais ruas de Canindé. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Comércio religioso no centro de Canindé. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Basílica de São Francisco das Chagas no Centro de Canindé (CE). Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Ex-votos, fitas de São Francisco e vestes franciscanas deixadas pelos devotos aos pés da estátua de São Francisco. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Estátua de São Francisco no Alto do Moinho. Foto tirada em janeiro de 2013.



Estátua de São Francisco vista sob os telhados da Canindé. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



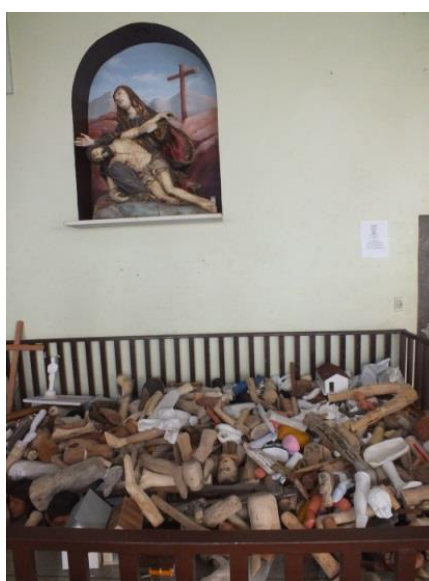
Imagem: Ex-votos expostos na Casa dos Milagres. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Imagem: Ex-votos depositados na Casa dos Milagres. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Imagem: Ex-votos depositados na Casa dos Milagres. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Ex-votos depositados na Casa dos Milagres. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Demonstração de fé durante a Festa de São Francisco. Foto de Vera, colaboradora, cedida exclusivamente para a pesquisa.



Rua João Pinto Damasceno, uma das principais de Canindé. Reúnem hotéis, comércio religioso formal e informal, grande circulação de turistas, romeiros e canindeenses. Ao fundo, a Basílica de São Francisco das Chagas. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Romarias chegando de ônibus ao Centro de Canindé. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Um das dezenas de carretas que chegam anualmente do Piauí para Canindé patrocinadas por um grande comerciante que fez uma promessa a São Francisco. Como é possível perceber, a chegada das romarias é sempre muito festejada pela população. Foto e informação cedida por Vera.



**ANEXO 11: Imagens da casa onde Janaína Dutra nasceu**

Faixa da casa onde Janaína nasceu. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Corredor da casa onde Janaína nasceu. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Quarto que foi de Janaína, quando criança. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.



Quintal da casa onde aconteciam as brincadeiras de Janaína e irmãos/irmãs. Foto tirada pela autora em janeiro de 2013.

**ANEXO 12: Imagens de Janaína Dutra na infância e adolescência**

Janaína à direita. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Janaína entre os pais. Fonte: documentário de Almeida (2011).



Janaína tomando banho no açude, em Canindé, com a mãe e familiares. Fonte: documentário de Almeida (2011)

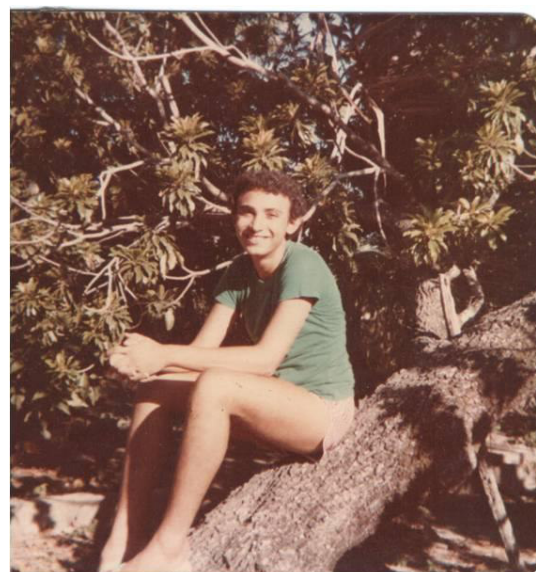


Imagem: Janaína, em Canindé. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Janaína, em Canindé. Arquivo da família de Janaína.



Janaína com uma das irmãs em um carnaval em Canindé. Arquivo da família de Janaína.



Janaína em um desfile comemorativo do Dia 07 de Setembro, em Canindé. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Janaína, com um dos irmãos e um primo, em Canindé. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Janaína com as irmãs. Fonte: arquivo da família de Janaína

**ANEXO 13:** Participações de Janaína Dutra em concursos de *Miss Gay*



Imagens: Janaína participando do concurso *Miss Gay Brasil*, em 1993. Nessa edição, ela desfilou pelo estado do Rio Grande do Sul representando a descendência alemã, ainda como Stela Rinkel. Na primeira foto ela estava com o vestido de noite e na segunda com o traje típico. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Imagem: Janaína participando do concurso *Miss Gay Brasil*, em 1994, já como Janaína Dutra. Ela ganhou a faixa de melhor traje típico, melhor vestido de noite e a de Miss Simpatia. Ela representava a Bahia. Fonte: arquivo da família de Janaína.



Imagens: Janaína desfilando no concurso Miss Gay Brasil. Fonte: arquivo da família de Janaína.

## ANEXO 14: Imagens da porta de colagens do quarto de Janaína Dutra



ANEXO 15: Colagens de Janaína Dutra

